

hunter davies



a vida dos beatles

(a unica biografia autorizada)

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

a
vida
dos
beatles

(a única biografia autorizada)

hunter davies

a vida dos beatles

(a única biografia autorizada)

editôra expressão e cultura

título original: The Beatles

copyright, 1968 by forster davies limited

primeira edição original: junho de 1968

primeira edição em língua portuguêsã: novembro de 1968

tradução de henrique benevides

capa de miguel mascarenhas

Para Brian Epstein

Sinceros agradecimentos são também devidos aos pais, amigos, parentes e a todos os que os acompanharam em Liverpool, Hamburgo e Londres e deram a sua ajuda a êste livro. Igualmente recebi grandes subsídios de Queenie Epstein, Clive Epstein, Peter Brown, Geoffrey Ellis, Neil Aspinall, Mal Evans, Tony Barrow e muitos outros colaboradores da Nems e Apple. Agradecimentos também a George Martin, Dick James, Sir Joseph Lockwood, Richard Simon e a todos da Curtis Brown. Evidentemente, sem esquecer John, Paul, George e Ringo, sem os quais...

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

1.JOHN

2.JOHN E OS "QUARRYMEN"

3.PAUL

4.PAUL E OS "QUARRYMEN"

5.GEORGE

6.GEORGE E OS "QUARRYMEN"

7.JOHN NO "ART COLLEGE"

8.DOS "QUARRYMEN" AOS "MOONDOGS"

9.STU, A ESCÓCIA E OS "SILVER BEATLES"

10.O "CASBAH"

11.HAMBURGO

12.ASTRID E KLAUS

13.LIVERPOOL "LITHERLAND" E "CAVERN"

14.MARCANDO TEMPO: LIVERPOOL E HAMBURGO

15.BRIAN EPSTEIN

16.BRIAN CONTRATA OS "BEATLES"

17."DECCA" E PETE BEST

18.RINGO

19.RINGO COM OS «BEATLES»

20.GEORGE MARTIN & DICK JAMES

21.EM VIAGEM

22.BEATLEMANIA

23.E.U.A.

24.INGLATERRA E RETÔRNO AOS E.U.A.

25.O FIM DAS "TOURNÉES"

26.A MORTE DE BRIAN EPSTEIN

27.OS "BEATLES" DAS DROGAS AO "MAHARISHI"

28.PAIS E AMIGOS

29.O IMPÉRIO DOS "BEATLES"

30.OS "BEATLES" E A SUA MÚSICA

31.JOHN

32.PAUL

[33.GEORGE](#)

[34.RINGO](#)

[CONCLUSÃO, POR ENQUANTO](#)

[APÊNDICE A](#)

[DISCOGRAFIA COMPLETA](#)

[APÊNDICE B](#)

INTRODUÇÃO

Liverpool

Liverpool fica no lado esquerdo da Inglaterra, logo depois da reentrância do mapa que é chamada País de Gales. Liverpool olha de seu canto para a Irlanda e, além dela, para a América. Em Liverpool vivem muitos irlandeses e galeses. Dizem que os irlandeses são espirituosos e que os galeses são bons cantores.

Os cantos e o humor não começaram senão a partir do século XIX. Até aí, nada de muito importante aconteceu em Liverpool. Seu primeiro mapa data de 1207, mas a maioria das antiguidades de hoje data apenas da Revolução Industrial. Em 1830, foi iniciada em Liverpool a primeira ferrovia de passageiros e, dez anos mais tarde, a companhia de navegação Cunard Steamship Company lançou os primeiros transatlânticos do mundo. Nos cem anos seguintes, Liverpool foi tãda progresso. Desde a Segunda Guerra Mundial e o declínio da indústria têxtil de Lancashire, as coisas não têm progredido tanto. Hoje, a população é de 712.040 habitantes, não muito maior do que era em 1901.

Mas Liverpool ainda é uma cidade orgulhosa e agitada. Os governantes da cidade podem mostrar e orgulhar-se de muitas realizações. A Corporation (Prefeitura) edita folhetos para nos informar que os mostradores do relógio do Royal Liver Building são maiores em diâmetro do que os do Big Ben, que Liverpool teve o primeiro médico de saúde pública da Inglaterra em 1847, e que tanto a RSPCA como a NSPCC tiveram seu início em Liverpool. E quanto às realizações de hoje, temos a nova catedral católica romana, que possui mais vitrais do que qualquer outra catedral do mundo, e, dos nove membros do Parlamento eleitos pela cidade, um é o Sr. Harold Wilson, primeiro-ministro da Inglaterra.

Desde a guerra, o homem da rua, quando pensa em Liverpool, não pensa em nenhuma destas grandes realizações. Na mitologia britânica, Liverpool é famosa por três coisas — futebol, brigas e comediantes. A lista de comediantes de Liverpool inclui Tommy Handley, Robb Wilton, Arthur Askey, Ted Ray, Ken Dodd, Norman

Vaughan e Jimmy Tarbuck, mas êles são só de interêsse inglês. Rex Harrison, também liverpooliano, é mais conhecido do que qualquer um dêles, em platéias fora da Inglaterra, pois suas representações estão longe de ser liverpoolianas.

Fanny Hill nasceu, imaginàriamente, em Liverpool. Era uma cômica de primeiro time. Matthew Arnold morreu aqui, o mesmo acontecendo com William Huskisson, presidente da Comissão de Comércio, morto em 1830, no primeiro desastre de trem ocorrido no mundo.

Liverpool ainda tem a sua aparência do século dezenove. Todos os edifícios públicos do centro têm aquêle aspecto de grandeza clássica tão admirado pelos vitorianos. O Hotel Adelphi, nome e alma e uma peça da época, apesar de estar tentando desesperadamente parecer majestoso. Muitos dos heróis dêste livro costumavam encontrar-se no Adelphi. Do lado de fora, naturalmente. Nossos heróis, seus amigos e seus parentes não são muito majestosos.

A Lime Street Station é outro ponto de encontro de Liverpool, que será ressaltado em nossa narrativa. Senhoras da rua, tais como a famosa Maggie May, costumavam pegar ali os seus melhores fregueses, antes de serem obrigadas a se esconder, devolvidas ao pôrto e "para o outro lado da água". "Do outro lado da água", em Liverpool, quer dizer as pessoas que moram do outro lado do Mersey, em Cheshire. Cheshire é muito grã-fino. Nenhum de nossos heróis vivia em Cheshire.

O marco para tôdas as águas de Liverpool é o Pier Head. Os barcos vão para tôdas as partes: cruzam as águas para Gales, para a Irlanda ou para a América. É dominado pelo enorme Royal Liver Building, que é muito escuro e sujo. Êle tem um grande pássaro verde em cima e amarrado com fios, pois, caso contrário, há muito tempo êle já teria voado para algum lugar mais quente e mais limpo. Tem, ainda, uma grande estátua negra de Eduardo VII montado a cavalo. Fora isso, o Pier Head é um desapontamento. É apenas uma grande praça vazia, cercada num dos lados pelo pier. Também êle é o principal ponto final dos ônibus para a cidade. A maioria dos

liverpoolianos passa grande parte de suas vidas em tórno do Pier Head, especialmente os nossos heróis.

Todos aquêles grandes navios e locomotivas, todos êsses comediantes engraçados, e mesmo tôdas aquelas brigas e futebol empalideceram diante dos nossos heróis. Para os que nunca ouviram falar em Liverpool, e, mesmo para aquêles que, de certo modo, dela ouviram falar, é bom saber que, hoje, Liverpool é o lugar de origem dos nossos heróis.

PRIMEIRA PARTE

LIVERPOOL

1. JOHN

Fred Lennon, o pai de John, foi criado como um órfão. Foi para a Bluecoat School, em Liverpool, que, naquela época, recebia meninos órfãos. Quando saiu, Fred foi vestido de casaca e cartola; êle diz que havia recebido uma educação muito boa.

Ficou órfão em 1921, aos nove anos de idade, quando seu pai, Jack Lennon, morreu. Jack Lennon havia nascido em Dublin, mas passara grande parte de sua vida na América, como cantor profissional. Êle havia sido membro de um dos primeiros grupos de Kentucky Ministreis. Depois de se ter aposentado, voltou para Liverpool, onde Fred nasceu.

Fred deixou o orfanato aos quinze anos, com sua boa educação e dois ternos novos para encaminhá-lo na vida, e se tornou contínuo num escritório. "Vocês podem pensar que eu não era grande coisa, mas eu estava lá, fazia só uma semana, quando o patrão pediu mais três garotos ao orfanato. Dizia que, mesmo que êles tivessem só a metade da minha vitalidade, seriam ótimos. Êle achava que eu era excelente."

Excelente ou não, aos dezesseis anos, Fred trocou o escritório pelo mar. Tornou-se camareiro e mais tarde garçom. Diz que era o melhor dos garçons, mas que não tinha ambição. Êle era tão bom, que os navios não saíam de Liverpool sem que êle estivesse a bordo.

Foi pouco antes de iniciar sua grande carreira marítima que Fred Lennon começou a sair com Julia Stanley. Seu primeiro encontro foi logo na semana seguinte à sua saída do orfanato.

"Foi um lindo encontro. Eu estava usando um dos meus dois ternos novos. Estava sentado no Sefton Park com um companheiro que me ensinava como pegar as garôtas. Eu havia comprado uma piteira e um chapéu-côco. Achava que isso realmente impressionaria as pequenas."

"Havia essa garôta em quem estávamos de olho. Quando passei ao seu lado ela disse: — "Você parece um bôbo." — Eu respondi: —

“Pois você é linda” — e sentei-me ao lado dela. Foi tudo inocente. Eu não sabia nada.”

Ela disse que, se eu fôsse sentar-me ao lado dela, teria de tirar aquêlo chapéu ridículo. Então tirei-o e joguei-o no lago. Desde aquêle dia, nunca mais usei chapéu.

Fred e Julia saíram juntos, durante as estadas de Fred em terra, cêrca de dez anos. Dizia êle que a mãe dela era apaixonada por êle, mas que o pai não se importava nem um pouco com êle. Ensinara Julia a tocar banjo.

“Eu e Julia costumávamos tocar e cantar juntos. Hoje em dia, seríamos campeões de popularidade. Um dia, ela me disse —“Vamos casar.” Eu disse que teríamos de fazer correr os proclamas e fazer as coisas como manda o figurino. — “Aposto que você não fará nada disso”, — respondeu ela. Então, eu fiz, só de gozação. Foi tudo muito engraçado.”

A família Stanley não achou muita graça. “Nós sabíamos que Julia estava saindo com Alfred Lennon”, diz Mimi, uma das quatro irmãs de Julia. “Êle era bastante bem-apeçoado, tenho de admitir. Mas sabíamos que êle não serviria para ninguém, muito menos para Julia.”

O casamento teve lugar no Mount Pleasant Register Office, no dia 3 de dezembro de 1938. Nenhum dos pais compareceu. Fred chegou primeiro, do lado de fora do Adelphi Hotel, às dez da manhã. Não havia nem sinal de Julia. Êle saiu e tentou pegar uma libra emprestada com seu irmão. Quando voltou, Julia ainda não havia aparecido. Então foi até ao cinema Trocadero. Julia costumava passar muito tempo no Trocadero, pois sempre fôra deslumbrada pelo palco. Na verdade ela nunca trabalhou lá, apesar de ter dado como sua profissão “lanterninha de cinema”, para a certidão de casamento. “Conversei com uma de suas colegas no Troc”, diz Fred. “Tôdas elas diziam que se um dia eu deixasse de gostar de Julia elas me estariam esperando.”

Julia, finalmente, apareceu e êles passaram a lua-de-mel no cinema. Depois disso, Julia foi para sua casa e Fred para a dêle. No dia

seguinte, Fred embarcou, partindo para as Índias Ocidentais por três meses.

Julia ficou em casa com seus pais, onde Fred também passou a viver durante os intervalos de suas viagens. Depois de uma viagem, Julia descobriu que estava grávida. Foi no verão de 1940. Liverpool estava sob pesados bombardeios. Ninguém sabia onde estava Fred Lennon.

Julia foi internada no Maternity Hospital de Oxford Street para ter seu bebê. Ele nasceu durante um grande ataque aéreo, no dia 9 de outubro de 1940, às seis e meia da tarde e passou a se chamar John Winston Lennon. Winston foi o resultado de um impulso momentâneo de patriotismo. Mimi, que viu o bebê, vinte minutos depois de ter nascido, escolheu o nome John.



John aos oito anos de idade, em companhia de sua mãe, Julia

“No minuto em que vi John”, afirma Mimi, “foi aquilo, estava perdida para sempre. Um menino! Fiquei extasiada com êle, quase esquecendo Julia. Ela disse: “Tudo que eu fiz foi tê-lo.”

Quando John estava com dezoito meses de idade, Julia foi, um dia, ao escritório da companhia de navegação, para buscar o dinheiro que Fred lhe mandava, que, de qualquer forma, continuava sendo remetido. Lá lhe disseram que as remessas haviam parado. "Alfred havia abandonado o navio", lembra Mimi. "Ninguém sabia o que era feito dêle." Êle reapareceu, mas Mimi diz que aquilo foi realmente o fim do casamento, apesar de êles só se terem separado um ano mais tarde.

"Julia acabou encontrando um outro homem com quem desejava casar-se", conta Mimi. "Teria sido difícil para ela levar John, então eu me encarreguei dêle. Eu o queria, evidentemente, e isto parecia a melhor coisa a ser feita. Tudo que êle precisava era de uma âncora para se firmar e de uma feliz vida doméstica. De qualquer forma, já considerava minha casa como seu segundo lar. Tanto Fred quanto Julia desejavam que eu o adotasse. Tenho cartas dêles dizendo isso. Só que eu nunca consegui levá-los juntos ao cartório, para assinar os formulários."

A versão de Fred Lennon para a sua "deserção" e o que aconteceu ao seu casamento é, naturalmente, um pouco diferente. Êles estavam em Nova York, quando eclodiu a guerra, e lhe disseram que êle seria transferido para um Liberty Boat, como assistente de comissário em vez de chefe dos garçons. "Isso significava que eu iria perder minha qualificação. Eu não me importava em ser envolvido na guerra, mas o que não queria era perder minha posição. E por quê? O capitão do navio de passageiros em que me encontrava aconselhou-me o que eu devia fazer. Êle disse — "Freddy, vá para terra, tome um porre e perca o navio."

Foi o que Fred fêz e acabou prêso na Ilha de Ellis. Novamente, lhe disseram para se engajar num Liberty Boat. Fred disse que desejava ser chefe dos garçons no Queen Mary. Finalmente, foi obrigado a entrar num Liberty Boat, com destino à América do Norte. Quando chegaram lá, Fred foi pôsto na cadeia.

"Um dos cozinheiros de bordo me disse, um dia, para ir buscar uma garrafa em seu quarto. Eu estava bebendo, quando a polícia chegou. Fui acusado de ter saqueado a carga. Não era verdade. Tudo havia

acontecido, antes de eu chegar a bordo, porém tôda a tripulação escapou, exceto eu. Acabei acusado de roubo. Defendi-me, mas não adiantou nada.”

Fred passou três meses na cadeia. Naturalmente, afirma, parou de mandar dinheiro a Julia. Não tinha nenhum para lhe mandar, mas escreveu-lhe algumas cartas. “Ela adorava minhas cartas. Eu disse a ela: estamos em guerra, saia e divirta-se um pouco, querida. Êsse foi o maior êrro que eu cometi. Ela começou a sair e a se divertir. E eu é que lhe havia dito para fazer isso.”

John tem vagas lembranças dos dias vividos com os Stanleys, sendo cuidado por sua mãe, enquanto Fred estava no mar, apesar de, naquela época, êle não ter mais que quatro anos de idade. “Um dia, meu avô levou-me para dar um passeio no Pier Head. Eu calçava um par de sapatos novos e êles me estavam machucando. Vovô abriu os calcanhares do sapato com um canivete, e êles ficaram confortáveis.”

Para a mãe, êle dava a impressão de que ela e Fred tinham tido tempos felizes. “Ela me falou que estavam sempre rindo e se divertindo. Acho que Fred era um sujeito muito popular. Êle costumava mandar-nos programas de concertos nos navios, onde seu nome aparecia como o cantor de Begin the Beguine.”

Julia, segundo suas irmãs, também estava sempre cantando. “Ela estava sempre alegre, espirituosa, sempre se divertindo”, diz Mimi. “Jamais levou a vida muito a sério. Tudo era engraçado, e ela nunca percebia as intenções das pessoas, a não ser muito tarde. Errando, pecou mais contra ela mesma.”

Fred voltou novamente ao mar, depois que Julia foi viver, permanentemente, com o outro homem e que John ficou com Mimi. Durante uma licença, Fred decidiu ir visitar John, à casa de Mimi. “Telefonei de Southampton e falei com John. Nessa época, êle devia estar com uns cinco anos. Perguntei o que êle ia ser, quando crescesse, e tôda aquela conversa. Êle falava um inglês adorável. Quando, anos mais tarde, ouvi aquela pronúncia estranha, fiquei certo de que não passava de um truque.”

Fred chegou a Liverpool, muito preocupado com John, e foi visitar Mimi. “Perguntei a John que tal êle achava a idéia de ir para Blackpool, ir à feira e brincar no mar e na areia. Êle disse que queria ir. Perguntei a Mimi se poderia levá-lo. Ela disse que não podia recusar. Então parti com John para Blackpool, pretendendo não mais voltar.”

Fred, com John (que nessa época contava cinco anos), passou algumas semanas em Blackpool, morando na casa de um amigo seu. “Naquela época, eu tinha bastante dinheiro. Não havia o que errar naqueles dias de pós-guerra. Estava envolvido numa série de contrabandos, especialmente trazendo meias para o mercado-negro. Acho que, até hoje, em Liverpool, ainda estão vendendo o contrabando que eu trouxe.”

O amigo com o qual êle estava morando planejava emigrar para a Nova Zelândia. Fred decidiu ir com êle. Todos os preparativos foram feitos, até que um dia Julia bateu à porta.

“Ela disse que queria John de volta. Agora, ela tinha um belo pequeno lar e decidiu que o queria. Eu disse que já estava tão acostumado com John e que iria levá-lo para a Nova Zelândia comigo. Poderia dizer que ela ainda me amava. Perguntei-lhe por que não vinha comigo. Não poderíamos começar tudo de nôvo? Ela disse que não. Tudo o que ela queria era John. Então nós discutimos e eu disse — “Bem, então deixe o John decidir”!”

“Gritei por êle. Êle veio correndo e pulou no meu joelho. Agarrou-se a mim, perguntando se ela ia voltar. Isso era, na realidade, o que êle desejava. Eu disse que não, que êle teria de decidir se ficava comigo, ou se preferia ir com ela. Êle disse que queria ficar comigo. Julia perguntou novamente, e John repetiu que queria ficar comigo.”

“Julia foi saindo, e já ia atravessando a rua, quando John saiu correndo atrás dela.”

“Foi a última vez que o vi, ou ouvi alguma coisa dêle, até que me disseram que êle se havia tornado um Beatle.”

John voltou para Liverpool com Julia, mas não para ficar com ela. Era sua tia Mimi que o queria de volta. Êle se mudou, dessa vez para sempre, para a casa semi-separada de Mimi e George, em Woolton, Liverpool.

“Eu nunca falei a John sôbre seu pai e sua mãe”, diz Mimi. “Eu apenas queria protegê-lo daquilo tudo. Talvez eu estivesse apreensiva demais. Eu só queria que êle fôsse feliz.”

John é muito grato a Mimi pelo que ela fêz. “Realmente, ela foi muito boa para mim. Ela deve ter-se preocupado com as condições em que eu crescia e sempre insistia com êles para que pensassem na minha segurança. Como êles confiavam nela, finalmente deixaram que eu ficasse com ela. Acho que foi assim.”

John logo se estabeleceu com Mimi. Ela o educou como se fôsse seu filho. Era disciplinadora, não tolerava tolices e nunca bateu nêle ou gritou com êle. Ela considera isso o sinal de fraqueza dos pais. Seu pior castigo era ignorá-lo. Êle sempre odiou isso. Êle costumava dizer: — “Não queça eu, Mimi”.

Mimi permitiu que sua personalidade se desenvolvesse. “Sempre fomos uma família de individualistas. Mamãe nunca acreditou era ser convencional, nem eu. Ela nunca usou aliança, durante tôda a sua vida, nem eu. Por que a usaria?”

Tio George, que cuidava dos negócios da família, era o elo fraco, se John quisesse ser estragado. “Eu costumava encontrar bilhetes que John deixava sob o travesseiro de George. “Caro George, prefiro que você me lave hoje e não Mimi”. Ou “Caro George, será que você quer levar-me ao cinema?”.

Mimi só permitiu a John duas dessas saídas por ano — uma para a Pantomima de Natal, no Liverpool Empire e a outra, um filme de Walt Disney, durante o verão. Mas havia pequenas festas, como as Strawberry Fields, um orfanato do Exército da Salvação, que, em cada verão, dava uma grande festa infantil. “Logo que ouvíamos a banda do Exército da Salvação dando os primeiros acordes, John começava a pular e a gritar: — “Mimi, vamos a gente vai chegar atrasado!”.

A primeira escola de John foi a Dovedale Primary. "O diretor, Mr. Evans, disse-me que John era agudo como uma agulha. Êle pode fazer qualquer coisa, basta querer. Êle nunca fará nada estereotipado."

John estava lendo e escrevendo, com apenas cinco meses de escola e com a ajuda de tio George, apesar de soletrar de uma forma engraçada, naquela época. "Nas férias êle foi para a casa de minha irmã em Edinburgo e me mandou um cartão postal dizendo: — "9 alegria está baixando." Ainda o tenho."

Mimi desejava levar e trazer John da escola, mas êle não o permitia. Logo depois do seu terceiro dia de escola, disse que ela o estava forçando a fazer um papelão e que, a partir daquele dia, queria ir e voltar sozinho. E ela teve de se contentar, andando secretamente alguns metros atrás dêle, como sua sombra, para ver se tudo corria bem.

"Suas canções favoritas eram Let Him Go, Let Him Tarry e Wee Willy Winkie. Êle tinha uma boa voz. Durante algum tempo, cantou no câoro de St. Peter, em Woolton. Sempre ia ao catecismo e, quando tinha quinze anos, foi confirmado segundo sua própria vontade. A religião nunca foi uma coisa forçada nêle, mas uma coisa natural, enquanto era adolescente."

Até aos 14 anos, Mimi dava-lhe apenas cinco shillings de mesada por semana. "Tentei ensinar-lhe o valor do dinheiro, mas nada lhe adiantou." Para conseguir algum dinheiro extra, John tinha que trabalhar, ajudando no jardim. "Êle sempre se recusava, até que chegava ao desespero completo. Ouvíamos a porta da varanda ser aberta furiosamente, êle pegava o cortador de grama e saía correndo pelo jardim, a uns oitenta quilômetros por hora, e logo depois vinha correndo, buscar o dinheiro. Na verdade, para êle o dinheiro não representava coisa alguma. Nem parecia se importar com o dinheiro. Quando tinha algum, era sempre generoso, além de qualquer expectativa."

John começou a escrever seus livrinhos, quando tinha uns sete anos. Mimi ainda tem uma série dêles. Sua primeira série era chamada Sport, Speed and Illustrated. Editada e ilustrada por J.W. Lennon.

Continha piadas, caricaturas, desenhos, fotografias e recortes de estrelas de cinema e jogadores de futebol colados em suas páginas. Tinha também uma história em série, que a cada semana terminava com a frase: "Se você gostou, volte na próxima semana, que será melhor ainda."

"Eu era apaixonado por Alice no País das Maravilhas, e desenhei todos os personagens. Fiz poemas no estilo de Jabberwocky. Costumava viver Alice e Just William. Escrevi minhas próprias histórias sobre William, eu fazendo tôdas as coisas."

"Quando fazia qualquer poema sério, como as coisas sentimentais de mais tarde, escrevia numa grafia secreta, tôda de garranchos, para que Mimi não pudesse lê-los. Precisava ter uma alma mole, sob um exterior duro."

"Wind in the Wittows, eu realmente gostei dêle. Depois de ter lido um livro, eu ia reviver tudo novamente. Esta era a razão pela qual, na escola, eu queria ser chefe de grupo. Eu queria que os colegas fizessem apenas as brincadeiras que eu preferia, aquelas que eu estava lendo."

Quando menino, tinha cabelo dourado e parecia muito com o lado da família de sua mãe. As pessoas sempre o tomavam pelo verdadeiro filho de Mimi, o que ela gostava muito. Se eram estranhos, ela nunca dizia o contrário.

Mimi era muito dedicada, tomando conta dêle a todo instante, tentando impedir que êle se misturasse com o que ela chamava de garotos vulgares.

"Um dia eu vinha descendo pela Penny Lane e vi um ajuntamento de garotos, formando um círculo em tórno de dois meninos brigando. — "Exatamente como moleques", pensei. Êles eram de uma outra escola e não da de John. Então êles se separaram e, do meio dêles, saiu um menino horrível, com a roupa tôda em desalinho. Horrorizada, vi que era John."

"John sempre gostou que eu lhe contasse essa história. — "Só mesmo você, Mimi. Todos os outros são sempre vulgares", êle costumava dizer."

Em suas brincadeiras com os garotos da vizinhança, Mimi dizia que êle sempre tinha de ser o chefe. Mas na escola, era muito mais sério. Êle tinha sua própria turma, que o levava a desafios e brigas com todos, só para provar que era o melhor. Ivan Vaughan e Pete Shotton, seus maiores amigos na escola, dizem que êle parecia estar sempre brigando.

Mimi simpatizava muito com êsses dois amigos, pois viviam nas redondezas, no mesmo tipo de casa que o dela, mas antipatizava com outros.

“Briguei durante tôda minha estada em Dovedale, ganhando por meios psicológicos, quando a adversário parecia mais forte do que eu. Costumava ameaçá-los de pancada, num tom tão forte, que êles acabavam acreditando que eu poderia surrá-los.

“Costumava sair roubando maçãs com outro garôto. Gostávamos de andar nos estribos dos bondes, em Penny Lane, viajando quilômetros sem pagar. Durante o tempo todo, eu quase sujava nas calças, tamanho era meu mêdo.

“Eu era o King Fin do meu grupo de idade. Aprendi uma série de piadas sujas. Quando era muito garôto, havia uma menina da vizinhança que vivia me contando êsse tipo de piadas!

“O tipo de turma que eu chefiava vivia fazendo coisas como roubar bobagens nas lojas e abaixar as calcinhas das meninas. Quando a bomba estourava e todos eram apanhados em flagrante, eu sempre ficava de fora. Sempre ficava com mêdo, mas Mimi era o único parente que nunca descobriu nada.

“Os pais dos outros meninos me odiavam. Êles estavam sempre aconselhando seus filhos a não brincarem comigo. Eu sempre tinha uma resposta inteligente, quando os encontrava. Da mesma forma, a maioria dos professôres me odiava.

“Quando fiquei mais velho, deixamos de roubar as balas nas lojas e começamos a roubar coisas que podíamos vender aos outros, como cigarros, por exemplo.”

O ambiente em casa, com a amável mas firme Mimi, parecia ser bom e satisfatório. Mas, apesar de ela nunca lhe ter contado nada

sobre o passado, havia vagas lembranças dele em sua mente e, à medida que ele ficava mais velho, mais o preocupavam as dúvidas não reveladas.

“Nas visitas de Julia, uma ou duas vezes ele me perguntou coisas”, diz Mimi. “Mas eu não queria contar-lhe quaisquer detalhes. Como é que eu podia? Ele era feliz. Não adiantava nada dizer-lhe que seu pai não prestava e sua mãe encontrara outro companheiro. John era tão feliz, cantando o tempo todo!”

John se lembra de ter começado a fazer perguntas a Mimi e sempre receber a mesma espécie de resposta. “Mimi me disse que meus pais tinham deixado de se amar. Ela nunca me disse nada diretamente contra meu pai ou minha mãe.”

“Eu logo esqueci meu pai. Era como se ele estivesse morto. Mas eu via mamãe uma vez ou outra, e meus sentimentos para com ela não morriam. Frequentemente eu pensava nela, apesar de por muito tempo eu não ter percebido que ela estava morando a menos de quinze quilômetros de distância.

“Um dia, mamãe veio ver-nos com um casaco preto e o rosto todo cheio de sangue. Ela tinha sofrido qualquer espécie de acidente. Eu não podia ver aquilo. Pensei: aquela é minha mãe sangrando. Fui para o jardim. Eu a amava, mas não me queria envolver. Acho que eu era um covarde moral. Preferia esconder meus sentimentos.”

John pode ter pensado que escondia todas as suas preocupações e sentimentos, mas Mimi e suas três tias — Anne, Elizabeth e Harriet — dizem que para elas John era completamente aberto e desanuviado. Elas dizem que John era tão feliz quanto o dia era comprido.

2. JOHN E OS "QUARRYMEN"

Quando John começou a estudar em 1952 na Quarry Bank High School, ela era uma pequena escola secundária suburbana, em Allerton, Liverpool, não muito distante da casa de Mimi. Foi fundada em 1922. Não é tão grande nem tão conhecida quanto o Liverpool Institute, no centro da cidade, mas ainda tem uma boa reputação. Dois de seus antigos alunos progrediram até se tornarem ministros do governo trabalhista — Peter Shore e William Rodgers.

Mimi ficou satisfeita com o fato de ser uma escola local, em vez de estar situada no centro da cidade. Achava que assim seria mais fácil para ela manter John sob as suas vistas. Pete Shotton foi com êle para Quarry, mas seu outro grande amigo, Ivan Vaughan, foi para o Institute, para grande alívio seu. Êle era o único estudioso do grupo de John. Sabia que, se continuasse no grupo, seus trabalhos escolares seriam quase impossíveis. Mas êle ainda era aceito como membro da gang de John, depois das aulas. Começou a trazer colegas para a turma de John. "O primeiro que eu trouxe foi Len Garry. Mas não trouxe muitos. Eu sempre gostava muito de selecionar as pessoas que trazia para conhecer John."

John lembra-se muito bem de seu primeiro dia, em Quarry, "Olhei para aquelas centenas de garotos e pensei — "Cristo, terei que brigar com todos êles, para abrir caminho aqui, depois de ter feito a mesma coisa, em Dovedale".

"Aqui, havia alguns que eram realmente pesados. Apanhei, na minha primeira briga. Eu perdia a cabeça, quando ficava realmente machucado. Não que eu brigasse muito. Eu xingava e gritava muito, e logo dava um murro rápido. Se sangrasse um pouco, era quase certo que eu tinha vencido. Depois, se eu achasse que alguém podia dar murros mais fortes do que eu, dizia: está bem, então lutaremos sem sôcos!

"Eu era agressivo, porque queria ser popular. Desejava ser o líder. Isso me parecia muito mais atraente do que apenas fazer parte do

grupo. Eu queria que todos fizessem o que eu mandasse, rissem das minhas piadas e me deixassem ser o chefe.”

Em seu primeiro ano na nova escola, descobriram-no com um desenho pornográfico. “Aquilo realmente fêz a minha caveira com os professôres”. Então Mimi encontrou um poema obsceno, que êle havia escrito. “Ela o encontrou sob o meu travesseiro. Eu disse que apenas o havia copiado para outro cara que não sabia escrever muito bem. Naturalmente, eu é que o havia escrito. Já havia visto essa espécie de poema pelas redondezas, imaginava que os teria escrito e resolvi eu mesmo tentar escrever um.”

“Acho que, logo no começo, tentei fazer os deveres da escola, como freqüentemente fazia em Dovedale. Em Dovedale, pelo menos, eu sempre havia sido honesto. Mas comecei a achar que isso era tolice. Os professores sempre te acabam pegando. Então comecei a mentir sempre.”

A partir daí, depois do primeiro ano, era Lennon e Shotton versus o resto da escola, recusando tôdas as disciplinas ou idéias impostas. Pete acha que, sem John como um aliado permanente, êle poderia ter desistido e ter sido obrigado a seguir a linha da escola, apesar de que isso provàvelmente não aconteceria com John. “Mas com um cara igual a você”, diz Pete, “é muito mais fácil ficar firme no que se acredita. Quando se passa por maus bocados, tem-se a companhia de alguém para rir. E eram risadas o tempo todo. Nós nunca paramos, durante todo o tempo em que estivemos lá. Foi ótimo.”

Pete diz que, quando relembra o passado, essas passagens muitas vêzes não parecem tão engraçadas, mas ainda o fazem rir.

“Acho que ainda éramos muito novos, quando, pela primeira vez, fomos levados ao Reitor, por têmos feito alguma coisa errada. Êle estava sentado à sua mesa, escrevendo, quando entramos e fêz com que eu e John ficássemos um de cada lado dêle. Enquanto estava sentado ali, passando-nos um sermão, John começou a fazer cócegas na cabeça dêle. Êle era quase careca, mas ainda tinha uns poucos fios de cabelo no alto da cabeça. Êle não podia compreender o que o estava irritando e, enquanto nos fazia o sermão, ficava passando a mão pela cabeça. Foi terrível. Eu estava dobrando de rir.

Positivamente, John estava urinando-se. Realmente, o mijo começou a escorrer pelas suas calças. Êle vestia calças curtas; por isso, eu acho que éramos muito jovens, naquela época. A urina estava escorrendo para o chão e o reitor olhava em tórno perguntando: — “Que foi? Que foi?”

John tinha um talento para arte, que sempre executava bem, apesar de tudo. Pete, por sua vez, era bom em matemática. John tinha ciúmes do interêsse de Pete pela matemática, que êle nunca conseguia acertar, e sempre tentava prejudicar o interêsse de Pete.

“Êle tentava arruinar minha concentração, botando desenhos na minha frente. Alguns dêles eram obscenos, mas, na maioria, eram apenas engraçados e eu começava a rir. “Olhe só o Shotton, professor”, o resto da classe dizia que eu parecia histérico.”

“Se eu, por qualquer razão, tivesse que sentar na primeira fila, quando o professor estava de costas para a turma, John se levantava e ficava segurando o desenho, às costas dêle, para que eu o visse. Eu não conseguia parar de rir.”

Mesmo quando êles estavam em frente ao reitor, para levar a primeira surra, John não ficou, nem um pouco, intimidado pela autoridade.

“John teve que ir primeiro, enquanto eu esperava do lado de fora da sala do reitor. Eu estava na maior agonia, nervoso, preocupado com o que me iria acontecer. Parece que esperei horas, mas, na realidade, foram poucos minutos. Então, a porta se abriu e John saiu de gatinhas, dando grandes gemidos exagerados. Imediatamente, explodi numa gargalhada. Eu não tinha percebido que a sala do reitor tinha duas portas. John estava saindo pela parte do corredor onde ninguém poderia vê-lo pelo lado de dentro. Era a minha vez de entrar, ainda com um sorriso na cara, coisa que, naturalmente, não agrada muito aos reitores.”

Em cada ano que passava, John ficava pior. No terceiro ano, tendo começado entre os primeiros de sua turma, êle acabou sendo transferido para o curso B. Seus boletins continham observações como: “Sem esperança.” “É o palhaço da classe.” “Êle está só

prejudicando o tempo dos outros alunos.” Havia um espaço para que os pais colocassem seus comentários. Ao lado Mimi escreveu: “Seis (bolos), dos melhores”.

Mimi ficava em cima dêle, durante todo o tempo que John passava em casa, mas não calculava o quanto êle estava mal e não cooperava na escola.

“Eu só levei uma surra de Mimi. Foi por tirar dinheiro da bolsa dela. Eu sempre tirava um pouquinho, para coisinhas como refrigerantes, mas dessa vez devo ter tirado demais.”

Êle estava ficando cada vez mais chegado ao tio George. “Nós nos dávamos muito bem. Êle era simpático e bom.” Mas, em junho de 1953, quando John estava com quase treze anos, tio George teve uma hemorragia e morreu. “Isso foi muito rápido, num domingo”, lembra Mimi. “Êle não tinha ficado doente, um só dia em tôda sua vida. John era muito chegado a êle. Em qualquer briguinha que eu tivesse com John, George era sempre o protetor de John. Êles saíam juntos muitas vêzes. Eu, freqüentemente, tinha ciúmes, quando êles se divertiam. Acho que John ficou muito sentido com a morte de George, mas nunca o demonstrou.”

“Eu não sabia como ficar triste publicamente, o que tinha de fazer ou dizer. Então, minha prima chegou e também veio para o andar superior da casa. Nós dois parecíamos histéricos. Ríamos sem parar. Depois disso, eu me senti muito culpado.”

Pela época da morte de George, alguém estava tornando-se cada vez mais importante na vida de John — sua mãe, Julia. Ela sempre se mantinha em contato com Mimi, apesar de Mimi falar a John muito pouco sôbre ela. Obviamente, ela estava fascinada em vê-lo crescer, desenvolvendo-se, moldando uma personalidade. E John, agora que era um adolescente, estava ainda mais fascinado por ela. Nesta época, ela já tinha duas filhas com o homem com quem vivia.

“Julia deu-me a primeira camisa colorida”, diz John. “Eu comecei a ir visitá-la em sua casa. Conheci seu nôvo marido e não achei que êle fôsse grande coisa. Eu o chamava de Twitchy. Mas era realmente um cara direito.

“Julia se tornou uma espécie de tia para mim, ou uma irmã mais velha. À medida que crescia, tinha constantes brigas com Mimi. Costumava ir passar o fim-de-semana na casa de Julia.”

Tanto Pete Shotton quanto Ivan Vaughan, os dois amigos constantes de John, lembram-se muito bem de Julia, da sua importância na vida de John, da influência que ela exercia sobre eles três.

Pete se lembra de ter começado a ouvir falar em Julia quando eles estavam no primeiro ou segundo ano, em Quarry Bank. Nessa época, eles estavam sendo avisados, constantemente, sobre as coisas terríveis que se apresentavam à sua frente. Os pais de Pete e a tia Mimi de John estavam sempre os avisando. Mas eles riam desses avisos, por conta própria. Então, apareceu Julia e riu com eles dos professores, das mães e de todos.

“Ela era ótima”, diz Pete. “Genial. Quando lhe dizíamos o que ia acontecer conosco, ela nos aconselhava a esquecer. Nós a adorávamos. Era a única pessoa que se identificava conosco. Dizia-nos o que queríamos ouvir. Como nós, ela fazia tudo para dar boas risadas.”

Julia vivia em Allerton e eles, freqüentemente, iam visitá-la depois das aulas. Algumas vezes, ela vinha vê-los. “Um dia, nós a encontramos com um par de calções a cobrir-lhe a cabeça, como se fossem um lenço de cabeça. As pernas dos calções caíam-lhe por cima dos ombros. Ela fingia não saber por que a olhavam tanto. Nós rolamos de rir.

“Outra vez, vínhamos andando pela rua com ela, que estava usando óculos sem as lentes. Ela encontrava conhecidos e eles nem notavam. Enquanto falava com eles, passava os dedos por dentro da armação para esfregar os olhos. As pessoas ficavam olhando sem saber o que fazer.”

Ivan acha que foi Julia quem ajudou John a transformar-se num rebelde. Ela o encorajava e ria de tudo que ele fazia, enquanto Mimi era rígida com ele, apesar de não mais do que o comum das mães, tentando assegurar-se de que ele não bebia ou fumava. Naturalmente, Mimi tinha de ceder um pouco, mas ele preferia Julia,

e por isso sempre ficava com ela. Julia havia sido uma ovelha-negra, pelo menos para sua família. Ela queria que John, que, de qualquer forma, era igual a ela, fôsse o mesmo.

Agora, John estava no quarto ano, turma C, a primeira vez em que foi mandado para a turma C. "Dessa vez, eu estava realmente envergonhado de ser misturado com os tapados. A turma B não era má, porque todos os "bôlhas" ficavam na turma A. Eu também comecei a colar nas provas. Mas não adiantava nada competir com todos aqueles mongolóides e eu fui ficando cada vez pior."

Pete Shotton também havia sido rebaixado juntamente com êle. "Eu também estraguei-lhe a vida."

No final do quarto ano, êle acabou caindo para o vigésimo lugar, entre os últimos da turma. "Certamente no caminho do fracasso", um dos professôres escreveu no seu boletim.

Quando John estava no quinto ano, chegou um nôvo diretor, Mr. Pobjoy. Êle logo descobriu que Lennon e Shotton eram os principais criadores de casos. Êle parece ter tido algum contato com John, o que não acontecia com a maioria dos professôres daquela época. Êles só sabiam como era o comportamento dêle.

"Realmente, êle era um problema, sempre a fazer gracinhas. Eu realmente não o compreendia. Uma vez, eu mesmo dei-lhe uma surra, lamento dizer. Lamento, porque sou contra castigos corporais. Eu herdei o sistema, mas imediatamente acabei com êle."

Mr. Pobjoy ficou muito surpreendido quando John fracassou em todos os exames. "Eu achava que êle era capaz de passar. Foi reprovado em todos êles, por apenas um ponto, e, provàvelmente, esta foi a razão pela qual o ajudei a entrar para o Art College. Sabia que êle era bom em artes e achava que êle merecia a oportunidade."

Mimi foi ver o diretor, quando o futuro de John estava em jôgo. "Êle me perguntou o que é que eu ia fazer com êle. Eu indaguei : o que é que vocês vão fazer com êle. Vocês ficaram com êle durante cinco anos."

Mimi gostou da idéia do Art College, apesar de não ter ela percebido a sorte dêle em poder matricular-se. "Eu queria que êle se

qualificasse, para ganhar relativamente, para viver. Desejava que êle se tornasse alguém.”

“No íntimo, eu pensava no pai dêle e no que êle se havia tornado, mas, naturalmente, não podia revelar isso a John.”

Agora, relembando sua vida escolar, John não lamenta absolutamente nada.

“O tempo mostrou que eu estava certo. Êles estavam errados e eu estava certo. Êles ainda estão lá, não estão? Então êles é que devem ter fracassado.

“Excetuando um ou dois, todos os professôres eram estúpidos. Eu nunca prestava atenção nêles. Eu só queria divertir-me. Só havia um professor que gostava dos meus desenhos. Êle costumava levá-los para casa para divertir a família com êles.

“Êles deviam dar-te tempo para te desenvolveres, encorajar as coisas pelas quais tu te interessas. Eu estava sempre interessado em arte e fiquei entre os primeiros durante muitos anos, mas parece que ninguém tinha o mínimo interêsse.

“Fiquei desapontado por não haver curso de arte no GCE, mas eu havia desistido. Tudo em que êles se interessavam era pela elegância. Eu jamais fui elegante, costumava misturar tôdas as côres. Uma vez, tivemos uma questão que mandava fazer um quadro de “Viagem”. Eu desenhei um corcunda cheio de verrugas. Obviamente, êles não entenderam meu desenho.

“Contudo, eu diria que tive uma infância realmente feliz. Acabei ficando agressivo, mas nunca me senti miserável. Estava sempre rindo.

“Na verdade, eu passava o tempo todo imaginando que era o próprio William Just.”

Próximo ao fim de sua vida escolar, John passou a se interessar por música popular, apesar de a música popular ser uma coisa para que Mimi sempre o desencorajava. Jamais ela gostou de vê-lo cantando músicas populares, que, quando garôto, aprendia no rádio.

John não teve educação musical nem treinamento de qualquer espécie. Mas aprendeu sozinho a tocar gaita de bôca. Tio George lhe havia comprado um modelo barato.

“Eu o teria mandado para aulas de música”, diz Mimi, “de piano ou violino, quando era muito jovem. Mas êle não queria. Não queria preocupar-se com qualquer coisa que envolvesse lições. Queria fazer tudo imediatamente, sem perder tempo aprendendo.

“O único encorajamento musical que êle recebeu foi de um motorista de ônibus no percurso de Liverpool a Edinburgo. Cada ano, nós o mandávamos, no verão, com os primos para Edinburgo, a fim de passar algum tempo na casa de minha irmã. Êle tocava uma velha gaita dada pelo tio George e a executou durante todo o percurso, sem dúvida nenhuma deixando todos doidos.

“Mas o motorista simpatizou muito com êle. Quando chegaram a Edinburgo, êle disse que, se John voltasse no dia seguinte de manhã à estação, lhe daria uma gaita realmente boa. John não pôde dormir, durante tôda a noite, e a primeira coisa que fêz, de manhã, foi partir para a estação. De fato, era uma gaita realmente boa. Foi o primeiro encorajamento que êle recebeu. Aquêle motorista não sabe ao que deu início.

A espécie de música popular que John ouvia, quando ouvia, era a cantada por Johnnie Ray e Frankie Laine. “Mas eu não me importava muito com êles.”

Na verdade, ninguém os notava muito na Inglaterra, pelo menos os garotos da idade de John Lennon. A música popular, até meados da década de cinqüenta, era, de alguma forma, uma coisa remota e não tinha conexão com a vida real. Tôda ela vinha da América e era produzida por profissionais do show business, todos êles com lindos ternos, com lindos sorrisos, cantando lindas baladas, especialmente para as jovens que trabalhavam no comércio e jovens mães.

Então, aconteceram três coisas. No dia 12 de abril de 1954, Bill Haley e seus Cometas produziram Rock Around the Clock. Levou um ano para que isso tivesse efeito na Inglaterra. Mas quando teve, como a canção-tema do filme Blackboard Jungle (que no Brasil foi

levado com o título de Ao balanço das horas. N. do T.), o rock and roll atingiu a Inglaterra e as poltronas de cinema começaram a ser destroçadas.

O segundo acontecimento deu-se em janeiro de 1956, quando Lonnie Donegan produziu Rock Island Line. Isso teve pouca ligação com a selvagem música do rock, apesar do título. O que havia de novidade e interessante era o fato de ela ser tocada nos tipos de instrumento que todo mundo pode tocar. Lonnie Donegan popularizou o skiffle. Pela primeira vez, qualquer um podia tocar, sem nenhum conhecimento de música, ou até mesmo talento musical.

Mesmo a guitarra, o instrumento mais difícil num grupo de skiffle, poderia ser tocada por qualquer um que dominasse alguns poucos acordes simples. Os outros instrumentos, como o esfregador de roupa ou o baixo de caixa de chá, podiam ser tocados por qualquer idiota.

O terceiro, e, de uma certa forma, o acontecimento mais excitante na música popular na década de cinquenta, foi o aparecimento de Elvis Presley, a pessoa mais influente na música popular, até o advento dos próprios Beatles, muitos anos mais tarde. Ele também surgiu no comêço de 1956. Em maio, o seu Heartbreak Hotel ocupava os primeiros lugares nas listas de popularidade, em quatorze países diferentes.

De uma certa forma, era óbvio que aconteceria alguém como Elvis. Basta olhar para Bill Haley em pessoa, gorducho, com aparência de meia-idade e definitivamente unsexy, para se perceber que essa nova música excitante, o rock and roll, tinha que ter um cantor excitante, para tomar a sua forma física.

O rock era uma música que excitava todos os adolescentes. Elvis era o cantor excitante, cantando as canções excitantes. "Nada me influiu realmente, até o aparecimento de Elvis", diz John.



A tia de John, Mimi, que o criou a partir dos três anos de idade



O pai de John, Fred Lennon



Paul aos nove anos de idade

Todos os Beatles, como milhões de rapazes da mesma idade, foram influenciados. Todos eles têm o mesmo tipo de lembranças, de grupos surgindo em todas as classes, nas escolas e em todas as ruas. Havia, da noite para o dia, em Liverpool, cerca de 100 lugares com grupos de skiffle, fazendo fila para tocar. Era a primeira vez, em gerações, que a música não era propriedade dos músicos. Qualquer um podia levantar-se e começar a tocar. Era como entregar estojos de pintura a macacos. Por vezes, alguns deles seriam levados a produzir alguma coisa boa.

John Lennon não possuía guitarra, ou qualquer instrumento, logo que a mania começou. Um dia, na escola, pegou a guitarra de um garoto, mas descobriu que não poderia tocá-la e devolveu-a. Sabia que sua mãe, Julia, sabia tocar banjo e então foi vê-la. Ela comprou-lhe uma guitarra de segunda mão, por dez libras. Nela estava escrito: garantida contra rachaduras. John tomou umas aulas, mas não aprendeu nada. Então, Julia ensinou-lhe alguns acordes de banjo. A primeira música que ele aprendeu foi "That'll Be The Day".



John aos nove anos de idade

Em casa, êle tinha que praticar escondido de Mimi. Tinha de ficar na varanda de vidro, da frente da casa, cantando e tocando baixinho. “Uma guitarra está muito bem, John”, Mimi costumava dizer-lhe dez vêzes por dia. “Mas jamais você ganhará a vida com ela.”

“Eventualmente, na escola, nós formávamos grupos. Acho que o cara que teve essa idéia não entregou para o conjunto. Na primeira vez, nós nos encontramos na casa dêle. Eric Griffiths ficava na guitarra, Pete Shotton na tábua de esfregar roupa, Len Garry, Colin Hanson na bateria e Rod no banjo.

“Nossa primeira apresentação foi em Rose Street — foi no dia que comemoravam o Empire Day. Faziam essa festa na rua. Tocamos de cima de um caminhão. Não recebemos nem pagamento, nem nada.”

“Depois disso, passamos a tocar em festas ou casamentos, talvez ganhássemos alguns shilings. Na maioria das vêzes tocávamos só para nos divertir.”

Mui naturalmente êles mesmos se chamavam de: os Quarrymen. Todos êles usavam roupas de Teddy Boy, tinham o cabelo empilhado para cima e penteado para trás, como o Elvis. John era o mais Teddy Boy do grupo. A maioria das mães prevenia seus filhos a respeito dêle, quando o viam, ou mesmo que não o tivessem visto, já tinham ouvido histórias sôbre êle.

Nesses primeiros meses dos Quarrymen em 1956, quando supunham que John estava metendo a cara nos livros, tudo era muito incerto e irregular. Êles ficavam semanas sem tocar. Os caras estavam sempre chegando e partindo, dependendo de quem aparecia nas festas, ou de quem queria tocar.

“Era tudo uma piada”, diz Pete Shotton, “êsse negócio de estabelecer um grupo. O skiffle estava na moda, e, por conseguinte, todos estavam tentando tocar qualquer coisa. Eu tocava tábua de esfregar roupa, porque não tinha a mínima idéia do que era música. Eu era amigo de John e, portanto, tinha que estar no grupo.”

Tendo John como líder, as brigas eram sucessivas, o que também fazia com que alguns caras abandonassem o conjunto. “Eu costumava brigar com os caras porque queria vê-los de fora. Se brigava, o assunto estava encerrado: o cara tinha que deixar o grupo.” Um dos regulares era Nigel Whalley, que tocava de vez em quando, e que, principalmente, tentava conseguir-lhes contratos, agindo como empresário.

No Liverpool Institute, estava acontecendo a mesma coisa: grupos se desenvolviam como cogumelos, apesar de Ivan Vaughan ter trazido Len Garry do Institute para o grupo de John. Tudo parecia ir bem.

No dia 15 de junho de 1956, êle trouxe um outro colega de escola para conhecer John.

“Eu sabia que êle era um grande sujeito”, diz Ivan. “Eu só trazia grandes caras para conhecer John.”

A ocasião para o encontro foi a Church Fete, na Woolton Parish Church, não muito longe da casa de John. Êle conhecia as pessoas de lá e havia conseguido que elas deixassem seu grupo tocar.

Ivan, na sua escola, havia falado muito sôbre John e seu grupo. Êle sabia que seu amigo estava interessado nesse assunto, apesar de êle mesmo não estar muito.

“Mimi havia dito que, finalmente naquele dia, eu conseguira ser, realmente, um Teddy Boy. Eu parecia desgostar de todos, naquele dia, não só de Mimi.”

“No outro dia, eu estava olhando uma foto minha, tirada há tempos em Woolton. Pareço um sujeito muito juvenil.”

O que aconteceu naquele dia é um pouco confuso para John. Êle tomou um pileque, apesar de ainda não ter idade para isso. Os outros se lembram muito bem, especialmente o amigo que Ivan trouxe — Paul McCartney.

“Êsse foi o dia”, lembra John, “o dia em que eu encontrei Paul, que as coisas começaram a mudar.”

3.PAUL

Paul nasceu James Paul McCartney, no dia 18 de junho de 1942, numa enfermaria particular do Walton Hospital em Liverpool, o único Beatle a nascer em tal ambiente luxuoso. Sua família era uma família comum da classe média. Isso foi no ponto culminante da guerra. Paul chegou em grande gala, porque sua mãe, durante uma certa época, havia sido Irmã encarregada da enfermaria da maternidade. Deram-lhe um tratamento de estrêla quando ela voltou para ter Paul, seu primeiro filho.

Sua mãe, Mary Patrícia, abandonara o trabalho do hospital, fazia apenas um ano, quando casou com seu pai, tornando-se Health Visitor (misto de enfermeira e assistente social. N. do T.). Seu nome de solteira era Mohin e, como o marido, era de descendência irlandesa.

Jim McCartney, o pai de Paul, começou a trabalhar aos quatorze anos como garôto de amostras em A. Hannay and Co., corretores e comerciantes de algodão em Chapel Street, Liverpool. Ao contrário da espôsa, êle não era católico. Sempre se classificou como agnóstico. Jim nasceu em 1902, numa família de três irmãos e quatro irmãs.

Foi considerado de muita sorte, quando deixou a escola e conseguiu um emprêgo na indústria de algodão. Essa indústria estava em franco progresso e Liverpool era o centro de importação para os teares de Lancashire. Conseguir um emprêgo nesta indústria significava estar estabelecido para tôda a vida.

Como menino de amostras, Jim recebia seis shillings por semana. Tinha de descobrir prováveis compradores de algodão e apresentar-lhes as amostras do artigo que lhes poderia interessar. A firma Hannay importava o algodão, separava-o, classificava-o e então vendia para as fábricas de tecidos.

Jim se desincumbiu muito bem no cargo e, aos vinte e oito anos, foi promovido a vendedor de algodão. Isso foi considerado um grande

sucesso para um rapaz comum. Geralmente, os vendedores de algodão pertenciam à classe média. Jim foi sempre um rapaz simples e ativo, com um sorriso aberto e simpático.

Quando conseguiu essa grande promoção, deram-lhe um salário de 250 libras por ano. Salário não muito grande, mas bastante razoável.

Jim era muito moço, para a Primeira Guerra Mundial e muito velho, para a Segunda, e com audição num só ouvido — êle teve um tímpano perfurado, quando, aos dez anos de idade, caiu de um muro — por isso, não foi convocado. Contudo, era capaz de realizar algum tipo de trabalho durante a guerra. Quando o Mercado do Algodão fechou, foi mandado, por êsse motivo, para as fábricas de Napiers.

Em 1941, aos trinta e nove anos, Jim se casou. O casal mudou-se para quartos mobiliados, em Anfield. Quando Paul nasceu, êle trabalhava, durante o dia, em Napiers, e, de noite, como bombeiro. Como sua espôsa havia trabalhado no hospital, êle podia visitá-la quando bem entendia, não estando sujeito às horas de visita.

“Êle tinha uma aparência horrível, eu não podia suportar isso. Tinha só um dos olhos abertos e chorava o tempo todo. Êles o levantaram e êle parecia um pedaço horroroso de carne vermelha. Quando cheguei a casa chorei, pela primeira vez, em muitos anos.”

Apesar do trabalho médico de sua espôsa, êle nunca teve doença de qualquer espécie. O cheiro de hospitais o fazia ficar nervoso, mêdo que Paul herdou dêle.

“Contudo, no dia seguinte, êle parecia mais humano. E, cada dia que passava, suas feições melhoravam. Afinal, êle se tornou um lindo bebê.”

Um dia, enquanto Paul brincava no jardim de casa, sua mãe descobriu algumas manchas de cinza em seu rosto e disse que tinham de se mudar. O trabalho em Napiers, nos motores Sabre, era contado como trabalho para a Fôrça Aérea; desta forma, Jim conseguiu obter uma casa no Knowlsely State, em Wallasey. Eram casas da prefeitura, e algumas foram reservadas ao Ministério da Aeronáutica. “Costumávamos chamá-las de meias casas, porque

eram muito pequenas, com tijolos nus pelo lado de dentro. Era muito melhor do que morar em quartos mobiliados com um bebê.”

O trabalho de Jim, em Napiers, terminou antes do fim da guerra, e êle foi transferido para um emprêgo na Liverpool Corporation Cleansing Department, como inspetor temporário, e lhe cabia verificar se os lixeiros estavam trabalhando direito.

Recebia pouco dinheiro na Corporation, e sua espôsa voltou ao emprêgo de Health Visitor, até o nascimento de seu segundo filho, Michael, em 1941.

Na verdade, nunca ela gostou tanto de visitas como as da enfermaria. Era muito trabalho — das nove às cinco — como um serviço de escritório. Então ela voltou à obstetrícia, arranjando dois empregos de parteira domiciliar, o que significava viver em grandes propriedades e tomar conta de tôdas as futuras mães daquela área. Juntamente com o emprego, vinha uma casa da prefeitura. O primeiro pôsto foi na Western Avenue, em Speke, e o segundo em Ardwick Road. Ela era chamada tôdas as noites.

Jim diz que ela trabalhava demais, mais do que deveria, pois ela sempre fôra superconscienciosa.

A primeira lembrança de Paul, provavelmente quando tinha três ou quatro anos, é de sua mãe. Êle se recorda de alguém chegando à porta e entregando-lhe um cachorro de gesso. “Deve ter sido um presente por algum parto que ela fêz. As pessoas sempre lhe davam presentes desta espécie.

“Tenho, ainda, outra lembrança: a de me esconder de alguém e depois bater-lhe na cabeça com uma barra de ferro. Entretanto, acho que a recordação do cachorro de gêsso é anterior.”

Lembra-se ainda de sua mãe, quando ela tentava corrigir-lhe a pronúncia. “Eu falava muito, como todos os outros garotos da vizinhança. Enquanto me corrigia, eu lhe imitava a pronúncia e ela ficava sentida, o que me fazia ficar muito preocupado.”

Paul entrou para a escola primária — Stockton Wood Road Primary — quando ainda moravam em Speke. Sua mãe decidiu-se contra uma escola católica romana, pois estivera em muitas delas, como

Health Visitor e não gostara do que viu. Michael, também, logo foi mandado para a mesma escola. “Eu me lembro da diretora dizendo como os dois meninos eram bons com as crianças menores”, lembra Jim, “sempre ajudando-as. Ela dizia que Michael seria um líder. Acho que era porque êle estava sempre discutindo. Paul era muito mais calmo em fazer as coisas. E tinha um senso muito mais prático. Mike expunha-se muito. Paul sempre evitava problemas.”

Quando a escola ficou muito cheia, foram transferidos para uma outra, no interior, a Joseph Williams Primary School, em Gateacre.

À medida que ficava mais velho, Paul foi aperfeiçoando sua diplomacia tranqüila, continuando a fazer tudo, calmamente, —como sua mãe —, em vez de fazê-lo com a agitação de Michael. “Certa vez, eu estava batendo em Michael por êle ter feito algo errado”, relembra Jim, “Paul ficou perto gritando para Mike:

— “Diga que não foi você, que êle pára”. Mike reconhecia seu êrro, não importava o que fôsse. Paul era sempre capaz de escapar dos perigos.”

“Eu era bastante furtivo”, diz Paul. “Se às vêzes eu apanhava, por ter feito alguma coisa errada, costumava entrar no quarto dêles, quando não estavam, e rasgar a parte de baixo das cortinas de renda, só um pedacinho, e pensava: que isso lhes sirva de lição.”

Fácilmente, Paul terminou o primário e logo foi para o Liverpool Institute. É a escola secundária mais conhecida de Liverpool. Foi fundado em 1825, como o Mechanics’ Institute; essa é a razão de seu nome. O Liverpool Art College, que funciona no mesmo prédio, fazia parte do Institute até 1890. A University of Liverpool também partilha da mesma origem. Com o tempo, tornou-se uma escola para rapazes, acabando todos os cursos para adultos, por volta de 1900. Entre seus ex-alunos incluem-se Arthur Askey, James Laver, Lord Justice Morris e o falecido Syd Silverman.

Michael também passou para o Institute, mas foi classificado em uma das turmas mais atrasadas. Paul saiu-se muito bem e estêve sempre entre os primeiros da classe.

“Era capaz de fazer seus deveres de casa, enquanto assistia aos programas de televisão”, diz Jim. “Eu costumava dizer-lhe que êle não podia fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Uma vez, perguntei-lhe o que estava passando na televisão e êle sabia, e simultaneamente fazia uma redação. Era bastante inteligente, para entrar, sem dificuldade, para uma universidade. Isso era o que eu sonhava para seu futuro. Conseguir um B.A. ou um B. Sc. depois do nome, e êle estaria bem encaminhado. Quando descobriu o que lhe almejava, tentou deixar de obter boas notas. Sempre foi bom latinista, mas quando eu disse que êle precisaria muito do Latim, êle começou a negligenciar.”

No Institute, tornou-se o garôto mais precoce de sua turma, sob o aspecto sexual, conhecendo tudo ou quase tudo sôbre o assunto, mesmo em seus primeiros anos.

“Uma vez, fiz um desenho obsceno para a turma. Fui eu que fiz. Era dobrado de tal modo, que você só via a cabeça e os pés da mulher, mas, quando aberto, via-se que ela estava nua. Era um divertimento de garôto de escola, com pêlos na região púbica e tudo o mais, não que eu tivesse idéia de como aquilo realmente era. Por engano, deixei-o no bôlso de cima da camisa. Êsse era o bôlso em que eu costumava guardar os meus vales de refeição e mamãe sempre o revistava, antes de lavar, pois eu costumava esquecer alguns.

“Cheguei a casa, um dia, e ela me mostrou o desenho, perguntando-me se era eu quem tinha feito aquilo. Disse-lhe que não, honestamente não. E sim o Kenny Alpin, um garôto da nossa classe, e que êle, por certo, deveria tê-lo colocado ali. Eu lhe diria se o tivesse feito. Afirmei isso, por dois dias. Por fim, acabei confessando a verdade. A vergonha foi terrível”.

Depois do primeiro ano, quando obtive 90 por cento em Latim, Paul se encheu do trabalho da escola. “Foi fácil no primeiro ano. Eu me mantinha limpo e zeloso, porque achava que devia ser assim. Depois, isso se tornou chato. Nunca, em meu tempo de escola, alguém me explicou por que e para que eu estava sendo educado. O velho falava na necessidade de se tirar diplomas e tudo aquilo, mas eu nunca prestava atenção. A gente ouve isso com muita freqüência.

Tínhamos professores que apenas despejavam regras ou nos contavam um bocado de porcária sôbre suas férias, no País de Gales, ou o que êles tinham feito no exército.

“Os deveres de casa eram de uma chateação total. Eu simplesmente não suportava ficar fazendo-os, numa noite de verão, enquanto os garotos estavam brincando na rua. Havia um campo do outro lado da nossa casa, em Ardwick, e eu olhava pela janela e os via se divertindo.

“Na vizinhança, não havia tantos alunos do Institute. Chamavam-me de pudim de escola.

“Tudo que eu almejava eram mulheres, dinheiro e roupas. Eu costumava roubar coisas como cigarros. Entrávamos nas lojas, enquanto o dono estava na parte dos fundos, e roubávamos antes que êle voltasse. Durante anos, o que eu sonhava na vida era ter cem libras. Imaginava que com isso eu poderia ter uma casa, uma guitarra e um carro. Se eu possuísse dinheiro, teria alcançado o máximo.”

Contudo, Paul não era de todo inútil na escola. Em 1953, recebeu um prêmio por uma redação — um Special Coronation Prize, um livro chamado *Seven Queens of England* de autoria de Geoffrey Trease, editado pela Heinemann; ainda hoje o guarda. Êle sempre obtinha boas notas em suas redações. “Lembro-me de um inspetor escolar que me perguntava como era que eu podia escrever uma redação tão perfeita sôbre cerâmica. Eu havia escutado êsse tema, pelo rádio, na cama, usando fones nos ouvidos. É uma invenção maravilhosa, a gente ficar deitado ouvindo rádio. Fazia coisas incríveis usando a imaginação.”

Jim havia instalado um par de fones para cada um, numa tentativa para obrigá-los a ir cedo para a cama, ficar lá e não brigar. Êles brigavam muito, mas não mais do que a maioria dos irmãos. Michael costumava chamar Paul de Fatty, para provocá-lo. “Êle havia sido um lindo bebê, com olhos grandes e longos cílios”, diz Jim. “As pessoas costumavam dizer: “Oh, qualquer dia êle vai quebrar o coração de

tôdas as garôtas.” Entretanto, no comêço da adolescência, êle começou a engordar, por algum tempo.

Os McCartneys mudaram-se de Ardwick, quando Paul tinha uns treze anos. Sua mãe deixou de ser parteira domiciliar, apesar de, mais tarde, voltar a trabalhar como Health Visitor.

Êles receberam uma casa da prefeitura em Forthlin Road 20, Allerton, onde Paul, daí em diante, passou sua juventude. A casa fica no meio de uma alamêda, um pouco acanhada e insignificante, mas bem feita e limpa. A Menlove Avenue está a menos de duas milhas de distância.

Estavam morando em Forthlin Road, fazia pouco tempo — Paul tinha apenas quatorze anos — quando sua mãe começou a sentir dores no seio. As dores continuaram por três ou quatro semanas, desaparecendo e voltando e ela pôs a culpa na menopausa. Estava com quarenta e cinco anos. “Deve ser a modificação”, costumava dizer a Jim. Falou com vários médicos, e êles concordaram com ela, aconselhando-lhe que procurasse esquecer. Contudo, as dores continuaram, cada vez mais fortes.

Um dia, Michael chegou repentinamente a casa e encontrou chorando. Pensou que fôsse por êle e Paul estarem fazendo alguma coisa errada. Êle nunca lhe perguntou o que era. Nem ela nunca disse. Porém, dessa vez, ela decidiu procurar um especialista. Êle diagnosticou câncer. Operaram e ela morreu. Tudo aconteceu no espaço de um mês depois de ter ela sentido as primeiras dores sérias.

“Isso me arrasou”, afirma Jim. “Eu não podia compreender. Foi horrível para os meninos. Especialmente, para Michael, que ainda tinha doze anos e era muito apegado a ela. Êles não ficaram muito prostrados. A morte da mãe os atingiu mui lentamente.”

“Não consigo lembrar-me dos detalhes daquele dia”, diz Michael. “Só consigo recordar-me de que um de nós, não me lembro quem, fêz uma piada tôla. Durante meses nós dois nos arrependemos disso.”

Paul se lembra do que foi. “Fui eu. A primeira coisa que eu disse foi o que é que nós vamos fazer sem o dinheiro dela?”

Naquela noite, os dois choraram na cama. Durante os dias seguintes, Paul rezava para que ela voltasse. "Orações idiotas, entende, "se você a trouxer de volta eu serei muito, muito bom para sempre". Creio que isso só demonstra o quanto a religião é estúpida. Entende, as orações não funcionaram, exatamente quando eu precisava que elas funcionassem."

Durante os funerais, os dois garotos se mudaram, por alguns dias: foram para casa de sua tia Jinny. "Acho que papai não queria que o víssemos arrasado", diz Paul. "Na casa de tia Jinny foi meio chato. Nós dois tínhamos que dormir na mesma cama."

Jim ficou com o maior problema. Em casa, êle nunca havia feito nada, pois sua espôsa era muito organizada. Agora, êle ficava só, para acabar de criar dois garotos, um de quatorze e outro de doze anos, com êles passando, talvez, por seus anos mais difíceis. E ainda tinha problemas financeiros. Como parteira, sua mulher ganhava mais do que êle, como Paul havia mencionado tão cruelmente. Em 1956, o salário de Jim era de apenas oito libras por semana. Todos os outros trabalhadores estavam pelo menos começando a sentir o princípio da afluência, mas o comércio do algodão, no qual êle supunha estar com a vida garantida, estava atravessando tempos difíceis.

Duas de suas irmãs ajudaram-no muito — tia Milly e tia Jinny. Uma delas vinha, uma vez por semana, a Forthlin Road, para limpar tôda a casa devidamente. E quando os meninos eram jovens, elas freqüentemente ficavam por perto, para recebê-los, quando chegavam da escola.

"Os invernos eram ruins", diz Jim. "Os meninos, quando chegavam da escola, tinham que acender o fogo. Eu era quem cozinhava."

"O maior problema era pensar em que espécie de pai eu ia tentar ser. Quando minha mulher estava viva, era eu quem os castigava. Quando era preciso, fazia o trabalho pesado. Minha mulher fazia o trabalho leve. Se nós os mandávamos para a cama, sem jantar, era ela quem lhes levava qualquer coisa para comerem na cama, mais tarde, apesar de, muitas vêzes, ter sido minha a idéia.

"Agora, eu tinha que decidir se seria um pai ou uma mãe, ou os dois, ou confiar nêles e sermos apenas amigos, ajudando-nos simultaneamente."

"Tinha que confiar bastante nêles. E dizia-lhes: "quando vocês chegarem da escola, não entrem, a menos que uma de suas tias esteja aqui". Do contrário, êles trariam seus colegas e me quebrariam a casa tôda."

"Às vêzes, chegava a casa e notava a falta de cinco ovos. No comêço êles não confessavam o que havia acontecido com os ovos. Então diziam: "ah, pois é, demos um ôvo frito a cada colega."

"De modo geral, êles eram muito bons. Mas eu sentia a falta de minha mulher."

Michael, por seu lado, não sabia como seu pai se agüentava. "Nós éramos terríveis e cruéis. Êle era maravilhoso. E todo aquêle tempo sem uma mulher. Eu não consigo compreender isso. Paul deve muito a papai. Nós dois devemos."

Os dois costumavam fazer gozação de sua filosofia doméstica. "Lá vem êle com suas duas palavrinhas mágicas", costumavam dizer. Jim freqüentemente afirmava-lhes que as duas coisas mais importantes na vida são a tolerância e a moderação.

"Tolerância é muito importante", diz Jim. "Como tôdas as crianças, riam de pessoas com defeitos. Eu explicava-lhes que êles não gostariam de que rissem dêles. E moderação, muita confusão é causada pela sua falta. A gente está sempre ouvindo as pessoas dizerem "eu enforcaria o patife", sem pensar cuidadosamente no que seria melhor para cada um."

Jim sempre pensou no que era melhor para as pessoas. Êle tem um encanto e uma cortesia natural com todos, mas ela não é apenas parte da lábia macia dos vendedores, é algo muito mais profundo e genuíno do que isso. Nas mãos de um pai menos refletido e menos atencioso, êles fâcilmente poderiam ter-se arrebetado, quando a mãe morreu.

De sua mãe, Paul parece ter herdado a capacidade para o trabalho duro e a dedicação. Êle é o tipo de pessoa que sempre pode

conseguir que as coisas sejam feitas, quando quer que sejam.

De uma certa forma, Paul desprezava a escola e todo o sistema adotado para passar de ano, segundo certas regras, da mesma forma que John. No entanto, havia uma parte d'ele que não desejava ficar por baixo. Ele podia sempre se voltar para o trabalho árduo, mesmo em pequenos impulsos, o suficiente para fazê-lo passar. John se tornou completamente relaxado e sem espírito de colaboração. Paul nunca poderia ter feito isso. Seu irmão Michael pensa que houve uma influência direta da morte de sua mãe sobre Paul.

“Foi logo depois da morte de mamãe que começou. Tornou-se uma obsessão. Tomou toda a sua vida. A gente perde a mãe e encontra uma guitarra? Não sei. Talvez apenas tenha vindo naquela época e se tornou uma fuga. Mas fuga de quê?”

4. PAUL E OS "QUARRYMEN"

Quando criança, Paul não demonstrou nenhum interesse especial pela música. Tanto êle quanto seu irmão Michael foram mandados para algumas aulas de piano, mas nada aconteceu. "Cometemos o êrro de fazê-los começar no verão", diz Jim. "O professor costumava vir a nossa casa e os garotos ficavam batendo na porta a todo instante, convidando-os a sair para brincar. Então eu fiz com que êles fôsem à casa do professor, mas isso não durou muito."

Jim também quis que Paul entrasse para o còro da Catedral de Liverpool. "Obriguei-o a ir, mas êle deliberadamente desafinou durante a audição. Mais tarde, entrou para o còro da igreja de St. Chad, perto de Penny Lane, ficando lá por pouco tempo."

Mais tarde, ainda, Paul ganhou de um tio um velho pistão, no qual êle aprendeu sòzinho a tocar algumas músicas. Êste talento para a música veio de seu pai. Quando menino, Jim aprendeu sòzinho a tocar piano. De todos os Beatles, o pai de Paul era o único que possuía alguma experiência como músico.

"Eu nunca tive nenhuma aula. Apenas costumava tocar alguns acordes num velho piano, de segunda mão, que alguém nos dera, quando eu tinha uns quatorze anos e morava em Everton. O piano fôra comprado na North End Music Stores. Nems — posso lembrar-me do nome gravado nêle. Tinha um bom ritmo e conseguia tocar a maioria das músicas. Eu nunca me desacreditei."

Pouco depois de ter começado a trabalhar, Jim McCartney fundou uma pequena banda de ragtime, para tocar nas festas de trabalhadores. Isso foi por volta de 1919, quando êle estava com dezessete anos.

A primeira apresentação pública do conjunto foi numa festa do St. Catherine's Hall na Vine Street, em Liverpool. "Nós pensávamos que precisávamos de alguma bossa, então cobrimos nossa cara com máscaras negras e passamos a nos chamar The Masked Melody Makers. Mas logo começamos suando tanto, que a tinta do tecido

escorria pela nossa cara. Isso foi o começo do fim dos Mascarados Melódicos.”

Então mudaram de nome, passando a denominar-se “Jim Mac’s Band”. Todos usavam smockings com o peito e os punhos da camisa feitos de papel. “Êles eram muito bons. A gente comprava uma dúzia de punhos de papel por um penny. Ninguém notava a diferença.”

“Eu dirigi a banda cêrca de quatro ou cinco anos, apenas parte do tempo. Era o pretense chefe, sem, entretanto, haver distinções.

“Uma ocasião, tocamos na primeira apresentação local do filme The Queen of Sheba. Nós não sabíamos o que tocar. Quando começou a corrida de bigas, tocamos uma canção popular daquela época, chamada Thanks for the Buggy Ride. E quando a Rainha de Sabá estava morrendo tocamos Horsy Keep your Tail Up.”

Com o advento da Segunda Guerra Mundial e da família, Jim terminou sua carreira de músico, apesar de tocar freqüentemente um pouco de piano em casa. “Enquanto eu tocava piano, Paul nunca se mostrava interessado. Mas adorava ficar na cama, ouvindo músicas pelos fones. E quando tinha quatorze anos, passou a querer uma guitarra. Não sei o que o fêz querer isso.”

Sua guitarra custou quinze libras, e, no começo, Paul não conseguia tocar nada. Parecia haver algo errado com ela. Então, descobriu que não tocava certo, porque era canhoto. Levou-a de volta à loja para que fôsse adaptada. “Eu nunca fui realmente um entusiasta do pistão. Gostava de guitarra, porque podia tocar logo, depois deter aprendido alguns acordes. E também podia cantar ao mesmo tempo.”

Interessava-se pela música popular, desde os doze anos, como a maioria de seus colegas. O primeiro concêrto a que assistiu foi um da Eric Delaney’s Band, no Liverpool Empire, quando tinha doze anos. Aos quatorze ficava na fila, durante a hora do almôço, para assistir ao Lonnie Donegan. “Lembro-me que êle costumava chegar atrasado. Escrevia bilhetinhos para as operárias, explicando que o atraso delas era por causa dêle, pois as havia feito esperar.”

“Nós costumávamos ficar por perto da porta do palco, à espera de qualquer um que nos desse um autógrafo. Certa ocasião, fiquei na fila para receber o autógrafo de Wee Willie Harris.”

Freqüentava, também, o Pavilion. “Lá se realizavam shows de nudez. As mulheres ficavam completamente despidas. Algumas delas eram ótimas. Era engraçado deixarem-nos assistir a tais shows, naquela idade. Isso era bom, limpo e sujo ao mesmo tempo.”

Como John e os outros, êle foi influenciado pela fase do skiffle e os primeiros números de rock and roll, tocados por Bill Haley, e, como John, só com Elvis Presley foi que ficou completamente arrebatado. “Era o negócio mais bacana do mundo. Sempre que eu me sentia deprimido, botava um disco do Elvis e passava a me sentir ótimo, lindo. Eu não tinha a mínima idéia de como os discos eram feitos e era mágica pura. Era genial!”

Quando ganhou sua guitarra, tentava tocar as músicas de Elvis, ou qualquer outra coisa que fôsse popular. Sua melhor imitação era a de Little Richard.

“Eu costumava achar aquilo horrível”, diz seu pai. “Absolutamente horrível. Não podia acreditar que alguém fôsse realmente daquele jeito. Só muitos anos mais tarde, quando vi Little Richard no mesmo programa dos Beatles, foi que eu vi o quanto a imitação de Paul era boa.”

“Desde o momento em que êle conseguiu a guitarra, foi o fim”, declara Michael. “Êle estava perdido. Não tinha mais tempo para comer ou pensar em qualquer outra coisa. Tocava na privada, no banho, em todos os lugares.”

Havia outro seu colega de classe que, na mesma época, ganhara uma guitarra, Ian James, de Dingle. Os dois costumavam sair, levando suas guitarras. Um tocava para o outro, ensinándose mutuamente os pedaços que tinham aprendido. “Costumávamos circular pelos parques de diversão”, diz Paul, “ouvindo as últimas músicas no Waltzer e tentando tocá-las. Também, tentávamos tocar como os pássaros. Isso nunca funcionou. Eu não tinha jeito para pegar uma única música daquela forma.”

Paul e Ian James usavam o mesmo modelo de casaco esportivo branco — segundo a canção popular A White Sports Coat. “Ele tinha umas pintas e tampas sôbre os bolsos. Nós costumávamos ir juntos a tôda parte vestidos da mesma forma e pensar que estávamos abafando. Nós dois usávamos penteado à Tony Curtis. Demorava horas aprontá-lo.”

Jim McCartney tentou demovê-lo de se vestir daquele jeito, mas não conseguiu nada. “Paul era muito vivo”, diz Michael. “Quando comprava calças novas, êle as trazia a casa, para mostrar a papai como elas eram largas e para que êle aprovasse. Depois, êle as levava de volta e mandava apertá-las. Se, mais tarde, o velho notasse alguma coisa, êle jurava que aquela era a calça que êle havia aprovado.”

“Eu estava preocupado com o fato de êle tornar-se um Teddy Boy”, diz Jim. “Eu abominava aquilo. Vivia dizendo-lhe que não usasse calças apertadas. Êle acabava vencendo pelo cansaço. Seu cabelo também estava sempre comprido, mesmo naquela época. Êle voltava do barbeiro com a mesma aparência de antes. Aí eu dizia: “Quer dizer que estava fechado, eh?”

Paul estava tão interessado nas garôtas quanto na guitarra. “Acho que a primeira vez foi quando eu tinha quinze anos. Creio que foi um pouco cedo para fazê-lo. Penso que fui o primeiro da minha turma. Ela era mais velha e maior do que eu. Foi na casa dela. Ela pretextou ficar cuidando do irmãozinho, quando a mãe saiu. No dia seguinte, naturalmente, eu contei a todo mundo na escola. Era um linguarudo de marca.”

Lembra-se claramente daquele dia do verão de 1956, quando Ivan disse que ia à Woolton Parish Church, assistir a êsse grupo, no qual êle tocava de vez em quando, apesar de que, naquele dia, não tocaria. Paul concordou, e também iria vê-los. Poderia ter alguma garôta para arranjar.”

“Êles não eram ruins”, diz Paul. “John tocava a primeira guitarra. Mas a tocava como se fôsse banjo, com acordes de banjo, e isso era tudo que êle sabia.”

“Nenhum deles tinha tanta idéia quanto John para tocar. Apenas iam na onda.”

“Tocavam coisas como Maggie May, mas com a letra um pouco diferente. Era John quem a tinha inventado, pois não conhecia o original muito bem.”

“Estavam tocando do lado de fora, num grande campo. John, enquanto tocava, olhava em volta, observando a todos. Depois, ele me disse que aquela era a primeira vez que tentava controlar uma platéia, você sabe, controlá-los, vendo quando era melhor torcer um ombro para eles, ou melhor não se mover nem um pouco.”

“Como sempre, eu usava meu casaco branco e calças pretas. Eu as apertara novamente, depois da escola. Elas estavam tão estreitas que surpreendiam a todo mundo.”

“Depois, dei a volta para vê-los no Church Hall. Falei com eles, só conversando e me mostrando. Mostrei-lhes como tocar Twenty Flight Rock e disse-lhes toda a letra. Eles não sabiam. Depois toquei o Be Bop A Lula, que eles também não sabiam direito. Por fim, fiz minha imitação de Little Richard, exibindo todo o meu repertório. Lembro-me daquele cara com bafo de cerveja, aproximando-se e respirando no meu pescoço enquanto eu estava tocando. “O que é que esse bêbado tá fazendo?” — pensei. Então ele disse que o Twenty Flight Rock era uma de suas favoritas. Descobri que era um conhecedor.”

“Era o John! Havia acabado de tomar algumas cervejas. Ele tinha dezesseis anos e eu estava com apenas quatorze, por conseguinte ele já era um homem. Executei-lhe mais alguns acordes que ele não sabia. Na verdade Ian James é quem me havia ensinado. Afinal, fui embora, achando que tinha causado uma grande impressão, mostrando-lhes como eu era bom de música.”

Contudo, Pete Shotton não se lembra de Paul causando nenhuma grande impressão. Pete, não sabendo música, dificilmente se impressionaria pelo Twenty Flight Rock, por mais brilhante que fosse executado.

“Verdadeiramente, no primeiro encontro, não fui muito com a cara de Paul”, declara Pete. “Ele parecia muito tranquilo, mas todos são assim, quando encontram um novo grupo pela primeira vez. Na realidade, no princípio, eu não estava com ciúmes dele. Ele era muito mais moço do que nós. Não pensei que fosse tornar-se um rival. Eu e John ainda éramos os caras mais unidos. Eu sempre fui amigo de John e o estimava.”

John recorda-se de ter meditado sobre seu encontro com Paul. Isso era raro nele: pensar sobre as coisas em vez de tomar logo uma decisão, qualquer que fosse ela, e em que hora fosse.

“Eu estava de pileque naquele dia”, lembra John. “Por isso, provavelmente, não me decidi logo.”

“Fiquei muito impressionado com o jeito de Paul tocar Twenty Flight Rock. Era evidente que ele sabia tocar guitarra. Pensei comigo mesmo: “ele é tão bom quanto eu. Agora, pensei, que acontecerá se eu o admitir no conjunto? Achei que teria de mantê-lo na linha se o deixasse entrar. Ele era bom, de modo que valia a pena tê-lo. Ele também parecia com o Elvis. Eu o manjava.”

Cerca de uma semana mais tarde, Paul foi na sua bicicleta à Menlove Avenue, para ver Ivan. No caminho, atravessou o campo de golfe de Allerton. Na volta, encontrou Pete Shotton. “Pete contou-me que estiveram falando a meu respeito. Será que eu queria entrar para o grupo deles? Achei a ideia ótima, estava resolvido.”



Paul aos sete anos de idade, em companhia de sua mãe e de seu irmão Michael

Sua primeira apresentação em público, como membro dos Quarrymen, foi numa festa no Conservative Club, em Broadway. Naquela tarde, Paul faria o seu pequeno solo, provavelmente em Twenty Flight Rock, mas aconteceu um contratempo, e êle acabou não o fazendo.

Após a festa, tocou para John umas duas músicas de sua autoria. Desde que começara a tocar guitarra, êle vinha tentando escrever algumas de suas próprias musiquinhas. A primeira música que tocou para John, naquela tarde, chamava-se I Lost My Little Girl. Para não ser superado, John logo começou a compor suas músicas. Durante algum tempo êle já vinha elaborando e adaptando as letras e músicas de outros caras, mas nunca havia escrito músicas originais até que Paul apareceu com as suas. Não que as músicas de Paul

valessem grande coisa, nem as de John. Elas eram muito simples e derivadas. Foi o fato de êles se unirem, estimulando-se simultâneamente, que os inspirou a escrever as músicas que iriam tocar. Daí em diante, não pararam mais.”

“A partir daí, tomei um rumo inteiramente nôvo”, declara Paul. “Depois que eu conheci John tudo mudou. Êle era um cara bacana de se conhecer. Apesar de êle ser dois anos mais velho do que eu, e eu ser apenas uma criança, nós pensávamos do mesmo modo.”



A família McCartney hoje em dia: Michael, Ângela (a madrasta de Paul) Paul e Jim McCartney (o pai de Paul)

O que aconteceu, nos meses seguintes, foi que Paul e John começaram a se conhecer melhor. Passavam todo o tempo juntos. Ambos matavam as aulas e iam para a casa de Paul, enquanto seu pai estava fora, trabalhando, comiam ovos fritos e praticavam acordes na guitarra. Paul mostrou a John todos os que conhecia. Os acordes de banjo de John, que Julia lhe ensinara, eram evidentemente inúteis. Como Paul é canhoto, depois de ter mostrado a John como executar os acordes, êsse ia para casa fazê-los em frente ao espelho, como Paul havia ensinado e dando a volta, para encontrar seu jeito.

Pete Shotton começou a sentir-se um pouco de fora. "Meus dias com o grupo logo terminaram", diz Pete. "Estávamos tocando numa festa, na Smithdown Lane. Era realmente uma droga, John e eu começamos a rir, rindo como loucos das piadas que contávamos. Então, êle quebrou minha tábua de lavar na minha cabeça. Eu fiquei lá, chorando, com ela a emoldurar meu pescoço. Não devia mais tocar no grupo. Além de não me sentir bem, eu não gostava de ficar em pé, isso me deixava muito embaraçado."

Já fazia muito tempo que Ivan Vaughan deixara o grupo, apesar de continuar amigo de John, em casa, e de Paul, na escola.

Paul começou a pensar mais na possibilidade de um outro grande amigo seu vir a juntar-se ao grupo. Havia pegado a mania de Elvis do skiffle e rock and roll e, por volta da mesma época, na guitarra, estava saindo-se melhor do que a maioria. Pensou em trazê-lo para ver John. Era mais mômço que Paul, mas achou que isso não importava, já que êle era tão bom.

Antes, quando êle fêz isso, Ivan Vaughan ficou chateado. Ivan tinha trazido Len Garry, e depois, Paul McCartney, do Institute, para conhecer John, achando que era sua prerrogativa trazer outros caras.

Êsse nôvo amigo não era tão mais jovem, e nem fazia questão de fingir ser um intelectual, como Paul fazia. George Harrison, êsse era seu nome, era um autêntico e consumado Teddy Boy. Ivan não entendia por que os Quarrymen estavam interessados nêle.

5. GEORGE

George Harrison é o único Beatle a sair de uma grande família e o único cujo ambiente familiar é normal e sem dramas. É o mais jovem dos quatro Beatles e o mais mômco dos quatro filhos de Harold e Louise Harrison. Nasceu no dia 25 de fevereiro de 1943, em Arnold Grove 12, Wavertree, em Liverpool.

A senhora Harrison é atarracada, alegre, muito amistosa e fácil de levar. O senhor Harrison é magro e pensativo, preciso e estudado. Êle saiu da escola aos quatorze anos e foi trabalhar numa firma que fabricava espremedores de roupa, daquela espécie usada pelas donas de casa. Recebia 7/6 por semana para levá-las num carrinho de mão e entregá-las na casa dos compradores.

Queria entrar para a Marinha, mas sua mãe não deixou. Seu pai havia sido morto em Mons, durante a Primeira Guerra Mundial, e êle acha que isso a deixou com tôda a responsabilidade. Contudo, permitiu-lhe que entrasse para a Marinha Mercante. Êle estêve no mar de 1926 a 1936, como comissário da White Star Line.

Conheceu sua espôsa Louise, em 1929. — “Não, deixo-me contar essa história” — interrompeu ela. — “É a coisa mais engraçada que já se ouviu: Eu um dia o havia encontrado e a alguns outros rapazes na rua. Um dos rapazes pediu-me o enderêço, pois estava indo para a África e pretendia mandar-me um vidro de perfume. Bem, pensei, um vidro de perfume vale a pena, mas Harold pegou meu enderêço e foi embora com êle.”

“A sua primeira carta causou um pandemônio. Tinha uma estrêla branca no envelope, portanto, eu sabia que era dêle. No dia em que ela chegou, um surdo-mudo estava na cozinha tomando um copo de água. Minha mãe sempre foi muito bondosa com todos.

“Lá em casa, naqueles dias, cartas eram coisas muito raras, pelo menos nós nunca as recebíamos. O tal surdo-mudo abaixouse e pegou minha carta, apesar de não saber ler. Eu podia ver que ela estava endereçada a Miss Louise French e tentei arrebatá-la das

mãos dêle. Porém, outra pessoa pegou-a. Ela passou de mão em mão até que eu a pudesse agarrar, com todos berrando e com todos aqueles beijos. Eu tive que passá-la a ferro antes de poder lê-la”.

Harold e Louise casaram-se no dia 20 de maio de 1930. Não na Igreja, mas no cartório de Brownlow Hill. Ela era católica, mas êle não.

O pai dela havia vindo de Wexford, na Irlanda, e originalmente pronunciou seu nome à maneira irlandesa, com dois “f”. Êle tinha mais de um metro e oitenta, e durante certo tempo foi porteiro na New Brighton Tower, e depois acendedor de lampiões.

“Quando êle estêve fora, durante a Primeira Guerra Mundial, mamãe também se tornou acendedora de lampiões. Um dia, estando ela em cima de um poste, alguém, acidentalmente, levou a escada. Ela ficou suspensa pelas mãos o quanto pôde, até que se deixou cair, finalmente. Estava grávida de oito meses. Apesar de tudo, o bebê nasceu lindo. Pesava nove libras.”

Harold e Louise mudaram-se para o n.º 12, da Arnold Grove Wavertree, após o casamento e moraram lá por dezoito anos. Era uma casa simples, com dois cômodos embaixo e dois em cima, e custava dez shillings de aluguel por semana. Ficava a poucas milhas de distância das áreas em que John Lennon e Paul McCartney viviam.

Harold estava na marinha e Louise trabalhava como ajudante de um quitandeiro, emprêgo que ela manteve até pouco antes do nascimento de sua primeira criança, Louise, em 1931. Seu segundo filho, Harold, nasceu em 1934. Pouco depois, seu marido resolveu deixar a Marinha Mercante. De qualquer forma, êle estava cheio e, acima de tudo, queria ficar junto de seus filhos.

“Nessa época, eu era comissário de primeira classe, recebendo sete libras e sete shillings por mês; dali eu tirava vinte e cinco shillings por semana para mandar à minha mulher. Nunca tinha dinheiro suficiente, nem mesmo quando recebia boas gorjetas a bordo. Fiz muitos cruzeiros, e nós chamávamos de good bloods as pessoas endinheiradas e que davam boas gorjetas. No meu tempo vago eu

cortava o cabelo dos passageiros. Estava tentando economizar, para poder largar a marinha e procurar outro emprêgo em terra.”

“Costumava escrever para casa, dizendo como era dura a vida de bordo”, conta Mrs. Harrison. “Tirava as calças de noite, pendurava-as pelo vinco, e, antes que elas parassem de balançar, já estava novamente dentro delas.”

Harold desembarcou em 1936. Havia uma crise. Ficou no auxílio-desemprego, durante quinze meses. “Com dois filhos, êles me pagavam vinte e três shillings por semana. Dali, eu tinha que tirar dez shillings para o aluguel, pagar o carvão e alimentar a família.”

Em 1937, conseguiu arranjar um emprêgo como condutor de ônibus, e, no ano seguinte, tornou-se motorista. Em 1940, nasceu seu terceiro filho, Peter, e, em 1944, veio George, sua quarta criança e terceiro menino.

“Subi as escadas para vê-lo, naquele primeiro dia”, diz Mr. Harrison. “Eu não cabia em mim. Lá estava êle, uma versão minha, em miniatura. Oh não, pensei. Nós não podíamos ser tão parecidos”.

“George foi sempre muito independente”, declara a senhora Harrison. “Êle nunca queria ajuda de qualquer espécie. Quando nós o mandávamos ao açougue dávamos-lhe um bilhete mas êle o jogava fora, logo que saía de casa. Mrs. Quirk, a açougueira, costumava ver sua carinha chegando perto do balcão e já sabia quem era. — “Você não tem um bilhete?” — perguntava ela. — “Não preciso” — George respondia. — “Três quartos da melhor lingüiça de porco, por favor”. — “Êle não tinha mais do que dois anos e meio, quando fazia isso. Todos os vizinhos o conheciam.”

Tiveram muitos problemas, para colocar George na escola primária. Os piores anos de afluência estavam começando. Tôdas as escolas estavam cheias. “Tentei uma escola católica romana. Pois, havia sido batizado como católico. Lá, disseram que eu teria de mantê-lo em casa até aos seis anos, quando, então, poderiam encarregar-se dêle. Entretanto, êle era tão inteligente e vivo, que resolvi colocá-lo numa escola pública.”

Era a Dovedale Primary. A mesma escola que John freqüentava. Êle era dois anos e meio mais velho, e estava três anos mais adiantado que George. Êles nunca se encontraram. Peter Harrison, um dos irmãos de George, estava na mesma classe de John Lennon e Jimmy Tarbuck, o comediante de Liverpool.

“Levei-o para a escola no primeiro dia, do outro lado de Penny Lane”, diz Mrs. Harrison. “Desde o comêço, êle queria ficar até à hora do jantar. No dia seguinte, quando eu estava tirando meu casaco do cabide, êle disse: — “Oh não, eu não quero que você me leve.” — Então perguntei: — “Por que não?” — Êle respondeu: — “Eu não quero que você seja uma daquelas mães intrometidas, que ficam conversando no portão.” — Sempre foi contra mães intrometidas. Êle costumava odiar todos os vizinhos que ficavam fazendo mexericos.”

A primeira lembrança de George foi a de comprar galinhas vivas por seis pence, juntamente com seus irmãos Harold e Peter, e trazê-las para casa. “A minha e a de Harold morreram, mas a de Peter foi criada no quintal e cresceu. Era enorme e feroz. As pessoas tinham tanto mêdo dela, que nunca entravam em nossa casa pela porta dos fundos. Nós a comemos no Natal. Um cara foi lá em casa e estrangulou-a para nós. Eu me lembro de como ela ficou depois do estrangulamento.”

George tinha seis anos, quando se mudaram de Wavertree, para uma casa da prefeitura, em Speke. “Ela era muito bonita e moderna. Parecia-me fantástica, com dois cômodos em cima, dois embaixo e varanda. A gente podia ir do hall para a sala, dali para a cozinha, e de lá novamente para o hall, novamente voltar para a sala. No primeiro dia eu fiquei indo de um cômodo para outro.”

A casa era o número 25, do Upton Green, em Speke. Os pais de George haviam pedido uma casa da prefeitura dezoito anos antes, em 1930, quando Lou era um bebê.

“Era uma casa novinha em fôlha”, afirma Mrs. Harrison. “Mas eu a detestei a partir da hora em que nos mudamos. A gente tentava manter o jardim bonito mas as crianças estragavam-no todo. Roubavam as plantas, durante a noite. Ficava situada numa favela

recuperada, onde se misturavam os bons com os maus moradores, na esperança de que os bons melhorassem os ruins.”

“Depois de a gente ter feito o exame para bolsa de estudos”, diz George, “o professor nos perguntou quem julgava ter passado. Só um cara levantou a mão. Era um cara gordinho que cheirava mal. Na verdade foi muito triste. Êle acabou sendo o único que não passou.”

“Garotos malcheirosos como aquêles eram os que serviam para o professor fazer a gente sentar do lado dêles como castigo. Com isso, os garotos asseados depois apanhavam. Todos os professôres são assim. E quanto mais errados êles são, mais fàcilmente transmitem seus erros às crianças. São todos uns ignorantes. Sempre achei isso. Contudo, pelo fato de êles serem velhos e de cabelos brancos a gente supunha acreditar que êles não eram ignorantes e estúpidos.”

George entrou para o Liverpool Institute, em 1954. Paul McCartney já estava lá, um ano na frente. John cursava seu quarto ano na Quarry Bank High School.

“Foi triste deixar Dovedale. O diretor, Pop Evans, disse-nos que nós, agora, nos considerávamos meninos crescidos e inteligentes, mas que na escola seguinte seríamos de nôvo os meninos menores. Parecia que tínhamos desperdiçado o tempo, depois de todo aquêles esforço para nos tornarmos uns caras crescidos.

“No primeiro dia no Institute, Tony Workman saiu detrás de uma porta e, pulando nas minhas costas, perguntou: “Você quer brigar, ó, cara?”

George sentiu-se perdido durante algum tempo, mas tentou reagir, ajustando-se e fazendo seus deveres, para, afinal, desinteressar-se, completamente, pela escola. “Eu detestava fazer ditado. Algum macaco esquizofrênico, recém-saído de uma escola de professôres, vinha ler alto as anotações que a gente era obrigado a fazer. De qualquer forma, depois de fazer as anotações eu não conseguia lê-las. Êles nunca me enganaram. Inúteis, todos êles.”

“Isso acontece, quando as coisas começam a dar errado, quando a gente se está desenvolvendo normalmente, e êles começam a tentar

forçar a gente a ser parte da sociedade. Ficam tentando mudar o pensamento puro de criança, forçando apresentar o quadro de suas ilusões para a gente. Tudo isso me aborrecia. Eu estava lutando para ser eu mesmo. E êles estavam procurando transformar todo mundo em grupos de pequenos idiotas.”

No Institute, George ficou conhecido, desde logo, como um cara que se vestia diferente, Michael McCartney, irmão de Paul, estava um ano atrás dêle e se lembra de que George sempre teve o cabelo comprido, anos antes que os outros camaradas começassem a usá-lo daquele jeito.

A rebelião de John Lennon tomou a forma de brigas e provocação de problemas. George fêz a sua pelo vestuário, que chateava os professôres, do mesmo jeito.

Uma das razões de George ter o cabelo comprido era o fato de êle sempre detestar cortá-lo. Para economizar, seu pai continuou a cortar o cabelo da família, como fazia na marinha. Mas nesta época, as tesouras estavam velhas e cegas. — “Elas costumavam machucá-los —”, diz Mrs. Harrison — e êles odiavam isso”. — “Sim, talvez elas estivessem um pouco cegas —”, concorda Mr. Harrison. — “Cegas? Você está brincando...” —, responde sua espôsa.

“George costumava ir para a escola com o boné do uniforme espetado no alto dos cabelos”, lembra Mrs. Harrison. “E calças muito apertadas. Sem que eu soubesse, êle as passava na minha máquina de costura para torná-las ainda mais apertadas. Uma vez, comprei-lhe umas calças novas e a primeira coisa que fêz foi apertá-las. Quando seu pai descobriu, mandou que êle as desapertasse imediatamente. “Não posso”, foi a resposta, “eu cortei fora os pedaços que estavam sobrando”. Êle sempre tinha uma resposta a dar. Uma ocasião, êle foi à escola com um colete amarelo por baixo do casaco. O colête pertencia a seu irmão Harry, mas George achava que com êle ficava o máximo.”

“Usar roupas em côres berrantes, ou, pelo menos, tentar ser um pouco diferente, porque eu era um pronto, isso fazia parte da minha rebelião. Jamais dei importância à autoridade. Êles não podem ensinar experiência, a gente tem que chegar a ela, pelas tentativas e

pelos erros. Você tem que aprender por si mesmo e não deve fazer certas coisas. Eu sempre consegui manter um pouco de individualidade. Não sei o que me impedia de fazer isso, mas funcionava. Nunca me pegaram. Por isso, fico satisfeito quando olho para trás.”

Nos três primeiros anos, êle estava sempre metido em confusões. “Harrison, Kelly e Workman, levantem-se e saiam”, era o que eu costumava ouvir nas aulas. Quando não era isso, mandavam-me ficar de pé no canto dos ruminantes.”

Quando apareceu a moda dos sapatos de lona, George tinha um par monstruoso, em suede azul. “Um dos professôres, Cissy Smith, fêz-me uma preleção por causa dêles. Nós o chamávamos de Cissy, porque êle estava sempre bem-vestidinho. Êle disse: — “Êstes não são sapatos escolares, Harrison”. Ia perguntar-lhe o que eram sapatos escolares, mas não perguntei.”

O verdadeiro nome de Cissy Smith era Alfred Smith, irmão do tio George, de John Lennon. “Por muitos anos ignorei isso. Tive um ataque de riso quando John me contou.” Lá pelo seu quarto ano no Institute, êle começou a ficar de fora das confusões. “Aprendi que era melhor manter a calma e fechar a bôca. Eu tinha um acôrdo mútuo com alguns professôres. Êles me deixavam dormir no fundo da sala, e eu não causava nenhum problema. Se o dia estava bonito e ensolarado, era difícil manter-me acordado, com um cara velho matraqueando. Freqüentemente, acordava quinze para as cinco e descobria que todos já tinham ido para casa, havia muito tempo.”

Harry, o irmão mais velho de George, por esta época, já havia terminado o curso e se tornara aprendiz de montador. Lou, sua irmã,, estava numa escola de treinamento, e Peter, em vésperas de começar a trabalhar como estampador.

Harold, seu pai, ainda era motorista de ônibus e, sobretudo, tornara-se um eficiente membro do sindicato. Começou a passar muito tempo em Finch Lane, o centro social para condutores e motoristas. Pelos anos cinqüenta êle era o mestre-de-cerimônias na maioria das festas de sábado à noite, apresentando os convidados.

“Um dos primeiros comediantes que nós lançamos foi Ken Dodd. Nós o havíamos visto no clube bebendo, e sabíamos que êle era muito engraçado, mas sempre ficava nervoso quando estava na hora de subir ao palco. Acabou indo. Fêz seu número, A estrada para Mandalay, de calções e com um daqueles capacetes de ponta. Foi da gente rolar de rir. Acho que êle agora não tem metade da graça que então possuía.”

Harold Harrison estava satisfeito com o fato de George estar finalmente parecendo agüentar-se na escola. Foi o único dos seus três filhos a entrar para a escola secundária, e êle queria que George se saísse bem. Como um trabalhador e metucioso membro do sindicato, êle desejava ter tido as oportunidades que se ofereciam a George.

Êle via a educação, da mesma forma que a tia Mimi de John e o pai de Paul, Jim, como o único caminho não só para o progresso individual, mas também para o sucesso e a respeitabilidade do mundo.

Um emprêgo bom e seguro é o que a maioria dos pais deseja para seus filhos, especialmente as pessoas da geração de Harold Harrison. Êle havia passado pela pior da depressão na década de trinta, tendo ficado desempregado, durante anos, e obrigado a sustentar a família nessa época tendo apenas o magro auxílio-desemprêgo.

O individualismo de George e sua rebelião contra a autoridade não parecem ter vindo de seu pai. O duro comêço de vida de seu pai levou-o à necessidade de segurança. Sua mãe foi sempre uma aliada. Ela queria que seus filhos fôssem felizes. Não importava muito quais fôssem os seus interêsses, desde que êles gostassem.

Mesmo quando George se tornou interessado em alguma coisa nitidamente despropositada, um passatempo com o qual ninguém poderia ter lucro, que, evidentemente, não leva à segurança e à respeitabilidade, mesmo assim sua mãe o encorajou.

A senhora Harrison não é sòmente alegre e fácil de levar. Com o seu jeitinho próprio, diferente dos outros pais dos Beatles, ela é uma das

apaixonadas da natureza.

6. GEORGE E OS "QUARRYMEN"

A senhora Harrison sempre foi interessada em música e danças. Juntamente com seu marido, ela dirigiu uma classe de danças — especialmente danças de salão — no clube de condutores e motoristas, em Finch Lane, por quase dez anos.

Quando criança, George não mostrou qualquer interêsse pela música, como seus pais podem se lembrar. "Mas êle nos distraía quando pedíamos", afirma Mrs. Harrison. "Êle se abaixava atrás de uma cadeira e fazia teatrinho de marionetes."

Foi só quando estava por perto dos quatorze anos que George, repentinamente, passou a chegar a casa e cobria todos os pedaços de papel com desenhos de guitarras. "Um dia êle me disse: — "Tem um garôto na escola que comprou uma guitarra por cinco libras, e me vende por três, será que você pode comprá-la para mim?" Eu disse que estava bem, já que êle a desejava tanto. Nessa época, eu tinha um empreguinho. Voltara a trabalhar na quitanda, o emprêgo que tive antes de casar."

A primeira pessoa a causar alguma impressão musical em George foi Lonnie Donegan. "Eu já havia conhecido cantores populares antes dêle, como Frankie Laine e Johnnie Ray, e, na verdade, não me tinha interessado muito por êles. Acho que pensei não ter idade suficiente para gostar dêles. Mas Lonnie Donegan e o skiffle pareciam estar sob medida para mim."

Sua primeira guitarra, a que sua mãe comprou por três libras, ficou esquecida no armário, por uns três meses. "Tinha um parafuso segurando o braço dela do resto do corpo. Tentando tocar, tirei o parafuso e não consegui repô-lo no lugar. Então, guardei-a no armário. Outra ocasião, lembrei-me dela e pedi a Pete para consertá-la".

"George tentou aprender sòzinho", diz Mrs. Harrison. "Mas nada conseguia. — "Eu nunca vou aprender êsse negócio" — êle costumava dizer."

“E eu respondia: — “Vai sim, meu filho, vai sim. É só continuar tentando.” Êle ficava tentando, até seus dedos sangrarem.”

“Às vêzes, a gente ficava acordada até às duas ou três da manhã. Cada vez que êle dizia: — “Eu nunca vou conseguir”, eu respondia: — “Vai sim, vai sim”.

“Realmente, não sei por que eu o encorajava tanto. Êle queria aprender a tocar e eu acho que isso me bastava. Creio que no meu íntimo lembrava-me de tudo que queria fazer, quando menina, mas nunca me haviam encorajado”.

“De forma que, quando chegou a vez de George, eu o ajudava em tudo que podia. Eventualmente, êle estava bem adiante de qualquer modo que eu pudesse compreender. “Você não entende de guitarra, não é, mamãe?” — êle me perguntou uma vez. Eu disse que não, mas que se êle continuasse tentando, acabaria aprendendo. Continue. Êle disse que não, que não queria dizer isso. Precisava de uma guitarra nova, uma guitarra melhor. Que era o mesmo que tocar gaita. Há certas notas que não se conseguem simplesmente porque a gaita não é muito boa. Chegou ao ponto que queria chegar sôbre sua guitarra de três libras.”

“Então, eu disse que estava bem, e iria ajudá-lo a comprar uma nova. Custou trinta libras. Era elétrica ou coisa que o valha.” “Peter também tivera a mania da guitarra. Recordo-me que, realmente, êle teve uma primeiro. Estava tôda quebrada, e êle a comprara por cinco shillings. Colou-a, colocou as cordas, e ela ficou muito boa”.

“Mamãe me encorajou muito”, diz George, “talvez mais do que todos, porque nunca desanimou de fazer o que eu queria. Isso era o que eu mais apreciava, tanto no papai como nela. Se você diz às crianças para não fazerem uma coisa, elas acabam fazendo de qualquer jeito. Êles me deixavam ficar fora a noite tôda, quando eu queria e beber alguma coisa se me desse vontade. Para mim, já tinha passado o tempo daquela história de ficar fora de casa a beber, quando todos os outros começaram. É provável que, por isso, hoje em dia eu não gosto de bebidas alcoólicas. Já tinha bebido às pampas, quando tinha dez anos.”

“Um dia, George chegou a casa e disse que havia conseguido uma audição no British Legion Club, em Speke”, diz Mrs. Harrison. “Eu disse que êle devia estar maluco. Pois, não tinha nem mesmo um conjunto. Êle disse que não me preocupasse, êle arranjará um.”

Conseguiu um conjunto para a sua grande noite, na British Legion. Botou seu irmão Pete numa guitarra, seu amigo Arthur Kelly em outra e arranjou mais dois, um para tocar caixa de chá e outro gaita. Êle também ficou na guitarra. Todos êles saíram de casa, um a um, mergulhando por trás da cêrca. George não queria que todos aquêles vizinhos bisbilhoteiros soubessem o que estavam fazendo.

Chegaram ao clube e descobriram que os músicos de verdade não tinham aparecido. Tiveram que ir em frente e tocar a noite tôda.

“Êles estavam muito excitados quando chegaram a casa, todos gritando ao mesmo tempo”, lembra Mrs. Harrison, “eu não consegui saber logo o que havia acontecido. Então, mostraram-me os dez shillings que cada um havia ganho, era a sua primeira apresentação profissional. O pobre menino que tocava caixa de chá estava com uma aparência terrível. Seus dedos estavam sangrando de tanto tocar e êle estava todo sujo de sangue. Naquela noite, êles haviam chamado o conjunto de The Rebels e tinham êsse nome pintado em vermelho.”

George não tocou num grupo direito, apesar de ter tocado por uma noite em outros conjuntos, até que entrou para os Quarrymen, levado por Paul.

Êle conversou com Paul, pela primeira vez, pouco depois de ter entrado para o Institute. Costumavam encontrar-se no ônibus em que viajavam. George ainda se recorda do dia em que sua mãe pagou a passagem de Paul e a dêle. Quando chegou a fase do skiffle, ambos já possuíam guitarra, e tornaram-se grandes amigos.

“Paul, certa vez, veio a minha casa a fim de dar uma olhada no manual de guitarra que eu tinha, e que de nada me adiantava. Êle ainda estava no armário. Aprendemos alguns acordes com o manual e conseguimos tocar Don’t you Rock Me Daddy O, com dois acordes. Costumávamos tocar só, por conta própria, desligados de qualquer

grupo, apenas um ouvindo o outro e copiando alguma coisa de outro cara qualquer, que tocasse melhor que nós.”

Começaram a passar juntos a maior parte do tempo vago, mesmo durante as férias. Isso começou muito antes de Paul conhecer John e os Quarrymen.

Parece que Paul estêve no grupo pelo menos um ano antes que George entrasse para o conjunto, provàvelmente não antes do comêço de 1958. Ninguém se recorda da data exata, mas a entrada de George não foi imediata. Apesar de tudo, era muito jovem, mesmo depois de estar progredindo na guitarra e receber numerosos convites para tocar.

“Vi os Quarrymen, pela primeira vez, quando êles estavam tocando no Wilson Hall, em Garston. Paul tocava com êles e disse que eu deveria ir vê-los. De fato, eu teria ido de qualquer jeito, apenas para sair de noite e ver se conseguia entrar em algum grupo. Conhecendo Paul, fui apresentado a John.”

“Havia um guitarrista em outro grupo, naquela noite, Eddie Clayton. Era formidável. John disse que se eu tocasse como aquêle cara, poderia entrar para o conjunto. Toquei Raunchy para êles e John disse que eu podia entrar para o grupo. Às vêzes, estávamos indo para algum lugar na parte de cima do ônibus, levando nossas guitarras, e John gritava: — “Toque o Raunchy pra gente, George.”

“George nunca achava que estava bom”, conta a senhora Harrison. “Sempre me dizia isso, falando-me sôbre todos os caras, que eram muito melhores do que êle. Eu o animava dizendo que ficaria cada vez melhor se não desistisse.”

John lembra-se de que a idade de George motivou a demora de sua admissão no conjunto.

“Era demais, demais mesmo. George era muito nôvo. No princípio, eu não queria saber. Já fazia entregas e, no entanto, ainda parecia um garôto. Uma vez, apareceu convidando-me para ir ao cinema, mas eu fingi que estava ocupado. Não fui muito com êle, à primeira vista, até que passei a conhecê-lo melhor.”

“Mimi costumava dizer que êle tinha uma voz da baixa Liverpool. Ela dizia: — “Você parece ter uma preferência pelos caras das classes mais baixas, não é mesmo, John?”.

“Convidamo-lo a entrar para o grupo, porque êle sabia muitos acordes, muito mais do que a gente. Por isso pegamos muita coisa com êle. Tôda vez que aprendíamos um nôvo acorde, logo escrevíamos uma música baseada nêle.”

“Costumávamos matar aula, e ir passar a tarde na casa de George. Êle parecia ainda mais môço do que Paul, que aparentava ter dez anos, com aquela sua cara de bebê.”

George diz que êle provàvelmente, e de propósito, ficava mais perto de John. Nesta época John estava em véspera de começar o Art College, mas sempre se mostrava agressivo e com pinta de operário, apesar de todos os esforços educativos de Mimi.

“Estava muito impressionado com John”, conta George. “Talvez mais do que Paul, ou pelo menos era o que eu demonstrava. Adorava as blue jeans, camisa lilás e costeletas de John. Acho que estava muito impressionado com todos os caras do Art College. John era muito sarcástico, sempre tentando derrubar a gente, mas eu não notava e dava-lhe logo o trôco, e isso funcionava.”

“Conhecer Paul foi como duas pessoas se conhecendo”, diz John. “Não se apaixonando, nem nada. Apenas nós, e o negócio foi em frente. Funcionou. Agora, éramos três e pensávamos do mesmo modo.”

Havia outros membros dos Quarrymen que vinham e iam embora, ou porque não agüentavam a língua de John, ou se chateavam. Êles precisavam de outros caras, quando arranjavam seus compromissos ocasionais, pois três guitarras não constituíam um conjunto, mesmo naqueles dias. Precisavam, urgentemente, de um baterista, mas nenhum dos que apareciam, por pior que fôsse, acabava ficando.

Estavam saindo da era do skiffle como um conjunto. Caixas de chá e tábuas de esfregar roupa denotavam amadorismo demais. Em todo caso, todos preferiam o rock and roll, e o Elvis em particular, e êsse era o estilo que êles estavam tentando copiar, ouvindo os novos

discos no rádio e procuravam reproduzir os mesmos acordes e sons em casa.

John, como líder, buscava arranjar compromissos com todos os pequenos empresários que estavam faturando bem, com a mania dos grupos. Entretanto, estava muito difícil conseguir contratos constantes. Havia vários grupos, e a maioria deles era muito melhor que os Quarrymen.

Agora tinham duas casas para ir — a de George, e isso, sempre que tinham vontade, e a de Paul, principalmente quando o pai dele estava fora — onde eles podiam praticar, escrever música, desenhar ou ficar fazendo hora. É claro que Mimi não iria deixar que uns Teddy Boys de um grupo de rock and roll fôssem ficar fazendo hora em sua casa.

“Paul costumava chegar pela porta da frente”, conta Mimi. “Encostava a bicicleta na grade e me olhava com aqueles olhos de ovelha, dizendo: — “Hello, Mimi. Posso entrar?” — “Não, não pode” — respondia eu.”

Ela não demonstrou muito entusiasmo com George, quando ouviu falar sobre ele, pela primeira vez.

“Freqüentemente, John falava sobre ele, que era um cara muito simpático e que eu iria gostar dele. Esforçava-se muito para me impressionar a respeito de George.”

“Afim, um dia, disse-lhe que podia trazê-lo. Ele veio com um cabelo cortado à escovinha e uma camisa côr-de-rosa. Bem, não adiantou nada. Eu podia ser chamada de antiquada, mas admitir meninos de escola vestindo-se daquele jeito!... Até John fazer dezesseis anos, sempre fiscalizei se ele usava o casaco e a camisa exigidos pela escola.”

John e Paul ensaiavam na casa de George, em Upton Green. Os Harrison, ao chegarem a casa, uma ocasião, encontraram-no vestido nas calças mais apertadas que já tinham visto.”

“Harold ficou quicando”, lembra Mrs. Harrison. “Quando ele viu aquelas calças, subiu pelas paredes. George disse que John lhas dera de presente. Então, ele começou a pular saracoteando pela

sala. — “Como é que eu vou poder fazer o meu ballet sem usar calças apertadas?” — perguntou e continuou a saracotear pela sala. Por fim tivemos de rir. George nunca foi insolente; por isso, sempre acabava conseguindo fazer o que queria.”

Na primeira vez que Mrs. Harrison viu John Lennon, ela estava na cozinha e George o trouxe a casa. — “Aqui está o John” — gritou George. — “Hello, Mrs. Harrison” — disse John adiantando-se para me apertar a mão. Não sei o que aconteceu depois. Só sei que êle caiu e eu também, por cima de mim, e nós dois fomos aterrar num sofá. Meu marido entrou naquele momento. Você precisava ter visto a cara dêle quando viu John em cima de mim! — “Que diabo está acontecendo aqui?” — E George respondeu: — “Está tudo bem, papai. É só o John”.

“John era um pouco acanhado, mas acho que êle nunca ficou tão sem graça — o mesmo aconteceu comigo.”

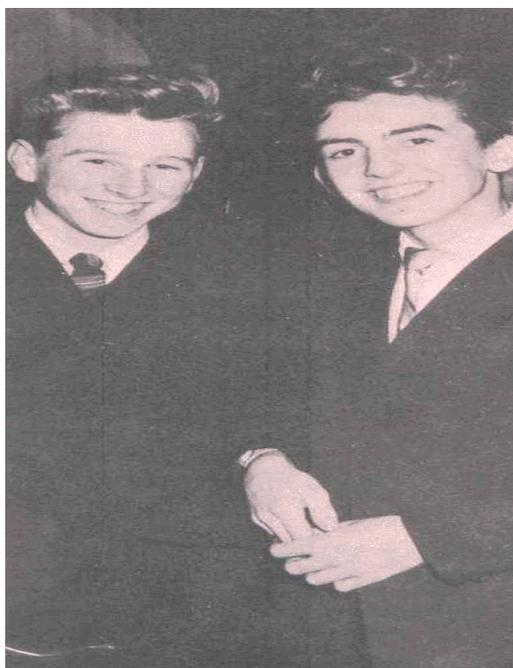
7. JOHN NO "ART COLLEGE"

John havia começado a estudar no Art College, no outono de 1957, aparecendo com calças mais apertadas e com casaco prêto mais comprido. O truque que empregava para passar daquele jeito, por Mimi, era vestir umas calças velhas e largas, por cima daquelas, e depois tirá-las no ponto de ônibus, quando já estava a certa distância segura de casa.

"Quando cheguei, todos no Art College pensavam que eu era um Ted. Então, tornei-me um pouco mais artista, como todos êles, e continuava vestindo-me como um Ted, de prêto com as calças bem apertadas. Arthur Ballard, um dos professôres, disse que eu devia alargá-las um pouco e não usá-las tão apertadas. Êle era um bom sujeito, e ajudou-me, quando os outros quiseram expulsar-me.

"Na verdade, eu não era um Ted, só um Rocker. Estava apenas fingindo sê-lo. Se eu encontrasse um Ted de fato, com as correntes, e um bando de verdade, teria me borrado todo.

"Adquiri mais confiança em mim e passei a ignorar Mimi. Saía de casa por muito tempo. Usava as roupas que queria. Eu sempre insistia com Paul para que ignorasse o velho dêle e usasse as roupas que bem entendesse.



George, aos quinze anos, em sua primeira festa



George, aos cinco anos



A família Harrison: George com oito anos, com seus pais, Harold e Louise Harrison a seu lado. Atrás, seus irmãos Harold e Peter

“Jamais gostei do trabalho. Na escola, teria sido um ilustrador, porque isso me parecia bacana. Mas foram botar-me na turma das letras. Eu não me ofereci para nada, por isso, me colocaram lá. Naquele troço, todos eram uns chatos. Bem que poderiam ter-me colocado na turma de mergulho, pelo papel que eu tinha na turma de letras. Levei bomba.

“Fui ficando, porque aquilo era melhor que trabalhar. Fiquei lá, em vez de ir trabalhar.

“Eu sempre senti que acabaria arranjando-me. Tinha alguns momentos de dúvida, mas sabia que no fim tudo ia dar certo. Quando Mimi jogava fora as coisas que eu havia escrito ou desenhado, eu costumava dizer: — “Você vai-se arrepender disso, no dia em que eu fôr famoso”. — E eu sabia o que estava dizendo.

“Na verdade, não sabia ainda o que desejava ser, a não ser acabar como um milionário excêntrico. Sonhava casar-me com uma milionária e, assim, resolver meus problemas.

“Eu tinha de ser milionário. Se não o conseguisse, sem falcatruas, eu me tornaria um patife. Estava bastante preparado para isso — pois, ninguém iria dar-me dinheiro pelas minhas pinturas. Contudo, era muito covarde para ser um patife. Acho que nunca chegaria a sê-lo. Para variar, planejei arrombar uma loja com um outro cara, fazer um bom trabalho! Costumávamos examinar as lojas durante a noite, mas nunca tivemos peito para assaltar.”

Julia, sua mãe, cuja companhia se tornou mais freqüente, aprovava a vida que êle estava levando. Agora, ela quase havia substituído Mimi na vida dêle. Êle confiava nela, porque falavam a mesma linguagem, tinham os mesmos gostos e os mesmos rancores.

“Estava passando aquêle fim-de-semana com Julia e Twitchy”, conta John. “O guarda chegou à porta, para avisar-nos do acidente. Foi como a gente imagina que essas coisas acontecem, como se vê no cinema. O guarda me perguntando se eu era filho dela e tôda aquela história. Então, êle nos contou o que tinha acontecido, e nós dois ficamos brancos de susto.

“Foi a pior coisa que já me aconteceu. Em pouco tempo, nós nos aproximamos muito, eu e Julia. Combinávamos maravilhosamente. Julia era genial.

“Depois pensei: danem-se, danem-se, danem-se. Que tudo se dane. Agora não tenho responsabilidade com ninguém.”

“Twitchy recebeu um golpe maior do que o meu. Depois êle perguntou: — “E agora quem é que vai cuidar das crianças?” — Então, o odiei! Maldito egoísmo!

“Tomamos um táxi para Sefton General, onde ela estava estirada morta. Eu não queria vê-la. Conversei nervosamente com o motorista do táxi, durante todo o percurso, falando sem nexos e sem parar, como acontece a todos nessas horas. O motorista só dava um grunhido de vez em quando. Recusei-me a ir lá vê-la. Mas Twitchy foi. E se arrasou.

Julia morreu no dia 15 de julho de 1958. O acidente ocorreu muito próximo à casa de Mimi.

“Costumava ir com ela até ao ponto do ônibus”, conta Mimi. “Mas naquela noite ela saiu cedo, mais ou menos vinte para as dez. Foi sòzinha. Um minuto mais tarde, ouvi um barulho terrível. Saí correndo e ela estava morta, atropelada por um carro do lado de fora da minha casa. Nunca mostrei a minha família o lugar exato. Todos êles passavam freqüentemente por ali e isso iria magoá-los muito.

“Para mim, Julia não morreu. Ela está viva como sempre. Eu nunca fui à sepultura dela, nem à de mamãe. Ambas estão vivas para mim. Eu as amava muito. Julia era uma pessoa adorável.”

A morte de Julia deve ter sido uma tragédia na vida de John. “Mas êle nunca o demonstrou”, diz Pete Shotton. “Era como quando os professôres lhe batiam. Seu exterior nunca revelava seus sentimentos.”

Todos os amigos de John souberam do atropelamento, rapidamente. Um outro amigo, Nigel Whalley, foi a última pessoa a falar com Julia, quando ela saiu da casa de Mimi para atravessar a rua em direção ao ponto do ônibus. Ainda havia trilhos de bonde no meio da Menlove, naquela ocasião.

“John nunca falou sôbre Julia, nem como se sentia”, diz Pete. “Mas foi à forra em cima das suas namoradas. Êle fazia um inferno para elas. Eu me lembro de uma delas gritando-lhe: — “Não me venha com essa só porque sua mãe morreu.”

A senhora Harrison, mãe de George, lembra-se do efeito que isso causou em John. Êles ainda estavam praticando muito na casa de George, a única casa na qual sempre encontravam hospitalidade e encorajamento.

“Numa noite, eu tinha dado a todos êles feijão e torradas. Foi uns meses antes da morte da mãe de John, e êle se aproximava dela cada vez mais. Escutei-o dizendo a Paul: — “Eu não sei como é que você pode sentar aqui e agir normalmente, com sua mãe morta. Se alguma coisa como essa acontecesse comigo eu ficaria maluco.

“Quando ela morreu êle não pareceu ficar maluco, mas não aparecia mais aqui. Obriguei George a ir procurá-lo, para certificar-se de que êle continuaria no conjunto e não ficaria chocando em casa.

“Todos êles passaram por muitas coisas naqueles dias, e êles se ajudavam reciprocamente. George estava aterrorizado, pensando que eu iria ser a próxima a morrer. Ficava a observarme cuidadosamente, durante todo o tempo. Acabei dizendo-lhe que deixasse de ser tão bôbo, que eu não ia morrer.”

A morte de Julia aproximou mais ainda John de Paul. Era uma coisa a mais que agora partilhavam juntos. Contudo, outros colegas no Art College dizem que a morte da mãe tornou-o ainda pior, menos interessado nos sentimentos das outras pessoas, mais cruel em seu humor.

Thelma Pickles foi uma de suas namoradas desta época, apesar de nada ter havido de sério, foi só mais uma pessoa a fazer parte de sua coleção. A maioria delas estava de certa forma admirada com êle, espantada pela sua atitude diante da vida, pois nunca antes havia encontrado uma personalidade como a dêle.

“John estava sempre duro. Era um vagabundo autêntico, tomando dinheiro emprestado de qualquer um e a tôda hora, fazendo com que as pessoas lhe comprassem coisas, ou filando cigarros. Ainda deve estar devendo muitas libras a muita gente, desde aquela época. Contudo, com uma espécie de personalidade magnética, sempre conseguia arrancar dinheiro das pessoas. Era abominável, e dizia coisas que muita gente teria mêdo de dizer. Chegava a ser cruel. Andando pela rua, costumava fazer caretas para pessoas idosas. E se via um aleijado ou deformado fazia observações em voz alta, como: — “Algumas pessoas fazem tudo para escapar do serviço militar”.”

“Gostava de fazer desenhos cruéis. Eu os achava maravilhosos. Fêz um de algumas mulheres arrulhando sôbre alguns bebês e perguntando se êles não eram lindos. Todos os bebês eram deformados, com caras terríveis. Positivamente, era muito cruel. No dia em que o Papa morreu, John fêz uma série de piadas sôbre êle, realmente medonhas. Fêz uma do Papa do lado de fora de umas

grandes colunas do céu, sacudindo o portão, tentando entrar. Embaixo, a legenda dizia: — “Mas eu sou o Papa, estou te avisando”.

“Era de um desrespeito total a tudo. Mas sempre tinha ouvintes em torno de si. Havia uma garôta que era maluca por êle. Costumava chorar por sua causa.

“Êle tinha complexo de seus óculos e não os usava nem mesmo para ir ao cinema. Fomos ver King Creole, um filme do Elvis, e mesmo assim êle não os colocou. Havia um grande anúncio sexy, de uns pares de meia e êle não conseguia vê-lo. Tive de dizer-lhe de que se tratava.

“Jamais levei sua música a sério. Êle dizia que havia escrito essa nova música e eu achava fantástico alguém escrever uma música, mas não conseguia saber para que servia. Sabia que era preciso um milagre para ir a alguma parte escrevendo música, então não via para que adiantava essa história.

“Eu sabia que êle poderia ser famoso em alguma coisa, mas não sabia em quê. Era muito diferente e original. Mas eu apenas não conseguia descobrir em que êle poderia se tornar famoso. Talvez como comediante, pensei.”

John concorda com a maioria das lembranças que Thelma tem dêle no Art College. Recorda-se de tudo vagamente, com pouca saudade ou prazer. O que passou, passou. “Eu era obrigado a fazer empréstimos ou extorquir, pois, naquela época, não tinha dinheiro.” Mimi conta que lhe dava trinta shillings de mesada por semana e não consegue compreender como êle gastava todo o dinheiro. “Eu costumava mendigar o tempo todo, geralmente entre gurias como a Thelma.

“Acho que tinha um humor perverso. Foi na escola que notei isso. Certa ocasião, voltávamos de uma conferência na escola e já tínhamos tomado algumas cervejas, e comecei a falar:

“Liverpool é uma cidade cheia de gente deformada, mais ou menos como Glasgow, caras de um metro de altura vendendo jornais, nessa base. Nunca havia reparado nêles antes, mas naquele dia, em todo o caminho de casa, êles pareciam estar desfilando. A coisa foi

ficando cada vez mais engraçada e eu não podia parar de rir. Acho que era uma forma de encobrir minhas emoções. Jamais feriria um aleijado. No entanto, essa era apenas parte de minhas brincadeiras, do meu jeito de vida.”

No Art College, duas pessoas entraram na vida de John. A primeira foi Stuart Sutcliffe. Êle estava no mesmo ano de John mas mostrava um talento genuíno de fino artista. Era magro e franzino, com pinta de artista e muito devotado, mas muito impetuoso e individualista, em seus pontos de vista. Êle e John tornaram-se amigos imediatamente. Stu admirava as roupas e a presença de John, a maneira como êle criava aquela atmosfera em sua volta com sua personalidade forte e dominante. John, por sua vez, admirava em Stu o talento para a arte, que era muito maior do que o seu, e, sobretudo, o grande conhecimento que êle tinha da arte.

Stu não sabia tocar nenhum instrumento e conhecia muito pouco da música popular, mas ficou completamente arrebatado quando ouviu John e seu grupo tocar no Art College, nas horas de almoço. Sempre estava dizendo o quanto êles tocavam bem, mesmo quando ninguém mais estava muito impressionado.

Parece que George e Paul tinham um pouco de ciúmes de Stu e de sua influência sôbre John, tanto que quem estivesse de lado poderia observar o quanto John admirava Stu. John chateava Stu o tempo todo e o magoava sempre que podia. Paul, seguindo o exemplo de John, também começou a chatear Stu, mesmo estando interessado em arte e, como John, aprendia com êle muitas idéias e modas novas.

A outra grande amizade de John, no Art College, foi Cynthia Powell, agora sua mulher.

“Cynthia era muito quieta”, diz Thelma. “Um tipo completamente diferente da gente. Ela vinha do outro lado da água, da parte elegante, de uma área da classe média. Usava duas trancinhas. Era muito bonita, mas não achava que ela servisse para John. Êle costumava dissertar sôbre ela, dizendo-nos o quão maravilhosa ela era. Só eu não percebia.”

“Deixei a escola por um ano, e, quando estava fora, ouvi dizer que os dois estavam firmes. Pensei que aquilo iria civilizá-lo, acalmá-lo um pouco, mas nada disso aconteceu.”

Cynthia Powell era do mesmo ano que John, desde o início e na mesma sala de letras. Mas levou bem mais de um ano para que um percebesse a existência do outro. Os dois se moviam em círculos inteiramente diferentes, ela a menina da classe média bastante tímida, êle o barulhento Teddy Boy de Liverpool.”

“Achava-o horrível. Minha primeira recordação de olhá-lo com atenção foi numa conferência no teatro, quando vi Helen Anderson sentada atrás dêle, penteando-lhe o cabelo. Isso despertou alguma coisa em mim. Acho que primeiro foi desgosto. Então percebi que era ciúme. Mas nunca havia tido contato com êle, a não ser quando êle me roubava coisas, como réguas e pincéis.

“Êle tinha uma aparência horrível naqueles dias. Usava um sobretudo comprido de tweed, que pertencera ao seu tio George e o cabelo cheio de brilhantina e penteado para trás. Não o achava nem um pouco bacana. Contudo, eu não tinha oportunidade de conhecê-lo. Eu não era do seu grupo. Eu era muito respeitável, ou pensava que fôsse.”

“Ela era o tipo do pigmeu de Hoylake”, diz John. “Muito esnobenta. A gente costumava fazer piadas e gozá-la, eu e meu colega Jeffe Mohamed. — “Silêncio por favor” — a gente gritava. — “Nada de piadas sujas. É a Cynthia.”

Conversaram direito, pela primeira vez, na aula de letras. “Descobrimos que ambos éramos um pouco míopes. Conversamos sôbre isso. John não se lembra de nada. Muito desanimador. Mas eu me lembro. Depois disso, comecei a chegar cedo para poder sentar junto dêle. Costumava fazer hora, depois das aulas, esperando dar de cara com êle.

“Não progredi muito. Era só uma coisa que eu sentia e John não sabia. Não deixava perceber que estava dando em cima dêle. Não podia fazer isso. E penso que, mesmo agora, êle não sabe o quanto

eu ficava fazendo hora, à espera de uma oportunidade de encontrá-lo.”

Os dois se encontraram, de fato, no Natal de seu segundo ano no Art College, em 1958.

“Tínhamos uma festa”, diz John. “Estava meio alto e convidei-a para dançar. Jeff Mohamed tinha estado me gozando, dizendo: — “Cynthia gosta de você, você sabe disso.

“Enquanto dançávamos, convidei-a para ir a uma festa, no dia seguinte. Ela disse que não podia. Tinha compromisso.

“Eu tinha”, diz Cynthia. “Bem, quase. Eu estava saindo com o mesmo rapaz, havia três anos, e estava quase para ficar noiva. John ficou aborrecido quando eu disse não. Então êle me convidou para depois da festa ir tomar qualquer coisa no Crack. Primeiro eu disse que não, depois acabei indo. Na verdade, durante todo o tempo eu estava querendo ir.”

“Eu estava triunfante”, conta John, “com o fato de ter pegado Cynthia. Tomamos um drink lá no Crack e depois fomos para o apartamento de Stu, tendo comprado peixe e batata frita no caminho.”

Depois disso, êles passaram a sair tôdas as noites, e geralmente de tarde também, indo ao cinema em vez de assistirem às aulas.

“Eu estava amedrontada com êle. Êle era muito rude. Não dava o braço a torcer. Brigávamos o tempo todo. Eu sabia que, se cedesse naquela época, seria o fim. Na verdade, êle estava só me testando. Não falo sexualmente, mas apenas para ver se podia confiar em mim, para provar a si que podia.

“Eu estava apenas histérico”, diz John. “Era êste o problema. Tinha ciúmes de qualquer pessoa com quem ela tivesse tido qualquer coisa. Exigia absoluta confiança dela, só porque eu mesmo não merecia confiança. Eu estava neurótico, colocando tôdas as minhas frustrações em cima dela.

“Uma vez, ela me deixou. Foi terrível.

“Eu já tinha agüentado demais”, diz Cynthia. “Êle já estava dando nos meus nervos. Êle apenas saiu e beijou outra garôta.” “Mas eu não podia suportar a idéia de ficar sem ela. Então, telefonei-lhe.”

“Estava sentada, perto do telefone, esperando por êle.”

Cynthia não estava com pressa de apresentar John a sua mãe. Ela queria prepará-la para o choque. “Êle nunca era supereducado e sua aparência era tão ruim. Minha mãe manteve a calma. Ela foi realmente boa, apesar de ter certeza de que ela estava desejando que êle desaparecesse. Mas ela nunca tentou interromper nosso namôro.

“Os professôres me preveniram, pelo fato de estar saindo com êle, que meu trabalho estava começando a piorar. Meu trabalho acabou indo às favas, e os professôres estavam sempre em cima de mim. Molly, a mulher que fazia a limpeza, um dia pegou John me batendo de verdade. Disse-me que era uma bêsta em me meter com um cara como aquêle.”

“Fiquei com uma raiva danada, durante dois anos”, diz John. “Ou eu estava bêbado, ou brigando. Tinha sido a mesma coisa com as outras namoradas que eu tivera. Havia alguma coisa errada comigo.”

“Eu só ficava esperando que êle superasse isso, mas ficava imaginando se poderia agüentar, até que êle se encontrasse. Culpava o ambiente em que êle fôra criado, seu lar, Mimi e a escola. A escola não era o lugar para êle. As instituições não foram feitas para John.”

8.DOS "QUARRYMEN" AOS "MOONDOGS"

No fim de 1959, o nome de Quarrymen havia desaparecido. Paul e George estavam no Institute, não tendo qualquer ligação com a Quarry Bank High School, ao passo que John estava no Art College. Quando deixou de ser os Quarrymen o conjunto teve vários nomes, sucessivamente e inventados na hora. Uma noite êle se chamou The Raimbows (O arco-íris) porque cada um dos membros apresentou-se com camisas de côres diferentes.

George recorda-se de que progredira muito na guitarra e que, apesar de ter ingressado no grupo por mais de um ano, êste não tinha feito progresso real.

"Nem mesmo consigo lembrar se recebi algum pagamento no primeiro ano que passei com êles. Tocávamos principalmente nas festas de colegas. Levávamos nossas guitarras e éramos convidados a entrar. Ou ganhávamos refrigerantes ou pratos de comida, e isso era tudo.

"As únicas vêzes em que vimos o dinheiro de verdade foi quando passamos a entrar nas competições de skiffle. Passávamos pelos primeiros turnos, indo em frente e tentando ganhar alguma coisa. Nunca se recebia pagamento por ter entrado, mas por ter vencido, porém os turnos se sucediam indefinidamente. É claro que era um negócio muito idiota, não tendo baterista e sim cêrca de dezoito guitarristas.

Mrs. Harrison mostrava-se entusiasmada com George e seu grupo, contudo Mr. Harrison estava muito aborrecido. Pois perdera a batalha contra as roupas e cabelos compridos de George, e, sobretudo, porque sua mulher ficava do lado do filho. "Mas o cabelo é dêle!", eu costumava dizer. "Por que alguém se acha no direito de dar palpites sôbre o que você deve fazer com aquilo que é seu?"

"Eu queria que êle se dedicasse aos estudos e conseguisse um bom emprêgo", afirma Mr. Harrison. "Fiquei bem contrariado quando vi como era fanático pelo grupo. Eu sabia que uma pessoa precisava

ser muito boa no show business para chegar lá em cima, e muito melhor ainda, para ficar lá. Não percebia como é que eles conseguiriam atingir alguma parte. Os outros dois filhos estavam bem empregados, Harry como ajustador e Peter como estofador. Eu queria que George também vencesse.

“No entanto, ele disse que queria deixar a escola. Não almejava ser nenhuma espécie de empurrador de caneta. Queria trabalhar com suas mãos. Decidiu isso com a mãe, sem que eu soubesse. Saiu e nem foi buscar seu certificado escolar.”

Começou a trabalhar, no verão de 1959. Contava dezesseis anos.

“Tornou-se óbvio que eu não conseguiria nenhuma qualificação. O máximo que eu atingiria, assim mesmo fazendo muita força, seria dois níveis O. No entanto, mesmo para limpar fossas são precisos dois níveis O. De forma que nada adiantaria.

“Até ao fim do período, matava as aulas freqüentemente, a fim de estar com John no Art College. Paul e eu costumávamos ficar lá muito tempo.

“Não consegui arranjar emprêgo, durante muito tempo, depois que deixei a escola. Não tinha uma pista. Papai andava entusiasmado com aquele negócio de aprendizado; então tentei o exame de aprendiz na Liverpool Corporation, mas levei bomba. Foi quando o Youth Employment Officer me apareceu com um emprêgo de vitrinista na Blacklers, a grande loja de departamentos. Fui lá, mas o lugar já estava tomado. Então eles me ofereceram um lugar de aprendiz de eletricista.

“Gostei daquilo. Era melhor do que a escola. E com o advento do inverno, era bom estar numa grande loja aquecida. Nós costumávamos jogar dardos, durante muito tempo.

“Nessa época, surgiu-me a idéia de emigrar para a Austrália. Pelo menos, tentei convencer o velho para que todos nós fôssemos, pois eu era muito jovem. Depois, pensei em Malta, que eu havia visto em alguns prospectos de agências de viagens. A seguir, pensei no Canadá. Arranjei os papéis para preencher, mas descobri que meus

pais teriam de assinar por mim, e, então, deixei de lado essa idéia. Eu sentia que alguma coisa acabaria aparecendo.”

Na casa dos McCartneys, Jim lutava para manter dois adolescentes na linha. Para grande prazer do pai, Paul ainda estava na escola. Entretanto, passava todo o tempo vago com John e George, às voltas com aquele conjunto, e não lhe sobrava muito tempo para fazer os deveres da escola.

Paul havia conseguido permanecer na 5B, que era considerada a boa turma para inglês e outras línguas, mas não se saiu muito bem nos níveis O. Paul só conseguiu passar em um, Arte.

Começou, então, a pensar em abandonar os estudos, mas não tinha idéia de um trabalho que lhe servisse. Jim queria que êle continuasse estudando. Parecia-lhe mais fácil não deixar a escola. Ademais, a escola lhe deixava bastante tempo para tocar. Então, resolveu ficar, e foi mandado para a Remove Form, pois não tinha notas suficientes para passar logo para o Sexto Ano.

“A escola era muito chata, mas tinha um professor de inglês, chamado Dusty Durband, de quem eu gostava, e era o único. Era um cara genial. Gostava de poesia moderna e costumava falar-nos sobre O Amante de Lady Chatterley, muito antes de têmos ouvido falar nêle, e do Miller’s Tale. Dizia que êsses dois livros eram considerados pornográficos, contudo não o eram.”

Essa centelha de entusiasmo o manteve no Sexto Ano, apesar de não fazer qualquer dever. Oficialmente, êle estava preparando-se em duas matérias, Inglês e Arte, para o nível A, já que pretendia ir para o Training College e tornar-se professor. Todos sabiam que êle era muito capaz para fazer isso. Essa perspectiva tornava Jim feliz.

“Jamais apreciei a música na qual Paul estava tão interessado”, diz Jim. “Nem gostava daquele Bill Haley dêle. Não havia melodia naquilo.

“Mas um dia, cheguei a casa às cinco e meia e os ouvi tocando. Percebi que estavam ficando bons, e não apenas fazendo hora. Tiravam alguns acordes muito bacanas.”

Jim começou a querer ficar com êles, dando conselhos e sugestões, dizendo como êle costumava fazer nos bons tempos da Jim Mac's Band. Por que é que êles não tocavam músicas boas de verdade, como Stairway to Paradise? Achara êste um número adorável. Explicava-lhes como dirigia seu conjunto e como êles deveriam apresentar seus números.

Êles disseram: "Não, obrigado, muito obrigado, faz um chá pra gente, tá bem, papai?". Êle disse que estava bem. Mas se êles não gostavam do Stairway to Paradise por que não tocavam uns números de jazz, como When the Saints? Êle poderia lhes ensinar um bom método para executá-lo. Êles disseram que não, desta vez com mais firmeza.

Afinal, Jim limitava-se a fazer a comida. Depois da morte de sua mulher, passara a se encarregar da cozinha. Para sua alegria, descobriu que, enquanto Paul e Michael eram luxentos e comiam pouco, e Paul, quando estava ocupado, acabava não comendo nada, John e George eram glutões que comiam qualquer coisa e a qualquer hora. "Eu costumava guardar o que sobrava para êles. No fim eu não mais precisava guardar, mas apenas dizer que havia sobrado alguma coisa e perguntar se êles queriam. Até hoje, tenho de fazer creme para George, quando êle aparece aqui. Costuma dizer-me que é o creme melhor do mundo."

O conjunto ia progredindo, arranjaram uns amplificadores velhíssimos e criavam ritmos melhores do que as repetições suaves do skiffle. "E cada ano parecia cinco anos", diz Paul.

Agora êles tocavam, principalmente, em clubes operários ou em igrejas. Tinham abandonado as festinhas. Tocavam em lugares como o Wilson Hall e o Finch Lane Bus Depot.

Cada vez mais aumentavam o número de competições, como todos os grupos principiantes. "Havia uma mulher que tocava com colheres que sempre nos vencia", diz Paul. "E também havia os Sunny Siders. Êste grupo tinha uma grande atração: um anãozinho."

Os membros do conjunto se sucediam, constantemente. Como ninguém os conhecia, podiam aparecer aos compromissos com

qualquer cara. “Durante algum tempo, tivemos um cara chamado Duff como pianista, mas o pai dêle não o permitia ficar até tarde. Nem bem começava a tocar, logo sumia, e, deixando o número no meio, ia para casa.”

Nas apresentações em público, vestiam-se, geralmente, como Teddy Boys Cowboys, com camisas em prêto e branco com borlas brancas nos bolsos de cima e gravatas pretas de tiras finas.

Passavam mais tempo na casa de Paul ou na de George que no palco. “A gente costumava ir lá para casa e fumar maconha, no cachimbo de papai”, conta Paul. “Às vêzes, a gente trazia uma garôta, ou sentava e tirava retratos. Muitas vêzes, a gente ficava tocando guitarra, ou escrevendo música.”

No primeiro ano em que estiveram juntos, John e Paul escreveram cêrca de cem músicas. Só uma delas foi divulgada mais tarde — Love Me Do.

Uma porção delas foi jogada fora, anos depois, por engano de Jane Asher, enquanto limpava os armários de Paul.

A primeira coisa que os dois faziam, quando começavam a compor uma nova música, era escrever outro original por John Lennon e Paul McCartney.

Cada vez mais se aperfeiçoavam na guitarra, graças, em parte, à sua observação dos grandes astros da televisão. “Assisti aos Shadows acompanhando Cliff Richards, numa noite. Já os ouvira numa introdução muito original do Move It, no disco, mas jamais poderia ter adivinhado a maneira como faziam aquilo. Vi-os na televisão. Saí correndo de casa, montei na bicicleta e voei para casa de John, com minha guitarra. — “Descobri” — berrei. E, imediatamente, fomos aprendê-la. Com isso, adquirimos o hábito de florear a introdução de nossos números. Peguei, também, bons acordes ao ouvir Blue Moon.

Como estavam sempre animados em entrar em qualquer competição, por pior que ela fôsse, houve grande excitação, quando o maior organizador de competições da época chegou a Liverpool. O anúncio no Liverpool Echo dizia que “Mr. Star-Maker, Carrol Lewis chegará brevemente à cidade para fazer parte do seu Carrol Lewis

Discoveries Tv Show.” O show deveria ser gravado em Manchester, mas êle faria uma audição local, em Liverpool, no Empire Theatre, para descobrir os talentos liverpoolianos que serviriam para o próprio programa, naquela cidade.

John, Paul e George, bem como a metade da população adolescente de Liverpool, compareceram à audição. Foram aprovados e convidados para fazer o show verdadeiro, em Manchester.

A senhora Harrison lembra-se da agitação motivada por tal acontecimento. “George estava profundamente emocionado com uma carta que havia chegado. Eu não conseguia perceber o porquê de tôda aquela confusão. A carta era endereçada a um grupo chamado The Moondogs.”

Os Moondogs eram êles, na ocasião, nome inventado, à última hora, para o Carroll Lewis Show. Figuravam no programa, como Johnny and the Moondogs. Todos os grupos tinham um líder, naqueles dias, como Cliff Richard and the Shadows. Então, aproveitaram e puseram o nome de John, primeiro. Se era preciso ter um líder, êste seria êle.

Fizeram seu número em Manchester, sendo bem aplaudidos, ao terminar. O sistema do Carroll Lewis Show consistia em que, no final da apresentação, cada grupo voltava, repetia alguns compassos do número que interpretara, e a platéia aplaudia freneticamente, ou não. Eram as palmas finais que decidiam o vencedor.

Mas Johnny e os Moondogs, sendo rapazes pobres de Liverpool, sem transporte de nenhuma espécie para levá-los de volta para lá, não podiam esperar. O show estava demorando muito e já estavam quase perdendo o último trem de volta. Não tinham dinheiro suficiente para passar a noite num hotel de Manchester, e quando chegou a hora dos aplausos finais êles já haviam ido embora.

É claro que não ganharam. Não foram notados nem receberam encorajamento dos caçadores de talentos que andavam por ali.

Para John, Paul e George foi um grande desapontamento. A primeira oportunidade junto aos grandes lançadores de sucessos havia chegado e passado em branca nuvem.

9. STU, A ESCÓCIA E OS "SILVER BEATLES"

No Art College, John e Stuart cada vez mais firmavam sua amizade. Stu passava o tempo seguindo o grupo e assistindo a seus ensaios. Ele e John conseguiram convencer o College Committee a lhes comprar um gravador, para uso de todos os alunos. John acabou ficando com ele, para gravar o que conjunto tocava, e depois ouvir as gravações. Conseguiram, ainda, uma cadeia de alto-falantes, para ser usada nas festas da escola. Acabou como parte do equipamento de amplificação de seu grupo.

Stu ainda se mostrava tão interessado em arte quanto antes, embora passasse o tempo com John e seu grupo. Enviou alguns quadros para a John Moores Exhibition, uma das melhores exposições no gênero, não só no Merseyside mas em toda a Inglaterra. Ela recebeu o nome de John Moores, membro de uma rica família de Liverpool, ligada aos concursos de futebol Littlewoods e a uma firma de encomendas pelo correio. Stuart Sutcliffe não passava de um estudante, e ganhou um prêmio de £ 60. Isso representava uma grande soma e um grande sucesso para um camarada tão moço.

John, seu melhor amigo e de maior influência, logo achou a melhor forma de empregar o dinheiro. Stu sempre dizia que gostaria de tocar um instrumento e de, na realidade, fazer parte do conjunto, em vez de ser só espectador. John disse-lhe que essa era a sua oportunidade de entrar para o grupo. Com as sessenta libras ele poderia comprar uma guitarra-baixo. Não importava que ele não soubesse tocar. Eles lhe ensinariam.

Paul e George entusiasmaram-se com a idéia. Precisavam de um outro membro para o conjunto e, justamente, de um tocador de baixo. George recorda-se de que ofereceram essa oportunidade a Stu. Ele poderia comprar um baixo ou uma bateria. Precisavam de ambas, pois eram três figurantes nas guitarras, sem nenhum acompanhamento.

“Stu não tinha a mínima idéia de como tocar”, diz George. “Nós todos lhe ensinamos o que sabíamos, e, na realidade, êle foi aprendendo, e tocava conosco.”

Naqueles primeiros dias, como se pode ver pelas fotografias, Stu geralmente ficava de costas para a platéia, de forma que ninguém observasse o quão pouco êle tocava.

Os compromissos sucediam-se, embora ganhando uns poucos shillings, para tocar nas festas de trabalhadores. À medida que a mania dos conjuntos tomava conta de Liverpool, começaram a aparecer pequenos clubes para adolescentes. Eram Coffee Bars, servindo café-expresso em meio a uma decoração de plantas artificiais e bambu, iguais às que nasciam em todo o país. Os clubes de Liverpool, ocasionalmente, organizavam shows ao vivo para seus freqüentadores, o que deu oportunidade ao aparecimento de centenas de conjuntos.

Êsses só não conseguiram penetrar nos clubes tradicionais, como o Cavern, porque êles já tinham seus conjuntos. Êstes eram clubes para conjuntos de jazz e seus fãs. O jazz era considerado uma forma de arte muito mais elevada, e atraía uma classe mais selecionada de seguidores. Os grupos de rock eram muito amadoristas e desorganizados, com aparência de Teddy Boys. Era uma forma de arte da classe operária, cheia de eletricitistas e trabalhadores. Havia uma tendência para se menosprezar êste tipo de conjuntos e os que nêles figuravam.

“Sempre fomos contra o jazz”, diz John. “Acho que isso é uma merda de música, e até mais estúpida que o rock and roll, admirada por estudantezinhos bem vestidinhos. O jazz nunca chega a parte alguma, nunca faz nada, é sempre a mesma coisa, e tudo que seus músicos fazem é beber litros de cerveja. Nós o odiávamos porque, no comêço, não nos deixavam tocar naquela espécie de clubes. Nunca conseguíamos boas platéias por causa dos jazz bands.”

Os conjuntos agora estavam se enchendo de fios, com guitarras elétricas e amplificadores, o que nunca havia acontecido com os grupos de skiffle. Havia outros tipos de cantores de rock que

surgiram na onda de Elvis, como Little Richard e Jerry Lee Lewis, que fizeram aparecer muitos imitadores ingleses.

Mas ainda era em Londres que acontecia tudo na Inglaterra. O primeiro cantor inglês de rock and roll, que teve algum sucesso nacional do estilo dos cantores americanos, foi um Cockney que apareceu graças aos coffee bars de Londres — Tommy Steele. Outro foi Cliff Richard, que se modelou inteiramente em Elvis Presley. Ele se tornou muito mais querido dos adolescentes do que Tommy Steele.

John, George e Paul parece não terem tomado conhecimento de Tommy Steele, pelo menos não se lembram de lhes ter causado qualquer impressão. Mas odiavam efetivamente Cliff Richard and the Shadows.

John diz que era por causa da aparência católica de Cliff, que os ofendia. Também detestavam as tradicionais pop-ballads que Cliff Richard passou a cantar, nas mesmas águas de Perry Como e Frankie Vaughan.

Paul, sendo quem provocava todos os acontecimentos, estava preparado para não levar em conta seus gostos e desgostos e conversar com alguém que os pudesse ajudar. E àrduamente tentava conseguir alguma publicidade nos jornais locais. Por essa época, escreveu uma carta a um jornalista chamado Mr. Low, que encontrara num bar.

Prezado Mr. Low:

Lamento ter demorado muito a lhe escrever, mas espero que não seja tarde demais. Aqui estão alguns dados sobre o nosso grupo.

Ele é constituído por quatro rapazes: Paul McCartney (guitarra), John Lennon (guitarra), Stuart Sutcliffe (baixo) e George Harrison (guitarra) e é chamado.....

Essa formação pode parecer obtusa, mas deve ser notado o fato de êsses rapazes terem uma habilidade instrumental acima do normal, e que êles obtêm efeitos surpreendentemente variados. Seu ritmo-base é off-beat,

e êste, ultimamente, está sendo acompanhado por um leve on-beat; de forma que o ritmo, no fundo, lembra o quatro por compasso do jazz tradicional. Isso pode ser entendido como uma influência de Mr. McCartney, que liderou um dos melhores jazz bands locais (Jim Mac's Jazz Band) na década de vinte.

A música moderna, contudo, é o forte dêste conjunto, e, como prova disso, John e Paul já escreveram mais de cinqüenta músicas, baladas e números mais rápidos, durante os últimos três anos. Algumas dessas músicas são puramente instrumentais (tais como Looking Glass, Castwalk e Winston's Walk) e outras foram compostas com o pensamento nas platéias modernas (músicas como Thinking of Linking, The One After 909, Years Roll Along e Keep Looking That Way).

O conjunto ainda encontra grande prazer fazendo novos arranjos para as velhas melodias favoritas (Ain't She Sweet, You Were Meant For Me, Home, Moonglow, You Are My Sunshine e outras).

Agora, alguns pormenores sôbre os membros do conjunto. John, que o lidera, está no Art College e, além de ser um excelente guitarrista e tocador de banjo, também é um caricaturista de primeiro time. Em suas preferências inclui pintura, teatro, poesia e, naturalmente, canto. Tem 19 anos de idade e é membro-fundador do conjunto.

Paul tem 18 anos e está estudando Literatura Inglêsa na Universidade de Liverpool. Como os outros rapazes, toca mais de um instrumento — suas especialidades são piano e bateria, e, naturalmente.....”

O resto da carta de Paul, uma colorida mistura de fatos e ficção, infelizmente foi extraviada. Na realidade, não tinha dezoito anos nem estava na Universidade de Liverpool. E como êle indicou com as reticências o grupo nem tinha um nome certo. Mais tarde, em 1959, começaram a pensar sèriamente em arranjar um nome, como já

tinham feito para a audição de Carroll Levis, pois parecia que eles iam ter outra audição importante.

Foi aí que surgiu, pela primeira vez, a idéia de eles se chamarem Beatles. Nenhum deles tem certeza de como isso aconteceu. Paul e George apenas se recordam de que foi John quem apareceu um dia com esse nome.



Ringo, aos sete anos, com sua mãe, Elsie



O Pai de Ringo, Richard Starkey



Ringo aos dezesseis anos em seu primeiro emprêgo com "barman" num "ferry boat"

Sempre foram fãs de Buddy Holly e os Crickets. Gostavam de sua música e seu nome. Tinha um duplo significado. Um dêles, puramente inglês, e que os americanos não poderiam apreciar. Pensaram, primeiramente, em se chamar Crickets.

Cogitando do nome de Crickets (do qual, grilo é um sinônimo), John começou a imaginar o nome de outros insetos que tivesse duplo sentido ou servisse a trocadilhos. Quando criança, êle gostava de encher os cadernos com essa espécie de brincadeira. "A idéia de beatles (besouros) me pareceu boa. Decidi escrever "BEAtles" para fazê-lo parecer com beat music, apenas como piada."

Esta foi a origem real e simples do nome do conjunto, apesar de, anos depois, terem apresentado uma série de razões malucas, a cada vez que alguém lhes perguntava. Geralmente, êles diziam que uma vez aparecera um homem num tapête mágico e que, chegando à janela, lhes dissera para usar êste nome.

Apesar de haverem escolhido um nome do qual gostavam, por muito tempo, não foram chamados de Beatles.

Encontraram um amigo que pertencia a outro conjunto, Casy Jones, do Cass e os Casanovas, que lhe perguntou o nome do dêles. Êles disseram: Beatles. Cass disse que êsse não prestava; êles tinham de arranjar um nome comprido, como o do seu conjunto. Por que êles não se chamavam Long John and the Silver Beatles? Beatles, apenas, disse Cass, era um nome muito curto e muito simples.

Êles também não acharam que fôsse uma idéia muito boa. Quando chegou a tal audição importante e lhe perguntaram o nome do conjunto, disseram Silver Beatles, usando-o pelo resto daquele ano de 1959.

O ouvinte importante não era outro senão o famoso Larry Parnes, então o rei do rock and roll inglês, que tinha Tommy Steele, Billy Fury, Marty Wilde, Dulffy Power e Johnny Gentle em seu plantel.

Souberam da vinda de Larry Parnes a Liverpool, enquanto estavam no Jackaranda, um clube onde muitos grupos de beat costumavam tocar. Êste clube pertencia a um irlandêsliverpooliano chamado Allan Williams, que também era proprietário do Blue Angel, onde seria realizada a audição para Larry Parnes.

Chegaram para essa audição sem um nome definido, e só quando um dos assistentes de Parnes perguntou como o conjunto se chamava é que êles se apresentaram com o Silver Beatles. Também haviam chegado sem um baterista. O que tocava com êles naquela época prometera aparecer, mas nem dera as caras. Mais uma vez, estavam sem baterista.

Um baterista que se encontrava no Blue Angel, para a audição de um outro grupo, fêz o favor de tocar com êles naquela apresentação. Era Johnny Hutch, considerado um dos três melhores

bateristas de Liverpool, naquela época. Existe uma fotografia dos Silver Beatles tirada naquela audição. Johnny Hutch está sentado lá atrás, parecendo muito chateado e superior. Como sempre, não se pode ver Stu muito bem. Êle está de costas para Larry Parties, fazendo fôrça para esconder seus dedos no baixo.

A finalidade da audição era procurar um grupo para fazer o acompanhamento de Billy Fury. Larry Parnes não achou os grupos muito bons, mas ofereceu aos Silver Beatles uma tournée de duas semanas pela Escócia, como o grupo de acompanhamento para a sua mais recente descoberta reconhecida, Johnny Gentle. De forma nenhuma era uma tournée dos Beatles. Fariam apenas o pano de fundo para as apresentações do cantor. Contudo, seria seu primeiro compromisso característico como profissionais, e uma tournée de verdade, por mais curta e da categoria que fôsse.

George, que tinha quase dezesseis anos, tirou duas semanas de férias para poder ir. Paul estava em vespera de exames, mas não tinha a mínima intenção de perder a oportunidade de realizar uma tournée, por um motivo tão banal como fazer exames. Ivan Vaughan, seu amigo do Institute, lembra-se de ter discutido com êle e ter dito que era besteira viajar e não estudar para as provas.

Paul deu um jeito de convencer seu pai, dizendo que lhe haviam dado duas semanas de férias na escola. Disse que voltaria a tempo para fazer os exames e que a tournée seria uma boa forma de higiene mental. Não é de admirar que êle só tenha passado numa matéria.

Contudo, ainda tinham de arranjar um baterista para a sua viagem à Escócia. Finalmente, arranjaram um cara chamado Thomas Moore. Êles não conseguem lembrar de nada a respeito dêsse cara, a não ser que foram buscá-lo em seu apartamento, e que êle estava vivendo com o salário-desempregado. Thomas Moore parecia ser o seu nome verdadeiro.

Os Silver Beatles, em sua primeira animação de profissionais, já queriam mudar os próprios nomes. Essa era a moda.

“Era muito bacana mudar de nome”, diz Paul. “Faria tudo parecer real e profissional. Ter um nome de palco significava que o cara era artista.”

Paul acabou se tornando Paul Ramon. Ele não consegue lembrar-se aonde foi buscar o Ramon. “Devo tê-lo ouvido em algum lugar. Achei que tinha um som realmente encantador, na base do Rodolfo Valentino.”

George tornou-se Carl Harrison, segundo um de seus heróis, Carl Perkins. Stu tornou-se Stu de Stael, segundo o pintor. John não consegue lembrar-se como ficou seu nome, se é que ficou. Os outros recordam-se dele como Jonny Silver.

A tournée da Escócia foi bem ao norte, pelos pequenos salões de festa da costa noroeste. Paul lembra-se do Inverness e Nairn, mais nenhum outro nome. Ele mandou cartões-postais para seu pai dizendo: “É genial. Pediram meu autógrafo.”

Todos eles ficaram enciumados pelo fato de George estar dando-se muito bem com o astro Johnny Gentle. Ele prometera dar um presente a George, depois da tournée, uma das camisas velhas de Eddie Cochrane.

Como sempre, discutiam entre si, e freqüentemente chateavam Stu, o membro mais novo do grupo. John, George e Paul estavam juntos há muito tempo e sabiam que as brigas e discussões nada significavam. Quando significavam alguma coisa, eles davam o trôco.

“Nós éramos terríveis”, conta John. “Dizíamos que ele não podia sentar ou comer conosco. Nós lhe dizíamos para ir embora, e ele ia. “Num hotel em que eles ficaram, um show de variedades havia acabado de sair. Nesse show havia um anão. Pois, descobriram que havia uma cama ocupada pelo anão e obrigaram Stu a ficar naquela cama, eles não dormiriam nela. “Foi assim que ele aprendeu a ficar conosco”, diz John. “Era estúpido, mas a gente era assim.”

Depois da Escócia nada mais apareceu. Larry Parties não lhes ofereceu mais trabalho. Agora, ele admite que perdeu uma grande oportunidade, mas, naquela época, ele tinha muitas estrelas solistas para poder se interessar por grupos. Os Beatles voltaram às festas

cheias de Teds bêbados, operários nas noites de folga, ou clubes inconsistentes.

Conseguiram alguns compromissos, não muito depois da tournée pela Escócia, numa boite de strip-teases na Upper Parliament Street. Tinham que acompanhar Janice enquanto ela tirava a roupa. “Ela nos entregou a música que desejava”, diz George. “Era alguma coisa como a Gypsy Fire Dance. Como não sabíamos ler música, isso não nos adiantou em nada. Apenas tocávamos Ramrod e depois Moonglow, que eu havia acabado de aprender”.

Conseguiram umas duas apresentações no Cavern Club na Mathew Street, por volta da mesma época, apesar de êle continuar sendo uma das fortalezas do jazz em Liverpool. Costumavam receber bilhetinhos dizendo-lhes que não tocassem rock and roll; então apresentavam seus números como se fôssem genuínos números de jazz. “E agora uma velha favorita, de autoria de Fats Duke Ellington Leadbelly, chamada Long Tall Sally”. E atacavam êste número de rock. É claro que a direção do estabelecimento não gostava muito dêsse negócio. Isso não lhes ajudou a conseguir mais apresentações no Cavern.

Gastavam a maior parte do tempo fazendo hora na casa dos outros ou, quando tinham algum dinheiro, nos clubes. “A Escócia havia sido uma tênue esperança, nosso primeiro vislumbre do show business”, diz George. “Voltar a Liverpool, foi como se descêssemos um pouco. Tínhamos sorte, quando conseguíamos mais de dois compromissos por semana. Tudo que estávamos ganhando eram quinze shillings por noite e mais quantos ovos, torradas e coca-colas conseguíssemos engolir.”

10.0 "CASBAH"

Um dos lugares ao qual começaram a voltar, por falta de alguma coisa melhor, foi o Casbah Club. Já tinham tocado lá, no comêço do ano, antes da ida à Escócia.

Mrs. Best, fundadora do clube, é pequena, de cabelos escuros e muito volátil. Veio de Déli, na Índia. Conheçera seu marido, Johnny Best, um ex-promotor de lutas de boxe, na Índia, durante a guerra. Voltou para Liverpool com êle e o casal comprou uma grande casa Vitoriana, com quatorze cômodos, no número 8 de Hayman's Green, no distrito residencial de West Derby.

Pete Best, seu filho mais velho, nasceu em 1941. Freqüentou o Liverpool Collegiate, uma das boas escolas primárias da cidade. Passou em cinco matérias no nível O, sendo aprovado para o Sexto Ano. Seu projeto era tornar-se professor.

Era simpático, bem constituído, mas bastante tímido, de aparência quase taciturna e pouco comunicativo, especialmente em comparação a sua enérgica e dinâmica mãe. Quando começou a trazer seus colegas de escola para casa, ela fêz o máximo para encorajá-lo.

Durante as férias de verão de 1959, quando Pete estava em véspera de passar seu segundo ano no Sexto Ano, êle e um grupo de amigos pediram a sua mãe se, em vez de desarrumarem todos os quartos ouvindo discos, podiam limpar o enorme porão e usá-lo. "A idéia original era de que êle seria o refúgio para êles", diz ela. "Depois, aquilo acabou transformando-se num coffee club só para adolescentes, como os que já funcionavam na cidade. Decidimos fazer um clube particular, cobrando uma taxa social de um shilling para impedir a entrada de Teddy Boys e desordeiros."

Decidiram, ainda, que apresentariam alguns dos conjuntos que estavam aparecendo em tôda a Liverpool. Sabiam que haveria muitos que pulariam de alegria com aquela oportunidade. Mrs. Best, com seu gôsto para dirigir coisas e pessoas, achou êsse plano ótimo.

O grupo que eles logo arranjaram foi os Quarrymen, como ainda se chamavam. Isso foi feito através de um garôta conhecida de um dos membros do conjunto e informara serem eles muito bons. Não era John, Paul ou George que ela conhecia, mas outro cara que tocava guitarra com eles naquela época, Ken Brown. Ele era um dos muitos elementos dos Quarrymen que sempre iam e voltavam, naqueles dias.

Quando John, Paul e George souberam que eles procuravam um conjunto, vieram correndo. Imediatamente, deram-lhes pincéis para que ajudassem, na última semana, a limpeza e decoração do porão. John trouxe sua namorada, Cynthia Powel, para ajudar.

“Eu me lembro de ter dito a John”, conta Mrs. Best, “para botar um pouco de massa na parede. Quando voltei ele já havia terminado a pintura, sem fazer o que eu mandara. Ele era tão míope, que não era capaz de notar a diferença. Eu estava com medo que a pintura não secasse a tempo.”

Até o dia da inauguração, eles não haviam escolhido um nome para o clube. “Numa tarde eu descii para ver como andavam as coisas.. Tudo era muito misterioso, com cantinhos escuros em toda a parte. O negócio me pareceu meio oriental. Pensei num filme que vira há pouco tempo, com Hedy Lamarr e Charles Boyer, acho que se chamava Algiers, no qual eles vão ao Casbah. Então, foi esse o nome que escolhi, The Casbah Club. Como eu vinha da Índia, o nome era bem adequado.”

A inauguração foi em fins de agosto de 1959. Havia mais de trezentas pessoas naquela primeira noite. Os Quarrymen tiveram uma grande recepção. O Casbah parecia lançado para muito tempo.

“Eu estava muito contente”, diz Mrs. Best. “Não por mim, naturalmente, mas por Pete. Ele tinha uma vaga idéia de entrar para o show business e eu achava que isso lhe daria alguma experiência. Achava que isso o tornaria menos ensimesmado e lhe daria mais confiança em si.”

O clube vivia cheio. Havia café e doces à venda e os Quarrymen para se ouvir. Nos fins-de-semana, à tarde, havia quase

quatrocentas pessoas lá dentro. Depressa, o número de sócios chegou a três mil. Contrataram um leão-de-chácara, Franck Garner, para cuidar da porta e manter os Teds do lado de fora.

Durante uns dois meses tudo foi muito bem. Então, deu-se uma briga por causa dos Quarrymen. Cada um recebia quinze shillings por noite. Numa noite, somente John, Paul e George tocaram. Ken Brown não apareceu. "Paguei a cada um dos três quinze shillings e, quando encontrei Ken Brown, paguei-lhe os quinze. Eles acharam que eu não lhe devia ter pago, pois ele não tocara naquela noite. Disseram que o pagamento para o grupo era, realmente, de três libras por apresentação, e que os três que tocaram naquela noite deveriam ter recebido as três libras para dividir entre eles e não apenas quinze shillings cada um".

Esta foi a causa do desacôrdo, pelo menos é o que Mrs. Best e Pete Best conseguem lembrar-se. Os outros não se lembram. Em todo caso, após a discussão a êsse respeito, Ken Brown deixou os Quarrymen, e não muito depois, o conjunto acabou deixando o Casbah.

Nesta época, Pete Best já iniciava a bater velho tambor, verificando a razão do sucesso dos Quarrymen e, especialmente, para divertir-se. Quando Ken Brown foi embora ficou decidido que Pete Best formaria um nôvo conjunto. Eles arranjam mais dois e passaram a chamar-se os Blackjacks, ajudados e animados por Mrs. Best.

"Eles eram muito bons", diz Mrs. Best. "Lembro-me de Rory Storm, era muito popular naqueles dias, fazia desafios para ver quem conseguia uma platéia maior. Rory teve 390 e os Blackjacks conseguiram 450 ouvintes, a maior platéia que já tivemos".

Os Quarrymen foram para a Escócia e se tornaram os Silver Beatles, e, no regresso, aceitaram compromissos ocasionais no Casbah, quando não aparecia nada melhor. Os Blackjacks, com Pete Best na bateria, agora se transformara no grupo "residente" do Casbah. Melhoraram muito, no ano seguinte, e Pete Best resolveu entrar para o show business.

“Nesta época, eu pretendia ir para a escola de treinamento de professores. Meus cinco níveis O ter-me-iam aberto aquela porta, Porém, enchi-me com aquela história e parei de estudar antes das provas do nível A.”

Abandonou os estudos, no verão de 1960. O Casbah ainda era um grande sucesso, e havia muita coisa para fazer lá, mas nessa época o grupo começou a desintegrar-se. Ken Brown mudou-se para o sul e os outros dois foram tirar cursos relacionados com seu trabalho normal. Pete havia deixado a escola, em troca de uma carreira no show business, e, agora, estava sem ter o que fazer.

Em agosto de 1960, cinco semanas depois de ter êle largado os estudos, Paul McCartney telefonou.

“Paul perguntou-me se ainda possuía minha bateria”, conta Pete. “Falei que tinha uma novinha em folha. E estava muito orgulhoso dela. Êle me informou que êles tinham um emprêgo em Hamburgo e perguntou se eu estava interessado em ser o baterista do conjunto dêles. Respondi que sim. Sempre gostei muito dêles. Comunicou-me que eu receberia quinze libras por semana, e isso representava uma boa quantia. Era muito melhor do que ir para a escola de treinamento.

“Fui ao clube de Allan Williams, o Jackaranda. Encontrei Stu pela primeira vez. Dei uma audição. Executei alguns números e êles gostaram, e eu estava em condições de ir para Hamburgo com êles.”

Como Mrs. Best, que entrara naquela história de grupos musicais por causa de seu coffee club para adolescentes, assim, Allan Williams, um experiente organizador de espetáculos de boate, aconteceu o mesmo, em escala pouco maior. Estava não só contratando grupos para tocar em suas boates, mas também procurando outros para alguns proprietários, funcionando como uma espécie de agente-empresário para conjuntos que procuravam trabalho. Foi êle quem ajudou os Beatles a dar aquela audição para Larry Parnes. O dinheiro recebido por êles pela sua tournée, na Escócia, apesar de pago por Larry Parnes, fôra enviado através de Allan Williams, que se movimentara para que êles conseguissem aquêle contrato.

As razões pelas quais Allan Williams, pequeno proprietário de boates em Liverpool, se tornou exportador de conjuntos musicais para Hamburgo, são bastante complicadas. O primeiro contato havia sido estabelecido, quando um marinheiro alemão ouviu uma steel band ([1](#)) das Índias Ocidentais, tocando no Jackaranda e contou, em Hamburgo, o quanto êles eram bons. Isso levou à contratação do conjunto, por uma boate de Hamburgo. Allan Williams seguiu com êles, na expectativa de interessar os proprietários de boates de Hamburgo em outros conjuntos de Liverpool. Êle foi ao Kaiserkeller, que parecia ser apenas uma boate de rock and roll, e encontrou Bruno Koschmeider. "Enganei-o dizendo que os melhores grupos de rock and roll da Inglaterra eram todos saídos de Liverpool".

Koschmeider veio à Inglaterra para ver com os próprios olhos, mas foi para Londres, onde logo descobriu que ninguém lá ouvira falar nos grupos de rock, de Liverpool. Foi ao Two I's no Soho, nesta época o centro do rock and roll inglês (Tommy Steele havia tocado lá), e contratou Tony Sheridan e seu grupo. Isso foi um grande sucesso em Hamburgo e Koschmeider voltou a Londres para contratar outros grupos. Por coincidência, Allan Williams estava no Two I's, no mesmo dia em que Koschmeider apareceu procurando outros conjuntos. Allan Williams estava com um grupo de Liverpool chamado Derry e os Seniors, tentando conseguir trabalho para êles. Logo arranhou um contrato para o grupo em Hamburgo, o primeiro grupo de beat de Liverpool a aparecer lá.

Derry e os Seniors fizeram grande sucesso, e logo pediram a Allan Williams que arranhasse outro conjunto. Êle pensou em Rory Storm, mas êles já estavam contratados para o Butlin's Holiday Camp. Afinal, acabou convidando os Beatles. Porém, o contrato em Hamburgo era para um conjunto de cinco membros, e os Beatles não tinham um baterista. Às vezes, êles tinham um baterista, um cara de meia-idade e com família, mas êle não quis ir a Hamburgo, porque sua mulher fôra contra a idéia. Finalmente, convidaram Pete Best. Êle concordou e tudo ficou resolvido.

Na casa dos Harrison, não houve nenhum excesso de alegria — fora, naturalmente, o de George. Pelo menos a mãe dêle nunca tentou impedi-lo de ir. Ficou preocupada com o fato de êle só ter dezessete

anos e estar indo para o exterior pela primeira vez, especialmente para Hamburgo. “Mas era o sonho dêles. Pela primeira vez seriam pagos devidamente. Eu sabia que êles eram bons e capazes de se saírem bem. Tudo que eu havia escutado até ali era “Eh, Mum, nós temos um compromisso, empresta o dinheiro da passagem, eh, eu te pago quando fôr famoso!”

Então, Mrs. Harrison aprontou George. Fê-lo prometer que escreveria e deu-lhe uma lata de bolinhos feitos em casa.

George, apesar de sua pouca idade, era, pelo menos, um trabalhador. Ao passo que Paul e John ainda estudavam, pelo menos ostensivamente. Indo para Hamburgo, suas grandes carreiras seriam arruinadas definitivamente.

Jim McCartney, naturalmente, foi contra a ida de Paul a Hamburgo. Êste havia acabado de fazer o seu nível A — em Arte e Inglês — e todos esperavam saber se êle tinha passado, e, finalmente, ver se êle conseguira classificação na escola de treinamento para professores.

Michael McCartney, seu irmão, conta que êle, como sempre, arranjou tudo inteligentemente. “Lembro-me de que voltava da escola com êle, e Pau] naquele dia me contou ter um convite para tocar em Hamburgo. Êle deixou essa frase sair, casualmente. Fiquei deslumbrado! Entretanto, Paul disse que não sabia se devia ir, fingindo-se indeciso. Eu disse que aquilo era fantástico! De agora em diante, êle seria um grande astro! Perguntou-me se eu achava que papai o deixaria ir. Isso foi muito inteligente. Preparou-me para ficar do lado dêle, e ajudá-lo a convencer o velho. Êle me deixou todo animado, de forma que parecia que eu é que estava querendo desesperadamente que êle fôsse.”

Naturalmente, Paul diz que êle estava muito excitado. “Durante semanas, parecia que a gente não estivera fazendo nada, apenas marcando passo. Estávamos nas grandes férias de verão, e eu não queria voltar à escola ou à universidade. Não havia outra alternativa, até que, de repente, apareceu o contrato de Hamburgo. Definitivamente, aquilo significava que eu não precisaria voltar à escola. Agora, tinha com que me preocupar.”

Contudo, era preciso convencer Jim. Paul conseguiu que Allan Williams viesse a sua casa, para ajudar a amolecer Jim. "Allan Williams nunca soube nossos nomes ao certo. Às vezes êle me chamava de John", lembra Paul. No entanto, Allan conseguiu convencer Jim, como seria organizada a viagem e de como Hamburgo era um lugar adorável e respeitável."

"Acho que, intimamente, papai estava muito contente", diz Michael, "apesar de não tê-lo confessado, naquela época."

"Eu sabia que êles adoravam o que estavam fazendo", diz Jim. "Era o primeiro grande contrato dêles e estavam decididos a ir. Paul tinha dezoito anos. Já havia perdido quatro semanas de suas férias escolares. Êle viajou com um passaporte de estudante. Fiz-lhe uma pequena preleção, vocês sabem, aquela velha história de ser um bom rapaz. Que mais eu poderia fazer?"

"Durante todo tempo preocupava-me com o fato de êle não estar comendo o bastante na Alemanha. Êle me mandava cartões postais dizendo: — "Estou comendo bastante. Ontem comemos isso e aquilo". — Creio que isso me tranqüilizava."

Jim se alegrou mais, quando, pouco depois do embarque de Paul para Hamburgo, chegaram os resultados dos exames de nível A. Paul havia levado bomba em Inglês, mas havia sido aprovado em Arte, apesar de até mesmo Jim ter percebido que isso já não adiantaria mais nada.

Foi a tia de John, Mimi, que nos ofereceu maior resistência. Naquela época, ela havia desencorajado Paul e George de aparecerem em sua casa, e John de tocar guitarra dentro de casa. Também, havia tentado impedir John de tocar num conjunto. Desde a fundação dos Quarrymen, uns cinco anos antes, John tinha de mentir-lhe muitas vezes sôbre o que estava fazendo. Ela sabia que êle ainda estava metido naquela tolice de escrever música, mas desconhecia a extensão de seu interêsse.

Na realidade, pensava que êle estava firme no Art College, até que um dia alguém lhe contara que êle passava suas horas de almoço a

tocar com um conjunto. Ela decidiu ir investigar, pessoalmente, e averiguar a que profundidade de depravação John havia afundado.

A hora de almoço que ela resolveu investigar. Foi num dos dias em que êles estavam tocando no Cavern. Êles não eram o grupo residente, pois aquêle continuava, básicamente, um clube de jazz, e, cada vez, arranjavam mais compromissos, à medida que a direção do Cavern percebia que os Beatles estavam formando sua própria platéia.

“Nunca tinha ouvido falar dêste lugar terrível, o Cavern”, conta Mimi. “Demorei muito tempo para encontrá-lo. No fim, tive que seguir uma multidão, com ela descí alguns degraus e lá estava aquêle cara, Ray McFall, cobrando as entradas. “Eu quero o John Lennon!”.

“Fui abrindo caminho, mas o barulho era ensurdecador. O teto era baixo, o que ainda piorava as coisas. As garôtas estavam tôdas juntas, imprensadas, com os braços para baixo. Por mais que tentasse, não conseguia aproximar-me do palco. Se o tivesse, teria arrancado John de lá. Finalmente, acabei indo sentar-me num camarim. Camarim! Apenas um cubículo bagunçado. Logo que êle apareceu, com as garôtas ainda gritando, não me conseguiu ver. Sem os óculos êle é cego. Então êle os colocou e me viu. — “Que é que você está fazendo aqui, Mimi?” — “Muito bem, John”, — respondi — “isso fica muito bonito para você.”

Mimi se certificou de que êle tinha voltado à escola naquela tarde. Há muito tempo, vinha insistindo com êle para que se dedicasse só aos estudos, e não a essa tolice de ficar tocando guitarra, a fim de conseguir boa classificação. Entretanto, via que tudo era inútil, e não podia fazê-lo parar de tocar.

“Que é que você quer?”, John costumava perguntar. “Eu não sou um trabalhador e nunca serei. Não importa o que você faça ou diga, jamais ficarei num emprêgo de 9 às 5”.

Foi quando apareceu o contrato de Hamburgo. Isso significava um bom afastamento de Mimi, por bastante tempo, num país estrangeiro. Mimi recorda-se de John tentando entusiasamá-la: “Mimi,

não é maravilhoso?”, êle perguntava. “Vou receber cem libras por semana, não é bacana?”

Quanto ao dinheiro, isso era exagêro, mas, mesmo assim, uma beleza para cinco adolescentes. John pulou de contente, encontrando uma boa desculpa para deixar a escola. Êle vinha agüentando isso há três anos. Arthur Ballard, seu professor mais chegado, salvara-o várias vêzes de expulsão. John tinha levado bomba em todos os exames e abandonava o colégio, totalmente desclassificado, apesar de estar convencido de que êles o teriam recebido de volta caso fracassasse em Hamburgo. Também estava deixando Cyn.

“O conjunto passava a ter seus próprios fãas”, diz Cynthia, “eu sabia que êles tinham um bando de garôtas penduradas nêles, mas nunca me preocupava ou ficava com ciúmes. Eu parecia muito mais velha do que aquelas garôtas. Eu me sentia muito segura.”

“Porém, fiquei muito preocupada com Hamburgo. Aquilo me parecia muito distante e longo. Conhecia as garôtas de Liverpool, mas ignorava a situação em Hamburgo. Lá, poderia acontecer-lhes qualquer coisa”.

11.HAMBURGO

Hamburgo é a Liverpool da Alemanha. É um grande pôrto do Norte. Os habitantes são duros e ásperos, mas, sob essa camada superficial, podem ser moles e sentimentais. O clima é úmido e venta muito. Êles têm a mesma pronúncia anasalada, fàcilmente reconhecível nos dois países. As duas cidades têm até a mesma latitude, 53 graus Norte.

Contudo, Hamburgo é duas vêzes maior do que Liverpool e é, tradicionalmente, uma cidade muito mais pecaminosa. O crime e a vida sexual de Hamburgo são famosos em tôda a Europa. A Reeperbahn, a rua principal do Soho de Hamburgo, deve ter mais boates de strip-tease do que qualquer outra rua do mundo.

Quando os Beatles chegaram lá, em 1960, com George nos seus doces dezessete anos e sem nunca ter sido beijado, Hamburgo estava mais pecaminosa do que nunca. A cidade, sendo um pôrto livre, tornara-se o centro do contrabando de armas para a FLN durante a guerra da Argélia. Isso havia trazido gangsters e dinheiro do exterior. Quando o muro de Berlim foi levantado, em agosto de 1960, muitos dos patifes e imigrantes ilegais da Alemanha Oriental foram para Hamburgo, em vez de procurar outras cidades. A guerra de gangsters que se seguiu tinha como centro as boates. Os garçons eram contratados por sua fôrça, em lugar de sua habilidade, para que estivessem prontos a expulsar as gangs das outras boates.

O próprio Allan Williams trouxe os cinco Beatles para Hamburgo. Êle os trouxe numa pequena camioneta, via Harwich e Hook of Holland. A única coisa de que John se recorda da viagem é que êle parou em algum lugar da Holanda, para roubar algumas coisas nas lojas.

Todos êles ficaram muito contentes com suas primeiras roupas de apresentações no palco — afinal de contas, agora eram profissionais — que traziam consigo. Consistia em pequenos casacos de veludo, que um vizinho de Paul fizera para êles. Pretendiam usá-los com seus trajes de Teddy Boy, calças pretas apertadas, camisa branca

com gravata de fitinha preta. Naturalmente ainda usavam bastos topêtes à Tony Curtis e cheios de vaselina.

“Bruno Koschmeider foi receber-nos quando chegamos”, lembra Peta Best, “Ele nos levou ao Kaiserkeller, onde esperávamos tocar. Encontramos Howie Casey, membro de um conjunto de Liverpool que já estava lá.

“Gostamos da aparência do lugar. Perguntamos quando começaríamos a tocar. Ele disse que não era ali. Então, fomos levados para uma outra boate, o Indra, que era muito menor. Eram onze e meia da noite e só havia dois frequentadores na boate.

“Mostraram-nos o nosso camarim, que depois verificamos ser o banheiro dos homens. Esperávamos ir viver num hotel, mas em vez disso fomos levados para um cinema, o Bambi, onde nos mostraram nossos aposentos. Era como o buraco negro de Calcutá. Mas sendo jovens e bobos não nos queixamos. Fomos direto para a cama.”

Allan Williams, que ficou ainda algumas semanas depois de os ter trazido, diz que alguns membros dos Seniors ficaram aborrecidos ao vê-lo trazer os Beatles. “Disseram-me que eu estava estragando a festa, trazendo um grupo michuruca como aquele.”

Indra, onde os Beatles começaram a tocar, no dia seguinte, quer dizer Índia, em alemão. Tinha uma grande tabuleta com um elefante, na sua porta da rua, na Grosse Freiheit, como seu escudo. Seu interior era pequeno e acanhado. Nenhum deles gostou da boate e menos ainda de dormir no cinema Bambi.

“Nós íamos dormir muito tarde”, conta John, “e éramos acordados muito cedo, no dia seguinte, pelo barulho do cinema. Tentávamos entrar no banheiro de senhoras, que era o mais limpo do cinema, mas gordas mulheres alemãs nos empurravam e entravam primeiro.”

“No princípio, fomos recebidos muito friamente. Então o gerente disse que nós devíamos Mak Show (dar show), como os outros grupos estavam fazendo. Tentamos. Estávamos um pouco assustados com aquilo tudo, estávamos na zona pesada de Hamburgo. Contudo, nós nos sentíamos espertos, sendo de

Liverpool, pelo menos acreditando no mito de que Liverpool só produzia caras escolados.”

“O primeiro Mak Show que eu fiz foi ficar pulando e rodando, durante um número, como o Gene Vincent. Cada número durava mais ou menos vinte minutos. Todos nós ficávamos mak showing o tempo todo.”

“Só uma vez tentamos um número alemão, tocando para a platéia. Paul tinha aprendido o Wooden Heart, que era muito popular.”

“Melhoramos e ficamos mais confiantes. Era o jeito, com aquela experiência de tocar a noite tãda. Era bom para êles que fôssemos estrangeiros. Tínhamos que dar duro, entrando de corpo e alma no negócio, para agradá-los.”

“Em Liverpool, a gente só tocava sessões de uma hora e só costumávamos executar nossos melhores números, sempre os mesmos, em cada compromisso. Em Hamburgo, contrataram-nos para tocar oito horas, de tal forma que tínhamos de encontrar um nôvo processo. Tocávamos muito alto, fazendo muito barulho, e os alemães adoraram o negócio.”

“Uma vez, quando correu a notícia de que estávamos dando um show”, diz Pete, “a boate começou a encher de gente. Trabalhávamos sete dias por semana. No comêço tocávamos quase sem parar até à meia noite e meia, quando a boate fechava. Quando melhoramos, os caras começaram a ficar até às duas da madrugada.”

“Víamos muitas brigas. Brigas enormes, com caras pendurados nos lustres e pulando por cima das mesas, exatamente como as que se vêem no cinema.”

Costumavam bater com o pé no chão do palco, quando não estavam pulando no ar, para aumentar o barulho e marcar o ritmo. A princípio, Pete Best não combinava perfeitamente com o jeito dêles de tocar, de modo que êles também tinham de bater seu próprio ritmo. Mas logo Pete melhorou, como aconteceu com todos êles.

O making show, como os alemães o chamavam, era a parte vital. Apesar de êles serem um grupo de rock and roll, em Liverpool

havam sido um conjunto bastante tranqüilo. Agora, eram ativamente encorajados a se soltar e dar no palco tanto show quanto possível, o que, naturalmente, para John era muito fácil. Êle dava show todo o tempo, pulando em êxtase ou rolando pelo chão, para maior satisfação dos rockers locais, que logo se tornaram seus fãs. Uma série de histórias sôbre John ainda são contadas em Hamburgo, muitas delas melhorando com o tempo.



Ringo, na fase "Teddy Boy". A mecha de cabelo cinza está começando a aparecer



A mãe e o padrasto de Ringo, Elsie e Harry Graves



A foto mais antiga dos Beatles como conjunto, nesta época chamados "The Quarrymen", tirada em 1956 numa festa de igreja em Liverpool. Ao lado esquerdo,

de casaco, está Paul. John está cantando ao microfone. George só entrou para o conjunto um ano mais tarde e Ringo só entrou para o grupo em 1962.

“Era um trabalho duro”, diz Pete, “e nós éramos só cinco camaradas se divertindo. Às vezes, fazíamos coisas malucas. John usava ceroulas Long John, pois estava esfriando muito à medida que o inverno se aproximava. George apostou dez marcos que ele não iria à rua só com elas e nada mais. John foi para a rua só de ceroulas e óculos escuros e ficou lendo o Daily Express por uns cinco minutos. Ficamos vendo-o e quase morrendo de rir”.

Depois de dois meses, o Indra foi fechado. Tinha havido queixas dos vizinhos por causa do barulho. Os Beatles então se mudaram para o Kaiserkeller. O palco do Kaiserkeller era muito velho, mais ou menos como tábuas de um caixote de laranja. Decidiram, então, acabar de arreventá-lo para ver se conseguiam um nôvo. No fim, acabaram mesmo com ele, com todos aquêles pulos e o making show, mas nunca conseguiram um nôvo. Apenas tocavam no chão aberto.

“Eu bebia muito”, diz Pete Best. “A gente não podia evitar. Ficavam mandando-nos bebidas o tempo todo e nós, naturalmente, bebíamos demais. Tínhamos punhados de garôtas. Logo vimos que era fácil apanhá-las. Garôtas são garôtas, feras são feras. Tudo melhorou cem por cento. A princípio tínhamos sido músicos macios e suaves, agora éramos uma central elétrica.”

O Kaiserkeller fazia-os trabalhar mais do que nunca. O grupo que estivera lá, antes, voltara para Liverpool e foi substituído por um outro conjunto, Rory Storm e os Hurricanes, também de Liverpool. Foram oficialmente contratados para tocar seis horas por dia. Como agora, havia dois conjuntos na boate, cada um tocava uma hora e descansava a seguinte. O tempo dos intervalos era muito curto para que eles fizessem qualquer coisa ou fôssem a algum lugar. Na verdade, ficavam na boate cêrca de doze horas cada dia.

“Nossa garganta doía de tanto cantar”, diz John. “Aprendemos com os alemães que podíamos ficar acordados tomando comprimidos, então fizemos isso. As pílulas, a princípio, eram inofensivas, mas eles passaram a tomar outras, como as Black Bombers e Purple Hearts, se bem que pareciam não estarem viciados por elas, ou passarem a

tomá-las em excesso. Isso foi o início do gosto pelas drogas. Todos êles as tomavam de vez em quando, exceto Pete Best, que nunca desejou nem ao menos experimentá-las.

Êles nunca passavam dos limites com elas, e só as tomavam para ficar acordados e não para se divertirem. Queriam permanecer acordados, porque estavam gostando de tudo, tocando o que lhes dava na telha, para os adolescentes selvagens de Hamburgo, pelo tempo que o desejassem. No fim das contas, não se aborreciam com as horas extra.

Às vêzes, ficavam cheios, com suas acomodações, que eram muito apertadas. Naturalmente, se êles não estivessem tão longe de casa e num país estrangeiro, por mais de uma vez teriam feito as malas e ido embora para Liverpool. Mas não podiam, socados lá em Hamburgo. Sobretudo, estavam gastando todo o dinheiro do pagamento, tão logo o recebiam.

É surpreendente que a saúde dêles não se abalou em nada. Nunca se alimentavam como deviam e dormiam muito pouco. "A gente tinha que tocar, beber e pegar garôtas, como ainda ia arranjar tempo para dormir?" pergunta John.

George e Paul sabiam um pouco de alemão. Pete sabia melhor que todos, pois havia passado em alemão nos seus exames de nível O. John e Stu não sabiam nada, nem estavam interessados em aprender. "Nós apenas gritávamos em inglês para os alemães", diz John. "Chamava-os de nazistas e mandava-os danarem-se." E a platéia gostava cada vez mais.

As platéias ficavam extasiadas, tornando-se-lhes devotadas, e os Beatles passaram a ter menos medo da boate, dos garçons e das brigas. Viam os garçons tirando dinheiro do bôlso dos bêbados, quando êstes ferravam no sono. Uma noite John decidiu experimentar o mesmo.

"Escolhemos um marinheiro inglês. Imaginamos que podíamos conversar com êle em inglês e enganá-lo, dizendo que iríamos conseguir algumas garôtas. Demos-lhe bebida às pampas e o tempo todo êle ficava perguntando onde estavam as garôtas. Ficamos

tapeando-o, procurando descobrir onde êle guardava o dinheiro. No fim, acabamos dando-lhe duas bolachas e desistimos do roubo. Não queríamos machucá-lo.”

Freqüentemente, os Beatles tinham pequenas brigas entre si, mas nada de sério. Principalmente, Stu e Pete, os dois caras mais novos do grupo, que eram chateados pelo resto. Stu tomava as coisas ao pé da letra, e Pete parecia não notar. Êle se esquecia de tudo. Nem se lembra mais de estar envolvido em nenhuma briga ou de alguém criticando-o ou gozando-o, apesar de os outros se recordarem muito bem.

Stu e Pete estavam ficando muito populares, apesar de não atingirem a popularidade de Paul, que era reconhecido onde estivesse. No palco, Stu usava seus óculos escuros e parecia muito desafiador. Pete nunca sorria, ficava pulando como John, parecendo casmurro e ameaçador. Ambos eram considerados pelos espectadores como uma espécie de James Dean, amuados e magníficos. Os outros, principalmente John, eram os extrovertidos.

“Paul, outro dia, estava contando-me”, diz John, “que costumávamos brigar sôbre quem era o líder. Eu não consigo lembrar-me disso. Naquela época, uma bobagem dessa já não importava. Eu não fazia questão de ser o líder, nem via a sua conveniência. Se discutia, era só por uma questão de orgulho.

“Tôdas as brigas eram apenas por coisas banais, especialmente porque estávamos aporrinhados e irritados de trabalhar tanto. Éramos uns garotos. Certa vez, no palco, George me jogou um pouco de comida em cima. Geralmente a gente comia no palco, já que ficava tanto tempo lá em cima. A briga com George fôra por qualquer coisa estúpida. Disse que ia quebrar-lhe a cara. Tivemos só uma briga de bôca, e foi tudo. Eu nunca lhe fiz nada.”

Normalmente, mostravam-se muito amigos entre si e com Rory Storm e o seu conjunto, com quem alternavam no Kaiserkeller.

Já conheciam muito bem o grupo de Rory. Naquela época, êle era muito mais conhecido em Liverpool do que êles. Haviãam oferecido a Rory Storm o contrato de Hamburgo, antes de o oferecerem aos

Beatles. Como êle o havia recusado, pois já tinha outro compromisso, é que os Beatles foram convidados. Fora Rory, na mesma época, havia outros grupos de Liverpool saindo-se melhor que os Beatles, como Cass e os Casanovas. Os Beatles, quando saíram de Liverpool com destino a Hamburgo, ocupavam, provavelmente, o terceiro ou quarto lugar na hierarquia dos conjuntos de Liverpool.

“Todos nós conhecíamos Rory”, diz George. “Êle era o grande astro de Liverpool, muito brilhante e selvagem no palco.” George conhecia bem o grupo dêle, porque, antes de ir para os Beatles, estivera pensando em entrar para êsse conjunto. “Fiquei conhecendo o Rory, porque houve uma época em que estava dando em cima da irmãzinha dêle.”

O baterista do conjunto de Rory Storm ficava, durante grande parte de seu intervalo, assistindo aos Beatles e pedindo que tocassem certas músicas.

“Eu não gostava muito da pinta do baterista de Rory”, diz George. “Êle parecia ser um cara muito desagradável, com aquêle cabelão cinzento. Porém, êsse cara meio nojento acabou sendo o Ringo, o cara mais bacana de todos nós.”

Pete conta que se recorda de Ringo, desde os tempos de suas apresentações no Casbah, com Rory Storm. Os outros não o conheciam. Demorou muito a virem a conhecê-lo bem. Contudo, aquêle foi o primeiro encontro dêles com Ringo Starr. Exceto a amizade com Ringo e o grupo de Rory, não fizeram outros amigos. Raramente saíam da boate, nem faziam fôrça de se tornar amigos dos alemães. “Todos êles eram meio bôlhas”, diz John.

Muito menos ainda, procuravam conhecer os inglêses que apareciam por lá. “Quando a gente sentia o cheiro de Senior Service ([2](#)) na platéia”, conta John, “sabíamos que, na certa, haveria confusão, antes de a noite acabar. Depois de alguns drinks, êles começavam a berrar Up Liverpool ou Up Pompey. Bandos imbecis de marinheiros inglêses armavam a confusão. E, antes de a noite acabar, estavam espalhados pelo chão meio mortos, depois de terem arranjado briga com o garçom, por causa da conta, ou mesmo sem motivo algum.

Os garçons puxavam seus canivetes de mola, ou cassetetes, e baixavam o pau. Nunca vi tamanho bando de assassinos.”

12.ASTRID E KLAUS

Não é muito surpreendente o fato de êles terem feito tão poucos amigos alemães em Hamburgo. A maioria dos hamburgueses respeitáveis nunca se aproxima do distrito de St. Paul, e muitos menos de Reeperbahn.

Klaus Voormann e Astrid Kirchner aproximaram-se. Quase por acaso, êles depararam com os Beatles. Ficaram seus fãs. Foram os primeiros admiradores intelectuais que os Beatles tiveram. Descobriram qualidades nos Beatles que ninguém havia percebido antes.

Klaus nasceu em Berlim, filho de um eminente médico. Chegou a Hamburgo, em 1956, a fim de estudar na Art School. Estava treinando para ser um artista comercial, mas havia escolhido a fotografia para sua especialidade. Foi assim que conheceu Astrid. Ela se tornou sua namorada.

Êles vinham saindo juntos, já há cêrca de dois anos, e Klaus mudara-se para um apartamento, em cima da casa de Astrid. Numa tarde, tiveram uma pequena briga. Klaus resolveu sair e ir a um cinema sòzinho.

“Saí e fiquei andando sem destino. Estava na Grosse Freiheit, quando ouvi um barulho danado, vindo de um porão. Desci para ver o que era. Antes eu nunca tinha estado numa boate daquela espécie.

“Lá embaixo, a barra parecia pesada. Havia alguns rockers com pinta de grossos, vestindo roupas de couro. Fiquei extasiado com o grupo que estava no palco e com o barulho que fazia. Então, cautelosamente, sentei-me para ouvi-los.”

A boate era o Kaisekeller, e não eram os Beatles que estavam tocando. Era o grupo de Rory Storm, com Ringo na bateria. Sem perceber, Klaus tinha sentado ao lado do outro conjunto residente. “Fiquei encarando-os, porque êles pareciam muito engraçados. Usavam casacos de xadrez prêto-e-branco. O de aparência mais

ridícula — Stu, como vim a descobrir mais tarde — tinha o cabelo empilhado para cima e usava sapatos compridos de bico pontudo e óculos escuros. Na realidade, não eram óculos escuros, era daquelas lentes escuras, que se acavalam sôbre uma armação de óculos comuns.

“Foram para o palco, e só então percebi que eram os componentes do outro conjunto. Executaram Sweet Little Sixteen, com John cantando. Surpreenderam-me mais do que o conjunto de Rory. Eu não conseguia tirar os olhos de cima dêles.”

“Eu queria falar com êles, aproximar-me, mas não sabia como fazê-lo. Estava com um pouco de mêdo de todos aquêles rockers. Estava bastante acanhado. Contudo, fiquei lá a noite tôda. Eu não conseguia compreender como é que êles tocavam tão bem em conjunto, de um jeito tão engraçado e tão alto. Durante todo o tempo êles ficavam pulando em redor. Calculei que faziam isso durante umas oito horas.”

Chegou a casa de madrugada e contou a Astrid onde havia estado. Ela ficou muito aborrecida com o fato de êle ter passado uma noite numa boate de St. Paul. Êle lhe falou sôbre aquêlo conjunto maravilhoso. Ela não estava interessada e recusou-se a ir lá com êle, na noite seguinte. Então êle acabou indo sòzinho.

Dessa vez, pensou numa forma de apresentar-se a êles, ou conhecê-los, ou pelo menos dizer-lhes alô. Levou consigo a capa que havia feito para um disco chamado Walk Don't Run. Êle tinha feito uma ou duas capas de discos, como artista comercial, apesar de a maior parte de seus trabalhos ser para revistas. Pensou que os Beatles estariam interessados em ver aquela capa.

Ficou sentado, de longe e, de vez em quando, procurava aproximar-se mais. Finalmente, os Beatles se sentaram, durante um dos seus intervalos. Êle se acercou de John, que parecia ser o líder. Num inglês de escolar, Klaus mostrou-lhe o disco.

Isso causou pouco efeito em John. “Eu só me lembro dêsse cara se chegando e me botando a capa do disco na mão, não sei por quê”, diz John. Êle murmurou alguma coisa, dizendo que Stu é que era o

artista, e que seria melhor mostrar a capa a êle. Klaus foi em direção a Stu, mas aconteceu qualquer coisa e êle acabou não conseguindo se aproximar dêle. Então teve que sentar-se novamente, sentindo-se mais amedrontado e embaraçado do que nunca. E assim ficou, novamente, a noite tôda, ouvindo a música que êles faziam.

A noite seguinte foi sua terceira visita. Afinal, Klaus conseguiu convencer Astrid. Contra a vontade, foi levada por Klaus e mais outro amigo, Jurgen Vollmer.

“Eu estava amedrontada quando chegamos”, conta Astrid. “Porém, logo me esqueci disso, quando vi aquêles cinco caras. Não sei explicar como me senti. Creio que me deu alguma coisa. Eu não podia acreditar no que via.”

“De algum modo, sempre fui fascinada pelos Teddy Boys. Gostava do aspecto dêles, nos filmes e nas fotografias. De repente, ei-los na minha frente, com seus cabelos para cima e costeletas compridas. Fiquei sentada, de bôca aberta, e nem me mexia.” “O ambiente era abafado e pesado. Era uma multidão típica de Reeperbahn. Narizes quebrados, Teddy Boys e aquela classe de gente. Em alemão chamavamos os Teddy Boys de Schlägers. Brigões, verdadeiros marginais.”

Quando Astrid e Klaus começaram a falar sôbre os Beatles seus colegas começaram a aparecer para vê-los. Êles tomaram suas próprias mesas e parte do porão. Os estudantes, com seus modos mais civilizados e suas roupas mais mod, logo começaram a influenciar e ditar a atmosfera do Kaiserkeller.

Os rokers ainda andavam por lá, apesar de não predominarem como antes. “O lugar ficou sendo nosso”, diz Klaus. “Não havia nenhuma rivalidade entre nós e os rokers. Na verdade fiz amizade com alguns, apesar de não os ter conhecido há mais tempo.”

“Havia umas garôtas rokers engraçadas que eu nunca havia visto. Quando elas dançavam pareciam pequenos cogumelos. Usavam saias curtas com anágua muito engomadas para mantêlas rodadas.”

Os Beatles começaram a passar grande parte de seus intervalos sentados, conversando e bebendo com Klaus, Astrid e seus amigos.

Não sabiam falar alemão, mas alguns alemães conseguiam entender um pouco de inglês.

“Sem esperar, a gente estava no meio de uma porção de caras com pinta de artista”, fala George. “Todos existencialistas.” “Êles eram geniais”, conta Paul. “Bem diferentes dos alemães comuns. Ficavam extasiados com o Stu fazendo aquela imitação de James Dean.” “Eu os chamava de Exis”, diz John. “Foram os primeiros alemães com os quais tive vontade de conversar.”

“Eu não conseguia entender a pronúncia de John”, conta Klaus. “Mas George quando falava conosco, o fazia bem devagar e nós conseguíamos entendê-lo. Era uma figura engraçada... As orelhas protuberantes, o cabelo curto atrás e todo empilhado no alto da cabeça.”

Só depois de ir lá, tôdas as noites, cêrca de uma semana, Astrid tomou coragem para pedir se podia tirar umas fotos dêles. “Dávamo-nos tão bem com êles, que eu me senti mais encorajada. Percebi que os rokers da Reeperbahn os adoravam. Eram até capazes de matar por causa dos Beatles”. Finalmente, ela conseguiu gaguejar umas duas palavras indicando sua vontade de tirar retratos dêles. “Foram tirados, apesar de John ter feito algumas observações engraçadas. Êle sempre dizia coisas terríveis a respeito dos Krauts (3) na frente de todos. Íntimamente, eu sempre achei que êle não era nada daquilo que aparentava ser.”

Mas na verdade, ela não estava lá muito interessada em analisar-lhes as atitudes. Pretendia mesmo era conhecer Stu. “Eu me apaixonara por êle, à primeira vista. É fato. Não foi um romance daqueles cheio de pieguice. Só estava apaixonada.”

Marcaram um encontro para o dia seguinte na Reeperbahn. Ela os levou para um parque de diversões e os fotografou lá, convidando-os, após, para irem a sua casa tomar chá. Pete se recusou. “Não porque eu quisesse ser anti-social, mas, unicamente, porque eu precisava comprar um couro nôvo para a bateria, pois o antigo tinha furado na noite anterior.” Os outros quatro foram com ela. Ela ofereceu-lhes sanduíches de presunto. Êles ficaram encantados. Foi o primeiro lar alemão em que entraram.

O cômodo no qual Astrid lhes serviu o chá era muito escuro e misterioso. Além da primeira impressão de escuridão, tudo que se podia ver eram duas cores, preto e branco. Tudo, as paredes, mobília e tapetes, ou eram pretos ou brancos. Havia árvores crescendo pelas paredes e pelo teto em torno do aposento. A janela estava encoberta e toda a luz provinha de velas acesas em vários lugares. Havia um pano preto pendurado numa das paredes. Um deles puxou o pano para ver o que estava atrás e deu de cara com um espelho. "Foi minha fase de Jean Cocteau", confessa Astrid.

O chá foi um pouco mais prosaico — sanduíches de presunto. "Eh! Olha só", exclamou George. "Sanduíches de presunto! Eu não sabia que os alemães também tinham sanduíche de presunto." Isso dá idéia do quanto ele havia visto da vida na Alemanha, socado doze horas por dia dentro do Kaiserkeller. Então ela os levou de volta ao clube em seu carro, a fim de que eles trabalhassem aquela noite.

Astrid trazia sua máquina sempre que vinha ao Kaiserkeller e tirou centenas de fotografias deles. Essas foram as primeiras fotografias dos Beatles, tiradas como profissionais. Por muitos anos, foram as mais artísticas. Por meio de uma hábil iluminação ela os deixava sempre meio na sombra. Esse truque, apesar de não ser original, acabou sendo usado e copiado por centenas de fotógrafos, durante muito tempo. Astrid foi a primeira pessoa a descobrir o potencial fotográfico dos Beatles, um fator valiosíssimo nas promoções de mais tarde.

Levou-os a outros lugares de Hamburgo, a fim de fotografá-los, colocando-os no pôrto, ou num desvio ferroviário abandonado para conseguir os efeitos mais diversos. Num papel e numa revelação de boa qualidade obter-se-ia o máximo com as fotografias de Astrid. Então, pode-se ver o quanto elas são excelentes. No entanto, mesmo com papel de segunda categoria elas são ótimas. "Elas eram geniais", revela Paul. "Ninguém conseguia tirar retratos nossos tão bem quanto Astrid!"

O tempo todo, nessas primeiras sessões, ela procurava falar com Stu, confessando-lhe que gostaria de fotografá-lo sozinho. Entretanto, ela não conseguia fazê-lo entender. Ele não falava um

pingo de alemão. Ela não falava nada de inglês. Conseguiu que Klaus lhe ensinasse inglês. "Ele quase ficou louco tentando explicar-me as coisas. Eu não conseguia aprender."

Êles passaram a fazer uma refeição na casa dela quase tôdas as noites, depois daquele primeiro chá. Ela e Stu aos poucos faziam maiores progressos. Stu começou a ir só e em outras horas. Ambos ficavam sentados na cama dela, conversando auxiliados por um dicionário Alemão-Inglês.

"Depois de Stu, eu gostava de John e George. E por último, de Pete Best. Eu gostava um bocado dêle, mas êle era muito tímido. Às vêzes era engraçado, mas não tinha muito contato com êle. Mesmo naqueles dias, a gente o esquecia.

"Achei difícil aproximar-me de Paul. Êle era muito amistoso. De longe, era o mais popular com os fãs. Êle sempre falava ou anunciava os números e dava os autógrafos. A maioria dos fãs parecia considerá-lo o líder. Na realidade, John é que era o líder. De longe, parecia o mais forte. Não fisicamente, mas em personalidade."

"Stu era o mais inteligente. Acho que todos concordavam com isso."

"Quanto a George, conhecíamos sua vivacidade. Sabíamos que não era bôbo, ao contrário, era um garôto adorável. Muito bom, tinha um espírito franco. Gostava de comer sanduíches de presunto, e coisas assim. Tinha um grande número de admiradores. Jurgen costumava aparecer com um cartaz no qual estava escrito I love George. Êle foi um dos primeiros a aparecer com êsse tipo de cartaz.

"Com a presença de George parecia que minha casa pegava fogo. Êle nunca havia conhecido ninguém profundamente, como lhe demonstrei depois. Ademais, êle tinha só dezessete anos. Lá estava eu, o tipo da garôta inteligente que êle jamais havia encontrado antes, com meu próprio carro, trabalhando como fotógrafa, e usando roupas de couro. Era natural que êle ficasse muito interessado em mim. Eu nunca alimentei êsse entusiasmo. Era cinco anos mais velha, e não aparentava. Dávamo-nos maravilhosamente."

Em novembro de 1960, apenas dois meses depois de seu primeiro encontro, Stu e Astrid ficaram noivos. Juntaram o dinheiro e foram comprar as alianças — uma para cada, segundo o costume alemão. A seguir, partiram no carro dela, ao longo do Elba. “Desde que conseguimos entender-nos ao outro chegamos à conclusão de que nossa finalidade era o casamento.”

Stu ainda não tinha dezenove anos completos. Não era muito mais velho do que George, na realidade, mas era muito mais desenvolvido e maduro em seu modo de pensar. Continuava interessado em arte como antes. Não como John que abandonara tudo. Contudo, também era apaixonado pelo conjunto. Uma noite, no palco, teve uma briga com Paul. Apesar de ser muito menor e mais fraco do que Paul e sua raiva era tão grande que adquiriu uma fôrça extraordinária. “Ele podia tornar-se realmente histérico quando se zangava”, diz Astrid. A briga foi por causa de Astrid, por alguma coisa que Paul dissera dela, mas ninguém se lembra mais dos pormenores.

A rivalidade entre Paul e Stu, os pequenos ciúmes e as briguinhas são fáceis de explicar. De um certo modo, isso era motivado por causa da atenção que John dava a um e a outro. Paul fôra muito ligado a John, durante dois anos, até o aparecimento de Stu. Stu era, de fato, muito talentoso, mais maduro. Até Michael McCartney, irmão de Paul, ainda se lembra de como, em Liverpool, Paul já tinha um pouco de ciúmes de Stu.

A amizade que se estabeleceu entre os cinco Teds de Liverpool e um grupo de estudantes intelectuais de Hamburgo, é coisa difícil de se explicar. Klaus e Jurgen usavam o cabelo escovado para a frente, no estilo francês, como o chamavam. Suas roupas e suas idéias estavam de acôrdo com a moda. Porém, os Beatles exerciam uma atração áspera, natural e indisciplinada.

Os exis (existencialistas) de Hamburgo tinham apelidos para êles todos — John era o Sidie Man, Paul o Beautiful One e George o Baby One. O nome Beatles, em alemão, intrigava-os a todos, desde a chegada dêles. The Peedles, era como os alemães o pronunciavam.

Isso em alemão é vulgar entre as crianças, e significa pinto ou zèzinho.

Agora tinham dois ardorosos grupos de admiradores, os rockers e os exis. Seu contrato original de seis semanas foi prolongado várias vezes, diante da insistência popular. O Natal aproximava-se e eles já estavam em Hamburgo quase cinco meses. Estavam planejando passar para uma boate melhor e maior, a Top Ten. Logo que perceberam que eram um sucesso no Kaiserkeller queriam mudar para uma boate maior.

Pediram uma audiência ao gerente do Top Ten, Peter Eckhorn. "Eu gostei e ofereci-lhes um contrato." Então George foi avisado de que teria que deixar o país.

"Em tôdas as boates", diz George, "havia um aviso, dizendo que tôdas as pessoas com menos de dezoito anos tinham de abandonar o recinto. Alguém acabou descobrindo que eu só tinha dezessete anos. Portanto, eu não tinha uma permissão de trabalho e nem mesmo um visto de residente. Então eu tinha de ir embora. Tinha de ir só para casa. Era a única alternativa. Nunca me senti tão mal."

Stu e Astrid levaram-no à estação, compraram-lhe a passagem e arranjaram-lhe um lugar no trem. "Ele estava de pé ali", conta Astrid. "O pequeno George, tão perdido. Dei-lhe um grande saco de doces e maçãs. Ele abraçou Stu e a mim, numa espécie de demonstração que eles nunca davam."

Os outros quatro se transferiram para o Top Ten e só se tinham apresentado uma noite, quando surgiram novos problemas.

"Paul e eu estávamos saindo do Bambi", diz Pete Best. "John e Stu já haviam levado suas coisas para o Top Ten. Nós riscávamos fósforos para ver o que estávamos fazendo, e acho que causamos o incêndio. Não foi muita coisa mas a polícia nos botou na cadeia por três horas, dizendo-nos, em seguida, que seríamos deportados. Com isso, só John e Stu ficariam lá."

"John apareceu lá em casa, cêrca de um dia depois", conta Astrid. "Disse que estava indo para casa, pois lhe haviam tomado a permissão de trabalho. Falou que vendera algumas roupas, para

comprar a passagem, mas precisava de mais algum dinheiro emprestado.”

“Foi horrível”, lembra John. “Ir para casa sozinho. Eu estava com meu amplificador nas costas, morrendo de medo que mo tomassem. Sobretudo, não havia acabado de pagá-lo. Estava convencido de que nunca mais encontraria novamente a Inglaterra.”

Então, avisaram a Stu que ele também teria de partir. A verdadeira razão dessa deportação deles todos, exceto a de George, que foi por ele ser menor, nunca ficou esclarecida, devidamente. Talvez tenha sido motivada pela concorrência ou rivalidade entre as boates.

Stu foi o único que voltou para casa com alguma classe. Voou de volta para Liverpool. Estava com uma pequena amigdalite, e Astrid não queria que ele piorasse numa longa viagem terrestre e marítima. Então, ela pagou-lhe a passagem de avião.

Os outros se arrastaram de regresso a Liverpool, da melhor maneira que conseguiram. O que lhes tinha acontecido, até ali, foi a maior experiência de suas carreiras e terminara patética e miseravelmente!

Chegaram em casa só, quebrados e esfarrapados, desalentados e desanimados. Durante algum tempo, não se viram, nem se comunicaram entre si. Chegaram até a imaginar que os Beatles jamais voltariam a se reunir.

13.LIVERPOOL “LITHERLAND” E “CAVERN”

Ao regressar de Hamburgo, John chegou a casa, durante a noite. Teve de jogar pedras na janela do quarto de Mimi para que ela acordasse, levantasse e viesse abrir-lhe a porta.

“Ele usava aquelas horríveis botas de cowboy, que lhe chegavam até aos joelhos, com dourados e prateados. Foi entrando e logo dizendo — “Pague aquêlê táxi, Mimi”. Então, gritei para êle, que já subia as escadas — “Onde estão tuas cem libras por semana, John?”

— “Só mesmo você, Mimi —”, John gritou de volta, — “ficar falando sôbre cem libras por semana, quando sabe que estou tão cansado.”

— “E você pode ir se livrando dessas botas horríveis, pois, não pense em entrar nessa casa usando essa coisa.”

John foi para a cama e ficou em casa por mais de uma semana, não por causa das botas, mas porque parecia não haver outra alternativa. É natural que Cyn ficou contentíssima em vê-lo de volta. Êle escrevera-lhe, durante todo o tempo em que ficara fora. “As cartas mais sexys, depois de Henry Miller”, diz John. “Algumas delas com quarenta páginas de extensão. Você não as jogou fora, jogou?”

George, fôra o primeiro a chegar. Não sabia que os outros lhe seguiram, logo depois. Sentia-me muito envergonhado, depois de todo aquêlê farol que fizemos, quando partimos para Hamburgo. Uma noite, o velho me deu uma carona para a cidade e eu tive de lhe pedir dez shillings emprestados.”

Paul também permanecia em casa, e logo começou a ter discussões com seu pai. Desde o início, Jim não queria que êle deixasse a escola e fôsse para Hamburgo. Agora, insistia com Paul em arranjar um emprêgo e não mais ficar à toa.

“O diabo encontra ocupação para as mãos vazias”, sentenciava-lhe Jim, com muita originalidade, e várias vêzes por dia. E Paul, nunca fôra um rebelde. Por princípio e sempre desejoso de agradar, acabou cedendo.

“Fui ao Labour Exchange. Era o lugar indicado. Arranjaramme um emprêgo de ajudante de caminhão de carga. No Natal anterior, já havia trabalhado um pouco nos Correios, por isso, pensei experimentar algo diferente.”

“A firma se chamada Speed Prompt Delivery — SPD. Faziam entrega na zona do pôrto. Tomei um ônibus cedo, para as docas e comprei o Daily Mirror, tentando parecer um operário autêntico, apesar de, na realidade, não passar de um “pudim de escola.”

“Costumava sentar na traseira do caminhão e ajudar a carregar os pacotes. Às vêzes, ficava mortalmente aporrinhado. Quando íamos a lugares distantes, como Chester, por exemplo, eu costumava dormir dentro do caminhão. Fazia duas semanas que eu trabalhava com êles, e já me sentia muito mudado, tendo um emprêgo e alguns trocados no bôlso. No entanto, fui despedido. A época de Natal acabou e já não havia tanto trabalho.”

“O velho começou a reclamar novamente, com aquela mesma lengalenga, dizendo que o conjunto era muito bom, mas que com êle a gente nunca conseguiria ganhar a vida. Em parte eu concordava com êle, mas havia sempre alguém dizendo que prometíamos, alguns fães que gostavam da gente, e faziam com que a gente se animasse.”

“Conseguí um outro emprêgo com Massey & Coggins, enrolando bobinas para eletricidade. A gente tinha de usar um casaco especial para isso. Um colega chamava-me de Mantovani, por causa do meu cabelo comprido. Eu tinha de ficar de pé ao lado de uma manivela para enrolar as bobinas. Eu, constantemente as quebrava. Fazia uma bobina e meia por dia, os outros conseguiam fazer oito ou até mesmo quatorze. Eu não dava para aquilo.”

“Eu gostava mesmo, era dos intervalos de descanso. Chá, geléia, e todos os caras jogando futebol, numa espécie de pátio de recreio de prisão.”

“Na verdade, eu tinha ido para lá, agora me lembro, para um serviço de limpador do pátio, e achei que estava bem. Quando o encarregado soube que eu tinha instrução, começou a suspeitar de

mim, imaginando que, talvez, eu tivesse ficha criminal ou coisa semelhante. Por fim, chegou à conclusão que eu era um cara legal e me deu um serviço melhor. Esse foi o de enrolar bobinas. Ele prometeu que se eu me aplicasse no trabalho me daria bem. Acabei sonhando em passar por todos os cargos, seguir toda a trajetória, até chegar a ser diretor algum dia. Pelo menos, fiz força para isso.”

“Recebia sete libras por semana, para enrolar bobinas e fazer o chá. O conjunto voltava a tocar novamente. Porém, eu não sabia se deveria voltar ou não, como full time. Permaneci no trabalho, saindo de lá para tocar, só durante os intervalos do almoço, ou quando estava doente. Por fim, abandonei o emprego. Ao todo, acho que fiquei lá uns dois meses. Gostei muito de ser operário. Encontrei um cara chamado Albert e a gente conversava bastante.”

“Uma coisa sou obrigado a reconhecer em Paul”, fala Jim, seu pai. “Ele sempre foi esforçado. De fato, não estava interessado em nenhum dos dois empregos. Era só para me fazer a vontade.”

Eles haviam voltado de Hamburgo, no começo de dezembro de 1960. Ao todo, não ficaram sem trabalho, talvez umas duas ou três semanas. Com alguma chance, poderiam ter recomeçado a trabalhar nas boates imediatamente. Isso os teria animado um pouco, depois do patético regresso a Liverpool. Enquanto estavam fora, Allan Williams decidira abrir uma grande boate de rock, como as que funcionavam em Hamburgo. Por essa época, ele já tinha mandado vários outros grupos para lá, inclusive Gerry e os Pacemakers. Ele achava que tinha alguma coisa para eles em Liverpool. Pouco antes do regresso dos Beatles, ele inaugurara uma nova boate chamada Top Ten, com o mesmo nome da de Hamburgo. O cara contratado para gerente chamava-se Bob Wooler. Entretanto, seis dias depois de inaugurada, foi totalmente destruída por um incêndio. Teria sido um lugar ideal para as apresentações dos Beatles! Desapareceu antes de eles o terem visto.

O primeiro compromisso deles após o regresso acabou sendo novamente no Casbah, o clube da mãe de Pete Best. Lá, tiveram uma grande recepção de boas-vindas, especialmente do amigo de Pete, Neil Aspinall.

Neil já era amigo de Pete, fazia uns dois anos. Nesta ocasião, êle morava no Casbah. Pelo menos, havia saído de casa e alugou um quarto na casa de Mrs. Best. Freqüentara a escola, juntamente com Pete. Estêve, também, no Institute, onde iniciou, na mesma turma de Paul. Conhecia ainda George. Ambos tiveram problemas com fumo. Neil não fôra contaminado pela mania do skiffle. Contudo, sempre apoiou os grupos locais. Com uma turma de colegas, êle aplaudiu os Beatles (ou Moondogs), no Empire, quando da primeira audição para o Carrol Lewis Show.

Neil havia deixado o Institute com oito níveis O, e estava praticando para contador. Recebia £ 2.10.0 por semana, além dos vales de almoço. Parecia ter o futuro assegurado. No princípio, ocupava grande parte de suas noites com cursos por correspondência. "Detestava ouvir broncas de um cara a trezentas milhas de distância." Quando começou a aparecer no Casbah, seus cursos principiaram a ser abandonados, especialmente, quando se mudou e passou a viver lá, definitivamente.

"Pete me escreveu, durante tôda sua permanência em Hamburgo", conta Neil. "Êle me dizia que estavam se dando muito bem e que haviam sido convidados a ficar mais um mês, e depois mais um, e assim, sucessivamente."

"Derry e os Seniors chegaram antes, de lá. Pete recomendouos a sua mãe, e ela lhes dera uma tarde no Casbah. Êles melhoraram muito. Disseram-nos para esperar, até ouvirmos os Beatles."

"Quando soube que os Beatles estavam voltando para casa definitivamente, fiz uma porção de cartazes com os dizeres A volta dos Fabulosos Beatles — e os espalhei pelas portas e paredes. Nunca os tinha visto com Pete como membro do conjunto. Não sabia como êles haviam mudado, na Alemanha. Podiam estar péssimos."

Apesar do entusiasmo de Neil, não foi possível colocar os Beatles imediatamente no Casbah. Cada um dêles parecia ignorar o que os outros estavam fazendo, e até mesmo se todos estavam de volta. "Só soube que John igualmente tivera de deixar Hamburgo, depois de êle já estar em Liverpool, havia uma semana", diz Pete Best.

“Durante semanas não soubemos o que acontecera a Stu, acho que só em meados de janeiro tivemos conhecimento.”

O primeiro compromisso deles, após o regresso, foi no Casbah. Eles saíram-se ótimamente.

“Foram geniais”, diz Neil. “Haviam melhorado tremendamente. Logo, começaram a arranjar outros empregos e o número de admiradores aumentava. Frank Garner, o cara que tomava conta da porta do Casbah, começou a transportá-los em sua camioneta.



Paul, John e Pete Best, de volta de Hamburgo, do lado de fora do Cavern Club, em Liverpool



Hamburgo: os cinco Beatles foram para Hamburgo em 1960 e tocaram lá, em diferentes épocas, durante os três anos seguintes. Da esquerda para a direita: Pete Best, George Harrison, John Lennon, Paul McCartney e Stu Sutcliffe. (Foto de Astrid Kirchherr)

Eu os via muito, pois o Casbah transformou-se em sua base. Era lá que guardavam seus amplificadores e equipamento. Rory Storm também retornou de Hamburgo, e tocou no Casbah. Foi muito bacana.”

Seu compromisso mais importante, depois da estada em Hamburgo, teve lugar no dia 27 de dezembro de 1960, no Litherland Town Hall. Se se pode dizer que algum compromisso foi um divisor de águas, com certeza, êste foi um. Todo o desenvolvimento dêles, tôda a sua harmonia e tôdas as suas músicas, de repente, atingiram tôda Liverpool, naquela tarde. Seus admiradores do Casbah apareceram no Litherland e ajudaram no sucesso daquela apresentação. Dali em diante, êles deixaram de olhar para trás.



Outro "Teddy Boy": John

Tudo isso, êles devem a Bob Wooler, que estava às vésperas de tornar-se o disk jockey do Litherland Town Hall. Êle havia trabalhado na British Railways, até o início da era do skiffle. Êle não estava envolvido naquilo. Contando quase trinta anos naquela época, ficou fascinado com o seu desenvolvimento. "Era

surpreendente ver os adolescentes fazendo sua própria música pela primeira vez e eles mesmos se tornando seus artistas.”

A idéia de um Top Ten em Liverpool esfriou, e essa foi a grande oportunidade para eles e para os Beatles. “Eles estavam bem aborrecidos. Eu conhecia-lhes a capacidade, mas, naquela ocasião, sentiam-se realmente por baixo. George estava chateadíssimo pelo modo como terminou sua estada em Hamburgo.”

Bob conseguira-lhes um compromisso no Litherland Town Hall. Era um grande salão usado regularmente duas vezes por semana para as danças dos adolescentes. Foi o maior lugar onde, até então, haviam tocado, sua música alta e ritmada, que eles haviam aperfeiçoado em Hamburgo, causou — literalmente — um grande tumulto, o primeiro que eles provocaram. Sobretudo, receberam seis libras pela apresentação. A maior quantia, até então, paga a eles.

“Os caras endoideceram”, conta Pete Best. “Depois descobrimos que eles tinham escrito uma porção de coisas a giz na nossa camioneta. Foi a primeira vez que isso aconteceu.”

Foram anunciados para aquela apresentação como “Os Beatles, diretamente de Hamburgo”. Muitos dos garotos que fizeram o tumulto naquela apresentação, e nas seguintes, pensavam que eles eram alemães. Enquanto assinavam os livros de autógrafos e seus fãs os ouviram falar, ficaram surpresos com o fato de eles falarem um bom inglês.

“A gente provavelmente tinha pinta de alemão”, diz George. “A gente parecia muito diferente dos outros conjuntos, com nossas calças de couro e botas de cowboy. Tínhamos um ar engraçado e tocávamos de um jeito diferente. Caímos como uma bomba!”

“Foi naquela tarde,” diz John, “que nós realmente saímos de nossas cascas e deixamos a coisa andar. Descobrimos que éramos bastante famosos. Foi aí que começamos a pensar, pela primeira vez, que éramos bons de fato. Até Hamburgo pensávamos que estávamos bem, mas não tão bons assim.”

Todavia não só os Beatles mudaram. Houve grandes transformações na Inglaterra durante a ausência deles da pátria. Agora, todos os

conjuntos buscavam, desesperadamente, parecerse com os Shadows.

O sucesso de Cliff Richard levou os Shadows, o conjunto que o acompanhava composto por Jet Harris, Tony Meehan, Bruce Welch e Hank Marvin, a ir em frente e transformar-se em sucesso por conta própria. Seu disco instrumental, Apache, varreu o país. Todos os grupos procuravam copiar sua sobriedade e seu bomgosto em matéria de roupas de apresentação, ternos cinza, gravatas combinando e sapatos engraxados e com grande brilho. Eles também davam pequenos passinhos de dança, três numa direção três na outra. Em sua aparência, e também em sua música, tudo era de bom-gosto, polido e controlado.

Os Beatles, por outro lado, tocavam alto e selvagememente. Pareciam mal-ajambrados e desorganizados, como aborígenes ou retardados. Eles haviam continuado no estilo do rock and roll, que estava em moda quando saíram de Liverpool, mas que agora estava morrendo. Tornaram-se cada vez mais rock and rollantes acrescentando um ritmo extra, maior volume de som e um bárbaro mak showing no palco. Com efeito haviam criado seu próprio ritmo. Ritmo êsse que superava muitíssimo o dos discretos Shadows. Ao som do qual o ouvinte tinha de sair correndo e tapar os ouvidos, ou ficar tão alucinado e fora de si como os caras que o produziam.

“Assim, foi em Hamburgo”, conta John. “Foi lá que nós realmente nos desenvolvemos. Para pegarmos os alemães e ficarmos tocando doze horas por dia, a gente tinha que martelar. Não teríamos evoluído tanto, se tivéssemos ficado em casa. Lá, a gente experimentava o que nos dava na veneta. Não havia de quem copiar. A gente tocava o que mais agradava. Os alemães gostavam daquilo, contanto que fôsse barulhento.”

“Foi só em Liverpool que notamos a diferença, e verificamos o que estava acontecendo conosco, enquanto todo mundo estava tocando no estilo da bossa do Cliff Richard.”

Seu próprio ardor e suas personalidades contagiavam a platéia. Isso também ajudava. Tinham um nôvo ritmo, que era produzido por uns

caras adaptados às platéias de Liverpool. Eram naturais e não afetados.

Bob Wooler logo deixou o Litherland para ser o disk jockey do Cavern. Foi um dos primeiros a fazer a crítica dos Beatles. Só foi publicada, seis meses depois, no verão de 1961, no jornal de música local, de Merseyside. Rememora o início de 1961, quando eles primeiro conquistaram Liverpool, e depois, atingiram o Litherland Town Hall. Isso, muito antes de terem qualquer publicidade ou promoção:

“Por que você acha os Beatles tão populares? Eles fizeram renascer a música original do rock and roll, cujas origens são encontradas nos cantores negros americanos. Apareceram, quando o cenário estava emasculado por figuras como Cliff Richard. Passado estava o ritmo que inflamava as emoções. Os Beatles explodiram num ambiente petrificado. Seu ritmo é feito de explosões de gritos. É uma excitação, tanto física quanto auditiva, que simbolizava a rebelião da juventude.

Sua música, essencialmente, compõe-se de um número vocal. Quase nunca instrumental. São de mentalidade independente. Tocam o que lhes apraz e para se divertirem, para agradar e para ganhar dinheiro. Privilegiados, ganharam prestígio e experiência em Hamburgo. Musicalmente são autoridades, fisicamente são magnéticos. Por exemplo: a magnificência do baterista Pete Best — uma espécie de Jeff Chandler adolescente. Uma notável variedade de vozes talentosas, e que quando falam, possuem a mesma candura de tom. Revolucionários rítmicos. Um número que do começo ao fim é uma sucessão de arrebatamentos. Um culto da personalidade. Aparentemente sem ambição. Contudo flutuam entre o autoconfiante e o vulnerável. Verdadeiramente um fenômeno — e também uma situação para os promotores! Assim são os fantásticos Beatles. Acho que não acontecerá novamente nada semelhante a eles.”

No Ano-Nôvo de 1961, mais contratos de grandes salões se seguiram ao sucesso dêles no Litherland Town Hall. Na maioria dos lugares, as apresentações terminavam em distúrbios. Especialmente quando Paul cantava Long Tall Sally, um número normal de rock and roll, feito com um tremendo ritmo eletrizante. Êles estavam começando a perceber o domínio que produziam sôbre suas platéias. Tiravam o máximo proveito disso, até que tudo perdia o contrôle. Paul conta que alguns dêesses primeiros salões eram aterrorizantes. "No Grosvenor Ballroom, em Wallasey, havia mais ou menos uns cem caras de Wallasey prontos para brigar com outros cem de Seacombe, quando o negócio começou. O negócio tinha iniciado uma noite, antes de eu perceber o que estava acontecendo e tentar salvar meu amplificador. Um amplificador El Pico, que era meu orgulho e minha alegria naquele tempo. Um dos Teds me agarrou e foi dizendo-me para ficar quietinho, se não quisesse sossegar para sempre. O Habledon Hall era outro lugar onde, freqüentemente, havia confusão. Houve uma noite lá, em que os caras abriram extintores de incêndio em cima dos outros. Geralmente, quando a gente tocava o Hully Gully, êsse número terminava em pancadaria."

A maioria dos salões de dança tinha um grande número de leões-de-chácara a fim de acabarem com êsses tumultos. Ademais, os leões-de-chácara começaram a ser empregados para outras finalidades.

"Recordo-me de um salão onde nós estávamos", conta John. "Havia muita gente lá. Logo percebemos que deveria haver outros empresários presentes. Com isso, nosso trabalho duplicaria. Contudo, o que ignorávamos era que a gerência havia colocado uma porção de leões-de-chácara em tôrno de nós, para impedir que os outros promotores se aproximassem. Assim, ninguém chegou perto. Sòmente o gerente se acertou de nós, para dizer que tinha gostado da gente e ofereceu-nos uma série de compromissos, a oito libras por noite. De forma que seriam duas libras a mais do que estávamos recebendo, e então ficamos muito satisfeitos."

Êles poderiam ter ganho muito mais dinheiro, a partir de 1961. Pois, a partir dessa época, eram cada vez mais requisitados, e estavam pouco a pouco disputando com Rory Storm (Mr. Showmaker, como o chamavam) o primeiro lugar entre os conjuntos preferidos de

Liverpool. Entretanto, faltava-lhes ainda um empresário e, na verdade, não percebiam realmente o que estava acontecendo com eles. “Demorou algum tempo para que percebêssemos o quanto éramos superiores aos outros conjuntos”, afirma George. “Só então vimos que estávamos arrastando grandes audiências, para todos os lugares onde íamos. Seguiam-nos não só para nos ver pessoalmente, mas também, vinham para dançar.” Implicavam muito, com Stu e Pete Best, mas não saíam brigas sérias, como acontecera em Hamburgo. Em vez disso, costumavam discutir sobre o melhor lugar da camioneta, depois de um espetáculo, ou brigar por comida. Frequentemente, discutiam sobre quem ia dirigir, pois acreditavam que o motorista tinha o melhor lugar, porque ficava livre de se ocupar com o trambôlho do equipamento, por cima.

“Essa disputa dava-se, geralmente, entre mim e George”, lembra Paul, “pois, regulavam a mesma idade. John era o mais velho e o líder natural. George e eu vivíamos engalfinhando-nos, discutindo sobre quem iria guiar. Mais tarde, quando tivemos nossa própria camioneta, eu saía correndo para pegar as chaves e me sentar primeiro, no lugar do motorista. George entrava e dizia — “Pô, eu pensava que eu é que ia dirigir. Você dirigiu ontem à noite.” E eu respondia — “Pois é, pensou que ia, mas não vai.”

O sucesso deles nos vários salões de dança, à volta de Merseyside, fez com que lhes oferecessem seu próprio lugar, onde poderiam ser o conjunto-residente e seus fãs ficavam sabendo onde eles estavam. Esse lugar foi, graças a Bob Wooler, o Cavern Club. Tornaram-se famosos demais para voltar ao Casbah Club, que, além de ser distante do centro principal de Liverpool, era um clube local muito pequeno.

Por muito tempo, o Cavern foi a principal boate de música viva no centro de Liverpool. Entretanto, tinha sido quase que exclusivamente para jazz. Ainda, na ocasião em que saiu aquele artigo de Bob Wooler citado acima, publicado no verão de 1961, o Cavern era anunciado, em outra página daquele mesmo jornal, como uma boate de jazz, apesar de já estar sendo superada pelos conjuntos de rock, especialmente pelos Beatles.

O Cavern está situado no número 8 da Mathew Street. É uma estreita alamêda, no centro de Liverpool, do lado oposto à esquina da Whitechapel, onde está situada a Nems, a principal loja de discos da cidade. Dista uns dois quarteirões do edifício do Liverpool Echo e não é muito longe do Pier Head.

A maioria dos edifícios da Mathew Street são depósitos de frutas. A rua está sempre atravancada e suja, cheirando a frutas e vegetais em decomposição. Durante o dia e no fim da madrugada, há caminhões descarregando. Para ir ao Cavern, tem-se de descer sete degraus. Ele ocupa um porão que fôra depósito de vinho. Ainda se assemelha muito com uma velha adega. É escuro e apertado, com altas colunas. Não tem ventilação alguma, mesmo hoje em dia, que se transformou num restaurante-night club.

Ray McFall, um ex-contador, havia comprado o Cavern, em 1961. Dirigia-o como um clube de jazz: Johnny Dankworth, Humphrey Lyttleton, Acker Bilk, Chris Barber, todos tocaram lá. Todavia, mais tarde, começaram com apresentações dos grupos de rock.

A partir de janeiro de 1961, os Beatles passaram a tocar regularmente no Cavern. No início, alternavam com os Swinging Blue-jeans, que tinham sido o grupo-residente, e apresentavam um semi-jazz, antes deles.

“De janeiro de 1961 a fevereiro de 62, apresentei os Beatles, no Cavern Club, 292 vezes”, lembra Bob Wooler. “Por aquela primeira apresentação, na hora do almoço, eles receberam cinco libras. Pela última, receberam trezentas.”

Isso mostra não só o quanto Bob Wooler deve ter ficado impressionado com eles, preocupando-se em contar o número exato de vezes, mas também o quanto eles estavam trabalhando.

“É provável que tenhamos gostado mais do Cavern do que de qualquer outro lugar”, afirma George. “Era fantástico. Lá, nós nunca deixamos de nos confundirmos com a platéia durante todo o tempo. Nós nunca precisávamos ensaiar nada. Nem fazíamos como os outros grupos, que viviam a copiar os Shadows. Nós achávamos que estávamos tocando para nossos próprios fãs, que eram gente como

nós. Vinham ouvir-nos, em suas horas de almoço, trazendo seus sanduíches. Nós fazíamos a mesma coisa: comíamos e tocávamos. Era tudo espontâneo. Era só o que acontecia.”

“Aquêlê lugar era uma verdadeira pocilga”, diz a senhora Harrison. “Não havia nem um pouco de ar. O suor dêles costumava pingar pelas paredes ou para dentro dos amplificadores, fundindo-os. Mas êles continuavam do mesmo jeito, cantando completamente banhados de suor. John costumava gritar coisas para a platéia. Mas George não falava nada, nem sorria. As garôtas estavam sempre me perguntando por que êle parecia tão sério. Êle costumava dizer: — “Eu sou a primeira guitarra. Se os outros cometem erros, por estarem brincando, ninguém nota, mas eu não posso fracassar.” — Levava muito a sério questões a respeito de sua música, e de dinheiro. Sempre queria saber quanto estavam recebendo.”

A senhora Harrison, sempre, foi uma de suas fãs mais entusiasmadas. Não só ia apreciá-los, mas ainda levava parentes e amigos consigo. Ela se encontrava no Cavern, naquele dia, antes de êles irem para Hamburgo, quando a tia de John, Mimi, entrou para buscá-lo. Estava resolvida a levá-lo consigo, nem que fôsse arrastado pelas orelhas.

“Eu a vi quando estava saindo”, conta Mrs. Harrison — “Êles não são formidáveis?” — “Gritei para ela. Ela voltou-se para mim e disse que se alegrava com o fato de alguém pensar assim.” “Encontrei Mimi várias vêzes depois daquilo. Ela sempre repetia que nós todos não teríamos vida tranqüila, não fôsse eu encorajá-los tanto.”

Todos que os viram, naquela ocasião, no Cavern, lembram-se da maioria de suas apresentações de improviso. Os Shadows haviam não só influenciado no jeito de tocar dos outros conjuntos, mas também na maneira como entravam e saíam do palco e como apresentavam seus números. Os Beatles apenas faziam o que lhes dava na telha. Quando algo não dava certo, os outros conjuntos saíam do palco, fazendo aquêles disfarces de grande show business, até que alguém ajeitasse a situação. O que os Beatles faziam era botar o pessoal para cantar *Coming Round the Mountains* ou alguma canção velha, naquela base.

Mrs. Harrison aprovava tudo. Mimi reprovava. Jim McCartney principiava a se adaptar àquele negócio.

Ele costumava passar suas horas de almoço nas imediações do Cavern. Fazia hora pelos pubs e cafés do Mercado do Algodão, conversando com os possíveis compradores. Isso ele fazia para impressionar que seu emprêgo parecia mais importante do que era. Continuava a ser um simples vendedor de algodão. Ganhava menos de dez libras por semana e passava algumas dificuldades. Michael, o irmão de Paul, já estava trabalhando, mas não ia muito bem no emprêgo. Não conseguira entrar para o Art College e após uma série de empregos sem futuro estava aprendendo a ser cabeleireiro.

“Freqüentemente, eu dava uma passada pelo Cavern, na hora do almoço” lembra Jim. “Eles deveriam pagar risco de vida para quem entrasse lá. A atmosfera era de suor. Quando Paul chegava em casa, vindo do Cavern, eu torcia sua camisa na pia e o suor escorria dela.

“Os garotos da platéia ficavam num estado horrível, brigando entre si, a fim de estarem o mais perto possível do conjunto, ou então, desmaiando com a excitação e a atmosfera. Eu via Paul e seus companheiros no palco, com ar de “gato escondido, com rabo de fora”. Eu procurava abrir caminho por entre os garotos e poder aproximar-me. Nunca conseguia. Passei a ir para o pequeno vestiário deles esperar sua saída do palco.”

Ele ficava esperando, não para conseguir um autógrafo, e sim porque queria ver Paul. Jim era o único dos pais que exercia as funções de cozinheiro, lavador e limpador de garrafas, por isso, tinha de gastar sua hora do almoço fazendo as compras para o jantar dele, de Paul e de Michael.

“Procurava Paul no Cavern para entregar-lhe as salsichas, costeletas ou coisa que o valha. Quase sempre estava em cima da hora e com pressa, só tendo tempo de empurrar os fãs e entregarlhe as compras.”

“E agora, meu filho, não esqueça”, eu costumava dizer, “quando chegar em casa esquite isso no fogão elétrico.”

14.MARCANDO TEMPO: LIVERPOOL E HAMBURGO

O sucesso dêles como um fenômeno local estava garantido, ao chegarem ao Cavern. Depois de uns quatro ou cinco anos girando por ali, finalmente, se firmaram de forma individual e conquistaram os seguidores devotados em Liverpool.

No ano seguinte, durante a maior parte de 1961, não aconteceu nada de realmente importante. Melhoraram por todo êsse tempo. E seus seguidores locais se tornavam cada vez mais fanáticos. Voltaram a Hamburgo novamente. Essa foi a primeira de uma série de contratos renovados. E seu sucesso continuou e foi cada vez maior. Agora, enveredavam na trilha da glória local. Pareciam destinados a tocar para sempre em Liverpool ou Hamburgo. Ninguém mais estava interessado nêles.

Sua segunda estada em Hamburgo começou em abril de 1961 pouco depois de George ter completado dezoito anos. Peter Eckhorn, gerente do Top Ten Club, e Astrid ajudaram a lhes conseguir as devidas licenças de trabalho. Peter Eckhorn ainda guarda o contrato. Rezava que êles tocariam tôdas as noites das sete às duas da manhã, exceto aos sábados, quando tocariam até às três. “Depois de cada hora de trabalho haverá um intervalo, não inferior a quinze minutos.”

O Top Ten era maior e não tão turbulento quanto as outras duas boates onde haviam tocado. Possuía melhores acomodações, decoração e platéias. Agora, ainda havia mais existencialistas entre os espectadores, gritando por êles. Dentre êles havia muitos fotógrafos que se deitavam na frente, na tentativa de conseguirem ângulos pouco comuns dos Beatles no palco, e gritando — “more sveat, please, more sveat”.

Astrid foi esperá-los na estação — desta vez êles estavam fazendo o negócio com um pouco mais de estilo —; ela estava tôda vestida de couro. Antes, ela havia usado um casaco de couro, que serviu de

modêlo para êles, apesar de usarem-no com suas calças apertadas e botas de cowboy. Stu gostou tanto, que pediu que ela fizesse um terno completo de couro para êle. Os outros também quiseram um; todavia, compraram as roupas de couro de uma qualidade tão ruim que arreventaram logo que as vestiram.

Foi por essa época que Astrid começou a dizer a Stu que não gostava de seu cabelo cheio de brilhantina no estilo dos Teddy Boys. Achava que lhe ficaria melhor o cabelo do jeito que Klaus e Jurgen o usavam. Depois de muita conversa Stu acabou cedendo e permitiu que lhe fizesse um penteado. Ela escovou-lhe o cabelo todo para a frente, cortou as pontas e fê-lo subir um pouco.

Naquele dia, Stu apareceu no Top Ten com o penteado no nôvo estilo, fazendo os outros se dobrarem de tanto rir. Mais tarde êle desistiu e voltou a pentear seu cabelo para trás. Por insistência de Astrid, tentou novamente aquêle penteado no dia seguinte. Foi ridicularizado outra vez. Até que, no dia seguinte, George apareceu imitando-lhe o penteado. Paul fêz o mesmo, apesar de sempre voltar ao seu penteado original. John ainda não se havia decidido. Pete Best estava por fora daquela história. Contudo, o estilo de cabelo dos Beatles havia sido criado.

Astrid passou a influenciá-los de outros modos, tais como ternos sem gola. Ela tinha feito um para ela. Stu, o admirara tanto que arranjou um igual, apesar das piadas dos demais companheiros. — “O que é que você está fazendo com o casaco da mamãe, hein Stu?”

Todos êles ficaram um pouco mais ferozes, durante a segunda estada em Hamburgo. Tomavam bolinhas (todos exceto Pete Best), para ficarem acordados durante a noite e poderem tocar. “Mas aquilo nunca passou dos limites”, revela Astrid. “Nem a bebida. Agora êles muito raramente bebiam só.”

John não perdera a mania dos pequenos furtos nas lojas, quando lhe dava na telha. Astrid achava aquilo genial — Pete Shotton, colega de escola de John, usava a mesma expressão, quando se referia a êles.

“Era o jeito de John”, afirma Astrid. “Todo mundo tem vontade de fazer essas coisas de vez em quando, mas naturalmente fica só na

vontade. John, de repente, esfregava as mãos e dizia — “Eu sei, vamos afanar umas coisas nas lojas”. Era muito divertido. A gente não ficava nada chocado. A idéia aparecia repentinamente na sua cabeça, e êle ia em frente. Às vêzes, passava semanas sem voltar a fazer aquilo de nôvo. As idéias não ficam dando voltas na cabeça de John antes de se decidir a realizá-las, como acontece com Paul.”

John ainda fazia suas caricaturas anti-religiosas —desenhando Cristo na cruz com um par de chinelos embaixo — e se envolvia em outras brincadeirinhas de adolescente. Uma vez, êle botou uma coleira feita de papel, cortou para si uma grande cruz de papel, e começou a pregar de uma das janelas da boate para os que passavam lá embaixo na rua.

Gravaram seu primeiro disco durante esta viagem, apesar de Allan Williams já ter feito um disco dêles para demonstração. Isso foi, quando da primeira estada dêles em Hamburgo. Não tinha levado a lugar nenhum, e só fizera cinco cópias. Desta vez, êles foram convidados a fazer o acompanhamento para Tony Sheridan, o cantor do Top Ten. “Quando veio o convite”, confirma John, “pensamos que o negócio ia ser fácil. Os alemães tinham umas drogas de discos. O nosso estava destinado a ser melhor. Tocamos cinco dos nossos próprios números, mas não gostaram. Êles preferiam coisas como o My Bonnie Lis Over the Ocean”.

Bert Kaempfert, o líder alemão de orquestra, fêz a gravação. Nos discos, acompanhando Tony Sheridan, êles foram chamados de The Beat Boys, pois acharam que o nome Beatles iria causar confusão.

Só quatro participaram da gravação. Pete Best figurava lá. Achava estar-se dando muito bem. Tivera uma briga com Tony Sheridan, mas isso fôra tudo.

Entretanto, Stu Sutcliffe havia deixado o conjunto. “Às vêzes nós éramos terríveis com êle”, confessa John. “Especialmente Paul, que ficava o tempo todo a chateá-lo. Depois, eu pedia desculpas, explicando-lhe que a gente realmente gostava dêle.”

Êles se sentiam um pouco culpados pelo jeito com que tratavam Stu, mas essa não foi a razão de êle ter abandonado o conjunto. Êle

havia decidido ficar em Hamburgo, casar com Astrid e voltar a estudar. Matriculou-se no Art College, graças a um eminente professor visitante, Eduardo Paolozzi, o escultor escocês, que conseguiu uma bolsa de estudos para Stu, com as autoridades de Hamburgo.

Stu ainda gostava da música dos Beatles, mas achava que era melhor em arte do que na guitarra-baixo. Na verdade, Paul podia tocar muito melhor. Seria melhor para êle encarregar-se do setor, o que acabou fazendo. Depois de ter deixado o conjunto, Stu tornou-se um amigo ainda mais chegado do que fôra até então. E todos viram como eram bôbas aquelas briguinhas que havia.

Em julho de 1961, os quatro Beatles regressaram a Liverpool, tendo deixado Stu em Hamburgo. Êle se saiu bem no Art College. "Tinha bastante energia, mas era muito engenhoso", conta Paolozzi. "O sentimento inventivo jorrava dêle. Possuía, perfeitamente tôdas as características de sensibilidade e de arrogância para ser bem sucedido."

Quando chegaram a Liverpool, os Beatles fizeram um show de boas-vindas de parceria com outro conjunto que êles conheciam havia muito tempo, Gerry e os Pacemakers. Tocaram nos instrumentos dos outros e objetos estranhos, como papel e pente. Êles se apresentaram como os Beatmakers, uma piada da qual os fãs gostaram muito.

Os Beatles ainda tinham a sorte por estarem recebendo dez libras por semana, cada um, mas o culto ao ritmo chegou em Liverpool. O que marcou sua existência foi o aparecimento de um jornal inteiramente dedicado ao movimento musical dos conjuntos. Era o Mersey Beat, no qual Bob Wooler publicou o artigo sôbre os Beatles, já transcrito anteriormente. Sua primeira edição saiu no dia 6 de julho de 1961. Continha fofocas sôbre os conjuntos principais, tais com Gerry e os Pacemakers, Rory Storm e os Hurricanes, o conjunto no qual Ringo Starr tocava bateria. Parece que ambos eram os conjuntos mais populares. Os Beatles vinham depois dêles, a julgar pelos primeiros números. Contudo, os Beatles forneceram o único

trecho humorístico de sua primeira edição, quando pediram a John que revelasse um pouco da história de seu conjunto:

Mersey Bea 6 de Julho de 1961

DE UM PEQUENO PASSATEMPO

A CÊRCA DAS

DÚBIAS ORIGENS DOS BEATLES

traduzido de O John Lennon

Era uma vez três menininhos chamados John, George e Paul, com êstes nomes batizados. Êles decidiram juntar-se porque eram do tipo que se junta. Quando os meninos estavam juntos perguntaram-se para que, para que aquilo? Então, repentinamente, êles deixaram crescer guitarras e formaram um barulho. Muito engraçadamente ninguém estava interessado, muito menos os três homenzinhos. En-ta-aaaão, descobrindo um quarto homenzinho ainda menor, chamado Stuart Sutcliffe, passando por ali, disseram-lhe, aspas — “Filhinho, arranje uma guitarra-baixo, que você estará muito bem” —, e êle fêz isso — mas não ficou muito bem porque êle não sabia tocar aquêle negócio. Então, êles ficaram sentados com êle, até que o dito aprendesse a tocar. Ainda faltava ritmo, e um homem bondosamente velho disse, aspas — “É porque vocês não têm bateria!” — Nós não temos bateria! êles choraram. Então uma série de baterias veio e se foi e veio.

Repentinamente, na Escócia, em excursão com Johnny Gentle, o conjunto (chamando-se de os chamados Beatles) descobriu que não tinha um som muito bacana — porque êles não tinham amplificadores. Êles arranjam alguns. Por que Beatles? Uh, Beatles, como é que apareceu êsse nome? Bem, então vamos contar. Apareceu numa visão —um homem apareceu numa torta de fogo e disse-lhes — “De agora em diante vocês vão ser os

Beatles com um A" — Obrigado, Senhor Homem, êles disseram, agradecendo ao sujeito da torta inflamada.

E então um homem com uma barba raspada disse para êles irem para a Alemanha (Hamburgo), e tocar um poderoso rock and roll para os camponeses, em troca de dinheiro. E nós dissemos que tocaríamos qualquer coisa poderosa, em troca de dinheiro.

Mas antes de podermos partir, tivemos que fazer crescer um baterista; então nós plantamos um em West Derby num clube chamado mais ou menos Casbah, e êsse cara foi o Pete Best. Nós telefonamos — "Alô Pete venha para a Alemanha! —" — "Sim!" — Zuum. Depois de alguns meses, Peter e Paul que é chamado McArtrey, filho de Jim McArtrey, seu pai, tacaram fogo num cinema e a polícia alemã disse — "Seus Beatles maus, vocês devem ir para casa e tacar fogo nos seus cinemas ingleses". — Zuum, lá se foi metade do conjunto. Mas mesmo antes disso, a Gestapo havia pegado meu amiguinho, o pequeno George Harrison (de Speke), mandando-o embora, porque êle só tinha doze anos e era muito pequeno para votar na Alemanha; mas depois de passar dois meses na Inglaterra êle fez dezoito anos e os caras da Gestapo disseram que a gente já podia voltar lá. Então, repentinamente, na cidadezinha de Liverpool havia muitos conjuntos tocando dentro de ternos cinzas e Jim disse — "Por que é que vocês não usam ternos cinza?" — "É porque a gente não gosta dêles, Jim —", a gente dissemos falando prô Jim. Depois de ficar um pouco tocando nas boates todo mundo disse — "Vão prá Alemanha" —. Então a gente foi. Zuum.

Stuart foi embora. Zuum. John (de Woolton) George (de Speke) Peter e Paul, zuuum. Todos êles foram embora. Obrigado a vocês sócios dos clubes, de John e George (que são amigos).

As piadas e os erros deliberados deste artigo de John foram reproduzidos, muitas vezes, nos anos seguintes. Toda a primeira página da segunda edição do Mersey Beat era sobre o contrato deles para gravar na Alemanha. Usaram uma das fotografias tiradas por Astrid: uma onde os cinco estavam num desvio ferroviário em Hamburgo. Na legenda, Paul ainda é chamado de Paul MacArthy. Neste mesmo número havia um artigo sobre modas, redigido por uma tal de Priscilla e no qual ela dizia que "agora o cinza é a cor para as roupas de tarde". Esta era Cilla Black, nesta época dactilógrafa, chapeleira no Cavern, e, ocasionalmente, cantora.

Por esta época, os Beatles eram o conjunto principal do Cavern, mas ainda usavam o Casbah Club, a casa de Pete, como seu quartel general. A senhora Best transformou-se em promotora de danças, apesar de o Casbah ainda ser a sua preocupação especial. "A maioria das pessoas se referia a eles como Pete Best e os Beatles." pelo menos era o que ela dizia. Pete era o principal responsável pelas apresentações, ajudado por sua mãe, e ainda procurava organizar o conjunto.

O Casbah ainda foi mais procurado, quando Neil Aspinall, amigo de Pete, que morava lá, comprou uma velha camioneta por oitenta libras, e começou a levar os Beatles para tocar pelas redondezas de Merseyside. Recebia cinco shillings de cada um, para cada corrida. "Minhas tardes passaram a ser uma chatura. Eu os levava ao destino, voltava para casa, estudava um pouco, e ia buscá-los. Comecei a refletir no que estava fazendo. Além disso, recebia duas libras e dez shillings por semana, como contador. Contudo, podia conseguir três libras, por três sessões de hora de almoço no Cavern. Então, em julho, deixei o emprego definitivamente."

Neill ficou sendo o road manager do conjunto, apesar de abominar esse título. Sua tarefa consistia em pegar Pete e todos os instrumentos no Casbah e levá-los todos para o lugar em que deveriam tocar.

"Eles estavam sendo os causadores de distúrbios em todas as partes", fala Niel. "Os garotos estavam indo direito; então os Teds

tentavam quebrar o lugar. Uma vez, numa briga, acabaram quebrando um dedo de John.”

Porém, apesar de seu crescente número de admiradores e do fato de, em algumas semanas, ganharem quinze libras, tiravam ainda dinheiro para pagar Neil. Não havia nada de novo. Londres parecia ser o único lugar de onde saíam os cantores de música popular ou, pelo menos, o único lugar onde êles conseguiam fazer nome.

O Mersey Beat estava fazendo o cartaz dêles e vendendo muitas cópias. Pete Best esforçava-se em organizá-los, mas tudo em vão, pois êles perdiam muito tempo e a oportunidade de muitos contratos. De fato, parecia não se importarem muito com os contratos e, ainda por cima, gozavam os promotores interessados nêles. Nessa ocasião, já tinham rompido com Allan Williams, que lhes conseguira o primeiro contrato em Hamburgo. Êle declara que, durante a segunda viagem do conjunto a Hamburgo, parou de receber sua comissão, e, com efeito, deveria ter continuado a recebê-la. Por sua vez, êles afirmam que o contrato do Top Ten foi conseguido exclusivamente por êles. Por conseguinte não havia razão por que pagar comissão a quem quer que fôsse. Houve um atrito entre êles, apesar de mais tarde voltarem às boas. “Eu achava que me tinham passado para trás, depois de ter feito tudo por êles. Agora, compreendo o que perdi. Poderia ter continuado com êles, mas na verdade, acho que não era um homem de negócios. Eu só fazia aquilo por mero divertimento.” Nenhum empresário ou agente estava interessado nêles. Êles ganhavam muito pouco para atrair um empresário bom. Ademais, não eram o tipo de conjunto de caras limpinhos e bem comportados de que os empresários gostavam.

Empregavam a maior parte de seu tempo livre entre as apresentações de hora do almoço e as da noite, andando por Liverpool, sentados nos bares ou nas lojas de discos, ouvindo-os de graça. Estavam sempre duros. Danny English, gerente do Old Dive, um bar (agora demolido) perto do Cavern, lembra-se dêles, tomando uma cerveja preta, horas a fio. Um dia, disse-lhes que já era tempo de pagarem uma bebida para a garçonete.

“Depois de muita discussão perguntaram-me o que ela gostaria de beber.” — “Eu disse: cerveja.” Eles então perguntaram quanto custava. Depois de muita conversa cada um tirou do bolso 41/2 de lre pagaram uma Guinness.

Danny English tentou convencer um de seus clientes que ajudasse o conjunto. Foi o George Harrison. Não tinha parentesco com o nosso George Harrison. Ele redigia uma coluna para o Liverpool Echo, há muitos anos. Todavia, não fêz nada por eles. Havia incontáveis conjuntos competindo, que lhe chamavam a atenção, porém os Beatles pareciam os mais mal-ajambrados, na opinião dêle.

Êstes estavam ficando cada vez mais deprimidos pela sua falta de progresso. Todos os pais, exceto Mrs. Harrison e Mrs. Best, constantemente insistiam com eles para abandonarem aquêle negócio e buscarem um emprêgo em condições.



Os Beatles, nesta época chamados “Os Silver Beatles”, na audição dada em 1960 para Larry Parnes. Esta audição levou ao primeiro compromisso inteiramente profissional do conjunto — uma “tournee” de duas semanas como conjunto de acompanhamento pelo norte da Escócia. A esquerda está Stu Sutcliffe que havia

acabado de entrar para o grupo. Nesta época ele mal conseguia tocar guitarra-baixo e é por isso que está tentando ficar de costas para a platéia. John, Paul e George estão em primeiro plano. O baterista, parecendo muito chateado, é Johnny Hutch, que ocupou o lugar no último minuto porque o conjunto chegou sem baterista.



Paul, John e George vestidos de couro no seu estilo "cowboy", num telhado de Hamburgo, em 1961



Em Hamburgo, em 1960, George, Stu Sutcliffe e John (Foto de Astrid)

“Eu sabia que John sempre seria um boêmio”, conta Mimi. “Mas eu queria que ele tivesse algum trabalho. Tinha quase vinte e um anos, tendo perdido aquela oportunidade no Art College. Seu tempo foi desperdiçado, tocando naqueles estúpidos salões a três libras por apresentação. Não vejo lógica nenhuma nisso.”

Quando John completou os vinte e um anos ganhou algum dinheiro de presente de sua tia que morava em Edimburgo, e, no mesmo instante, decidiu gastá-lo em Paris, juntamente com Paul. George e Pete Best ficaram muito magoados com essa deserção. “Nós estávamos cheios”, lembra John. “Tínhamos contratos, mas os cancelamos e nos mandamos.”

Em Paris, encontraram Jurgen Vollmer, um dos seus amigos de Hamburgo. Essa viagem, foi gasta, em grande parte, pelos bares de Paris, até que o dinheiro acabou.

“Jurgen também usava calças bôca de sino”, diz John. “Mas achamos, que em Liverpool, isso seria considerado muita frescura. Não queríamos parecer afeminados ou coisa que o valha, porque nossos auditórios eram cheios de caras. Tocávamos rock, com roupas de couro, e as baladas de Paul atraíam garôtas cada vez mais.”

John soubera que Jurgen estava em Paris, por intermédio de Stu. Apesar de Stu ter abandonado o conjunto para estudar arte em Hamburgo, êle e John se correspondiam longamente.

Inicialmente, as cartas eram cheias de piadas e histórias malucas, no estilo das que John escrevia quando criança, enchendo aquêles cadernos. “Tio Norman saiu pedalando nos seus bigodes.” “P. S. Mary Rainha da Escócia era uma negra.”

Enviava a Stu as boas notícias a respeito do progresso do conjunto, tais como a da instalação de um fã-clubes dos Beatles, em Liverpool etc. (Rory Storm já tinha um). Contudo, logo as cartas passaram a ser cheias de desapontamentos e queixas. “Êsse negócio é uma merda. Alguma coisa vai acontecer, mas quando?”

John começou a incluir nas cartas alguns de seus poemas sérios, como aquêles que êle nunca havia mostrado a Mimi, apesar de normalmente terminarem em obscenidades. Enchia suas cartas com êles, quando lhe faltavam idéias para escrever.

“I remember a time when
Everyone I loved hated me
Because I hated them.
So what, so what, so
Fucking what

I remember a time when
Belly buttons were knee high
When only shitting was
Dirty and everything else
Clean and beautiful

I can't remember anything
without a sadness
So deep that it hardly
becomes known to me.
So deep that its tears
leave me a spectator
of my own stupidity.
And so I go rambling on
With a hey nonny nonny no."

Stu também as enchia com a mesma espécie de lamúrias e angústia, só que as suas começaram a ser muito piores do que as de John. Êles as escrevia como se êle fôsse Jesus. John, a princípio, pensava que isso fôsse apenas uma piada, e fingia ser São João Batista.

Certa ocasião, nos fins de 1961, Stu desmaiou no Art College, em Hamburgo, e foi levado para casa. "Sentia muita dor de cabeça", afirma Astrid, "mas a gente atribuía isso ao seu trabalho excessivo na escola".

Êle voltou à escola, no dia seguinte, mas, em fevereiro de 1962, aquêle negócio se repetiu. Desmaiou, e novamente foi trazido de

volta para a casa de Astrid e levado para seu quarto. Desta vez ficou lá. Escrevia cartas de trinta páginas para John. Fazia pinturas e desenhos sem conta, ou ficava apenas dando voltas no próprio quarto. As dores de cabeça passaram a ser violentas e seguidas de acessos de raiva, o que dificultava ainda mais que Astrid e sua mãe tomassem conta d'ele. Estava sob tratamento médico, sem resultado algum. "Um dia, ao voltar de um especialista, disse que não queria um caixão preto como o de todo mundo. Tinha acabado de ver um caixão branco, numa vitrina, e disse que queria um igual àquele".

Stu morreu em abril de 1962, depois de uma hemorragia cerebral. "Sua vida foi muito curta", diz Klaus. "Em todos os segundos de sua curta existência ele sempre estava fazendo alguma coisa. Tinha uma vista muito boa e via melhor que qualquer pessoa. Sua imaginação era fantástica. Sua morte foi uma tragédia. Se sobrevivesse teria feito muito."

Não resta dúvida alguma sobre o talento artístico de Stu. O professor Paolozzi achava que ele estava destinado ao sucesso. Havia ganhado vários prêmios em Liverpool, quando ainda adolescente. A partir de sua morte, seus quadros têm aparecido em inúmeras exposições de Londres e de Liverpool. Teve uma grande ascendência sobre John e os demais Beatles, influenciando-os sobre os penteados, as roupas e, até, sobre seus pensamentos.

"Quando tinha alguma dúvida eu me dirigia a ele", diz John. "Eu confiava nele, aguardando que ele me dissesse a verdade, da mesma forma que hoje em dia eu faço com Paul. Stu me dizia o que era bom e eu acreditava nele."

Ainda hoje, eles sentem a falta de Stu. É surpreendente pensar que, o que era considerado o mais inteligente dos Beatles, havia morrido, em 1962.

A morte de Stu foi, de certo modo, um clímax macabro daquele ano. Por isso, e por estarem com pouco serviço, sentiam-se deprimidos. Entretanto, antes da morte de Stu, a "alguma coisa", que John procurava, estava em vésperas de acontecer, em Liverpool.

Aconteceu, para ser preciso, às três horas da tarde do dia 28 de outubro de 1961. Um jovem vestido num casaco de couro prêto, chamado Raymond Jones, entrou na loja de discos Nems em Whitechapel, Liverpool, e pediu um disco chamado My Bonnie, tocado por um conjunto chamado Os Beatles. Brian Epstein, que estava atrás do balcão, disse que lamentava muito. Nunca tinha ouvido falar naquele disco, ou num conjunto chamado Os Beatles.

15. BRIAN EPSTEIN

A fortuna da família Epstein foi fundada pelo avô de Brian, Isaac, um judeu refugiado da Polônia, que chegou a Liverpool por volta do início do século. Abriu uma loja de móveis, mais tarde chamada I. Epstein e Filhos, em Walton Road, Liverpool. Mais tarde o pai de Brian, Harry, assumiu o controle da loja.

Muitos habitantes de Liverpool acham que os Epsteins sempre foram donos da loja Nems (North End Music Stores), cujo nome mais tarde se tornou famoso por Brian, graças à venda de discos. Porém, a Nems já existia antes dos Epsteins, Jim McCartney, o pai de Paul, lembra-se de ter tido durante a Primeira Guerra Mundial um piano comprado na Nems.

Os Epsteins só se tornaram donos da Nems pela década de trinta. Ela ficava no fim do quarteirão da Walton Road onde se situava a I. Epstein e Filhos e eles sempre estiveram de olho nela, a fim de expandir seu negócio. Harry viu que o negócio de discos e músicas muito bem combinava com uma loja de móveis, e era, sobretudo, o local que ele desejava, quando comprou a Nems.

Harry casou-se numa outra família judia muito bem sucedida na venda de móveis, os Hymans, de Sheffield. Casou com Queenie, em 1933, quando ela tinha dezoito anos e ele estava com vinte e nove.

Brian, seu filho mais velho, nasceu a 19 de setembro de 1934, numa maternidade particular de Rodney Street, a Harley Street de Liverpool. Seu segundo filho, Clive, nasceu vinte e três meses mais tarde.

Com dois filhos, o êxito da firma de móveis Epstein parecia estar assegurado, daí em diante. Harry e Queenie moravam numa grande casa de cinco quartos, em Childwall, uma das zonas residenciais mais procuradas de Liverpool. Os Epsteins moraram lá por trinta anos, até o casamento de Clive. Hoje, esta casa é ocupada pelo Deão de Liverpool.

Os Epsteins viveram com certo conforto até o começo da Segunda Guerra. Tinham dois empregados — uma babá para os meninos e um empregado para o serviço geral.

O que a senhora Epstein ainda se lembra, da primeira infância de Brian, é que ele foi o bebê mais lindo que ela tinha visto. “À medida que aprendia a andar e a falar revelava um espírito irrequieto. Sempre queria saber tudo.” A primeira recordação de Brian é da grande excitação ao ser levado para visitar seus parentes em Sheffield.

Sua primeira escola foi o Jardim de Infância Beechanhurst, em Liverpool, onde ele martelava e pregava figuras recortadas numa tábua de compensado. Em 1940, quando tinha seis anos, Liverpool sofria pesados bombardeios, e a família foi evacuada primeiro para Prestatyn, em North Wales, e depois para Southport, onde havia uma grande comunidade judaica. Brian foi matriculado no Southport College, onde iniciou sua educação formal, começo de um processo muito longo e muito infeliz.

“Eu era um daqueles garotos fora de linha, que nunca se encaixam”, escreveu em sua autobiografia em 1964 (intitulada *A Cellarful of Noise*, editada pela Souvenir Press). “Eu era rasgado, censurado e aporinhado pelos meninos e professores. Meus pais devem ter-se desesperado comigo muitas vezes.”

Em 1943, a família regressou a Liverpool, e Brian foi matriculado no Liverpool College, uma escola particular e paga. No ano seguinte, com dez anos de idade, foi expulso de lá. “A razão principal foi sua falta de atenção e por estar abaixo do padrão. Tinham-me pegado numa aula de matemática desenhando meninas. Havia outros crimes que suspeitavam ser eu o autor. Reconheço que cometi muitas faltas.”

Ele ainda se recorda de ter chegado em casa, sentado num sofá e seu pai dizer-lhe: — “Eu gostaria de saber o que poderemos fazer com você nesse mundo”.

Sua mãe acha que, mais tarde, ele superestimou seus fracassos escolares. Ela concorda que ele dificilmente poderia ter sido feliz ou

bem-sucedido em alguma escola, devido às falhas do método de ensino, ou por outro motivo qualquer. “Foi logo depois da guerra. Era difícil conseguir vaga nas escolas. Não havia tanta liberdade como hoje. Quando eles não iam com a cara de um aluno, o expulsavam sumariamente.”

O próprio Brian pensa que, além de sua incapacidade de se adaptar, também devia ter havido algum anti-semitismo. “Eu me lembro de às vezes ter sido chamado de judeu ou Yid. Porém, isso me parecia nada significar. Era o mesmo que, por ter o cabelo ruivo, um menino passar a ser chamado de Ginger.”

Depois de sua expulsão do Liverpool College seus pais arranjaram-lhe uma outra escola particular local, mas êle só ficou lá poucas semanas. Perceberam que essa escola era só de fachada. Era daquelas que se aproveitam de pais nessa situação, e pouco se importam com a educação das crianças, somente se preocupando em arrancar o dinheiro dos pais ricos que não conseguiam matricular seus filhos em outras escolas.

Finalmente, conseguiram-lhe uma boa escola judaica chamada Beaconsfield, perto de Tunbridge Wells. Ali, êle aprendeu a andar a cavalo, coisa de que tanto gostava, e arte, que também era de sua predileção e pela qual se interessou pela primeira vez.

Aos treze anos, êle fêz o exame de admissão. Êsse é o exame exigido para se ingressar em qualquer uma das escolas públicas da Headmaster’s Conference. Fracassou miseravelmente. Isso não impediu que continuassem tentando que fôsse admitido numa delas. Rugby, Repton e Clifton, tôdas recusaram-no. Finalmente, entrou para o tipo de educandário que aceita qualquer aluno. Era um colégio bem animado, com muito terreno, em West Country. Lá êle foi obrigado a jogar rugby. Foi uma fase bem infeliz.

Entretanto, seu pai não perdeu as esperanças e continuou tentando. No verão de 1948, no décimo quarto aniversário de Brian, conseguiu que êle fôsse admitido no Wrekin College, uma escola pública bem conhecida, situada em Shropshire.

Brian não se entusiasmou com Wrekin, pois já estava acostumando na escola de West Country. Continuava com sua arte, e finalmente, fazendo alguns amigos. Nesta época, escreveu em seu diário: "Agora, odeio Wrekin. Vou para lá, só porque meus pais querem que eu vá... É uma pena, porque êsse foi um grande ano para mim. O nascimento de novas idéias. Um pouco mais de popularidade."

Afinal, acabou permanecendo em Wrekin. Pelo menos descobriu o jeito de passar o tempo. Seu interêsse pela arte continuou. Tornou-se o primeiro da classe em arte, e decidiu que seria desenhista de modas.

"Escrevi para meu pai, dizendo-lhe que queria ser desenhista de modas, mas êle foi contra a idéia. Disse que essa não era a profissão ideal para um jovem."

Ao mesmo tempo, êle alimentou interêsse pelo teatro. Em casa, em Liverpool, sua mãe o levava a muitas peças. "Eu costumava levá-lo primeiro às peças infantis e juvenis. Mais tarde, para melhorar sua educação, comecei a levá-lo para ver Peter Glenville. Também costumava levá-lo para ouvir a Philharmonica de Liverpool."

Brian fêz o papel principal em Christopher Columbus, no espetáculo apresentado pela escola. "Eu e o pai dêle fomos vê-lo", conta sua mãe. "Assistimos à peça tôda e depois o diretor veio nos perguntar se havíamos gostado do Brian. Êle fôra tão bom que nós nem o havíamos reconhecido."

Brian deixou Wrekin, aos dezesseis anos, sem ter tirado seu diploma. Todos julgavam ser impossível êle passar nas provas. Além disso, seu pai era contra o fato de êle tornar-se desenhista de modas. No entanto, Brian decidiu largar a escola e arranjar um emprêgo.

"Depois de sete escolas, tôdas elas péssimas, eu estava cheio. Fui frustrado na única coisa que desejava, por conseguinte aceitaria qualquer coisa. No dia 10 de setembro de 1950, muito magro, com as bochechas rosadas, cabelo encaracolado e meio educado, apresentei-me para trabalhar na loja da família em Walton, Liverpool."

Principiou a trabalhar como vendedor de móveis, com o salário de cinco libras por semana. No seu segundo dia de trabalho, vendeu uma mesa de jantar, por doze libras, a uma mulher que entrara na loja para comprar um espelho.

Descobriu que era um bom vendedor. Gostou. E começou a interessar-se pela arrumação da loja. É natural que seu pai tenha ficado satisfeito, pelo fato do filho mais velho haver resolvido entrar para o seu negócio. Brian descobriu, para surpresa sua, que isso também lhe agradava.

“Brian sempre teve ótimo gosto”, diz sua mãe. “E sempre soube apreciar as belas mobílias.”

Porém, êle achava que os arranjos das vitrinas da loja não eram tão bonitos. Começou a fazer experiências. Iniciou, fazendo coisas que na época eram consideradas muito arrojadadas, tais como botar cadeiras na vitrina de costas para a rua. Seu pai achava que êle estava fazendo as coisas de uma maneira muito avançada, mas não se queixava, pois estava satisfeitíssimo com o fato de seu filho e herdeiro estar agindo direito, numa carreira que êle havia escolhido. Para adquirir mais experiência, decidiu mandar Brian fazer aprendizado de seis meses numa firma não relacionada com êles.

Brian Epstein passou seis meses na loja de móveis The Times em Lord Street, Liverpool, e recebia cinco libras por semana. Parece ter-se saído bem lá. Quando deixou a loja, recebeu de presente um conjunto de caneta e lapiseira Parker. (A caneta foi a que alguns anos mais tarde emprestou a Paul McCartney para assinar seu primeiro contrato.)

Depois de seis meses, voltou a Walton. Começou a se encarregar pela arrumação de tôda a loja. “Eu gostava daquilo, principalmente de experimentar coisas novas. Também gostava de vender. Gostava de observar as pessoas desembaraçando-se e mostrando confiança em mim. Alegrava-me de ver aquêle ar preocupado desfazendo-se, e as pessoas começando a acreditar que à sua frente estavam coisas boas para elas, e era eu quem iria fornecê-las.”

Teve poucas brigas por causa dos seus planos para a arrumação das vitrinas. “Êles sempre queriam as vitrinas cheias de coisas. Eu preferia muito pouca coisa; às vêzes, só uma cadeira. Também era maluco pela mobília contemporânea. Nem bem acabava de chegar, logo eu queria que todos vissem suas peças. Creio que, se a gente mostra às pessoas alguma coisa bonita, elas a aceitarão com facilidade.

No dia 9 de dezembro de 1952, em meio aos seus ousados esquemas novos para I. Epstein e Filhos, foi convocado para o serviço militar. Se a escola o horrorizava, o exército o aterrorizava. “Eu havia sido um mau aluno. Estava certo de que seria o pior soldado que já houve.”

Apresentou-se à Royal Air Force e foi mandado para o Royal Army Service Corps. Seu treinamento básico foi feito em Aldershot.

“Aquilo era como uma prisão, e eu fazia tudo errado. Virava para a direita em vez de virar à esquerda. Quando me mandavam ficar em posição de sentido, acabava caindo.”

De qualquer jeito, êle conseguiu passar pelo treinamento básico e até chegou a pensar que poderia ser escolhido para a parada do Dia da Coroação. Isso foi em 1953. Êle achava que a Coroação deveria ser um acontecimento muito bacana e que seria muito excitante tomar parte nêle. Mas não foi escolhido. Em vez disso, foi fazer a ronda dos bares e boates e tomou um porre.

Talvez tenha sido o único rapaz de sua educação e posição que não se tornou oficial. Em seus momentos de licença, vestido impecavelmente, como sempre, e gastando seu tempo nas boates e clubes elegantes do West End, fàcilmente êle teria passado por um dêles.

Depois de Aldershot, arranjou um pôsto em Regent’s Parks Barracks, em Londres, um dos lugares mais ambicionados pelos jovens oficiais. Tinha muitos conhecidos em Londres e conseguia sair para se divertir. Uma noite, êle voltou num grande carro, usando chapéu-côco e terno listrado, trazendo um guarda-chuva.

Quando entrou no quartel, a guarda fêz-lhe continência, dois soldados que estavam na casa da guarda olharam à direita e a sentinela fêz-lhe a saudação. Contudo, um oficial que se encontrava lá não foi tão facilmente enganado. — “Soldado Epstein. Apresente-se ao comandante da companhia amanhã às dez horas para responder à acusação de se passar por oficial.”

Ficou prêso no quartel, por algum tempo. Não era sua primeira falta. Êle fôra considerado culpado de outras insubordinações menores, ou pelo menos inabilidades para fazer a coisa certo. “O exército estava mexendo com os meus nervos. Eu estava ficando perturbado. A coisa estava deprimindo-me de tal modo, que fui ver o médico do quartel. Êsse acabou mandando-me ao psiquiatra.”

Outros psiquiatras foram consultados e concordaram com o fato de o praça Epstein não ter o estôfo de soldado. Concordaram que êle era mental e emocionalmente incapaz para o serviço militar. Depois de apenas doze meses, com o seu tempo de serviço ainda pela metade, Brian deu baixa por razões médicas. Como é costume no exército, êle recebeu as mais impressionantes e elogiosas referências militares. Estas o descreviam em têrmos candentes como “um soldado sóbrio, seguro e merecedor da maior confiança”.

Brian contou a história de seu fracasso no exército de uma forma humorística, quase insinuando que poderia ter feito uma encenação para consegui-la. Porém, resta pouca dúvida de que êle tenha sido sèriamente perturbado por tudo aquilo.

Êle saiu correndo para Euston e pegou o primeiro trem para Liverpool. Voltou à loja da família e trabalhou com afinco. Começou a tomar um interêsse crescente pela venda de discos. Sempre se interessara pela música, especialmente pela clássica, e pela popular. Nesta ocasião, um de seus favoritos era Edmundo Ros.

Também aumentou sua preferência por um nôvo hobby, do qual gostava muito na escola — o teatro. Começou a perceber que talvez estivesse mais interessado pela arte do que ser apenas um vendedor de móveis. Passou a freqüentar tôdas as produções da Liverpool Playhouse e a empregar o seu tempo vago em audições de amadores ou em companhia de atôres profissionais.

Particularmente, tornou-se amigo de dois deles — Brian Bedford e Helen Lindsay.

Êles sugeriram que êle também poderia ser ator. Possuía o interêsse e os sentimentos precisos para isso. Êles estavam certos do seu talento. Por que êle não se candidatava ao RADA? Êles o ajudariam. Foi quando se candidatou à Royal Academy of Dramatic Art. E foi admitido.

“Li dois trechos para o diretor, John Fernald. Eram do Confidential Clerk de Eliot e do MacBeth. Fui admitido sem uma audição completa, não sei por quê. Talvez o fato de eu não ter problemas financeiros tenha ajudado.” .

É natural que seu pai não tenha ficado nada contente. Ser ator ocupava o segundo plano, perdendo só para desenhista de figurinos, em sua lista dos empregos que não eram para homem. Aos vinte e dois anos, seu filho e herdeiro partiu novamente, interrompendo a carreira. Desta vez, não como no caso do exército, mas por livre e espontânea vontade. E talvez para sempre.

Na RADA, êle ficou na mesma turma de Susannah York e Joanna Dunham. Albert Finney e Peter O’Toole haviam acabado de se formar. Enquanto aluno da RADA, êle arrumou um emprêgo de algumas horas por dia, numa loja de discos na Charing Cross Road.

“Eu estava saindo-me razoavelmente bem. John Fernald tinha grande confiança em mim. Todavia, comecei a detestar os atôres e aquela vida que levavam. E não havia gostado da escola. Aqui, encontrava-me eu, sete anos mais tarde, vivendo numa outra comunidade. Não gostava dela, nem das pessoas que a povoavam. Comecei a pensar que talvez fôsse tarde demais. Eu era mais um homem de negócios do que qualquer outra coisa.”

A partir do dia em que começaram suas aulas na RADA, seu pai ficava sempre perguntando-lhe quando êle recomeçaria a trabalhar na loja. Tôdas as férias, quando êle voltava para a RADA, seu pai pedia-lhe que ficasse. Durante as férias do verão de 1957, antes de êle iniciar seu quarto período, durante um jantar no Adelphi Hotel, seu pai novamente pediu-lhe para ficar. Dessa vez, concordou.

Seu pai tinha resolvido abrir uma nova filial em Liverpool, no centro da cidade, na Great Charlotte Street. Era seu pensamento dar a Brian interêsse na firma. Clive, seu irmão mais mômço, nesta época, já estava trabalhando no negómio da família.

Brian ficou encarregado do departamento de discos, com um assistente. A cantora Anne Shelton inaugurou a loja. Na primeira manhã, êsse departamento vendeu vinte libras. Em Walton, a mesma seção fazia setenta libras numa boa semana.

“A maioria das lojas no gênero nas quais eu estivera eram horríveis. Na hora em que um disco se tornava popular, acabava o estoque. Eu queria ter tudo em estoque, mesmo os discos mais raros.”

“Eu fazia isso ao encomendar três exemplares de cada disco que me fôsse pedido. Eu raciocinava que se uma pessoa pedia alguma coisa, deveria haver outras que desejassem o mesmo. Cheguei a encomendar até cópias do long-play Birth of a Baby, só porque uma pessoa o havia encomendado.”

“Todos os fregueses eram aconselhados a encomendar qualquer disco que não tivéssemos. Era sempre prometida entrega imediata.” Brian inventou um sistema simples, mas engenhoso, de index do estoque, pelo qual se verificava imediatamente os discos que estavam esgotados. Êsse sistema consistia em cordões presos dentro de cada compartimento. Quando qualquer um dêles estava pendurado para o lado de fora, via-se logo que era preciso fazer nôvo pedido. Isso era examinado várias vêzes por dia, e os substitutos eram logo colocados na prateleira ou encomendados prontamente.

Além disso, fazia sua lista diária dos vinte discos mais vendidos pela Nems. Ela era verificada duas vêzes por dia. Além de ser um bom artifício para interessar os fregueses e um encorajamento para que êles comprassem certos discos, também lhe mostrava quais os discos que deviam ser encomendados em massa.

“Antes, nunca tinha visto ninguém trabalhar tanto”, diz sua mãe. “Êle parecia ter descoberto alguma coisa que o deixaria completamente realizado, pela primeira vez na vida!”

Brian concordava. "Eu trabalhava muito. Acho que nunca trabalhei tanto, fisicamente, em toda a minha vida, nem antes, nem depois. Pegava todos os dias, às oito da manhã, e só largava à noite. Os domingos, passava-os na loja, o dia todo, fazendo os pedidos".

Em 1959, dois anos depois da inauguração, a Nems da Great Charlotte Street tinha um grande departamento de discos clássicos e populares, ocupando dois andares da loja. O número de vendedores cresceu de dois para trinta. O negócio estava indo tão bem, que resolveram abrir outra filial da Nems em Whitechapel, o coração do distrito comercial de Liverpool.

A nova loja foi inaugurada por Anton Newley. Brian havia entrado em contato com ele, através da Decca Records. A multidão do dia da inauguração parecia que ia receber um time de futebol campeão da copa. Até àquela época ninguém havia visto tanto povo para ouvir um cantor popular.

Ambas as lojas prosperaram e se expandiram. Em agosto de 1961, Brian podia gabar-se de que os dois departamentos de discos da Nems, em Whitechapel e Charlotte Street, continham "As melhores seleções de discos de todo o Norte". Este slogan aparecia num anúncio da Nems, no dia 31 de agosto de 1961, no Mersey Beat, aquele mesmo jornal de música popular de Merseyside, que havia sido fundado no mês anterior. Particularmente, Brian não era, um fã da música popular. Nessa época, seu compositor predileto era Sibelius. Mas sendo um homem de negócios muito sagaz, viu que o Mersey Beat estava prosperando e que ali estava uma fonte de publicidade.

Nesse mesmo número, começou a fazer uma coluna de novidades fonográficas, intitulada Record Releases, e assinada por Brian Epstein da Nems. Nesta fazia a crítica dos discos que iam ser ou estavam sendo lançados, em música ligeira, jazz ou popular. Em sua primeira coluna dizia que "a popularidade dos Shadows parece aumentar continuamente". Isso deve ter feito os Beatles dar pulos de raiva.

A coluna dava publicidade gratuita para as suas lojas e ainda o ajudava a promover a venda de certos discos. Sobretudo, foi

esperteza do Mersey Beat ter-lhe dado a coluna. Nos quatro anos seguintes à sua saída da RADA, cheio e desiludido, transformara-se em líder do negócio de discos em Merseyside. Seu nome e um sólido background comercial davam pêsso ao Mersey Beat.

Mas logo êle começou a sentir que se havia expandido demais. Não havia mais novos campos a explorar em Merseyside, no seu ramo. Pelo outono de 1961, o sentimento de tédio e descontentamento o estava envolvendo novamente. Sua mãe recorda-se de tê-lo pressentido.

“Êle começou a estudar línguas. Tornou-se muito interessado na Espanha e em espanhol. E ainda retornou aos espetáculos de amadores.”

Seu pai preocupou-se com o fato de êle partir novamente, depois de instaladas duas prósperas lojas de discos.

O próprio Brian lembra-se de tornar-se desejoso de algo nôvo, de estar aborrecido com os negócios, sentindo-se frustrado. Contudo, seus três maiores amigos daquela época não têm lembrança de vê-lo queixando-se da vida, apesar de guardarem na memória um ou outro aborrecimento dêle.

Logo que a loja de Whitechapel ficou instalada, êle passou a ter uma vida social mais movimentada. Costumava estar muito com Geoffrey Ellis, um amigo de infância que morava perto de sua casa. Êle também freqüentara a escola pública e depois Oxford, onde estudou Direito. Geoffrey diz que Brian era terrivelmente tímido e indeciso, quando estudante. Mas, depois de Oxford, Geoffrey foi para os Estados Unidos trabalhar numa companhia de seguros e ambos perderam-se de vista, durante alguns anos.

Havia, também, um amigo chamado Terry Doran, de um meio completamente diferente. Era um ex-aluno de escola secundária moderna, agora vendedor de automóveis, tendo muito do espírito alegre de Liverpool. “Conheci Brian por acaso num boteco de Liverpool, em 1959. Fui com a cara dêle desde o início.”

Geoffrey e Terry eram simplesmente amigos sociais, sem nenhuma relação comercial. Mas seu terceiro amigo, Peter Brown, era um

amigo do mesmo ramo de negócio. Acabou sendo o maior amigo de Brian.

Peter nascera em Bebington, freqüentara uma escola primária católica, trabalhara na Henderson's e depois na Lewis's onde veio a ser gerente do departamento de discos.

Enquanto Brian planejava abrir a nova Nems em Whitechapel, convidou Peter a assumir a gerência do departamento de discos da loja de Charlotte Street. Peter, nesse cargo, no departamento de discos da Lewis's, recebia doze libras por semana. Brian ofereceu-lhe dezesseis mais as comissões, que êle achava enorme.

"Logo aprendi tudo sôbre o muito eficiente sistema de encomendas de Brian. Depois de fechar a loja às seis horas, fazíamos todos os pedidos. Isso durava de quarenta minutos a duas horas."

Terry lembra-se de aguardá-los, enquanto ambos ficavam fazendo as encomendas. Brian, às vêzes, combinava com Terry encontrá-lo depois que a loja fechasse. "Eu tomava qualquer coisa num bar, para esperá-los, e, às vêzes, o bar fechava antes que êles aparecessem."

Houve um pequeno atraso para a inauguração da loja de Whitechapel, e Peter descobriu que, por algum tempo, Brian ainda ficaria na loja de Charlotte Street com êle. "Era muito difícil, sendo oficialmente o gerente, ter o patrão por ali cuidando das coisas. Foi uma briga longa." Ainda continuávamos bons amigos, mas creio que êle ficou um pouco desapontado comigo, como homem de negócios.

"Êle gostava muito de mandar bilhetes para todos os empregados, apesar de não haver muitos. Seu sistema de contrôle de estoque era realmente maravilhoso. Êle garantia o fato de a gente nunca ficar sem estoque dos discos mais vendidos. O pessoal da EMI costumava dizer que éramos os maiores vendedores de discos do Norte."

Brian sempre afirmava, muito enganado, que as garôtas não o achavam atraente. Mas foi por esta época que começou a sair com uma garôta que trabalhava na sua loja, Rita Harris.

"Levou muito tempo para êle perceber sua paixão por ela", diz Peter Brown. "Todos nós costumávamos fazer nossas refeições no Cheshire, Rita, Brian, eu e às vêzes mais uma ou duas pessoas."

Êsse foi o romance mais sério que Brian teve, mas acabou dando em nada.

Sua vida amorosa parece ter terminado de uma forma infeliz. Teve casos amorosos violentos, mas raramente duravam muito, o que o aborrecia bastante. Na verdade, sexualmente, êle nunca se encontrou. Concluiu que era assim e resolveu não forçar sua natureza. Porém, às vêzes, quase caía num complexo de autodestruição.

“Realmente, êle era muito solitário em Liverpool”, diz Peter. “Achava que lá existiam poucos lugares, onde pudesse ir e divertir-se. Nossas melhores noites de farra eram em Manchester. Brian, Terry e eu costumávamos ir de carro para lá, quase tôdas as tardes de sábado.

“Êle tinha uma fobia de seus casos infelizes e também uma outra, se bem que menor, de ser judeu. Acho que às vêzes imaginava ver anti-semitismo onde não existia. Talvez não fôsse consciência do seu judaísmo. Talvez fôsse apenas parte de um meio ambiente com o qual êle não se importava — a espécie de judeu provincial, bem-sucedido vendedor de móveis, quando sua natureza real o levava para o artístico e para o estético.

“Mas, naturalmente, êle conseguia ser um bom homem de negócios, quando assim o desejava, economizando centavos e chegando a ser medíocre quando achava ser preciso. Tivemos muitas brigas por causa de dinheiro. Mas isso não acontecia freqüentemente. Muitas vêzes êle era um gastador pródigo.”

É fácil exagerar as complexidades da personalidade e os interêses de Brian nessa etapa de sua carreira. Seus pais ignoravam seus aborrecimentos. Na certa, não viam seus efeitos. No entanto, sua mãe tem lembranças dos períodos em que êle ficava inquieto; principalmente, quando as duas lojas da Nems estavam prosperando. Então êle buscava alguma coisa nova.

No outono de 1961, Brian tirou umas férias de cinco semanas, seguindo para a Espanha. Foram as maiores férias que até então tivera. Êle levou consigo um leve sentimento de frustração, tanto em sua vida pessoal quanto nos seus negócios. Talvez nada de muito

sério. Talvez apenas o sentimento de estar lhe faltando algo. De fato, estivera muito ocupado nos últimos quatro anos, instalando as duas lojas de discos. Por isso, não lhe sobrava tempo para ficar realmente aborrecido, como havia acontecido no tempo em que estivera no exército. Algumas pessoas o consideravam um garoto rico estragado. Mas, longe disso: ele era um cara que dava duro, encantador e alegre, e com uma família que o amava e se orgulhava dele.

É claro que sentia a necessidade de algo novo para preencher sua vida, de preferência alguma coisa relacionada às artes. A RADA havia sido uma espécie de válvula de escape. O fato de não ter concluído seus estudos nela deve ter amortecido seus anseios artísticos por algum tempo. Mas não há nada mais decepcionante do que uma inclinação artística, quando os gostos artísticos de uma pessoa são maiores ou parecem ser maiores do que o talento dela.

Assim era Brian Epstein, no dia 28 de outubro de 1961. Contava vinte e sete anos de idade. Fracassara nas escolas públicas. Foi bem-sucedido como vendedor de móveis. Falhou como ator. Prosperara como diretor de lojas de discos. Quando entrou um freguês na sua loja pedindo o disco dos Beatles.

16. BRIAN CONTRATA OS "BEATLES"

O famoso sistema de índice de Brian Epstein fôra vencido. Todos aquêles pedacinhos de barbante pendurados lindamente não puderam evitá-lo. Brian teve de admitir que nunca ouvira falar num disco chamado My Bonnie, nem num conjunto chamado os Beatles.

Sobretudo era estranho que êle nunca tivesse ouvido falar nos Beatles. Afinal de contas, êle estivera fazendo anúncios e escrevendo uma coluna do Mersey Beat, fazia, vários meses. Seus olhos deveriam ter passado por cima do nome do conjunto várias vêzes. Mas nesta época, seu interêsse no Mersey Beat era puramente profissional, como um vendedor tomando espaço para vender discos.

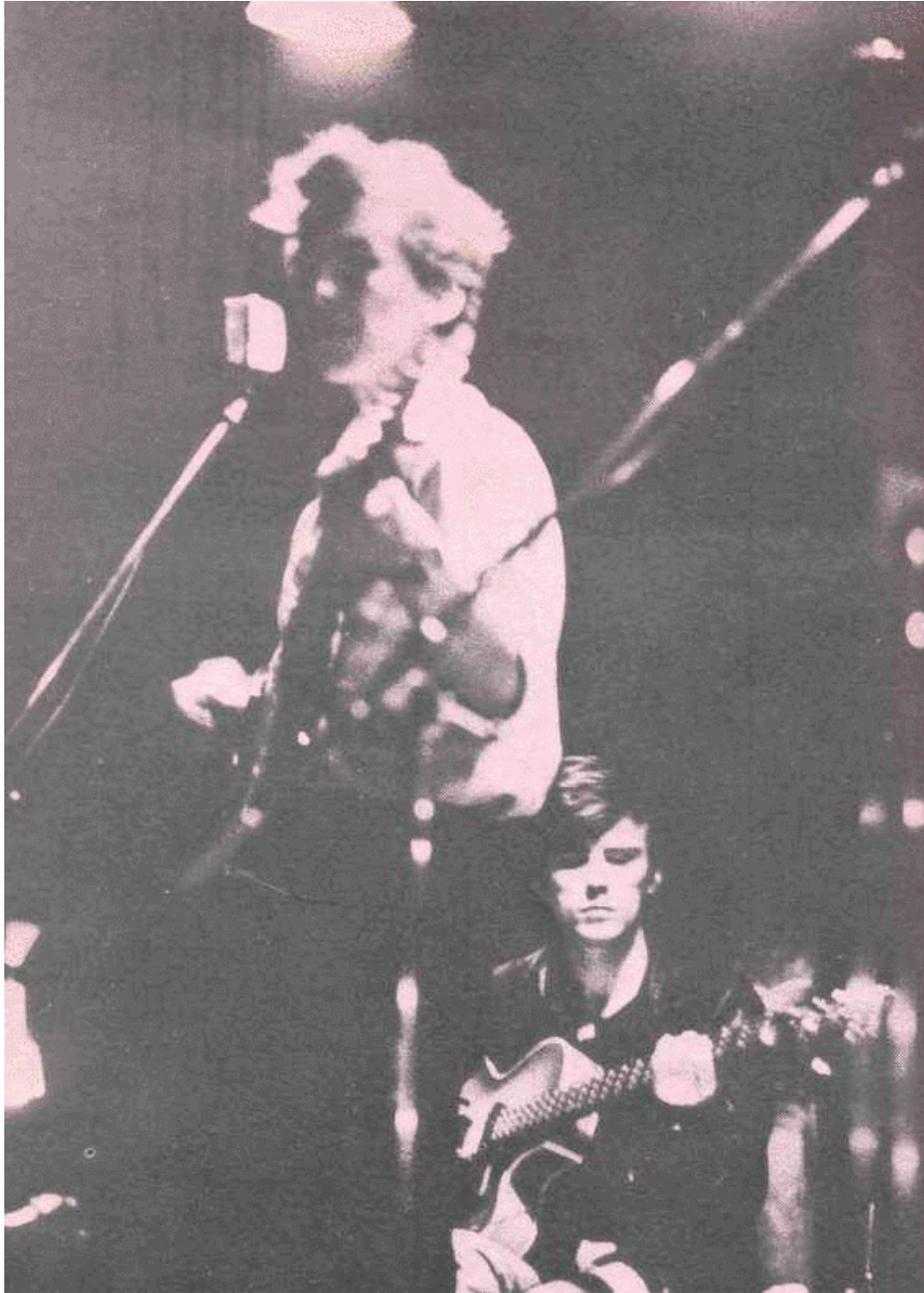
Só estava interessado naqueles grupos que gravavam discos, porque discos era o que êle vendia. Nenhum dos conjuntos de Liverpool sôbre os quais escrevia no Mersey Beat já havia gravado um disco. Por conseguinte não havia razão para que tomasse conhecimento da existência dêles.

Sabia do florescimento de conjuntos e boates em Liverpool. Pessoalmente, não estava interessado nêles. Aos vinte e sete anos de idade, êle já estava bem fora do alcance dos coffee bars e conjuntos de rock and roll. Também havia sido, naqueles cinco anos, homem de negócios, em regime de tempo integral, com pouco tempo para qualquer espécie de atividade recreativa, além do teatro.

Contudo, Brian ficou aborrecido com a sua falta de conhecimento a respeito do disco que um freguês estava pedindo. É certo que êste conjunto, viesse de onde viesse, havia gravado um disco; êle deveria ter conhecimento daquilo. Portanto, quando Raymond Jones fêz seu pedido, êle prometeu atendê-lo e anotou num bloco. "My Bonnie. Os Beatles. Verificar segunda-feira."



Astrid Kirchherr, à esquerda, a amiga dos Beatles em Hamburgo, sua fotógrafa e criadora de seus penteados. Com ela Stu Sutcliffe, um dos membros do conjunto, de quem ela estava noiva (Foto de Jurgen Wollmer)



George em Hamburgo, com Stu ao fundo (Foto de Peter Bruchmann)

Raymond Jones citou ainda uma particularidade: o disco dos Beatles fôra gravado na Alemanha. Já era uma pista. Brian telefonou a alguns agentes que importavam discos estrangeiros. Nenhum dêles tinha o disco em estoque, nem o haviam importado. "Eu deveria ter

parado por aqui, se não fôsse a ordem rígida que eu havia estabelecido: não se deve deixar nenhum freguês sem ser atendido.

“Acima de tudo, fiquei intrigado com o fato de um disco completamente desconhecido ter sido pedido por três pessoas, em dois dias. Porque na manhã de segunda-feira, antes que eu começasse a busca, duas garôtas entraram na loja e pediram disco dos Beatles.” Brian, indagando daqui e dali, pelas redondezas de Liverpool, descobriu, para surpresa sua, que não só os Beatles eram um conjunto inglês e não alemão, mas também eram da sua própria cidade — Liverpool.

Perguntou às môças que trabalhavam em sua loja se elas sabiam algo a respeito dos Beatles. Elas lhe responderam que o conjunto era fabuloso. Então, ainda com maior espanto, êle soube que o conjunto estivera várias vêzes em sua loja. É provável tê-los visto muitas vêzes de tarde, sem saber quem eram.

“Uma das môças disse-me que eram os caras de quem uma vez me havia queixado. Tinham a mania de ficar a tarde tôda encostados nos balcões, ouvindo discos sem comprar nada. Era uma turminha mal-ajambrada, vestida de couro. Mas êles pareciam realmente simpáticos, pelo menos foi o que as môças me afirmaram, e, na verdade, eu nunca lhes havia pedido para se retirarem. Em todo caso, enchiam a loja de tarde.”

Brian tomou a decisão de ir, por sua conta, ao Cavern a fim de obter alguns pormenores dos Beatles e do seu disco. Se havia tanto interêsse nêles, especialmente pelo fato de ser um conjunto local, valeria a pena êle mesmo importar diretamente os seus discos, e como um bom homem de negócios não podia deixar passar uma oportunidade como essa.

“Eu não era sócio do Cavern, ficando muito sem jeito de entrar num clube de adolescentes. Estava com mêdo de que êles não me deixassem entrar. Então pedi ao Mersey Beat que me ajudasse. Êles telefonaram para o Cavern, e depois me disseram que estava tudo combinado, que eu poderia ir.”

Sua primeira visita foi durante a audição do almoço do dia 9 de novembro de 1961. "Era escuro, úmido e malcheiroso, e eu lastimei logo haver entrado. O barulho era ensurdecedor. Os amplificadores reproduziam, de preferência, sucessos americanos. Lembro-me que, à medida que ouvia aquêles discos que êles tocavam, eu pensava na possibilidade de haver uma semelhança entre êles e a minha relação dos Vinte Mais Vendidos.

"Foi quando os Beatles entraram e eu os vi pela primeira vez. Não eram muito arrumados, nem muito limpos. Fumavam enquanto tocavam e comiam, falavam e fingiam bater uns nos outros. Viravam de costas para a platéia, gritavam para os espectadores e riam entre si de suas piadas."

"Era evidente que havia uma enorme excitação. Êles pareciam irradiar um magnetismo pessoal. Fiquei fascinado com êles."

Foi John, o que mais gritava e pulava no meio dêles, quem o fascinou particularmente. Isso não ficou muito claro naquela ocasião, pois não sabia quem era êle. Só o percebeu mais tarde. Êle não podia tirar os olhos de cima de John.

Mas êle não veio até ali para assistir-lhes. Tinha vindo, simplesmente, para fazer um negócio. O disc jockey do Cavern, Bob Wooler, anunciou no microfone que Mr. Epstein da Nems se encontrava na platéia, e pediu uma salva de palmas para êle.

Isso o ajudou, quando êle, finalmente, conseguiu chegar à distância de um berro. "O que é que traz Mr. Epstein aqui?" George perguntou com sarcasmo. Êle, então, explicou que recebera o pedido do disco do conjunto, gravado na Alemanha, mas que não sabia qual a sua companhia produtora. Ser-lhes-ia possível ajudá-lo? George disse que o nome da companhia era Polydor. George só se recorda vagamente de ter falado com Brian naquele dia. Os outros Beatles — John, Paul e Pete Best — não têm lembrança nenhuma daquela primeira visita.

A fim de ter companhia, e para disfarçar sua falta de jeito no meio dos garotos, Brian passou a levar consigo um de seus auxiliares na loja, sempre que ia ao Cavern. Era Alistair Taylor, que trabalhava no

balcão da Nems, além de ser seu assistente pessoal. Brian gostava de tudo que fizesse ressaltar sua condição de diretor-executivo. Por essa razão, tinha uma predileção especial em enviar memorandos aos seus empregados, em lugar de fazer uma reunião com êles, para discutir os problemas.

Demorou algum tempo para Brian tornar claras suas idéias. “Meu único interêsse era vender discos. Porém, em poucas semanas, eu me surpreendi vindo ao Cavern. Cada vez aumentava mais sua freqüência, só para assistir e ouvir. Lembro-me, também, de ter perguntado a outros vendedores o que significava empresariar um conjunto. E como se fazia aquilo? Que espécie de contrato era preciso ter com um conjunto, na hipótese, (apenas na hipótese), de alguém estar interessado em se tornar seu empresário?”

Não sabiam muita coisa a respeito dos assuntos empresariais, pois êles estavam no campo das vendas de disco, e não na produção. Durante uma viagem a Londres, para tratar dos negócios de suas lojas, êle conversou, mais do que seu costume, com pessoas como o gerente-geral da His Master Voice (HMV), em Oxford Street, e o gerente da loja Keith Prowse’s, pegando tôdas as dicas que conseguia.

Também, entrou em contato com a gravadora alemã e encomendou duzentas cópias do My Bonnie. “Eu estava tão fascinado pelos Beatles que resolvi arriscar-me a vender todos aquêles discos.”

“Acho que isso fazia parte da minha chateação; já estava cheio apenas vendendo discos. Estava procurando um nôvo hobby. Na mesma época, os Beatles (do mesmo jeito que eu) estavam ficando cheios de Liverpool. Procuravam expandir-se e entrar em alguma coisa nova.

“Comecei minhas palestras com êles, durante aquelas apresentações da hora de almoço. — “Você devia ter estado aqui, ontem à noite —,” falou-me Paul, uma vez. — “Nós estávamos assinando autógrafos. Assinei um no braço de uma garôta.” Parecia que eu sempre perdia os melhores momentos.”

Brian acabou descobrindo que eles não tinham empresário. Soube que Allan Williams havia estado associado a eles, durante pouco tempo. Que fora ele quem organizara a primeira estada do conjunto em Hamburgo. "Fui vê-lo e ele me disse: — "Eles são ótimos rapazes, mas um dia dêsses vão acabar deixando-te na mão".

No dia 3 de dezembro de 1961, Brian convidou-os para uma conversa no seu escritório da loja de Whitechapel. Ele lhes disse que era apenas para uma conversa, pois ainda não tinha pensado em tudo.

Antes daquela primeira reunião em seu escritório, já os via com muita freqüência. Contudo, os Beatles não eram muito atraídos pela sua companhia. Brian, para eles, não passava de uma figura de fora do seu meio. Eles têm poucas lembranças de Brian, antes daquela primeira reunião formal.

"Ele parecia eficiente e rico, e isso é tudo de que eu me lembro", afirma John. George confirma que ele tinha a pinta do diretor-executivo. Paul deixou-se impressionar pelo seu carro, um Zodiac. Contudo, decidiram fazer uma tentativa.

Para a primeira reunião oficial os Beatles resolveram levar consigo Bob Wooler, só para mostrar que não estavam absolutamente sós no mundo. John apresentou Bob Wooler como sendo seu pai. Muitos meses mais tarde, foi que Brian descobriu não haver o mínimo parentesco entre ambos. E demorou ainda mais tempo para ele descobrir que John não sabia quem era, nem onde estava seu pai.

John, com Bob Wooler, chegou na hora marcada para a reunião, quatro e meia da tarde. O mesmo acontecendo com George e Pete Best. Porém, não havia nem sinal de Paul. Depois de meia hora de espera, durante a qual Brian ficou cada vez mais irritado, acabou pedindo a George que telefonasse. George voltou do telefone dizendo que Paul estava no banho. "Isso é uma desgraça!", disse Brian. "Ele vai chegar muito tarde!" "Tarde, mas muito limpo!", respondeu George.

Finalmente Paul acabou chegando e eles discutiram o futuro dos Beatles — o que eles todos queriam fazer, e de que espécie de

contrato gostariam. Ninguém sabia que os contratos eram feitos em tais circunstâncias, porque nunca os tinham visto.

Resolveram reunir-se novamente, na quarta-feira seguinte. Durante aquêle intervalo, Brian procurou consultar um amigo advogado, Rex Makin. Brian estava buscando estímulo e conselho. — “Oh, sim! —,” disse-lhe Rex. “Uma outra idéia Epstein. Quanto tempo vai demorar para você perder o interêsse por êsse negócio?”

Na reunião da quarta-feira, Brian afirmou, definitivamente, que queria tornar-se empresário do conjunto. Disse-lhes que desejava receber vinte e cinco por cento. Perguntaram se êle não aceitaria vinte. Brian respondeu que precisaria dos vinte e cinco por cento, pois teria muitas despesas, promovendo e trabalhando para o conjunto. E êle contava perder dinheiro durante muitos meses.

O contrato foi assinado, no domingo seguinte, no Casbah Club, a casa de Pete Best e o quartel-general dos Beatles. A assinatura de cada Beatle foi feita na presença de Alistair Taylor. Brian não assinou.

“Fiz o papel do palerma”, concorda Alistair. “Assinei meu nome, como testemunha da assinatura de Brian. Isso me fêz parecer um idiota completo.”

E Brian nunca assinou o contrato. “Eu havia dado minha palavra a respeito do que esperava fazer, e isso era o suficiente. Eu aceitava os têrmos do contrato e nunca ninguém se preocupou com o fato de eu não tê-lo assinado.”

Êle concorda que os Beatles gostaram de tê-lo como empresário, porque agradava-lhes a sua aparência. “Eu tinha dinheiro, um carro, uma loja de discos. Acho que isso ajudou. Mas êles também gostavam de mim.”

“Eu gostava dêles por causa dessa qualidade que tinham: de presença de espírito. Êles eram incrivelmente estimáveis.” Seus pais logo pressentiram que alguma coisa estava acontecendo. Êles voltavam de uma estada de uma semana em Londres, e encontraram-no esperando por êles.

“Brian disse que queria que a gente ouvisse aquê disco”, lembra sua mãe. “Era o My Bonnie. Êle nos disse para prestar atenção não no canto, mas no acompanhamento. Disse que o conjunto ia ser um grande sucesso e êle seria o empresário do grupo.”

Antes que seu pai pudesse interrompê-lo, Brian acrescentou que aquilo seria uma ocupação para parte de seu tempo, e perguntou se não se incomodaria com o fato de êle tirar algumas horas de folga do trabalho.

Seu pai ficou muito entusiasmado. Percebeu que, mais uma vez, Brian havia descoberto alguma coisa nova; contudo, desta vez, a coisa era em Liverpool.

Decidiu, então, fundar uma nova companhia para administrar os Beatles, e batizou-a com o nome de Nems Enterprises, segundo o nome das lojas. “Foi uma decisão muito feliz. Eu poderia tê-los empresariado fàcilmente sob o nome da companhia como Nems, sem o Enterprises. Quando nós vendemos a Nems, as lojas de discos, anos mais tarde, isso poderia ter sido bem mais complicado.”

Clive, seu irmão, participou com êle da fundação da Nems Enterprises. “Em parte, isso se devia ao fato de eu precisar de mais dinheiro, e, em parte, porque eu estava planejando botar Clive para me ajudar.”

A terceira viagem do conjunto a Hamburgo fôra marcada bem antes de Brian Epstein aparecer. Pouco depois de êles terem regressado de Hamburgo, Pete Eckhorn do Top Ten e outros gerentes de boate vieram a Liverpool, a caça de novos talentos.

Os Beatles haviam prometido a Peter Eckhorn que voltariam à sua boate. Quando, porém, êle chegou a Liverpool, a fim de discutir os pormenores do contrato com êles e ver outros conjuntos, soube que Brian Epstein era o empresário dêles, agora.

“Brian queria uma importância muito acima da que eu estava oferecendo”, conta Peter Eckhorn. “Procurei contratar Gerry e os Pacemakers, mas também não consegui chegar a um acôrdo com êles.”

Por fim, Peter voltou a Hamburgo com um baterista. Foi só o que êle conseguiu. Êsse baterista, Ringo Starr, acompanharia Tony Sheridan.

Depois, vieram outros donos de boates de Hamburgo, oferecendo melhores contratos. Brian, afinal, aceitou uma proposta de Manfred Weislieder, que ia inaugurar uma boate novinha em fôlha, o Star Club. Seria maior e melhor do que as demais boates de Hamburgo. A proposta de contrato dos Beatles foi de quatrocentos marcos por semana, cêrca de quarenta libras. A proposta do Top Ten era na base de uns trezentos marcos por semana.

Essas ofertas eram muito boas; todavia, meses antes de elas terem sido aceitas, Brian já buscava outras melhores para que o conjunto tocasse em Liverpool. Êle havia combinado, no momento em que assumiu a gerência dos negócios do grupo, que êles jamais tocariam por menos de quinze libras por noite.

Sobretudo, Brian Epstein trabalhou muito e imediatamente para melhorar os Beatles — em sua organização, aparência e no jeito de se apresentarem.

Brian logo tomou a si a responsabilidade de todos os contratos que Pete Best arranjara e organizou-os devidamente. Também, sempre procurava certificar-se se cada um dêles sabia exatamente quando e onde tocaria.

“Brian botava tôdas as nossas instruções por escrito, no papel, fazendo com que tudo parecesse muito real”, conta John. “Nós vivíamos como sonâmbulos antes de êle aparecer. Não tínhamos a mínima idéia do que fazíamos, ou onde tínhamos combinado estar. Ver nossas ordens de mobilização por escrito, dava-nos idéia de tudo parecer oficial.”

As instruções de Brian eram muito bem dactilografadas, geralmente num papel com sua marca no tôpo, um bem bolado sinal tipográfico feito com as suas iniciais. Êle também acrescentava pequenos sermões a respeito de aparência, de usar as roupas corretamente, e não fumar, comer ou mastigar chicletes durante as apresentações.

“Brian estava tentando limpar nossa imaginação”, confessa John. “Costumava repetir que nossa aparência não era a mais correta. E

que com isso nunca seríamos admitidos num bom lugar. A gente costumava se vestir como bem entendia, dentro e fora do palco. Ele nos convenceu a entrar no time do terno.”

Brian ainda melhorou suas apresentações no palco, que até ali, não passavam de improvisos. “Ele dizia que a gente devia bolar um programa, tocando os nossos melhores números cada vez, e não apenas os que tínhamos vontade de tocar”, conta Pete Best. “Não adiantava nada ficar brincando e gozando as garôtas da primeira fila quando havia setecentos ou Oitocentos ouvintes que ficavam sem saber o que estava acontecendo. Ele nos fez passar a seguir estritamente um programa, evitando improvisações e confusão.”

As coisas mudaram profundamente a partir daí. Passaram a ser inteiramente diferentes. Mais tarde, John lamentou um pouco aquelas reformas, pois achava que aquela aparência não era a deles, ou pelo menos não era a dele. Mas acabou agüentando. Ademais, via que aquêles era o único jeito, e teve de entrar para a curriola do terno.

“Era natural que tivéssemos melhorado nossos melhores shows”, diz John. “Tínhamos que parecer simpáticos a pessoas como os repórteres, mesmo aquêles metidos a besta, que achavam estar fazendo um favor a nós. Mas a gente conseguia suportá-los, concordando cora êles. Achávamos muito bacana o fato de virem falar conosco. Nesse ponto, éramos bastante caras-de-pau.

“Tentar conseguir publicidade era apenas um jôgo. Costumávamos dar uma passada pelas redações dos jornais locais e nos dedicados à música popular, pedindo-lhes que escrevessem sôbre nós, pois aquêles era seu dever.”

Apesar de êles rirem entre si das pessoas que não queriam conhecê-los, cuidadosa ou abertamente os evitando, ficavam magoados por causa de preconceitos.

“Queriam saber tudo sôbre nós naqueles dias”, conta Paul, “como: — “De onde são vocês? De Liverpool? Lá vocês nunca conseguirão fazer nada. É muito longe. Para se conseguir alguma coisa é preciso

estar em Londres. Lá de Liverpool ninguém nunca conseguiu nada". E isso era tudo que ouvíamos, durante anos e anos."

Entretanto, estava fazendo a coisa exata para torná-los aceitáveis à mentalidade londrina. "Mas eu não os transformei. Apenas projetei o que havia ali. O que estava lá era a presença deles. No palco, eles faziam brotar esse sentimento difícil de definir. Isso estava sendo estragado, pelo fato de eles ficarem fumando, comendo, e falando com os que estavam sentados nas primeiras filas."

Quando decidiu tornar-se empresário do conjunto, Brian, naturalmente, foi visitar os pais de cada um deles. Eles ficaram impressionados pela sua educação e riqueza, completamente diferente dos outros amigos que seus filhos levavam para casa.

Só Mimi, a tia de John, pareceu ter hesitado. No entanto, ela deveria ser a pessoa mais indicada a se impressionar bem com Brian. Contudo, parece que ela sempre foi a última pessoa a se entusiasmar com o que se relacionasse a um conjunto de rock and roll.

"Tive dúvidas, quando ouvi falar em Brian Epstein pela primeira vez. Não contra ele pessoalmente. Mas é que ele estava muito bem de vida. Aquilo parecia ser apenas uma novidade para ele, sem que de fato se importasse com o êxito ou o fracasso do conjunto. Do jeito como as coisas se apresentavam, Brian não dependia deles para nada."

"Achei-o encantador. Sempre o achei assim. Porém, minha preocupação, quando ele surgiu, foi a de que, dois meses depois de começarem a trabalhar juntos, ele se enchesse e fôsse tratar de sua vida. Enquanto isso, John e os outros teriam de recomeçar tudo mais uma vez."

17. "DECCA" E PETE BEST

Desde o início, Brian Epstein começou a usar seus contatos no mundo dos discos, para exercer tôdas as pressões que podia, como o dono da famosa melhor loja de discos do Norte. E essa pressão começou a funcionar apresentando os primeiros resultados. A Decca logo se mostrou interessada.

Suas relações com a Decca sempre tinham sido as melhores possíveis, apesar de se limitarem apenas ao campo das vendas. Conseguindo que suas credenciais fôssem passadas de departamento a departamento, recebeu a promessa de que um encarregado de Artistas & Repertório viria a Liverpool ver o conjunto do qual êle tanto se gabava.

Na realidade, Mike Smith, da Decca, veio a Liverpool, nos fins de dezembro de 1961. Brian ficou fora de si! Sucesso na primeira tentativa! "Era o grande momento! Um gerente de A & R vindo em pessoa ao Cavern!"

Mike Smith ficou muito bem impressionado. Gostou do ritmo dos Beatles e prometeu arranjar uma ida dêles a Londres para que dessem uma audição, nos estúdios da Decca. Esta espécie de audição, apenas para ouvir o som dêles e como êle reagia depois de gravado. Na verdade, não representava muita coisa. Mas para Brian Epstein, os Beatles e Liverpool já era muito. Nenhum outro conjunto havia conseguido ir tão longe.

A audição foi marcada para o dia primeiro de janeiro de 1962. Brian foi de trem, enquanto os Beatles — John, Paul, George e Pete Best — partiram para Londres na camioneta de Neil Aspinall, na véspera do Ano Nôvo.

"Aluguei uma camioneta maior especialmente para a ocasião. Antes eu nunca havia estado em nenhum lugar perto de Londres. Levamos dez horas para chegar lá e até nos perdemos na neve em um lugar perto de Wolverhampton."

“Chegamos a Londres às dez da noite mais ou menos e encontramos o nosso hotel, o Royal, em Russel Square. Então saímos para tomar qualquer coisa. Tentamos conseguir uma refeição num restaurante da Charing Cross Road. Todos nós entramos. Éramos um verdadeiro bando de mal-ajambrados, e sentamos. Uma sopa custava seis shillings e nós perguntamos ao garçom se êle não estava brincando. O cara disse que a gente tinha de ir embora. Fomos.

“Chegamos a Trafalgar Square e vimos os bêbados de Ano Nôvo caindo no lago. Então, na Shaftesbury Avenue, encontramos dois caras que estavam altos, apesar de a gente não saber. Êles tinham um pouço de maconha, mas a gente também nunca tinha visto aquilo. Éramos muito verdes. Quando êles souberam que nós tínhamos uma camioneta, pediram para ir fumar a maconha dentro dela. Dissemos que não. Não! A gente tava morrendo de mêdo!”

Brian foi o primeiro a chegar nos estúdios da Decca na manhã seguinte, e na hora marcada. “Os caras da Decca estavam atrasados. Eu fiquei bastante chateado. Não porque estivéssemos ansiosos para gravar nossas músicas, mas porque sentimos que estávamos sendo tratados como pessoas que não tinham grande importância.”

Finalmente, disseram-lhes que chegou a vez dêles. Começaram a instalar seus maltratados e velhos amplificadores, quando lhes recomendaram para colocá-los de lado. “Êles não queriam o nosso equipamento”, conta Neil. “Tínhamos que usar o dêles. Foi em vão a gente ter arrastado nosso equipamento desde Liverpool até ali.”

Ficaram em frente, e George cantou numa voz muito boa o The Sheik of Araby. Paul cantou muito nervoso o Red Sails in the Sunset e Like Dreamers Do. Não experimentaram tocar nenhuma de suas composições, apesar de terem dúzias que poderiam ter servido. Brian aconselhou-os a executar números conhecidos.

“Êles estavam muito amedrontados”, lembra Neil. “Paul não conseguia cantar nada. Estava muito nervoso e sua voz começava a desafinar. Todos êles estavam aborrecidos com a luz vermelha. Perguntei se ela poderia ser desligada, mas nos avisaram que, sem

ela ligada, alguém poderia entrar e estragar a gravação. Não entendemos o que queriam dizer com isso.”

Os Beatles terminaram a gravação às duas da tarde. Todos pareciam estar muito satisfeitos.

“Mike Smith disse que as fitas estavam um estouro” —afirma Pete Best. “Pensamos que já estávamos contratados. Naquela noite, Brian levou-nos para jantar em algum lugar de Swiss Cottage. Êle pediu vinho, mas não sei por que não fomos servidos.”

As semanas se passaram e nada aconteceu. Continuaram a cumprir seus compromissos locais em Merseyside, à espera de que a Decca os chamasse para os grandes dias. Em março, após muitos aborrecimentos, Brian recebeu a notícia de Dick Rowe, chefe de Mike Smith na Decca. Tinham resolvido não gravar os discos dos Beatles. “Êle me disse que não gostara das gravações, e que os conjuntos de guitarra estavam saindo de moda. Respondilhe, então, que estava completamente convencido de que êsses garotos seriam maiores do que Elvis Presley.”

Sugeriram-lhe que, já que êle tinha um bom negócio de discos em Liverpool, devia ir em frente. Afirmaram-lhe, ainda, que havia outras maneiras de se gravar um disco — por exemplo, com cem libras êle poderia alugar um estúdio e contratar um especialista em A & R. Brian ficou pensando nisso um ou dois dias. Mas êle achava que não estava sendo tratado corretamente. Acabou concluindo que isso era um total desperdício de dinheiro.

“Creio que a Decca esperava que nós fôssemos todos ajeitadinhos”, diz John. “Nós só estávamos fazendo um disco como demonstração. Êles deveriam ter analisado o nosso potencial.” Em seguida, começou uma longa e desanimadora peregrinação por tôdas as outras grandes companhias gravadoras. A Pye, Columbia, HMV e Emi recusaram-nos. Outras companhias menores também fizeram o mesmo.

“Eu fui o último a saber da recusa da Decca”, conta Pete Best. “John, Paul e George souberam antes de mim. Uma vez, êles deixaram escapar que já sabiam da recusa, há várias semanas. Perguntei por

que não me tinham revelado nada. Responderam-me que era para não me desanimar.”

Os outros se colocaram entre o desânimo e um otimismo ilógico, esperançosos de que no fim tudo daria certo.

“Tivemos algumas brigas com o Brian”, lembra John. “Costumávamos dizer que êle não fazia nada, e nós ficávamos dando duro. É claro que a gente só dizia isso por dizer. Sabíamos, perfeitamente, o quanto êle trabalhava.”

“Íamos esperá-lo em Lim Street, a fim de êle nos contar as novidades”, recorda Paul. “Êle nos telefonava e a gente pensava que tinha alguma coisa para nos revelar. Descia do trem com sua pasta cheia de papéis, e íamos tomar um café no Punch and Judy, ouvindo-o falar como a Pye ou a Philips tinham recusado gravar o nosso disco.”

“Entretanto, a gente ainda achava que, de uma forma ou de outra, chegaríamos ao primeiro lugar”, afirma George. “Quando as coisas ficavam realmente chatas e nada acontecia, a gente tinha um macête: John gritava, — “Para onde é que a gente vai?”. Nós gritávamos em resposta: — “Lá prá cima, Johnny!”. E aí êle gritava: — “Para cima de onde?”. E a gente retrucava: — “Lá prá cima da parte mais de cima Johnny!”.

Alistair Taylor, o assistente de Brian na Nems, revela que êle quase chegava a chorar, por causa das tentativas de conseguir alguma coisa com as companhias de discos. “Êle exercia tôda pressão de que era capaz, mas sempre existiam dez mil conjuntos fazendo a mesma fôrça, do outro lado. O fato é que êle não estava conseguindo coisíssima nenhuma.”

Em dezembro de 1961, o Mersey Beat anunciou que iria patrocinar um concurso de popularidade. Paul e John ainda conservam as cópias daquele exemplar em suas casas, com recortes dos formulários para a eleição. Preencheram dúzias dêles, todos com nomes supostos, em todos êles colocando os Beatles em primeiro lugar e Gerry e os Pacemakers, em último. Estavam realmente preocupados com a vitória dêste conjunto. Era natural que todos os

conjuntos estivessem votando em si mesmos, de modo que qualquer marmelada acabava anulando-se. O resultado foi uma vitória espetacular dos Beatles.

Brian aproveitou ao máximo aquêlo resultado. Para uma apresentação, no dia 24 de março de 1962, êles foram anunciados, em letras garrafais como os "MERSEY BEAT POLL WINNERS! POLYDOR RECORDING ARTISTS! PRIOR TO EUROPEAN TOUR!" Esta apresentação realizou-se no Barnston Women's Institute, uma cervejaria tão pequena, que, talvez, não justificasse tanta publicidade.

A tournée européia que aparecia no anúncio era, naturalmente, sua terceira viagem a Hamburgo. Efetuou-se uma semana mais tarde, em abril de 62.

Chegaram a Hamburgo de avião. Foi a primeira vez em que andaram de avião. "Brian obrigou-nos", confessa Pete Best. "Nós estávamos morrendo de mêdo."

Agora, êles iam tocar no Star Club, a maior boate de Hamburgo, no gênero. "Êles tinham até cortinas no palco", recorda George. Astrid, ainda de luto pela morte de Stu, a princípio, não veio às apresentações, mas os Beatles foram procurá-la, levaram-lhe presentes e acabaram conseguindo animá-la. Ela confessa que, a partir dali, desapareceu para sempre qualquer ressentimento que, talvez ainda guardasse dêles." "Eu jamais havia percebido que êles poderiam ser tão bondosos."

Enquanto isso, na Inglaterra, Brian estava fazendo uma última tentativa para interessar alguém pelos Beatles. Êle decidiu que ainda gastaria um pouco mais de dinheiro.

Levava as fitas gravadas a tôdas as companhias de discos, algumas delas feitas na audição da Decca, em janeiro. Êle achava que causaria melhor impressão e que seria muito mais prático para transportar, se êle passasse a gravação das fitas para um disco.

Nesta época, o aborrecimento de seu pai aumentava mais, motivado por todo aquêlo tempo consumido com os Beatles. "Falei a meu pai que queria levar as fitas a Londres, na tentativa de um ataque, na

base do tudo ou nada. Êle concordou, com a condição de eu só demorar lá um ou dois dias.”

Brian foi à HMV record-centre, em Oxford Street. É apenas uma grande loja de discos, e, além de muito grande, faz parte do império da EMI. Lá, conversou com um de seus conhecidos, e perguntou como poderia passar suas fitas para discos.

“O técnico que gravou a fita afirmou-me que ela não era nada ruim. Êle falou que ia conversar com o editor de música, lá em cima, Syd Coleman. Coleman ficou muito animado e manifestou o desejo de editar as músicas, e iria falar com um amigo na Parlophone, George Martin.”

Marcou-se um encontro com George Martin, para o dia seguinte, na EMI. A Parlophone faz parte da EMI, a matriz, que já havia declarado não estar interessada em gravar os Beatles.

“George Martin ouviu o disco. Disse que gostou da voz de Paul e do jeito de John tocar. Em resumo, foi o que êle disse. John cantava Hello Little Girl, que lhe agradou muito, e Paul, Till Where Was You.”

George Brian discutiu tudo calmamente, e, no fim, achou tudo muito interessante. E ainda mais interessante seria dar-lhes a oportunidade para uma audição.

Isso aconteceu em maio de 1962. Os Beatles ainda estavam em Hamburgo. Brian saiu correndo da EMI e passou-lhes um telegrama relatando as boas novas.

“Ainda estávamos na cama”, lembra Pete Best. “O primeiro a levantar sempre ia ao correio. George foi até lá, nesse dia, e recebeu o telegrama: — “Congratulações Meninos! EMI requisita sessão de gravação. Favor ensaiar material nôvo.”

“Subimos às nuvens. John e Paul começaram a compor imediatamente. Brian veio ver-nos, e negociou um nôvo contrato — acho que passamos a receber oitenta e cinco libras por semana. Achou que Love Me Do seria um bom número para a sessão de gravação.”

Klaus diz que ficou desapontado com Brian Epstein, quando êle chegou a Hamburgo. “Não gostei da aparência dêle. Êle era muito tímido, e não parecia tão poderoso como eu esperava. Fiquei um pouco deprimido. Na imaginação, eu pintava um empresário, como eu achava que êles precisavam. Êle tinha que ser um cara escolado, absolutamente dinâmico e não um noviço tímido.”

Mas os Beatles estavam muito satisfeitos com êle. Klaus lembra-se da euforia dêles com as notícias da EMI, e como êles foram mostrar seus contratos ao pessoal da Polydor, que fêz dêles apenas um conjunto de acompanhamento e não astros.

“Um dia, fui à beira-mar com Paul e George. E George falava a respeito de dinheiro. Êle tinha o pressentimento de que ainda iria ganhar muito dinheiro, muito mesmo. Compraria, então, uma casa com piscina, e depois, um ônibus para seu pai, já que êle era motorista de ônibus.”

Êles voltaram de Hamburgo, no início de junho de 62. No dia 6, deram sua audição para George Martin, nos estúdios da EMI, em St. John Woods.

Brian, eficiente como sempre, já havia mandado para George Martin uma lista bem dactilografada, em seu papel especialmente timbrado, dos números que êles gostariam de tocar (caso Mr. Martin estivesse de acôrdo). A lista incluía algumas composições originais — Love Me Do, P. S. I Love You, Ask Me Why e Hello Little Girl. A maioria das sugestões era de músicas como Besame Mucho.

George Martin ouviu tudo cuidadosamente e achou que estava muito bem. Êle gostava dêles. Era bom ver o conjunto pessoalmente, depois de tanto ter ouvido Brian falar nêles. Ficou assentado: êles se encontrariam, novamente.

E foi só isso. Não ficaram desanimados. Contudo, esperavam uma reação mais definitiva. Voltaram para Liverpool, no dia seguinte, e continuaram na sua vida normal de uma apresentação por noite, conforme Brian havia combinado, quando estávamos em Hamburgo. A primeira apresentação foi numa Welcome Home Night no Cavern, no sábado 9 de junho. A seguinte, na segunda-feira, foi num

programa da BBC, em Manchester. Ainda foi negócio arranjado por Brian. Assim se sucederam contratos até o fim de julho, com perspectivas de outros, até o fim de setembro.

Êstes compromissos incluíam o Cavern, o Casbah, o New Brighton Tower, o Northwich Memorial Hall, o Majestic Ballroom, o Birkenhead, o Plaza Ballroom, o St. Helens, o Hulme Hall, o Golf Club, e o Automatic Telephone Company's Royal Iris River Cruise.

Como de costume, Brian mandava a cada um dêles, memorandos dactilografados, com todos os pormenores de seus compromissos. E juntava lembretes, geralmente em letras maiúsculas, de como êles deviam portar-se:

Sexta-feira, 29 de junho de 1962

TOWER BALLROOM, NEW BRIGHTON

Neil virá buscá-los entre as 6h45m e as 7 h para estarem no Tower às 7,30. Êste é um programa de Leach e, para o qual, êle lhes tem dedicado excelente publicidade como astros da noite. Com isso em mente e o fato de que êle tem sido um grande cooperador em vários fatos recentes, eu gostaria que vocês lhe oferecessem uma de suas melhores apresentações. Como se fôsse a noite da véspera do casamento de Sam! Deverá haver uma grande audiência, pagando especialmente para ver os Beatles.

Programa, continuidade, ternos, camisas brancas, gravatas etc. etc. etc.

Apresentação de uma hora.

N.B. — Na cópia anexa do Mersey Beat o nome THE BEATLES, foi mencionado umas quinze vêzes. Nas dez páginas do Mersey Beat, o nome do conjunto aparece em seis páginas. Tem havido muita publicidade e haverá mais, e por causa disso será da maior importância fazer jus a tanta publicidade. Note-se que em todos os compromissos, durante as apresentações, fumar, comer,

mastigar chicletes e beber está **ESTRITAMENTE PROIBIDO**, proibido.

Durante todo êste tempo, Brian estava lutando para conseguir-lhes contratos, a fim de tocarem além da região de Merseyside, mas com pouco êxito. Naquele verão, obteve-lhes um contrato em Peterborough, mas foi um fracasso total. Ninguém os conhecia, e ninguém gostou dêles. "A platéia parecia estar sentada em cima de suas mãos", conta Arthur Howes, o promotor daquela apresentação.

Fazia tempo que estavam ansiosos para saber a respeito de George Martin. Êle lhes garantira que os avisaria quando deveriam voltar a Londres, a fim de gravar seu disco.

Brian teve notícias de George Martin, no fim de julho. Êle queria que os Beatles assinassem um contrato com a Parlophone Records. Agora, êles estavam selecionando as músicas que iriam gravar. Brian, assim como John, Paul e George, foram às nuvens.

Nada revelaram a Pete Best.

"No dia 15 de agosto uma quarta-feira, de tarde, estávamos tocando no Cavern", conta Pete Best. "No dia seguinte nós tocaríamos em Chester. Eu levaria John. Ao sairmos do Cavern, perguntei a John a que horas queria que eu fôsse buscá-lo, para irmos a Chester. Êle respondeu-me que não era preciso, êle iria sozinho. Perguntei-lhe o que estava acontecendo. Êle não disse. Ficou com uma aparência amedrontada. Então Brian telefonou, avisando que queria ver-me e a Neil, em seu escritório, na manhã seguinte."



John, Paul e George no palco em Hamburgo (Foto de Jurgen Wollmer)



John numa porta de Hamburgo (Foto de Jurgen Wollmer)

“No dia seguinte, Neil me levou lá. Brian parecia abalado, sem a sua aparência feliz de todos os dias. Êle sempre demonstrava suas emoções, e era óbvio que havia alguma coisa. Êle estava bastante inquieto.

“Brian disse que tinha más notícias para mim. Os rapazes queriam que eu saísse do conjunto e Ringo entrasse no meu lugar. Isso estourou como uma bomba. Fui apanhado inteiramente de surpresa. Durante uns dois minutos não consegui dizer nada.

“Comecei a perguntar por que e quais eram as verdadeiras razões. Ele disse que George Martin não gostara muito do meu jeito de tocar. Disse que os rapazes achavam que eu não me adaptava ao conjunto. Todavia, parecia não haver nada definitivo.

“Finalmente, acabei dizendo que, já que as coisas estavam nesse pé, ficava tudo resolvido. Saí e contei tudo a Neil, que me esperava do lado de fora. Eu devia estar muito pálido. Disse-lhe que eu havia sido chutado, depois de dois anos com o conjunto. Não sabia por quê. Não tinha conseguido uma resposta positiva.

“Brian saiu do escritório, e falou conosco. Ele me perguntou se eu poderia ficar até o fim da semana, tocando na quinta e sexta-feira, até que Ringo viesse. Eu concordei.

“Saí dali e tomei algumas cervejas. Não contei a ninguém o que tinha acontecido. Não sei como aquela história se espalhou. Eu não tinha revelado a ninguém.”

A notícia se divulgou, quase imediatamente, e houve um pandemônio em Liverpool. O Mersey Beat anunciou em sua edição de 23 de agosto: “Mersey Beat Exclusivo. Beatles Mudam Baterista.” Não publicam nenhuma razão para a mudança. Disseram que a coisa fôra feita em ambiente amistoso. Terminava, dizendo que os Beatles iriam a Londres, a 4 de setembro, para uma gravação nos estúdios da EMI.

Os fãs de Pete Best, apesar de não serem tão numerosos quanto os de Paul McCartney, ficaram furiosos. Seu ídolo havia sido derrubado, exatamente no momento de glória dos Beatles. Desfilaram pelas ruas, cercaram a Nems com cartazes, fizeram piquetes, na porta do Cavern e gritavam slogans em tôdas as apresentações do conjunto.

John, Paul e George foram atacados pelos fãs de Pete Best, e Brian tornou-se seu inimigo número um.

“A substituição de Pete Best me deixou numa situação muito desagradável. Esse foi o primeiro grande problema que eu tive. Da noite para o dia, tornei-me o cara mais antipatizado da freguesia. Nas duas noites seguintes, não tive coragem de me aproximar do Cavern Club, por causa das multidões gritando Pete for Ever, Ringo Never ou Pete is Best. Eu não podia manter-me afastado por tanto tempo, de maneira que, Ray McFall passou a ser meu guarda-costas.”

Os fãs de Pete Best tentaram acertar os Beatles, enquanto os fãs de John, Paul e George tentavam mantê-los à distância. Só os fãs de Ringo ficaram fora da confusão. Em tôdas aquelas brigas algumas garôtas ficaram machucadas. Dos Beatles, só George foi atingido. Ficou com um olho prêto.

Havia uma porção de boatos em Liverpool. Mas Evans, nesta época leão-de-chácara do Cavern, afirma ter ouvido dizer que a substituição se devia ao fato de Pete nunca sorrir. Outros diziam que era porque êle não queria mudar de penteado. Parecia haver dúvidas de que Brian se opusera à substituição.

“Eu conhecia a popularidade de Pete. Êle tinha uma ótima aparência e um grande número de admiradores. Eu me dava bem com êle. Na verdade, êle foi o primeiro, que eu conheci. Achava que a direção do conjunto seria mais fácil, através de Pete. Êle era o melhor de se conhecer e o mais simples.

“É certo que fiquei muito aborrecido, quando, um dia, os outros três vieram revelar-me que não o desejavam mais no conjunto. Êles queriam o Ringo. Já planejavam isso, há muito tempo, mas eu esperava que aquilo não acontecesse.”

Pelo fato de detestar ter de fazer aquilo, Brian arranhou diversas desculpas, como a de George Martin não haver gostado de seu estilo na bateria. Havia nisso um fundo de verdade, mas não era a razão da substituição.

“Propus a Pete mantê-lo noutra conjunto. Fiquei um pouco aborrecido, quando êle não apareceu em Chester, naquela noite, apesar de ter afirmado que iria. Eu o esperava. Eu não tinha

percebido que êle não poderia encarar novamente os demais membros do grupo.”

— “Como é que eu poderia?” —, pergunta Pete — “Já que êles não me queriam mais, não fazia sentido eu ir lá, naquela noite. Fiquei em casa, uma duas semanas, sem saber o que fazer. As garôtas batiam na porta a tôda hora. Elas estavam acampadas no jardim e gritavam por mim.”

Neil acha que o maior culpado é George. Êle acha que John era bastante amigo de Pete, e que Paul nunca teria feito nada, por conta própria. Neil diz que todos concordaram, mas George foi quem deu a última palavra. Pois George era o maior admirador de Ringo. O murro que George levou no ôlho, diz Neil, confirma esta suspeita.

A senhora Best apresenta uma hipótese mais simples: “O ritmo de Pete havia feito o conjunto. Êles estavam com ciúmes, então, quiseram que êle saísse. Pete não calculava que tinha tantos admiradores, até que saiu do conjunto. Êle era sempre muito tímido e quieto, nunca gritava como algumas pessoas que eu poderia mencionar.

“Êle fôra o empresário do grupo, antes de Brian aparecer. Era êle quem fazia os contratos e recebia o dinheiro. Eu julgava que êles eram muito amigos. Eu só os ajudava bastante, arranjava-lhes apresentações, emprestava-lhes dinheiro. E os alimentava quando estavam com fome. Eu estava mais interessada no futuro do conjunto do que seus próprios pais.”

Há certa justificativa para a raiva da senhora Best. A expulsão de Pete Best é um dos poucos acontecimentos obscuros na história dos Beatles. Houve alguma coisa misteriosa, pela maneira como isso foi feito. É claro que a maioria das pessoas faria o mesmo, e recorreria ao empresário para a realização de trabalho sujo como êsse. Entretanto, todos êles, e John especialmente, sempre foram honestos e bons para com tôdas as pessoas.

É verdade o que Mrs. Best diz a respeito de Pete tendo servido o conjunto por tanto tempo. Mas não é verdade, e muito longe disso,

que eles estivessem fazendo o som Pete Best, apesar de a bateria dêle ter tido sua parte, no sucesso do conjunto.

“Quando voltamos da Alemanha”, conta Pete, “eu tocava meu tambor-baixo muito alto e com isso fazia um sólido compasso. Naquela época, aquilo era inédito em Liverpool e todos estavam tocando no estilo dos Shadows. Até mesmo o Ringo, nesta época no conjunto de Rory Storm, copiou meu estilo, e não demorou muito que a maioria dos bateristas de Liverpool estivesse tocando do mesmo jeito. O meu estilo na bateria tinha muito a ver com o forte ruído que estávamos fazendo.”

Os outros dizem que a razão pela qual mantiveram Pete tanto tempo no conjunto, não era o ruído que ele produzia. Seu problema capital e permanente sempre foi causado pelo fato de não poderem contar com um baterista. Queriam um bom baterista, porque sua falta havia retardado o progresso deles. Quando aparecia um razoável, logo ficavam com ele. Não porque ele fôsse genial, mas porque sabiam o que representava a falta de um.

“Mas se eu não era tão bom assim por que eles me mantiveram no conjunto por dois anos e meio? Na primeira vez que voltamos a Liverpool, por que eles não arranjaram um novo baterista? Havia um bando deles. Por que não convidaram Ringo naquela ocasião, em vez de o fazerem dois anos mais tarde, às vésperas do sucesso?”

É difícil de se definir o que faz um baterista bom. Principalmente, um baterista com personalidade. Há provas de que Pete não se ajustava ao conjunto. Astrid e Klaus já o haviam notado em Hamburgo, apesar de ele mesmo não ter percebido ainda. Stu, ao contrário, tinha-o observado desde o início. Depois de Pete se considerar, por tanto tempo, parte integrante do conjunto, é lógico que tenha sido tomado de surpresa quando, de repente, cortaram sua carreira de baterista dos Beatles.

De qualquer maneira, fôsse o que fôsse que estivesse para acontecer aos Beatles, logo a seguir, eles deveriam ter tido mais um pouco de tato, ou um jeito menos antipático para eliminar Pete.

Poderiam tê-lo colocado num outro conjunto, antes de sua substituição ser anunciada.

É claro que, agora, é fácil dizer isso. Ninguém podia prever que os Beatles seriam bem sucedidos, nem o que Pete Best ia perder. Eles mesmos se julgaram um pouco culpados, e se desculparam dizendo que foi uma decisão coletiva, e não apenas de George. Eles nunca acharam que Pete fizesse parte integrante do grupo. Portanto, sua substituição era uma questão de tempo.

“Fomos covardes quando o expulsamos”, confessa John. “Fizemos com que Brian falasse com êle. Se nós tivéssemos dito aquilo na cara de Pete, a situação teria sido muito mais chata. E se tivéssemos falado com êle, a coisa provavelmente teria terminado em briga.”

Pete Best saiu do conjunto e perdeu sua oportunidade de alcançar fama no show business. Mas o caso teve um desfecho feliz para os Beatles: Ringo Star!

18.RINGO

Richard Starkey, ou Ringo, é o mais velho dos Beatles. Teria o nome de Parkin, se seu avô não tivesse mudado de nome. Quando sua bisavó casou pela segunda vez e mudou seu sobrenome de Parkin para Starkey, o avô de Ringo também teve seu sobrenome mudado para Starkey. Isso veio a causar grande confusão mais tarde, quando Ringo tentou fazer sua árvore genealógica. Supõe-se que o nome Starkey se originou nas ilhas Shetland.

A mãe de Ringo, Elsie Gleave, casou-se com seu pai, Richard Starkey, em 1936. Os dois se conheceram, quando trabalhavam na mesma padaria de Liverpool. Ela é baixa, corpulenta e loura. Hoje em dia, ela se parece muito com Mrs. Harrison.

Quando êles se casaram foram morar com os pais de Richard, no Dingle. Depois de Scotland Road, o Dingle é conhecido como a zona mais turbulenta de Liverpool. Fica no centro, não muito longe do pôrto. É muito menos salubre do que os novos subúrbios pouco mais arejados em que John, Paul e George foram criados.

“Existem muitas casas-de-cômodos no Dingle”, conta Ringo. “São como muitas pessoas metidas dentro de pequenas caixas e querendo sair. Se você disser a alguém de Liverpool que é do Dingle, essa pessoa logo lhe dirá que você é um caso difícil. Isso não é verdade, na maioria dos casos.”

Elsie e Richard Starkey conseguiram uma casa pouco antes de Ringo nascer. Não era uma casa-de-cômodos, mas sim em Madryn Street, uma lúgubre alamêda de casas de dois andares. A casa dêles era uma das maiores, com três cômodos em cima e três em baixo, enquanto a maioria das casas daquela rua tinha só dois cômodos em cima e dois em baixo. Em 1940, o aluguel da casa era de 1/10 d por semana.

“Sempre fomos pessoas simples, pobres e trabalhadoras, nos dois ramos da família”, conta Ringo, “apesar de haver um rumor de que minha bisavó estava muito bem de vida. Ela tinha uma grade de

metal em torno de sua casa e aquela grade estava sempre brilhando. Talvez eu tenha inventado isso. Você sabe como são essas coisas, a gente sonha com elas, ou a mãe da gente conta coisas e passamos a acreditar nelas como se as tivéssemos visto.

“De fato, minha avó por parte de mãe era muito pobre. Teve quatorze filhos.”

Ringo nasceu nos primeiros minutos do dia 8 de julho de 1940, no número 9 de Madryn Street. Chegou uma semana atrasado. O parto foi feito com o auxílio de forceps e êle pesava cêrca de 4,500 kg. Nasceu de olhos abertos, olhando para todos os lados. Êsse fato fêz com que sua mãe dissesse aos vizinhos que tinha certeza de que êle já estivera ali antes.

Quando Ringo nasceu, sua mãe estava com vinte e seis anos, e seu pai com vinte e oito. Sendo o primeiro (e único) filho, batizaram-no com o nome de Richard. Era uma tradição, entre as classes operárias, sempre dar ao primeiro filho o nome do pai. E passaram a chamá-lo pelo diminutivo de Ritchie, do mesmo jeito como seu pai era chamado e como continuam a ser chamados até hoje pelos seus familiares.

Mrs. Starkey, mãe de Ringo, lembra-se de estar de cama, de resguardo, quando ouviu as primeiras sirenas da guerra. Havia começado o bombardeio de Liverpool.

Nessa ocasião, ainda não havia abrigos anti-aéreos no Dingle. Os primeiros ataques aéreos, realmente sérios, só aconteceram algumas semanas mais tardes. Os Starkeys, juntamente com dois vizinhos que estavam conversando em sua casa, correram para se abrigar no depósito de carvão que ficava em baixo da escada. Ritchie começou a berrar. Sua mãe descobriu que na afobação o havia colocado no ombro, de cabeça para baixo. Ela o endireitou, e Ringo dormiu durante todo o bombardeio. Essa é uma das histórias que ela logo contou aos vizinhos, e ainda conta hoje.

Quando Ritchie tinha um pouco mais de três anos, seus pais se separaram. A não ser em três ocasiões mais tarde. Ringo nunca mais viu seu pai.

Não houve nem o drama nem cenas de histeria quando isso aconteceu. A situação foi resolvida tranquilamente. Elsie ficou com o bebê. Mais tarde, se divorciaram.

Por algum tempo, Ringo e sua mãe ficaram sós em Madryn Street. Todavia, o aluguel logo se tornou muito caro e eles se mudaram. Ficaram no mesmo quarteirão, para o lado de Admiral Grove. Uma casa só de quatro cômodos, dois em cima e dois em baixo. O aluguel, em 1940, era de dez shillings por semana.

As primeiras recordações de Ringo datam desta mudança. Ele acha que devia ter uns cinco anos naquela época. "Lembro-me de ter sentado na parte de trás do caminhão que levaria nossa mudança para Admiral Grove."

Ele não se recorda da separação de seus pais. Só consegue lembrar-se de ter encontrado seu pai umas duas vezes, quando ainda era criança, e, outra vez, bem mais tarde, já no começo da adolescência. "Uma vez ele veio visitar-me no hospital. Trazia um caderninho na mão e perguntou-me o que eu queria.

"Mais tarde, o encontrei em casa de vovó. Ele me ofereceu dinheiro, mas eu não falei com ele. Acho que mamãe me encheu os ouvidos, a seu respeito. Acho que se o caso fôsse invertido, isto é, se eu tivesse ficado com papai, isso nunca teria acontecido, ou teria sido bem diferente."

Parece que Ringo, quando criança viu seu pai muito mais do que se lembra, pois ele passava grande parte do seu tempo na casa de sua avó paterna. Seu pai demorou algum tempo ainda, trabalhando numa padaria, até se mudar de Liverpool e casar novamente.

Elsie não tem lembrança de Ringo ter ficado abalado com a separação ou de mais tarde ter feito perguntas sobre o que acontecera.

"Às vezes ele desejava que houvesse mais gente além de nós dois. Quando chovia ele costumava olhar pela janela e dizer, "Eu gostaria de ter irmãos e irmãs. Não tenho com quem conversar quando está chovendo."

Ritchie freqüentou o catecismo, quando tinha quatro anos. Aos cinco, entrou para a escola primária. Era a St. Silas's Junior School. Distava uns duzentos metros de sua casa. Ela ocupa um prédio vitoriano, de um vermelho desbotado, e é uma das National Schools construídas em 1870.

Elsie passou a receber uma mesada de trinta shillings por semana de seu ex-marido. Como isso não era suficiente à manutenção dela e de Ritchie, teve que arranjar um emprêgo. Antes de casar ela tinha tido vários empregos, inclusive trabalhara como garçonete, e quando voltou a trabalhar foi êste o emprêgo que conseguiu. Sendo alegre e sociável ela sempre gostara disso, e o horário lhe convinha.

Ela recomeçou a trabalhar como garçonete quando Ringo iniciou na escola. Trabalhava de manhã e nas horas de almoço. Recebia dezoito shillings por semana. Deixava o filho com a mãe de seu ex-marido, ou às vêzes, com os vizinhos.

"Nunca pensei em me afastar de Ritchie. Êle era meu filho. Com o emprêgo no bar eu conseguia arranjar-me. Com a guerra, havia muito trabalho nos bares."

Aos seis anos de idade, depois de apenas um ano de escola Ritchie teve uma crise de apendicite. A crise agravou-se, transformando-se em peritonite. Foi levado para o Myrtle Street Children's Hospital, sendo submetido a duas operações.

"Eu me lembro de ter ficado doente e ser levado de casa, numa padiola, para uma ambulância. No hospital, uma enfermeira começou a apertar minha barriga. Isso foi tudo que eu senti. É possível que ela só tenha tocado nela.

"Fui levado para a operação num carrinho de rodas e pedi uma xícara de chá. Êles me disseram que não, antes da operação, mas que eu ganharia uma depois. Entrei em coma e só acordei dez semanas depois."

Ao todo, êle ficou no hospital, em recuperação, mais de doze meses. Mais ou menos no meio dêste período, êle caiu de seu leito, enquanto mostrava um presente ao menino seu vizinho de cama, durante uma festa de aniversário.

Não permitiam que os pais visitassem seus filhos. Esse regime foi imposto, porque as visitas agitavam as crianças. Mas o estado de Ritchie era tão grave, que uma vez permitiram sua mãe vê-lo, às escondidas, tarde da noite, depois de ela ter terminado o trabalho do bar, naquele dia.

Ele saiu do hospital, quando tinha sete anos. Voltou à St. Silas's School. Ritchie nunca foi muito bom em suas lições. Depois de ter passado um ano no hospital, ficou completamente atrasado, sem saber ler nem escrever. Sem Marie Maguire, ele acha que nunca teria aprendido. A mãe dela e a sua eram amigas, fazia muito tempo. Ambas saíam juntas e deixavam Marie tomando conta de Ritchie.

"Sendo quatro anos mais velha do que ele", conta Marie, "eu era muito compenetrada. Até parecia que ele fazia parte da nossa família. Isso chegou a tal ponto, que costumavam bater na porta e dizer — "O seu Ritchie está fazendo isso e aquilo". Quando ele fazia as refeições conosco e o prato era guisado, eu sempre tinha que catar as cebolas para ele. Ele detesta cebola. Eu estava sempre xingando o Ritchie.

"Minha primeira lembrança dele deve ser de quando ele tinha três anos. Caiu uma terrível tempestade com trovoadas. Olhei para a casa dele e o vi com sua mãe encolhendo-se no hall.

"Comecei a ensiná-lo a ler e a escrever quando ele saiu do hospital. Ele não era tão bronco. Só estava esquecido de muita coisa. Organizamos tudo direitinho. Duas vezes por semana eu lhe dava aulas e sua mãe me dava uns trocados. Comprei o Primary Readers, de Chambers. Para as aulas a gente sentava na mesa da cozinha da casa dele.

"Aos sábados, quando nossas mães saíam, eu tomava conta dele lá em casa. Elas nos deixavam garrafas de limonada e doces. Uma vez ele tirou a camisa e eu pintei-lhe as costas tôdas. Agora que eu me recordo disso e, me parece que faz muito tempo. Uma ocasião ele trouxe sua namorada para conhecer-me. Teimava em dizer que ela se chamava Jellatine.

“Sempre o estimei. Êle era alegre e fácil de se deixar levar, tal como sua mãe. Tinha grandes olhos azuis adoráveis. Nunca notei que êle era narigudo. Só observei isso, muitos anos mais tarde, quando a imprensa publicou.”

Por muitos anos, Marie foi sua amiga mais chegada. Também, costumava passar muito tempo com suas duas avós, quando Elsie estava trabalhando fora.

“Minha avó Gleave, mãe de minha mãe, morava sòzinha. Tinha um amigo chamado Mr. Lester que costumava visitá-la e tocar gaita. Ambos deviam ter mais ou menos sessenta anos. — “Ah! é —” costumávamos dizer. — “Nós sabemos o que você quer, tocando gaita para ela no escuro”. Mas ela não quis casar com êle. Por fim, Mr. Lester acabou casando-se com outra.

“Eu gostava de ir a casa de vovô Starkey quando êle perdia muito dinheiro nas corridas de cavalos. Êle ficava maluco. Vovó e êle formavam um casal ideal. Êle e a mulher costumavam brigar pra valer. Êle era caldeireiro no pôrto, um autêntico portuário, mas costumava fazer-me coisas geniais. Uma vez fêz-me um grande trem, com fornalha e tudo, dentro dêle. Ao descer a nossa rua, a locomotiva causou a maior das confusões. Eu costumava assar maçãs dentro dela.”

Suas recordações da St. Silas’s Primary School são muito vagas, exceto matar aula e agarrar os garotos no recreio para tomar-lhes alguns níqueis. “Nós costumávamos fazer pequenos furtos na Woolworths. Eram apenas umas besteiras de plástico, que a gente podia botar no bôlso.” Uma vez, sua tia Nancy sentiu falta de um colar de pérolas. Ritchie apareceu em frente a um bar da Park Street, tentando vendê-lo por seis shillings.

Com onze anos, Ringo passou para a Dingle Vale Secondary Modern School. Não chegou a fazer seus exames de Eleven Plus, porque levou bomba no Review — uma espécie de teste para verificar se o aluno estava capacitado a cursar o Eleven Plus.

“Havia períodos, em que êle gostava da escola”, revela sua mãe. “Mas em seguida, começava a fazer gazeta. Êle e mais alguns

ficavam do lado de fora da escola, até que tocassem o último sinal e deixavam de entrar. Então, afirmavam que haviam fechado a porta, deixando-os do lado de fora. Saíam dali e passavam a tarde brincando no Sefton Park.”

Com pouco mais de onze anos, sua mãe começou a sair com um pintor da municipalidade de Liverpool chamado Harry Graves. Harry era um londrino, da área de Romford. Êle estivera doente e seu médico lhe sugerira uma mudança de ares. Sem saber por que, acabou resolvendo experimentar os ares de Liverpool. Até hoje não consegue lembrar-se do porquê dessa escolha. Harry conheceu Elsie por intermédio de amigos comuns, os Maguires, e deu-se bem com Ritchie desde o comêço. Costumavam ir juntos ao cinema, duas ou três vêzes por semana.

“Revelei a Ritchie que Harry queria casar-se comigo. Se êle desse o contra, eu não me teria casado. Mas êle respondeu: — “Case-se, mamãe. Eu não serei pequeno sempre. E você não vai querer acabar como vovó”. (Sua avó era a que não casara com Mr. Lester, da gaita.)

Harry Graves e Elsie Starkey casaram-se no dia 17 de abril de 1953, quando Ritchie tinha quase treze anos. Ela deixou o trabalho, logo depois. Harry diz que êle e Ritchie nunca tiveram uma briga. Elsie diz que êle era horrível. Quando reclamava com Harry das estrepolias que Ritchie andava fazendo, êle limitava-se a sorrir e não fazia nada.

Aos treze anos, Ritchie sofreu sua segunda doença grave. Pegou um resfriado que acabou virando pleurisia, que por sua vez afetou-lhe os pulmões. De nôvo, foi levado para o Myrtle Street Children’s Hospital e, a seguir, para o Heswall Children’s Hospital.

Só para animá-lo e motivar-lhe algum interêsse, Harry inscreveu-o no Arsenal Supporters Club. Ainda dessa vez, não consegue lembrar-se por quê. O próprio Harry nunca ligou muito para o Arsenal. Êle era, e ainda é, um torcedor fanático do West Ham. “Contudo, o Arsenal exercia uma espécie de fascínio naquele tempo. Achei que o garôto iria gostar daquilo.”

Durante sua permanência no hospital, Tom Whittaker, então diretor do Arsenal, passou por Liverpool. Harry escreveu-lhe, dizendo que seria um gesto muito simpático, se êle fôsse visitar um dos ardorosos jovens torcedores de seu time, que se encontrava doente e internado num hospital. Mrs. Whittaker não pôde visitá-lo, mas escreveu uma bonita carta, à qual Ritchie dava muito valor, conta Harry. Ritchie não se lembra de nenhuma carta, e nem mesmo de ter sido sócio do Arsenal Supporters Club.

Mas Ringo tem boas recordações de Harry. "Êle gostava de trazer-me pilhas de revistas americanas, em quadrinhos. Êle era genial. Eu costumava ficar do lado dêle, quando êle e mamãe brigavam. Eu achava que ela era metida a mandona. Eu ficava com pena dêle. Êle me ensinou a ser generoso, e que nunca havia necessidade de agir com violência."

Dessa feita, Ringo ficou no hospital quase dois anos, dos treze aos quinze anos de idade. "Costumavam dar-me uma porção de coisas, para eu me distrair, como tricô etc. Fiz uma grande ilha de papier maché e uma fazenda cheia de animais. No hospital, eu tive uma briga com um cara. Êle ficou furioso e me jogou uma bandeja grande em cima, por pouco que ela não me esmagou os dedos."

Saiu do hospital, com quinze anos. Isso significava que, oficialmente, êle havia terminado seus dias de escola, apesar de tê-la, freqüentado muito pouco. Foi obrigado a voltar à Dingle Vale Secondary Modern School para conseguir um boletim, a fim de usá-lo como referência para um emprêgo. Êle diz que ninguém conseguia lembrar-se dêle, já que estivera ausente por tanto tempo.

Ringo teve que ficar em casa, recuperando-se, até que ficasse com bastante saúde, para começar a pensar em conseguir um emprêgo. Sua mãe estava muito preocupada com a espécie de emprêgo que êle poderia arranjar. Ela sabia que êle não era suficientemente forte para levantar qualquer coisa pesada, e que não tinha a instrução necessária para fazer qualquer trabalho intelectual.

Através do Young Employment Officer êle acabou empregando-se como mensageiro nas British Railways, ganhando cinqüenta shilings por semana.

“Fui buscar meu uniforme, mas só me deram um chapéu. Logo achei aquê negócio muito ruim. Um cara tem de trabalhar vinte e três anos para, só então, receber um uniforme completo. Depois de seis semanas saí de lá. Não foi só porque não ganhei o uniforme. Havia um exame médico, e não me julgaram apto.

“Então, passei seis semanas trabalhando como barman, a bordo de um barco que fazia o percurso da costa de North Wales. Fui a uma festa que durou a noite tôda. Tomei um porre e depois fui direto para o trabalho. Quando a gente chegava ao trabalho, tinha que ir falar com o chefe. Eu fui, e êle logo me despediu.”

Em seguida, êle conseguiu um emprêgo na H. Hunt and Son, graças a uns amigos de Harry. “Fui para lá, com a finalidade de me tornar montador. Todavia, tudo que fiz durante dois meses foi sair na minha bicicleta, apanhando encomendas. Nesse tempo, eu já tinha completado dezessete anos e já estava ficando cheio, por não começar meu aprendizado. Então, resolvi dirigir-me à gerência. Lá, me disseram que não havia vagas para montador, e perguntaram-me se eu queria ser ajustador. Eu concordei. Era uma profissão. Todo mundo sempre diz que, no momento em que a gente consegue ter uma profissão, tudo está bem.”

Já ninguém pensava mais que êle fôsse ficar. Êle era pequeno, de aspecto franzino e subnutrido e com pouquíssima instrução.

“Êle teve uma infância difícil”, diz Marie Maguire, a menina que o ensinou a ler. “Com aquela situação familiar e duas prolongadas doenças, eu só podia desejar que êle fôsse feliz. Não esperava que êle fôsse bem sucedido. Apenas que se tornasse um cara feliz.”

Aquelas doenças tão demoradas devem ter deixado grandes vestígios nêle. De fato, tornou-se difícil sua adaptação à escola, ao trabalho e à vida comum. Hoje, não é capaz de se lembrar do nome de nenhum de seus professôres, mas se recorda das duas enfermeiras que cuidaram dêle — a Irmã Clark e a Enfermeira Edgington.

Também, não se lembra de ter sido infeliz. Acha que teve uma boa infância.

Até parece ironia da sorte: quando êle retornou à Dingle Vale School com a finalidade de obter seu boletim, ninguém conseguia recordar-se d'êle. Embora, isso não impedisse que, mais tarde, quando criou fama, tivessem a coragem de cobrar seis pence às pessoas que quisessem sentar e tirar fotografias, na carteira que supunham ter sido ocupada por êle.

19. RINGO COM OS «BEATLES»

Quando criança, Ringo não demonstrou interêsse musical, nem aprendeu nenhum instrumento. “Nós tínhamos uma banda na enfermaria do hospital. Havia quatro garotos nos címbalos e dois nos triângulos. Eu não tocava, a menos que me dessem um tambor.”

Foi quando êle começou a trabalhar como aprendiz de ajustador que lhe veio a mania do skiffle. Êle ajudou a formar um conjunto chamado The Eddie Clayton Skiffle, que tocava para os demais aprendizes na hora do jantar.

Sua primeira bateria foi um conjunto de segunda-mão, comprado por Harry, quando estêve em sua casa de Romford. Custou dez libras. “Eu a trouxe de Londres no carro bagageiro”, conta Harry. “Esperava um táxi em Lime Street, para poder levar aquela tralha para casa, quando vi Joe Loss vir em minha direção. Se êle me tivesse perguntado se eu sabia tocar bateria, ter-lhe-ia de responder que não. Porém, êle foi passando.”

A primeira bateria nova de Ringo custou cem libras. Êle foi pedir ao avô o depósito de cinqüenta libras.

“Se o avô lhe recusasse um shilling êle fazia uma dança de guerra”, conta Elsie. “Desta vez seu avô veio ver-me. — “Hei, você sabe o que o desgraçado do seu filho tá querendo?” Mas acabou dando o dinheiro. Ritchie pagou-lhe o empréstimo direitinho, uma libra por semana, retirando-a do seu salário.”

Sua mãe preocupou-se um pouco, com aquela história de o conjunto tomar-lhe tanto tempo. Pois ela supunha que êle freqüentava as aulas da Riverdale Technical School, a fim de recuperar um pouco da instrução que havia perdido.

Contudo, Harry, seu padrasto, estava muito interessado no conjunto dêle. Aquilo constituía uma distração para o rapaz. Certa noite, Harry conheceu num bar um cara que dizia tocar numa banda. O cara concordou em dar uma oportunidade a Ringo, e Harry marcou uma entrevista. Ringo foi e voltou furioso. A banda era a Prize Silver

Band. Êles queriam dar-lhe um grande tambor, prêso com correias ao seu peito, e fazê-lo marchar pela rua, fazendo bang, bang, bang, ao compasso de uma marcha militar.

Não que êle se estivesse saindo muito melhor no conjunto de Eddie Clayton. E também não existia nenhum Eddie Clayton. Eddie Miles, êsse era o nome verdadeiro do líder do conjunto. Havia mudado seu nome — por razões profissionais —, para Eddie Clayton, no momento em que o conjunto foi organizado. Exatamente como Paul, George e John haviam mudado seus nomes quando da tournée pela Escócia.

Todavia, tomava parte na mesma espécie de competições e festas que os Beatles também tomavam. Ringo acabou entrando para o conjunto de Rory Storm. Quando lhes ofereceram o contrato em Butlin, Ringo teve de se decidir se deixava o trabalho. Nessa época êle estava com vinte anos. Faltava-lhe só mais um ano de aprendizado. “Todos me aconselharam a abandonar o emprêgo, e julgo que estavam certos. E eu simplesmente queria ir. Recebia seis libras por semana no Hunts, e cêrca de oito libras para tocar de noite. O contrato de Butlin me oferecia vinte libras por semana, dezesseis depois de descontado o aluguel do chalé.”

Nessa ocasião, o conjunto de Rory era o mais importante de Liverpool. Aquela oferta de Butlin tinha sido, até então, a maior. “Nós estávamos a caminho do sucesso, e críamos que, na realidade, deveríamos ser bons. Rory Storm já havia mudado seu nome duas vêzes. Seu nome real era Alan Caldwell, em seguida, se tornou Jet Storme e, depois, virou Rory Storm.”

Foi em Butlin, que Richard Starkey, finalmente, se tornou Ringo. Até ali, só esporadicamente era chamado de Rings. Quando tinha dezesseis anos, sua mãe deu-lhe o primeiro anel. Quando seu avô Starkey morreu, herdou outro, um anel grosso de ouro, o qual, até hoje, ainda usa. Aos vinte anos, já estava usando uns quatro anéis. Em Butlin, seu sobrenome foi abreviado para Starr, para que pudessem anunciar seu solo de bateria, como Starr Time. Naturalmente, Rings transformou-se em Ringo, pois soava melhor com um sobrenome de uma sílaba.

De volta a Liverpool, Ringo teve sua festa de aniversário, quando completou vinte e um anos, em sua casa de Admiral Grove. Todos os conjuntos mais importantes compareceram, inclusive Gerry e os Pacemakers, o Big Three e Cilla Black. Os Beatles não foram. Ringo não os conhecia. Eles eram de outra zona de Liverpool, e apenas mais um conjunto.

A sala de Admiral Grove é pequena, (tinha 3,50 m por 4,50 m), mas, mesmo assim, couberam os sessenta convidados. Sabese o número exato, porque, depois da festa, Ringo colocou todos em fila para tirar retrato, do outro lado de sua casa.

Elsie, a mãe de Ringo, conhecia Cilla Black fazia muito tempo, como uma môça das redondezas chamada Cilla White. Há quase um ano Cilla vinha com uma amiga à casa de Mrs. Starkey, tôdas as quartas-feiras depois do trabalho. Cilla tomava chá e depois fazia o cabelo de Elsie.

O sucesso das treze semanas do conjunto em Butlin levou a outros contratos. Eles fizeram uma tournée pelas bases americanas na França, e Ringo diz que isso foi terrível. "Os franceses não gostam dos inglêses. Pelo menos eu não gostei deles".

O conjunto de Rory estava com tanto sucesso, que, quando surgiu a primeira proposta de Hamburgo, eles recusaram-na. Mas mais tarde, acabaram aceitando, juntando-se aos Beatles no Kaiserkeller. Foi onde eles se encontraram pela primeira vez. Ringo lembra-se vagamente de tê-los visto uma vez em Liverpool. Certa ocasião, êle foi dar uma olhada no Jackaranda Club, e os viu ensinando Stu a tocar guitarra-baixo.

Em Hamburgo, Ringo costumava sentar-se com eles e pedir certos números, quando estavam tocando. Êle voltou para Liverpool com o conjunto de Rory. Mais tarde, voltou a Hamburgo por conta própria, acompanhando Tony Sheridan. Durante essa nova temporada, êle cogitou sèriamente na possibilidade de ficar lá definitivamente. Ofereceram-lhe um apartamento, um carro e trinta libras por semana, por um contrato de um ano. No entanto, acabou decidindo voltar para o conjunto de Rory Storm, em Liverpool, e fazer outra temporada em Butlin. Ali, foi convidado a integrar os Beatles. Pelo

telefone, John disse-lhe que êle teria de pentear o cabelo para a frente, mas poderia manter as costeletas.

Ringo recebeu um bocado de xingamento e cartas ameaçadoras dos fãs de Pete Best. "As gurias adoravam o Pete. Eu era apenas um magricela barbado e mal-ajambrado. Brian também não me topava. Êle achava que eu não tinha a personalidade necessária. E por que arranjar um cara feio, quando se pode arranjar um boa-pinta?"

Foi o dinheiro que fêz Ringo decidir-se. "Na mesma época recebi outra oferta, de King Size Taylor e os Dominoes. Êles me ofereciam vinte libras por semana. Os Beatles ofereciam vinte e cinco. Então, fiquei com êles."

Como aconteceu a todos êles, e como também acontece com qualquer pessoa, quase que seus destinos não se encontravam. Anteriormente, Ringo estivera prestes a emigrar para os Estados Unidos. Uma vez, êle e um amigo estavam vendo alguns discos e leram que Lightning Hopkins nasceu em Houston, Texas. Então foram ao consulado americano em Liverpool, e declararam que queriam ir para Houston, Texas. O cônsul disse que primeiro êles teriam que arranjar um emprêgo. Ringo conseguiu um numa fábrica. "Aí, chegou a vez daqueles enormes formulários, com tôdas aquelas perguntas, se o cachorro dinamarquês de meu avô era comunista. Não pude entender aquilo tudo. Se o tivesse, teria ido embora definitivamente."

Com o ajuste de Ringo, como personalidade e como baterista, os Beatles eram agora, indiscutivelmente, o primeiro conjunto de Liverpool. Tinham um empresário cavalheiro e, finalmente, entraram em contato com Londres. Mas o sucesso dêles, apesar de ser só local, estava começando a matar com as velhas amizades de que Ringo gostava tanto.

"Houve tempo em que existiam tantos conjuntos em Liverpool, que a gente chegou ao ponto de tocar uns para os outros. Era uma comunidade, de certa forma, constituída de grupos. Isso era muito bacana. Assim, as gravadoras vieram e principiaram a contratar conjuntos. E a coisa deixou de ser tão amistosa. Alguns conseguiam alguma coisa, outros nada.

“Você encontrava um conhecido e êle falava: — “Tudo bem. Acabei de fazer um disco mas êles não vão lançá-lo. Disseram que é muito parecido com Ray Charles.

“Êsse negócio avacalhou a comunidade. Nasceram ódios. Eu abandonei os lugares antigos. Contudo, aquêles dias de Liverpool foram uma grande época da minha vida. Como na minha festa de vinte e um anos, todo o mundo estava lá.”



Os Beatles, de volta de Hamburgo e com seus novos penteados, são eleitos como o conjunto mais popular pelos leitores do “Mersey Beat”, um jornal dedicado à música popular e que apenas começara a circular. Apesar desta fama toda o sobrenome de Paul está escrito errado



Brian Epstein. Ele se torna empresário dos Beatles em Dezembro de 1961

Os Beatles, completados com Ringo, esperavam que George Martin marcasse a data definitiva para a gravação de seu primeiro disco. Nesse meio tempo, outros negócios se ajustaram em Liverpool. Brian decidiu, afinal, que administrar duas lojas de discos e um conjunto era demais, exatamente o que seu pai vivia repetindo.

Resolveu parar com seu trabalho diário na loja de Whitechapel. Trouxe Pete Brown, que estava na loja de Charlotte Street, para ocupar seu lugar. Passou a concentrar sua atenção na Nems Enterprises, descendo de seu escritório, vez por outra, para ver como Peter estava agindo. Isso deu origem a vários atritos, pois Brian não suportava ver sua linda arrumação ser modificada. Peter foi despedido, depois de uma briga danada. Mais tarde, foi readmitido.

Entretanto, Brian nunca teve nenhum atrito com qualquer um dos Beatles. O que se aproximou, mas não chegou a ser briga, foi um incidente com Paul. Todos vieram buscá-lo, numa noite, mas êle estava no banho e recusou-se a sair. "Gritei-lhes que me esperassem. Pois, demoraria só alguns minutos. Quando saí do banho, todos êles tinham ido embora com Brian. Então pensei êles que se danem, pois eu era um bôbo temperamental. Se não me podiam esperar, também eu não podia ir atrás dêles. Então me sentei, e fiquei vendo televisão."

A razão real disso fôra que Paul tinha metido na cabeça a idéia de que devia revoltar-se. "Eu sempre fôra zeloso. Estava sempre disposto, conversando sôbre os contratos, ou anunciando os números. Talvez eu fôsse um pouco cara-de-pau. Talvez fôsse melhor do que os outros, para fazer essas coisas. Em todo caso, parecia que eu era sempre o pato."

Isso motivou uma discussão entre Paul e Brian, mas não houve nada sério. Paul logo voltou a ser o mesmo de antes. "Eu percebi que estava sendo desleal em não fazer aquêle esforço."

Êle e John estavam tão animados como sempre, em escrever músicas, produzindo sempre mais um "original de Lennon e McCartney". Mas Mimi ainda acreditava que aquilo tudo não fôsse pra valer. "Eu tinha esperança de que John, um dia, chegasse a casa e dissesse que não ia tocar mais naquele conjunto, afirmado que — "Aquilo é de uma chatura mortal.

"Fui a última a notar que êles estavam vencendo. As garôtas começaram a bater na nossa porta e perguntar se John estava em casa. Eu as indagava por que faziam isso, e elas declaravam que só

queriam vê-lo. Eu não conseguia entender aquela história. Elas eram tão meninas! E eu sabia que sua única namorada verdadeira era Cyn.”

No verão de 1962, Cyn descobriu que estava grávida. “Eu não sabia se John ia querer casar. Eu não queria prendê-lo daquele jeito.

“Fiquei um tanto chocada, quando ela me contou”, confessa John. “Mas eu disse que sim. Nós teríamos de nos casar. Eu nem lutei contra a idéia.”

Casaram-se em 23 de agosto de 62, no Mount Pleasant Register Office, em Liverpool. “Na véspera eu fui revelar a Mimi. Declarei que Cyn ia ter um bebê e que a gente ia casar-se, no dia seguinte, perguntei se ela queria vir. Ela deu apenas um gemido.”

Nenhum dos pais assistiu ao casamento. Segundo o que contam, o casamento foi no mesmo estilo do dos pais de John, realizado naquele mesmo cartório, vinte e quatro anos antes. John, Paul e George estavam vestidos de prêto. “Naquele dia havia um britador funcionando do lado de fora”, conta John. “Eu não conseguia ouvir uma palavra do que o cara estava dizendo. Depois nós atravessamos a rua e jantamos galinha. Não me lembro de nenhum presente. Nunca fiz questão deles. Foi tudo muito divertido.”

Êles tentaram manter em segredo o casamento para seus fãs, mas uma das freqüentadoras do Cavern os viu saindo do cartório e a notícia se espalhou, apesar de êles negarem. “Pensei que meu casamento representaria o adeus do conjunto, porque todos me diziam isso. Nenhum de nós levava namoradas ao Cavern. Pois, acreditávamos que, dessa forma, perderíamos nossas fãs. Isso não passava de uma ilusão. Na verdade, eu me sentia embaraçado pelo fato de estar casado. Era como se eu saísse andando à rua com meias diferentes, ou com a barriguilha aberta.”

Cynthia concordava em manter o casamento em segredo. “Seria muito chato John ser reconhecido e apontado em todos os lugares. Eu não queria que tal acontecesse.” Nesse tempo, o fãclubes feminino do conjunto havia assumido enormes proporções. As garôtas seguiam-nos a tôda parte, e davam gritinhos ao menor pretexto.

Contudo, ninguém estranho a Liverpool tinha ouvido falar nos Beatles. Eles ainda esperavam que George Martin, o grande especialista em artistas e repertório, de Londres, marcasse a data para a gravação de seu disco. Em Liverpool, tudo acontecera sem publicidade e promoção. Os fãs haviam descoberto os Beatles, instintivamente.

Maureen Cox era uma delas. Ela e uma amiga, um dia, correram atrás de Ringo na rua, pouco depois de ele ter entrado para o conjunto. Ele saía de seu carro e sua mecha de cabelo cinzento o denunciou. Ela conseguiu seu autógrafo, e escreveu o número da placa do carro em seu caderno. Naquele dia, ela estava a caminho de sua aula de cabeleireira e fazia pouco tempo que deixara a escola. "Ainda hoje, consigo lembrar-me da placa do carro — NWM 466."

Atualmente, Maureen Cox é a mulher de Ringo. Mas foi a Paul quem ela beijou primeiro. Agora, a lembrança disso ainda a deixa um pouco embaraçada.

Uma tarde, ela se encontrava no Cavern com uma amiga, e a esta apostou quem teria a coragem de ir e dar um beijo em Paul. "Eu falei que ela é que estava com medo de fazer aquilo. Ela respondeu-me que era eu que estava com receio. Então, para tirar isso em pratos limpos, abri caminho e dirigi-me ao conjunto. Beije o Paul e voltei. Minha amiga ficou tão contrariada e teve tantos ciúmes, que começou a chorar. Mas, na realidade, eu gostava mais de Ritchie. Eu só tinha beijado Paul, por causa do desafio. Aí esperei a saída de Ritchie, e também dei-lhe um beijo."

Ringo não se recorda de ter sido beijado por Maureen. Nem, de ter-lhe dado um autógrafo. "Era essa a mentalidade naquele tempo — beijar ou ser beijado. O negócio atingiu tal proporção, que conseguir o autógrafo de um Beatle, significava ter tocado num deles, ou ter beijado algum deles. Bastava a gente descer do palco, e logo uma garôta se atirava ao nosso pescoço. É provável que, na ocasião, eu tenha pensado que Maureen era alguma mosca azucrinando-me."

Três semanas mais tarde, no Cavern, ele tirou Maureen para dançar. Depois, a levou para casa. Igualmente, teve de acompanhar a amiga

dela até a casa. Isso se repetiu por várias semanas. Maureen confessa que não queria revelar à amiga que ela a estava atrapalhando. "Eu estava amedrontada."

Daí então, raramente, Maureen perdia um espetáculo no Cavern. Ela logo viu que havia tantas fãs e muito mais fanáticas do que ela podia imaginar. "Elas se postavam por perto do Cavern, o dia todo, só para terem a chance de vê-los. Mal saíam da sessão de hora do almoço, logo começavam a fazer fila para a apresentação noturna. Ritchie e os rapazes uma vez passaram por ali, pouco depois da meia-noite, e já havia um bom número delas fazendo fila para a apresentação do dia seguinte. Então, êles compraram algumas tortas para elas. A turminha foi às nuvens e voltou.

"O objetivo era procurar aproximar-se ao máximo da primeira fila. Dêsse modo, poderiam ver os Beatles e serem vistas por êles. Eu nunca entrei na fila, duas ou três horas antes de o Cavern abrir. Aquilo me chateava. Havia brigas e discussões entre as garôtas. Era uma confusão danada. Quando as portas se abriam, parecia uma avalanche. As primeiras pulavam logo para dentro, umas empurrando e derrubando as outras... era um inferno!

"Durante a apresentação dos primeiros conjuntos, elas ainda conservavam seus bobes no cabelo e as calças-esportes. Mas, quando se aproximava a hora de os Beatles tocarem, elas formavam-se em turminhas de quatro, e, uma de cada vez se dirigia à toalete das senhoras com suas malinhas. Lá, trocavam de roupa e se maquilavam. Quando os Beatles apareciam no palco, tôdas elas estavam lindas, como se tivessem acabado de chegar.

"Penso que isso em parte era devido ao sexo, em parte, à música. Era essa a atração. Eram capazes de morrer, só para serem notadas por êles, ou de ficarem ali. Era horrível, quando êles chegavam. Era uma gritaria infernal! Elas entravam em órbita."

Quando Maureen saía com Ringo, tinha que se manter escondida.

"Se não eu poderia ser morta. As outras garôtas não eram nada camaradas. Seriam capazes de me esfaquear pelas costas. Mantinham a ilusão de nenhum dêles ser casado. Assim, cada garôta

achava que poderia ter uma oportunidade. Supunha-se que nenhum dêles tinha namorada firme.”

“Naturalmente que algumas acabavam descobrindo. Costumavam freqüentar o cabeleireiro onde eu trabalhava. Eu não podia fazer nada senão aquilo. Eu obrigada a fazer-lhes o cabelo. Então elas me ameaçavam — “se você continuar a sair com Ringo, vai ver uma coisa”. Quando eu saía, elas me empurravam. Comecei a receber telefonemas ameaçadores — meu irmão vai te pegar, costumavam dizer.

“Uma vez êles tocavam no Locarno. Pouco antes de êles acabarem, Ritchie me disse para sair, sentar no carro e esperar por êle. Pois, assim ninguém me veria. Eu estava lá, quando apareceu uma garôta. Devia ter-me seguido.

“Perguntou-me se eu ia sair com Ringo. — “Eu disse que não, que êle era apenas amigo de meu irmão.” — “Mentirosa”, berrou, — “Eu acabei de ver-te conversando com êle!”. Eu me tinha esquecido de fechar o vidro do carro. Antes que me defendesse, ela meteu a mão pela janela e arranhou-me o rosto. Ela começou a berrar e me gritou umas coisas numa linguagem muito selecionada. Pensei, naquele dia, que levaria uma facada. Contudo, consegui fechar a janela a tempo. Se não o tivesse feito, creio que ela teria aberto a porta e teria me matado.”

SEGUNDA PARTE
LONDRES E O MUNDO

20. GEORGE MARTIN & DICK JAMES

Entre George Martin e os Beatles, sempre pareceu haver um imenso abismo que os separa, em classe, em gosto ou em antecedentes. Ele é alto e simpático, no estilo de ídolo de matinês, com um ar estudado de professor e uma impecável pronúncia, estilo BBC. Sua origem, contudo, foi tão humilde quanto a dos Beatles.

Nasceu em 1926, em Holloway, North London, filho de um carpinteiro. Primeiro frequentou o Jesuit College em Stamford Hill, e quando sua família se mudou para Kent, foi matriculado no Bromley County School. Não havia nenhuma tradição musical em sua família. Quando menino, também não teve a mínima instrução musical. No entanto, quando entrou na adolescência, George aprendeu a tocar piano, de ouvido, e, aos dezesseis anos, dirigia seu próprio conjunto de danças na escola.

Durante a guerra, serviu no Fleet Air Arm, chegando ao posto de tenente. Em 1947, foi desmobilizado e se encontrou numa situação de não ter o que fazer. Graças a alguém que o ouvira tocar piano durante a guerra, ele tentou entrar para a Guildhall School of Music. Passou três anos lá, aprendendo a tocar o oboé como seu segundo instrumento. Ao diplomar-se ficou algum tempo como oboísta free lancer (franco-atirador), mas nunca foi além do trabalho comum de orquestra, ou tocava, aos domingos de tarde, em bandas nos parques de Londres. Acabou despedido, por não ser suficientemente bom.

Em fins de 1950, apareceu-lhe um bom emprêgo: um lugar de assistente de artistas e repertório na Parlophone, uma das companhias subsidiárias da EMI. Ainda ignorava a fama da EMI — Electrical Musical Industries —, hoje, a maior gravadora de discos do mundo.

Por causa de seu curso e treinamento em música clássica em Guildhall, conseguiu o emprêgo. Supunham que ele trabalhasse na parte de jazz e música ligeira. Era vasto campo de ação nesse gênero de música, na Parlophone, contudo, em grande parte sem

graça. “Naquele tempo, a Parlophone era como o “primo pobre”, em comparação aos “primos ricos” EMI, HMV e Columbia — Quando entrei para lá em 1950, êles ainda gravavam em cêra.”

A Parlophone fôra comprada na Alemanha, pouco antes da guerra. Desde então, ela tinha prosperado muito pouco, quase todos que lá trabalhavam, esperavam que ela fôsse fechada em pouco tempo.

Sua conhecida marca “£” não tem nada a ver com o símbolo de libra esterlina, ou com os milhões que veio a faturar no futuro. Representava, unicamente, a inicial do sobrenome de seu fundador, Carl Lindberg.

O salário de George Martin, na EMI, era bem modesto — sete libras e cinco shillings por semana. Para aumentá-lo um pouco, tocava, esporadicamente, em concertos dominicais nos parques londrinos, quando conseguia lugar. Ou então, arranjava alguns recitais de orquestra nas escolas.

Aos poucos, foi tornando-se o único responsável da parte de discos populares. Seus dois primeiros cantores foram Bob e Alf Peterson, que cantavam na base de My Brother and I. Gravou, ainda, os The Five Smith Brothers e a Scottish Country Dance Band, com Jimmy Shand e sua Banda, e o Bluebell Polka, com Jimmy Shand. Até hoje, êsse disco é bem vendido. Passou para o jazz. Gravou os discos de Johnny Dankworth e de Humphrey Lyttleton.

Apesar de parecer que os long-plays sempre existiram, em 1950, eram uma grande novidade. “A EMI começou a fazê-los muito mais tarde, por volta de 1954. Não sei por que demoramos tanto! A Decca já os vinha lançando, desde 1952. Razão por que tínhamos ficado muito atrasados, e precisávamos recuperar o tempo perdido.”

No início da década de cinqüenta, a produção de discos, na Inglaterra, era um negócio rotineiro e bastante tradicional. Era o mesmo que editar uma revista mensal. Cada mês, uma companhia como a Parlophone lançava no mercado cêrca de dez discos, todos êles planejados com dois meses de antecedência. Era o que se chamava de suplemento mensal. Êsse suplemento era sempre muito limitado. Dêsses dez lançamentos, dois eram clássicos, dois de jazz,

dois para dança — aquela espécie de música de dança feita por Victor Silves-ter —, dois de cantores e dois de cantoras. Não havia uma categoria que se pudesse classificar de popular. “A gente nunca falava em popular. Era tudo clássico, jazz, dança ou vocal.”

A Parlophone contava com muito poucos astros em tôdas as categorias artísticas. Victor Silvester, por exemplo, estava na Columbia, uma das subsidiárias mais prósperas da EMI. Os melhores cantores, pelo menos em vendas, vinham todos da América, e a Parlophone não tinha nenhum.

Lentamente, George Martin conseguiu criar um pequeno lugar para si, ao produzir uma série de discos humorísticos, apesar de todos os entendidos nesse negócio terem dito que aquilo estava destinado ao fracasso.

Um de seus primeiros discos humorísticos foi Mock Mozart and Phoney Folklore de Peter Ustinov. Também gravou discos de Peter Sellers, Flanders and Swam, e, mais tarde, Beyond the Fringe. Essa gravação foi feita em Cambridge, antes de êles se mudarem para o West End.

A mania do skiffle chegou, transformando todo o panorama da música popular para adolescentes. Os cantores e conjuntos inglêses, começaram a fazer discos muito vendidos, apesar de fora na escala norte-americana. Mas a pobre velha Parlophone ainda ficou mais atrasada, apesar dos discos humorísticos de George Martin.

“Todos descobriam um cantor ou conjunto, exceto a Parlophone. Andei pelos bares de Londres à caça de talentos.” Perdeu a oportunidade de contratar Tommy Hicks, o qual, mais tarde, foi o Tommy Steele, por ter achado que êle não passava de uma imitação de Elvis Presley.

“Eu invejava muito a HMV e a Columbia com todos aquêles astros americanos ou as outras companhias com astros no padrão de Cliff Richard. De certa forma aquilo era muito fácil. Uma vez que se tenha um cantor ou conjunto que agrada o público, tudo o que se tem a fazer é encontrar uma música nova.”

À medida que o rock and roll alcançava uma enorme procura entre os adolescentes e os índices de vendagem de discos se tornavam cada vez mais importantes, a Parlophone, a companhia que muitos pensavam que não iria durar muito, foi ficando ainda mais para trás.

Em maio de 1962, sem que Brian Epstein ou os Beatles suspeitassem, a Parlophone esperava, ansiosamente, que aparecesse alguma coisa como êles. O grande George Martin, cuja tossezinha e cujos comentários êles tentavam analisar, estava muito longe de ser grande.

Judy Lockhart-Smith, então secretária de George e agora sua mulher, lembra-se de ter ficado muito impressionada com Brian Epstein em seu primeiro encontro. "Êle usava um casaco muito bonito, com boas-maneiras e falando bem, não era o tipo comum de empresário de Charing Cross Road."

George também ficou bem impressionado. "Mas, particularmente, não fiquei entusiasmado pelo que êle me mostrou. Não achei nada de extraordinário nas músicas ou nos cantores. Todavia, achei que êles produziam um som bastante interessante. E promete-lhes fazer um teste de gravação."

Brian tinha entrado em órbita. Porém, para George, aquêle era apenas mais um conjunto com probabilidades de ser gravado. Êle estava tão interessado em encontrar um nôvo conjunto que estava testando uma série dêles."

"A princípio, eu estava pensando em usá-los como grupo de acompanhamento para um cantor conhecido, como Cliff Richard and the Shadows. Eu queria desesperadamente ter o meu Cliff. E assim pensando, eu via a possibilidade de um dêles se tornar o cantor principal. Quando os conheci, concluí logo que aquilo nunca daria certo."

George encontrou-os pela primeira vez, no dia 6 de junho de 1962. Foi quando fêz com êles o teste de gravação no estúdio número três da EMI, em St. John's Wood. Para essa sessão, foi que Brian lhe mandou aquela relação de sugestões.

“Achei-os muito atraentes como pessoas. Gostei de estar com êles. Era engraçado o contraste de serem tão insignificantes e eu parecer tão importante. Eu não deveria ter-me incomodado com o fato de êles gostarem de mim ou não, contudo fiquei satisfeito porque êles pareceram gostar de mim. Descobri que o John era um admirador dos discos de Peter Sellers, que eu havia lançado.”

George escolheu apenas três números da relação feita por Brian, incluindo Love Me Do e PS I Love You. Êle pensa que aquela foi uma primeira versão de Love Me Do porque a música não chegou a conquistá-lo. Mas êle gostou do som e da personalidade do conjunto. “Concordei em que não perderia nada contratandoos, apesar de não ter a mínima idéia do que faria com êles ou quais as músicas que poderiam gravar.”

Além disso, encontrava-se atarefado com outros discos, e, na sua opinião, muito mais importantes naquela época, tais como o LP do The Establishment, a primeira, mas de curta duração, boate satírica de Londres. Isso aconteceu quando os Beatles substituíram Pete Best. George Martin demorava em marcar a data para a gravação dos Beatles. Pois ainda estava indeciso na escolha das músicas que êles gravariam; se permitiria que êles gravassem alguma de suas próprias músicas ou se arranjaria um cara para compor algo para êles.

Finalmente, no dia 11 de setembro de 1962, êle os trouxe a Londres para a gravação de seu primeiro disco inglês, Love Me Do com o PS I love You, na segunda face.

“Decidi-me escolhendo o Love Me Do, como a melhor do grupo. Era a harmônica de John que lhe dava uma atração especial.”

George Martin fôra avisado da substituição Pete Best por um nôvo baterista. Mas êle não se arriscaria. Preferiu contratar um experiente baterista de gravações, chamado Andy White, e tê-lo à mão para qualquer eventualidade. Contou isso a Brian, mas ocultou a Ringo.

Antes de começarem a sessão, George Martin explicou-lhes o que iria tentar fazer. “Se vocês não gostarem de alguma coisa é só falar comigo”, avisou-os George Martin.

“Bem, para começar”, disse George Harrison, “eu não gosto da sua gravata”. Essa foi uma piada meio tom sério, e foi recordada muitas vezes depois, porém não agradou muito a George Martin. Na realidade, era uma gravata novinha em folha e da qual ele estava particularmente orgulhoso. Era preta, com cavalos vermelhos. Fôra comprado no Liberty’s. Todavia, todos riram e a sessão continuou.

Para Ringo, era a primeira gravação e ele não se sentia muito seguro. Teria ficado muito mais nervoso se tivesse percebido desde o começo que havia um outro baterista por ali, à espera de qualquer eventualidade para tomar-lhe o lugar.

Êles atacaram o Love Me Do, que efetuou dezessete repetições, até que George Martin ficasse satisfeito. “Eu não achava Ringo muito bom. Ele não sabia rufar — e ainda não sabe — entretanto, melhorou muito depois daquela sessão. Andy era o tipo de baterista de que eu precisava. Ringo só estava acostumado a tocar em público. Não obstante, precisava de gente com experiência.”

“Eu estava nervoso e atemorizado com o estúdio”, conta Ringo. “Quando, mais tarde, voltamos para gravar a face B, descobri que George Martin tinha colocado aquêle outro baterista sentado no meu lugar. Foi uma decepção. Eu fôra convidado pelos Beatles, e agora parecia que eu só era bom para tocar com êles em público, e não era suficientemente bom para gravar.”

“Começaram o PS I love You. O outro cara tocava a bateria e eu fiquei tocando maracas. Achei que aquilo era o fim. Pensava no que êles estavam fazendo comigo e no que tinha feito com o Pete Best. Então, êles decidiram gravar novamente o outro lado, no qual eu havia tocado bateria. Dessa vez me deram um tamborim para tocar.”

“Estava aborrecido. Que merda. Como é falso êsse negócio de discos, pensei. Exatamente como me tinham afirmado. Arranjavam outros músicos para fazerem seus discos no estúdio. Se eu não servisse para as gravações, seria melhor sair do conjunto.”

“Ninguém disse nada. Também o que poderiam dizer? Ou eu? Estávamos servindo de joguête, empurrados de um lado para outro.

Você me entende. Eles eram muito grandes, a companhia de discos de Londres e aquilo tudo. A gente fazia só o que eles mandavam.

“Afinal o disco saiu como um simples. No PS I Love You, meu nome figura como tocando maracas, o outro cara, bateria. Felizmente, decidiram manter a primeira versão do Love Me Do, na qual eu tocava bateria. Então estava tudo bem.”

O Love Me Do, primeiro disco deles, foi lançado em 4 de outubro de 1962. Já estavam de volta a Liverpool, tocando novamente nas festas e salões de dança. Na expectativa de seu disco surpreender o mundo. Nada disso aconteceu.

Seus admiradores, em Liverpool, fielmente compraram grande número de discos. Contudo, as vendas numa cidade da província não afetam muito os mapas de vendas. Eles também enviavam milhares de pedidos às estações de rádio para que tocassem aquele disco. A primeira a tocá-lo foi a Rádio Luxemburgo.

Mrs. Harrison, a mãe de George, ficou esperando horas e horas na noite em que George disse que iriam tocar seu disco. Ela se cansou de esperar e foi para a cama. Mais tarde, foi acordada pelos berros de George, dizendo que ele estava sendo irradiado. Com aquela gritaria, também acordou Mr. Harrison, que ficou muito zangado, pois tinha que acordar muito cedo, para pegar o primeiro turno nos ônibus.

“A primeira vez que eu ouvi o Love Me Do no rádio”, revela George, “fiquei todo arrepiado. Ouvi a primeira guitarra e não podia acreditar. Mas o mais importante para nós foi ficarmos entre os vinte mais.”

Eventualmente, entraram ocupando o quadragésimo nono lugar na relação do New Record Mirror. Na semana seguinte o disco começou a aparecer em outro jornal, o New Musical Express, onde figurou no vigésimo sétimo lugar. E permaneceu ali por algum tempo.

Graças a esse disco gravado, Brian conseguiu-lhes a primeira apresentação num show de televisão, embora tenha sido apenas no Norte. No Peoples and Places da Tv Granada, de Manchester.

Deviam voltar a Hamburgo, para outra série de apresentações no Star Club. O contrato fôra assinado antes da gravação do disco. Eles

acreditaram que, pelo fato de estarem fora do país, e impossibilitados de fazer qualquer apresentação ao vivo no rádio ou na televisão, seu disco iria sumir e ninguém mais ouviria falar nêle. Assim, êles seguiram para sua quarta estada em Hamburgo. O disco aos poucos continuou a subir, durante sua ausência. Isso era motivo para novas comemorações. O ponto mais alto a que Love Me Do atingiu foi o décimo sétimo lugar.

George Martin estava satisfeito, mas não muito, com Love Me Do. “Eu não achava tão brilhante, mas estava entusiasmado com a reação dos Beatles e o seu som. O problema agora era conseguir-lhes outra música para gravar.”

Êle descobriu uma, e que tinha certeza de que se tornaria um sucesso. Chamava-se How Do You Do It. Mandou-a para os Beatles, mas êles não gostaram. George Martin disse que êle gostava. Era o chefe e queria que êles a gravassem. Então teriam de fazê-lo. Contudo, êles reafirmaram que não tinham gostado dela e, portanto, não queriam gravá-la.

Era muita coragem, ou talvez apenas ingenuidade, essa demonstração de teimosia por parte de um conjunto de provincianos inexperientes (não sabiam nem ler música, no entanto) dizer ao grande conhecedor e poderoso George Martin que sabiam das coisas melhor do que êle.

“Avisei-lhes que êles estavam desprezando um sucesso. Era o fim dêles. Já que pretendiam continuar tão obstinados, seria interessante que êles mesmos produzissem coisa melhor. Êles estavam metidos em ter opiniões próprias — e não mudaram nem um pouco.

“Realmente, produziram alguma coisa melhor, Please Please Me, que me surpreendeu.”

Contudo, George estava certo a respeito de How Do You Do It, entregando aquela música a outro conjunto de Brian Epstein, ao Gerry e os Pacemakers, que chegaram ao primeiro pôsto com ela.

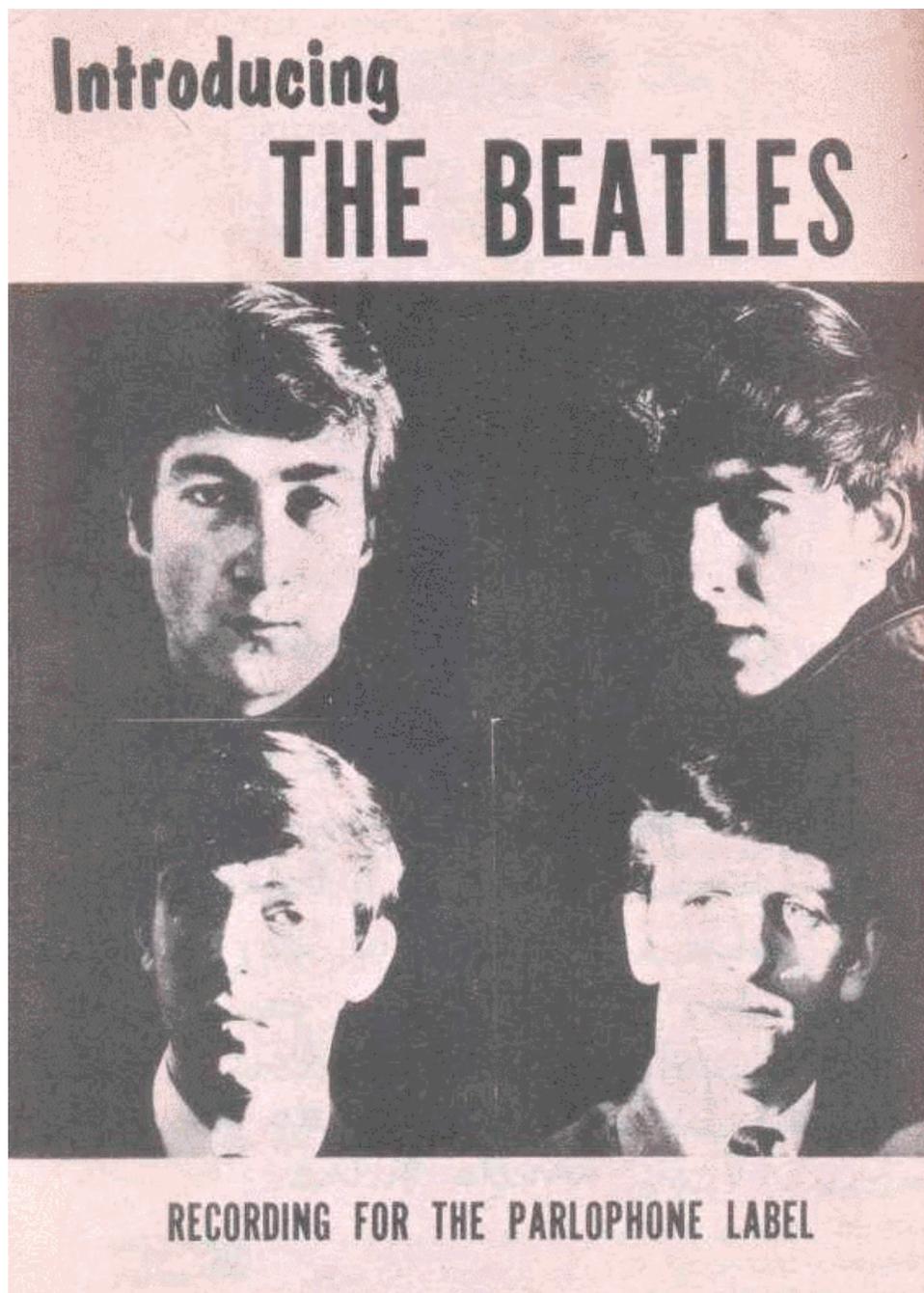
O segundo disco dos Beatles, Please Please Me, foi gravado a 26 de novembro de 62, e só foi lançado em janeiro de 1963. Vieram de

Hamburgo para fazer a gravação e depois voltaram para lá. Dessa vez, só por umas duas semanas. Era sua quinta e última temporada nas boates de Hamburgo.

No fim daquele ano, o New Musical Express realizou, como sempre, o seu concurso de popularidade. Os The Springfields foram eleitos como o primeiro conjunto vocal com 21.843 votos. Os Beatles ficaram longe, bem longe, com os seus 3.906 votos. Provavelmente todos êles mandados de Liverpool. Mas entraram na relação. Êles existiam, apesar de parecer pouco indicado serem êles o conjunto de que George Martin e a Parlophone tanto precisavam.

Dick James é o único elemento do show business tradicional que já entrou no círculo dos Beatles, seja profissionalmente, seja como amigo. Êle entrou pouco depois de George Martin. Como êle esperava com ansiedade, que aparecesse alguma coisa como os Beatles.

Dick James sempre estivera no negócio. Êle procede daquela espécie de ambiente judaico londrino, no qual o camarada cresce junto de todos os empresários e chefes de conjuntos futuros, e os rapazes sempre acabam ajudando-se mutuamente. Dick James é de índole sentimental. É o tipo do cara simpático. Qualquer um gosta de Dick James. É motivo de gozação, por causa das músicas sentimentais. E sabem que uma boa balada melosa, como When I'm Sixty Four, é capaz de tornar Dick James felicíssimo. De qualquer modo, êle é muito feliz. É, talvez, o camarada mais sortudo de todo o seu círculo. No tempo em que encontrou os Beatles, era um editor que só tinha um único empregado. Agora, dirige uma companhia editôra inteira. É milionário, não graças a êles, mas ao seu próprio trabalho.



As primeiras fotografias de publicidade dos Beatles distribuídas pelo "Parlophone Records" por ocasião do primeiro disco do conjunto, "Love me do", em outubro de 1962. John e George (acima) foram fotografados em Hamburgo por Astrid. A foto dos outros dois teve de ser ligeiramente retocada para combinar com aquela outra.



Capa da edição de "Please, Please me", lançado em janeiro de 1963. Foi o primeiro disco dos Beatles a ocupar o primeiro pôsto nas paradas de sucesso.



Jantar de comemoração no Hotel George V em Paris, em 1963, para festejar a notícia de que "I Want To Hold Your Hand" chegara ao primeiro posto nas paradas de sucesso dos Estados Unidos. Da esquerda para a direita: Judy Lockhart-Smith (hoje Mrs. George Martin), Ringo, George, Paul, John e George Martin. Brian Epstein está com um penico na cabeça.

Nasceu Richard Leon Vapnick, em 1920, no East End, Londres. Seu pai, um açougueiro, emigrara da Polônia em 1910, quase na mesma época em que a família Epstein também viera de lá.

Aos dezessete anos, era cantor profissional, apresentando-se com Al Berlin (agora empresário) e sua banda no Cricklewood Palais. Durante a guerra, serviu no Medical Corps, não fazendo nada medicinal, e sim tocando na banda da unidade. Foi aí que ele aprendeu a ler música. Terminada a guerra, uniu-se a Geraldo, que imediatamente mudou o nome de Dick Vapnick para Dick James. Por muitos anos se apresentou com a maioria das grandes orquestras da época, tornando-se, depois, cantor solista.

"Nunca cheguei ao topo. Nunca ninguém ficou histérico quando eu cantava, como acontecia com Donald Peers e com David Whitfield." Mas conseguia viver bem. Fêz uma série de discos, apesar de nenhum deles ser formidável. O primeiro foi em 1942, durante uma licença no exército, quando ele cantou com a Primo Scala's Accordion Band. Estêve com a Decca, durante algum tempo, mas não fêz muito dinheiro para eles. Em 1952, deu com o costado na Parlophone, onde, nessa época, se encontrava um brilhante jovem encarregado de artistas e repertório disposto a trabalhar duro com qualquer cantor popular. Em 1955, sob a direção de George Martin, Dick James gravou seu melhor disco, e o único pelo qual ainda é lembrado. Êste foi Robin Hood, a cançãotema para a série de televisão. Essa gravação chegou ao nono lugar, o ponto mais alto que os dois haviam alcançado. Isso levou a uma apresentação de Dick num spot de quinze minutos na Rádio Luxemburgo, numa produção do brilhante Philip Jones.

Apesar do sucesso de Robin Hood, Dick sabia que não havia muito futuro para ele como cantor, pelo jeito que as coisas se

encaminhavam, com o rock and roll, skiffle e o aparecimento de todos aqueles rapazes. “Senti que ia haver uma revolução e que eu me achava no lugar errado, na hora errada.” Ele completara trinta anos, mas já vinha usando uma peruca há alguns anos. “É claro que só a usava para as apresentações no palco. Não na minha vida particular. Isto seria trapacear.”

Continuou a cantar até 1959, para encher seu tempo, e assim mesmo só na região de Londres, pois queria estar perto de sua mulher e filho. Como ocupação paralela, começou a se dedicar à edição de música. Tornou-se assistente, não remunerado, de Sil Bron, o pai da atriz Eleanor Bron. (Ela aparece no segundo filme dos Beatles, Help).

Em 1961, abriu sua própria editôra de música em duas salas da Charing Cross Road. No verão de 62, sua companhia já funcionava regularmente, todavia ele não havia descoberto qualquer sucesso.

O filho de um amigo apareceu, um dia, com uma música que não havia conseguido vender a nenhum outro editor. Essa música se chamava How Do You Do It. Ele saiu correndo para falar com George Martin, seu velho amigo da Parlophone. Aqui se encontra a razão pela qual George Martin estava tão ansioso para que os Beatles gravassem aquela música.

“Disse a George que ela era brilhante. Poderia ficar com ela para um novo conjunto de Liverpool que ele conseguira. — “Liverpool? —,” perguntei. — “Você está brincando. O que é que você arranjou em Liverpool?”.

George Martin sabia que aquela era uma boa música comercial, e persuadiu Dick James a deixá-la com ele por algum tempo. Dick estava muito animado, convencido de ter, afinal, conseguido o que esperava há tanto tempo. Em novembro de 62, George telefonou-lhe avisando que os Beatles haviam escrito a música que iriam gravar, chamada Please Please Me, que ele considerava excelente.

Dick caiu das nuvens. Contudo, George Martin contou que estava com Brian Epstein em seu escritório. Falou que ele não conhecia ninguém em Londres, mas, talvez, Dick pudesse ajudá-lo. Pelo

telefone, Dick prometeu auxiliá-lo. E também perguntou se poderia editar Please Please Me, já que George dizia que ela era tão excelente.

Brian já tinha combinado encontrar outro editor, no dia seguinte, mas informou a Dick que depois viria conversar com êle para saber sua opinião. “No dia seguinte, às dez e meia da manhã, eu estava em meu escritório quando Brian chegou, meia hora antes do combinado. Disse que tinha ido ver aquêle outro editor. Havia esperado vinte e cinco minutos, mas só o contínuo aparecera. E disse que então eu poderia ter a primeira opção.” “Êle a tocou para mim e eu disse que era a melhor coisa que havia ouvido nos últimos tempos e perguntei se podia ficar com ela.”

Brian Epstein havia saído há pouco de Liverpool, porém não era tão verde assim. Garantiu que, se Dick James conseguisse alguma promoção para o conjunto, poderia ficar com a música. Dick pegou o telefone e ligou para um de seus velhos amigos. Êsse era Philip Jones, que havia produzido suas músicas para a Rádio Luxemburgo. Êle acabava de ficar encarregado de um nôvo programa de música popular na televisão, chamado Thank Your Lucky Stars.

“Pelo telefone eu arranjei a coisa. Toquei para Philip o Please Please Me, pelo telefone, e êle confessou gostar da música e que poderia encaixá-la num programa.”

Em cinco minutos, Dick James havia arranjado a primeira apresentação dos Beatles na televisão de Londres — a apresentação na Tv Granada, de Manchester, havia sido só no Norte. Brian Epstein ficou muito impressionado. E, na hora do almoço, Dick James havia-se tornado o editor da música dos Beatles. Um editor de música pode ser bem sucedido se tiver os compositores certos escrevendo para êle. Tôdas as taxas de direitos autorais são divididas meio a meio entre o compositor e o editor.

Dick James de muitas maneiras havia errado na escolha, quando decidira tornar-se editor de música, em vez de continuar cantor. Êle teria estado muito mais seguro se se tornasse empresário, coisa em que havia pensado naquela época. Durante décadas, os editôres existiram graças à venda de músicas no papel. Com o aparecimento

dos discos, e quando as pessoas deixaram de tocar piano em casa, o fim das folhas de música estava com seus dias contados. Ao encontrar os Beatles, a grande oportunidade de Dick James começou a raiar.

21. EM VIAGEM

Os Beatles começaram o ano de 1963 com um disco no mercado e outro em vésperas de ser lançado. Haviam encontrado George Martin e Dick James. Já estavam com data marcada para aparecer em seu primeiro programa de televisão em Londres. Contudo, ainda eram completamente desconhecidos. Brian Epstein estava achando muito difícil conseguir-lhes alguma publicidade, local ou nacional.

Estava tentando conseguir alguma coisa com o George Harrison do Liverpool Echo, sem nenhum sucesso. Escreveu novamente ao Disker, o crítico de discos do Liverpool Echo em 1962, e ficara muito surpreso ao receber uma carta da Decca de Londres, assinada por um tal de Tony Barrow.

Tony Barrow tornara-se o Disker em 1953, aos dezessete anos, quando ainda estudava na escola em Crosby, perto de Liverpool. Acabou mantendo o posto quando esteve na Durham University, e, mais tarde, quando entrou para a Decca, escrevendo capas para eles. Hoje, ele ainda é o Disker, apesar de também ser o principal agente de imprensa dos Beatles.

Quando Brian lhe escreveu, pela primeira vez, parecia que a Decca tinha gostado da audição e ia gravá-los. Tony Barrow escreveu um pequeno parágrafo sobre isso, a primeira vez que os Beatles foram mencionados pela imprensa. Quando tudo desmoronou, Tony Barrow não teve vontade de escrever sobre eles novamente. Mas quando o Love Me Do foi lançado, ele voltou a escrever sobre os Beatles, em sua coluna.

Brian passou a vir a Londres mais freqüentemente, uma vez que seu conjunto tinha um disco no mercado. Encontrou Tony Barrow e pediu-lhe conselho de como conseguir publicidade.

“Brian não sabia como se promovia um disco; então coloquei-o em contato com a imprensa especializada. Na oportunidade, declarou que não tinha um agente de imprensa e perguntou se poderia

ajudá-lo. Então, sentado em meu escritório na Decca, escrevi a primeira nota oficial para os Beatles.”

Ele ainda não conhecia o conjunto e não podia usar seu próprio nome ou telefone, pois era empregado da Decca. E também não tinha uma lista de correspondência. “Peguei um publicitário que encontrei na cantina da BBC. Ele concordou em partilhar sua lista de correspondência e me deixar usar seu endereço.” Era Andrew Oldham, que mais tarde trabalhou durante algum tempo para Brian Epstein, e depois se tornou empresário dos Rolling Stones.

Na mesma época, em outubro de 1962, a EMI também divulgou uma nota sobre os Beatles, para acompanhar seu primeiro disco. Ela era baseada em coisas já escritas por Brian, que por sua vez se baseavam nas cartas dos admiradores. Afirmava que a côr predileta de John era o preto, que ele gostava de comida temperada com caril e de Carl Perkins, detestava cabeças duras e o jazz tradicional. Depois de marca predileta de carro, vinha: ônibus. Todos os membros do conjunto, segundo esse release, tinham a mesma ambição: ganhar muito dinheiro e se aposentar. A julgar pelas outras publicações da época, esta não era a ambição exata. Segundo elas, sua ambição era tornarem-se artistas completos.

Tonny Barrow deixou a Decca e começou a trabalhar em tempo integral para a Nems, a primeiro de maio de 1963, num escritório de uma sala em Monmouth Street, o primeiro escritório de Brian Epstein em Londres. Durante seis meses, ele mandou uma série enorme de notas, a maioria dos quais ficou ignorada.

Os jornais sobre música escreveram sobre eles, quando seus discos foram lançados, especialmente o Please Please Me, em 12 de janeiro. Em 16 de fevereiro, alcançou o primeiro lugar nas paradas de sucesso e eles voltaram a escrever sobre ele, mas os jornais ignoravam o conjunto tranquilamente.

O primeiro artigo, e durante seis meses o único, num jornal nacional foi no London Evening Standard, em fevereiro de 1963 e assinado por Maureen Cleave. O Please Please Me não havia chegado ao primeiro lugar, e eles ainda eram muito desconhecidos no negócio de discos. Mas Miss Cleave tomou conhecimento de seus admiradores

em Liverpool, por meio de um amigo de lá e de outras pessoas. Em seu artigo, dizia que os fãs deles em Liverpool obrigaram a Tv Granada a filmá-los, mas agora estavam preocupados em que o conjunto deixasse a cidade. Ela descrevia como eles eram naturais e engraçados. E chamava a atenção, pela primeira vez, para o cabelo deles. Descrevia o penteado à moda francesa, com as pontas para a frente. Esse era o nome correto para aquele penteado, já que ele teve origem no Continente. “Apesar de os jornais de música terem feito alguma coisa, nunca consegui interessar um repórter a escrever sobre Beatles”, narra Tony Barrow. “Só a partir de outubro de 63, conseguimos algo.”

“Diria que fui eu quem fez os Beatles, mas não era verdade. A imprensa nacional demorou a perceber a existência deles. Os jovens de todos os lugares, não só os de Liverpool, já se extasiavam com eles. No entanto, eles nem pareciam notar. Subiram ao primeiro lugar da parada de sucessos com o seu segundo disco, mas os jornais nacionais, nem por isso, achavam que eles fossem notícia ou merecessem uma palavra.”

Esse fato nunca tinha ocorrido na Inglaterra, e por isso a imprensa não sabia como divulgar o fenômeno. Esperaram que a verdade lhes entrasse pelos próprios olhos, para então poderem revelá-la.

Apesar de serem ignorados no âmbito nacional, os Beatles estavam conseguindo uma boa cobertura em Liverpool. No dia 5 de janeiro de 1963, o Disker fez uma longa crítica de seu segundo disco, que ainda estava para ser lançado, o Please Please Me —sem revelar que ele trabalhava como agente de imprensa dos Beatles.

O famoso George Harrison também estava fazendo a cobertura deles. Em sua coluna chamada Over the Mersey Wall, no dia 21 de fevereiro, ele falava sobre a apresentação que os Beatles fariam no programa de televisão Thank Your Lucky Stars. Ele dizia que esta apresentação fora gravada antes que o Please Please Me chegasse ao primeiro lugar, e se perguntava — na coluna — se os Beatles seriam um conjunto a mais de um único sucesso.

Alguns meses mais tarde, entretanto, já não havia quem os segurasse. Então, passou a ser a vez de se gabar de ter o mesmo

nome que o fabuloso George Harrison integrante do grupo. Êle contou que recebia toneladas de cartas felicitando-o pelo aniversário e endereçadas a — “George Harrison, Liverpool”.

Chegava a receber até pedidos de mechas de seu cabelo, um dos primeiros sinais do fanatismo dos fãs em conseguir relíquias dos Beatles. Êle, por sua vez, queria conservar os próprios cabelos, não fazendo questão de distribuí-lo aos outros.

Os moradores de Liverpool que possuíam o sobrenome Lennon, McCartney, Harrison e Starkey também começaram a ser incomodados, com garôtas desconhecidas a telefonar-lhes durante tôda a noite.

O grande resultado de ficar entre os Vinte Mais era não conseguir que o Liverpool Echo escrevesse a seu respeito, mas obter uma excursão nacional. Isso não significava grande coisa, porque os espetáculos eram apresentados em bloco, entre pequenas e grandes atrações, exibindo-se uma noite em cada lugar. Êles precisavam sair de Merseyside e se tornarem conhecidos no país inteiro, e ver se conseguiam, em auditórios diferentes, o mesmo sucesso obtido nas platéias de Liverpool, cujos integrantes se criaram ali. Fazer uma grande tournée era uma forma de promover o disco, pois seria como tocá-lo ao vivo para todo o país.

A primeira excursão de que os Beatles participaram, em fevereiro de 1963, foi a de Helen Shapiro. Era a estrêla do programa. Uns dois anos antes, havia alcançado fama, ao se tornar a primeira de uma grande série de cantoras adolescentes.

Arthur Howes, o empresário, já era um sucesso no gênero. Êle promovia tôdas as tournées de Cliff Richard. Mas ao descobrir os Beatles muito antes que êles chegassem ao primeiro lugar, êle se tornou o promotor de tôdas as excursões do conjunto pelo país, exceto uma.

Brian procurava entrar em contato com Arthur Howes, fazia muito tempo. Pois já lhe haviam contado que êle era o promotor das tournées de Cliff Richard. Ficou surpreendido quando conseguiu o telefone da casa dêle e descobriu que êle morava em Peterborough.

Isso foi em 1962, quando êle ainda estava vendo se interessava as gravadores pelo seu conjunto.

“Num sábado à tarde, eu estava em casa e recebi um telefonema. Um cara dizendo chamar-se Brian Epstein estava falando de Liverpool. Êle informou que tinha um grande conjunto e indagava sôbre a possibilidade de encaixá-los em algum programa. Disse que o nome do conjunto era Beatles, e eu ri. Oh, meu Deus, pensei, lá estamos nós em outra enrascada, mais uma vez! Mais um conjunto com um nome engraçado!

“Porém, eu nunca recusava um conjunto, sem tê-lo ouvido primeiro. Informei-lhe, então, que havia um show em Peterborough, no qual êles poderiam entrar.” Êle não lhes pagou nada, a não ser as despesas para virem de Liverpool.

A apresentação dêles realizou-se no Embassy Theatre, em Peterborough. Foi a primeira vez que se apresentavam num teatro fora de Merseyside. Foi um fracasso completo. Aquela foi uma das noites em que “a platéia senta nas mãos”, como diz Arthur Howes. “Era um show de Frank Ifield, e, por isso, aquela atitude não me surpreendeu. O auditório era fanático por êle. Julguei que um conjunto ruim poderia ter-lhe roubado uns dez minutos, sem problemas.

Arthur Howes, todavia, gostou da aparência dos Beatles e os colocou em outro teatro perto de Peterborough. Novamente, fracasso total. Sem se importar, Arthur contratou-os. Isso não representava muito, mas prendia os Beatles a êle, se o quisesse. “Eu me agradei dêles como conjunto, e via em Brian um grande homem de negócios. Causou ótima impressão.”

Em janeiro de 1963, após o lançamento do disco, decidi colocá-los na tournée de Helen Shapiro. Já o segundo disco dêles estava lançado, mas havia poucos sinais de que chegaria à primeira colocação, quando êles partiram em fevereiro. Não passavam de mais um conjunto completando o programa. “Na minha opinião, creio que demorou seis meses para que êles acontecessem. Meu conceito se baseia estritamente pela bilheteria. Se não funcionam,

não há renda. Para um empresário, não pode haver romance. Apenas trabalho árduo.”

“Viajar foi um alívio”, conta John, “só sair de Liverpool e abrir novos caminhos. Já estávamos sentindo-nos confinados e cansados.”

“Sempre estávamos fazendo as malas. Quando a gente se enchia de um palco, logo vinha outro diferente. Tínhamos passado daqueles palcos de Hamburgo e queríamos que aquilo acabasse. Detestamos voltar a Hamburgo naquelas duas últimas vezes. Aquilo já tinha enchido as medidas!”

“Foi uma grande emoção”, lembra Ringo. “Viajar com Helen Shapiro e tocar em teatros de verdade. Uma vez, tínhamos tocado no Empire, de Liverpool, quando Brian nos colocou num show, apenas para têmos o que fazer. A gente ocupava o terceiro lugar no programa. Um empresário de um dos ditos estrelas tinha implicado conosco. Ele não queria que nós entrássemos no show.”

“Fazer uma tournée de verdade pelos teatros era um negócio genial. A gente ignorava muita coisa, e não entendia nada de maquiagem, porque nunca havíamos feito shows de palco. Creio que demorou muito a gente perceber aquela história. Penso que foi assistindo ao Frank Ifield. Seus olhos estavam surpreendentes. Achamos que devíamos experimentar aquêle negócio. Saímos por ali como peles-vermelhas, cobertos com aquela droga.”

No início da tournée de Helen Shapiro, eles não causaram a mínima sensação. Só bem mais tarde, quando o segundo disco deles começou a se aproximar dos primeiros da lista de popularidade, é que eles começaram a obter uma grande reação da platéia.

“Helen era a estrêla”, conta Ringo. “Tinha uma televisão em seu camarim e nós não tínhamos. A gente tinha de pedir a ela para assistir um pouco. A gente não estava conseguindo casas cheias, mas pelo menos figurava no programa.”

John se lembra de alguns gritos de aplauso, em Glasglow. Lá, o auditório sempre se manifestava assim. Entretanto, continuavam a gostar de rock and roll, mesmo muito depois de todo o mundo

passar a tocar e se parecer com os Shadows. "A gente sempre arrancava gritos de aplausos na Escócia. Creio que lá não se tem muito que fazer."

Os Beatles ainda eram um conjunto de rock and roll. Twist and Shout foi a incluída em suas apresentações por essa época. Talvez seja a música mais no estilo rock and roll que êles já executaram.

Apesar de estar no programa, Ringo ainda ficou preocupado, por algum tempo, sôbre seu ajustamento aos demais. "Ao chegarmos aos hotéis, eu sempre imaginava com quem iria ficar. Todos êles se conheciam tão bem. O que geralmente acontecia é que John e George dividiam um quarto e eu e Paul dividíamos outro. Naturalmente, tudo estava sempre muito bem."

John tem uma lembrança geral das excursões, porém não consegue lembrar-se de coisas como os nomes de cidades ou lugares de qualquer tournée que êles fizeram. "Nunca sabíamos onde estávamos. Dava tudo no mesmo."

A única lembrança que Ringo tem daquela tournée com Helen Shapiro foi a de êles terem sido expulsos de uma festa. "Acho que foi em Carlisle. Havia um baile no hotel em que estávamos hospedados e nós resolvemos ir dar uma olhada. Estava cheio de "almofadinhas", muitos dêles de porre. Expulsaram-nos porque estávamos mal-ajambrados — e acredito que estávamos mesmo."

Quando o Please Please Me alcançou o primeiro lugar das paradas de sucessos, êles passaram a ser mais conhecidos dos fãs de música popular. No fim da tournée, estavam recebendo tantos aplausos quanto Helen Shapiro — a estrêla do programa.

Depois daquela tournée, com o sucesso de Please Please Me, Arthur Howes mandou-os, imediatamente, para outra. Essa começou em março de 1963 e as estrêlas eram Chris Montez e Tommy Roe. Os Beatles ocupavam o terceiro lugar do programa.

A receptividade aos Beatles aumentava em cada nova apresentação. Agora, êles principiavam a ficar bem conhecidos no mundo da música popular. A apresentação dêles no programa de televisão Thank Your Lucky Stars ajudou a venda do disco. Êles eram

freqüentemente convidados a escrever músicas para outras pessoas. Escreveram uma para Helen Shapiro.

Um novo disco de Cliff Richard, Summer Holiday, logo tomou o primeiro posto de Please Please Me. Gerry e os Pacemakers, com a música que os Beatles se haviam recusado gravar, How Do You Do It, logo passaram para o primeiro lugar em vendas. Em março de 1963, o Liverpool Sound era uma expressão que todos começaram a usar.

O sucesso de Please Please Me levou ao primeiro LP dos Beatles, que saiu em abril de 63 e tinha o nome daquela música. Nêle estavam incluídos os dois lados de seus dois primeiros discos, além de Twist and Shout, A Taste of Honey e outras. Êste LP ficou nas listas dos mais vendidos durante mais de seis meses.

Em abril, foi lançado o terceiro disco simples, From, Me To You. Êsse, como Please Please Me, chegou ao primeiro lugar e recebeu um disco de prata.

Brian ainda contratava outros artistas de Liverpool. Assim, contratou Billy Kramer, botou um J no meio de seu sobrenome e deu-lhe um novo conjunto para o acompanhamento, os Dakotas, de Manchester. John e Paul escreveram uma música para êle, Do You Want To Know A Secret?, que também chegou ao primeiro lugar.

Já em abril de 63, quando o terceiro disco do conjunto foi lançado, havia pessoas que comparavam seus discos e afirmavam que êles já estavam por fora. O disc jockey Keith Fordyce escreveu que "o canto e a harmonia, de um modo geral, são bons e há muito brilho. A letra é comercial, e eu não considero que êste disco seja tão bom quanto os dois precedentes".

John e Paul compuseram o From Me To You, enquanto viajavam durante o Helen Shapiro Tour. Os dois escreviam as letras em linguagem muito simples, como sempre fizeram, usando nos títulos palavras facilmente identificáveis pela audiência, como ME e YOU.

Tinham o compromisso para outra excursão em maio, dessa vez com Roy Orbison. Foi a única excursão dêles, na Inglaterra, que Arthur Howes não promoveu. Naquele mês êle não tinha nenhuma tournée

programada, mas Brian Epstein resolvera que o conjunto deveria realizar uma, aproveitando a fama de seus discos.

Antes de iniciá-la, tiveram pequenas férias em Tenerife, nas Ilhas Canárias. Elas foram passadas na casa-de-férias do pai de Klaus, o amigo de Hamburgo, com quem sempre mantinham contato. Nessa ocasião, Paul quase morreu: ao nadar afastou-se muito da praia, sendo levado para o alto-mar.

Sempre que podiam, durante as excursões ou em quaisquer intervalos, voltavam a Liverpool. "A gente andava por lá se gabando", diz Ringo. "Éramos um conjunto profissional. A maioria dos membros de conjuntos ainda mantinha seus empregos normais."

John se sentia um pouco embaraçado ao voltar a Liverpool, apesar do sucesso do conjunto.

"Nós não podíamos revelar, mas, na verdade, não gostávamos de voltar a Liverpool. Esse negócio de sermos heróis nos deixava nervosos. Quando dávamos um espetáculo lá, a platéia estava sempre repleta de gente conhecida. Nós nos sentíamos embaraçados com nossa aparência limpa e com nossos ternos novos. Ficávamos aborrecidos com o fato de nossos amigos pensarem que nos havíamos vendido. E, de uma certa forma, era verdade."

Durante sua terceira tournée, com Roy Orbison, em maio de 1963, eles começaram a armar conflitos, apesar de tais ocorrências não transpirem nos jornais, pois as ignoravam. Foi a primeira tournée, na qual eles eram os astros do programa. Em todos os lugares por onde andaram, sentiram que começavam a obter a mesma reação que conseguiam no Cavern, em Liverpool.

Embora Brian tenha mudado muito a aparência do conjunto, eles ainda faziam suas gracinhas no palco, cantando musiquinhas melosas e se alguma coisa não dava certo, faziam introduções engraçadas. "E agora uma canção daquele Red Hot Gospel-singing Mama, Victor Silvester." Em qualquer entrevista que conseguiam sobre música popular, eles permaneciam os mesmos diante dos caras que as escreviam. Em seu artigo no Evening Standard,

Maureen Gleave declarou que os quatro eram uma nova versão dos Irmãos Marx.

Foi na tournée com Roy Orbison que começou o câmbionegro no preço dos ingressos para as apresentações dos Beatles. A platéia jogava-lhes balas de jujuba — depois de George ter caído na asneira de dizer que gostava delas — e êles eram cercados por verdadeiras multidões no teatro, no hotel ou em qualquer outro lugar onde aparecessem.

Roy Orbison figurava no mesmo programa que os Beatles, mas êle fazia a penúltima apresentação do show, enquanto os Beatles faziam a última, como os astros principais do espetáculo.

“Era horrível segui-lo”, lembra Ringo. “A platéia sempre pedia que êle cantasse mais. Em Glasglow, nós estávamos todos no fundo do palco, ouvindo os tremendos aplausos que êle estava recebendo. Êle estava só, de pé no palco, cantando sem se mover ou fazer qualquer gesto. Quando se aproximava nossa vez, a gente se escondia atrás das cortinas e cochichava um para o outro: adivinha o que vem agora, meu chapa. Mas, uma vez que entrávamos no palco, tudo corria bem.

No entanto, nem tudo estava sempre bem para Neil Aspinall, seu gerente de viagens, uma vez que começaram as tournées. As coisas não haviam sido tão ruins em Liverpool, sempre se repetindo o circuito dos mesmos lugares. Agora, era uma nova estrada, um nôvo hotel, um nôvo teatro e novos problemas todos os dias.

“Havia problemas com os microfones em cada apresentação”, lembra John. “Nenhum teatro os colocava como queríamos. Mesmo quando a gente ensaiava de tarde e lhes explicava como queríamos os microfones, nada adiantava. Ou êles ficavam na posição errada ou não estavam suficientemente altos. Êles colocavam os microfones como se fôsse para uma noite de amadores talentosos. Talvez fôsse porque êles não levavam nossa música a sério. Isso nos deixava malucos. Brian, às vêzes, ficava na cabina de contrôle e nós gritávamos para êle. Então, êle nos fazia sinal dizendo que aquilo era tudo o que podia fazer.”

A maioria dos gritos era com Neil. Fazia parte do trabalho dêle apanhá-los tôdas as noites e ajudar a instalá-los e a sua tralha. À medida que os fãs começaram a cercá-los, colocando-os em perigo físico, buscando roubar pedaços do seu equipamento, passou a ser muito difícil para Neil fazer tudo sòzinho.

“Em cinco semanas de viagem, perdi mais de dezoito quilos. Ninguém acredita nisso, mas é pura verdade. Baixei de setenta quilos para pouco mais de cinqüenta. Apenas, porque fiquei sem comer ou dormir por cinco semanas. Não havia tempo para isso.”

Por isso, Malcolm Evans, o leão-de-chácara do Cavern, foi contratado. Êle se juntou a Neil, como gerente de viagens, e ficou com êles durante todo o tempo em que realizaram tournées. Hoje, ambos ainda continuam com êles, como seus amigos e companheiros mais próximos.

Neil é magro, muito inteligente, tranqüilamente eficiente, mas coro opiniões próprias e de forma nenhuma um yes-man. Êle se parece um pouco com George. Mal é grande e corpulento, de coração aberto, natureza boa e fácil de levar. Neil abandonou uma carreira de contador, para se unir aos Beatles. O emprêgo de Mal era menos importante, mas êle já estava bem adaptado ao mesmo.

Mal trabalhou onze anos como especialista em telecomunicações, quando os Beatles apareceram e transformaram sua vida. Êle tinha vinte e sete anos, casado e com um filho, pagando a amortização de uma casa com varanda, em Allerton Road, em Liverpool, orgulhoso possuidor de seu primeiro carro e de um bom salário de quinze libras por semana. Tinha estabilidade, férias pagas e uma pensão para quando se aposentasse. Parecia seguro para o resto de sua vida.

Um dia, em 1962, saiu de seu trabalho nos correios e decidiu dar uma volta pelo Pier Head, onde geralmente êle passeava em suas horas de almoço. “Vi aquela pequena rua chamada Matthew Street, como eu nunca havia notado antes. Fui andando por ela e dei com aquela boate, o Cavern Club. Antes, eu nunca estivera numa boate. Ouvi aquela música saindo, rock de verdade, parecendo um pouco com Elvis Presley. Então paguei um shilling e entrei.” E êle aparecia lá com tanta freqüência, que lhe sugeriram que se tornasse leão-de-

chácara, tomando conta da porta, e assim não precisaria pagar entrada.

Êle já estava funcionando como leão-de-chácara em parte de seu tempo, quando, em 1963, Brian lhe pediu que deixasse os correios e se tornasse o segundo gerente de viagens dos Beatles. O trabalho de Mal, durante aquêles anos de viagens, consistia em dirigir a camioneta que transportava o equipamento para o próximo teatro em que êles iam tocar. Instalava-o e testava-o, antes que o conjunto chegasse. Depois do espetáculo, guardava tudo na camioneta e tomava conta do material até a próxima parada. Neil cuidava dos Beatles.

Durante sua primeira semana com os Beatles, Mal calcula que foi despedido umas seis vêzes. “Antes, jamais tinha visto uma bateria de perto. Eu não entendia bulufas daquilo. Neil me ajudou nos dois primeiros dias, mas a primeira vez que eu fiquei encarregado de tudo foi horroroso. O palco era enorme e fiquei de cabelos brancos. Eu não sabia onde colocar as coisas. Pedi a um baterista de outro conjunto que me ajudasse. Ignorava que cada baterista gosta de seus pratos a uma altura determinada. O cara colocou as coisas ao gôsto dêle, mas isso não adiantava nada para Ringo.”

“O pior aconteceu no Finsbury Empire, em Londres, quando eu perdi a guitarra de John. Era uma que êle vinha usando há anos. Ela simplesmente desapareceu. Onde está o meu Jumbo, perguntou. E eu não sabia. Até hoje aquilo para mim é um mistério. Aquêle dia quase foi o fim.”

“Era ótimo conhecer tôdas as pessoas que eu havia visto na televisão. Os artistas, na verdade, me fascinavam. Ainda sou assim. Contudo, logo percebi que aquelas pessoas estavam sendo simpáticas comigo, tentando conhecer-me, apenas me usando para se aproximarem dos Beatles. Então, comecei a notá-los a milhas de distância”.

“Tudo corria bem com êle”, lembra Neil. “Indo na frente para aprontar as coisas. Êle era popular às pampas. Enquanto os fãs gritavam e o aclamavam, êle conversava com êles e soltava piadas. E nem precisava brigar fisicamente com nenhum.”

“Minha opinião sôbre os rapazes logo mudou”, continua Mal. “Até ali êles tinham sido quatro caras adoráveis. Eu olhava para êles como se fôsem uns deuses. Cedo, descobri que eram uns caras comuns, não eram feitos de platina nem nada. Às vêzes eu ficava me roendo e não sabia o que responder. Eu apenas ia levando.”

A pior parte das tournées, ambos concordam, era o camarim antes das apresentações. Ficava cheio de repórteres, polícia e pessoal de teatro, enquanto ao lado de fora os admiradores tentavam penetrar. “Eu tinha que cuidar daquilo tudo”, diz Neil, “até que a gente passasse a ter um encarregado de imprensa. E, além do mais, eu ainda tinha que arranjar a comida.”

“Quando as coisas ficavam pretas demais, quando alguém estava excedendo-se, John ou um dos outros gritava — “Cripples, Neil”. — Isso significava que era preciso a gente livrá-los de alguém”. A princípio, aquilo queria dizer apenas “criplles” (aleijados), mas, com o tempo, veio a significar qualquer pessoa que estivesse atrapalhando.”

“A gente sempre tinha dezenas de aleijados para nos verem, mesmo nas primeiras tournées. Costumavam ficar no camarim, quando chegávamos ao teatro. A gerência os deixava entrar, achando que nós gostaríamos de vê-los, já que éramos uns caras tão adoráveis. Era terrível. A gente não podia evitá-los. Que podíamos fazer? Não eram capazes de se locomover sòzinhos; então Mal e eu mesmo tínhamos de carregá-los para fora. Uma noite, Mal recebeu uma mordida no pescoço.”

“À medida que o número de admiradores dos Beatles aumentava, a gente passou a ter pela frente maior número de aleijados. Na opinião pública, os Beatles eram caras simpáticos e bonzinhos.”

Alguns até achavam que a simples presença física dos Beatles iria curá-los miraculosamente. Êsse foi um aspecto da adoração ao conjunto que nunca chegou aos jornais. Fotografias dos aleijados sendo carregados para fora dos camarins do conjunto não teriam sido uma coisa muito própria.

Conflitos iam surgindo naquelas tournées, à medida que êles percorriam o país. Porém, continuavam sendo, simplesmente, um conjunto de Liverpool, apresentando-se nos seus velhos palcos de Merseyside entre as tournées. Só fizeram sua última apresentação, no Cavern Club, em 23 de agôsto de 1963.

John seguira para casa, por motivo do nascimento de seu filho Julian — que recebera êsse nome por causa de sua mãe, Julia. Quando foi visitar Cyn, no Sefton General Hospital, teve que usar um disfarce para que ninguém percebesse sua presença. Isso foi em abril de 63. Êles já eram bastante conhecidos em Liverpool, porém desconhecidos no resto do país. “Alguns me reconheceram.” — “Lá vai um dêles —, escutei alguém gritando, e tive de sair correndo. Alguns dias depois do nascimento de Julian, John partiu para umas férias na Espanha com Brian.



Em “tournée”: de 1963 a 1966 suas chegadas e partidas do Aeroporto de Londres tornaram-se uma fotografia corriqueira nos jornais ingleses. Aqui , em 1965, eles

estão partindo para as Bahamas. No canto direito, parecendo muito nervoso, está Brian Epstein (Foto Express)

Cyn mudou-se do pequeno apartamento que eles tinham no centro de Liverpool e foi morar com Mimi na Menlove Avenue. "Quando eu empurrava Julian em seu carrinho ali por Woolton, várias pessoas chegavam perto de mim e perguntavam se eu era Cynthia Lennon. Eu respondia que não."

Eles ainda tinham Liverpool como sua base, em junho de 1963, no vigésimo primeiro aniversário de Paul. Todas as suas fãs, como é natural, sabiam disso, de forma que ele não podia fazer uma festa em sua casa na Forthlin Avenue. Então sua festa foi feita na casa da Tia Jinny, uma das duas tias que haviam ajudado seu pai, quando sua mãe morreu.

Essa festa acabou numa grande bebedeira, com todos os conjuntos de Liverpool tocando lá. O mesmo acontecera no aniversário de Ringo, e acontecia nas suas festas de boas-vindas, quando voltavam de Hamburgo. Os Fourmost, que também haviam sido contratados por Brian, tocaram e o mesmo aconteceu com os Scaffold, um conjunto recém-formado em Liverpool. Esse grupo era constituído por Roger McGough, o poeta de Liverpool, John Gorman, um comediante e dono de boutique, e Michel McGear, antes chamado Michael McCartney, irmão de Paul.

Michael ainda trabalhava como cabeleireiro, mas aparecia, nas horas vagas, com os Scaffold. Uma vez que Paul se havia tornado famoso em Liverpool, Michael mudara seu nome para qualquer trabalho de palco, para não ser acusado por quem quer que fôsse de estar se aproveitando da fama de seu irmão. E ele também se recusava a cantar.

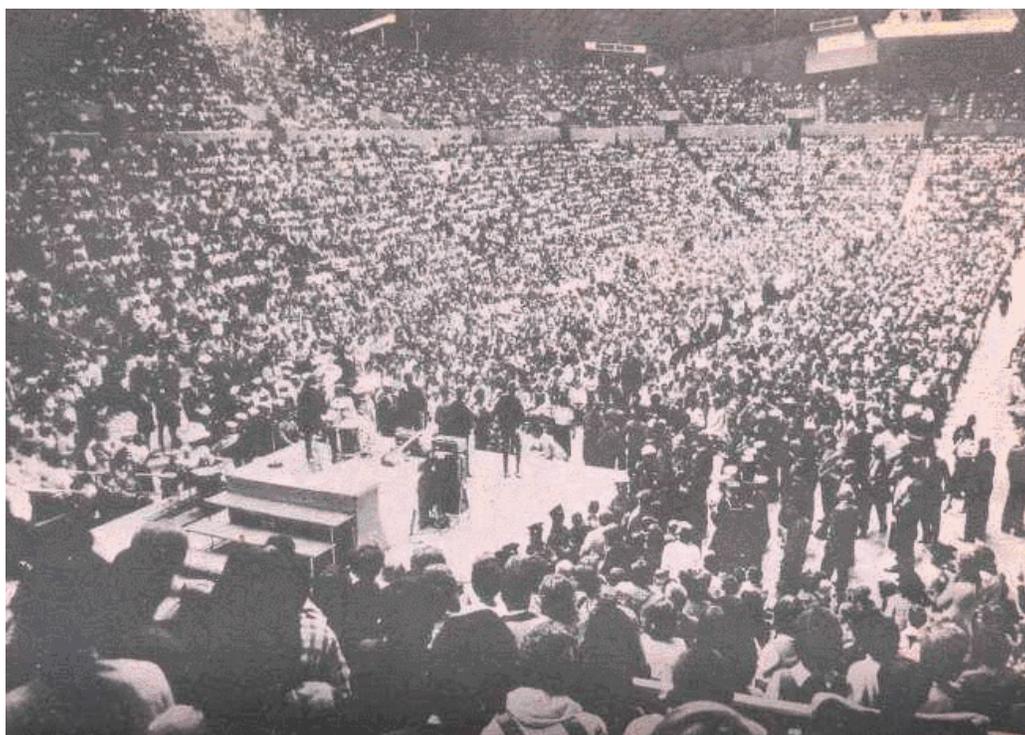
Durante essa festa, John arrumou uma confusão com um disc jockey local, que havia feito muito pelo conjunto, antes de Brian se encarregar deles.

"Eu amarrotei o cara", conta John. "Quebrei os cornos dele. Eu estava de porre e ele tinha me chamado de bicha."

“Depois desse incidente, ele me processou por lhe ter batido. Paguei-lhe duzentas libras para resolver a questão. Essa foi provavelmente a última briga feia que eu tive.”

Essa festa marca o fim de uma era. Foi o princípio do fim da violência agressiva de John. Era o começo do fim de todo o estágio de suas carreiras em Liverpool, pois suas tournées estavam, finalmente, recebendo a devida atenção nacional.

De volta a Londres, em agosto de 1963, eles produziram o quarto disco, She Loves You, que marcou o início do iê-iê-iê e de sua fama nacional. Liverpool, agora, passou a ser o lugar de onde eles vinham.



A fotografia comum dos Beatles nos Estados Unidos tornou-se a de multidões quebrando todos os recordes para assistir às suas apresentações ao ar livre. Aqui eles estão tocando em Seattle, 1964 (Foto Express)

22.BEATLEMANIA

A beatlemania invadiu as Ilhas Britânicas, em outubro de 1963, quando o escândalo Christine Keeler-Profumo começava a ser esquecido.

E lá ficou por três anos, espalhando-se, nessa mesma época, pelo mundo todo. Era uma gritaria contínua e o iê-iê-iê ecoava da garganta de adolescentes histéricos de tôdas as classes e côres. Poucos podiam ouvir os Beatles, por causa do barulho que faziam. Tornavam-se emocional, mental e sexualmente excitados. Espumavam pela bôca, explodiam em lágrimas, atiravam-se em direção a seus ídolos, ou simplesmente desmaiavam.

Durante três anos seguidos, isso acontecia em alguma parte do mundo. Cada país testemunhava as mesmas cenas de loucura em massa, cenas incríveis que ninguém imaginava ocorrer, e que provavelmente não se repetirão. Hoje, tudo parece um sonho; contudo, foi ainda ontem que aconteceu aquilo.

É impossível exagerar a beatlemania, porque ela já era o próprio exagêro. Para aquêles que não acreditam, todos os grandes jornais do mundo têm milhares de recortes e fotografias em seus arquivos, contando os acontecimentos lance por lance e à medida que êles se sucediam.

Uma vez, a beatlemania parou, em 1967, e todos estavam tomados pela exaustão ou pelo tédio, sendo difícil acreditar que isso chegasse a acontecer. Como podiam ser tão loucos? Pessoas de tôdas as idades e cultura acabavam sucumbindo, talvez não tão histéricas quanto os adolescentes.

Os líderes mundiais e personagens famosos, que freqüentemente vinham criticando ou prevenindo contra essa loucura, faziam referências aos Beatles, para mostrar que estavam por dentro, dando a conhecer que também sabiam haver ocorrido tal fenômeno de alucinação em massa.

Isso ocorreu repentina e dramaticamente, na Inglaterra, em outubro de 1963, e Brian Epstein diz que não estava preparado para tal. Eles estavam preparados para o sucesso, porque já o estavam obtendo. Ele não estava preparado para a histeria.

She Loves You, que fôra lançado no fim de agosto, chegou ao primeiro lugar, seguindo o caminho dos dois discos anteriores do conjunto. Desde junho, mesmo antes de a música ter um título, milhares de fãs já haviam encomendado o disco seguinte dos Beatles. No dia anterior à sua colocação à venda, já havia uma reserva de quinhentos mil discos.

Em setembro, os Beatles chegaram a uma posição singular na Inglaterra. Eram os campeões em vendas com o long playing Please Please Me, com o extended play Twist and Shout e com o comum She Loves You.

Porém, foi só na noite de 13 de outubro de 63 que os Beatles deixaram de ser apenas um apreciado conjunto de música popular, para se tornarem notícia de primeira página em todos os jornais do país.

Foi nessa noite que eles estrelaram o programa num show no London Palladium, e que foi televisado como Sunday Night At The London Palladium. Uma platéia calculada em quinze milhões de espectadores assistiu ao show.

A Argyll Street, onde o Palladium está situado, foi sitiada pelos fãs durante todo o dia. Os repórteres começaram a chegar, quando souberam daquela multidão. A porta do palco estava bloqueada pelos admiradores, montanhas de presentes e pilhas de telegramas. Lá dentro, era quase impossível ensaiar, tal a gritaria contínua e incessante que os milhares de fãs faziam na rua.

Outras estações de televisão vieram, com o pessoal do departamento de jornalismo, apesar de o show estar sendo apresentado por uma concorrente. A polícia, tomada inteiramente de surpresa, foi incapaz de controlar a multidão. Ficou estabelecido que o carro para a saída dos Beatles deveria ficar estacionado na porta do teatro, pois todos esperavam que eles viessem pela porta do

palco. O carro dêles, nessa época, era um Austin Princess. A velha camioneta de Neil tinha sido abandonada, assim que o conjunto começou a fazer sucesso.

A polícia, inteligentemente, afastou um pouco o carro da porta do teatro, tentando escondê-lo. Os Beatles, quando saíram, conduzidos por Neil, tiveram de procurá-lo, depois de terem corrido uns trinta metros no meio da multidão, para entrar nêle, sendo quase mortos no trajeto.

No dia seguinte, a primeira página de todos os jornais continha longas histórias com enormes fotografias daquele povo histérico. Os artigos não falavam se o conjunto tinha tocado bem ou mal, mas sòmente da confusão que houve.

“A partir daquele dia”, conta Tony Barrow, encarregado de imprensa do conjunto, “tudo mudou”. “Meu trabalho nunca mais foi o mesmo. Depois de levar seis meses telefonando para os jornais e recebendo um não. Agora, eram todos os repórteres de jornais nacionais que viviam atrás de mim.”

Juntamente com Brian e outros auxiliares, seu trabalho passou a ser unicamente o de selecionar os jornalistas que poderiam entrevistar os Beatles.

“Antes daquilo, eu nunca tinha sido um publicista. A maior parte dos conjuntos tem seus publicistas, isto é, caras que vivem bolando golpes de publicidade. Eu não entendia nada daquilo e nunca tinha feito semelhante serviço. De qualquer forma, penso que Brian era contra qualquer golpe de publicidade. Nós nunca usamos êsses processos, nem precisávamos”.

Na quarta-feira seguinte, Bernard Delfont divulgou os nomes dos figurantes do maior espetáculo do ano, conforme a opinião dos show business — o Royal Variety Performance. Marlene Dietrich era uma das componentes do programa.

Os Beatles excursionavam novamente, quando a relação foi publicada. Estavam em Liverpool, para se exibirem no Southport Ballroom, quando veio a notícia. Todos os jornais nacionais mandaram seus repórteres e fotógrafos, de suas sucursais em

Manchester, para saber a opinião dos Beatles com aquela notícia. Esperavam, evidente-mente, alguma observação satírica a respeito da família real, mas, para alívio de Brian, não houve nada disso.

O Royal Variety Show estava marcado para o dia 4 de novembro. Antes disso, êles continuavam a excursionar pela Inglaterra e foram até ao exterior — à Suécia.

Na Inglaterra, cada apresentação resultava nas mesmas cenas de histerismo da multidão. Todos os dias os jornais transcreviam, quase que palavra por palavra, a mesma história já publicada na primeira página no dia anterior, só mudando o nome da cidade.

Mesmo nas cidades pequenas, como Carlisle, donde no princípio do ano êles tinham sido expulsos de uma festa, num hotel local, as multidões eram enormes. Na noite de 24 de outubro, mais de seiscentos adolescentes aguardavam a noite tôda na fila, a fim de comprarem as entradas. A maioria dêles levou até sacos de dormir. Alguns chegaram a esperar trinta e seis horas. Quando abriram as bilheterias e a fila andou, as janelas dos guichês foram quebradas e nove pessoas foram hospitalizadas. Nas cidades maiores, o número de feridos chegava a centenas.

A tournée pela Suécia, sua primeira viagem ao exterior depois das estadas em Hamburgo, trouxe um resultado astronômico para a venda de discos. She Loves You, de imediato, vendeu um milhão de exemplares na Inglaterra, sendo premiado com o disco de ouro. As vendas também se efetuaram no resto da Europa — fato inédito com músicos populares inglêses.

Permaneceram cinco dias na Suécia, de 24 a 29 de outubro. Todos os dias êles eram notícia nos jornais inglêses, assim como na imprensa e televisão sueca. Num concêrto em Estocolmo, foi preciso a polícia trazer cães para controlar os admiradores que não conseguiam entrar. Lá dentro, quarenta policiais, com os cassetetes prontos, montavam guarda ao palco, para impedir a invasão dos fãs. E acabaram transpondo a barreira policial e subiram ao palco. George foi derrubado, mas a polícia conseguiu restaurar a ordem antes que êle fôsse massacrado.

Os admiradores suecos já estavam usando as roupas e penteados à moda dos ingleses. Na Suécia o penteado dos Beatles era conhecido como o estilo Hamlet.

Os próprios Beatles fixam o início da beatlemania a partir do Show no Palladium, quando Brian e Tony Barrow a notaram, pela primeira vez. Eles ainda ignoravam sua enorme popularidade na Inglaterra, até o dia 31 de outubro, quando chegaram ao Aeroporto j de Londres, vindos da Suécia.

Lógicamente tinham tomado conhecimento do caos no Palladium, duas semanas antes, e de todos aqueles conflitos no interior do país. E isso continuado, aumentado com o tempo, apesar da pouca publicidade, desde os dias do Cavern. Era costume eles serem escondidos para entrar e sair dos teatros, em vez de enfrentarem sua popularidade e se arrisquem a ser esmagados por causa dela.

Quando de sua chegada ao Aeroporto de Londres, tal era sua popularidade, que foram apanhados em cheio. Era sua primeira chegada triunfal, desde as festas de boas-vindas do Cavern. Milhares de fãs histéricos aguardaram-nos no aeroporto de Londres, por várias horas. Na confusão que cercou sua chegada, o carro que transportava o primeiro-ministro, Sir Alec Douglas Home, ficou prêso no engarrafamento. Miss Mundo também estava em trânsito pelo aeroporto de Londres, e foi completamente ignorada. Cenas como essas tornaram-se um quadro rotineiro nos anos seguintes.

O Royal Variety Performance, seu segundo compromisso em Londres, foi realizado no dia 4 de novembro, no Prince of Wales Theatre. A platéia não era tão numerosa como a da sua apresentação no Palladium, mas, de um modo geral, era muito mais seleta, pois os lugares custavam quatro vezes o seu preço normal. Era uma festa de caridade, cheia de gente do show business, da sociedade menor e dos magnatas do comércio, todos esperando ver os membros da família real. Nessa ocasião, compareceram a Rainha Mãe, a Princesa Margaret e seu marido, Lord Snowdown. Dizem que essa é uma platéia difícil de ser conquistada. Existe a tradição nojenta de a platéia esperar a reação da família real, antes de aplaudir ou de rir.

Paul arrancou risadas, desde o início. Os Beatles se apresentaram imediatamente depois de Sophia Tucker. Paul disse que estavam muito contentes em apresentar-se logo depois de seu favorito conjunto americano.

Musicalmente, êles fizeram sua apresentação normal —provocando histeria com o simples anúncio de She Loves You. Depois, cantaram Till There Was You e Twist and Shout. John apresentou um dos números. “Os dos lugares baratos batam palmas”, pediu, e, falando em direção ao camarote real, continuou, “e o resto de vocês basta sacudir as jóias.”

No dia seguinte essa piada vinha na primeira página de todos os jornais. Parece que todos gostaram dessa leve gozação às custas da família real. E completamente inofensiva. A piada foi considerada bastante atrevida mas, naturalmente, adorável, já que os Beatles se haviam tornado tão adoráveis.

A Rainha Mãe, ao conversar com êles depois do espetáculo, mostrou que havia percebido claramente o que êles tinham feito. Ela mesma fêz sua própria piada, apesar de não pretender fazer graça. Ela perguntou onde é que êles iriam se apresentar depois dali, e êles responderam que seria em Slough. (4)No domingo seguinte, o espetáculo foi televisado para uma platéia de vinte e seis milhões de espectadores.

As manchetes dos jornais sôbre os Beatles foram-se tornando monòtonamente iguais. Mesmo jornais, como o Daily Telegraph, que até ali eram considerados sérios demais para dar cobertura a coisas relacionadas à música popular (agora êles publicam, religiosamente, a cada semana, a lista das dez músicas mais vendidas) passaram a dedicar colunas e mais colunas aos conflitos. Mas, durante muito tempo ainda, as matérias que falavam nêles diziam “Os Beatles, um conjunto de música popular..”, pois os jornais consideravam necessário explicar o que êles eram.

Houve debates no Parlamento a respeito dos milhares de policiais contratados, em todo o país, obrigados a realizar um trabalho extraordinário e perigoso por causa dêles. Um representante sugeriu

que a polícia fôsse retirada das apresentações, para se ver o resultado. Felizmente ninguém levou a sugestão a sério.

Em primeiro de novembro, êles iniciaram mais um tournée. Dessa vez, foi apresentada simplesmente como o Beatles Show. Não tinha nenhuma estrêla, como acontecera com Roy Orbison, pois êles não tinham mais necessidade disso.

No programa para êsse espetáculo, que durou até 13 de dezembro, havia vários anúncios para os produtos Beatles. Uma companhia de Peckham oferecia suéteres Beatles "desenhadas especialmente para os admiradores dos Beatles por um importante fabricante inglês, com um distintivo Beatle em dois tons". Tudo isso a trinta e cinco shillings cada uma.

Nessa época, os fabricantes de todo o país estavam competindo para conseguir a concessão da palavra Beatles em seus produtos. Os paletós Beatles — sem gola, geralmente de veludo e usados pela primeira vez por Stu, em Hamburgo — foram colocados à venda em tôda parte, a partir de setembro de 1963.

Começaram a aparecer as perucas Beatles. Uma fábrica em Bethnal Green trabalhava dia e noite para atender a procura. Chegou a anunciar que tinha encomendas do Eton College e do Palácio de Buckingham. Naturalmente que não era da Rainha, mas de algum funcionário do palácio.

A maioria dos adolescentes estava deixando seu cabelo crescer no estilo dos Beatles. A partir de novembro houve uma infinidade de notícias nos jornais, a respeito de os alunos serem mandados para casa, porque a direção das escolas não aceitava seus cabelos compridos ou de aprendizes serem barrados nas fábricas, pela mesma razão.

O Daily Telegraph, no dia 2 de novembro, divulgou seu primeiro artigo criticando a histeria causada pelos Beatles. Dizia que aquela histeria só estava enchendo cabeças vazias, como Hitler havia feito. O Daily Mirror veio logo em defesa dos Beatles. "É preciso ser um quadrado completo e realizado, para não gostar dos malucos, barulhentos, felizes e simpáticos Beatles." E aplaudia os Beatles por

não usarem piadas sem graça sôbre homossexualismo, a fim de conseguirem risadas.

Foram atacados e depois defendidos na Church Assembly, a reunião anual dos líderes da Church of England. Um bispo disse que êles formavam um conjunto psicopatético e que uma semana de seus salários seria bastante para construir uma catedral na África. Outro orador confessou-se admirador do conjunto, e que aquilo tudo era uma diversão sadia.

Parece que o Daily Mirror foi o primeiro jornal a arranjar um psicólogo, para explicar aquela espécie de loucura. Isso manteve os psicólogos, especialmente americanos, recebendo um dinheiro fácil, durante os três anos seguintes. Êsse psicólogo disse que os Beatles estavam resolvendo uma necessidade sexual. Houve médicos afirmando que meninas haviam tido orgasmos durante as apresentações dos Beatles.

Em sua tournée, chegaram a Cheltenham, uma cidade do interior muito refinada, em Gloucestershire. As manchetes dos jornais anunciavam no dia seguinte: "Squaresville Foi Tomada", provavelmente um título preparado de véspera pelos editôres. Um policial local disse que aquela foi "a noite mais louca desde a criação."

Em Plymouth, em 14 de novembro, mangueiras com jatos de água tiveram de ser usadas contra os fãs, a fim de controlá-los. Houve grande pânico em Portsmouth, porque Paul estava ligeiramente gripado, e foi anunciado que êle não poderia aparecer no espetáculo programado. Todos os jornais passaram a publicar boletins, de hora em hora, a respeito da condição de saúde dêle. Em Birmingham, no dia 11, êles conseguiram escapar das multidões, disfarçados de policiais. No dia 18 de novembro, um vigário da Church of England obteve grande espaço nos jornais, quando pediu aos Beatles que gravassem Oh Come All Ye Faithful, Yeh, Yeh, para o Natal.

As vendas da EMI subiam vertiginosamente. Quando se divulgaram as histórias de a Decca e de outras gravadoras se terem recusado a contratá-los, o fato foi comparado ao da 20th Century Fox, quando recusou filmar ...E O Vento Levou.

No fim de novembro, lançou-se o quinto disco do conjunto, *I Want To Hold Your Hand*, que ascendeu direto para o primeiro pôsto das paradas de sucesso. Na Inglaterra, a encomenda anterior a seu lançamento passava de um milhão de exemplares.

O segundo LP do conjunto fôra lançado poucos dias antes, com o título de *With the Beatles*. A capa dêsse disco estampava uma fotografia a meio corpo dos Beatles vestidos de suéteres pretas. Seus rostos, como Artrid havia feito em Hamburgo, estavam inteligentemente iluminados, de forma que um dos lados ficava sombreado. Quando êsse LP foi anunciado, em princípios de novembro, foi feita uma encomenda adiantada de duzentos e cinqüenta mil exemplares. Na época, essa foi a melhor encomenda adiantada para um disco, em qualquer parte do mundo. O máximo que Elvis Presley havia feito, em matéria de encomenda antecipada, foi um pedido adiantado de duzentos mil exemplares para seu disco *Blue Hawaii*.

Todos os colunistas de jornais inglêses estavam competindo para conseguir uma entrevista com os Beatles, esperando horas e horas do lado de fora de seus camarins, aguardando uma resposta. Donald Zec, do *Daily Mirror*, foi um dos primeiros a obtê-la, quando a fama dêles começava a se espalhar por todos os cantos do país, exatamente no dia 10 de setembro. Ao descrever o penteado dêles, coisa que os jornalistas ainda achavam importante, êle afirmou ser um corte de cabelo usado na idade da pedra.

Em dezembro de 63, os suplementos dominicais eram repletos de referências ao conjunto, fazendo longas e apuradas investigações sôbre o fenômeno, arranjando seus próprios psicólogos e usando palavras complicadas. O *Observer* publicou a fotografia de uma deusa Cycládica da fertilidade, em forma de guitarra e descoberta em Amorgos, e da qual, afirmava, "dava a potência da guitarra como um símbolo sexual, de 4.800 anos antes do advento dos Beatles". O *Sunday Times* comentava o quanto êles haviam ampliado a língua inglêsa, trazendo de Liverpool palavras como *gear* — significando bom ou genial — para a linguagem de uso geral. Isso parece ter colocado o político conservador Edward Heath em seu devido lugar. Anteriormente, êle criticara os Beatles, dizendo que sua linguagem

era "irreconhecível como o inglês da Rainha". Mas Mr. Heath se reabilitou pouco depois ao dizer "quem poderia prever que os Beatles seriam a salvação da indústria inglesa do veludo?"

Até mesmo o Daily Worker, o jornal do Partido Comunista inglês, fazia seus comentários. "O Mersey Sound é a voz de oitenta mil casas desabando e de trinta mil pessoas sujeitas ao auxílio-desemprego."

Ao iniciar dezembro, os Beatles contavam com sete de seus discos, simples e LPs, na relação dos vinte mais vendidos. A 11 de dezembro, compareceram ao programa de televisão Juke Box Jury e deram a esse programa o maior índice de audiência que ele já teve.

Foi anunciado o contrato para um filme. Walter Shenson e George Ornstein, associados à United Artists, confirmaram que os Beatles iriam estrear seu primeiro filme, com roteiro de um teatrólogo de Liverpool chamado Alun Owen. Brian Epstein entrou nesse contrato, certificando-se de que os Beatles receberiam uma grande porcentagem. Agora, ele fazia o mesmo com as tournées, pois se tornou evidente bastava mencionar o nome deles, para se encherem as casas de espetáculos de qualquer lugar. O Beatles Tour passou a ser exibido a partir de novembro, e era "apresentado por Arthur Howes em colaboração com Brian Epstein."

Em outubro, Brian mudou seu escritório para Londres, indo juntar-se a Tony Barrow e a um número crescente de secretárias e assistentes.

O fã-clubê também estava aumentando em proporções nunca vistas, e cedo se tornou impraticável o atendimento aos milhares de pedidos de inscrição. Os jornais traziam histórias sobre os pobres fãs que não conseguiam resposta às suas cartas durante meses, mas o dilúvio delas era incalculável. Pelos fins de 1963, o fã-clubê oficial contava com quase oitenta mil membros pagantes. Entretanto, contava com apenas poucos milhares no início do mesmo ano.

A BBC transmitiu parte de um show da convenção do fã-clubê dos Beatles da Northern Area, realizado no Liverpool Empire.

No Natal, os Beatles fizeram um show de Natal juntamente com os outros contratados de Brian Epstein — Cilla Black, Billy J. Kramer, Tommy Quickly e os Fourmost. Estreou em Bradford, foi apresentado em Liverpool e depois veio para Londres, para o Finsbury Park Empire onde Mal perdeu a guitarra favorita de John.

Os admiradores intelectuais, agora, estavam a todo o vapor. Os jornais de pêsso já lhes dedicavam tanto espaço quanto os jornais ditos populares. Êles estavam na bôca de todo o mundo, em todos os jornais. Surgiam piadas sôbre êles, cartoons estavam cheios dêles. O Daily Mail deixou de usar a palavra Beatles em seus títulos, substituindo-a por um desenho do penteado dos quatro, quatro mop tops, como eram chamados, para ilustrar tôdas as matérias.

Brian no princípio se preocupou com o fato de seu nome e personalidade se tornarem famosos, mas não conseguiu evitar isso. E afinal, percebeu que isso até lhe facilitava conseguir que tudo fôsse feito como êle queria. “Eu me preocupava com o fato de todos nos tornarmos superexpostos. À primeira vista, a interminável discussão nos jornais a respeito dos hábitos, roupas e pontos de vista dos Beatles era interessante. A princípio, os rapazes gostaram daquilo, e eu também gostei. Aquilo facilitava os negócios. Por fim, acabou enchendo. Por quanto tempo poderiam êles manter o interêsse público? Ao controlar cuidadosamente suas apresentações e contatos com a imprensa evitávamos, sòmente, o ponto de saturação. E êle já estava muito próximo de ser atingido. Por êsse motivo, outros artistas tinham sido destruídos.”

Na época, a julgar pelos jornais e programas de televisão, parecia não haver contrôle. Todos os jornais, diàriamente, traziam alguma coisa sôbre êles. Numa única semana, cinco jornais nacionais estavam apresentando uma série que chamavam de a biografia dos Beatles. Qualquer pessoa, com uma opinião pró ou contra êles, conseguiu espaço para expor seus pontos de vista. Êles eram novos num cenário atravancado. E diferenciavam muito do pessoal comum do mundo dos espetáculos. Além do mais, eram inglêses.

Várias pessoas diziam que Brian Epstein era o Svengali. Êle, inteligentemente, criara e promovera o conjunto. Brian sempre

negou isso. “Em todos os nossos comunicados”, conta Tony Barrow, “e em todos os nossos contatos com a imprensa, Brian apenas acentuava o que havia de bom nêles. Êle nunca criou pontos inexistentes. Os Beatles eram quatro rapazes da vizinhança, a espécie de rapaz que você poderia ter encontrado na igreja local. Essa era a essência de sua comunicação pessoal com o público. As pessoas se identificavam com êles imediatamente. Brian percebeu isso e nunca buscou disfarçar ou esconder.”

Com naturalidade, Brian amoldou-os, suavemente, organizou suas vidas meticulosamente e nunca os deixou na mão — o que êles faziam com freqüência, quando se apresentavam por conta própria.

A partir de 1963, milhões de palavras foram escritas por pessoas que buscavam analisar o sucesso dos Beatles. Infelizmente, há pouco espaço para elas num livro que pretende ser um simples registro. A primeira fase das análises se baseava em sua atração sexual. Então, os sábios decidiram que os Beatles tinham significado social, simbolizando tôdas as frustrações e ambições dos novos adolescentes emergentes, criados à sombra da Bomba, sem classes, não materialistas e sem falsidades. Aí, os intelectuais entraram em campo, estudando-lhes as letras e músicas com grande atenção e chegando a algumas interpretações inteligentes. Tudo aquilo era verdade, e ainda é verdade. Qualquer razão que alguém tenha para gostar de alguma coisa é verdadeira.

Para o repórter comum, em 1963, a grande sensação era trocar algumas palavras com os Beatles. Todos os repórteres sabiam que cada entrevista seria diferente e engraçada. Êles não ficavam repetindo as mesmas piadas e comentários, como a maioria dos personagens famosos costuma fazer. Ringo revelou-se tão engraçado quanto os outros. Uma vez, lhe perguntaram por que êle usava tantos anéis nos dedos. Êle respondeu que era o jeito, já que não conseguira usá-los no nariz.

“Nós éramos engraçados nas entrevistas com a imprensa, porque aquilo tudo era uma piada”, afirma John. “Êles faziam perguntas engraçadas e recebiam respostas engraçadas. Na realidade, nós não éramos tão engraçados assim. O que havia era apenas aquêle bom-

humor comum, como as piadas de que a gente ri nos dias de escola. Se havia alguma boa pergunta a respeito de nossa música nós a tomávamos com gravidade. Nós estávamos nervosos, apesar de eu achar que muita gente não percebia isso. Nós estávamos nervosos na maioria das nossas apresentações.

“Nossa imagem era apenas uma pequena parte de nós. Ela foi criada pela imprensa e por nós. Essa imagem deveria estar errada, pois não se pode representar como realmente somos. Os jornais sempre pegam as coisas erradas. Mesmo quando havia pedacinhos de verdade, aquilo era coisa velha. As novas imagens pegavam exatamente quando nós as estávamos abandonando.”

Em apenas doze meses, desde o lançamento de seu primeiro disco, eles se fixaram no modo de vida inglês. Dora Bryan fez um disco sobre eles, no Natal de 1963, chamado All I Want For Christmas Is A Beatle. Até isso chegou às paradas de sucesso.

Não havia mais ninguém nas paradas de sucesso, a não ser os outros conjuntos de Liverpool, todos eles contratados de Brian Epstein e gravando para George Martin.

Das cinquenta e duas semanas de 1963, só um disco produzido por George Martin ocupou o primeiro lugar da parada de sucessos da Inglaterra, em trinta e sete semanas. Esta é uma realização que ninguém jamais, conseguiu igualar, e é provável que jamais o conseguirá.

O New Musical Express, em suas relações de fim de ano, apresentou os Beatles como o primeiro conjunto do mundo. Eles obtiveram 14.666 votos. O conjunto americano Everly Brothers vinha a seguir com 3.232 votos.

Na parte referente aos cantores ingleses, eles estiveram perto dos últimos lugares no ano anterior. Em 63, tiveram 18.623 votos. Os segundos colocados eram os Searchers, com apenas 2.169 votos.

Os dois discos mais vendidos do ano foram She Loves You, com um milhão e trezentos mil exemplares, e I Want Hold Your Hand, com um milhão e duzentos e cinquenta mil exemplares. Cliff Richard,

com o disco *Bachelor Boy*, ocupava o terceiro lugar muito distanciado dos dois primeiros colocados.

O crítico de música do Times, William Mann, fez uma longa e séria revisão da música dos Beatles, na qual falava sobre a reunião de pandiatônicas e as mudanças de chaves submedianas. Nessa revisão ele concluía que John Lennon e Paul McCartney eram os "maiores compositores ingleses do ano de 1963".

"Acho que vou convidá-los para um fim-de-semana, só para ver que espécie de pessoas são eles", disse o Visconde Montgomery.

No dia 29 de dezembro no Sunday Times, Richard Buckle fazendo a crítica da música de Paul e John usada no balé *Mods and Rockers*, afirmou que eles eram "os maiores compositores desde Beethoven".

23.E.U.A.

Sandi Stewart é uma simples fã dos Beatles. Não é tôla, nem imbecil. Apenas sensível e simpática. No início de 1964, ela morava com seus pais numa pequena cidade de classe média, em New Hampshire. Estava com quinze anos e no nono ano da High School.

“Um dia eu me dirigia com mamãe ao supermercado, em nosso Rolls (êsse era o carro que possuíamos naquela época), mas isso não vem ao caso. Pelo rádio, veio a melodia de I Want Hold Your Hand. Foi a primeira vez que eu escutei os Beatles. Fui às nuvens! Que som estranho! Eu não conseguia superar aquilo. Nenhuma música jamais me havia impressionado tanto.

“Mais tarde, descobri que muitas de minhas colegas de escola também tinham ouvido aquilo, e sentido a mesma coisa. Lembrome de ter vindo pela rua falando sôbre os Beatles com duas de minhas amigas. Tôdas concordávamos que êles pareciam muito feios em seus retratos, especialmente com aquêles casacos sem gola. A música era genial, mas nós os achávamos feios demais.”

“Então, aos poucos, fomos mudando de opinião. Eu fui ficando interessada em música popular, coisa que nunca havia acontecido antes. Eu sabia de tudo sôbre êles. Lia tudo sôbre êles. Deixei meu cabelo crescer, pois lera que êles tinham afirmado gostar de meninas de cabelos compridos.

“A princípio, eu gostava mais de Paul. Êle era tão lindo! Eu não conseguia achar nenhum defeito nêle. Êle simplesmente parecia bonitos demais.

“Eu não simpatizava com George por alguma razão estranha. Eu desenhava dentes de lobisomem em sua bôca, porque não gostava dêle. Considero os Beatles como válvulas de escape para o amor e para o ódio. Mais tarde, vim a gostar de George um pouco mais.

“Então, minha predileção mudou para John, em vez de Paul. Êle me parecia tão inteligente e espirituoso! Seu corpo era tão sexy!... E passei a amá-lo apaixonadamente.

“Fiquei obcecada por êle. Vivia sonhando com êle. Na escola, comparávamos nossos sonhos. Dizíamos umas às outras o que havíamos feito com o nosso Beatle favorito. Quando estava deprimida, podia sonhar com John, bastando, para isso, apenas me deitar e pensar nêle, e depois, adormecer. Êsses sonhos eram realmente lindos! Fazíamos uma porção de coisas juntos, John e eu. Êle fazia amor comigo, e eu contava para minhas amigas no dia seguinte. Alguns dêsses sonhos não eram sexuais, mas muitos eram. Eram tão reais!

“Eu pensava e falava sôbre êles sem parar. Meu pai estava sempre me dizendo que aquilo ia passar. Eu gritava: Nunca! Nunca! Nunca!

“É uma coisa engraçada. Mesmo apesar do meu amor por John ser tão grande, isso não me impedia de caçar os outros rapazes na escola. Isso era diferente. Mas John era a pessoa mais importante em minha vida.

“Eu lia tôdas as revistas de fãs e ouvia Murray the K o tempo todo. Êle era o disc jockey especialista sôbre os Beatles.

“Eu fiquei tão desesperada por causa de John que escrevi uma carta para Cynthia. Mostrei-me muito agradável na carta. Declarei-lhe, sem rodeios, que lamentava muito, mas que estava apaixonada pelo marido dela. Nunca obtive resposta.

“Eu tinha todos os discos e fotografias dêles em meu quarto. Quando vi uma fotografia dêles em meia sombra, minhas amigas e eu fomos à cidade para que nos tirassem um retrato da mesma forma.

“Quando estava chateada da vida, ia para meu quarto, onde ficava com os Beatles, especialmente o meu querido John. Êles me davam alguma coisa de que eu precisava desesperadamente. A espécie de comunidade rica em que eu vivia, em Connecticut, não me dava nada. Eu não gostava da escola e não gostava de casa. Êles me davam uma razão para viver quando tudo era negro e deprimente em tôrno de mim.

“Quando soube que êles estavam em viagem para o Carnegie Hall, em Nova York, planejei com mais duas amigas ir vê-los. Nós

pedimos e insistimos tanto, que acabaram deixando-nos ir a Nova York sòzinhas. Dissemos que aquilo poderia ser nosso presente de aniversário, ou que então nós iríamos fugir de casa...”

O concêrto no Carnegie Hall seria promovido por Sid Bernstein, um baixo e atarracado ex-aluno da Universidade de Columbia, ex-gerente de salão de danças, ex-promotor que se tornara agente com a General Artists Corporation, uma das maiores agências da América. Durante sua tentativa de entrar para o grande show business êle havia mantido seus interêsses escolares.

Durante dez anos, êle freqüentara as aulas noturnas, especializando-se em Govêrno Inglês. “Lembro-me de ter ido ouvir uma conferência de Harold Laski. Foi um dos maiores oradores que eu já ouvi. Depois de Churchill, naturalmente.”

Seu interêsse por Govêrno Inglês levou-o a ler os jornais ingleses. Na metade de 1963, alguma coisa lhe chamou a atenção. “Comecei a ler sôbre êsses tais de Beatles. Eu julgava estar especializando-me em música de adolescentes na GAC, contudo, nunca tinha ouvido falar nêles. Ninguém no nosso ramo de negócio se preocupava com o que acontecia na Inglaterra.”

Êle tomou assinaturas de todos os jornais ingleses sôbre música popular e decidiu telefonar para Brian Epstein. Depois de muita dificuldade êle acabou conseguindo o número do telefone da residência de Brian, em Liverpool. Êle disse quem era, e Brian respondeu-lhe que nunca tinha ouvido falar nêle. Perguntou a Brian se êle gostaria de uma apresentação dos Beatles no Carnegie Hall, apesar de êle não ter certeza se conseguiria essa sala de espetáculos. “Brian perguntou quando seria o espetáculo, e eu disse que poderia ser a 12 de fevereiro. Escolhi essa data, porque era a data do aniversário de Lincoln. Com isso, tinha possibilidades de conseguir o Carnegie Hall. Ofereci-lhe seis mil e quinhentos dólares por duas apresentações.”

No palco do "Washington Baseball Stadium", em agosto de 1966, os Beatles já tinham que cantar protegidos pela polícia.



A mudança de aparência dos Beatles poderá ser constatada nas três fotos que se seguem. 1963...

Brian não concordou imediatamente. Demorou algum tempo para que ele se decidisse, apesar de a data proposta ser bastante boa, pois ele já havia contratado duas apresentações no Ed Sullivan Show, para 9 e 16 de fevereiro.

Só pelo fato de ser o primeiro a chegar, Sid Bernstein tornou-se promotor dos Beatles em Nova York. Ele logo deixou a agência formou uma sociedade com um amigo. Tornou-se promotor de todos os shows dos Beatles em Nova York, exceto um. Sua história, a de chegar primeiro, poderia ser contada de diversos modos, tanto nos Estados Unidos, como em todo o mundo.

Mas no que dizia a respeito de Nova York, nem tudo foi por causa de Sid Bernstein. Brian vinha trabalhando no lançamento dos Beatles na América, desde o verão de 1963, apesar de ele não ter certeza de as coisas estarem prontas. No início, os Beatles foram um fracasso nos Estados Unidos. Na primeira metade de 1963, dois de seus discos

foram lançados lá, por duas companhias diferentes, e não alcançaram classificação.

Já que o sucesso deles estava garantido na Inglaterra, Brian foi aos Estados Unidos com Billy J. Kramer, em novembro de 1963, no mês do assassinio do Presidente Kennedy.

“Eu queria verificar por que ninguém na América havia tomado o mínimo conhecimento do maior sucesso acontecido na música popular inglesa. Foi o mesmo que os primeiros dias em Londres. Comecei a fazer uma via-sacra pelas gravadoras e entre o pessoal da televisão.”

Durante essa viagem ele novamente encontrou seu amigo Geoffrey Ellis, aquele amigo, vizinho seu em Liverpool, que tinha ido para Oxford e depois para Nova York, a fim de trabalhar em seguros.

“Eu tinha uma vaga idéia de que Brian estava envolvido com um conjunto de música popular, e não acreditei naquilo. Parecia-me uma tolice. Não era gênero de negócio em que o tímido Brian devia envolver-se.”

“Estava caminhando pela Broadway com Brian e Billy J. Kramer. Chegamos a Times Square e Billy quis comprar uma daquelas camisas abomináveis que eles vendem por ali. Brian não concordou. Ele não devia fazer aquilo. Ele disse a Billy: — “Não é a sua imagem, Billy.” Foi aí, que eu percebi o quanto Brian estava envolvido naquela história. Então, notei como ele estava mudado.”

Durante essa viagem, Brian conseguiu que a Capitol lançasse os discos dos Beatles. A Capitol, apesar de subsidiária da EMI, a princípio, não estava muito interessada nesse lançamento. Por essa razão, os dois primeiros discos foram gravados por outras companhias, sem obterem muito sucesso.

Brian conseguiu ainda um encontro com Ed Sullivan, cujo show de televisão é o maior do gênero, nos Estados Unidos. Seus descobridores de talentos já lhe haviam falado do sucesso dos Beatles na Inglaterra. Após muita discussão, Ed Sullivan, por fim, concordou em contratar os Beatles para dois de seus shows.

Brian insistiu em que eles deveriam figurar como astros nos dois shows. "O que foi logo contestado por Ed Sullivan. Ele, contudo, percebeu a importância dos Beatles, mas não aceitou, de pronto, que eles eram os maiores do mundo. Finalmente, acabou concordando. Seu produtor, mais tarde, me contou que Sullivan tinha achado ridículo dar àquele conjunto inglês a melhor parte da apresentação, pois um conjunto inglês nunca tinha feito grande sucesso nos Estados Unidos."

Os próprios Beatles estavam muito nervosos com essas perspectivas. George havia passado umas pequenas férias lá, no início de 1963. Ele achou que os nativos eram bastante humanos. Ele tinha ido lá visitar sua irmã Louise, que se casara com um americano e emigrara para St. Louis. Como sua mãe, Mrs. Harrison, é, também, uma devotada fã dos Beatles e telefonava para as estações de rádio locais, pedindo que tocassem os discos do conjunto.

John preocupava-se com o fato de os conjuntos ingleses nunca se terem saído bem nos Estados Unidos. "Cliff foi lá e morreu. Ele ocupou o décimo quarto lugar num programa com Frankie Avalon." George disse que havia visto o filme de Cliff, Summer Holiday, reduzido a fazer parte de um programa duplo num drive-in de St. Louis.

Em janeiro de 1964, I Want To Hold Your Hand entrou nas relações de sucessos nos Estados Unidos, ocupando o octogésimo terceiro lugar. Na Inglaterra ele foi derrubado do primeiro lugar, após dois meses de permanência naquele posto, por outro que muita gente julgou a nova sensação — o Dave Clark Five com o disco Glad All Over.

Os jornais de Londres vibraram de contentes, por ter aparecido um conjunto local de música popular, nem que fôsse só para variar, depois de todo aquele sucesso dos conjuntos de Liverpool. O Daily Express publicou uma manchete de primeira página afirmando: Tottenham Sound Esmagou os Beatles.

Os caricaturistas, depois de quase seis meses só pensando em piadas à Liverpool, agitavam-se com a idéia de que os Beatles estavam acabados. Vicky, no London Evening Standard, botou o

gabinete do govêrno com penteados estilo Beatle e o Primeiro-Ministro a dizer-lhes: "Como é que eu posso dizer que vocês estão por dentro, usando uns penteados fora de moda como êstes?"

Os próprios Beatles ficaram preocupados por algum tempo. "A gente não podia deixar", confessa John. "Todo mundo nos dizia que o Dave Clark estava chegando. Isso nos preocupou. Mas por pouco tempo. Foi do mesmo jeito que nos preocupáramos em Liverpool, com o fato de Gerry e os Pacemakers poderem ganhar um concurso de popularidade."

Antes da ida dêles aos Estados Unidos, Brian ainda contratou a segunda viagem do conjunto ao continente. Seriam três semanas na França, tocando no Olympia, de Paris, a partir do dia 15 de janeiro.

Milhares de fãs foram ao embarque dos três Beatles, no Aeroporto de Londres. Ringo foi impedido pelo fog em Liverpool, o seguiu mais tarde. No aeroporto de Londres, êle segurou um cartaz com as letras TLES depois das iniciais da companhia de aviação BEA, afixados no lado do avião. Osbert Lancaster, em sua charge no Daily Express, botou Napoleão usando um penteado Beatle.

Sua primeira apresentação no Olympia não foi um sucesso; a primeira recepção fraca, nos têrmos dos Beatles, que êles tiveram em quase um ano de apresentação. Houve uma briga envolvendo fotógrafos, a polícia francesa e Brian Sommerville, o nôvo encarregado da publicidade do conjunto e que estava encarregado das relações com a imprensa durante essa viagem. Êles conseguiram algumas palmas e John respondeu Mersey Beaucoup.

Entrevistador da BBC, em Paris: — Qual a importância para vocês em terem sucesso aqui?

Paul: — É importante obter sucesso em qualquer lugar. BBC: — Os franceses ainda não se decidiram a respeito dos Beatles. O que é que vocês acham dêles?

John: — Oh, nós gostamos dos Beatles. Achamos que êles são geniais.

Na América, em sua segunda semana, I Want To Hold Your Hand chegou ao quadragésimo segundo lugar. Norman Weiss, da GAC de

Nova York veio ver Brian, acabou de acertar o contrato para as apresentações do conjunto no Carnegie Hall e se tornou o agente dos Beatles na América, a partir dali.

Em Londres, o Daily Mail em sua matéria assinada por Vincent . Mulchrone, que estava acompanhando os Beatles, dizia: “Se Paris e os Beatles vão ter um caso, êle está começando muito devagar. Ou os Champs Elysées não estão animados hoje ou a beatlemania, como a entrada da Inglaterra para o Mercado Comum Europeu, é um problema que os franceses, por enquanto, preferem adiar”.

Êles estavam no Hotel George V, em Paris, quando chegou a notícia de que I Want To Hold Your Hand chegara ao primeiro lugar, nos Estados Unidos. George Martin se encontrava com êles, tendo vindo para gravar essa música em alemão. Êles ofereceram um grande jantar para comemorar. Brian foi fotografado jantando com um penico na cabeça.

Repórteres americanos e entrevistadores de televisão, imediatamente, começaram a chegar aos montes. Fãs dos Beatles nos Estados Unidos, como Sandi Stewart, cercaram o Carnegie Hall e o Ed Sullivan Show tentando obter ingressos. She Loves You, antes não tendo aparecido nas paradas de sucessos americanas, de repente, começou a subir nas listas dos mais vendidos, seguindo o sucesso de I Want To Hold Your Hand. Nas relações de LPs, Please Please Me estava em vésperas de chegar ao primeiro lugar.

A imprensa americana, como a inglêsa no ano anterior, estava chegando tarde mas com fôrça total.

— “Fale-nos sôbre os seus penteados —”, pediu um repórter americano.

— “Você quer dizer despenteados —”, replicou John.

— “Nós estávamos saindo de uma piscina em Liverpool —”, inventou George.

— “E gostamos da maneira como nosso cabelo ficou —”. Sheilah Graham, a colunista sindicalizada, chegou e foi perguntando tudo sôbre êles. O Life Magazine publicou uma história dos Beatles em seis páginas.

Para capitalizar toda aquela publicidade gratuita que a imprensa lhes estava dando e o sucesso de seus discos, Brian convenceu a Capitol a gastar cinquenta mil dólares no que eles chamavam de crash publicity programme. Cinco milhões de cartazes com os dizeres OS BEATLES ESTÃO CHEGANDO foram colocados em todos os Estados Unidos. Cada disc jockey recebia uma cópia de cada disco dos Beatles lançado na Inglaterra. Foram distribuídos milhões de exemplares de um jornal de quatro páginas sobre os Beatles. E os diretores da Capitol foram fotografados usando perucas estilo Beatle.

“Havia muita animação”, disse Voyle Gilmore, vice-presidente da Capitol Records. “Mas toda a animação do mundo não adianta nada para se vender um produto mal.”

O Ed Sullivan Show não conseguia atender todos os pedidos de entradas — cinquenta mil pessoas estavam disputando 728 lugares. Sid Bernstein poderia ter vendido as entradas do Carnegie Hall pelo dobro do preço. “Até a senhora Nelson Rockefeller não conseguiu comprar entrada. Eu tive de lhe ceder a minha.”

Ofereceram um outro contrato a Brian em Nova York. Dessa vez no Madison Square Garden, pagando o dobro do que os Beatles estavam recebendo pela apresentação no Carnegie Hall, mas era muito tarde para encaixar mais esse compromisso dentro da programação do conjunto.

Ao deixarem o aeroporto de Londres, pelo vôo 101 da Pan Am, no dia 7 de fevereiro de 1964, a rádio WMCA de Nova York deu o primeiro de uma série de avisos. “Agora são 6h30m da hora Beatle. Eles deixaram Londres há trinta minutos. Estão sobre o Atlântico rumando para Nova York. A temperatura é de 32 graus Beatles.”

No avião, os Beatles estavam nervosos. Eles não tinham sabido detalhes de toda a promoção que estavam fazendo a seu respeito, mas haviam lido sobre a opinião de pessoas criticando-os e dizendo que eles eram horríveis.

Cyn estava no avião com John, a primeira e única vez que ela acompanhou o conjunto numa tournée. O desconhecido George Harrison estava lá, como enviado do Liverpool Echo. Ele pensava ter-

se retirado, definitivamente, das reportagens nacionais, quando aos quarenta e cinco anos de idade, em 1954, havia deixado Fleet Street e Londres, com destino a Liverpool. Agora, êle estava em sua primeira de uma série de quatro viagens de costa a costa dos Estados Unidos, acompanhando um conjunto sôbre o qual recusara escrever. Êle diz que todos estavam muito duvidosos a respeito do tipo de recepção que iriam ter. "Todos êles me disseram: a América tem tudo, George, por que êles haveriam de nos querer?" As pessoas sempre chamam George pelo nome de batismo em seus artigos.

George Harrison, o famoso, disse que estava-se sentindo mal, "Eu também estava preocupado com o meu cabelo. Eu lavei meu cabelo e quando êle secou ficou um pouco para cima."

"Todos nós nos sentimos um pouco doentes na nossa estréia", conta Ringo. "Nós sempre sentíamos aquilo, apesar de não o demonstrarmos, antes de qualquer coisa grande e importante. Nós nos sentíamos um pouco doentes, antes do show no Palladium. Ir aos Estados Unidos era um grande passo. Muitos diziam que pelo fato de sermos populares na Inglaterra, não significava que também o seríamos lá."

A ocupação de Neil e Mal, no avião, era forjar assinaturas dos Beatles em fotografias para distribuir aos fãs. Brian também estava muito preocupado. Vários empresários inglêses, não tendo conseguido alguns minutos de sua atenção em Londres, acharam que, a cinco mil metros de altura sôbre o Atlântico, era o melhor lugar para pegá-los. Mandavam-lhe bilhetinhos, perguntando se os Beatles endossariam seus produtos. Tôdas essas propostas foram recusadas delicadamente.

Tôdas as dúvidas desapareceram quando viram o aeroporto John Kennedy, ao desembarcarem às 13h35m. Mais de dez mil adolescentes lotavam o aeroporto aos gritos. Todos cantavam We Love You Beatles, Oh Yes We Do, uma música, ou pelo menos um slogan, peculiar dos fãs-clubes americanos dos Beatles.

A Capitol ainda realizava a sua campanha de publicidade. Entregou a cada pessoa que saiu do avião um Beatle Kit completo e com

peruca, uma foto autografada e um botão com os dizeres I Like The Beatles.

Êles, a muito custo, conseguiram abrir caminho para a sala de imprensa do aeroporto, onde enfrentaram a maior entrevista coletiva que já haviam tido. John gritou-lhes para calarem a bôca. Todos aplaudiram.

— “Você pode cantar alguma coisa para nós?”

— “Primeiro precisamos de dinheiro —”, respondeu John.

— “Como é que vocês explicam seu sucesso?”

— “Para isso temos um encarregado de imprensa.”

— “Qual é a ambição de vocês?”

— “Chegar aos Estados Unidos.”

— “Vocês esperam cortar o cabelo?”

— “Ontem mesmo nós os cortamos.”

— “Vocês esperam levar alguma coisa de volta para casa?”

— “Sim, o Rockefeller Center.”

— “Vocês fazem parte da rebelião social contra as gerações mais velhas?”

— “Êsse é um tipo da mentira suja.”

— “Que acham dêsse movimento em Detroit para acabar com os Beatles?”

— “Nós temos um movimento para acabar com Detroit.”

— “Que acham de Beethoven?”

— “Adoramos”, respondeu Ringo. “Especialmente seus poemas.”

Foi um desastre no Plaza Hotel. Um hotel que se gaba de sua tranqüila exclusividade, nem havia verificado a profissão dos cinco empresários ingleses que haviam feito suas reservas com meses de antecedência. Quando um diretor do Plaza viu-o cercado por milhares de adolescentes, aos gritos, foi a uma estação de rádio e ofereceu a honra de hospedar os Beatles a qualquer hotel que a desejasse.

Não que os Beatles estivessem gratos. — “O que os fêz escolher o Plaza?” — um repórter perguntou a George. — “Nós não escolhemos. Foi o nosso empresário. Tudo que eu posso dizer-te é que não gosto da comida que eles servem.”

George estava doente, de cama, e parecia que iria perder o Ed Sullivan Show. Neil ocupou o lugar dêle no ensaio, mas George acabou conseguindo fazer o show, à custa de drogas. Os gritos ecoaram através da América. A exibição teve uma audiência recorde de setenta e três milhões de espectadores.

Em Nova York, nenhuma tampa de radiador de automóvel foi roubada, durante a apresentação. Disse-se que em tôda a América, pelo menos, nenhum crime de importância foi cometido por adolescentes.

Elvis Presley mandou-lhes um telegrama de congratulações. Na manhã seguinte, o Herald Tribune afirmava que eles eram “75% de publicidade, 20% de cabelo e 5% de lamentos ritmados”. O Daily News dizia “o rebolado e contorções de Presley eram pinto em comparação ao elixir de cem graus servido pelos Beatles.”

Todos os jornais deram-lhes enorme cobertura. As críticas eram longas e complicadas. Houve outra grande entrevista à imprensa. — “Vocês já têm uma atriz principal para seu próximo filme?” — “Estamos tentando conseguir a Rainha —”, respondeu George. — “Ela tem uma boa bilheteria.”

Billy Graham fugiu ao seu hábito e viu televisão no sábado, só para apreciá-los. “Eles são uma fase transitória”, afirmou. “Tudo isso é sinal dos tempos que correm e da confusão a cêrca de nós.” De lá, seguiram de trem para Washington.

“Aconteceu nos Estados Unidos o mesmo que havia acontecido na Inglaterra”, conta Ringo, “só que foi dez vêzes maior. Nesse ponto, eu penso que foi diferente da Inglaterra. Em Washington, aquêlo povarêu devia ser calculado em vinte mil pessoas. A gente estava acostumada só com umas duas mil pessoas, em nosso país.”

O Coliseum, o local da apresentação em Washington, e primeira em solo americano, normalmente, é usado como arena de boxe ou campo de baseball. Os Beatles foram colocados num palco circular, para que tôda a platéia pudesse vê-los. Isso significava que êles eram atingidos de todos os lados pelas jujubas atiradas pela platéia.

“Foi horrível”, lembra George. “Elas doíam. Nos Estados Unidos êles não têm jujubas macias. Lá, são duras como balas de revólver. Algum jornal havia desenterrado aquela velha história de o John ter comido tôdas as minhas jujubas. Em tôda a parte em que nos apresentávamos, os caras bombardeavam-me com balas de jujuba.”

Sir Alec Douglas-Home, Primeiro-Ministro britânico, chegaria a Washington no mesmo dia. Todavia, sua chegada foi adiada para o dia seguinte, a fim de se evitar o tumulto motivado pelos Beatles.

Naquela noite, êles aceitaram seu primeiro e último convite para uma recepção de embaixada. Êles já tinham recusado um convite para jantar com Lady Dixon, a espôsa do embaixador inglês em Paris.

“Nós sempre tentamos pular fora de tais chaturas”, conta George. “Porém, daquela vez nos pegaram. Tais chacrinhas são sempre cheias de snobs, que na verdade nos abominam, mas querem ver-nos por que somos ricos e famosos. Tudo não passa de hipocrisia. Apenas tentavam conseguir publicidade para a embaixada.”

Os comentários do que exatamente ocorreu naquela festa variam nos pormenores, mas a maioria das pessoas concorda que tudo começou bem amistosamente.

— “Como vai, John —”, disse Sir David Ormsby-Gore (agora Lord Harlech) quando êles chegaram.

— “Eu não sou o John —”, disse John. — “Meu nome é Charlie. Aquêle é que é o John.”

— “Hello John —”, o embaixador falou a George.

— “Eu não sou John —”, disse George. — “Meu nome é Frank. Aquêle é que é o John.”

— “Oh! meu Deus!” — foi a resposta do embaixador.

Várias senhoras idosas, segurando copos de bebidas, cercaram os Beatles e pediram-lhes autógrafos. Pequenos funcionários da embaixada começaram a puxá-los por ali, insistindo para que êles falassem com as pessoas e lhes dessem autógrafos. “Assine aqui”, um dêles ordenou a John, que se recusou. “Você vai assinar isso e gostar”, o cara continuou ordenando. Uma jovem convidada chegou perto de Ringo, tirou umas tesourinhas de sua bolsa e começou a cortar pedaços do seu cabelo. John saiu cedo, mas os outros ficaram até o fim da festa. O embaixador e sua espôsa demonstraram-lhes o quanto lamentavam aquilo tudo.

Nem o encanto de Brian conseguiu acalmar as coisas. “Tanto o embaixador quanto sua espôsa foram extremamente simpáticos”, afirmou êle mais tarde. “Mas os Beatles detestaram aquela recepção. Depois dêsse fato, passaram a recusar qualquer convite dêsse gênero”.

Afinal, Sir Alec Douglas-Home chegou para se encontrar com o Presidente Johnson. “Eu gostei da sua festa antecipada”, disse o Presidente. “Mas o senhor não acha que êles precisam de um corte de cabelo?”

Êles voltaram a Nova York para a apresentação no Carnegie Hall, sob uma barreira da imprensa, da televisão e dos fãs. Os industriais americanos usavam tôda a sua influência, tentando que os Beatles lançassem seus produtos, a qualquer preço. Calcula-se em cinqüenta milhões de dólares as mercadorias anunciadas por êles e que foram vendidas nos Estados Unidos, em 1964. Várias entrevistas gravadas sem autorização foram feitas em LP e anunciadas sob o nome dêles, causando grande aborrecimento a Brian.

Mais de seis mil pessoas assistiram a cada uma de suas apresentações no Carnegie Hall. Sid Bernstein viu-se obrigado a barrar a entrada de David Niven e Shirley MacLaine. Gritos histéricos

saudaram e acompanharam aquelas duas apresentações, que, segundo os jornais do dia seguinte, duraram apenas vinte e cinco minutos cada uma.

Sandi Stewart, aquela fã de quinze anos de New Hampshire, conseguiu entrar mas não achou tal gritaria tão genial. "A primeira apresentação não foi tão selvagem assim. Quero dizer: não teve tantos gritos quanto as apresentações posteriores que foram de uma selvageria a tôda prova. Lembro-me de ter ficado muito aborrecida com George naquela vez. Talvez fôsse porque eu não gostava dêle. Parecia que êle ficava de propósito, na frente de Ringo, para que nós não o víssemos. Todos nós gritávamos para que êle saísse da frente e nos deixasse ver o Ringo."

"A gente acredita que êles nos podem ver, só a nós, quando êles estão no palco. É por isso que a gente grita, para chamar-lhes a atenção. Sempre senti que John poderia ver-me. Era como um sonho. Só eu e John juntos, sem ninguém mais.

"Mesmo gritando, a gente ainda consegue ouvir. Todos os repórteres afirmam que não se consegue ouvir nada com aquêle barulho infernal. Contudo, a gente podia. Seus movimentos sexy faziam-nos gritar ainda mais alto."

"Êles estavam sendo sexy pessoalmente com todos. Isso era uma espécie de válvula de escape. Não creio, porém, que muitas garôtas tenham ficado sexualmente excitadas naquelas apresentações. Eu, pelo menos, não fiquei."

Então, êles seguiram em avião de Nova York para Miami, para seu segundo Ed Sullivan Show. O pilôto usava uma peruca Beatle. Êles encontraram Cassius Clay. Êle afirmou que era o maior, e êles os mais bonitos.

Aproximava-se a data de 25 de fevereiro, dia do vigésimo primeiro aniversário de George. Apesar de Sandi Stewart não gostar muito de George, ela decidiu mandar-lhe um presente. "Descobrimos que êles estavam hospedados no Hotel Deauville, em Miami. Remetemos-lhe um pacote registrado, de maneira astuciosa, pois, dêsse modo, êle teria que assinar o comprovante de entrega e nós

ficaríamos com seu autógrafo. Não conseguimos, porém, aquele autógrafo.”

“Isso não importava muito. Na verdade, quem eu amava mesmo era John. A partir dali, dediquei-lhe três anos da minha vida.”

24.INGLATERRA E RETÔRNO AOS E.U.A.

Suas antigas escolas, em Liverpool, estavam recebendo pedidos estranhos. Adolescentes de todo o mundo escreviam, pedindo carteiras que foram usadas pelos Beatles, ou bonés ou cadernos de exercício que lhes pertenceram. Logo começaram a circular toneladas de livros de exercícios assinados, em muito maior quantidade do que realmente poderiam ter usado.

“Recebíamos cartas engraçadas de meninas, especialmente dos Estados Unidos”, conta Mr. Pobjoy da Quarry Bank High School, “pedindo que os nossos alunos lhes escrevessem. Eu achava isso tudo muito engraçado. Para diversão dos garotos, e também minha, passei a ler essas cartas no hall, depois das orações matutinas.”

“Nossos alunos gostavam tanto delas que, durante muito tempo, ficaram convencidos de que elas não passavam de invenção minha. No fim de contas, acho que um bando de garotos passou a escrever para aquelas meninas.”

Ao mesmo tempo, os pais dos Beatles travavam contatos com muitos fãs americanos. Alguns deles apareceram em suas portas, forçando os próprios pais a interromperem suas excursões pela Europa, a fim de darem uma passada no Dingle ou em Woolton.

“Eu, geralmente, perguntava a êsses visitantes se êles aceitariam uma xícara de chá”, conta Jim McCartney. “Se aceitassem, eu mostrava-lhes a cozinha. Êles entravam e começavam a gritar e a berrar, porque a reconheciam; por teremna visto em fotografias. Êles sabiam mais a meu respeito do que eu mesmo. Êles dariam ótimos detetives.”

No vigésimo primeiro aniversário de George, Mrs. Harrison não conseguiu achar lugar em sua casa para todos aquêles cartões e presentes. Êles eram trazidos pelas camionetas do correio, em entregas especiais.

Elsie e Harry, pais de Ringo, bem como os pais dos outros, começaram a se sentir completamente sitiados em sua própria casa,

enquanto os fãs acampavam nas adjacências, e roubavam pedaços da porta ou rabiscavam nas paredes.

“A primeira vez que eu percebi como êles eram conhecidos”, diz Elsie, “foi um dia em que, ao despertar, vi um ônibus cheio de fãs e alguns dêles batendo em minha porta da frente. Eram sete horas de uma manhã de domingo. Êles tinham viajado a noite tôda vindos de Londres. Bem, que eu poderia fazer? Convidei-os a entrar e lhes ofereci chá com biscoitos. Achei aquilo maravilhoso. Terem vindo de tão longe, por causa do nosso Ritchie. Êles, porém, nada comeram. Embrulharam os biscoitos e os levaram como lembrança.

“Costumavam subir pelo muro dos fundos, ou dormir na rua, durante vários dias. Muitos dêles ficavam arrebetados, mas estavam excitados demais para poderem comer ou repousar. Perguntavam qual era a cadeira dêle. Eu lhes respondia que êle costumava sentar em tôdas. Êles insistiam em subir e ver o quarto de Ritchie. Então pulavam na sua cama e choravam.”

Nessa época, Cyn e Julian já se haviam mudado da casa de Mimi. Cyn ainda evitava a imprensa, tanto quanto possível. “Um bando de repórteres seguiu-me por vários dias depois de descobrir quem eu era. Certa vez, encurralaram-me, quando fui visitar mamãe, em Hoylake. Um repórter me procurou pelas redondezas e me cercou numa loja. Consegui escapular pelos fundos, e entrar numa outra de frutas, que ficava ao lado, onde fiquei escondida bem uma meia hora, até que êle fôsse embora.”

Os Beatles voltaram dos Estados Unidos para as já conhecidas cenas de histeria. O Primeiro-Ministro, Sir Alec Douglas-Home, chamou-os de “nossa melhor exportação” e “uma útil contribuição à nossa balança de pagamentos”. Harold Wilson, líder do Partido Trabalhista e representante de Liverpool, não gostou do fato de um conde estar tentando conseguir popularidade às custas dêles, naquela cidade. “Os conservadores estão tentando transformar os Beatles em sua arma secreta”, afirmou Wilson.

Foram convidados pelo reitor e deões do Brasenose College, para jantar em Oxford, e pediram geléia. Um bispo católico romano disse que êles eram uma “ameaça”, mas o Príncipe Philip teve um

encontro com êles e achou-os todos bons sujeitos. Finalmente, encontraram Mr. Wilson, numa apresentação no Variety Club, e chamaram-no a noite tôda de Mr. Dobson.

O primeiro livro de John foi lançado em março. Chamava-se In His Own Write, um título sugerido por Paul. Êles haviam abandonado uma outra idéia, de chamá-lo In His Own Write And Draw, pois o trocadilho (right hand drawer) era muito complicado. Grande número de críticos literários e editôres julgou que aquilo seria um fracasso, pois onde já se viu um músico de conjunto de iê-iê-iê escrever algo que valesse a pena. Mas o livro foi para o primeiro lugar em vendagem, superando até mesmo os livros de James Bond. O Times Literary Supplement afirmou: "Êste livro merece a atenção de todos aquêles que lamentam o empobrecimento da língua e da imaginação inglesa". John foi convidado de honra do Foyle Literary Lunch. Êle nada falou a não ser murmurar um obrigado, e recebeu algumas pichadas por causa disso. Brian Epstein, porém, fêz um bom discurso.

No dia 24 de março, o sexto disco do conjunto, Can't Buy Me Love, foi lançado. Attingiu diretamente o primeiro lugar nas paradas de sucessos. Igual classificação attingiu, também, nos Estados Unidos. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, antes do seu lançamento, as vendas antecipadas chegaram a três milhões de cópias — um recorde mundial. E não demorou muito para que êles tivessem os seis discos mais vendidos da parada de sucesso norte-americana.

Ringo foi eleito para o cargo de vice-presidente da Leeds University, derrotando um ex-juiz da Suprema Côrte. Madame Tussauds colocou à mostra as imagens dos quatro Beatles em cêra. Paul Johnson escreveu um artigo para o New Statesman intitulado The Menace of Beatlism (A Ameaça do Beatlismo). Um escritor afirmou no Sunday Telegraph que o conjunto acabaria separando-se, porque todos êles teriam de se casar e a possibilidade de as quatro mulheres gostarem umas das outras, ou mesmo serem capazes de se dar bem, era pequena demais."

Em março, principiaram a rodar seu primeiro filme. O título, A Hard Day's Night, não estava escolhido até que quase no fim da filmagem

Ringo, por acaso, disse aquela frase.

Paul, nessa ocasião, estava saindo com Jane Asher, a filha de um médico de Wimpole Street. No primeiro dia das filmagens George conheceu Pattie Boyd. Como Jane Asher, ela é uma moça educada à maneira do sul da Inglaterra, e cujas condições de vida são muito mais diferentes que as das garôtas dos outros dois Beatles.

Pattie estava trabalhando como modelo de revistas. Fêz um anúncio de televisão para os Smith's Crisps, e causou sucesso. Esse comercial foi dirigido por Dick Lester. Por isso, ela teve a oportunidade de fazer um teste para trabalhar no filme dos Beatles.

"Encontrei-os e cumprimentei-os. Eu nem podia acreditar. Eram muito parecidos como eu imaginava. Eles eram exatamente como seus próprios retratos. George nem me cumprimentou. Os outros porém, se aproximaram e ficaram conversando conosco." "Quando as filmagens iniciaram, eu percebia George olhando-me, e eu ficava um pouco embaraçada. Ringo parecia ser o mais simpático e mais fácil de palestrar. Mais ou menos o mesmo acontecia com Paul. Eu ficava mais acanhada com John. Após o primeiro dia de filmagens, pedi autógrafo a todos eles, menos a John. Eu estava com receio."

"Quando George me deu o seu autógrafo, pedi-lhe que também o fizesse para cada uma de minhas irmãs. Ele atendeu-me e mandou dois beijos para cada uma. Para mim, ele mandou sete. Pensei que ele gostava um pouco de mim."

Era fato. E os dois passaram a sair juntos. "Levei-o para conhecer mamãe. Ele me levou para ver essa casa em Esher, na qual ele estava interessado. Achei-a linda. O fim-de-semana seguinte era a Páscoa. Fui com ele, John e Cynthia para a Irlanda num avião alugado para o fim-de-semana. Era um segredo de que poucas pessoas sabiam. Ignoro como ele foi divulgado. Quando chegamos ao hotel, havia uma horda de jornalistas lá."

"Foi minha primeira experiência com essas coisas. O gerente gravou os telefonemas deles. Ouvimos-os mandando as coisas terríveis para Fleet Street. Quando saímos, todos nos seguiam com suas máquinas fotográficas."

“Era impossível sair. Por fim, eu e Cyn acabamos vestindo-nos de empregadas. Eles nos tiraram de lá, pelos fundos do hotel. Puseram-nos numa cêsta de roupa, e nós fomos transportadas para o aeroporto, dentro de uma camioneta de lavanderia.”

Com tanta publicidade e tantos mexericos, ofereceram-lhe muitos empregos de modêlo. “Peguei uma porção dêles, os que me interessavam, mas George disse que eu não devia aceitá-los. Ele detestava aquilo. Eles me queriam por outros motivos.”

Ela preocupou-se muito com tantas cartas ameaçadoras, e com as agressões físicas que as namoradas e esposas sofriam das admiradoras. “As cartas aborreciam-me muito. Na verdade, elas eram desagradáveis e diziam coisas horríveis, especialmente as remetidas dos Estados Unidos. Fiquei preocupada com o fato de talvez ser desagradável. Elas sempre afirmavam ser a verdadeira namorada de George, que seria melhor eu deixá-lo em paz ou teria que ajustar contas com elas.”

Eles se mudaram para a nova casa de George em Esher. “Vivemos juntos cêrca de três anos, antes de nos casarmos. Mamãe sabia, mas nunca tocou no assunto.”

No verão de 1964, as tournées foram reiniciadas. Primeiro, eles andaram pela Europa, a começar pela Dinamarca. Em Amesterdão, uma multidão de quase cem mil pessoas foi às ruas para vê-los. As garôtas chegavam a cair nos canais em sua tentativa de se aproximarem mais dêles. Depois foram a Hong Kong, Austrália e Nova Zelândia.

As tournées americanas sempre tiveram e terão mais publicidade, porque eles estavam batendo os americanos naquilo em que até então foram os maiores do mundo. Por incrível que pareça, a maior multidão que já se abalou para assistir à chegada dos Beatles foi em Adelaide. Todos os jornais calcularam-na em cêrca de trezentas mil pessoas. Um povo tão numeroso assim nunca se reunira em Liverpool ou mesmo em Nova York, só para apreciá-los.

A 6 de julho, em Londres, A Hard Day's Night contou ora a presença da Princesa Margaret e de Lord Snowdown em sua première. O LP

do filme foi lançado no mês seguinte.

Em 19 de agosto de 1964, eles seguiram para a sua primeira grande tournée na América. A viagem de fevereiro havia sido curta. Durara só duas semanas, e fizeram apenas duas apresentações e dois programas de televisão.

Essa segunda viagem, em agosto e setembro, durou ao todo trinta e dois dias. Foi a mais longa e cansativa que eles já fizeram. Viajaram, ao todo, 22.441 milhas. Gastaram um tempo total de 60 horas e vinte e cinco minutos em vôo. Visitaram vinte e quatro cidades nos Estados Unidos e Canadá. Fizeram trinta apresentações, além de um espetáculo de caridade. "Durante aquela viagem aos Estados Unidos", conta Mal, "cada um de nós perdeu uns dez quilos pelo menos."

Norman Weiss da GAC, seu agente americano, gastou seis meses planejando essa viagem. "Planejamos tanto quanto para a invasão da Normandia. Milhões e milhões de dólares mudaram de mãos. Seria impossível calcular quanto custou tudo aquilo, desde o salário dos Beatles até aos cachorros-quentes vendidos e aos filmes gastos.

"Nós poderíamos, facilmente, ter cobrado três vezes mais o preço das entradas. Mesmo assim, acredito que teríamos todas as lotações esgotadas. Brian, porém, achou que isso seria injusto com os fãs. Os preços dos ingressos eram especificados em todos os contratos. Todos os seus itens foram ditados e fixados por nós mesmos. Seus promotores concordavam, satisfeitos e gratos de entrar no negócio.

"Tanto os Beatles como Elvis Presley estão no show business. Depois disso, qualquer comparação não passa de piada. Ninguém, antes ou depois, já arrastou tantas multidões."

Foram ultrapassados os recordes em todos os lugares. Mas para eles aquilo deixou de ter sentido. As perguntas eram as mesmas. A que atribuíam seu sucesso. Quando achavam que aquilo iria acabar. Quase chegaram ao ponto de saturação, por repetirem sempre a mesma coisa.

Eles fugiram para uma cidadezinha do interior a fim de conseguirem um dia de repouso. Os habitantes dessa localidade foram

suficientemente gentis para não os ficarem atrapalhando. Mas quando eles embarcaram no avião, o sherife e as outras autoridades de lá invadiram a pista de pouso. Derek Taylor, um dos encarregados de imprensa dos Beatles, foi mandado para saber o que eles desejavam. Eles responderam que queriam autógrafos e tirar retratos com os Beatles. Era o mínimo que eles podiam fazer, já que os habitantes da cidade tinham sido tão atenciosos a ponto de não perturbar o repouso deles.

“Voltei ao avião para perguntar aos rapazes”, lembra Derek. “Paul estava sentado ao lado de uma janela, olhando para eles. Ele sorria como louco sacudindo a cabeça e falou: — “Vamos sair daqui logo. Diga-lhes que queremos ir lá conhecê-los, mas que você não nos deixa porque nós estamos muito cansados. Vá lá”.



...1965

Até George Harrison, do Liverpool Echo, ficou boquiaberto diante daquilo. "Nunca me esquecerei daquele figurão de Kansas City, que veio ver Brian, quando estávamos em São Francisco. Kansas City não constava do programa. Êle era um milionário, o proprietário do estádio de futebol ou coisa que o valha. Pois, êle prometera que Kansas City veria os Beatles.

"Brian disse que não. Que êles não podiam incluir aquela apresentação. O cara então perguntou se cem mil dólares o faria mudar de opinião. Brian disse que iria consultar os rapazes. Êles se achavam sentados, jogando cartas e nem se dignaram a levantar a cabeça. Brian falou-lhes sôbre a oferta de cem mil dólares. Isso equivalia a umas trinta mil libras, por uma apresentação. Êles deixaram que Brian decidisse e continuaram a jogar.



...e atualmente

“Brian voltou e respondeu ao camarada que lamentava muito, mas eles não dispensavam aquele dia de descanso. O cara afirmou que havia feito uma promessa à cidade e que não poderia voltar sem eles. Rasgou então o cheque de cem mil dólares e assinou outro de cento e cinquenta mil. Era o maior cachet já oferecido na América pela apresentação de qualquer artista. O cara propunha-lhes cinquenta mil libras por uma apresentação de trinta e cinco minutos. Brian viu logo que o valor publicitário de bater aquele recorde seria fantástico. Afinal concordou. Quando Brian lhes contou o acontecido os Beatles nem levantaram a cabeça.

“Com isso o cara voltou para casa, cheio de felicidade. Sabia de antemão que aquilo não lhe traria nenhum lucro. O local da apresentação não era suficientemente grande para que ele recuperasse o dinheiro com a renda dos ingressos. Ele, todavia, manteve a sua promessa à cidade.”

As fronhas dos travesseiros que lhes serviram, naquela noite, em Kansas City, foram vendidas posteriormente a dois negociantes por trezentos e setenta e cinco libras. Cortaram-nas em cento e sessenta mil pedaços de uma polegada quadrada. Pregaram-nos em certificados, atestando sua procedência. Venderam-nos a um dólar cada. Um sindicato de Nova York ofereceu a Brian três milhões setecentas e quinze mil libras pelos Beatles, mas ele recusou a proposta.

Em meio a toda aquela aclamação e publicidade das tournées, com quebra de todos os recordes, na Inglaterra e nos Estados Unidos, os Beatles iam ficando presos dentro das engrenagens de uma máquina que os transportava em torno do mundo. Haviam-se enclausurado no seu interior, em 1963. Forçados por todas as pressões, permaneceram lá, herméticamente fechados.

Ficavam trancados em seus camarins antes das apresentações. Depois, havia uma correria louca, guardados por legiões de policiais e guarda-costas, em direção ao hotel. Lá, ficavam trancados e isolados do mundo exterior, até a hora do movimento seguinte. Nunca saíam à rua para ir a um restaurante ou dar um passeio. Mal e Neil os serviam, trazendo sanduíches, cigarros e bebidas. Por

ciúmes, e às vezes com receio de ficarem desprotegidos, também não deixavam Mal e Neil sair. Todos eles então ficavam sentados em seus quartos de hotel, fumando, jogando cartas, tocando suas guitarras, matando o tempo. Ganhar mil, dez mil ou cem mil libras por uma noite de show não lhes representava nada. Serem ricos, poderosos e famosos o bastante para entrar em qualquer lugar não lhes fazia sentido. Pois, na realidade estavam presos.

Durante muito tempo, houve grande excitação como era natural. Muito esperaram por tudo isso. Juntos tocaram durante sete anos, e não haviam chegado a parte alguma. Isso significava estarem eles física e emocionalmente preparados para as terríveis condições das exhibições de uma só noite. E mesmo os shows de uma noite não eram tão cansativos quanto as apresentações de Hamburgo. Lá, haviam aprendido a suportar tudo aquilo tocando sem parar.

Depois do primeiro disco, choveram pedidos de exhibições, e, durante algum tempo, viram-se assoberbados com tantas solicitações. Eles ainda se lembram da agitação que causavam essas idas de um ponto a outro, da classificação dos seus discos nas paradas de sucessos, sua escalada vertiginosa ao primeiro lugar, dos shows de televisão, do Palladium, do Royal Variety Performance, das tournées e, em seguida os Estados Unidos.

Apesar de John, Paul e George não terem sido incluídos em toda publicidade, eles se consideravam bons. Sabiam que sua música era boa e se aborreciam quando alguém não a levava a sério. Nem de longe imaginavam que um dia eles poderiam desaparecer de repente. E não tinham motivos para pensar ao contrário. Isso explica, em parte, sua atitude para com a imprensa. Não se sentiam agradecidos e de forma nenhuma humilhados. Não se preocupavam com o fato de serem gozados e até rudes, por vezes, porque não atribuíam seu sucesso a ninguém.

Ringo, de vez em quando, ainda esfregava os olhos. Ele entrara para o conjunto e, imediatamente, eles começaram a trilhar a estrada do sucesso.

“Nenhum de nós jamais se preocupou com o futuro. Eu sempre me arrisquei e tive sorte. E ela foi maior, por eu ter conseguido um bom

aprendizado. Sempre possuí algum dinheiro junto. Pois acreditava que algum dia aquilo acabaria.”

Por isso, gozaram-no por muito tempo. Escreviam novas músicas e experimentavam-nas com suas platéias. As excursões, porém, pareciam não ter mais fim, e êles tornaram-se insensíveis àquilo tudo.

“Havia noites boas e noites péssimas nessas excursões”, revela Ringo. “Mas tudo dava no mesmo. A única coisa divertida eram os hotéis, fumar maconha e tudo o mais.”

25.O FIM DAS “TOURNÉES”

Os dois anos seguintes, 1965 e 1966, foram passados em tournées. Isso não era vida.

Em média, realizaram três longas excursões por ano — uma pela Inglaterra, uma pelos Estados Unidos e outra por vários países. Gravaram cerca de três discos e um LP anuais. E pretendiam fazer um filme por ano. Entretanto, após o seu segundo filme, Help, em 1965, esses planos foram por água abaixo. No término deste período, foi que suas vidas começaram a tomar novos rumos.

Os pormenores de suas excursões foram largamente difundidos pelos jornais, cujas coleções podem ser consultadas pelos que desejarem conhecê-los. Os Beatles por certo, não têm lembrança disso. Só se recordam das brincadeiras.

A 12 de junho de 1965, foi divulgado que os Beatles seriam admitidos como membros da Ordem do Império Britânico. Imediatamente, choveram protestos, desde os membros da Casa dos Lordes até aos velhos vigias de incêndio, da época da guerra, que consideravam que as suas condecorações ficaram desvalorizadas. Um coronel reformado declarou que, por esse motivo, não deixaria sua herança, avaliada em onze mil libras, nem suas doze medalhas para o Partido Trabalhista. De tôdas as partes do mundo, medalhas da MBE foram devolvidas.

Brian ficou muito contente com aquela honra. Afirmou, mais tarde, que nunca tivera dúvidas de que eles a aceitariam. John confessa que estava decidido a recusá-la. Hoje, sua medalha está em cima da televisão na nova casa de Mimi.

“Como todo mundo, também achamos o oferecimento da MBE muito engraçado. Por quê? Para quê? Aquilo era inacreditável. Era uma questão em que a gente não queria pensar.

“Juntos, compreendemos que era tolice. Pensamos em recusar. Depois, tudo pareceu ser parte do jogo que nós aceitamos. Era o mesmo que receber os prêmios Ivo Novello. Não tínhamos nada a

perder. Só o nosso íntimo que não acreditava naquela história. Decidimos aceitar, só para chatear ainda mais certas pessoas, como o John Gordon. Nós apenas estávamos gozando as pessoas que davam grande importância àquelas coisas.

“Enquanto aguardávamos no Palácio estivemos-nos gozando mutuamente. Explodimos de rir. Tudo era tão engraçado. Havia aquêle guarda explicando-nos a maneira de andar. Quantos passos deveríamos dar. Como saudar a Rainha, quando a encontrássemos. Íntimamente, sabíamos que ela era apenas uma mulher, mas acabamos fazendo o que nos mandavam, uma vez que havíamos concordado com aquilo.

“Acho que a Rainha acredita naquela história tôda. Ela precisa crer. Não creio que John Lennon, um Beatle, seja diferente de qualquer pessoa, pois sei que não o é. Sou apenas um cidadão. Mas estou certo de que a Rainha deve pensar diferente.

“Sempre detestei tôdas aquelas horríveis reuniões sociais e apresentações a que tínhamos de ir. Tudo era tão fingido. A gente podia ler isso na fisionomia de tôdas aquelas pessoas que andavam por ali. Eu as olhava com desprêzo. Talvez isso, em parte, fôsse por uma questão de nível social... Não, acho que não. Era porque realmente êles eram todos uns falsos.”

Algumas das tournées de 1965-66 têm de ser mencionadas, nem que seja para um breve registro, especialmente as duas da América do Norte. A terceira começou no dia 13 de agosto de 1965. Estava resolvido que ela seria a metade da anterior, que fôra tão cansativa. Esta cobria dezessete dias e êles estavam segurados em um milhão de libras, importância que a anterior havia rendido. Esta rendeu-lhes muito mais, apesar de ter a metade da duração da outra. Todavia, nessa, êles se apresentaram em campos de basebol.

O maior acontecimento desta tournée foi no dia 23 de agosto, quando tocaram no Shea Stadium de Nova York. “Mais de cinquenta e cinco mil pessoas assistiram àquele show”, afirma Sid Bernstein. “Arrecadamos trezentos e quatro mil dólares, a maior arrecadação já conseguida na história do show business.”

Esta renda ainda é considerada recorde mundial. Dos trezentos e quatro mil dólares os Beatles receberam cento e sessenta mil. Mais de trinta mil foram pagos como aluguel do estádio para aquela noite. Havia mil e trezentos policiais em serviço, o que custou quatorze mil dólares. O seguro custou onze mil. Depois de pagar os anúncios, a publicidade e outras despesas, o lucro de Sid Bernstein chegou a sete mil dólares.

“Eu poderia repetir aquilo novamente. Os Beatles continuam sendo popularíssimos nos Estados Unidos. Já lhes ofereci um milhão de dólares por duas apresentações no Shea Stadium. Esta oferta ainda está de pé. A apresentação deverá ser exclusiva aos Estados Unidos. Um milhão de dólares — esta é a minha proposta.”

Exatamente um ano depois, em agosto de 1966, realizaram sua quarta e última tournée, nos Estados Unidos. Esta foi a mais curta, e foi a que deu mais lucro. Nat Weiss, que tinha sido nomeado diretor da Nempereor Artists em Nova York, ajudou a organizá-la. Ele exercia advocacia de divórcios em Nova York, por quinze anos, quando encontrou Brian Epstein, numa reunião social. Por intermédio dele, veio a se interessar pela música popular. Em junho de 1966, Brian resolveu fazer as exibições de seus contratados na América, sob a direção de um único escritório. A Nempereor foi batizada com o endereço telegráfico das Nems Enterprises.

Isso foi pouco antes da observação que John fez sobre Cristo. Ele afirmara que os Beatles “agora eram mais populares que Cristo”. Isso foi declarado vários meses antes numa entrevista a Maureen Cleave, e fôra publicada no London Evening Standard. Publicamente, ninguém se manifestou contra aquela afirmação. Mas quando ela foi reproduzida nos Estados Unidos, isolada do contexto em que havia sido mencionada, causou furor.

“Um amigo telefonou-me contando que estavam queimando discos dos Beatles em Nashville, Tennessee”, afirma Nat Weiss. “Telefonei para Brian e disse-lhe que achava que a situação era crítica, o bastante para adiar a chegada deles a Nova York.”

Brian ficou muito preocupado, quando a Klu-Klux-Klan começou a se manifestar, e efígies dos Beatles foram queimadas no sul dos EUA.

Pensou em cancelar várias apresentações, apesar daquilo significar que teria de pagar indenizações de cerca de um milhão de dólares. “Eu não queria arriscar qualquer possibilidade de os rapazes serem feridos. Não interessava o preço disso.” Todavia, os promotores dos espetáculos e prefeitos locais julgaram que haveria muito mais problemas com os fãs, se as exibições fossem canceladas. John fez uma ligeira retratação, declarando que não pretendia afirmar aquilo, e a tournée seguiu conforme fora planejada. As apresentações no sul superavam tôdas, as outras.

As demais excursões ao exterior, naqueles dois anos, incluíram a França, Itália, Espanha e Alemanha (com uma enorme recepção em Hamburgo). Da Alemanha, em junho de 66, voaram para o Japão, a fim de realizarem a primeira e única série de apresentações naquele país. Os fãs japoneses dos Beatles demonstraram ser os maiores conhecedores de sua obra, a julgar pelo programa organizado para os shows no conjunto. Foi o mais completo e exaustivo até então feito por eles. Entre outras informações, continha o título de tôdas as músicas cantadas por eles até aquele dia, e ainda, a classificação que elas atingiram nas paradas de sucessos. Ninguém antes, mesmo em Londres, havia feito tal levantamento de pormenores. O programa foi tão bom, que Brian mantinha uma cópia dele em sua mesa de trabalho, para usá-lo como obra de referência.

Do Japão, voltaram para a Inglaterra, via Manilha, nas Filipinas. Arreponderam-se de não ter feito isso. Pois essa visita resultou na primeira e única cena de violência física contra eles durante toda a sua carreira de exibições em público. No decorrer delas, eles quase haviam sido mortos na Inglaterra e nos Estados Unidos, mas isso se justificava por causa do fanatismo que os fãs lhes dedicavam. Em Manilha, porém, foram chutados e esmurrados pela polícia e funcionários. Isso foi em represália a um suposto ato de descortesia para com a esposa do Presidente das Filipinas. Ela esperava que eles fossem a palácio, depois de ela tê-los convidado. Eles afirmaram que nunca foram convidados. A esposa do Presidente ficou muito magoada com aquilo.

Na Inglaterra, a beatlemania não diminuía. A mesa telefônica do University College Hospital não parou um instante, quando Ringo

operou as amígdalas. De hora em hora, eram divulgados boletins sobre o seu estado de saúde. Milhares de fãs escreveram pedindo suas amígdalas extraídas. Ringo anunciou que não iria dá-las a ninguém, pois elas seriam queimadas.

Em outubro de 1965, a Rainha e o Príncipe Philip fizeram uma viagem ao Canadá. Um dos fatos que foi amplamente divulgado pela imprensa inglesa, no decorrer daquela viagem, foi uma declaração atribuída ao Príncipe Philip de que "os Beatles estavam em declínio". Isso foi manchete em todos os lugares. O London Evening Standard efetuou uma pesquisa de opinião para descobrir se isso era verdade — cinco em cada sete respostas afirmavam que era falso. Dois dias depois, Brian Epstein recebeu um telegrama pessoal do Príncipe, no qual explicava o seguinte: que realmente havia dito "acho que os Beatles estão cada vez melhores".

Isso demonstra que personalidades famosas ainda faziam referências aos Beatles e se preocupavam quando eram mal interpretadas. Mais que isso, é uma prova de que havia rumores no ar. Todos estavam certos de que os Beatles deveriam estar em declínio. Possivelmente, eles não poderiam manter sempre o mesmo ritmo.

Eles, entretanto, estavam-se saindo como sempre. Passada essa onda de rumores, lançaram novo disco que subiu direto para o primeiro lugar. Em dezembro de 1965, Day Tripper foi gravado e galgou imediatamente o primeiro posto das paradas de sucesso. Era o décimo disco consecutivo do conjunto a atingir tal classificação na Inglaterra.

Naquele mesmo mês, iniciaram sua última tournée pela Inglaterra, apesar de ninguém ter sabido disso. Depois dela, fizeram uma apresentação em Wembley, no dia primeiro de maio de 1966, que foi a última apresentação deles na Inglaterra.

Finalmente, um de seus discos não chegou imediatamente ao primeiro lugar nas paradas de sucessos, apesar de ter chegado lá, uma semana mais tarde. Foi o Paperback Writer, lançado em junho de 1966. E, muito mais surpreende, porque eram muito melhores, Penny Lane e Strawberry Fields Forever, lançados em fevereiro de

1967, nem chegaram ao primeiro lugar. Talvez, porque naquela época, os fãs já soubessem que nunca mais veriam os Beatles cantando em público.

A última apresentação ao vivo, em qualquer parte do mundo, foi no fim de sua última tournée nos Estados Unidos no dia 29 de agosto de 1966.

“Durante aquele último show em São Francisco”, conta Nat Weiss, “Brian estava muito triste. Foi a primeira vez que o vi daquele jeito. Repentinamente, ele me perguntou que faria ele depois dali. — “Que vai acontecer com a minha vida?” — “Será que devo voltar à escola para aprender alguma outra coisa?”.

“Ele estava muito deprimido mesmo. Então suspirou e disse que iria em frente, fazendo qualquer coisa.”

Não houve nenhum desmentido ou confirmação sobre o fim das tournées, quando retornaram à Inglaterra. Isso trouxe alguma confusão e deu origem a rumores de que estariam em vias de se separarem.

O fã-club e o Beatles Monthly ficaram cheios de cartas de fãs. Mrs. Harrison, mãe de George, ficou tão cheia de responder sempre à mesma pergunta que mandou fazer um impresso, afirmando que eles não se iriam separar. Declarava que estavam muito ocupados gravando um LP, que os manteve ocupados até às vésperas do Natal. “Por isso, julgo que eles não têm nenhum plano de dissolver o conjunto. Todos os meus melhores votos. Louise Harrison. (Mrs).”

Decidiram parar por algum tempo, com as viagens. Era coisa difícil, por causa dos contratos já assinados. Arthur Howes estava à espera de outra tournée pela Inglaterra. Os fãs ingleses sentiam-se abandonados, havia muito tempo. Desde que, pela primeira vez, foram apreciados por um público muitíssimo mais numeroso, nas quatro viagens aos Estados Unidos, apresentando-se para enormes platéias ao ar livre, superando em tudo as sete tournées pela Inglaterra, com apresentações em teatros e salões ingleses.

Não tinha assinado nenhum contrato com Arthur Howes. Havia apenas uma esperança natural de que eles continuariam suas

exibições em público por mais algum tempo.

“Sôbre êste assunto”, diz Arthur Howes, “eu acho que a vida de um artista se resume a cinco anos. Porque sempre acontece assim. Passados cinco anos, sua geração já cresceu e existem novos artistas com novas platéias. Os Beatles são diferentes. Êles durarão sempre. Êles nem precisam preocupar-se. Eu me preocupei, quando êles interromperam suas tournées, em 1965. Elas nem chegaram a completar três anos.”

Os maiores teatros da Inglaterra, como os de Manchester, Birmingham ou Glasgow contam cêrca de dois mil e quinhentos lugares. O maior de todos para aquêle tipo de espetáculo é o Hammersmith Odeon, que acomoda quatro mil pessoas.

Mesmo que pudesse comportar dez vêzes mais o número de espectadores, não poderia igualar à lotação do Shea Stadium, que recebeu cinqüenta e cinco mil pessoas para assistir à primeira apresentação dos Beatles.

Não só por causa da grande porcentagem que êles recebiam — cinqüenta por cento —, mas também porque só realizaram tournées por um tempo relativamente curto, Mr. Howes lucrou mais com as excursões de Cliff Richard do que com as dos Beatles. Entre outubro de 1958 e fevereiro de 1963, Cliff Richard fêz onze com Arthur Howes. Entre fevereiro de 63 e dezembro de 1965, os Beatles fizeram sete, sendo seis com Arthur Howes.

“A coisa mais importante que êles conseguiram foi iniciar o intercâmbio na América do Norte, com artistas inglêses. Antes dêles, ninguém havia conseguido obter sucesso lá. Eu trouxe grande número de artistas americanos. Ao passo que lá, nenhum artista inglês se projetou. Ao abrir êsse intercâmbio artístico, os Beatles deram muito lucro ao nosso país.”

Já que se tornou notório para Arthur Howes e outras pessoas que os Beatles não mais realizariam tournées, o conjunto fêz uma declaração pública. Uma das razões apresentadas foi a de que sua música havia-se desenvolvido tanto, usando orquestras completas e

instrumentos eletrônicos, que êles, possivelmente, não mais poderiam tocar num palco.

Isso é verdade. Contudo, o motivo principal era que, já há muito, êles vinham detestando o que estavam fazendo. Estavam saturados de se arrastarem à volta do mundo, aparecendo em público numa caixa de vidro, como um show de marionetes. Achavam que tudo não passava de uma farsa, uma mistificação.

Neil e Mal, encarregados de suas viagens, por sua vez, detestavam as tensões nervosas, o pânico e a confusão. "Os concertos ao ar livre, nos Estados Unidos, era terríveis", lembra Mal. "Certa ocasião estávamos num campo de baseball. Lá se achavam êles, metidos no meio de trinta mil garotos berrando e esperando ouvi-los. Perguntei, então, ao promotor do espetáculo onde estava a tomada. Ele me perguntou: — "Que tomada?". Eu tive de explicar que êles tocavam guitarras elétricas. Entramos em grande agitação, tentando fazer os eletricitistas aprontar a instalação a tempo.

"Quando ameaçava chuva, eu tremia de medo. Se caísse água nos fios poderiam morrer carbonizados. Se parassem o espetáculo, a garotada estouraria como uma manada selvagem.

"Aprendemos a chegar sempre, no último minuto, se não mais tarde", conta Neil. "Se chegássemos cedo, uma multidão congestionava nosso caminho para os camarins. Mas se tivéssemos que correr pois estávamos atrasados e era hora de êles estarem no palco, as pessoas desimpediam o caminho, deixandoos passar. Fizemos isso no primeiro Ed Sullivan Show, em Nova York. Ele estava suando em bicas, convencido de que chegaríamos atrasados. Era um espetáculo ao vivo. Ele botou em mim a culpa de tudo aquilo."

"As vêzes as tournées eram perigosas", diz Ringo, "mas a gente nunca se preocupava muito com isso. Uma vez, no Texas, o avião pegou fogo e assustou todo mundo. Outra ocasião, voamos de Liverpool a Londres com uma janela aberta. Ficamos um pouco preocupados, quando a nossa morte foi prevista numa queda de avião, nos Estados Unidos. Aquilo não foi nada agradável."

Essa profecia foi feita pela mulher que havia previsto a morte do Presidente Kennedy. Houve artistas que se recusavam a viajar no avião dos Beatles. Mal escreveu a última carta à sua esposa, Lil, convencido de que ia morrer.

Em Cow Palace, nos Estados Unidos, nós escapamos por um triz”, continua Ringo. “A multidão avançou e pulou sobre o carro que supunham ser o nosso. Afundaram a capota dele. Nós poderíamos ter sido mortos, mas, na realidade, estávamos a salvo numa ambulância com sete marinheiros. Era assim que a gente deixava os espetáculos naquela época.

“Tudo era um empurra-empurra danado. Tínhamos que sair aos empurrões com a polícia, com o pessoal do teatro, ou com o pessoal do hotel. A gente sempre achava que estava a salvo em nossos quartos próprios, mas lá, a gente tinha de se ver com os empregados que estavam querendo nosso autógrafo. A gente podia vê-los pensando, “por que não? Vocês só trabalharam meia hora hoje.” De fato, tínhamos viajado duas mil milhas desde a nossa última apresentação de meia hora, mas não comíamos nem dormíamos devidamente havia duas semanas.

“A polícia americana era tão chata como qualquer pessoa, com aqueles pedidos de autógrafo. Uma vez peguei um policial enfiando a mão no meu bolso.”

George conta que desde a primeira grande tournée na América, realizada em 1964, eles já estavam começando a desgostar daquilo tudo. Mesmo com o fato de encurtá-las, não as tornava melhores.

“Era como o fim de um ciclo. Em Hamburgo a gente havia tocado oito horas sem parar, e gostamos daquilo. Conhecíamos todo mundo e fazíamos o que queríamos. Aquêles dias eram realmente geniais, as coisas entravam em órbita.

“De volta a Liverpool, a gente não tocava durante tanto tempo, mas ainda era divertido. Cantávamos com a platéia. Nós vivíamos nossas vidas com eles. Nunca ensaiávamos um número sequer. Eventualmente, acabamos tornando-nos mais polidos, mas o Cavern

era fantástico. Tudo era tão espontâneo, as piadas, as risadas. Era tudo tão íntimo!

“Então, veio a época das tournées. A princípio, a coisa era boa. A gente fazia apresentações mais curtas e compondo novas músicas. Mas acabou enchendo. A gente ficou cheio de viajar. Cada dia, era uma platéia diferente, mas continuávamos a fazer as mesmas coisas. Não havia o mínimo prazer naquilo. Ninguém conseguia ouvir nada. Era só uma grande confusão. Pioramos como músicos, tocando aquelas drogas todos os dias. Aquela história toda não tinha graça nenhuma.

“Estava acabando com nossa música”, afirma Ringo. “O barulho da platéia abafava tudo. Às vezes eu tocava em contraponto, em vez de tocar no ritmo. A maior parte do tempo eu não conseguia ouvir-me, apesar dos amplificadores. O barulho era infernal.

“Eles nos colocavam numa posição bêsta nos palcos, porque tínhamos de ficar um longe do outro. Em público, a gente costumava tocar mais rápido que nos discos, especialmente porque não conseguíamos ouvir o que estávamos tocando. Às vezes, eu entrava no momento errado porque não tinha a mínima idéia da parte em que estávamos. Costumávamos a fazer mímica na metade das músicas, especialmente quando a nossa garganta estava ardendo.

“No fim, ninguém mais aturava aquelas tournées. Nem podia. Quando se começa a trabalhar a música ela deixa de funcionar. Para receber é preciso dar. Por vezes, nós mesmos julgávamos que tínhamos sido um fracasso. Não havíamos dado nada. Foi então que decidimos parar, antes que os outros também enjoassem daquilo.”

“Quando a gente se afastava um pouco daquela obrigação”, afirma John, “era como os feriados escolares, em que se ficava sem fazer quaisquer deveres e só se lembrava das diversões. A gente até chegava a sentir um pouco de saudades daquilo. Até que voltasse tudo como era antes e a gente ficava cheio, novamente.

“Aquilo era como o exército. Uma coisa grande, toda igual e pela geral a gente tem de passar. Uma grande chatura. Eu não me recordo de nenhuma tournée.

“Sempre se ficava cheio de tocar. Não vejo uma única razão que justifique a volta delas.”

Paul afirma que êles poderiam fazer um show, se conseguissem inventar um jeito de fazê-lo inteiramente diferente. Mas ninguém encontrou ainda uma nova fórmula para isso. Parece que, sendo assim, Sid Bernstein deverá guardar seus milhões de dólares.

De algum modo, foi um ato de coragem, abandonar a fama no meio da carreira. Pouca gente no show business despediu-se do palco em tais condições. Muitos, freqüentemente, confessam a pretensão de abandonar o público antes que êle os abandone, mas quando o fazem, é tarde demais.

Os Beatles não hesitaram. Encararam aquilo como o fim do primeiro capítulo. Sendo ingênuos e simples, agiram assim, ignorando como seria o segundo capítulo. Sòmente esperavam que êle não incluísse a chatura das viagens e o desconfôrto da beatlemania.

26.A MORTE DE BRIAN EPSTEIN

Como Brian Epstein havia percebido em São Francisco, o fim das tournées dos Beatles representou o fim de um capítulo. Contudo, Brian estava resolvido, e o havia revelado a Nat Weiss, continuar e fazendo qualquer outra coisa. E assim fêz, por algum tempo.

A Nems Enterprises transformara-se numa enorme organização, cuidando de grande número de artistas além dos Beatles — Cilla Black, Gerry e os Pacemakers, e muitos outros. Essa empresa enveredou para o ramo de agências. Assumindo o contrôlo de um teatro — o Saville — continuou a se expandir empresariando artistas.

Apesar de a equipe de Brian haver crescido muito desde os dias de Liverpool, o pessoal mais importante ainda eram os velhos amigos e empresários de Liverpool. Alistair Taylor, seu assistente no balcão da Nems e que assinara como testemunha o contrato dos Beatles, voltava à firma, depois de ter passado algum tempo na Pye Records.

Mais importante ainda, Geoffrey Ellis e Peter Brow, seus maiores amigos de Liverpool, também entraram para a Nems, em Londres.

Geoffrey Ellis, o ex-aluno de Oxford e homem de seguros em Nova York, tanto viu Brian em suas viagens aos Estados Unidos que acabou sendo convencido a voltar para Londres e trabalhar na Nems. Seu conhecimento legal era valiosíssimo para cuidar de todos aqueles contratos. Entrou para a Nems como senior executive, em 1965, tornando-se um dos diretores no ano seguinte.

Pete Brown não saiu da Nems de Liverpool até meados de 1965. Até êsse ponto, nunca tivera qualquer relação com os negócios dos Beatles. Simplesmente continuou como gerente das lojas de discos em Liverpool, que Brian havia abandonado. Entretanto, em junho de 1964, Harry Epstein, pai de Brian, decidiu vender a maioria de suas lojas, apesar de seu outro filho, Clive, ter-se tornado seu diretor-gerente.

Peter Brown também ficou por algum tempo, mas não concordava em tudo com os novos proprietários. Então Brian ofereceu-lhe um emprêgo na Nems Enterprises de Londres. "No comêço fiquei um pouco preocupado com aquela história de novamente trabalhar tão próximo a Brian, pois aquilo poderia levar-nos a novas brigas, como tinha acontecido antes. Todavia, tudo funcionou perfeitamente bem." Êle se tornou o assistente pessoal de Brian, ocupando o lugar de Wendy Hanson.

No início de 1967 Brian comprou uma casa de campo que Peter havia descoberto para êle no Sussex. Esta era uma grande e histórica mansão, em Kingsley Hill, perto de Heathfield. Custou vinte e cinco mil libras.

Contratou ainda uma secretária particular, Joanne Newfield, sobrinha de Joe Loss. Ela trabalhava num escritório em cima de sua casa de Londres, em Chapel Street, Belgravia. Isto era necessário porque Brian fazia grande parte de seu trabalho em casa.

Era êste o panorama da vida de Brian Epstein, no verão de 1967. Estava com trinta e dois anos, rico, boa aparência, encantador, popular e alegre. Tinha um nome feito, conhecido como descobridor de talentos e associado por todos ao sucesso dos Beatles. Tinha muitos artistas e vários interêsses, particularmente o Saville. Suas aventuras lá serviam de assunto por parte da imprensa.

Era completamente feliz e realizado, pelo menos exteriormente. Segundo o Financial Times, no verão de 1967, êle foi avaliado em sete milhões de libras. No entanto, seu valor real acabou mostrando-se muito menor, mas Brian Epstein era rico o bastante para viver despreocupado o resto da vida.

Mrs. Queenie Epstein, a mãe de Brian, chegou a Londres, a 14 de agosto de 1967, a fim de passar dez dias com seu filho mais velho na casa de Belgravia. Retornou a Liverpool em 24 de agosto, quinta-feira.

Estava muito deprimida quando chegou. Seu marido havia morrido no mês anterior, fato que muito abalou Brian. Mudou seu modo de

vida para tornar a estada de sua mãe, em sua casa, o mais feliz e agradável possível. Êle estava preparando um apartamento para ela em Knightsbridge, pois ficou estabelecido que ela devia mudar-se para Londres. Êle desejava que ela ficasse mais perto dêle.

Alterou seus hábitos diários a fim de ser agradável a sua mãe. Em vez de levantar-se muito tarde e ir para cama a altas horas, que se havia tornado um hábito, êle já estava acordado e arrumado, em cada manhã em que ela entrava no seu quarto para abrir as cortinas. Às dez horas mais ou menos, êle e a mãe faziam o breakfast juntos, em seu quarto. Então ela o via sair lépido e fagueiro para seu escritório em Mayfair, que era outra coisa que não fazia parte dos seus hábitos normais, há muito tempo.

Durante os dez dias da estada de sua mãe, ia tôdas as manhãs ao escritório e trabalhava lá o dia todo. Voltava na hora normal e fazia a refeição com a mãe. Assistiam à televisão, tomavam uma xícara de chocolate quente e iam para a cama, antes da meia-noite.

Tanto Jeanne quanto Pete Brown dizem que êle não se aborreceu de fazer isso. É claro que preferia seus hábitos normais; todavia, sabia que aquilo causava prazer à sua mãe. Êle a amava muito e sabia que ela também o amava; por isso, queria que ela se sentisse à vontade durante aquela estada em sua casa.

“Fui visitá-la, cinco dias após sua chegada, na tarde do dia 18 de agosto, sexta-feira. Tomamos chá e conversamos sôbre a infância de Brian. Ambos eram muito carinhosos, mutuamente.

“Êle levou-me até à porta. Falou-me de sua próxima visita aos Estados Unidos e ao Canadá. Êle deveria aparecer como juiz num grande programa de televisão, fato que lhe causava grande alegria. Combinamos que eu passaria o fim-de-semana em Sussex, quando êle voltasse.

“Sua mãe foi embora na quinta-feira seguinte. Aquela noite foi a primeira em que êle saiu, depois de duas semanas, e foi só para um jantar tranqüilo com Simon Napier-Bell no Carrier’s Restaurant, em Islington. O que êle esperava, com ansiedade, era o longo feriado bancário de agosto, a fim de passá-lo em sua casa de campo.

Convidou Simon para acompanhá-lo, mas êle disse que já se havia comprometido a ir à Irlanda.



Os Beatles em casa com suas famílias, fotos tiradas pelo às as fotografia Ringo Starr.Os John Lennon: Julian, Cynthia e John



Pattie e George Harrison (Foto Ringo Starr)

“Brian partiu na sexta-feira, por volta das três e meia”, recorda Joanne. “Era todo sorrisos e estava feliz. Desejou-me um bom fim-de-semana e recomendou-me que queria ver-me na terça-feira.

Vi-o sair dirigindo sua Bentley, acenando para mim, enquanto se distanciava.”

Ela sabia que seus dois maiores amigos e colegas, Peter Brown e Geoffrey Ellis, também iriam passar o fim-de-semana em Sussex com Brian. Mais tarde, Peter contou-lhe que iria muito mais tarde do que pretendia. Com isso, ela percebeu que Brian ficaria sozinho, por algumas horas. Ela esperava que Peter não se atrasasse demais para o jantar.

“Cheguei na hora do jantar”, diz Peter. “Comemos muito bem, só nós três, bebemos uma garrafa de vinho e umas duas doses de Pôrto depois.

“Eu tencionava levar algumas pessoas comigo, mas no último momento elas não apareceram. Brian ficou muito desapontado com isso. Era seu primeiro fim-de-semana no campo, coisa que não fazia há muito tempo. Pretendia divertir-se, conhecendo novas pessoas. Não se mostrou muito animado com a perspectiva de passar os feriados com os seus dois maiores amigos.”

Deu alguns telefonemas para Londres, tentando localizar algumas pessoas. Porém era uma noite de sexta-feira, antes do longo feriado bancário e ninguém estava em casa. Por volta das dez horas, Brian resolveu voltar a Londres.

Não era uma decisão tão estranha como parecia. Era uma coisa típica d'ele essas mudanças repentinas de idéia e vontade. Era freqüente êle deixar suas próprias festas no meio, nas quais gastara semanas de preparação. No que se referia a Brian, o fim-de-semana em Sussex iria ser chato, depois de êle ter feito tantos projetos para aqueles dias de folga. Londres parecia ser o único lugar onde êle poderia encontrar alguma diversão.

“Acompanhei-o até seu carro”, continua Peter Brown. “Comentei com êle que era loucura voltar àquela hora para Londres. Êle recomendou-me para não ficar preocupado. Pois tudo corria bem.

Ele estava um pouco alto, tinha comido bem, mas não havia nada de anormal. Disse que eu não me assustasse pois estaria de volta na manhã seguinte, antes de eu me ter levantado.”

Pouco depois de sua partida, chegou um grupo de visitantes, vindo num táxi de Londres, em resposta a um dos seus telefonemas. Mas era tarde, ele tinha ido embora, apesar de Peter Brown ter pensado que ele poderia limitar-se a dar uma volta pelas redondezas e voltar logo. À meia-noite e meia, como ele ainda não tivesse retornado, Geoffrey começou a telefonar para Chapel Street, a fim de verificar se ele já havia chegado. Antônio atendeu o telefone. Ele e sua mulher, Maria, eram, respectivamente, o mordomo espanhol e a empregada de Brian. Antônio confirmou que Brian havia voltado. Ligou o telefone interno para o quarto dele a fim de avisar que Mr. Ellis estava ao telefone; ele, porém, não atendeu. Geoffrey e Peter não se preocuparam. Ficaram satisfeitos com o fato de Brian ter chegado sem incidentes e de agora, com certeza, estar dormindo.

No sábado, Peter Brown e Geoffrey Ellis levantaram-se tarde em Sussex. Brian não havia voltado. Na verdade, não contavam com isso. Eles nem se preocuparam em telefonar-lhe, pensando que ele ainda estivesse dormindo. Mas o próprio Brian telefonou para Peter, por volta das cinco horas de sábado.

“Pedi muitas desculpas por não ter voltado, como havia prometido. Contou que dormira o dia todo e que ainda se sentia meio zozzo. Aconselhei-o que seria melhor ele não voltar dirigindo até Sussex. Seria preferível tomar um trem para Lewes. Eu iria esperá-lo lá. Concordou comigo, porém disse que se sentia com muita moleza para partir. Sempre que ele despertava, depois de ter tomado pílulas para dormir, ficava zozzo. Então comunicou-me que telefonaria mais tarde, quando estivesse mais disposto. Assim, eu sabia que ele estava saindo de casa. Deixamos a questão neste pé.” Brian não telefonou mais.

Domingo, na hora do almoço, como Brian não tivesse levantado, Antônio e Maria começaram a ficar preocupados. Não era fora do comum ele ficar dormindo até a hora do almoço. Entretanto, ele não saía mais do quarto, desde que chegara, na sexta-feira à noite.

Sua Bentley ficou no mesmo lugar, durante todo o fim-de-semana. Eles se lembram de ter notado isso. Também não ouviram nenhum ruído no quarto de Brian, a não ser por volta da hora do chá, no sábado, quando ele telefonou para Peter. Os empregados disseram que saberiam se ele tivesse saído depois daquilo.

Ao meio-dia e meia de domingo, tentaram telefonar para Peter, em Sussex, a fim de contar-lhe de suas preocupações, mas Peter saía para ir a um bar. Então telefonaram para a casa de Joanne, em Edgware.

“Maria falou comigo e parecia muito preocupada. Ela dizia que Brian estivera muito tempo em seu quarto, o que não era comum. Eu fiquei muito preocupada. Telefonei para Peter, e não consegui falar com ele. Então liguei para Alistair Taylor e contei-lhe tudo. Disse que estava indo para a casa de Brian e encontrá-lo-ia lá. Tentei falar com o médico de Brian. Ele havia ido para a Espanha. Então, fui tirar meu carro da garagem.”

Peter e Geoffrey voltaram do bar, pouco antes das duas horas, e a empregada tinha vários recados para eles.

“Telefonei para Chapel Street”, continua Peter, “e falei com Antônio — que me falou o quanto estavam preocupados a respeito de Brian. Disse que Joanne e Alistair estavam indo para lá. Eu disse-lhe que não havia nenhum motivo para preocupações. Eu achava que Brian havia saído sábado de noite, e ainda estava dormindo por causa do cansaço. Disse que estavam assustados, sem razão. Pedi-lhe que poupasse aquela viagem a Alistair, se ele pudesse.”

Joanne chegou a Chapel Street. Encontrou Antonio e Maria ainda muito nervosos apesar das palavras de Peter. Ela telefonou para Peter. Ele reafirmou-lhe que não havia motivo para susto. Que ela devia telefonar para seu médico e pedir-lhe que fôsse lá, por via das dúvidas.

Quando o médico chegou, ela telefonou novamente para Peter Brown. Peter ficou no telefone, esperando para ouvir o que o médico tinha a dizer.

“Eu e o doutor entramos”, conta Joanne. “O quarto estava escuro e eu vi Brian, deitado em sua cama. Ele estava deitado de lado, com as costas viradas para nós. O doutor me empurrou para fora do quarto. Eu saí e fui dizer a Antônio e Maria que estava tudo bem, que Brian estava apenas dormindo.

“Então, o médico saiu do quarto, pálido e trêmulo e, dizendome que Brian estava morto, encaminhou-se para o telefone, a fim de falar com Peter.”

“Ele não conseguia falar”, diz Peter. “Com isso eu previ o que havia acontecido.”

Peter e Geoffrey, imediatamente, entraram em contato com os Beatles, em Bangor. Em seguida, tomaram o carro e voltaram para Londres. Uma hora depois de o corpo ter sido encontrado, o Daily Express telefonava para se certificar da morte de Brian. Disseram ao jornal que aquilo era mentira.

No dia seguinte a notícia estava na primeira página de todos os jornais. O obituário do Times tomava três colunas no alto da primeira página. O povo, em geral, pensava que fôsse suicídio. É sempre reconfortante para aqueles que nunca tiveram riqueza, fama ou poder, pensar que aqueles que os têm não são verdadeiramente felizes.

Brian Epstein podia ser muito feliz e muito infeliz. Sua infelicidade não havia sido causada pelos Beatles nem pelo sucesso.

“Em Liverpool ele era dado a depressões nervosas”, lembra Peter Brown. “Não tão ruins ou freqüentemente quanto mais tarde. Contudo, ele as sentia, antes do aparecimento dos Beatles.”

Esse estado mental ele sempre teve, durante toda a sua vida. Mas foi no ano anterior à sua morte, em agosto de 1967, que as coisas se manifestaram aparentes.

“Quando ele estava nesse estado de depressão”, conta Joanne, “bastava a mínima coisa para deixá-lo fora de si. Uma vez, ele estava tentando falar com Nat Weiss, que se achava em Londres,

vindo de Nova York. Então foi ao hotel em que Nat estava hospedado, em Grosvenor Square, e não conseguiu encontrá-lo. Voltou furioso e começou a telefonar para o hotel. Por engano, eu lhe dera o número errado — eu dei MAY 6363, em vez de GRO 6363. Não consegui nada, com isso. Quando descobri meu êrro, ficou irritadíssimo.

Peter Brown diz que o problema de Brian era de êle ser um amante da perfeição. Se alguma coisa desse errada, ou se as pessoas interferissem ou estragassem planos perfeitos, transtornava-se completamente. Êle era muito meticuloso, exato e organizado. Aquêles memorandos aos Beatles, dizendo-lhes onde deveriam apresentar-se, para não dizerem palavrões no palco, eram modelos de eficiência.

À medida que a Nems crescia, Brian tinha que delegar atribuições. Grande número delas não saía a seu gôsto —especialmente, pelo fato de êle ter o hábito de empregar as pessoas usando pressentimentos, em lugar de contratá-las, baseado em seus conhecimentos e experiência. Êle sempre procurou manter seus artistas principais para si mesmo. Era totalmente personalista com os Beatles. Chegava ao ponto de não gostar, quando as secretárias se tornavam muito familiarizadas com êles. Só nos últimos meses antes de sua morte foi que deixou Peter Brown, seu assistente, ter contatos pessoais com êles.

Desde o início de 1967, abandonara em grande parte seu compromisso diário com a Nems, exceto com os Beatles. Contratara Robert Singwood, um australiano, para ser seu codiretor. Era êle quem dirigia a Nems, nos assuntos de rotina, simultâneamente com os outros diretores, Vic Lewis, Bernard Lee, Geoffrey Ellis e seu irmão, Clive Epstein.

Seu relativo afastamento da Nems veio pouco depois de os Beatles terem parado com as tournées. Fora o Saville Theatre, que nunca foi um sucesso financeiro, nada tomou o lugar de sua afeição pelos Beatles. Êle, porém, ainda estava procurando algo, como quando entrou para a RADA e, mais tarde, quando abandonou tudo para cuidar dos Beatles. Era novamente o velho impulso criador que vinha

à tona. Não há nada mais desalentador do que ver frustrado um desejo criador, ansiando por pequena possibilidade de satisfação. Isso foi o que aconteceu a êle, com os seus casos amorosos e com a maioria de seus prazeres.

Houve uma chance de se tornar diretor, quando John Fernald, o ex-diretor da RADA, que havia tomado Brian como aluno e a quem Brian chamaria mais tarde para trabalhar no Saville, caiu doente durante os ensaios da peça *A Smashing Day* e Brian assumiu a direção.

“Êle estava doente naquela época, recuperando-se de icterícia, e assim mesmo atirou-se aos ensaios completamente”, conta Jeanne. “Acho que nunca o vi tão feliz, durante os três anos em que trabalhei com êle. Ficou acordado a noite tôda, em companhia dos atôres, esperando as críticas e adorou cada minuto daquela espera.” Mas a peça logo saiu de cartaz.

Seu espírito criador nunca encontrou outra possibilidade de expansão. Não sabia o que estava procurando, e nada aparecia — como os Beatles haviam aparecido. Ao invés disso, tudo o levava para uma estrita vida de homem de negócios. Esta foi a razão principal de êle ter-se afastado tanto da Nems.

“Na verdade, êle não gostava mesmo de ser um homem de negócios”, continua Joanne. “Êle detestava as reuniões. Êle queria criar. Costumava até cancelar as reuniões mais importantes. Às vêzes eu tinha de dizer que êle estava doente, ou tinha uma conferência mais urgente. A verdadeira razão era que êle ainda estava na cama, depois de ter passado a noite tôda com insônia. Era bem chato. Êle me deixava bilhetes determinando quais as reuniões que eu deveria cancelar. Numa semana, tive de cancelar quatro vêzes um encontro entre êle e Bernard Delfont. Não sei o que êle deve ter pensado disso.”

Havia outras coisas que lhe davam grande prazer. Adorava sua casa de Kingsley Hill, a casa de Sussex. Também adorava touradas. Êle apoiava um toureiro, e estava financiando um filme sôbre touradas na época de sua morte.

Outras coisas êle fazia para atender a caprichos ocasionais, como as drogas e o jôgo. Êle recentemente tomou LSD várias vêzes, depois os Beatles lhe contaram o efeito que êles sentiram. Parece que abandonou o LSD, mais ou menos na mesma ocasião que os Beatles — e foi muito antes de sua morte.

Êle tinha espasmos de uma febre de jôgo. Gostava dêle e era bem sucedido. Joanne freqüentemente encontrava um bilhete, quando chegava de manhã, juntamente com uma pilha de dinheiro, talvez por volta de trezentas libras. "O bilhete me dizia para ir ao banco depositar sua felicidade."

Peter Brown, que freqüentemente o acompanhava, diz que êle era um bom jogador, pois sabia quando devia parar. "Isso acontecia porque na verdade êle não era levado pelo jôgo. Aquela vontade de jogar era para poder ir a algum lugar tarde da noite e encontrar gente."

Fora os Beatles e Cilla Black nenhum de seus artistas duraram muito como estrêlas. Vários logo desapareceram completamente. Alguns naturalmente ressentiam sua excessiva preocupação com os Beatles e também, quando deixou praticamente a Nems, sua falta de atenção aos interêses dêles. Brian lamentava isso tanto como qualquer um dos artistas. Chegava a fazê-lo sentir-se um pouco culpado. "Êle acreditava em muitos dêles", prossegue Joanne. "Acreditava honestamente. Êle lhes prometia grandes coisas, de uma forma absolutamente sincera. Êles iam embora novamente esperançosos. Dentro de poucos meses voltavam, acusando-o de tê-los deixado entregues à sua própria sorte."

A única briga séria que teve com qualquer artista foi, irônicamente, não com os que não se estavam saindo bem, mas com Cilla Black, sua estrêla mais bem-sucedida.

Ela vinha sentindo, há algum tempo, que não estava recebendo de Brian a mesma atenção de antes e da qual se achava merecedora. No início do verão de 1967, ela achou que já agüentara o bastante. Brian tinha ido a qualquer lugar, deixandoa novamente. Então, já que era assim, ela iria deixá-lo.

Como Brian estava fora, Peter Brown foi o primeiro a tomar conhecimento de sua decisão. Ele sabia o quanto aquilo abalaria Brian e estava preocupado em contar-lhe. Chegou até a pedir conselho ao médico de Brian, que o recomendou a contar-lhe lenta e cuidadosamente. Quando Brian soube da história, cometeu o erro de deixar outros irem primeiro tentar acalmá-la, mas eles acabaram encontrando-se em Chapel Street. Depois de horas de discussão com Cilla, e depois de acordos, tudo ficou resolvido. Os dois se tornaram mais amigos do que nunca, e assim permaneceram até a morte dele. Cilla acabou percebendo que de qualquer jeito nunca teria deixado Brian.

Nunca houve brigas com qualquer dos Beatles. Ele sempre os adorou, e era estimado por eles. Mas com o fim das tournées, seu principal ponto de contato deixou de existir.

Eles ainda se encontravam bastante. Qualquer decisão sobre os negócios do conjunto passava por suas mãos. Mas no fim de 1966, suas preocupações eram com eles mesmos, buscando descobrir o tipo de vida que levariam, que deveriam fazer. Foi quando as drogas e a religião começaram a tomar conta de suas vidas. Por vários meses, quase eles se tornaram ermitões, limitando-se a só se verem mutuamente.

Brian seguiu seu caminho. Um caminho completamente diferente, em muitos aspectos, do deles. Se ele não tivesse sido empresário do conjunto, é pouco provável que eles se tivessem tornado amigos. Brian era de uma classe, de idade e passado diferentes, com outras atitudes diante da vida e em relação aos prazeres. Durante cinco anos, entretanto, sua vida e seu trabalho tinham sido dedicados a eles. Quando tudo terminou, os Beatles eram outros, e estavam casados. Ele ficou só, ensimesmado, com suas próprias preocupações, nas quais não tivera muito tempo para pensar, durante tanto tempo.

Os Beatles não tinham a mínima idéia da vida que ele estava levando, naquele último ano. Ele ficara cada vez mais viciado nas pílulas, à medida que as preocupações, reais e imaginárias, se

apoderavam d'ele. Ficaram surpreendidos ao saber, muitos meses depois de sua morte, que ele só ia ao escritório raramente, e poucas vezes se levantava e saía com a luz do dia. Também ignoravam por completo a vida pessoal de Brian.

Souberam que ele estivera deprimido no início de 1967, mas acharam que a crise havia passado. Quando o encontravam, Brian se mostrava muito feliz. Pois seu maior prazer era estar com eles. Ele adorava ter de fazer qualquer coisa para eles.

"Eu e Pattie passamos uma semana de férias com ele no sul da França, em 1966", conta George. "Quando chegamos, ele tinha tudo programado, as refeições, as visitas, os lugares aonde iríamos durante toda a semana. Um dia chegou um avião particular, pois ele se preparara para levar-nos a uma tourada.

"Ele sempre foi assim. Gostava tanto de agradar as pessoas, que organizava tudo até os últimos detalhes." Quando oferecia um jantar, chegava ao cúmulo de descobrir qual o cigarro preferido de cada pessoa, e os colocava na mesa, próximos aos pratos."

Pattie conta que uma vez ouviu Joanne referir-se sobre a quantidade de pílulas que Brian estava tomando. "Eu perguntei se ela ou Peter não davam um jeito de parar aquilo, mas ela respondeu que nada podiam fazer. Eu pedi a George que ele conversasse com Brian, sobre o assunto, e ele respondeu que não adiantaria nada."

Brian, desde os tempos do Cavern, no princípio era mais atraído por John. Foi o único que passou um fim-de-semana só com ele, quando foram juntos à Espanha, deixando Cyn em Liverpool.

Suas relações com Paul eram mais cerimoniais. O próprio Brian sentia isso. Ele precisava desdobrar-se ao lado de Paul. O próprio Paul também admitiu isso certa ocasião. "Creio que Paul pensa que sou mais chegado a John do que d'ele. E isso era verdade. Antes foi assim, mas agora eu gosto de ambos igualmente." Costumava dar a Paul presentes generosos. E eles raramente o presenteavam.

"Paul era o único que lhe causava pequenas preocupações", conta Joanne, "quando telefonava para se queixar de alguma coisa ou perguntar algo. Os outros poderiam perguntar exatamente a mesma

coisa, mas sempre era mais cuidadoso em agradar Paul. Êle preocupava-se quando falava com Paul pelo telefone, e isso jamais aconteceu, quando falava com os outros.”

O motivo disso foi, provavelmente, pelo fato de em 1967, pela primeira vez, Paul se ter interessado pelos negócios. Antes, George tinha sido o único a examinar contratos e discuti-los com êle, como quanto estavam ganhando e por que não ganhavam mais. George, quando começou a interessar-se por religião, deixou de preocupar-se completamente com as coisas materiais.

Brian estava sempre envolvido, e, vez por outra, não gostava da maneira como êles faziam as coisas, tão complicadas — como a capa para o Sargeant Pepper.

Na primavera de 1967, estando em Nova York, Nat Weiss afirma que Brian teve um pressentimento de sua morte. No Kennedy Airport, êle pensava que seu avião cairia sôbre o Atlântico. Pouco antes de partir, escreveu um bilhete para Nat Weiss entregar aos Beatles, como seu último desejo em caso de sua morte. O bilhete, que Nat Weiss guarda ainda, pede: “Sacos de papel pardo para a capa do Sargento Pepper.”

Como o desastre não ocorreu, os Beatles jamais conheceram o grau de importância que dava a coisas tais como à capa do Sargeant Pepper, como, igualmente, nunca souberam nada a respeito de seu último ano.

Um tribunal de Westminster, no dia 8 de setembro de 67, declarou que a morte de Brian Epstein fôra acidental. Êle havia morrido intoxicado por bromido, componente de umas pílulas que êle vinha tomando há algum tempo. A droga chamava-se Carbital. A porção de bromido encontrada em seu corpo era apenas “um baixo teor fatal”, mas êle ingerira “doses excessivas, sem o devido cuidado”, que eram em quantidade suficiente para matá-lo.

Seu corpo mostrava que não houve uma dose excessiva, mas sim uma série de grandes doses. Confirmaram, no tribunal, que êle tomava drogas, na forma de pílulas para dormir, porque sofria de uma insônia permanente.

Em seu corpo, foram encontrados uma droga antidepressiva, barbitúricos e bromido. A polícia encontrou em sua casa dezessete vidros de comprimidos desta espécie, sendo sete ao lado de sua cama, oito no banheiro e dois numa pequena mala.

Os médicos afirmaram que a quantidade de bromido que êle vinha tomando era suficiente para deixá-lo zozzo e esquecido. Brian morreu com uma dose excessiva acidental.

Não há a menor dúvida disto. Os laudos médicos concluem pelo fato de vir tomando drogas três dias seguidos. Tratando-se de suicídio, toma-se apenas uma grande dose.

É muito pouco provável êle ter-se suicidado, ainda mais, na ocasião em que sua mãe enviudara recentemente. Alguns pormenores ainda são desconhecidos. No entanto, desconhecem-se a ocorrência de alguma ou razões para depressões profundas. Havia apenas uma depressão relativa, causada por êle achar que seu fim-de-semana seria aborrecido.

As exéquias de Brian Epstein foram realizadas na New London Synagogue, em Abbey Road, St John's Wood, no dia 17 de outubro de 1967.

Foi um bom lugar, a pouca distância dos estúdios da EMI (onde todos os discos dos Beatles, até à morte de Brian, haviam sido gravados), e ao dobrar a esquina depois da casa de Paul na Cavendish Avenue.

Também, não era longe da estação do metrô de St John's Wood, onde fica o telefone público mais próximo da casa de Paul. Brian usou aquêles aparelhos duas vês em sua vida. A primeira vez foi em 1962, quando saiu correndo dos estúdios da EMI e telegrafou aos Beatles em Hamburgo, com a grande notícia sôbre o primeiro disco do conjunto. A outra foi cinco anos mais tarde, pouco antes de sua morte. Êle tinha ido a casa de Paul, não conseguindo encontrá-lo. Os fãs tinham aborrecido Paul o dia todo, e, por êsse motivo, êle deixara de atender à porta. Brian foi obrigado a procurar um

telefone público, e avisando-lhe que êle queria entrar. Brian sempre achou que essa história era muito interessante.

George, quando soube da morte de Brian, disse que aquilo foi o mesmo que o fim de um filme antigo. "Você sabe, quando se vira a última página de um livro para ver que se chegou ao fim, ou pelo menos de uma parte e se irá entrar noutra. Assim foi a morte de Brian, o fim de um capítulo."

27.OS "BEATLES" DAS DROGAS AO "MAHARISHI"

Quando acabaram as tournées, êles não tinham a mínima idéia de como seria o capítulo seguinte. Eram decorridos dez anos, de 1956 a 1966, vivendo uma vida em comum. Ainda se estimam muito reciprocamente. Continuariam a gravar juntos. Todavia, como indivíduos sentiam que era chegada a hora de cada um procurar sua vida particular.

George foi o primeiro. No mês que seguiu o fim das tournées, em setembro de 66, partiu para a Índia com sua mulher. Pela primeira vez, havia encontrado um motivo sério, não partilhado pelos outros.

John aceitou um papel no filme *How I Won The War*. Êle sempre gostara de Dick Lester, apesar de não ter detestado fazer os dois filmes dos Beatles. Dizia que nêles se sentia como um extra. Mas ainda julgou que representar era a novidade que procurava. Gostava também da idéia de um filme contra a guerra, questão sôbre a qual tinha pontos de vista bem definidos.

Ringo, o mais caseiro e de mentalidade familiar de todos êles, começou a aumentar sua casa e sua família. Paul era o único que se sentia de fora daquilo tudo. Invejava George e gostaria de ter alguma coisa séria, como a música indiana, para se ocupar. Pintou um pouco e experimentou fazer decoração, sem muito interêsse. Tentou pensar em Deus, mas não chegou a uma conclusão. Então decidiu fazer música para um filme, *The Family Way*, para ver se gostava de escrever música de filmes, mas enjoou. Depois daquilo, partiu para uma longa viagem através da África.

A paixão de George crescia. John logo descobriu que não gostava de representar, e também hem da maioria dos atôres. Êle e Paul estavam novamente em busca de alguma coisa. Não tinham a mínima vontade de se aposentar da vida, como milionários de vinte e cinco anos. E tanto evitaram a disciplina e o conhecimento formal, do estilo que uma Universidade lhes poderia ter dado, que não

sabiam por onde começar. Material e emocionalmente, estavam com cem anos de idade. Foi aí que se entregaram às drogas. Através delas, descobriram coisas sobre eles, por si mesmos.

Tinham tomado bolinhas de várias dosagens, desde seus primeiros dias em Hamburgo. Também haviam fumado, ocasionalmente, um cigarro de maconha, do mesmo jeito como as pessoas tomam uma bebida. Nenhum deles bebia, a não ser vinho numa refeição, uma vez ou outra.

George e John entraram no LSD, por intermédio de um amigo, em 1965, sem perceberem que o haviam tomado. "Era como se eu nunca tivesse saboreado, falado, visto, pensado, ou escutado devidamente antes", diz George. "Pela primeira vez eu estava inconsciente."

Tomar drogas não interrompeu sua música. Agora eles se achavam novamente juntos. Chegaram à conclusão de que muitas coisas, como representar, não funcionavam. Começaram a trabalhar em seu disco mais ambiciosamente do que nunca, nele deixando transparecer muitos traços de seu interesse pelas drogas. Era o Sargeant Pepper's Lonely Hearts Club Band.

Estavam novamente juntos, todos recomeçaram a trabalhar. Durante essas sessões, tiveram a idéia de fazer um filme para a televisão. Por mais de um ano, vinham adiando seu terceiro filme, e tudo com o que não se importavam, como tournées e apresentações pessoais. Muitos roteiros foram escritos e depois rejeitados. O último foi o do falecido Joe Orton. (Ele foi grande admirador dos Beatles. A Day In The Life foi tocada em seu enterro.) Eventualmente, chegaram à idéia de que seria melhor eles mesmos escreverem seu roteiro.

Paul pensou em fazer um filme para a televisão, em abril, quando voava de volta a uma visita a Jane, feita para comemorar os vinte e um anos dela, que estava em tournée pelos Estados Unidos com o Old Vic. Teve a idéia de eles entrarem num ônibus e verem no que dava aquilo. O clima seria mágico, e, com isso, poderiam fazer o que bem entendessem. E misterioso, pois ninguém saberia para onde eles se dirigiam, nem o que iriam fazer. Chegou até aí. Os outros

concordaram com isso, mas não pensaram mais no assunto nos seis meses seguintes.

George, nessa época, havia-se mergulhado na música indiana, que aparece no Sargeant Pepper, e ainda estava se tornando profundo conhecedor da religião indiana. Sua mulher, Pattie, seguia-o em tudo. Na verdade ela foi a primeira a ter contato com o Maharishi.

Ela confessa que o interêsse dêles pela religião teve início, por acaso, no decorrer da viagem à Índia, em setembro de 1966. Esta viagem, que foi feita simplesmente para que George estudasse música indiana com Ravi Shankar, começou também por acaso. No filme Help, há uma cena em que aparecem vários instrumentos musicais pouco comuns. George, aborrecido com a filmagem, divertiu-se tentando tocar uma citara.

Na Índia, além de estudar citara, George também conheceu o guia espiritual da Ravi, Tat Baba, que lhe explicou a lei do Karma. (Lei da ação e reação). "Conhecê-lo e ler a Autobiography of a Yogi, assim como as sete semanas com Ravi, "foram as melhores coisas espirituais que já senti. Melhores mesmo do que as drogas."

Na Inglaterra, George e Pattie tinham lido livros sôbre religião, um interêsse que nasceu depois da primeira experiência dêle com o LSD. Começou com Aldous Huxley e, pouco a pouco, foi entrando pelos conceitos orientais.

Em fevereiro de 1967, Pattie entrou para o Spiritual Regeneration Movement, por própria vontade. Na mesma época, George lá compareceu, mas não se iniciou no Movimento, pois estava indeciso. "Eu andei tentando aprender a meditar através de livros", conta Pattie, "mas o negócio não estava adiantando muito. Um dia, uma amiga me falou da meditação transcendental, e eu fui assistir a uma conferência no Caxton Hall. O próprio Maharishi não estava presente. Apenas uma outra pessoa falou sôbre o seu trabalho, e, mesmo assim, entrei para o Movimento. Aquela conferência não foi muito inspiradora. Porém, a meditação transcendental me pareceu um processo óbvio e simples. A partir dali, adquiri todos os escritos do Movimento, de sorte que, por êles, tomei conhecimento da conferência de verão a ser realizada em Bangor."

George, no intervalo, não só contava aos outros sobre o que estava lendo, como também procurava alguém para explicar-lhe os pontos obscuros e colocá-lo no caminho certo.

George chegou ao ponto de ir para uma parte deserta de Cornwall, depois de ter lido um livro sobre comunicação cósmica. Passou várias horas subindo uma alta colina — mas nada aconteceu. Ele ouvira falar de muitas pessoas — Ocidentais e Orientais — e de suas idéias, mas nenhuma delas lhe pareceu verdadeira, até que apareceu o Maharishi.

É importante ressaltar que eles já tinham muitos conhecimentos, bem antes de o Maharishi aparecer. Ele não os converteu, nem os absorveu. Apenas passou a dirigi-los, contando-lhes muitas coisas que desconheciam. Apareceu na vida deles numa época em que eles o procuravam.

Contudo, toda essa atividade espiritual não os impedia de fazer seu trabalho normal de Beatles. Fizeram uma música, *All You Need Is Love*, em julho de 1967, para um programa mundial de televisão chamado *Our World*, que foi assistido ao vivo por cento e cinquenta milhões de pessoas.

Seu despertar espiritual teve um efeito concreto. Por volta de agosto de 1967, haviam abandonado as drogas. Pelo pensamento ativo, leitura e discussão de coisas espirituais, decidiram que os estimulantes artificiais, como as drogas, não eram um verdadeiro auxílio. E, portanto, era melhor continuar sem elas. Não se arrependem de ter tomado drogas. E revelam que, numa determinada época, elas lhes tinham sido úteis. E, a partir de outra, perderam toda a utilidade. Esse abandono delas não tem relação alguma com Maharishi. Eles o fizeram por conta própria. Ele só confirmou e deu razões mais lúcidas para a decisão deles.

Era irônico o fato de os quilômetros quadrados de artigos impressos, escritos por médicos e escritores importantes, prevenindo sobre as drogas — depois de Paul e de Brian terem-se iniciado no uso do LSD — ter sido completamente esquecido com o espiritualismo funcionando .

No mês de agosto de 1967 foi publicado em vários jornais que o Maharishi estava em Londres e faria conferências públicas. “Isso parece ter sido uma decisão repentina”, conta Pattie. “Aquêles folhetos que nós tínhamos não revelavam que êle estava em Londres, ou mesmo que viria para a conferência em Bangor. Quando soube com certeza, disse a George que teríamos de ir lá.”

Mas George já tinha conhecimento, por intermédio de outras pessoas, de que o Maharishi estava em Londres. Entrou em contato com os outros e disse que todos êles deveriam ir assistir à sua palestra, no Hilton Hotel.

Isso se deu na terça-feira de tarde, 24 de agosto de 1967. Mais tarde o Maharishi convidou-os para a conferência de seu movimento a ser realizada em Bangor, no sábado. Êles aceitaram o convite.

Falaram a Brian Epstein a respeito de Maharishi e seu movimento de meditação transcendental, e o quanto estavam impressionados com aquilo. Brian mostrou-se interessado em comparecer também. Apareceria mais tarde, pois a reunião fôra programada para durar dez dias. É que êle estava muito mais interessado em aproveitar bem o feriado bancário de agosto, em sua casa de campo, com um grupo de amigos.

A notícia de que os Beatles estavam indo para Bangor em companhia do Maharishi veio a público. O que pensaram que fôsse uma experiência espiritual particular acabou se transformando num carnaval. Era comparável aos dias das tournées, que pensavam ter abandonado há um ano.

A Euston Station estava lotada com milhares de fãs e jornalistas, a fim de ver os Beatles partir, ao que o Daily Mirror chamou no dia seguinte de Mystical Special, ou seja, o trem de três e cinco para Bangor, North Wales.

A balbúrdia foi tão grande, que Cynthia Lennon foi deixada para trás, na plataforma, incapaz de atravessar a multidão e juntar-se a John. Um policial empurrava-a para trás, confundindo-a com mais uma admiradora.

No trem, socados num compartimento de primeira classe, estavam John, Paul, George e Pattie, Ringo, Mike Jagger, Marianne Faithfull e Jenie Boyd, a irmã de Pattie. Ringo chegou atrasado. Sua mulher acabara de ter o segundo filho e ainda estava no hospital. Não havia ficado esclarecido se êle iria com o grupo. "Eu telefonei para Maureen, no hospital, e ela me disse que eu tinha de ir. Eu não podia perder aquilo."

A decisão foi muito repentina. Brian Epstein sabia, mas não se envolveu. Os sempre assíduos Mal e Neil não foram levados. Por cinco anos, êles nunca haviam ido a parte alguma sem Brian ou outra pessoa qualquer tomando conta dêles. "Isto foi como ir a algum lugar sem calças", lembra John.

Ficaram sentados durante horas, com mêdo de ir ao lavatório, pois poderiam ser envolvidos pela multidão. E não tinham a mínima idéia do que acontecera com sua bagagem. Nenhum dêles parecia ter dinheiro. Ficaram imaginando o que o Maharishi lhes diria. John achava que talvez êle mostrasse ser apenas uma versão do que êles já sabiam, mas com um rótulo diferente. "Vocês sabem, né. Como alguns caras são da Decca e outros da EMI."

George respondeu, muito sério, que discordava. Isso. Êle estava certo de tudo aquilo. Mike Jagger continuava sentado e muito quieto. John disse que se o Maharishi o mandasse partir e ficar sentado numa caverna na Índia, o resto de sua vida, iria poupá-lo de continuar a trabalhar como Beatle. "Mas aposto que isso não acontecerá. Êle só me mandará partir e escrever Lucy In The Sky With Diamonds."

Em outro compartimento, o Maharishi estava sentado de pernas cruzadas sôbre um lençol colocado na poltrona por seus seguidores. Êle se sacudia para cima e para baixo quando ria, o que acontecia na maior parte do tempo. Admitiu nunca ter ouvido a música dos Beatles, em tôda a sua vida. Contaram-lhe que êles e Mike Jagger eram famosos. Êle ficou muito confuso quanto ao fato de êste último ser um Rolling Stone, pois não sabia o que isso significava.

Os Beatles acabaram indo para o compartimento dêles. Ria muito enquanto conversava com êles. Ilustrou sua conversa tomando uma

flor nas mãos e dizendo que ela era na verdade apenas fôrça. As pétalas tomadas isoladamente eram apenas ilusão, como a vida física.

Disse que a meditação transcendental, que lhes ensinaria em Bangor, era simplesmente um modo de se alcançar rápida e facilmente um estado espiritual. Uma vez aprendida, só precisariam praticá-la por meia hora, cada manhã. Aquilo bastaria para o dia inteiro. Êle a comparava a um banco. Pois o sujeito não precisa carregar dinheiro consigo, quando o tem no banco. Basta sacar para conseguir o desejado."

"E o que acontece se o cara fôr fominha", perguntou John, "e fizer mais meia hora de meditação depois do almoço e meia hora depois da hora do chá?"

Todos riram. Os Beatles foram tomar chá, enquanto Mike Jagger e as garôtas tinham sua entrevista com o Maharishi. Um garçom isolou parte do carro-restaurant para êles, usando uma corda. Assim mesmo, algumas pessoas conseguiram passar, a fim de pedir-lhes autógrafos.



Paul McCartney e Jane Asher (Foto Ringo Starr)



Os Ringo Starr: Jason, Maureen, Zak e Ringo (Foto Ringo Starr)

— “Para que vocês estão indo a Bangor?” —, perguntou um dos adolescentes, incapaz de acreditar que alguém quisesse ir a Bangor, muito menos os Beatles. — “Vocês vão tocar lá?”.

— “Exatamente” —, respondeu Ringo. — “No Pier Head, às oito e meia, na segunda casa. A gente se vê lá.”

Na Flint Station, Ringo disse que Flint era o lugar mais longe aonde êle tinha ido, saindo do Dingle em sua bicicleta.

Bangor estava num pandemônio. Os Beatles pensaram em seguir até a estação seguinte e voltar de táxi. Mas o Maharishi disse que se êles ficassem atrás dêle tudo correria bem.

Na plataforma, bastante perdidos e bestificados entre a garotada aos berros, estava um punhado de seguidores do Maharishi, esperando para lhe dar as boas-vindas. Cada um segurava uma flor, que seria entregue a êle. Acabaram empurrados pela multidão que gritava ao ver os Beatles.

Bangor é uma pequena cidade à beira-mar, na costa norte de Gales. Possui um grande colégio, onde a conferência seria realizada. Mais de trezentos meditadores lá estavam instalados, todos ignorando que os Beatles tinham chegado.

O próprio Maharishi parecia estar gostando de tôda aquela agitação e excitação. Era muito atencioso e amável com tôda a imprensa e televisão. Concordou em lhes conceder uma entrevista, depois que tivesse falado em particular com os participantes da conferência.

A filosofia do Maharishi é muito simples. A vida é formada de valôres espirituais e materiais. É contrário ao indivíduo que se torna um recluso espiritual, isolando-se do resto do mundo. Afirma que, sem consciência espiritual, é impossível o indivíduo ter uma vida completa ou gozar o materialismo completamente. De certa forma, ela é uma mistura de misticismo oriental com materialismo ocidental. Para se tornar seu seguidor, a pessoa não precisa renunciar ao dinheiro ou aos prazeres da carne. Apenas tem de aprender seus métodos de realização espiritual. Isso ajuda a pessoa a se transcender, apesar de continuar vivendo uma vida comum.

Em sua conversa particular, perguntou a seus trezentos seguidores como êles estavam fazendo suas meditações. Um homem disse que, durante sua meditação, ainda conseguia ouvir o barulho dos carros.

A entrevista à imprensa, concedida a seguir, foi confusa e não satisfez a ninguém. A imprensa, composta em grande parte de correspondentes locais dos grandes jornais nacionais, não tinha idéia do que estava acontecendo. Êles achavam que os Beatles estavam envolvidos em algum golpe de publicidade. Duvidaram que estivessem sèriamente envolvidos no movimento do Maharishi, não importando quem era êle. Foram agressivos em suas perguntas, pois esperavam que os Beatles admitissem que para êles tudo não passava de uma piada. Os Beatles foram aclamados com altos

brados pela congregação, quando, às custas da ignorância da imprensa, tornaram claro o seu sério envolvimento naquela filosofia.

Após a entrevista, John encontrou numa cabina telefônica as notas tomadas por um repórter. Continham apenas os detalhes dos trajes de cada um.

Por volta do meio-dia de domingo, todos êles já tinham sido doutrinados. Estavam todos descansando, depois do esforço mental, quando chegaram as notícias da morte de Brian Epstein. O Maharishi estêve novamente com êles, para ajudá-los e confortálos, para animá-los e explicar quão pouco a morte representa. Então êles voltaram para Londres, de carro, perdendo o resto da conferência.

Deveriam ir à Índia, para estar com o Maharishi, em setembro de 1967, mas isso acabou sendo adiado até fevereiro de 1968 por várias razões, tais como as filmagens do Magical Mystery Tour.

Êles e a Nems ficaram um pouco perturbados, pela maneira como as várias organizações rapidamente surgiram e tentaram fazer com que os Beatles concedessem uma nova entrevista coletiva. Estavam pensando inclusive em vender direitos à imprensa e à televisão, pela cobertura da viagem dos Beatles à Índia, e em criar um escritório de imprensa, muito antes de os Beatles se decidirem a ir. Os encarregados das relações públicas do Maharishi estavam muito animados com isso.

Chegou um funcionário indiano, enviado pelo govêrno, que foi diretamente a Nems, dizendo ter organizado as visitas dêles a seis Estados indianos e que iria marcar um encontro para êles se avistarem com Indira Gandhi, Primeiro-Ministro da Índia. Qualquer tipo de publicidade para sua religião ou outras coisas era o último desejo que os Beatles poderiam ter, apesar de ninguém acreditar nisso.

Sempre houve determinados elementos, e até governos, que se aproveitam da presença dos Beatles para tirar vantagens. Haja vista o que lhes aconteceu na Grécia, em 1967. Êles estavam com a idéia de comprar uma ilha grega. Visitaram-na durante um cruzeiro de

férias, e chegaram a separar o dinheiro para sua compra. Foi muito difícil na ocasião, por causa das restrições monetárias em vigor na Inglaterra. Entretanto, o Tesouro lhes deu uma licença especial, através de Mr. Callaghan (nessa ocasião Ministro do Tesouro) para retirar o dinheiro do país.

Falou-se que como haviam trazido tantos milhões para o país dever-lhes-ia ser permitido comprar uma ilha para servir de refúgio. Já tinham concordado com o preço. O conjunto não se importava com o regime militar que havia assumido o poder na Grécia. Numa viagem àquela nação, foram convidados por um funcionário a visitar uma pequena e tranqüila cidadezinha. Quando chegaram, encontraram grande número de repórteres e pessoal de televisão. Tudo tinha sido organizado pelo pessoal do Departamento de Turismo, com a finalidade de usar os Beatles como propaganda. Outros funcionários do govêrno começaram a convidá-los a visitarem Atenas. A coisa foi tão longe, que êles resolveram esquecer o projeto de comprar tal ilha que lhes serviria de refúgio.

Pode parecer incrível o fato de alguns governos desejarem cortejar os quatro membros de um conjunto de música popular. Muitos afirmam que o próprio govêrno trabalhista inglês agiu assim ao conceder-lhes a Ordem do Império Britânico. E isso sempre aconteceu, desde o princípio. A maioria dos governos vê nos Beatles um meio de adquirir uma identidade jovem e conseguir os votos do eleitorado mômço.

Contudo, todos aquêles fatos ocorridos em tôrno do Maharishi não os afastaram dêle. A maior parte dêsses incidentes nada tinha a ver com o próprio Maharishi. Apesar de êle, em seu entusiasmo natural de divulgar sua filosofia, ser também envolvido por jornalistas e encarregados de relações públicas. Os Beatles só queriam ajudar a George e John. Chegaram até a comparecer ao programa David Frost TV Show, a primeira vez que concordaram em falar num programa de televisão, depois de mais de dois anos. (Desde o Eamonn Andrews Show, em abril de 1965).

Apesar de tudo, o ano de 1967, o ano do LSD e do Maharishi, acabou sendo seu ano mais operoso até aquela época. Nos

primeiros seis meses, eles escreveram e gravaram mais músicas (dezesseis no total) do que nos primeiros seis meses de 1963. Isso igualou ao que tinham feito em todo o ano de 1966 e mostra quanto o conjunto ganhou com a interrupção das tournées.

Mais tarde, em novembro de 1967, fizeram outra gravação, Hello Goodbye, o Magical Mystery Tour, em dezembro. Este foi o seu filme de uma hora para a televisão em cores. No fim, gastaram mais tempo em fazer o filme do que em compor as músicas para o mesmo.

Eles não tinham trabalhado para o filme desde abril, quando tiveram a idéia de gravar a canção-título, até setembro, quando começaram as filmagens. Partiram para Devon num ônibus lotado, de quarenta e três pessoas, sendo que nenhuma delas, inclusive os Beatles, sabia, com certeza, o que iria acontecer. Não havia roteiro.

Foram duas semanas de filmagens. Inocentemente, esperavam filmar uma semana nos estúdios em Shapperton, depois de Devon, pensando que bastava aparecer por lá. Em vez disso, foram terminar as filmagens num campo de pouso, em Kent.

O trabalho principal foi feito durante a montagem, que trabalhou por onze semanas. Onze vezes mais o tempo que previam. Paul foi o principal inspirador. Dirigiu toda a montagem, ao lado do editor do filme. Os outros ficavam por lá, a maior parte do tempo, às vezes, cantando em companhia de um bêbado que entrava pelas salas de montagem.

Ao fazerem este filme, não levaram em conta qualquer das regras e convenções. Nem se preocuparam com a sua absoluta falta de experiência. Para eles, não passava de uma coisa completamente nova. Sobretudo, pela primeira vez, estavam fazendo algo por conta própria, sem interferência alguma de Brian Epstein para ajeitar as coisas, ou de um George Martin para ajudar com sua experiência.

O filme foi exibido pela BBC, na época do Natal. Depois foi exibido na maioria dos países da Europa, América do Sul, Austrália e Japão. O filme apresentou falta de enredo e de direção. Foi o bastante para merecer severas críticas da maior parte dos comentaristas de

televisão da Inglaterra. O Daily Express chamou o filme de "clamorosa tolice" e "idiotice insôssa". A publicidade, deixando de comentar que aquilo era uma experiência, prometia apresentar um grande sucesso. Foi a primeira vez, em cinco anos, que os Beatles foram criticados. A maioria dos críticos aproveitouse ao máximo daquilo.

Muito antes de ser exibido, os Beatles quase já haviam esquecido. Serviu-lhes de lição, apesar de Paul ainda esperar que gostassem do resultado. Contudo, ganharam o bastante para torná-los confiantes a tentarem filmes de longa metragem. Excetuando esse filme de televisão, tudo correu bem para eles. O Sargeant Pepper foi considerado o máximo que eles alcançaram e o crítico musical do Times, William Mann, gastou grande espaço daquele diário só para afirmar que o disco era mais genuinamente criativo do que qualquer outro, no campo da música popular.

O ano começara com a sua busca como indivíduos e findara com eles, mais uma vez, como um conjunto, apesar de estarem sem empresário. Essa busca significava que, como indivíduos, eles estavam principiando a botar suas cabeças no lugar e suas casas em alguma ordem.

TERCEIRA PARTE

HOJE

28.PAIS E AMIGOS

Hoje, em Liverpool, não há placas marcando os lugares onde os Beatles nasceram, apesar de, a cada ano, milhares de fãs fazerem peregrinações a fim de visitar suas antigas casas. Sòmente o pai de um dos Beatles ainda vive em Liverpool. Na cidade, ainda vive um ex-Beatles — Pete Best.

Pete Best está casado e tem dois filhos. Mora com seus sogros e trabalha como cortador de pão numa padaria, ganhando dezoito libras por semana. Êle tocou em outros conjuntos, depois que deixou os Beatles, mas em 1965 abandonou o show business definitivamente. Durante um ano, nada fêz, não querendo ver ninguém, quase se tornando um recluso. Recusou grandes somas em dinheiro pela história de sua vida. Suas lembranças de Hamburgo, especialmente de suas garôtas, bebidas e pílulas, terlhiam sido muito lucrativas.

“Que bem poderiam trazer, a não ser o dinheiro? Pareceriam apenas lamentação. Eu queria criar um nôvo gênero de vida para mim; todavia, isso levou muito tempo.

“O que eu mais temia era a crueldade das pessoas. Quando encontrava alguém, imaginava o que iria pensar ou dizer. Eu era o cara que não servia para nada. Êsse conhecimento de mim mesmo deixava-me inferiorizado. As pessoas eram rudes e me diziam coisas desagradáveis.”

Êle perdeu o ânimo. Parecia muito cansado, afundado em frente à televisão, na casa de sua mãe. Finalmente, hoje, usa o cabelo no estilo dos Beatles, e ainda veste casaco de couro e jeans, como todos êles o faziam em Hamburgo. Mrs. Best também abandonou todo o trabalho no show business. Continua tão vigorosa como sempre e costuma afirmar que os Beatles chutaram seu filho porque tinham ciúmes dêle.

Pete diz que sempre acreditou que êles eram bons e destinados ao sucesso. Foi realmente desapontador saber o que eu ia perder. No

começo, lamentei tudo. Quando me chutaram arrependi-me até de ter pôsto os olhos nêles. Teria tido só um emprêgo, talvez como professor, e não teria conhecido tôda aquela angústia.

“Mas agora, não. Estou realmente contente. Tenho muitas lembranças boas. Tive alguns momentos geniais. Sou grato a êles. Então, um dia chegará o Juízo Final.”

Em Hamburgo, as boates ainda continuam cheias de conjuntos ingleses, mas Klaus não está mais lá. Êle entrou para um conjunto inglês, o de Manfred Mann. Seu fascínio pelos Beatles arrastou-o para a Inglaterra e entrou para um conjunto, apesar de não saber tocar qualquer instrumento musical, exceto o piano. Ainda continua muito amigo dos Beatles. George compôs uma de suas músicas na casa de Klaus. Êle continua a desenhar um pouco — foi quem fêz a capa do LP dos Beatles Revolver. Astrid vive em Hamburgo, e não é mais fotógrafa. Diz que ficou doente com a imprensa e recusou tôdas as ofertas por suas memórias dos Beatles.

Seu último emprêgo foi numa das pequenas, mas esquisitas boates de Hamburgo. Casou-se com Gibson Kemp, um ex-músico nascido em Liverpool. Por algum tempo êle tocou num trio, juntamente com Klaus. Astrid conservou o quarto de Stu quase como êle era. Êle continua muito escuro e estranho e com velas queimando.

Fred Lennon não teve qualquer contato com John. Nem se preocupou em ir vê-lo ou perguntar algo sôbre êle, de 1945, quando John tinha cinco anos, até 1964. Nessa época, Fred lavava pratos num hotel, em Esher. “Um dia, a encarregada da limpeza me disse: Se êle não fôr seu filho, Fred, então não sei o que êle possa ser”. Ela me contou que naquele conjunto havia um garôto com o mesmo nome que o meu e com o mesmo timbre de voz, apesar de não cantar tão bem quanto eu. E eu jamais ouvira falar nêles.”

John deve ter passado muitas vêzes pelo hotel em que seu pai lavava pratos, sem sabê-lo, ao ir e voltar para sua casa em Waybridge.

Quando Fred percebeu que êle era seu filho, começou logo a aparecer em todos os jornais, concedendo entrevistas. É claro que disse que não estava procurando publicidade. Aquilo simplesmente aconteceu. Foi, também, por mero acaso, que o Tid Bits lhe pagou quarenta libras por suas memórias, gravando um disco. Êle confessa que sua parte nisso não lhe trouxe lucro algum. "Pelo contrário, tive até prejuízo. Fizem-me botar uma dentadura, que me custou cento e nove libras. Ainda a estou pagando, dez libras por mês."

Conseguiu um rápido encontro de vinte minutos com John, e logo depois lhe mostraram a porta. Tentou vê-lo novamente, aparecendo em sua casa, mas bateram-lhe com a porta na cara. Êle é muito baixinho, e parece um janota. Seu cabelo grosso está ficando cinza, e êle o penteia para trás, como um ex-ator. Conta cinqüenta e cinco anos de idade, mas é muito animado e jovem de aparência. "Eu ainda pego garôtas, sabe. Se elas acham que eu sou um pãozinho, é sinal de que tudo está bem. Sei que John tem horror à velhice. E posso dizer-lhe que sou mais môço do que êle."

Assistiu ao progresso de John com muito cuidado. "Êle só me decepcionou duas vêzes. Uma, foi ao aceitar a Ordem do Império Britânico. Eu não teria feito aquilo. A realeza não pode comprar-me. A outra, foi por não ter falado no Foyles Literary Lunch. No lugar dêle, eu lhes teria feito um discurso, e até cantado alguma coisa."

Gostaria de se encontrar com John. Só para êle ver a minha cara." Recusaria receber qualquer ajuda do filho. "Caso John ma oferecesse."

Quando John soube que Fred Lennon tinha boas recordações de Julia e de sua infância, fêz a reconciliação. Encontraram-se e tornaram-se amigos, com grande alegria para Fred. Desde o comêço de 1968, êle deixou de lavar pratos. Agora, reside num bom apartamento, financiado por John.

Mimi, atualmente, mora só numa casa luxuosa, perto de Bournemouth, com seu gato Tim, um gatinho abandonado, que John trouxera para casa há muitos anos. A casa é muito branca,

ensolarada e com uma vista magnífica, ao lado do mar. A casa tem pequenos degraus no fundo do jardim que dão para o mar. Custou vinte e cinco mil libras.

A frente e os fundos dela são completamente indevassáveis. Só no verão, quando os barcos passam, indo ou voltando de Poole Bay, é que Mimi pode ser importunada. Quando os navios passam pela casa, ela pode ouvir os megafones anunciando — “Esta casa com as cortinas listradas pertence a John Lennon. Aquela que está sentada ali é sua tia Mimi.” A primeira vez que ouviu isso, ficou tão furiosa que correu para o fundo do jardim e gritou: — “Calem a bôca!” As pessoas que estavam no barco limitaram-se a rir.

Fora isso, leva uma vida calma. Algumas lâmpadas da frente da casa foram roubadas pelos fãs. Vez por outra, ela os vê tirarem fotografias dela e da casa. Ela diz que mantém o número de seu telefone e endereço muito em segredo.

Grande parte da mobília é reprodução de antigüidades. Parece muito nova, mas quase tôda foi trazida de sua casa em Liverpool. Conta que tinha coisas lindas naquela casa. Certa vez, quando um repórter foi visitá-la em sua casa de Liverpool, êle, olhando em torno, perguntou se não achava que fôra muita bondade de John em comprar-lhe todos aquêles móveis. Ela o expulsou, na mesma hora.

Em tôda casa existem muitos livros, especialmente clássicos e biografias. Mimi acabou de ler Max, de Lord David Cecil. Não aprecia romances.

Em cima da televisão, ela colocou a MBE de John, embora fique um pouco chateada quando alguém pensa que ela é monarquista. John chegou um dia e a pendurou nela, dizendo que ela a merecia mais do que êle.

No hall e nas paredes dos quartos, ela colocou os discos de ouro do conjunto, apesar de não tantos quanto os outros pais. Possui, também, uma grande placa, que John mandou gravar e lha presenteou. Gravada está a frase que ela costumava dizer-lhe todos os dias, na sua adolescência: — “A guitarra está muito bem como um passatempo, John, mas com ela você jamais ganhará a vida.”

Nunca demonstrou muita vontade de abandonar sua casa de Liverpool. “Eu vivia muito feliz, pois era uma casa confortável. Gastei centenas de libras nela. John insistiu comigo durante dois anos. Depois, concordou que eu ficasse lá.

“Mas, quando os pais dos outros se mudaram para casas novas, êle voltou a insistir comigo. — “Você é um bôbo —”, disselhe. — “Eu não tenho a mínima necessidade de me mudar daqui.” “Estava passando uns dias com êle, em Londres, após a estréia de seu primeiro filme. Êle desceu para o café e disse: — “Muito bem, vou descobrir uma casa para você. Onde você gostaria que ela fôsse?”

“Para dizer alguma coisa, respondi: Bournemouth. Êle pegou o telefone e chamou Anthony, seu motorista, e mandou que arranjasse os mapas de Bournemouth, que a gente já estava saindo.

“Bem, pensei, será um passeio. Passamos pelo Rumsey’s e conseguimos uma lista das casas que estavam à venda, na região. Demos muitas voltas, mas eu preferia uma à beira-mar e parecia não haver nenhuma. Então pensei que a coisa estivesse resolvida e poderíamos voltar para casa. Foi aí que o sujeito que nos acompanhava lembrou-se de uma recém-colocada à venda.

“Seus antigos moradores ainda estavam lá, e eu não queria entrar, por causa do jeito como John estava vestido. Êle estava com suas calças americanas velhas e furadas em várias partes e com um surradíssimo casaco de suede que eu comprara para êle há anos e estava alguns centímetros menor do que êle. E também estava usando um cretino boné de iatista.

“Eu disse que não devíamos entrar e aterrar sôbre êles desta forma. John achou-a uma casinha burguesa.

“Resolveu entrar, cumprimentando as pessoas e perguntando se não se importavam que a gente desse uma olhada nela. O casal limitou-se a olhar para êle. John perguntou: — “Gosta dela, Mimi? Se você não gostar, eu fico com ela”. Então, êle telefonou para seu contador e fechou o negócio.”

Mimi mudou-se em outubro de 1965. Vendeu sua casa de Liverpool por seis mil libras, um bom preço, apesar de, como ela diz, ser uma

boa casa e numa boa zona.

A casa de Bournemouth ainda está no nome de John, mas é de Mimi, enquanto ela a quiser. Êle paga tôdas as contas. E disse para ela gastar suas seis mil libras, mas ela lhe respondeu que deixasse de ser tão estúpido.

“Aqui é ótimo. Sempre sonhei em me mudar para o sul, quando George se aposentasse. Desde minha chegada, ainda não senti um só inverno. De vez em quando tomo uma bebida com amigos, e é só. Nunca fui dado a fazer muitas amizades fora da família. Ando e leio bastante. Os dias são realmente curtos.”

Os pais dos Beatles tiveram suas vidas profundamente modificadas por seus filhos e todos reagiram a isso de maneira ligeiramente diferentes. Mimi talvez seja a que não mudou seu modo de tratar John. Seu tratamento com John continua do mesmo jeito, ao passo que os outros pais demonstram certo “reconhecimento e devoção ao seu herói”. Ela o adverte quando está gordo, e o aconselha para não gastar tanto dinheiro. Critica suas roupas e aparência, como quando êle era um simples adolescente. “Ele é muito mão-aberta com seu dinheiro. Generoso ao extremo. Sempre estou avisando-o sôbre isso.” Os outros pais nunca fazem críticas a seus filhos.

Mimi não se preocupa com o jeito de John falar. Ela diz que êle nunca aprenderá a falar direito, terminando as frases. “E êle está cada vez pior. Freqüentemente não consigo entender o que êle fala. Tem o pensamento irrequieto, sendo incapaz de se fixar nos assuntos.”

Ela não o encontra com freqüência, mas êle sempre lhe manda cartas engraçadas, quando está no exterior, com um pequeno desenho no envelope. Ela as guarda cuidadosamente arrumadas numa escrivadinha. Quando John a visita, mexe em todos os seus pertences, só para ver o que ela estava fazendo, enquanto êle estêve fora. Ela ainda possui aquêles cadernos, nos quais êle desenhava quando criança. Uma vez ou outra ela os lê.

“Estão, conforme escreveu. Com seus garranchos (como os chamo), que êle vem fazendo há anos. Acho que o primeiro livro foi melhor, e

ainda dou gargalhadas com alguns de seus poemas.”

Sua vida não mudou muito, apesar do luxo em que vive agora. Ela diz que devolveria tudo, sua casa e todo o sucesso do conjunto, para que John voltasse a ser criança novamente.

“Eu daria dois milhões de libras para voltar àquela época. Sei que é muito egoísmo. Costumo pensar nêle como se ainda fôsse um garotinho. Sei que é bobagem. Mas nada poderia compensar as alegrias que me deu quando criança.”

Ela gostaria de vê-lo com mais freqüência, mas nunca lhe diria isso, ou iria agarrar-se a êle. “Não é culpa dêle o fato de eu ser viúva. Não há nada pior para um rapaz do que sentir que alguém está dependendo dêle. Êle tem de pensar em sua própria mulher e em sua família. Êle sabe que estou aqui e vem ver-me, sempre que pode. Durante o verão êle passou quatro dias sentado no telhado. Eu corria para cima e para baixo para levar-lhe refrescos. Jamais demonstra muita emoção. Acha difícil pedir desculpas.

“Uma vez êle me confessou que, apesar de não vir ver-me todos os dias, ou todos os meses, costuma pensar um pouco em mim a cada dia, não importa onde esteja. Isso significa muito para mim.”

O dia mais feliz na vida de Jim McCartney, pelo menos êle afirma isso, foi em 1964, quando Paul lhe anunciou que poderia parar de trabalhar. Ao contrário de outros pais, não esperou segunda ordem. Naquela época, tinha sessenta e dois anos, e precisava trabalhar mais três anos, para se aposentar. Trabalhou na mesma firma, desde os quatorze anos e, há muito, estava cheio daquilo tudo. Seu salário, apesar de todo aquêles anos e experiência, não passava de dez libras por semana. A retração no comércio do algodão tinha tornado seus últimos anos bastante desconfortáveis. Durante anos viveu apavorado, com o pensamento de seus patrões o indenizarem e substituí-lo por um camarada mais môço.

Paul arranhou-lhe uma casa, isolada de oito mil e setecentas libras em Wirral, no Cheshire. Um ano depois, Jim arranhou uma nova espôsa, após quase dez anos de viuvez.

Êle só vira Ângela três vêzes, e pediu-lhe para que casasse com êle. Ela também era viúva, bem mais môça do que êle, e com uma filha, Ruth, de cinco anos. Ela morava num quarto, em Kirby, desde que seu marido morrera num acidente. “Éramos dois solitários.”

É evidente que são muito felizes. Êle é louco por Ruth, uma jovem muito inteligente. Ruth acha que são muito tolas as colegas de escola que tentam conversar com ela, sôbre o seu famoso irmão adotivo. Angie é muito vigorosa, viva e espirituosa. Cuida da casa com muito capricho e dirige o carro dêles. Ela fêz Jim remoçar. Agora, êle usa camisas de gola roulée e calças muito justas, iguais àquelas que não queria que Paul usasse.

Michael, o irmão de Paul, ainda mora em casa do pai.

— “Acabo de levar três fôlhas de papel carbono para Michael” —, diz Ângela.

— “Isso é muita bondade de sua parte” —, responde Jim.

— “Agora êle quer mais alguns sacos de três libras de farinha. Êle está derrubando a farinha numa tábua de cortar pão e gravando o barulho. Seu quarto é genial, mas numa confusão danada. Que acha você que êle estará tentando fazer?”

— “O som de três sacos de farinha caindo numa tábua de pão” —, acrescenta Jim.

Mais oito mil libras foram gastas na casa, depois que Paul a comprou, na instalação de um sistema de aquecimento central e na mobília e decoração. A casa possui um grande jardim e, dos fundos, se avista o estuário do Dee. Apesar de tudo ser novinho, ela apresenta um aspecto de ambiente doméstico bem acolhedor. Êles se sentem felizes em gozar de todo aquêle luxo.

“Na realidade sinto às vêzes falta de Liverpool e dos velhos amigos. Eu já estava me enchendo com tantas pessoas dizendome — “Você deve estar muito orgulhoso com seu filho, não é? Como você se sente?” Era só o que me perguntavam sempre. Cortei essa espécie de gente. Contudo, freqüentemente telefono para alguns parentes e amigos e os convido a vir visitar-nos.”

Jim tem a maior intimidade com seu médico — chegando até a chamá-lo pelo apelido, Pip. Não de um modo afetado, mas com tãda naturalidade. Êle esconde seu uísque, na hora de Pip chegar. Jim tem dois jardineiros por hora, mas é êle mesmo quem cuida de suas videiras, numa grande estufa aquecida. Faz seu próprio vinho e sempre possui um grande estoque de bebidas. Lê livros de ornitologia na biblioteca, e sabe exatamente quais são os pássaros que estão no seu jardim. Ê, também, perfeito conhecedor de esquilos.

Fora sua leve pronúncia de Liverpool, ao vermos a vida que leva, suas roupas e seus divertimentos, é impossível imaginar que êle viveu tãda sua vida numa casa da prefeitura e ganhando menos de dez libras por semana. Principalmente, quando é encontrado no hipódromo. Ê aí que êle realmente parece um cavalheiro de nascimento.

Deixando o trabalho, conseguindo aquela casa e, mais que tudo, casando-se novamente, êle se transformou num camarada feliz de verdade. Sentiu a maior emoção de sua vida, quando completou sessenta e dois anos. Foi à noite da estréia do primeiro filme dos Beatles, 6 de julho de 1964.

“Depois, todos nós fomos para Dorchester. A princesa Margaret estava lá. Pude ver Paul fazendo sinais para alguém, e depois êle me entregou um pacote. Êle me entregou e falou: — “Tome aqui, Pai, com tudo de melhor.”

“Abri o embrulho e êle continha o retrato de um cavalo. Respondi — “Que bacana!” e pensava em que raio de coisa poderia fazer com o retrato de um cavalo.

“Paul deve ter visto minha cara, e disse: — “Não é só o retrato, eu comprei o desgraçado do cavalo, êle é seu e no sábadô estará correndo em Chester.”

I WANNA HOLD YOUR HAND

oh yea, I'll tell you something

I think you'll understand

when I say that something
I wanna hold your hand

Repeat twice

oh please say to me

you'll let me be your man

and please say to me

you'll let me hold your hand

"I Wanna Hold Your Hand"

and when I touch you
I feel happy inside
As such a feeling
that my love

- I can't hide
I can't hide

Oh you got that something
I think you understand
When I feel that something
I wanna hold your hand

"I Wanna Hold Your Hand"

O cavalo, Drake's Drum, um castrado bem conhecido, custou mil e cinquenta libras. Paul ainda paga sua manutenção e treinamento, que atinge umas sessenta libras por mês. Na temporada de 1966, êle ganhou mais de três mil libras em prêmios, inclusive um prêmio de mil libras numa corrida em Newbury, antes do Grand National.

Atualmente, Jim não deseja mais nada. Como os pais dos outros Beatles, êle tem uma conta corrente, dela podendo retirar o que quiser. Êle não se importa com ostentação, e parece gostar e saborear a vida da classe média, mais do que ninguém.

"A mudança de vida foi quase de repente, vindo quando eu tinha sessenta e dois anos. Demorei um pouco a me acostumar com o nôvo gênero de vida. Agora, estou como um pato dentro da água. Não mudei minha pronúncia para mostrar afetação, e estou gostando de tudo. É como se eu sempre possuísse tudo e estivesse acostumado a tôdas essas coisas."

Michael McCartney, irmão de Paul, demorou mais a se acostumar às mudanças impostas à sua vida. Paul sempre foi muito chegado a seu irmão, tanto em idade como em gostos; mais do que George com seus irmãos, o que tornou as coisas piores da parte de Michael. "Acho que eu não poderia deixar de estar orgulhoso por causa do nosso garôto. Êle sempre teve sucesso. Foi o primeiro, o mais bonito, o que pegava tôdas as garôtas e depois pegou tôda a fama."

Por ser irmão de Paul, vez por outra, em Liverpool, pedemlhe seu autógrafo. Êle, deliberadamente, assina Michael McGear, para grande desapontamento de quem lhe pediu o autógrafo. Geralmente, nega qualquer parentesco com Paul. "Não, querida, eu gostaria de ser irmão dêle. Com isso estaria cheio da nota, não é mesmo?"

Agora êle está tornando Michael McGear mais conhecido, apesar de ter gasto muito tempo e longos períodos de trabalho. Tornou-se Michael McGear quando entrou para o conjunto Scaffold, em 1962. Êles começaram bem, fazendo uma série de vinte e sete semanas na

televisão, mas, depois disso, não aconteceu nada, fora algumas apresentações em teatros locais. Em 1967, gravaram um disco, Thank U Very Much, figurando na lista dos dez mais vendidos. Isso resultou em novos discos e apresentações. Michael é um bom cantor. Sabe compor, sempre deixando isso de lado, preferindo fazer algo diferente.

“Não quero ser famoso. Prefiro ser um sucesso no meu trabalho, enquanto puder. O que sempre me preocupou foi acabar como irmão de Sean Connery ou o irmão de Tommy Steele, tentando seguir as pegadas de seus irmãos.”

Os Harrison agora vivem pouco adiante de Warrington. Mudaram-se de Liverpool, em 1965, quando Mr. Harrison deixou de ser motorista de ônibus. Warrington não é o lugar ideal para onde os que foram bem-sucedidos em Liverpool costumam mudar-se. Eles preferem ir morar no outro lado da água, a parte elegante de Cheshire, como o fêz Jim McCartney. Warrington fica a quinze milhas de Liverpool, e quase a mesma distância de Manchester, uma das muitas cidades industriais de Lancashire, onde o dia mais ensolarado é sempre cinzento.

Os Harrison, contudo, não moram, propriamente, em Warrington, mas numa vila chamada Appleton, a três ou quatro milhas de distância. Sua casa está situada num esquecido oásis rural, completamente cercada por campos e sem nenhuma outra casa à vista. Dentre as casas dos pais dos Beatles, a dos Harrison é a mais isolada e a mais difícil de encontrar.

Ela é um casarão em forma de L, com três acres de jardins que, até pouco tempo, eram campos cultivados por fazendeiros. Um jardineiro trabalha aí duas vezes por semana, tentando botar esse grande jardim em forma. Costumam chamar sua casa de cabana, mas na verdade ela tem um cômodo no segundo andar. Chamam este cômodo de quarto, todavia, ele tem trinta e dois pés de comprimento, tomando toda a extensão da casa. É usado para festas e sessões de cinema.

A casa custou a George dez mil libras. Com tôdas as ampliações e melhoramentos, tais como a escada ao ar livre e uma área para banho de sol, ela está valendo o dôbro. Uma casa igual, em Bournemouth, perto de Mimi, provàvelmente valeria quarenta mil libras.

Por dentro, ela está cheia de mobília moderna novinha em fôlha, pilhas de tapêtes e cacarecos de tôdas as partes do mundo. A maior parte dêsses presentes não foi mandada para seu filho, como nas casas dos outros pais, mas diretamente para os Harrison. E, de maneira diversa das casas dos outros, o visitante não fica surpreendido com a grande quantidade de discos de ouro e prata dedicados aos Beatles. Ao invés disso, as paredes estão cheias de presentes com dedicatórias para Harold e Louise Harrison.

Numa das paredes está uma enorme placa de ouro com a inscrição: "Para Harold e Louise Harrison pelo tempo e esforço dedicado aos fãs dos Beatles de tôdas as partes. United Beatles Fans. Pomona, Califórnia, 1965."

Os outros pais dos Beatles pensam que Mrs. Harrison deve ser um pouco maluca. Não conseguem entender como ela perde seu tempo em ser tão bondosa com os fãs, pois não tem necessidade de fazer aquilo. Acontece que Mrs. Harrison é tão fanática quanto os fãs. Ela é fã dos fãs.

Ela emprega tôdas as suas horas vagas respondendo às cartas dos fãs. Quase tôdas as noites ela fica escrevendo até às duas da manhã. Escreve umas duzentas cartas por semana. Não são bilhetes, e sim, cartas de verdade, com cêrca de duas páginas. Além disso, assina e envia fotografias. Seu gôsto com selos é enorme.

"Eu sempre respondi pessoalmente a tôdas as cartas, exceto aos maníacos declarados. Se elas estão numa língua estrangeira, como espanhol, digamos, eu as leio cuidadosamente e vou pescando palavras como admiro. Depois disso, posso dizer mais ou menos o que está escrito nela e então mando uma fotografia autografada." Todo mês Mrs. Harrison vai ao fã-club de Liverpool buscar um nôvo estoque de fotografias. Êles distribuem umas duas mil por mês.

“Desde o início eu me acostumei a receber adoráveis cartas dos fãs, e, mais frequentemente, cartas das mães dos fãs: — “Querida Mrs. Harrison, a senhora nunca saberá o quanto sua carta significou. Depois de anos de escrever para falsos fãs-clubes e não receber resposta, uma carta pessoal da mãe de George! Minha filha subiu às nuvens.” Estão vendo só? Portanto, sou obrigada a continuar.”

“Em certa época, foi impossível responder pessoalmente a tôdas as cartas. Em 1963 e 1964, recebíamos cêrca de quatrocentas e cinqüenta cartas por dia, de tôdas as partes do mundo. Quando George fêz vinte e um anos recebemos trinta mil cartões e centenas de fãs numa gritaria dos diabos. Tiveram de colocar um guarda de plantão fora da casa. Êle, contudo, não conseguia impedir os fãs de beijar nossa maçanêta. “Se tivesse que trabalhar assim todos os dias”, afirmou o guarda, “ficaria maluco”. Durante anos, o departamento de correios mandou nossa correspondência numa entrega especial. Porém, agora as coisas já estão nas devidas proporções. Acho que duzentas cartas por semana são o suficiente, se eu não me descuidar.”

Os fãs para os quais ela escreveu têm o hábito de aparecer de surpresa. Há pouco, chegou uma família americana especialmente para vê-la. “Êles estavam fazendo uma excursão pela Europa, e a Inglaterra estava fora de seus planos. Decidiram voar de Paris a Manchester e depois tomar um táxi só para vir visitar-nos. Tiveram sorte de nos encontrar em casa.”

Muito antes de George se tornar um Beatle, a senhora Harrison já era uma animada escritora de cartas. Ela tem duas correspondentes para quem escreve há mais de trinta anos. Conseguiu seus nomes e endereços através da Woman’s Companion. Uma vive em Barnsley e a outra, na Austrália. Com estas duas correspondentes ela faz um intercâmbio epistolar de fofocas familiares, desde 1936. Quando os Beatles foram exibir-se na Austrália, retratos de George em criança começaram a aparecer nos jornais australianos. Ninguém conseguia saber de onde êles tinham vindo. O próprio George nunca os tinha visto antes. Fôra a correspondente de Mrs. Harrison que desencravarara os instantâneos que ela lhe mandara há muitos anos.

“Muita gente pensa que ficamos diferentes, por causa do George. Outro dia, fomos ao casamento de uns fãs e nos perguntaram: — “Como é possível se divertirem em companhia de gente como nós?” Com certeza esperam que a gente só use casacos de pele.”

“Querem que a gente seja diferente; não sei por quê. Como Harry ainda estivesse no emprêgo, costumavam dizer-lhe: — “Não diga que você continua trabalhando!” Agora que não trabalha mais, devem estar pensando que nós somos diferentes.”

Mr. Harrison deixou o emprêgo em 1965, depois de trinta e um anos como motorista. “Eu estava dirigindo os grandes 500. Aquêles ônibus com um número limitado de paradas, que atravessam Liverpool a grande velocidade, e não podem ficar parados no trânsito. — “Quanto você está ganhando?” George me perguntou um dia. — “Dez libras e dois shillings”, respondi. Então me perguntou se era por dia ou por semana. Respondi que era por semana. Ele achou que aquilo era um abuso, que me pagaria três vêzes mais para não fazer nada, e, dêsse modo, eu poderia viver mais dez anos.”

Todos os verões costumam ir a festas ao ar livre. Geralmente são festas da Igreja Católica. Mrs. Harrison não freqüenta a igreja. E como nasceu católica, acha que deve ajudá-la na medida do possível.

“Nós já fomos até Salisbury. Qual é o nome daquele lugar perto de Londres, Harry? Que droga. Esqueci. Ah, foi em Harpenden. Anunciou-se num jornal local que nós iríamos abrir a festa. Eles costumam fazer isso.

“Também costumamos julgar concursos de beleza. A gente faz a mesma coisa pelos paralíticos, pelos cegos e pela igreja. Na verdade, não fazemos distinção para quem seja.

“Geralmente, faço meu pequeno discurso de abertura manifestando minha satisfação em poder estar ali para ajudá-los. Transmito-lhes que George e os rapazes mandam lembranças e lhes fazem os melhores votos. Então somos cercados e damos uma volta pelas barraquinhas. Gostamos muito daquilo. Bem, qualquer coisa ajuda.”

O verdadeiro pai de Ringo, que também se chama Richard Starkey, só o viu pouco depois de se ter separado de sua mãe, quando Ringo estava com cinco anos.

E Ringo só se lembra de tê-lo visto uma vez, depois de sua primeira infância. Isto foi em 1962, antes de entrar para os Beatles, quando ainda tocava no conjunto de Rory Storm.

“Uma ocasião, êle estava na casa de meus avós, quando eu fui lá”, conta Ringo. “Eu não era mais criança naquela época, e não sentia nada contra êle. Êle me falou: — “Pelo que vejo você já tem carro”. Eu comprara o Zodiac, havia pouco tempo. Pergunteilhe se queria dar uma olhada nêle. Respondeu-me que sim. Então, fomos lá fora e demos uma olhada no meu carro. E foi só. Desde então, nunca mais o vi ou tive qualquer contato com êle.”

Mais tarde, êle se mudou de Liverpool. Agora, mora em Crewe, onde trabalha como confeitiro numa padaria. E ainda tem um emprêgo nas horas vagas, como limpador de vidraças. Casouse de nôvo, mas não tem filhos. Ringo é seu filho único, e os filhos de Ringo seus únicos netos. Êle coleciona as fotografias dêles, tirando-as de revistas e jornais sempre que elas aparecem. Êle não sente muita inveja do sucesso de seu filho, apesar de desejar que seu pai estivesse vivo, pois êle se orgulhava muito do Little Ritchie. Em família, êle é chamado de Big Ritchie, enquanto Ringo é o Little Ritchie.

Desde o comêço da fama de Ringo, êle tem-se mantido escondido de qualquer publicidade e de Ringo. Isso é altamente elogiável. Quando reparam na semelhança do nome de ambos e perguntam se tem algum parentesco, êle diz que é um tio distante. Entretanto, admite que gostaria de ver seu filho novamente. “Mas sou muito preguiçoso. Preciso ser empurrado para fazer as coisas.” Às vêzes, fica chateado, quando Harry Graves, o padastro de Ringo, apesar de não ter nada com o caso, aparece nos jornais como o pai de Ringo. Êle gostaria de corrigir isso. Por outro lado, êle não quer que a imprensa descubra quem é êle, nem onde vive. Pois não tem a mínima vontade de se envolver com a fama de Ringo.

Como Ringo, êle é tranqüilo e não se valoriza. Tem muitos dos traços de Ringo, especialmente o nariz. E, como Ringo, detesta cebola. Pura coincidência, se considerarmos que os dois sempre viveram separados.

A mãe de Ringo, Elsie, e seu padrasto, Harry Graves, agora moram num luxuoso Ideal Home Exhibition Bungalow, num bairro muito seleta de Woolton, em Liverpool. A casa custou oito mil libras. Marie McGuire, a amiga de infância de Ringo, ajudou seus pais a encontrá-la. Esta casa não fica muito longe da parte de Woolton, onde os Epsteins moravam. Elsie e Harry são os únicos dentre os pais dos Beatles que ainda permanecem morando em Liverpool.

A casa fica bem distante da rua, em quase um acre de terra, e é cercada por gramados luxuriantes e roseiras. É um subúrbio muito elegante, onde as casas parecem modelos de exposição e não habitadas, diferindo muito do Dingle, onde as pessoas que ficam paradas na rua e penduradas nas janelas atrapalham a passagem dos transeuntes.

Pelo lado de dentro, ela é fartamente mobiliada com bom gosto e num estilo simples. Nas paredes, estão três discos de ouro e dois de prata conquistados pelos Beatles e colocados em molduras caras. Sobre a televisão, está uma fotografia do casamento de Ringo com Maureen e um retrato de um de seus filhos.

“Olhando para o passado”, diz Elsie, “acho que minha maior emoção foi ir ao Palladium, pela primeira vez. Sentar na platéia e ouvir a aclamação daquela multidão de londrinos. As estréias dos dois filmes foram bacaníssimas. E a recepção no Civic de Liverpool. Tudo foi muito adorável. Tudo mesmo.

“Uma coisa deve ser declarada: Ringo jamais ficou mascarado. Êle nunca mudou de vida. Maureen é muito tranqüila, muito natural.”

“Acho que gosto mais da música que êles tocavam antes”, diz Harry. “Aquêlê negócio de rock and roll. Mas tinham de mudar, não tinham? Neste ramo as pessoas têm de mudar com freqüência. Agora é preciso ouvir a música dêles com atenção e seguidamente.”

Os pais de Ringo foram os últimos dos pais dos Beatles a se mudar para uma casa nova. “Eu sempre disse que nós nunca nos mudaríamos. Eu gostava muito da minha vizinhança no Dingle. Mesmo quando os rapazes se tornaram famosos, nossos vizinhos nunca mudaram conosco. Nunca nos sentimos deslocados. Contudo os fãs acabaram se tornando demais. No fim eu já não podia agüentar aquilo. Agora as coisas melhoraram muito, especialmente aqui.

“Mas as coisas ainda são difíceis para os rapazes. Já vi Ringo ficar sentado aqui, até escurecer, por estar com medo de ir embora com a luz do dia. Não é horrível? No entanto, se pode ter tudo, não é mesmo?

“Achei que aqui a gente podia ficar mais à vontade. Sempre detestei qualquer espécie de publicidade, os repórteres atrás de mim, as pessoas me convidando para fazer inaugurações. Aqui é sossegado. Ninguém sabe o número do nosso telefone.”

Todos os pais não gostam da publicidade. Nenhum deles jamais concedeu entrevistas. Não gostariam de dizer coisas que, de algum modo, viessem aborrecer seus filhos. Elsie e Harry especialmente. Ringo, uma vez, teve de telefonar para Elsie pedindo-lhe que não ficasse a dizer que o sol saía de seus olhos.

Ao passo que os Harrisons gostam de ser agradáveis com os fãs. Jim McCartney adora tôdas as coisas boas de sua vida. Mimi gosta de sonhar com John ainda menino. Elsie e Harry ainda não se habituaram àquilo tudo. É como se estivessem sonhando. Costumam pensar duas vezes, antes de decidir qualquer coisa, apesar de se divertirem.

Harry abandonou o seu trabalho de pintor da Prefeitura de Liverpool, em 1965, aos cinquenta e um anos de idade. “Eu poderia ter continuado por mais uns quatorze anos, se quisesse. A Prefeitura era bem boa. Orgulhavam-se tanto com os rapazes quase quanto eu. Às vezes eu tinha de agüentar piadas como: — “Você não precisa fazer fila para receber” —, ou coisas assim.

“Ritchie, por muito tempo, insistiu comigo para que eu me aposentasse, mas eu não queria. Então, um dia, um de seus companheiros me viu em cima de uma escada de quarenta degraus, debaixo de uma nevada danada, pintando uma casa da Prefeitura. Então, êle me forçou a abandonar aquêle trabalho.

“Agora, o tempo se arrasta lento. Cheguei até a pintar a casa para ter o que fazer. É provável que eu faça isso de nôvo, ou mande alguém fazer. Pois agora a gente tem dinheiro para essas coisas. Eu tive de me adaptar a um tipo de vida diferente. Acho que já estou habituado. Em último caso, tenho o jardim para me distrair. Ou pequenas tarefas dentro de casa.”

À noite, assistem à televisão, jogam bingo ou vão a jantaresdançantes. São uma novidade para êles e vão com muita freqüência. Fizeram amizade com vários vizinhos, que os convidam para suas festas. Às vêzes, descobrem-nos em algum lugar e, assim, têm de assinar autógrafos. Harry chega a gostar daquilo, mas Elsie detesta.

“Há pouco, indo a Romford visitar minha família”, fala Harry, “fui até ao colégio de meu sobrinho. Lá deveria haver uma espécie de concêrto. Mas descobriram-me. Sabe como são essas coisas. Acabei tendo de assinar uns Oitocentos autógrafos. Em conclusão: não vi concêrto nenhum.”

Harry costumava cantar nos bares, imitando Billy Daniels. Desde o sucesso dos Beatles, passou a cantar só algumas músicas.

“Na semana passada, choveu por três dias, e nós ficamos sentados aqui, vendo a chuva cair. Para me ocupar com alguma coisa, eu resolvi escrever algumas músicas. Você quer vê-las? Aqui está uma They sit all day, thinking alone, Waiting for a ring in the telephone. Até agora, já fiz umas cinco letras. Mandei-as para Ringo, esperando que êle fizesse a música para elas. É só o que elas precisam: um trecho de boa música para acompanhá-las. Mas êle as devolveu. Êle diz que só sabe tocar um instrumento, e que não sabe compor música.

“O engraçado é, após todos êstes anos de apertos, não se dar valor ao dinheiro. A gente ainda viaja de trem, na segunda classe. Lá, sempre se consegue um lugar tão bom quanto na primeira.

“Sentimos falta de alguns velhos amigos, e vamos visitá-los com freqüência. Às vêzes, eu vou dar uma espiada nas obras da Prefeitura, quando passo por lá. Olho para os rapazes e todos me dizem piadas. E eu lhes respondo: “É assim que as coisas são, meus velhos. Vamos e metam os peitos nessa pintura.”

“Isso tudo parece irreal, não é”, pergunta Elsie. “Agora não existe muita coisa que êles possam fazer. Já fizeram tudo. Os últimos cinco anos foram como uma história de fadas. Todavia, ainda me preocupo com êle, principalmente com sua saúde, depois de tudo que passou. Sei que êle é um homem, com os filhos para criar. Mesmo assim, ainda me dá preocupação.”

29.O IMPÉRIO DOS “BEATLES”

Após a morte de Brian Epstein, houve uma reorganização na Nems de Londres. Até ali, êles continuavam expandindo os negócios, como empresários, agentes ou donos de teatros. Teve de ser resolvido de que maneira continuariam a operar. Ou, então, se parariam, a fim de consolidar o que já possuíam. Com a morte de Brian, apesar de êle, pessoalmente, não ter feito muita coisa no último ano, a cabeça da firma tinha desaparecido. Fôra êle o principal descobridor de talentos. Foi o criador de tudo.

Sua mãe, Mrs. Queenie Epstein, herdou a massa de sua fortuna, enquanto seu irmão mais mômço, Clive, assumiu a presidência da firma. Êle sempre possuía ações da Nems Enterprises, desde a fundação. Das dez mil ações daquela emprêsa, do valor de uma libra cada uma, Brian possuía sete mil, Clive duas mil e cada Beatle tinha duzentas e cinqüenta.

Clive havia continuado no negócio de televisão e fizera muito pouco na parte de show business. Êle tem muito da boa aparência e maneiras de Brian — o hábito de olhar distante do interlocutor, enquanto fala — mas tem o cabelo muito claro, ao passo que Brian o tinha escuro.

Ao contrário de Brian, êle sempre levou uma vida mais tranqüila e menos exaustiva, profissional e particularmente. Êle gosta de passar a maior parte do tempo ao lado da espôsa e de seus dois filhos.

Robert Stingwood deixou a firma, pouco depois da morte de Brian. Isso, de certa forma, ajudou a resolver o problema do empresariado. Stingwood entrara para a firma a fim de usar seu talento descobrindo novos conjuntos, promovendo-os. Ao sair, levou os conjuntos que havia trazido.

A Nems Enterprises, atualmente, é uma organização de empresários e agentes, cujo diretor-gerente é Vic Lewis. Geoffrey Ellis, velho amigo de Brian, continua lá como um dos diretores. A maior parte dos interêsses e do dinheiro dos Beatles agora vai para a Apple, em

vez de ser aplicada na Nems. A Apple é uma companhia fundada por eles mesmos, e que apenas a controlam. Ela já estava sendo formada, antes da morte de Brian, especialmente graças a Paul. Porém, só começou a ser devidamente organizada em 1968.

Peter Brown, o amigo mais íntimo de Brian e seu assistente pessoal, ficou encarregado da maior parte dos contatos com os Beatles. Clive Epstein liberou-os completamente, a partir da morte de Brian. Eles poderiam decidir seus próprios assuntos, porque ele e a Nems não assumiriam o lugar de Brian, neste aspecto. É o que os Beatles fazem hoje. Administram os próprios negócios. Peter serve de elemento de ligação entre a Nems e o mundo exterior. Quem quiser alguma coisa com eles tem de passar primeiro por Peter Brown. Ele organiza tudo. Possui um telefone secreto, seu telefone Beatle, cujo número só é conhecido pelos membros do conjunto.

Tony Barrow ainda é seu principal agente de imprensa, apesar de também dirigir sua própria firma de relações públicas —a Tony Barrow International. E ainda escreve a coluna do Disker para o Liverpool Echo. Trabalha coordenando o fã-clube, cuja secretária continua sendo Freda Kelly. Custa quase sete shillings por ano o título de fã-clube, e os membros recebem regularmente um boletim e um presente de Natal. Sempre há um disco especial de Natal, gravado pelos Beatles, exclusivamente para o seu fãclubes. Eles, geralmente, contam algumas piadas e cantam músicas melosas, como nos tempos do Cavern. Atualmente, o fãclubes conta com pouco mais de quarenta mil membros. Em 1965, quando atingiu o auge, possuía quase o dobro disso. Existem quarenta secretárias regionais, sendo todas voluntárias, e quarenta filiais no exterior.

O fã-clubes funciona com prejuízo, e sempre foi assim. O custo da remessa de quarenta mil boletins e cartazes, várias vezes por ano, consome a maior parte das taxas de inscrição e taxas anuais. E, além disso, há ainda as despesas com encomendas especiais, como a foto colorida do Sargeant Pepper, que custou setecentas libras de impressão, sem contar os salários dos dois funcionários que trabalham em tempo integral para o fã-clubes.

O Beatles Monthly dá um bom lucro. É separado do fã-clube, apesar de a maioria de seus membros o comprarem, assim como mais gente. Trata-se de uma publicação mensal que custa dois shillings e vende oitenta mil exemplares na Inglaterra. Nos Estados Unidos ele sai como suplemento do Datebook Magazine.

Circula desde agosto de 1963. É uma revista para fãs. É o órgão, no gênero, de maior circulação na Inglaterra. Não é editado pela Nems, mas por uma companhia chamada Beat Publications, que paga pela exclusividade. Em vez de auferir grandes lucros com ela, a Nems faz questão de que sua qualidade seja mantida, por exemplo, o grande número de fotos em cor. É uma excelente publicação. As melhores fotografias dos Beatles aparecem nela, e superam muito as que vêm estampadas nos jornais, suplementos e revistas.

Pouquíssimas pessoas entraram no círculo mágico dos Beatles. Profissionalmente, ainda continuam associados com as pessoas que primeiro lhes deram oportunidades, quando chegaram a Londres, em 1962.

Excluindo a Nems, seu conselheiro profissional e amigo mais importante é George Martin. Durante os cinco anos de contato, suas posições quase inverteram. Em 1962, ele era a figura de Deus instalada na Parlophone, o encarregado geral de artistas e do repertório, do qual dependiam em tudo. Hoje, eles não dependem de ninguém.

George Martin deixou a EMI, em 1965, após quinze longos anos. Durante esse tempo, viu a Parlophone ser poupada e os próprios lucros da EMI subirem a grandes alturas.

“Jamais tive lucro com o sucesso dos Beatles. Continuei a receber o meu salário normal da EMI, o que teria acontecido de qualquer forma, já que eu estava sob contrato. Nunca participei daqueles grandes lucros. Estou contente, porque com isso sempre pude falar com liberdade. Ninguém poderá dizer que subi à custa dos Beatles.

“Na EMI achavam que, de alguma forma, eu devia estar nos lucros deles, através de uma das suas muitas companhias. E os próprios

Beatles sempre pensaram que eu estava bem de vida, pois, afinal, a EMI estava me pagando.

No primeiro ano fenomenal dos Beatles, 1963, êle deve ter sido a única pessoa ligada a êles que não auferiu vantagem alguma nas costas dêles. Dick James, o editor de sua música, de fato, teve um enorme lucro.

Em 1963, George Martin foi o responsável pelo maior número de discos, superando qualquer outro produtor na história da música popular inglêsa, que, como sabemos, não é muito longa. A maioria de seus sucessos, durante as trinta e sete semanas no primeiro lugar da lista dos mais vendidos, eram músicas dos Beatles. Mas êle também foi o responsável pelo sucesso dos discos de Cilla Black, Gerry e os Pacemakers, Billy J. Kramer, Matt Monro e outros.

Em 1964, seu salário anual ascendeu para três mil libras, mas isso era parte de seu contrato com a EMI, feito anteriormente ao aparecimento dos Beatles. Êle começou a negociar por meio de um tipo de esquema de incentivo. "Eu achava que quem fazia todo o trabalho duro deveria receber a recompensa. Mas a EMI não gostou disso."

Então, resolveu deixar a companhia, o que também não tornou a EMI mais feliz, pois arrastou consigo dois especialistas em artistas e repertório, John Burgess e Ron Richards. Juntandose a um quarto, Peter Sullivan, da Decca, êles fundaram uma companhia própria, a Associated Independent Recordings, ou AIR, simplesmente.

Na época, todos eram unânimes em afirmar que êles estavam assumindo um grande risco. Aquilo ia de encontro aos moldes tradicionais da indústria do disco. Aos especialistas em artistas e repertório basta um só êrro para irem à falência, ao passo que uma grande companhia, com uma grande equipe, pode dar-se ao luxo de cometer vários erros.

O risco maior que George Martin corria era se poderia ou não manter os Beatles consigo. Legalmente, o contrato dêles ainda era com a EMI. George Martin tinha sido somente um empregado da EMI, encarregado de gravar os discos dêles. Como não pertencesse

mais à companhia, a EMI não precisava dar-lhe nenhum trabalho — a menos que os Beatles pedissem expressamente que êle continuasse como seu encarregado de artistas e repertório.

“Não consultei os rapazes sôbre a minha saída. Apenas me arrisquei à preferência dêles.” Foi o que aconteceu. E a EMI concordou. Ela ainda produz os discos dos Beatles, e George cuida dêles, não como seu empregado, mas como agente à base de comissão. Ela paga-lhe bem alto por seus serviços. “Acho que agora estou ganhando mais do que o diretor-gerente da EMI.” A AIR, atualmente, transformou a indústria do disco na Inglaterra. Os maiores criadores resolveram deixar as grandes emprêsas, vendendo seus serviços às próprias companhias, pelo dôbro ou triplo do que recebiam antes.

No comêço de 1967, a AIR produzia discos de artistas como os Beatles, Cilla Black, Gerry e os Pacemakers, Shirley Bassey, Adam Faith, Lulu, Tom Jones, Manfred Mann e muitos outros.

George Martin, com seus vinte e três discos de ouro conquistados, afinal, tem poucas preocupações financeiras. Agora vive em grande estilo numa grande casa novinha em fôlha, perto do Hyde Park, e tem uma casa de campo em Wiltshire. Êle e sua mulher Judy têm uma filhinha chamada Lucy, que não tem nada a ver com a Lucy In The Sky, e com uma babá para cuidar dela o tempo todo.

George está procurando diminuir suas horas de trabalho, a fim de poder compor suas próprias músicas. Isso muito diverte os Beatles, pois pensam que só os jovens podem escrever música popular. Já fêz a trilha sonora para vários filmes assim como tôda a música de Paul McCartney, para o filme *The Family Way*. Compôs o prefixo para o programa da BBC Radio One e tem contratos para fazer a música de diversos filmes.

Se o plano dos Beatles, através da Apple, de possuir seu próprio estúdio para gravações e um especialista em artistas e repertório chegar a vigorar, poderá afetar de algum modo a posição de George Martin. Mas aconteça o que acontecer, o sucesso de sua companhia já parece ser muito sólido. Êles têm parte do interêsse no Playtape, um sistema que, segundo George Martin, um dia substituirá completamente os discos comuns.

Musicalmente, George Martin está inclinado a servir de assistente, quando os Beatles estão gravando. Agora o conjunto tem tanta confiança em si como compositores e como arranjadores, que já fazem piadas sobre o Big George.

Dick James, o editor de sua música, não ocupa uma posição tão invejável. Suas relações com eles limitam-se, apenas, no que diz respeito aos negócios, apesar de estarem muito contentes com isso.

Dick James tornou-se milionário, porém não foi só graças aos Beatles, mas ao fato de ele ter organizado sua companhia muito bem e ter atraído outros artistas.

Atualmente, seus dias de escritório de uma só sala são coisas do passado. Ele possui prédio próprio para seus escritórios em New Oxford Street — o Dick James House. No primeiro andar está situada uma filial do Midland Bank. O que aumenta a comodidade do edifício. Nêle, funcionam a Northern Songs, Dick James Music e muitas outras companhias. Conta com uma equipe de trinta e dois empregados e sete mil pés quadrados de espaço em seus quatro andares de escritórios.

Dick James ainda tem muito a fazer pelos Beatles, promovendo e vendendo seus discos. Ele diz que ninguém é tão bom que o lançamento e a promoção de seus discos dispensem a devida preparação. Seu trabalho principal é o de recolher os royalties do conjunto. Fica a seu critério discutir bons termos nos contratos, apesar de boa parte das percentagens já estarem estipuladas pelos acordos da profissão.

Quando lançaram as gravações do Magical Mystery Tour, numa única embalagem de dois discos dentro de um livro, ele teve muitas discussões com a EMI sobre os royalties que o conjunto receberia por aquilo. Isso levou a polêmicas intermináveis sobre frações de centavos. Multiplicadas por milhões, as frações de centavos passam a apresentar uma soma considerável.

Dick James também se estendeu, como a maioria das pessoas, no ramo de música impressa. Trabalha em todos os aspectos do negócio de discos, chegando a alugar estúdios e produzir seus

próprios discos, e cedê-los para serem vendidos pelas grandes companhias.

Os companheiros pessoais dos Beatles são todos rapazes de Liverpool, como êles. Muitas pessoas apareceram ou estiveram relacionadas com êles em diversas épocas de suas vidas, mas só uma ou duas mantiveram êsses laços. Alex Mordes, o especialista em eletrônica, Robert Fraser, o dono da galeria de arte, e Victor Spinetti, o ator que trabalhou em Help, continuam amigos dos Beatles. A maioria das pessoas, logo que seus contratos terminam, desaparecem. Assim, também, agem os que participam da produção de um disco ou filme. Quando êles estão à procura de alguém para fazer algo, costumam ir buscar entre seus colegas do passado, tais como Pete Shotton.

Pete Shotton era o melhor amigo de John, desde os três anos de idade. Ambos foram os maiores desordeiros da Quarry Bank School. Pete, entretanto, quando saiu da escola, entrou para a polícia e perdeu todo o contato com John. Abandonou essa corporação três anos mais tarde, ao perceber que ela era completamente contrária à sua natureza. Passou, então, por uma série de empregos sem futuro, tais como tomar conta de um café, que acabou falindo.

Em 1965, estando Pete desempregado e sem dinheiro, por acaso, encontrou John, em Liverpool. John prometeu-lhe financiar qualquer empresa que êle quisesse iniciar. "Achava-me em férias, em Hamshire, quando vi o supermercado de Hayling Island. Gostei do seu aspecto. John comprou-o para que eu o dirigisse. Custou vinte mil libras."

Com isso, John assumia um grande risco, investindo tanto dinheiro com Pete, que não havia dado nenhuma prova de sua competência. Contudo, Pete dirigiu o supermercado por quase dois anos, sendo muito bem sucedido, trazendo grandes lucros. Êle valorizou-o e ampliou-o acrescentando-lhe um departamento de roupas masculinas.

"Se John não tivesse surgido naquela época, eu me teria tornado um marginal. John confessa que também poderia ser um dêles. Eu não possuía um níquel. Estava-me envolvendo com uma série de

negócios meio escusos, privando da companhia dos piores elementos, nos bares.”

No outono de 1967, John convidou Pete a deixar o supermercado de Hayling Island — a mãe de Pete assumiu sua gerência — e vir para Londres trabalhar na Apple. Êle abriu a primeira Apple Boutique em Baker Street, onde permanece como seu gerente. Agora está casado, tem um filho e continua tão íntimo de John como nos tempos de escola.

Terry Doran, outro amigo de Liverpool, também é empregado na Apple. Êle dirige seu departamento da edição de músicas. Terry pertencera ao grupo de Brian, em Liverpool, mas êle já conhecia os Beatles, anteriormente. Quando o sucesso dêles começou a se evidenciar, Brian instalou Terry em sua própria agência de automóveis, pois êle havia sido vendedor de automóveis em Liverpool.

Dear Mr. Low,

I am sorry about the time I have taken to write to you, but I ~~shall~~ hope I have not left it too late. Here are some details about the group.

It ~~is made up of~~ ^{consists} of ~~the~~ four boys:- Paul (guitar) ^{McLarny}, John (guitar) ^{Lennon}, Stuart (bass) ^{Paulista} and George (another guitar, etc.) ^{Wasson}. This line-up may at first seem rather dull, but it must be appreciated that as the boys all have above-average ~~player~~ ^{instrumental} ability, they achieve a surprising ~~amount of~~ ^{variety of} varied effects. Their basic beat is ~~the~~ off beat, but this has recently ~~been~~ ^{tended} to be accompanied by a faint on-beat; thus the overall sound is rather reminiscent of the 4-in-the-bar beat of traditional jazz. This could possibly be put down to the influence on the group of Mr. McLarny, who

Beat
Mr. Mac.
50 times
Billy Smith
Places
Competitions
Records.

"Dear Mr. Low..."

led one of the top local jazz bands (Jim Mac's Band) in the 1920's.

Modern music is, however, the group's delight, and, as if to prove the point, John and Paul have written over 50 tunes, ballads & faster numbers, during the last three years. Some of these tunes are purely instrumental (such as 'Looking Glass Catwalks, and Winston's Walk') and others were composed with the modern audience in mind. (tunes like 'Thinking of Linking, The One after 909, Years Roll Along, and Keep looking that way.) The group also derive a great deal of pleasure from re-arranging old favourites (Print the Sweet, You were meant for me Home, Moon Glow, You are my Sunshine, and others.)

Now for a few details about the boys themselves.

John, who leads the group, attends the College of Art, and, as well as being an accomplished guitarist and banjo-player, he is an experienced cartoonist. ~~His many interests include singing, painting, composing tunes, and playing the piano.~~ His many interests include painting, the theatre, poetry, and ~~and a couple of other things~~ history singing. He is 19 years old and is a founder member of the group.

Paul is ~~17~~ 18 years old, and is reading English literature at Liverpool University. He, like the other boys, plays more than one instrument - his specialities are ^{percussion} the piano & drums, plus, of course,

"Dear Mr. Low..."

Esta firma chama-se Brydor Cars (nome formado com a junção dos nomes Brian e Doran). Entre outros, foi ela que vendeu os carros dos Beatles, porém, acabou fechando.

Alistair Taylor, que estava na Nems de Liverpool e depois em Londres, e que testemunhara o contrato dos Beatles com Brian, agora também trabalha para a Apple.

O outro amigo de infância de John, Ivan Vaughan, não presta serviço algum aos Beatles, mas é um grande amigo deles. Ele frequentou a escola com Paul, e foi ele quem apresentou Paul a John e aos Quarrymen. Agora ele está se preparando para ser um psicopedagogo.

Os ajudantes e companheiros mais chegados dos Beatles são Neil e Mal. Neil (ou Nell) Aspinall foi o seu primeiro agente de viagens. Mal Evans uniu-se ao conjunto, mais tarde, depois de ter sido, por algum tempo, leão-de-chácara do Cavern Club. Ambos, sozinhos, cuidavam de todas as viagens do conjunto, durante todo o período de grandes excursões de volta ao mundo.

Naqueles dias, eles não gostavam do termo agente de viagem. Eles eram pau para toda obra. Agora que eles não viajam mais, esse título não tem razão de ser. Eles são servidores pagos, fazendo-lhes das tarefas mais humildes às mais importantes. Contudo, não há a mínima distinção entre patrão e empregado. São apenas companheiros. Eles são pagos para serem companheiros, quando ou onde algum dos Beatles acha que precisa de um.

Mal é alto e bem constituído, muito suave e de boa natureza, sólido e sensível. Neil é mais baixo, magro, inteligente e franco. Estaria pronto para abandonar tudo e ir embora, se por acaso acontecesse um desentendimento sério. Quando ele não quer fazer uma coisa diz que não, apesar de ele se lembrar de ter dito não, uma vez. Foi quando John disse que ele deveria acompanhá-lo à Espanha, onde ele ia filmar *How I Won The War*. Por fim, Neil acabou cedendo e foi, permanecendo ali durante dias, para que John tivesse alguém com quem conversar depois do trabalho, fora os atôres com quem ele não tinha muito em comum.

Mal, com todos os seus anos passados num emprêgo regular, vê tudo como parte de seu trabalho e não reclama nada que tenha de fazer.

“Nos Estados Unidos, perguntavam-nos constantemente: — “Que farão vocês, quando a bola explodir?” — lembra Neil. “Isso nunca me preocupou, nem preocupa. Apenasmente, estarei fazendo

alguma outra coisa, e é só. Não tenho a mínima idéia do que farei pelo resto da vida. Isso jamais me preocupou.”

Quando as tournées terminaram, em 1966, a vida deles passou a ser menos cansativa. Mas durante as gravações ou filmagens Mal e Neil voltam à velha rotina, levando-os e trazendo-os dos estúdios e certificando-se de que o equipamento deles está pronto.

Ambos seguem a moda Beatle, deixando crescer bigodes e longas costeletas, se os membros do conjunto o fazem, ou usando compridos lenços de pescoço. Estão completamente integrados no conjunto. Sua aparência e linguagem são as mesmas dos Beatles.

Quando não estão gravando, a vida de Neil e Mal é muito mais irregular, com longos intervalos sem fazer nada, mas sempre estão preparados para qualquer chamado. “Imaginam que ficamos de sobreaviso em semanas alternadas, porém, damos a impressão de sempre estarmos prontos.”

Quando algum dos Beatles tem de ir a algum lugar sozinho, Mal ou Neil o acompanha. Neil seguiu a John nas filmagens da Espanha. Mal acompanhou Paul aos Estados Unidos, quando ele foi visitar Jane. Foi com Ringo a Roma, quando ele trabalhou num filme. Em fevereiro de 1968, acompanhou-os à Índia, por ocasião da visita ao Maharishi. Neil seguiu, mais tarde, levando recados e papéis para assinar.

Êles ainda servem de elemento de ligação entre os Beatles e a Nems ou Dick James, especialmente Neil. Sua tarefa é verificar se a letra das músicas está correta e mandá-las para Dick James. Também ajudam, esporadicamente, nos discos do conjunto, tocando maracas, triângulos ou qualquer outra coisa. John constantemente pede a Neil idéias para o arremate de suas músicas. Ambos apareceram no Magical Mystery Tour. Mal era um dos cinco mágicos que aparecem nesse filme.

Neil é solteiro e mora num grande apartamento de luxo em Sloane Street, no outro lado do Carlton Towers Hotel. Aproveita suas horas vagas pintando, um passatempo que ele partilha com os Beatles.

Possui um piano em seu apartamento, apesar de não saber tocar. Sobre o piano há um método aberto na segunda lição.

Por algum tempo, as possibilidades de Neil foram ligeiramente mal utilizadas, pois na realidade, êle tem mais níveis O do que os de todos os membros do conjunto somados —simplesmente porque os Beatles valorizavam o que êle vinha fazendo. Desde 1968, é um dos diretores da Apple Corps, a organização central, dirigida pelos Beatles, que cuida de todos os negócios da Apple. Êle tem um grande escritório em Wigmore Street, onde funciona em alto estilo.

Mal é casado e tem dois filhos. Por algum tempo, dividiu o apartamento com Neil, logo após a mudança dêles para Londres, além de viajar para Liverpool, sempre que era possível. Em 1967, comprou uma casa em Sunbury e trouxe a família para Londres. Escolheu essa casa, por estar a uma distância razoável das casas de John, Ringo e George. Também, foi investido num nôvo cargo — como um dos dirigentes da Apple Records.

O que Mal e Neil nunca foram capazes de entender é a maravilhosa imagem que os Beatles sempre tiveram. “Em verdade ela não foi trabalho de Brian”, diz Neil. “Êle melhorou a aparência do conjunto, fêz com que êles vestissem ternos e se organizassem. Mas êles sempre apareceram como sendo muito bons e simpáticos. Acho que todos preferem que êles sejam assim.

“Atualmente, estão se apresentando ao público como eram antes do aparecimento de Brian, como indivíduos, fazendo e dizendo do que gostam e querem.

“O público ainda acha que êles são simpáticos, apesar de agora êles serem considerados um pouco excêntricos. É estranha a maneira pela qual o público forma uma imagem.”

“Sempre me perguntaram de qual dos Beatles eu gosto mais”, diz Neil, “costumo repetir que é daquele que acabou de me fazer uma gentileza.”

30.OS "BEATLES" E A SUA MÚSICA

Tudo foi um desenvolvimento contínuo. Vez por outra, parece que eles estão marcando passo, para depois prosseguirem a marcha. Ficam logo cheios do que fazem, mormente se têm de repeti-lo, não importando se foram bem sucedidos ou não.

A cada passo, voltam à antiga forma, como o sucesso de Eleanor Rigby e Yellow Submarine, ou Hello Goodbye e I Am The Walrus.

A primeira fase do rock and roll terminou na primavera de 1964, depois de Can't Buy Me Love. Assim, também, o fim da simples linha do conjunto veio em agosto de 1965, com Yesterday, com a introdução de novos instrumentos. As experiências reais de nova série começaram em agosto de 1966, com a última faixa com em Revolver, sendo seguida pelo Sargeant Pepper.

Até as anomalias aparentes podem ser explicadas, como o All You Needs Is Love. Esse compacto foi lançado em 1967, mas à primeira vista parece pertencer ao período de 1963-64. Na verdade não o é. Foi feito num tom satírico, gozando a eles mesmos. Essa fase de sua música só foi atingida a partir de 1967.

Tentar explicar tudo, dividindo as coisas em pedacinhos é tarefa para os musicólogos. E seria um trabalho que não deveria ser elaborado apenas por Mr. Mann do London Times. Pois ele já analisou cada estágio da carreira deles. Uma crítica séria das músicas dos Beatles, nos Estados Unidos, daria para encher um livro. E, provavelmente, isso já se fez.

A coisa mais fácil é olhar o jeito pelo qual eles fazem suas músicas, em vez de tentar analisá-las, e dividi-las em duas épocas: uma das tournées e outra depois delas.

John e Paul escreveram e tocaram suas próprias músicas, durante mais de seis anos. Época em que começaram a gravá-las. Isso foi em 1963. Antes daquele ano, escreveram centenas delas,

esquecidas ou perdidas em grande parte. Paul ainda guarda um caderno cheio de músicas, apesar de não valerem muito. As letras são no estilo de Love Me Do e You Know I Love You, e, quanto à música, só existem escritos uns poucos dó-ré-mis. Na época, só êles mesmos poderiam saber como estas músicas se desenvolviam. Agora já esqueceram.

Nada mais do que vaidade, ou profissionalismo frustrado. Paul era quem o fazia escrevê-las como mais um original de Lennon e McCartney. De qualquer forma, êles as conheciam de trás para a frente, de tanto tocá-las no Cavern.

Uma vez que o Love Me Do — muito velha, da época de seus dias de skiffle — foi gravada, êles poderiam ter usado outras de seus primeiros sucessos, mas não o fizeram. Já haviam composto tantas, que era fácil para êles escreverem outras para seus discos seguintes.

Antes, elas eram compostas por Paul e John em suas guitarras, só para ver o que saía. She Loves You foi escrita, quando estavam a caminho de Yorkshire. Cada um experimentava seus próprios acordes, suas frases e suas músicas, até que um aprovasse o que o outro fizera. Então se uniam, ora indo para a frente, ora tornando atrás para dar uma oportunidade ao outro.

Hoje, êles negam que se estivessem concentrando em palavras simples e emotivas como I and You (Eu e Você). Isso foi mera casualidade. Julgam que a letra de Love Me Do é tão filosófica e tão poética como a de Eleanor Rigby.

Outrora, suas músicas eram mais simples. E os Beatles eram rapazes simples. Escreviam músicas unicamente para tocar para platéias que ficavam aos berros, em compromissos de uma só noite, procurando uma reação imediata.

As músicas eram escritas, trabalhadas e aperfeiçoadas durante as tournées. Na época em que chegaram aos estúdios para gravá-las conheciam-nas de cor e salteado.

“Ficamos atrasados em nosso desenvolvimento”, revela George, “porque tínhamos de estar no palco o tempo todo, executando-as

em nossos velhíssimos instrumentos. Por isso, era nêles que tínhamos que basear-nos.

“Por muito tempo não sabíamos mais o que podíamos fazer. Nós éramos quatro rapazes vindos do Norte a quem haviam deixado fazer música nos grandes estúdios da EMI. Tudo era feito muito às pressas, às vêzes numa só fita, como foi o caso de Love Me Do. Sua execução costumava sair melhor no palco do que quando saiu naquele disco.”

O primeiro long playing dêles, Please, Please Me levou apenas um dia para ser gravado e saiu por quatrocentas libras. O Sargeant Pepper precisou de quatro meses para ser gravado e acabou custando vinte e cinco mil libras.

Hoje, desde que êles pararam com as tournées, suas gravações demoram mais e são muito mais complicadas.

“Agora que a gente só toca nos estúdios e em nenhum lugar mais”, continua George, “quando começamos ignoramos o que vamos fazer. Temos que começar do nada, bolando as coisas no estúdio, fazendo tudo pelo método mais difícil. Se Paul compõe uma música, êle já vem para o estúdio com ela na cabeça. É bem difícil para êle ensiná-la a nós, e mais difícil ainda nós a acertarmos logo. Então o negócio leva muito tempo. Ninguém sabe a música, até que ela esteja gravada e já a tenhamos escutado depois disso.”

Também ninguém atina de que modo as músicas vêm dar às suas cabeças pela primeira vez. Ignoram, ou não conseguem lembrar-se, como e por que produziram algo. Interrogá-los a êsse respeito, não adianta nada, pois talvez já esqueceram tudo, a menos que a gravação seja muito recente.

A única maneira de se conhecer êsse assunto é estar presente, observando como as coisas se processam ou percebendo-se o resultado.

A LITTLE HELP FROM MY FRIENDS

Em meados de março de 1967, eles estavam terminando as gravações para o Sargeant Pepper. Estavam a meio caminho de uma música para Ringo, o tipo da música de que Ringo gosta e que fôra iniciada no dia anterior.

Às duas da tarde, John chegou a casa de Paul, em St John's Wood. Ambos foram para o estúdio de Paul, na parte superior da casa. É um cômodo estreito e retangular, cheio de equipamento estereofônico e amplificadores. Na parede está um grande tríptico de Jane Asher e uma grande escultura prateada de Paolozzi, com o formato de uma lareira cheia de cabeças Dalek por cima.

John começou a tocar sua guitarra e Paul a martelar no piano. Durante umas duas horas consecutivas, os dois só fizeram isso. Ambos pareciam estar em transe. De vez em quando, um surgia com alguma coisa boa. Passava a tentar reproduzi-la em seu instrumento, fazendo uma barulheira enorme.

Eles já tinham a música, desde o dia anterior. Era uma melodia agradável, e seu título, A Little Help From My Friends. Agora estavam tentando poli-la e pensando numa letra para acompanhá-la.

Are you afraid when you turn out the light, cantou John. Paul repetiu e concordou. John era de acôrdo que eles poderiam usar essa idéia para todos os versos, se pudessem imaginar mais algumas perguntas para encaixar na letra.

Do you believe in love at first sight, cantou John. — “Não” — prosseguiu, — “não tem o número certo de sílabas. Que acha você? Podemos dividir o verso e dar uma sílaba extra a esta frase.” John então cantarolou a frase, quebrando-a no meio: “Do you believe — in love at first sight.”

— “Que tal?” — perguntou Paul, Do you believe in love at first sight.

John repetiu a frase e concordou. Ao cantá-la acrescentou a linha seguinte: Yes, I'm certain it happens all the time.

Os dois cantaram as duas linhas para si mesmos, cantarolando as outras frases. Agora, queriam acrescentar o refrão: I'll get by with a little help from my friends. John se distraiu e cantou Would you believe, e que lhes pareceu encaixar melhor.

Então, resolveram mudar a ordem delas: Would you believe in love at first sight/Yes, I'm certain it happens all the time, antes de cantar a seguinte: Are you afraid when you turn out the light. Entretanto, ainda tinham de preencher a quarta linha, e não conseguiam descobri-la.

Deviam ser umas cinco horas. Cynthia, mulher de John, chegou acompanhada por Terry Doran, um de seus velhos amigos de Liverpool e de Brian Epstein. John e Paul continuaram tocando. Cyn pegou um livro e começou a lê-lo. Terry apareceu com uma revista de horóscopos.

John e Paul estavam cantando as três linhas já compostas, procurando encontrar uma quarta.

— “Qual a rima para time?” — perguntou John. — “Yes, I'm certain it happens all the time. A gente precisa de uma rima para essa linha.”

— “Que tal I just feel fine?” — sugeriu Cyn.

— “Não” — respondeu John, — “nunca se deve usar a palavra just (apenas). Não tem sentido. Só serve para encher lingüiça.”

John cantou I know it's mine, mas ninguém lhe prestou atenção. Parecia não fazer sentido, depois de Are you afraid when you turn out the light. Afirmou-se que aquilo parecia obscenidade.

Terry perguntou a data do meu aniversário. Respondi que era no dia 7 de janeiro. Paul parou de tocar, embora parecendo concentrado na música e disse: “Pô, também é o aniversário do nosso filho.” Ouviu a leitura do horóscopo feita por Terry, e depois voltou a massacrar o piano.

Ao meio dessa matança, Paul, de repente, passou a tocar Can't Buy Me Love. John entrou na música, cantando muito alto, rindo e berrando ao mesmo tempo. Paul começou a tocar outra coisa, Tequilla, e os dois principiaram a cantar juntos, continuando a berrar e rir mais alto ainda. Terry e Cyn permaneciam com suas leituras.

— “Você se lembra da Alemanha?” — indagou John. — “A gente só fazia era gritar o tempo todo e por qualquer motivo.” Tocaram Tequilla novamente. Desta vez, John passou a gritar coisas

diferentes na pausa da música. Coisas sem nexos, como knickers e Duke of Edinburg, tit e Hitler.

De repente, pararam e voltaram tranqüilamente à música em que estavam trabalhando. What do you see when you turn out the light, cantou John, experimentando novas palavras para a frase que eles já tinham, deixando a palavra afraid de fora. Então partiu para outra linha. I can't tell you, but I know it's mine. Invertendo ligeiramente as palavras, por fim, encaixaram-na.

Paul gostou do resultado, achando que estava bom. Escreveu os quatro versos escolhidos numa folha de caderno, que estava à sua frente, em cima do piano. Agora, já estava pronta uma estrofe completa e o refrão. Paul levantou-se e começou a andar pelo quarto. John pulou para o piano.

— “Que tal um pedaço de um bôlo vindo de Basingstok” —, perguntou Paul, tirando de uma prateleira um pedaço de bôlo duro como uma pedra. — “É, isso pode servir de sobremesa” —, disse John. Paul fêz uma careta. Terry e Cynthia continuavam a ler tranqüilamente.

Paul pegou uma citara que estava a um canto e sentou-se para afiná-la, mandando John ficar quieto por alguns minutos. John continuou sentado ao piano, parado, com um olhar vago pela janela.

Fora do jardim da casa, podiam-se ver as cabeças de seis fães penduradas no muro da frente. Depois, elas se deixaram cair, exaustas, na calçada atrás do muro. Passados alguns instantes, reapareceram, continuando na mesma posição, até seus braços começarem a ceder pelo cansaço. John permanecia olhando vagamente em redor, através de seus óculos redondos de aro de metal. Então começou a tocar um hino no piano, inventando as palavras à medida que executava a música.

“De costas para a parede se você quiser ver a cara dêle.” E pareceu pular e entrou a massacrar com tôda a fôrça o hino de um time de futebol. — “Vamos escrever um hino ao futebol, eh?” ninguém lhe prestou atenção.

Paul já havia afinado sua citara e estava experimentando umas notas nela, repetindo-as várias vezes. Levantou-se e ficou a andar pelo quarto. John pegou a citara, mas não conseguia arranjar uma posição confortável para tocá-la. Paul disse-lhe que sentasse no chão, com as pernas cruzadas, e colocasse o corpo do instrumento apoiado num de seus pés. Paul afirmou que George tocava daquele jeito, e que, a princípio, era um pouco desconfortável, mas depois de alguns séculos o cara acabava acostumando-se. John procurou ficar naquela posição. Afinal, desistiu e apoiou a citara numa cadeira.

— “Heh” —, John perguntou a Terry — “você foi lá?”

— “Fui, e comprei-lhe três casacos como o de George.”

— “Genial” —, declarou John muito excitado — “cadê êles?”

— “Eu paguei em cheque e só entregarão amanhã.”

— “Oh”, replicou John. — “Você não podia declarar para quem eram êles? Você deveria ter dito que êles eram para Godfrey Winn. Eu os queria agora.”

— “Para amanhã, está bem?” —, interrompeu Paul. —

“Amanhã a gente ainda tem de arranjar umas coisas. Não se preocupe.”

Paul voltou à sua guitarra e começou a tocar e cantar uma música muito lenta e linda, sôbre um tolo sentado numa colina. John ouvia-o em silêncio. Paul repetiu-a várias vezes, cantarolando os trechos da letra que ainda não tinha composto. Quando terminou, John afirmou que era melhor êle escrever a letra já pronta, pois se não a acabaria esquecendo. Paul disse que não tinha problema, êle não iria esquecê-la. Era a primeira vez que Paul tocava aquela música para John. Não houve discussão.

Eram quase sete horas, a hora de ir para os estúdios da EMI, ali perto. Decidiram telefonar para Ringo e contar-lhe que sua canção estava terminada — o que era mentira — e que ela seria gravada naquela noite. John pegou o telefone. Depois de muita brincadeira,

fêz a ligação. Estava em comunicação. — “Se eu ficar esperando esta ligação acabar, a minha entra no telefone dêle?”

— “Não, você tem de desligar e ligar de nôvo” —, respondeu Paul.

ITS GETTING BETTER

Em outra tarde, que era a primeira da primavera, Paul saiu para dar uma volta com sua cadela, Martha. John ainda não havia chegado para êles terminarem o trabalho de gravação do Sargeant Pepper.

Empurrou Martha para o seu Aston Martin. Entrou ao lado dela e deu a partida. O carro, porém, não pegava. Deu-lhe uns murros, esperando que, dêsse modo, êle funcionasse. No entanto, não adiantou nada. Desistiu. Saiu do Aston Martin e entrou no Mini Cooper. Êle pegou logo. Seu caseiro havia aberto os portões prêtos e êle saiu como uma flecha, deixando todos os fãs surpresos. Já estava longe, antes de êles perceberem que Paul tinha saído.

Dirigiu até Primrose Hill onde estacionou o carro e deixou-o, sem o trancar. Êle nunca tranca seus carros.

Martha saiu correndo e o sol surgiu. Paul achou que finalmente era primavera. It’s getting better (Está melhorando), disse para si mesmo.

Êle queria dizer o tempo, mas a frase o fêz rir porque era uma das que Jimmy Nichols vivia repetindo, e, por êsse motivo, os Beatles usavam-na para gozá-lo, na Austrália.

Estando Ringo doente e incapaz de tocar, Jimmy Nichols assumiu o lugar dêle, em parte de uma tournée pela Austrália. Sempre que alguém lhe perguntava como estavam as coisas, como êle se estava saindo ou se tudo estava bem, êle sempre respondia:

“It’s getting better” (Está melhorando).

Naquele dia, quando John chegou às duas horas mais ou menos, para escrever uma nova música, Paul sugeriu: — “Vamos escrever uma chamada “It’s getting better”. Ambos principiaram a tocar, cantando e fazendo confusão. Quando a música estava finalmente

tomando forma Paul disse — “You’ve got to admit, it is getting better” (Você tem de admitir que está melhorando).

— “Você disse “You’ve got to admit it is getting better?””. — Perguntou John.

Então John incluiu aquele verso na música. E assim continuaram até de madrugada. Algumas pessoas vieram ver Paul, algumas com encontro marcado, mas ficaram esperando lá embaixo, lendo ou sendo mandadas embora. Só pararam uma vez para uma rápida refeição.

Na tarde seguinte, Paul e John foram juntos para o estúdio de gravação. Paul tocou a nova música no piano. Cantorolou o acompanhamento, às vezes massacrando a música para encaixar as palavras e dar uma idéia aos ouvintes. Ringo e George manifestaram logo sua preferência por ela. George Martin concordou com eles.

O primeiro estágio, comparado a um bôlo em camadas, é a maneira como agora eles usam para gravar suas músicas. Consiste em gravar o acompanhamento numa trilha.

Êles primeiro discutiram a respeito do tom e que espécie de instrumentos seriam utilizados. Conversaram ainda sôbre outros assuntos. Quando ficavam chateados, afastavam-se e tocavam seus instrumentos ou qualquer um que encontrassem. Num canto do estúdio, estava um piano eletrônico, deixado lá, depois da gravação de outra pessoa. Alguém correu os dedos pelo seu teclado e ficou resolvido que êle seria usado.

Ringo sentou-se à bateria e executou o que considerava ser um bom acompanhamento, com Paul cantando-lhe a música no ouvido. Paul tinha de gritar no ouvido de Ringo, por causa do barulho, à medida que lhe ia explicando.

Após umas duas horas de tentativas, conseguiram reunir todos as partes do acompanhamento. George Martin e dois técnicos do estúdio, que estavam presentes, à espera de uma conclusão, foram para a cabina de contrôle à prova de som, onde se acomodaram, aguardando que os Beatles se organizassem.

Neil e Mal arrumaram os instrumentos e os microfones num canto do estúdio e, os quatro finalmente principiaram a cantar e tocar o It's Getting Better. Ringo parecia um tanto perdido, estando um pouco afastado dos outros, escondido atrás de seus tambores. Os outros três estavam juntos em tórno de um microfone.

Tocaram a mesma música, pelo menos umas dez vêzes. Gravava-se tudo, na sala de contrôles à prova de som, mas sòmente os instrumentos, as vozes não. De vez em quando, Paul dizia — “Mais uma vez. Vamos tentar dêste jeito” —, ou — “vamos executar mais baixo” — ou — “mais bateria!” À meia-noite, o acompanhamento estava gravado.

No dia seguinte, John e George foram-se reunir na casa de Paul. Ringo não estava lá. Iam apenas fazer a trilha cantada do It's Getting Better. A presença de Ringo era dispensável. Ivan Vaughan, colega de escola de Paul e John, também se achava lá. Às sete e meia, foram para os estúdios da EMI, onde George Martin, como um dono de casa muito compreensivo, estava à espera dêles.

O acompanhamento de It's Getting Better, gravado no dia anterior, foi repetido várias vêzes, para êles ouvirem. George Harrison e Ivan foram conversar num canto. Paul e John, porém, ficaram ouvindo cuidadosamente a gravação. Paul advertiu os técnicos, recomendando-os sôbre as mudanças dos registros, como deviam fazer, e sôbre os trechos de que êle gostava mais. George Martin assistia e aconselhava, quando necessário. John estava com um ar distraído.

Dick James, editor da música dos Beatles, chegou, vestindo um casaco de lã de camelo. Cumprimentou a todos muito alegre e fêz logo uma piada sôbre o boato de a EMI estar comprando a Northern Songs.

Ouviu o acompanhamento de It's Getting Better e não mostrou reação alguma. Então, tocaram-lhe outra música. Aquela que fala de uma garôta que está saindo de casa. George Martin achou que esta quase o fazia chorar. Dick James continuou ouvindo-a. Concordou, achando-a excelente. Outras mais houvessem dêste tipo e viriam a calhar muito bem. Pouco depois, levantou-se e foi-se embora.

Êles executaram o acompanhamento de It's Getting Better, talvez pela centésima vez. Paul, todavia, ainda não estava satisfeito com o resultado. Achou melhor telefonar para Ringo, a fim de fazerem o acompanhamento novamente. Alguém foi ligar para a casa dêle.

Peter Brown chegou. Estava retornando de uma viagem aos Estados Unidos. Entregou-lhe alguns novos discos americanos e pularam em cima dêles. Êles tocaram She's Leaving Home e algumas músicas já gravadas para o Sargeant Pepper. E repetiram o acompanhamento de It's Getting Better. Durante esta execução, Paul falou com um técnico, pedindo-lhe para experimentar outra mistura de sons. O cara obedeceu e Paul achou que a música ficara muito melhor. Dêsse jeito estava bom. Com isso, era desnecessária a presença de Ringo.

— “E nós pedimos, agorinha, um Ringo com torradas” —, falou John. A vinda de Ringo foi cancelada a tempo. O estúdio foi preparado para a gravação da letra. Enquanto Neil fazia a arrumação, Mal trouxe chá e suco de laranja numa bandeja. Paul deixou seu chá esfriar, e brincava a um canto com um metrônomo que encontrara por ali. Ao mexer nos registros, conseguiu tirar seis sons diferentes. Êle então afirmou a um dos técnicos de som que, se alguém conseguisse fazer um metrônomo com os sons controlados e em ordem, estaria inventado um nôvo instrumento eletrônico.

Finalmente, estavam prontos. Os três se reuniram em tórno de um microfone e principiaram a cantar It's Getting Better. Na sala de contrôle, George Martin e seus dois assistentes iam fazendo a gravação. Os três Beatles cantavam, sem tocar, e podiam ouvir o acompanhamento através de fones colocados em seus ouvidos. Cantavam sôbre seu acompanhamento anteriormente gravado.

No estúdio, o que se ouvia eram suas vozes desacompanhadas dos instrumentos. Não havia qualquer espécie de acompanhamento.

Repassaram a música umas quatro vêzes. Então, John disse que não estava sentindo-se bem e que precisava de um pouco de ar fresco. Alguém foi abrir a porta atrás do estúdio. Veio um grande ruído do outro lado. A porta foi-se abrindo lentamente, sob a fôrça de um bando de fãs que, não se sabe como, haviam conseguido penetrar no prédio.

George Martin saiu de sua sala e aconselhou a John ser melhor êle subir ao telhado, para respirar ar fresco, em vez de sair do prédio.

— “Como está o John?” — perguntou Paul a George Martin, através do microfone.

— “Está olhando as estrêlas” —, respondeu George Martin. — “Você quer dizer Vice Hill?” — perguntou Paul, que começou a cantar Edelweiss e a rir. E John voltava ao estúdio.

No canto do estúdio Mal, Neil e Ivan não podiam ouvir as piadas que eram feitas através dos fones. Terminaram seu chá. Ivan estava escrevendo uma carta para sua mãe. Neil fazia o seu diário. Êle havia começado êsse diário há apenas duas semanas e achava que deveria tê-lo iniciado há cinco anos atrás.

Chegou um cara chamado Norman, vestindo uma camisa roxa. Êle tinha sido um dos técnicos de som e agora tinha seu próprio conjunto, o The Pink Floyd. Educadamente, êle perguntou a George Martin se os membros de seu conjunto poderiam entrar para assistir à gravação dos Beatles. George sorriu sem animá-lo. Norman então ajuntou: e se êle pedisse a John, como um favor pessoal? George respondeu-lhe que não, pois não adiantaria nada. Acrescentou que, se, por acaso, êle e seu conjunto aparecessem por ali às onze horas, êle talvez desse um jeito.

Êles voltaram mais tarde, mais ou menos às onze, e se cumprimentaram meio entusiasmados. Os Beatles continuavam cantando o It’s Getting Better. Parecia que pela milésima vez. Lá pelas duas horas êles chegaram a um resultado que não lhes desagradava.

MAGICAL MYSTERY TOUR

A música e a letra de It’s Getting Better já estavam prontas antes de êles chegarem ao estúdio para gravá-la. Quando, porém, chegaram, às sete e meia, aos estúdios da EMI, para a gravação de Magical Mystery Tour, êles tinham o título e alguns compassos da música.

Havia a tradicional multidão de fãs aguardando a entrada dêles, sem gritaria. Estavam quietos e contritos, como súditos humildes, subjugados pela presença dêles. Quando entraram, uma môça,

timidamente, entregou a George um botão no qual estava escrito George para Deputado.

— “Mas por que o Paul McCartney votaria em você?” —perguntou-lhe John.

Paul tocou os compassos de abertura do Magical Mystery Tour ao piano, mostrando aos outros como era a coisa. Êle gesticulava muito com as mãos e gritava flash, flash, revelando que seria como um comercial. John estava vestindo um casaco laranja, calças de veludo roxo e trazia um sporran ([5](#)). Êle abriu-o e dêle tirou um cigarro. Alguém gritou-lhe que Anthony, seu motorista, queria falar-lhe pelo telefone.

Êles ficaram inclinados sôbre o piano, enquanto Paul repetia várias vêzes aquela abertura. Paul pediu a Mal para escrever o roteiro da gravação da música. Numa escrita de colegial e muito lenta, Mal escreveu o título e ficou atento para receber as instruções de Paul. Paul disse: — “Pistões” —, sim, êles precisavam ter alguns pistões no início, uma espécie de fanfarra para acompanhar o Roll Up, Roll Up, for the Magical Mystery Tour. E disse que seria melhor Mal também escrever aquela frase, pois era a única pronta até então. Paul mandou Mal escrever DAE, os três primeiros acordes da música. Mal ficou mordendo o lápis, à espera de mais palavras inspiradas por Paul. No entanto, não vinha mais nada.

Então os instrumentos foram instalados e arrumados para a gravação do acompanhamento, que, como de hábito, seria a primeira coisa a ser gravada. John apareceu e perguntou se Mal já havia entrado em contato com Terry. Mal respondeu-lhe que ainda não tinha conseguido. John falou que o serviço dêle era aquêle. Por isso, êle tinha de ficar insistindo até conseguir alguma coisa.

Levou umas duas horas até que o acompanhamento fôsse composto e gravado. Terminada essa etapa, Paul foi falar com George Martin na sala de contrôles. Depois, ficou ouvindo, várias vêzes, o acompanhamento já gravado.

Enquanto Paul e os técnicos resolviam as coisas no estúdio, lá em cima, George tirou uns lápis do bôlso e começou a desenhar. Ringo

ficou olhando para o teto, fumando e parecendo muito feliz (que é a sua expressão natural quando não está falando). John estava ao piano. Às vezes tocava tranqüilamente, às vezes dava pulos, fingindo ter espasmos, ou executando bem alto as suas canções melosas. Ninguém lhe prestava atenção. Êle sorria intimamente através de seus óculos, como um gnomo japonês. Neil estava lendo uma pilha de *Occult Weeklies*, que antes todos já haviam folheado. Mal desaparecera.

Finalmente, Paul ficou satisfeito com a gravação do acompanhamento. Voltou ao estúdio e falando que agora poderiam acrescentar-lhe alguma coisa a mais.

Mal reapareceu carregando um grande saco de papel pardo cheio de meias, tôdas de côres claras e brilhantes. Em primeiro lugar, passou o saco primeiro para John, que se apoderou dêle com grande alegria. Êle escolheu vários pares, e depois passou o saco para os outros escolherem. Na noite anterior, quando passara por Mal, êle havia dito simplesmente: — “Meias, Mal”.

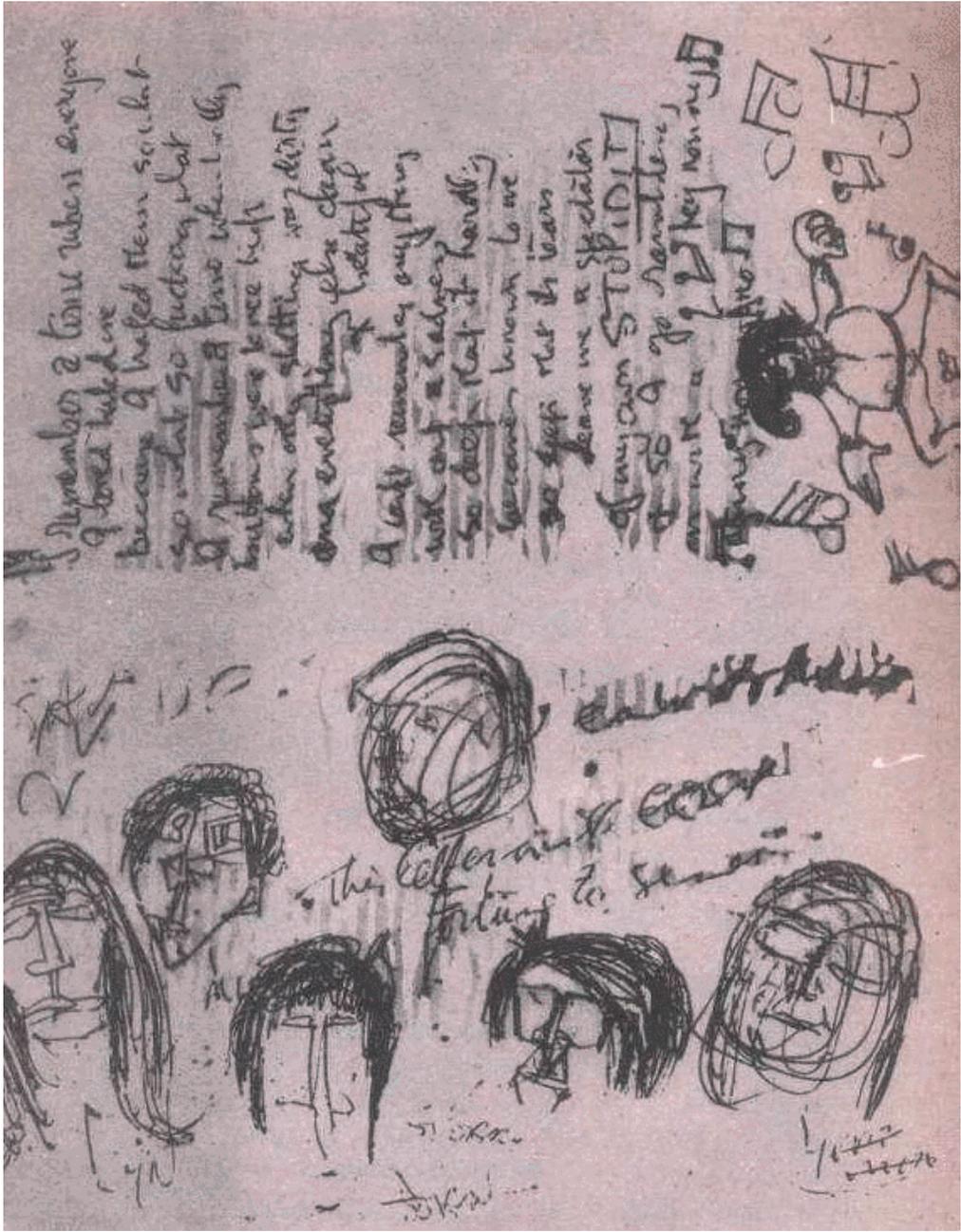
Depois da distribuição das meias, Paul interrogou Mal se êle havia conseguido algum dos cartazes do *Magical Mystery Tour*. Mal garantiu-lhe que estivera o dia inteiro pelos pontos dos ônibus, procurando-os. Mas não conseguira encontrar nenhum.

Êles esperavam que um cartaz verdadeiro lhes desse algumas idéias para a letra da música. Afinal, tentaram novamente descobrir algumas palavras adequadas, além do *Roll Up, Roll Up...*, que era tudo até ali.

Enquanto gritavam as idéias, Mal as escrevia. *Invitation, Trip of a lifetime, Satisfaction guaranteed*. Logo se encheram daquilo. Resolveram cantar as palavras que lhes viessem à cabeça, só para ver no que dava. E passaram a fazer isso.

Terminado aquilo, Paul decidiu que na trilha seguinte êle acrescentaria um pouco de baixo ao acompanhamento. Colocou os fones ao ouvido a fim de poder ouvir o que já tinham feito, preparando sua guitarra-baixo. Depois daquilo, disse que deveriam incluir mais alguns instrumentos. Paul, Ringo, George, John, Neil e

Mal pegaram os instrumentos que estavam por ali —maracas, sinos, pandeiros.



"I Remember a Time"

He says, can we go on writing
 and writing, what you'll read
 really, people who when writing to
 or why, it's quite terrible, and
 usually write letters, and
 forget about it, but if
 I put it in this little part
 of my almost secret self
 in the kind of someone
 with a way who will wonder
 what the hell is going on, or
 just go out of a letter paper
 any way I don't care really
 what happens because when
 I think about it, it's so
 bloody unimportant - just what
 is important who has the right
 to say that the letter is not
 in - not out and then is on
 something any way - in any way
 any way - plus,
 I remember what the word is for

to be a creature or something of
 last its year.
 In how are you keeping
 Stuart old chap - are you in
 a bit - in life or good - good skills,
 great - wonderful about way or
 in it just a thousand years
 of nothing, and continue on
 and in someone
 I think they is it
 Cigarette like don't work
 out of for what it's
 well not be case you
 think you ought to
 make in the you feel like
 so opposite of the
 the one with the
 AMY HUNT /
 RYE BILE
 See you soon
 I don't know
 what I should do

"I Remember a Time"

Goerge Martin não tocou nada, apesar de ter feito isso em diversos discos do conjunto. Colocaram os fones aos ouvidos e massacraram os instrumentos ao som do que já estava gravado.

Às duas horas, o acompanhamento básico já estava gravado, muitos gritos e palavras desconexas, e alguns instrumentos de percussão.

Então o Magical Mystery Tour ficou no esquecimento por quase seis meses.

Os Beatles parecem gravar sua música num caos aparente. É certamente um método caro de acertos e erros, fazendo as descobertas à medida que as coisas vão-se desenrolando. Houve tempo em que suas músicas eram gravadas de uma maneira direta, numa tentativa, ou no máximo em duas. Atualmente, precisam pelo menos de quatro trilhas. A cada passo, vão descobrindo um instrumento a mais, ou um efeito para acrescentar. E quando numa experiência destas se emprega uma orquestra de quarenta instrumentos, como no A Day In The Life, a despesa é considerável.

Ao ouvir cada etapa de suas gravações, feitas as primeiras duas trilhas, costuma ser difícil saber o que mais êles ainda têm em mente, porque a coisa já parece completa. Frequentemente a complicada versão final parece conter a simples melodia inicial. Por vezes, é impressionante como êles dedicam à mesma música dez horas consecutivas.

Paul, quase sempre, lidera em tudo. Dá-se isto, porque alguém sugere que a coisa ainda não está boa e é preciso refazê-la. Todos sabem disso. Mas tem de haver alguém para dar as instruções. Paul faz isso melhor. Êle, sobretudo, é o mais animado. Mas todos dão opinião nas decisões importantes. Quando John é o autor da música, êle dirige a maior parte. O mesmo acontece com George. Especialmente, George, mais do que todos, se encarrega exclusivamente de suas músicas.

A gravação de tôdas as suas músicas obedece, de certo modo, o mesmo padrão. Todavia, não existe um padrão para a criação e escrita das músicas. Isso acontece de várias maneiras.

“Às últimas quatro músicas são pura malhação a êsmo”, afirma Paul. “Se precisarmos de mais quatro, é muito simples: a gente senta e as compõe. Elas não são piores do que as que saem da nossa imaginação. Comumente, são as melhores, pois naquele estágio de gravação já sabemos as músicas que queremos.”

Cêrca de um têrço de suas músicas são escritas desta forma, porque êles têm de escrevê-las logo, e não podem ficar esperando pela inspiração. Dessa maneira, John e Paul fazem-nas sòzinhos. Costumam, também, fazê-las de parceria. Começam-nas às duas da tarde e levam um dia para terminá-las.

Muito poucas das suas músicas são produzidas sob alguma inspiração. Se ao acaso e repentinamente têm uma idéia, é raro êles se assentarem imediatamente e passá-las para o papel. Freqüentemente guardam-nas de memória, até ao momento de precisarem delas. E mesmo quando estão gravando algum long playing, gostam de trazer para o estúdio a música ainda incompleta, para os outros ouvirem. Isso é motivado pela preguiça ou por alguma causa qualquer. Preferem que os ajudem.

A inspiração Eleanor Rigby veio quando Paul estava olhando a vitrina de uma loja em Bristol. Gostou do nome — Daisy Hawkins e foi o bastante. Brincando com o nome gravado na memória, deu-lhe ritmo e depois mudou-o para Eleanor Rigby. Êle imaginou a música inteira na cabeça, e, quando começaram a gravá-la, sua letra ainda não estava terminada. O último verso foi bolado por todos êles, com sugestões de última hora no estúdio.

A única música que trouxeram pronta, de que êles conseguem lembrar-se, gravada sem alterações, foi a música de John, Nowhere Man. E nem por isso êle se sente orgulhoso.

“Eu estava sentado, querendo criar uma música. Então, pensei em mim, sentado ali, sem fazer nada e sem ir a lugar nenhum. Com êsse pensamento, o resto foi fácil. As idéias foram saindo. Não, agora me lembro: na verdade eu tinha tentado fixar o pensamento em qualquer coisa. Não saía nada. Fiquei cansado e resolvi ir deitar-me, desistindo daquilo. Então me imaginei como o Nowhere Man — sitting in his nowhere land.”

Existe muito pouca inspiração nas músicas que nascem de maneira singela. Muitas delas têm sua origem nos ambientes do passado dêles (como Penny Lane) ou presente (como Lovely Rita). John, particularmente, teve muitas idéias novas vendo os meios de comunicação que o circundam.

“Mr. Kite veio repentinamente. Parece que tôdas as palavras estavam olhando-me num dia em que eu buscava compor alguma coisa.

“Elas se achavam naquele velho cartaz que eu havia comprado numa loja de antigüidades. Nós havíamos estado no Surrey ou algum lugar dêsses filmando para acompanhar o Strawberry Fields Forever. Como houve um intervalo na filmagem, aproveitei-o para entrar nesta loja e comprar um velho cartaz que anunciava um espetáculo de variedades no qual Mr. Kite se apresentava.

“Êle dizia que os Hendersons estariam lá. Haveria cavalos e arcos, alguém atravessando um barril de fogo e Henry the Horse. A banda se apresentaria às dez para as seis, em Bishopgate. Olha, ali está o programa, com Mr. Kite encabeçando o elenco. Apenas acrescentei uma ou outra palavra as frases.

“Não me orgulhei muito com aquilo. Quase não tive trabalho. Idealizei-o, porque no momento precisávamos de uma nova música para o Sargeant Pepper.”

Fato semelhante ocorreu quando da inspiração que muitos consideram como a melhor música do Sargeant Pepper — A Day In The Life.

Esta música foi proibida pela BBC, em razão de ela fazer referências às drogas — I’d Love to turn you on. Até John está muito satisfeito com ela.

Quase todos os versos da primeira parte principiam com I read the news today, oh boy. Surgiu de uma notícia que John estava lendo no dia em que a compôs.

“Eu estava escrevendo uma música com o Daily Mail aberto à minha frente, no piano. Abri na seção de notícias curtas ou Longe e Perto, ou outro nome qualquer. Havia um anúncio sôbre a descoberta de quatro mil buracos em Blackburn, Lancashire. Faltava ainda uma palavra naquele verso, quando fomos gravá-lo. Eu sabia que a frase tinha de ser Now they know how many holes it takes to.... (qualquer coisa) o Albert Hall. Era um verso realmente tolo, mas ignoro por que eu não conseguia descobrir um verso adequado para êle. Que relação havia entre os buracos e o Albert Hall?

“Terry sugeriu: encher o Albert Hall. E lá estava a coisa. Eu procurava aquela palavra sem cessar, mas não conseguia encontrá-la. Alguns não lhe arranjam a palavra adequada ou a frase procurada. Apenas tentam acertar a palavra que você está buscando.

O filme mencionado naquela música não figurava no jornal que só fazia uma referência a seu próprio filme, em que êle havia terminado de trabalhar — How I Won The War. O filme é sôbre o exército inglês ganhando a guerra, e era baseado num livro.

“O The lucky man who made the grade referia-se a um acidente de automóvel e, indiretamente, à morte de um amigo de John e dos Beatles — Tara Brown. Michael McCartney, irmão de Paul, era seu amigo íntimo. O mesmo jornal em que John estava escrevendo a música, noticiava a sua morte.

“Não copieei o acidente. Tara não estourou os miolos. Mas eu o imaginava, enquanto fazia a letra. Tara tampouco pertencia à Casa dos Lordes. Entretanto, era filho de um par do reino, Lord Oranmore and Browne, e membro da família Guinness, o que quase dá no mesmo.

“Good morning, Good morning foi motivado por um anúncio de televisão sôbre flocos de milho. “Eu freqüentemente sento ao piano, trabalhando minhas músicas, com a televisão ligada baixo. Se estou com preguiça, não conseguindo fazer quase nada, presto atenção nas palavras saídas da televisão. Foi assim que ouvi o Good morning, Good morning.”

Muitas vêzes o ponto de partida de John é uma peça rítmica básica. Depois, as palavras são encaixadas de forma que o ritmo que no início consistia em três ou quatro notas, pode ser repassado e desenvolvido, na sua memória ou no piano.

Certa vez, em sua casa de Waybridge, John havia acabado de ouvir um carro da polícia passar com a sirena tocando. Isso consistia em duas notas. Uma acima outra abaixo, repetidas várias vêzes, como um grito primitivo. O ritmo ficou gravado no seu pensamento e êle começara a brincar, colocando-lhe uma letra.

“Mis-ter, Ci-ty, p’lice-man, sit-tin, pre-tty.”

Em seguida, experimentou as palavras numa ordem ligeiramente diferente. “Sitting pretty, like a policeman”, e não havia ido muito longe. Êle garantiu que essa seria a base para uma nova música, mas não tinha a mínima necessidade de desenvolvê-la naquela ocasião. Lembrar-se-ia dela na próxima vez em que precisasse. “Escrevi num pedaço de papel para não esquecer e deve estar em algum lugar. Sempre estou certo de esquecê-las e, portanto, escrevo-as, mas nem é preciso.”

No mesmo papel, escreve outras palavras, palavras sem sentido, para acrescentar um outro pedaço de ritmo. “Sitting on a cornflake, Waiting for the man to come.” Pensei que êle tivesse escrito van to come, o que não aconteceu, mas êle disse que preferia assim e, portanto, seria assim.

Êle também estava com um outro trecho de melodia em sua cabeça. Começava com a frase Sitting in an English Country garden. Isso é o que êle faz pelo menos durante duas horas cada dia, sentado nos degraus de fora de sua sala, olhando o jardim. Desta vez, pensando em si fazendo aquilo, êle havia repetido a frase várias vêzes até lhe dar uma linha melódica.

“Não sei como vai terminar a coisa. Talvez elas se tornem partes diferentes da mesma canção — Sitting in an English Country garden, Waiting for the van to come. Realmente não sei.”

Foi o que aconteceu. Juntou todos os pedaços e compôs I Am The Walrus. No acompanhamento dessa música ouve-se o ritmo insistente de uma sirena de carro da polícia, que em primeiro lugar dera origem àquela canção. Isso acontece freqüentemente. Pedacos que começaram colhidos aqui e ali acabam formando uma só música, pronta para ser gravada e até comporem uma nova canção.

John é inspirado pelos ritmos, e sempre êle coloca música em seus poemas ou idéias sem nexos. Paul cria a música primeiro. Uma manhã John acordou às sete horas e não conseguiu pegar no sono de novo. Ficou com as palavras pools of sorrow, waves of joy martelando em sua cabeça. Levantou-se e escreveu ao todo dez

linhas, que mais tarde se transformaram em Across The Universe. Nesta sua primeira visão matutina, ao escrever frases sentimentais e melosas, a fim de passar à linha seguinte, sua escrita foi piorando e ficando ilegível, por causa do embaraço que sentia se alguém lêsse as frases de que não gostava. O mesmo fazia com seus poemas quando era garôto, e, mais tarde, com as cartas para Stu. Buscava esconder os pensamentos sentimentais, caso Mimi ou alguém os lêsse.

Por fim, não se sentiu realmente contente com a música. Julgava que ela saiu, conforme idealizara. Não que êle trabalhe tão àrduamente quanto Paul, quando estão gravando uma de suas músicas. John não é tão claro quanto Paul em suas explicações aos outros. Quando John conversa com George Martin sôbre uma de suas músicas, solta muita onomatopéia e ruídos à medida que êle procura transmitir a George Martin o que tem em mente. Ademais, não é tão decidido como Paul. Costuma perguntar aos outros sua opinião sôbre o que acabaram de ouvir e o que achavam da gravação. Paul vai falando logo: — “vamos repetir, ainda não está bom.”

Heh Bulldog foi outra música de John, iniciada com algumas palavras e às quais juntou uma linha melódica. Talvez seja sua gravação mais rápida, feita depois de terem deixado as tournées. Foi produzida em fevereiro de 1968, após um dia inteiro de trabalho. Tinha ido ao estúdio a fim de serem filmados em três minutos, acompanhando a Lady Madonna. Essa música era uma criação de Paul, tendo no lado A um disco lançado em março de 1968. Essa filmagem tinha finalidade promocional.

“Paul achou que a gente devia fazer uma música no estúdio para poupar tempo. E me indagou se eu tinha alguma coisa em mente. Em casa, eu tinha escrito algumas palavras e resolvi trazêlas comigo.” Ajudado por Neil e outros, as palavras foram completadas no estúdio. John disse-lhes como imaginava a música e êles, simultâneamente, criaram o acompanhamento, pegando seus instrumentos e tocando juntos, enquanto a equipe os filmava.

As palavras foram um pouco alteradas, pois, à medida que a cantavam, Paul se enganou com a letra de John. Numa linha estava escrito *measured out in news* e acabou saindo *measured out in you*, e todos concordaram que soava melhor. No começo da gravação, não havia uma referência a *Bulldogs*. Únicamente uma menção a *bull-frog* (^{6}). Paul logo fêz piada, começando a latir para gozar John. E então, resolveram manter os latidos e mudar o nome da música. John achou que a idéia de um cachorro se encaixava perfeitamente bem. Poderia ser um cachorro que late ao longe, chateando, tentando pegar o camarada, exatamente como a môça da canção. Pegou uma citara e dedilhando-a como George Formby, pôs-se a cantar a letra num sotaque de Lancashire. Contudo, isso foi abandonado.

A maioria das composições de John são feitas ao piano. Passeando os dedos pelo teclado durante várias horas, deixa sua mente vagar, quase num transe, enquanto os dedos procuram catar pedaços da melodia. “Trago outra comigo. São algumas palavras sòmente, e acho que as tirei em um anúncio — *Cry baby cry, make your mother buy*. Fiquei batucando isso no piano. Deixei-a ir embora. Ela voltará se eu realmente quiser. Levanto-me do piano como se tivesse estado em transe. Às vêzes, sei que deixei escapulir alguma coisa, e que poderia tê-la agarrado, se eu quisesse.”

Paul, ao contrário, gosta de trabalhar na música inteira em vez de compô-la aos pedacinhos. Freqüentemente, porém, elas são abandonadas incompletas. E, mesmo já terminadas, às vêzes são deixadas por ali durante muito tempo. *O’When I’m Sixty Four* (esta idade é em homenagem ao pai de Paul) foi escrita no tempo do Cavern, antes de têmos um estalo e de ela ser revista como ideal para ser incluída no *Sargeant Pepper*.”

Outras vêzes, tendo ambos músicas feitas só pela metade, fundem-nas numa única melodia nova. Como exemplo temos o *A Day In The Life*.

“Escrevi a primeira parte e mostrei-a a Paul. Disse-lhe que precisávamos de oito compassos do meio. Êle perguntou — “que tal isso — *Woke up, Fell out of bed, dragged a comb across my head*”.

Ele a escreveu sozinho, sem ter a mínima noção do que eu estava fazendo. Concordei. Afirmei que era aquilo mesmo.

“Descobrimos, entretanto, que precisávamos de um trecho para fazer a junção das duas partes, num ruído crescente, para se voltar à primeira parte. Queríamos bolar um fim ideal e tínhamos de escolher sobre a espécie de instrumentos que soariam bem. Em todas as nossas músicas, não há um que suplante os demais até ao fim. Eles se vão alteando o tempo todo, à medida que a gente vai prosseguindo.

“É freqüente acontecer que o acompanhamento idealizado no início acaba não saindo. Em Tomorrow Never Knows imaginara que deveríamos ouvir milhares de monges cantando em surdina. Achamos pouco prático e tudo saiu completamente diferente. Eu devia ter tentado aproximar-me daquela idéia original: os monges cantando. Percebo agora que era aquilo que eu queria.”

É bastante difícil para John, Paul e George tirar nos instrumentos os sons que têm em suas mentes. Isso é ainda mais difícil para George Martin. Às vezes, eles deixam pedaços de gravação que apresentam problemas insolúveis na ocasião, e, posteriormente, podem ser reunidos. É hábito resolverem tudo de repente. Assim, quando eles pensaram em alugar os estúdios de Shapperton, para filmar o Magical Mystery Tour, decidiram-no com uma semana de antecedência. Da mesma forma, decidem da noite para o dia que precisam de uma orquestra de quarenta instrumentos para a tarde seguinte. E esperam que o George Martin consiga isso para eles.

Às vezes, ele se diverte com a falta de conhecimento musical deles. “Eles pedem coisas como botar os violinos para tocar um Fá abaixo de meio Dó, e é natural que os violinos não o podem fazer.”

Mas ele aprova o método deles de irem acumulando tudo numa fita até conseguirem um som de que gostam. Sempre apreciou a parte eletrônica das gravações, desde os dias em que experimentava sons engraçados para seus discos de Peter Sellers. Ele acha que os

Beatles poderiam usar 64 trilhas diferentes, e não apenas quatro, para poderem acrescentar o que conseguem imaginar.

“Uma vez vi um filme de Picasso trabalhando. Êle começa com uma idéia, e, a seguir, vai cobrindo-a com outra. Êle conserva a idéia básica, mas modifica-a colocando-lhe outras por cima. Às vêzes, a original pode ser obliterada.”

Surgem complicações quando a questão não é apenas acrescentar alguma coisa à trilha existente, e sim trechos de duas separadas. Tècnicamente, Strawberry Fields foi uma das criações mais difíceis. Êles fizeram as costumeiras trilhas básicas. Então, John, tocando-as em casa, concluiu que aquilo não era o que êles desejavam.

Êle idealizara um som suave, em surdina, no entanto, saiu muito estridente. Êle disse que eu poderia reformular tudo, empregando instrumentos de cordas. Escrevi um nôvo arranjo e gravei-o. Porém, não gostou. Achou que ainda não estava bom. Agora, êle queria aproveitar a primeira metade da primeira gravação e a segunda metade da nova. Perguntou-me se eu seria capaz de juntá-las para êle. Respondi-lhe que não. Éra-me impossível. Elas estavam em claves, registros e tempos diferentes.

Enquanto George Martin bolava um jeito de sair daquela enrascada, sem ter de repetir tudo de nôvo, notou que, se acelerasse um pouquinho o tempo mais lento, êle não só mantinha o mesmo compasso da outra gravação, como também a mesma clave. Por acaso, descobriu a maneira de juntar os dois pedaços sem maiores problemas.

Não parece que os Beatles jamais se tenham preocupado, quando lhes dizem que alguma coisa é impossível, ou tampouco se preocupam quando George Martin lhes diz que o que pensaram ser novidade já são coisas muito batidas. No fim do She Loves You êles apresentaram uma idéia que lhes parecia absolutamente nova. Consistia em descer no último iê-iê-iê e acrescentar um sexto. “Disse-lhes que isso já estava cheio de calos, de tanto ser usado. Glenn Miller já fazia aquilo há vinte anos atrás. Êles perguntaram — “e daí?”. Pois era o que êles queriam.”

George Martin, ao considerar seu trabalho com êles, divide-o em dois estágios. "No primeiro, êles precisavam de mim tremendamente. Êles não sabiam nada e confiavam em mim para produzir aquêles som bárbaro dêles, o barulho ensurdecidor que êles faziam no Cavern, e ninguém queria gravar. Os caras como Cliff e os Shadows eram tranqüilos e controlados.

"O segundo é o atual, quando êles sabem o que querem botar num disco, mas confiam em mim para arranjar aquilo para êles.

"Enquanto isso, deixei de ser o capataz de quatro caras de Liverpool, para ser o que sou agora, um cara se agarrando aos últimos podêres de diretor de gravação."

Isso mais parece uma piada. Na verdade, o que existe é muita gozação de ambos os lados. Os Beatles são inclinados a gozá-lo um pouco. Êle, por sua vez, diverte-se com a inocência e ingenuidade dêles. E receia, realmente, o fato de êles um dia não muito longe, não em música, mas talvez nos filmes, recusarem a se apoiar em alguém experiente como êle. Julga que êles estavam avançando demais em seu filme de televisão (o Magical Mystery Tour). Se considerarmos os comentários dos críticos inglêses de televisão temos de lhe dar razão.

Segundo sua opinião sôbre os membros do conjunto Paul é quem possui o talento musical mais completo, com capacidade de produzir músicas quase de encomenda. "Dos dois êle é o Rodgers e Hart. É capaz de compor coisas excelentes. E não o acho particularmente orgulhoso com isso. Constantemente, procura fazer melhor, pelo menos, igualar ao talento de John para a composição de letras. Seu convívio com John o faz tentar escrever letras mais profundas. Sem êsse convívio, duvido que Paul tivesse escrito Eleanor Rigby.

"Paul precisa de platéia e John não. John, ao contrário de Paul, é muito preguiçoso. Sem Paul, êle freqüentemente faria tudo pela metade. John escreve para seu próprio divertimento. Sentir-se-ia contente se só tivesse de tocar suas músicas para Cyn. Paul gosta das platéias.

“O conceito que John tem da música é muito interessante. Uma vez eu estava tocando o Daphne e Chloé de Ravel para êle. Êle disse que não podia compreender por que as linhas melódicas eram tão compridas. Êle considerava que escrever música consistia em fazer pequenos pedaços que mais tarde seriam interligados.”

O talento e a originalidade musicais tanto de Paul como de John são naturais, só diferindo em suas formas. Paul é capaz fazer músicas simples e doces como Michele e Yesterday. A música de John é muito mais saltitante e agressiva, como em I Am The Walrus. Essa tendência artística varia de acôrdo com suas personalidades. Como pessoas, muito antes de começarem a escrever música, John sempre foi áspero e agressivo, e Paul, doce e suave.

O mais interessante sôbre êles, como compositores, é que, apesar de colaborarem estreitamente durante tantos anos, êles continuam fortemente individualistas. Cada um retém seu próprio sabor.

Nota-se, sobretudo, um crescente fortalecimento de suas individualidades no decorrer de todos êsses anos. Nos seus dias de rock and roll, ambos escreviam o mesmo tipo de música. Todavia, a partir de Yesterday, uma canção de Paul ou de John é facilmente identificável. Um influenciou o outro. Paul decidiu-se a escrever letras mais profundas. E John foi influenciado pela animação e dedicação de Paul. Contudo, os dois ainda são muito diferentes.

Sua música tem sido constantemente analisada, louvada e interpretada desde o comêço de 1963, quando o crítico de música do Times havia admirado os seus “enfeixados pandiatônicos”. Disseram que êles sofreram a influência de tudo, desde os blues dos negros americanos às danças magiares.

Referências às drogas foram feitas muitas vêzes, desde que se espalhou a notícia de que êles as tomavam. E no help da música A Little Help From My Friends deram o significado de maconha. Lucy In The Sky With Diamonds foi escrito para significar LSD. Mas isso não passa de mera coincidência. Julian, o filho de John, fizera um desenho para o pai, mostrando Lucy, uma menina de sua classe, no céu. Nos Estados Unidos divulgou-se que meeting a man from, the motor trade queria dizer encontrar um adepto do abôrto. Entretanto,

aquilo não passava de uma piada com seu amigo Terry Doran que tinha sido vendedor de automóveis.

Em suas músicas, eles usavam a gíria dos viciados, mas não era tanto assim. É de se estranhar que algumas obscenidades propositadas tenham passado despercebidas. Em Penny Lane, por exemplo, o finger pie a que eles se referem é uma antiga obscenidade de Liverpool, usada pelos rapazes quando falam sobre o sexo das moças.

Eles se divertem com todas as interpretações. John deixou, propositalmente, todos os trocadilhos e tolices que lhe vinham à cabeça, quando compunha a letra de I Am The Walrus, sabendo que muitas pessoas iriam achar graça ao analisá-las.

Mesmo que eles sejam os melhores compositores do mundo, como alguns afirmam, ou até melhores do que Schubert, isso não os interessa. Jamais discutem ou buscam avaliar ou apreciar sua música. Instado a falar sobre elas, Paul reconhece ser óbvio que melhoram muito mais.

“Porque sempre resolvemos fazer algo diferente. Depois de Please, Please Me, decidimos apresentar uma novidade para a próxima música. Foi como se tivéssemos colocado um chapéu engraçado e depois de tê-lo tirado, botamos outro para experimentar.

“Por que haveríamos de desejar voltar ao passado? Isso seria fácil. Seria o mesmo que nos mantermos em nossos ternos cinzas o resto da vida.

“Acho que todos gostariam de fazê-lo, tentar algo novo a cada passo que fazem um trabalho. O que fazemos, é mero passatempo. Botamos nossos pés para cima e nos divertimos muito.”

George não acha que compuseram muita coisa de que vale a pena falar.

Veza por outra, George sente saudades dos velhos tempos. “Freqüentemente penso que bom seria tocarmos juntos novamente. Nunca mais fizemos isso, desde que terminaram as tournées. Talvez, um dia a gente alugue um estúdio, só para tocar para nós mesmos.”

“São músicas boas”, afirma John, “mas nada brilhantes. Sinto-me indiferente quando as ouço no rádio. Nunca as escuto como devia. Se alguém as estivesse atacando ou dizendo que elas não prestam, então talvez eu tivesse alguma reação.”

Nunca tocam seus próprios discos, a não ser, quando estão em vésperas de começar um novo. Nesse caso, pode ser que toquem sua última música gravada, só para ver onde pararam. Nenhum deles canta suas próprias músicas, antes ou depois de as terem gravado. Quando John ou os outros começam a cantar o refrão de She Loves You, é como se estivessem gozando uma música melosa escrita por outro cara.

“Todos nós damos-lhes a atenção e audição devidas, quando as estamos compondo”, declara John. “Depois de terminada ela já não interessa mais.

“Detesto solenemente ouvir os trechos que não saíram direito. Há alguns do Lucy In The Sky dos quais eu não gosto. Parte do som de Mr. Kite não está certo. Gosto de A Day In The Life, mas não acho que seja tão bacana como pensei quando a estava compondo. Acho que poderíamos ter trabalhado mais nela.

“Não creio que nossas músicas antigas sejam tão diferentes das novas, como repetem sempre. As letras são diferentes, e porque são de maneira diversa. As músicas são muito parecidas. “Se sou tão indiferente a respeito de nossa música é porque há pessoas que as levam muito a sério. De uma certa forma, isso pode ser agradável, mas também me enche o saco.

“É bacana quando gostam delas, mas quando começam a apreciá-las, comentando sua profundidade ou fazendo delas um cavalo-de-batalha, então é uma merda. Comparável ao que sempre achamos sobre a maior parte das chamadas artes. Tudo não passa de um monte de merda. Detestamos toda aquela história que escreveram sobre Beethoven e ballet. Todos se enganam achando aquilo tão importante. Agora, o mesmo está acontecendo conosco. Nada é tão notável assim. Basta pouca gente pensar dessa maneira, para que todo mundo passe a julgá-la igualmente. Nada mais é que uma grande mentira.

“Nós nos consideramos mentirosos. Sabemos que estamos logrando, porque sabemos que há gente que gosta de ser enganada. Deram-nos liberdade para enganar a todos. Deixemos as coisas como estão, isso fará com que comecem a pensar. Estou certo de que todos os artistas fazem o mesmo, quando percebem que a coisa é uma mentira. Aposto que Picasso faz isso. Aposto que nestes últimos oitenta anos riu tanto que seus ovos quase caíram.

“É bem triste! Quando não estamos rindo estamos-nos enganando em pensar que somos importantes. As pessoas não querem levar tudo na troça. Se afirmássemos que quando escrevemos She Loves You, na verdade estávamos pensando em bananas. Ninguém acreditaria nisso.

“É-nos deprimente constatar a certeza do que sempre pensamos durante todos êsses anos. Beethoven é um vigarista, exatamente como o somos agora. Êle pouco trabalhou e foi tudo.

“A questão é a seguinte: Beethovem e aquêles caras percebem que são mentirosos? Ou êles realmente se julgam importantes? Será que o Primeiro-Ministro percebe que êle não passa de um cara? — Não sei. Talvez êle seja levado a fingir saber o que está fazendo. O chato é que êle dá a impressão de o saber, mesmo quando ignora.

“Pensam que os Beatles sabem o que está acontecendo. Ignoramos. Nós só agimos. Muitos querem conhecer o significado profundo de Mr. Kite. Não há nenhum. Apenas fiz aquilo, e nada mais. Juntei uma porção de palavras e depois associei-lhes um bocado de barulho. Foi só isso. Não gostei dela quando a compus. Não lhe dei valor algum quando a estava fazendo. Mas ninguém acreditará nisso. E nem quer acreditar. Preferem julgá-la importante.”

31.JOHN

John mora numa grande casa, falso estilo Tudor, numa propriedade particular cheia de casas de modelo idêntico, em Weybridge, Surrey. Ringo mora na mesma propriedade. A casa de John ficou-lhe por sessenta mil libras, apesar de que para comprá-la êle só precisou de vinte mil. Gastou as outras quarenta mil para botá-la a seu gôsto, derrubando paredes, decorando-a e mobiliando-a, compondo a paisagem e o jardim e construindo uma piscina. Gastou demais nela, e o reconhece. "Se procurasse vendê-la agora, acho que só conseguiria metade do dinheiro, umas trinta mil libras talvez. E mesmo assim eu teria de descobrir um cantor, ou alguém meio mole do juízo para comprá-la."

No jardim, êle tem um carro de circo pintado psicodêlicamente para combinar com o seu Rolls Royce pintado da mesma forma. A casa fica numa ligeira elevação, com o jardim estendendo-se abaixo dela. Êles têm um jardineiro trabalhando em tempo integral, uma empregada e um motorista chamado Anthony. Nenhum dêles mora lá.

Em seu interior, o hall da frente é escuro e cheio de livros, mas os demais cômodos são claros e grandes com uma decoração amalucada. Há grandes sofás e enormes pilhas de tapêtes e cortinas elegantes, tudo parecendo nôvo em fôlha e sem uso, como de um cenário de Hollywood. Mas entre êles estão espalhados ornamentos irrelevantes, cartazes velhos e pedaços de antiguidades. Êsses objetos parecem muito usadas e pessoais, escolhidos pelo próprio John e não por um decorador especializado. São objetos espalhados, jogados em qualquer lugar e esquecidos, uma vez passado o entusiasmo momentâneo.

Êstes comodos de recepção bem poderiam ser corredores. Parece que ninguém os usa. Entretanto são mantidos muito limpos. Só os utilizam, para irem às outras partes da casa. Parecem viver num pequeno cômodo nos fundos da casa. Êle tem uma parede tôda de vidro e dá para o jardim e para as árvores que o cercam.

John, Cynthia e seu filho Julian (nascido no dia 8 de abril de 1963) passam a maior parte de seu tempo nesse living room e na cozinha. A opulência que os circunda não parece ter relação alguma com eles. Dot, a empregada, cuida de tudo.

Em seus cômodos, Cyn cuida de sua família, cozinhando para os três — apesar de John às vezes fazer o chá. Ela mesma cuida de Julian, pois nunca teve uma babá, mas às vezes Dot funciona como ama-sêca. Ela cuidou de Julian, em sua própria casa, quando John e Cyn estiveram na Índia, no início de 1968.

Às vezes, Cyn fica chateada com as despesas para manter uma casa tão grande, que quase não usam. John, quando pensa nisso, acha tudo muito divertido.

“Isso custa uma fortuna”, diz Cyn. “John gasta descontroladamente e isso é contagioso. Sempre me sinto culpada. Tenho de apertar de vez em quando, quando percebo o quanto significaria isso para tantas pessoas. Nossa despesa com alimentação é surpreendente. Consiste, especialmente, em pão, chá, açúcar, leite, comida para gatos e refrigerantes, pois nós não bebemos. Contudo, às vezes, atinge cento e vinte libras por mês. Não sei explicar como.”

Possuem cinco gatos. Seus nomes marcam etapas da vida de John. Têm a Mimi, em homenagem à sua tia, e Nel e Mal para lembrar seus agentes de viagens. Uma das gatas, nascida no verão de 1967, durante todo o entusiasmo com o Maharishi, chama-se Babidji.

Muitas das contas regulares, como gás e eletricidade, são pagas diretamente pelo contador de John. Cyn paga o resto. “Às vezes dou uma olhada nelas, quando chegam”, confessa John. “Se não gosto de sua apresentação, coloco-as em algum lugar e as esqueço, até começarem a reclamar. Raramente peço explicações a seu respeito, mas os caras se limitam a dizer — “Bem, sir, é assim que as coisas são.” Nunca chego a uma conclusão.”

Os Beatles recebem por semana cinqüenta libras, em notas de cinco, a fim de cobrir suas despesas pessoais, com empregados etc. Raramente levam dinheiro consigo.

“Não avalio quanto possuo em dinheiro”, revela John. “Ignoro mesmo se tenho uma arca cheia de dinheiro no fundo do jardim. Tudo é imaginação e nem eu sei quanto possuo. Penso que não seja tanto quanto muitos julgam.

“Todo dinheiro está empregado de várias maneiras. Uma ocasião, perguntei ao contador quanto possuía. Escrevi a quantia num pedaço de papel. Mas acho que o perdi.”

O pequeno living dêles está repleto de cartazes, enfeites e fotografias. Numa parede há um grande aviso pregado, com os seguintes dizeres: Milk is Harmless (O leite é inofensivo).

Nêle tomam suas refeições, vêem televisão. Quando faz frio ou chove, John passa ali a maior parte do tempo. Quando não está gravando ou escrevendo música, fica enroscado num pequeno sofá, vendo o tempo passar. O sofá é pequeno demais para êle. É claro que êle ficaria muito mais bem instalado se repousasse num dos sofás dos outros cômodos. Contudo, prefere dobrar suas pernas, podendo ficar assim, horas a fio.

Quando o tempo está bom, êle abre as portas de vidro e vai para fora, permanecendo sentado num dos degraus da escada do jardim, olhando a piscina ou a sua casa de campo.

Anthony ou Dot geralmente atendem à porta da frente, apesar de que, quando está disposto, o próprio John o faz. É raro êle atender o telefone. E é quase impossível pegá-lo no aparelho pois, além de não atendê-lo tem uma maneira muito própria de evitar atendimento a telefonemas. Essa sua atitude basta para afastar a maior parte das pessoas que deseja falar-lhe ou vê-lo. Possui uma gravação que responde — “Aqui é Weybridge Four, Five, Wubleyoo Dubleyoo, favor deixar seu recado agora.”

Seu telefone não consta do catálogo. Constantemente é mudado, para que seja mantido em segredo. Pelo menos é um segredo para o próprio John, que nunca consegue lembrar-se de seu número.

Uma tarde passada na casa dos Lennons nada tem de extraordinário. Uma tarde, dois vendedores a domicílio tocaram a campainha, dizendo-se estudantes australianos vendendo revistas.

Aconteceu que John abriu a porta e os deixou entrar. Disseram que estavam numa competição para verificar quem conseguia maior número de assinaturas. O prêmio ajudaria seus estudos. Pelo menos era a história que eles contavam. John aceitou a explicação dos rapazes e perguntou o que desejavam que ele fizesse. Eles apresentaram uma relação de revistas e lhe indagaram quais as que ele gostaria de ler. John marcou-as na lista e os dois vendedores informaram-lhe o total das assinaturas que importava em setenta e quatro libras. John pediu-lhes que esperassem até que descobrisse algum dinheiro. Só conseguiu encontrar o envelope com as cinquenta libras da semana, e entregou-lhes aquela soma. Eles aceitaram. Agradeceram muito e foram embora.

Cyn preparou o jantar. Começaram com uma fatia de melão, seguida de um prato de carne fria com vegetais. John não comeu carne, pois se tornara vegetariano. Todos bebêram leite gelado com a comida.

John tinha um dente com obturação solta, e constantemente brincava com ela, fazendo um barulho estranho enquanto comia. Levantou-se e foi até à cozinha buscar mais leite na geladeira. Bebeu-o gelado, diretamente do gargalo da garrafa. Cyn observou que aquilo não fazia nenhum bem aos seus dentes.

Durante a refeição, a televisão ficou ligada. Todos voltaram suas cadeiras para assistir ao programa. De vez em quando, Cyn ou John mudavam de estação. Parece que eles nunca assistem a um programa por mais de dez minutos. John ficou olhando para a tela, em silêncio, perdido e abstraído através dos óculos. Cyn lia o Daily Mirror enquanto via televisão. Julian olhava a tela e ficava falando. Então ele levantou-se e estirando-se no tapete começou a desenhar. Cyn trouxe-lhe alguns lápis de côr. Os dois passaram a observá-lo, perguntando-lhe o que estava desenhando. Julian disse que era uma gaiola, como a que havia no jardim. À medida que desenhava, ia explicando o que estava acontecendo no seu desenho. John e Cyn sorriam-lhe enquanto ele ia dando as explicações.

The HESWALL JAZZ CLUB

present their



★ ALL★STAR★BILL



Starring

THE BEATLES

- ★ Mersey Beat Poll Winners!
- ★ Polydor Recording Artists!
- ★ Prior to European Tour!

★ plus

The Pasadena Jazzmen

Firm Favourites!

plus ★

'Top Twenty' Records

at Barnston Women's Institute

on Saturday March 24th, 1962

7-30 p.m. — 11-15 p.m.

7/6

ADMISSION

7/6

Strictly by TICKETS ONLY

F. W. COOPER SEAVIEW PRESS, 318, BROUGH ROAD, BIRKENHEAD.

"The Heswall Jazz Club"

HALF YEARLY REPORT.

Name... *Richard... Mackay* ... Class... *2C* ... House... *Gibraltar*
 Term... *Nov 1952* ... Class Position... *23/34* ... Times Absent... *34*
 Punctuality... *A* ... General Appearance... *A* ... Conduct... *A* ...
 A:- V.Good; B:- Good; C:- Average or Fair; D:- Weak; E:- V.Weak.

Subject.	Class Mark.	Pos'n.	General Standard.	
Arithmetic.	47	8	D	
English.	35	32	D	
History.	69	15	Accredable results	Class, Teacher's Remarks. A quiet thoughtful type, although working rather slowly. Academic work well no doubt improve in time so he is trying to do his best. Neat & willing.
Geography.	44	31	Satisfactory	
Social Studies.				
Science.	36	13	Fair	
Geometry.	49	17	Must try harder	
Art.			Good	
Music.			Very poor. Voice 7. Jth	
Woodwork.			C. Fine work	
Metalwork.			C. Fine work	
Pottery.				
Weaving.				
Printing.				
Drama.	A		Takes a real interest and has done very well.	
Gardening.	C		Not interested	
P.T.			D. Needs much more confidence.	

Signed: *S. Roberts*
 Class Master.

Signed: *[Signature]*
 Headmaster.

I have examined the Report for 13
 upon the work of my son.

Signed:
 (Parent or Guardian.)

Boletim de Ringo

John então abriu a grande porta de correr e foi sentar-se num degrau para tomar ar fresco e ficou olhando a piscina. Na superfície da água da piscina o filtro automático fazia barulho e dava voltas, como se uma nave espacial tivesse acabado de aterrar. Julian deixou o living e foi para a borda da piscina. Jogou uns remos dentro dela, depois tirou-os de lá e voltou para dentro de casa. Cynthia estava tirando a mesa.

Terry Doran chegou e foi saudado por todos, inclusive Julian, que foi sentar-se em seus joelhos.

“Você quer que o papai te ponha na cama?”, perguntou Cynthia olhando para John, que balançou a cabeça. “Ou prefere Terry?”. Julian disse que preferia Terry. Mas ela mesma pegou-o e levou-o para a cama.

“Você quer enrolar-nos alguns?,” perguntou John a Terry. Terry concordou. John levantou-se e foi buscar uma caixa de metal e apresentou-a aberta para Terry. Dentro dela havia algum fumo embrulhado em papel de alumínio além de papel de cigarro. Terry enrolou uns dois cigarros que eles fumaram, passando-os entre si. Isso aconteceu, quando John tomava drogas. Agora, ele já parou com isso.

Cyn voltou. A televisão permanecia ligada. Todos sentaram-se e passaram a vê-la. Continuaram a mudar de programa o tempo todo, até à meia-noite mais ou menos, quando Cyn se levantou e foi fazer chocolate. Terry foi embora e John e Cyn foram para a cama. John disse que ia ler um livro que ganhara de presente. Cyn protestou, pois queria lê-lo primeiro.

“Estou feliz por ter feito meu nome ainda jovem. Conseguir isso quando nôvo significa que, agora, tenho o resto da vida para fazer o que entender. Deveria ser horrível gastar a vida tôda para alcançar o fim desejado e depois descobrir que as coisas já não tinham mais

sentido. De qualquer forma, já sabíamos que era assim, mas tínhamos de descobri-lo por nós mesmos.

“Por muito tempo sempre tivemos objetivos específicos. Tínhamos uma série de metas a atingir: gravar um disco, conseguir o primeiro lugar nas paradas de sucessos, fazer um filme, e assim por diante. Parece que enxergávamos tudo por etapas. Jamais podíamos ter pensamentos grandiosos. Agora, eu posso. Não me interessam pequenos acontecimentos. Representar não me interessa mais, igualmente. Escrever, já o fiz. Queria escrever um livro e fiz um, ficando resolvida a coisa.

“Creio agora estar interessado no Nirvana, o paraíso budista. Sei muito pouco a respeito dele. Não o compreendo suficientemente para poder explicá-lo. George o entende mais do que eu.

“O estudo da religião fêz-me tentar melhorar minhas relações com os outros, tornando-me menos desagradável. Talvez não tenha mudado minha personalidade conscientemente, ou, talvez tenha. Não sei. Estou apenas tentando ser como eu gostaria de ser, e como gostaria de que os outros fôssem.

“É provável que as drogas tenham-me ajudado a me compreender melhor, mas não muito. Com exceção da maconha. Aquilo não passava de uma brincadeira inofensiva. O LSD trouxe-me o auto-conhecimento que me indicou o caminho, pela primeira vez. De repente dei com uma grande visão, quando tomei a tal droga. Mas era preciso estar procurando essa visão para se poder tê-la de novo. Talvez eu ainda estivesse à sua procura, sem sabê-lo, e teria achado, de qualquer forma. Era apenas questão de tempo.

“Aquela primeira vez em que tomamos LSD foi mero acidente. Eu e George jantávamos, quando alguém nos deu aquilo. Ignorávamos muita coisa a respeito daquela droga. Já tínhamos experimentado fumar maconha, e era só. Nada tínhamos ouvido sobre os horrores do LSD. Nem fomos instruídos sobre seu uso e seus efeitos. Achamos que íamos enlouquecer.

“Mas existem muitas formas melhores de se chegar lá. Realmente não tenho nada contra o Cristianismo e seus processos. Penso que

hoje eu não faria aquela observação sobre Jesus. Mudei muito meu modo de pensar. Acho o Budismo simples e mais lógico do que o Cristianismo, mas nada tenho contra Jesus. Vou deixar Julian aprender tudo sobre Jesus quando estiver em idade de ir à escola. Entretanto, falar-lhe-ei sobre a existência de muitos outros Jesuses. Contar-lhe-ei coisas a respeito dos budistas. Eles também são bons.

“Quando me referi a Jesus, naquela ocasião, muitas pessoas mandaram-me livros sobre Ele. Li muitos deles e descobri muitas coisas. Descobri, por exemplo, que a Church of England não é muito religiosa. Existe muita política nela. Não se pode fazer as duas coisas. Não se pode ser poderoso e puro. Talvez eu descubra que os gurus também são assim, cheios de política. Não sei. Tudo que sei é que estou cada vez mais consciente de tudo. E sempre quero saber mais.

“Não sei se é preciso ser pobre ou não. Creio que poderia abandonar tudo isso sem dificuldade. Isso consome um bocado de energia. Mas tenho de esperar para ver o que estou deixando e o que irei colocar em seu devido lugar. Depois, então poderei abandonar todas essas coisas materiais. Agora, estou preocupado em descobrir por mim mesmo.”

Cyn confessa que já notou algo diferente em John. Talvez seja porque ele se tornou mais simpático. Ficou mais calmo e tolerante. Mas ainda é muito fechado. “Talvez eu esteja sendo egoísta”, diz Cyn. “Seria mais fácil para mim que ele me contasse as coisas.”

John reconhece que nunca foi muito comunicativo. Ele tinha lido uma entrevista dada por seu motorista, Anthony. Nela afirmava que havia transportado John, horas e horas, pelas estradas da Espanha durante as filmagens de *How I Won The War* e John nunca lhe dirigira a palavra “Eu nunca havia percebido isso.”

O tempo recorde que John ficou sem falar, sem fazer nada e sem se comunicar com ninguém, durou três dias. Já estava habituado a isso, muito antes de começar a fazer meditações. “Sou um especialista nesse assunto. Sou capaz de me levantar pela manhã e ficar sem fazer nada o dia inteiro. Sento-me num degrau e fico parado, olhando para o ar e pensando até chegar a hora de ir para a cama.

Êle acha que isso não seja perda de tempo. Êle perdeu muito mais tempo, logo que deixaram de fazer tournées, quando não deixava a cama, antes das três da tarde. Pelo menos agora, êle procura levantar-se cedo e apreciar um pouco da luz do dia. Diz que mesmo que não faça nada, sempre é melhor fazê-lo com a luz do sol.

Cyn e sua tia Mimi acham difícil saber até aonde êle quer chegar, quando êle quer comunicar-se. Hoje, êle se esforça mais para se tornar comunicativo, desde que o Maharishi apareceu, e êle conheceu o budismo.

“Acho difícil passar o tempo com as pessoas. Não há nada importante para se conversar. Às vêzes, tento fazê-lo, como um jôgo, vendo se o consigo. Como vai você? Como está o tempo? Como estamos passando? São coisas completamente sem sentido.

“O principal é que aí acaba o assunto. Há ocasiões, em que penso sempre comunicar-me, como louco, mas acabo concluindo que não passa de um desperdício de tempo.

“Conversamos em código entre nós (os Beatles). Sempre fizemos isso, quando há estranhos, principalmente, durante as tournées. Na realidade, nós nunca nos comunicávamos com outras pessoas. Agora que a gente não se encontra mais com estranhos, não há mais necessidade de usarmos o código. Nós nos compreendemos perfeitamente. O resto não importa.

“Uma vez ou outra, apesar de nos entendermos, sentimos necessidade de falarmos em código, quando temos de dizer algo em voz alta, pois, de outra forma, esqueceríamos o que ficou decidido entre nós.

“Eu penso bastante. Incluo isso na mesma classe de conversa à-toa. Por isso, acho que não deveria condenar tanto a conversa à-toa. Da mesma forma, meus sonhos diários são normais tais como: que vou fazer hoje? devo levantar-me ou não? devo escrever uma música ou não? atendo aquêle telefonema ou não?

“Conversar é a forma mais lenta de comunicação. A música é muito melhor. Nós nos comunicamos com o mundo exterior através de nossa música. O pessoal do nosso escritório nos Estados Unidos diz

que escuta tanto o Sargeant Pepper que é capaz de saber o que estamos pensando aqui em Londres.

“Costumo ter alguns pequenos acessos de conversação. Então, converso com Dot, ou com Anthony ou com o jardineiro, só para ver se sou capaz de fazer isto. E os surpreendo dêsse modo.”

A maior transformação verificada em John é o declínio de sua agressividade. Todos os seus amigos notaram isso. E todos acreditam que isso seja uma decorrência do sucesso dos Beatles.

“Durou muito tempo”, diz Ivan Vaughan, seu colega de escola. “Há uns dois anos atrás sua animosidade ainda era grande. Recusava-se a falar, era rude, batia as portas com estrondo. E pode ser admissível que êle agora convide as pessoas a entrar e sentar.”

Pete Shotton, outro seu amigo de infância e que agora é o gerente da Apple Boutique, admite que tôdas as suas arestas agora estão polidas.

“Seu lado bom, que sempre notei nêle, agora está à mostra. Havia pessoas, como os professôres, que julgavam que êle não prestava. Ninguém acreditaria em mim se eu afirmasse o que eu via nêle antes.

“É maravilhoso que êle esteja tão feliz. Êle passou tôda a infância e adolescência tentando ser o número um. Êle sempre teria de ser o líder, brigando com todo o mundo ou, se eram mais fortes que êle, minando-os pela difamação ou pelo sarcasmo.

“Hoje, John não tenta provar coisa alguma. Não mais precisa ser o número um. Por isso, é feliz. A gente pode ver-lhe a mudança. Costumava andar assim na escola e no Art College, todo curvado, seus olhos e cabeça abaixados, como um coelho amedrontado, encurralado, mas pronto a precipitar-se. Nota-se isso nos seus velhos retratos. Hoje, até sorri ao ser fotografado. Se aprende algo é porque quer aprender. Na escola, é diferente. A gente é forçado a aprender, porque tem de se encaixar na sociedade.

“Contudo, não mudou em certas coisas. Êle não ficou mascarado ou tolo, e continua tão generoso como antes. Quando John tinha doze balas num saco e havia três de nós por ali, êle as dividia, dando três

para cada. Pelo simples fato de conviver com êle, tornei-me mais generoso.”

John não vê por que o sucesso o teria tornado mascarado ou o mudaria de algum jeito. Além de julgar que o sucesso nada significa êle também acha que qualquer pessoa pode alcançá-lo. Paul também tem o mesmo pensamento.

Ambos pensam que a coisa mais importante para o sucesso é a fôrça de vontade. “Qualquer um pode obter um sucesso. Se você repetir isso para si mesmo, muitas vêzes, você pode conseguir um. Não somos melhores do que ninguém. Somos iguais. Somos tão bons quanto Beethoven. Todo mundo é igual, intimamente.”

“Você precisa de vontade firme e de certas circunstâncias. Todavia, são coisas que nada têm a ver com o talento, com o treinamento ou com a educação. A gente encontra pintores e escritores natos, não é mesmo? Ninguém os ensinou. Simplesmente acharam que seriam capazes de criar alguma coisa e o fizeram.

“Que é o talento? Não sei. A gente nasce com êle e o descobre mais tarde. Baseia-se na capacidade de se julgar hábil para fazer algo. Eu e Paul estávamos sempre desenhando, George, por sua vez, nem o tentava, pois confessava que não tinha queda para desenho. Levamos muito tempo a persuadi-lo de que qualquer pessoa pode fazê-lo. Agora, êle vive a desenhar. E está melhorando.

“Sabíamos que o GCE não era o ponto de partida para o que quer que fôsse. Podíamos ter passado por tudo aquilo e ainda ido além. Mas isso não me dizia nada. Eu pressentia que aconteceria alguma coisa pela qual eu teria de passar. E sabia que não era o GCE.

“Até aos quinze anos eu não era diferente de qualquer outro cara de minha idade. Então, resolvi escrever uma musiquinha e escrevi. Mas isso não me alterou em nada. Acho uma grossa asneira dizer que eu havia descoberto meu talento. Simplesmente fiz aquilo. Não tenho nenhum talento, a não ser para ser feliz e ganhar dinheiro.

“Há pessoas que gostam de se gabar do seu talento, de se mostrar a todo mundo. Os políticos não têm talento. Não passam de mentirosos.

“Talvez meu guru me diga qual é, o meu verdadeiro talento. Revele-me alguma coisa que eu deveria estar fazendo.

“Nunca senti responsabilidade alguma por ser considerado um ídolo. Acho errado esperarem isso de mim. Entretanto, gostam de transferir suas responsabilidades para nós, como Paul disse aos jornais, que admitiu ter tomado LSD. Se estavam tão preocupados pelo fato de êle ser responsável, do mesmo modo, deveriam ter bastante responsabilidade para não publicar aquilo. Se é que, na realidade, estavam preocupados com o fato de as pessoas nos copiarem.

“Nossa única responsabilidade com o público era continuar tão natural quanto podíamos. Acabamos tendo uma cara social, e era isso que esperavam de nós. E, dadas as circunstâncias éramos tão naturais quanto podíamos. Faziam-nos as mesmas perguntas em tôdas as partes do mundo, sôbre nossas quatro cabeleiras. Chegava a ser chato. Sobretudo, tendo de ser sociáveis com tantas pessoas, incluindo mulheres de prefeitos. Era uma gente tão sem gosto!...

“Desde o início, sempre detestei certas coisas, como ser apresentado à espôsa do promotor. Todos achavam que a gente tinha de passar por tôdas aquelas falsidades sociais. Não podíamos ser como éramos. E não compreenderiam se revelássemos o que tínhamos vontade de fazer. Naquela situação, só nos restava fazer piadas. Então, depois de algum tempo, passaram a esperar por elas. Não acredito que haja pessoas assim, na realidade. Contudo, por que agem dessa maneira?

“Atualmente, não tenho obrigação de ir a lugar nenhum, a não ser a uma boate uma vez ou outra. Assim mesmo, obrigado por Cyn. Outro dia fomos a uma estréia. Havia idiotas por tôda a parte. George foi conosco. Êle logo percebeu como seria a coisa, no momento em que chegamos à porta, mas eu não. Olhei em redor, e êle tinha ido embora. Nem chegara a entrar. Eu, porém, entrei, acabando arrasado. Foi horrível.

“Nunca estou compenetrado de ser um Beatle. Nunca deixo de ser eu mesmo. Creio que não sou famoso. São as pessoas que fazem minha fama. Então êles aparecem e reagem, eu fico esquecido. Oh,

sim, é por isso que eles estão-se portando de uma maneira extravagante, então me lembro de que sou um Beatle. Eu estava mais acostumado com isso há uns anos atrás, quando estávamos no auge, movendo-nos pelo país, cientes de encontrar pessoas que nos iam encarar. Agora, eu já não ando mais por aí, a não ser com as pessoas que conheço, então me esqueço, até que vou a algum lugar diferente e as pessoas começam a me encarar.

“Muitos nos encaravam antes de sermos famosos. Indo de ônibus para o Cavern, vestidos com roupas de couro e carregando nossas guitarras. Naquela época, gostávamos disso. Era a nossa revolta, só pra chatear.

“Sinto falta de bancar o maluco pra cima das pessoas. Eu costumava fazer isso nos trens. Entrava nos compartimentos ocupados, bancando o doido, ou então, nas lojas. Ainda sinto uma vontade enorme de fazer isso, mas não posso. Seria ridículo.

“Uma vez, estávamos a caminho de Wembley em nossa camioneta. Escrevemos num pedaço de papel — “Qual é o caminho para Wembley?”. Falávamos uma língua que ninguém entendia e apontávamos para uma mapa de Gales. Todos ficavam loucos tentando mostrar-nos qual era o caminho certo.

“Outra ocasião, pensamos em nos disfarçar para poder sair por aí. George e eu passamos pela alfândega usando casacos compridos e barbas, pensando que ninguém nos reconheceria, mas acabaram reconhecendo-nos. Paul saiu-se melhor. Fingiu ser um fotógrafo estranho, cheio de tiques. Chegou até a enganar o Brian.”

Mais do que tudo, John sente a falta das saídas e a necessidade de ser um camarada comum. E apesar de a beatlemania já ter passado há muito tempo, é impossível para ele ou para qualquer outro Beatle ir a um lugar, sem ser reconhecido. Cyn se arranja por conta própria. Aquêles anos em que ela passou evitando tôda e qualquer publicidade são compensados. “Porém, não podemos fazer as coisas simples que uma família faz, tal como dar um passeio. É horrível! E por vêzes, chego a desejar que isso nunca tivesse acontecido.”

De todos os Beatles, John é quem mais detesta não poder ser uma pessoa como as outras. Quando pensa que talvez esteja condenado o resto da vida a ser apontado por todos, acha que não adianta o que venha fazer a partir de agora. Isso quase o faz gritar de raiva.

“Não! Você acha que isso pode acontecer com você? Não ser famoso para sempre? Mesmo se desaparecêssemos por muitos anos, acredito que nada adiantaria. A gente se tornaria de outra forma, como Greta Garbo. Será que aparecerá um outro conjunto para tomar o nosso lugar? Seria tão bom sermos completamente esquecidos!”

Em fins de 1967 e começo de 1968, eles novamente começaram a tentar estabelecer contatos com o mundo real. Descobriram que suas caras haviam-se tornado tão conhecidas que, como a família real, as pessoas não esperavam vê-los na rua ou num bar. Conseguiram ir aos pequenos cafés do Soho, durante a montagem do Magical Mystery Tour. Naquela ocasião, havia tantas pessoas parecidas com os Beatles, usando costeletas e bigodes, que pouca gente acreditaria que eles eram os Beatles de verdade.

“Recentemente, eu e Ringo fizemos uma experiência. Fomos a um cinema pela primeira vez, depois de vários anos, desde que morávamos em Liverpool. Fomos assistir a um filme de Morecambe e Wise, em Esher. Escolhemos uma matinê, pensando que ela seria mais tranqüila, mas esquecemos de que as escolas não estavam funcionando àquela hora, e, por isso, o cinema estava lotado. Não vimos o filme inteiro. Tomamos um sorvete e depois fomos embora. Ninguém nos chateou. Foi só uma experiência. É provável que agora se possa ir ao cinema mais vezes.

“Brian costumava levar-nos a um teatro do West End, de vez em quando. Íamos num grupo e tudo corria bem. Várias pessoas ficavam-nos encarando, mas não nos aborreciam muito. Todavia eu não ligo para teatro. Por isso, não me chateio por perder a peça. Para mim, o teatro não passa de cinco caras andando no palco e fingindo ser outras pessoas. Palavra, eu sinto falta mesmo é do cinema. Em Liverpool, eu matava o meu tempo nos cinemas.

“Eu e Ringo fizemos outra tentativa, tomando um ônibus, a fim de ver se conseguiríamos viajar tranquilos. Antes, eu nunca viajara num ônibus de Londres. Foi no Embankment. Andamos uns vinte minutos. Foi genial. Fomos reconhecidos mas não demos pelota. Ficamos entusiasmados com aquilo. Filmamos tôdas as pessoas que estavam no veículo. A trocadora nos contou umas piadas grossas. A maioria do pessoal não acreditava que fôssemos nós realmente.

“Um jornalista telefonou para nosso escritório no dia seguinte. Disse que havia uma mulher dizendo que nos vira num ônibus. Mandei dizer que ela estava enganada. Não éramos nós. A seguir, foi o próprio jornal a telefonar e a perguntar que achava eu da idéia de entrar num ônibus, após tanto tempo. Naquela não caí eu.

“Gostaríamos de ser deixados completamente em paz. Não sou dos caras que se misturam. Tenho bastantes amigos para me ver. Apenas queria ficar sossegado.

“O meu caráter conhecido como “fácil de levar” é falso. Mantive-me assim muitos anos, mas não sou nenhum espalhafatoso. Apenas o adotei, mais como uma defesa.”

Paul e George sentem vontade de sair e ver os amigos uma vez ou outra. John raramente faz isso. Quem quiser vê-lo que o procure ou então êle não se importa com ninguém. E do jeito como leva a vida, será bem difícil chegar-se até êle, exceto pela televisão, que vê sem parar.

“Passar duas semanas vendo televisão é tão bom como fumar maconha. Quando eu via televisão há uns anos atrás, não suportava pessoas como o Hughie Green. Hoje nem me aborrece mais. Até me diverte. Êle e Michael Miles são os meus favoritos. Mas tudo é a mesma coisa. É como os jornais. Você lê tôdas as notícias e elas entram em sua cabeça como se fôssem uma coisa só.

“Enquanto vejo televisão, penso muito. É o mesmo que ficar olhando o fogo ou sonhar com os olhos abertos. A gente fica assistindo àquilo, mas na verdade nosso pensamento está longe.”

O único estímulo que êle recebe é dos outros Beatles. Em hipótese alguma, ninguém é capaz de ocupar o lugar dêles em sua vida.

No início, era natural êles repelirem todos os estranhos, pois estavam muito ocupados, trabalhando em conjunto. Quando ficaram famosos e certos elementos passaram deliberadamente a tentar entrar em seu círculo, baseados em alguma razão errada, êles repeliram ativa e brutalmente todos aquêles avanços.

A maioria do pessoal do show business muda de amigos à medida que seu cartaz aumenta. Fora o Mike Jagger dos Rolling Stones, os Beatles não fizeram nenhum amigo no mundo da música popular. Na sua vida diária normal êles só se vêem uns aos outros ou Mal, Neil e Terry.

“Conhecemos algumas pessoas novas desde que nos tornamos famosos, mas nunca fomos capazes de suportá-las por mais de dois dias. Alguns agüentaram mais tempo, talvez algumas semanas, mas isso foi tudo. A maioria das pessoas nem consegue chegar até nós.”

John está com Ringo freqüentemente, pois moram perto um do outro. Quando John está chateado, vai para a casa de Ringo, mexer no jardim ou brincar com os brinquedos caros dêle. Nunca marcam encontros. Só fazem alguma coisa, quando lhes dá vontade. Tudo é feito na base da improvisação.

John, especialmente, não pode passar sem ver os outros três por muito tempo, o que é muito chato para Cyn. Êle não pretende ser desagradável, quando fica sem falar com ela e seus semitranses não dão para insultá-la. O jeito dêle é assim, e ela tem de aceitar.

“Se sou deixado por conta própria durante três dias, sem fazer nada, quase me abandono completamente. Fico totalmente alheio a tudo. Parece que Cyn não percebe isso. Eu permaneço em meditação profunda. Vejo o mundo exterior de uma maneira muito ausente ou distante.

“Ringo compreende isso. E posso discutir o assunto com êle. Procuo os outros para que êles me vejam. Compreendo que existem outras pessoas como eu, isso me alegra e anima. De fato é assustador quando as coisas ficam ruins. Encontro-me com êles para rearmos nossas relações e voltarmos à realidade.

“Às vezes fico ausente. Há dias, estávamos gravando e eu e Paul estávamos alheios a tudo. Éramos como dois autômatos, fazendo todos os movimentos.

“Nós precisamos muito uns dos outros. Quando nos encontrávamos, depois de um intervalo, sempre ficávamos meio embaraçados. Por isso damos cerimoniosos apertos de mão, apenas para disfarçar nosso embaraço. Ou fazemos danças malucas. E passamos a nos abraçar. Agora adotamos a saudação budista, com os braços a nossa volta, como se disséssemos alô.” Há ocasiões em que êle tem vontade de ir para algum lugar com Cyn e Julian, e os Beatles. A compra da ilha na Grécia, que interessou a John de modo especial, naquela época, exerceu nêle uma grande atração. “Íamos todos morar lá, talvez definitivamente, só voltando à Inglaterra em visita. Ou então, passaríamos seis meses em cada lugar. Seria fantástico, todos nós reunidos nessa ilha.

“Não me preocupa a situação política na Grécia, enquanto ela não interferir conosco. Não me importa se o govêrno seja fascista ou comunista. Realmente não tenho nada com isso. Lá, há bons e maus como aqui, sendo que a maioria é de maus. Vi a Inglaterra e os Estados Unidos e não me interessam os seus governos. No fundo, são iguais. Olha só o que fizeram aqui. Fecharam a Rádio Caroline e tentaram botar os Rolling Stones na cadeia, enquanto gastam bilhões em armas nucleares, e nosso país está cheio de base americanas cuja existência o povo ignora. Êles já ocuparam todo o Norte de Gales.

A idéia da compra de uma ilha grega teve o mesmo fim que outras idéias malucas que êles tiveram nestes últimos dois anos. Um dia êle estava pronto para ir à Índia com o seu carro de circo, apesar de êle não parecer bastante resistente para levá-lo a Weybridge. Êle Cyn e Julian viveriam dentro dêle (pelo menos assim o afirmou), enquanto Anthony os recobaria em seu Rolls Royce. Outra idéia mirabolante foi partir e ir morar numa ilha na costa da Irlanda. Êle chegou a comprá-la. “Não, não consigo lembrar-me em que lugar da costa irlandesa ela ficava.”

As discussões em torno da ilha grega duraram semanas. Chegaram a pensar no que fazer quanto à escola para Julian.

John tem seus pontos de vista e idéias próprias acerca do tipo de educação que deseja para Julian, todavia esquece tudo, quando pensa em viver, pelo menos seis meses por ano, numa deserta ilha grega.

“Ele poderia freqüentar uma escola na Grécia”, falou para Cyn que era muito mais realista quanto a êsse problema. “O que há de errado nisso? Ele passaria seis meses lá e os outros seis meses numa escola inglesa. As escolas das pequenas vilas gregas são muito boas. Por que Julian não poderia freqüentar uma delas? Pelo menos, logo aprenderia a língua.”

Cynthia pensa que essas mudanças não lhe fariam nenhum bem. John então pensou em mandá-lo para uma escola inglesa em Atenas, para onde os diplomatas ingleses e outros pais mandam seus filhos. Cyn explicou as razões pelas quais ela era contrária que se enviasse Julian para Atenas. Conclusão: nenhum dos dois quer seu filho prêso num internato.

John prefere ver seu filho numa escola pública, se possível. Ele descobriu que o jardim-de-infância em que Julian estava não era público, como pensava. Cynthia explicou-lhe que por perto não havia um jardim-de-infância público.

“Não sei”, continua John. “Acho que as escolas pagas não são piores do que as outras. Pelo menos, enquanto ele estiver feliz. Não importa se a gente paga. Mas, está resolvido que não o mandarei para um colégio interno. Em hipótese alguma eu o mandaria para Eton. Se fôsse mandado para Eton, aprenderia tôdas aquelas merdas que ensinam lá. Talvez resolva enviá-lo para uma escola budista, se houver alguma. Ou uma escola normal ou progressiva, não muito longe de Weybridge. É tudo o que nós desejamos para ele.”

“A educação de Julian há algum tempo não preocupa. Posuo um livro sobre tôdas as escolas da Inglaterra. Em resumo, tudo o que eles podem oferecer é futebol ou tênis. Ridículo, não acha? Ademais, tudo que eles julgam importante está errado. Julian não precisa

saber como Sir Francis Drake matou todos os espanhóis e que os ingleses inventaram a televisão, e todas aquelas besteiras nacionalistas. Ele deve aprender é como viver neste mundo.

“Se formos para o exterior, deverei nomear um tutor para ele. Mas antes procurarei certificar-me de que nunca lhe faltarão crianças com quem brincar. Minha infância foi feliz. Gostei da escola. Apenas acontecia uma coisa entre mim e os professores: nós nos detestávamos mutuamente. Apesar de tudo, gostava da escola. Quando recordamos o passado, às vezes falamos de nós como Beatles, mas, freqüentemente, lembramos nossos dias de escola.

“Não desejo para meu filho a espécie de escola que eu freqüentei. Admito que uma escola pública talvez seja dura para ele, por minha causa. Vão rir dele. Vai ser apontado por todos. Pelo menos, isso já não teria importância numa escola particular, onde só pensam em dinheiro.”

Cyn é mais forte do que parece. Ela já passou por tudo aquilo antes e sabe o quanto lhe custou. Ela sabe compreender a constante e aparente falta de consideração de John. Ele tem motivo de ser egoísta, mas não que o seja deliberadamente, e sim sem pensar.

Todas as brigas daqueles tempos em Liverpool, já terminaram há muito. Atualmente, são muito felizes. Ela, porém, afirma que se não tivesse ficado grávida, é certo que jamais se teriam casado. E John concorda.

“Ele nunca cogitou em se estabelecer, como de fato jamais pensou em ter um emprego certo. Se eu não tivesse engravidado e casado, quando ele começou a fazer as tournées pelo mundo, nós nos teríamos separado. Eu teria continuado no Art College, e, talvez, hoje fôsse professora. Mas, graças a Julian isso não aconteceu. Ele foi o laço de nossa união.”

Ela nunca pensou que o amor poderia tê-los feito prosseguir, se ficassem muito separados. “Seu amor era pelos Beatles. Sem o bebê, ele teria seguido com os Beatles, para sempre.”

Ambos são concordes em dizer que o nascimento de Julian foi a força que os manteve juntos. E era de se esperar que fôsse assim.

Foi o destino. John, especialmente, acredita no destino.

Cyn de vez em quando tenta fazer algo novo, como ter um emprego, talvez aplicando a experiência adquirida no Art College. Ela e Pattie, mulher de George, chegaram a traçar planos para abrir uma boutique, mas a idéia nunca vingou.

“Creio que estou me tornando um pouco frustrada. De fato, pelo menos no momento, não quero ter outro filho, porque agora a gente pode sair bastante. Sei que isso pode ser deixado para mais tarde, e, então, eu realmente não queira outro.

“Mas, na verdade, me sinto frustrada, porque queria ter alguma coisa para fazer. Pinto um pouco e faço vestidos, mas, freqüentemente acho que gostaria de ter um emprego. Se não agora, pelo menos, mais tarde. Eu nunca tive emprego algum. Eu poderia desenhar, ou ensinar.”

Cyn provoca John, por causa de sua dependência dos Beatles, e às vezes, ela se sente magoada por esse motivo.

“Quando tenho uma idéia e lha sugiro, ou êle simplesmente a ignora, ou afirma que ela está errada. Acontece que, algumas semanas mais tarde, Ringo lhe sugere a mesmíssima coisa, então êle a aceita e fica todo animado. Eu já nem me preocupo. Lembro-me disso, só por lembrar.

“Gostaria de gozar umas férias a sós, sem os Beatles. Sòmente John, Julian e eu.”

— “Você o quê?” — John pergunta sorrindo. — “Nem com os nossos camaradas Beatles?”

— “Isso mesmo, John. Você não se lembra de a gente ter falado isso na semana passada?”

— “E o que combinamos?”

— “Que nós três poderíamos ir a algum lugar, sem os seus amigos.”

— “Mas é tão bacana ter uns amigos por perto, você não acha?”

“Realmente me sinto ofendida. Êle não acha suficiente passar as férias só com a família.”

Êle sorri para Cyn e ela balança a cabeça.

— “Êles parecem precisar menos de você do que você dêles —”,
continua ela.

E antes que êle possa responder a essa provocação, ela se sai com um exemplo que já estava pronto há muito tempo.

— “George foi só com Pattie para Los Angeles, não foi? Êle não precisa que muita gente vá a todos os lugares com êle.” John sorriu.

E concordou que parecia ser verdade o que ela dizia. “Tentei seguir meu caminho depois de pararmos com as tournées. Dei umas boas risadas e joguei bons jogos de monopólio durante o meu filme, mas de nada valeu. Nunca senti tanta alegria em ver os outros. Vê-los parece que fazia sentir-me normal novamente”. Cyn ficou a olhá-lo, pensativamente.

— “Tá bem, eu sei, mas agora a gente vai para uma pequena cabana no rochedo de Cornwall, tá bem?”

— “Não, eu não posso me aposentar. Tenho que escrever estas desgraçadas músicas. Tenho de trabalhar, para justificar minha vida.”

32.PAUL

Paul é o único Beatle que mora em Londres. Mora numa grande casa de três andares em St. John Wood, perto do campo do cricket Lord's e muito perto dos estúdios da EMI. Comprou esta casa no fim de 1966, por quarenta mil libras. Êle pouco sai, em comparação a John ou Ringo. Não gastou nada com o jardim. Por isso, transformou-se num matagal alto e só habitado por Martha. Quando êle se mudou, o jardim era bem bonito e tratado. Todos insistem com êle para fazer alguma coisa lá, especialmente seu pai. Mas êle parece gostar daquele aspecto selvagem, coisa que aborrece a tanta gente. Pelos fins de 1967, êle decidiu mandar aparar o mato. Então, teve a idéia de construir uma casa mágica nêle, uma espécie de pagode numa plataforma elevada e com um telhado de vidro abrindo para o céu.

A frente da casa tem uma área pavimentada e um poste antigo. À esquerda, ligada à casa, está uma garagem dupla na qual êle guarda seus dois carros, o Mini Cooper e o Aston Martin. É cercada por um alto muro de tijolos e dois grandes portões negros que são controlados de dentro de casa. Fala-se num microfone, alguém lá de dentro responde. Se a pessoa do lado de fora falou a verdade, os portões se abrem e tornam a fechar, para que os fãs não os transponham.

Em tôdas as casas onde os Beatles moram, há sempre fãs esperando-os do lado de fora. A de Paul tem mais do que as dos outros, por ser em Londres. Parecem manter uma vigília permanente, ficando sentados e em fila, sôbre o muro da casa em frente. De lá êles podem espiar por cima do muro, e se movimentar em direção aos portões de Paul. Entrando-se naquela rua, sabe-se logo qual é a casa de Paul. Basta olhar para as filas de meninas penduradas em seu muro, com os pés fora do chão, tentando ver o que se passa lá dentro.

O porão da casa contém as acomodações dos criados. Durante muito tempo abrigou um casal, Mr. e Mrs. Kelly, que moravam ali. Ela fazia o trabalho da casa e seu marido era uma espécie de mordomo.

Depois deles, sucederam-se diversos empregados. Parece que eles chegam por acaso e Paul vai ficando com eles, não ligando se são imprestáveis ou não. Bem que ele poderia ter uma secretária, para organizar sua casa e anotar suas visitas, mas diz que jamais fará isso. É freqüente não ter ninguém morando lá. Quando ele vai para fora, seu pai se muda para lá, para cuidar da casa e de Martha. Paul nem se preocupa com isso. Ele não se importa que o procurem em casa. Mas em vez de ficar lá, ele foi para a África ou para os Estados Unidos. Ele adora a companhia de uma mulher de aparência maternal que lhe sirva um desjejum frito à uma da tarde, ou durante o dia, segundo o seu desejo. Jane não trabalha na cozinha. Mas cozinha muito bem.

A cozinha, fica no térreo. É bem espaçosa e equipada. Tem uma soberba sala de jantar que parece novinha. O living dos fundos, é o cômodo mais usado da casa, sendo o preferido pelos Beatles. É um cômodo muito grande e confortável, com janelas francesas abrindo para o jardim. Nêle há uma grande mesa de madeira onde são servidas as refeições, em vez de o serem na sala de jantar. Ela geralmente fica coberta com uma toalha de renda branca como é costume nas casas de operários. Esse cômodo geralmente está numa desarrumação completa, com coisas empilhadas em todos os lados, enfeites, lanternas, pacotes, jornais etc. É aí que os Beatles, Mal e Neil se reúnem antes das gravações, sempre que estão em Londres. "Todos os lugares onde vivo acabam dêste jeito. Em Forthlin foi assim também. As coisas agora podem parecer um pouco diferentes, como aquela grande televisão a côres, mas o ambiente é sempre o mesmo."

No primeiro andar está o seu quarto, bem espaçoso, em forma de L e com uma cama extravagante com uma grande cabeceira esculpida. Há ainda mais dois quartos. No último andar está sua sala de trabalho, onde ele e John operam em conjunto, quando precisam de mais algumas músicas para completar um disco. É ali que está a escultura de Paolozzi. Uma peça muito interessante. Paolozzi era o herói e professor de Stu Sutcliffe.

A famosa Martha (se você não acha que ela seja famosa basta dar uma olhada no Beatles Monthly) é uma velha cadela pastora inglesa,

grande, cabeluda e de boa índole, que a conserva, mesmo quando ela está com pulgas. A porta de sua casa dá para o jardim, onde ela faz suas rondas. Paul procura levá-la para um passeio sempre que pode. Geralmente êle vai para Primrose Hill ou ao Regents Park. Uma vez êle foi a Hampstead Heath com ela. Martha teve um desmaio e êle nunca mais voltou a levá-la àquele lugar. Em sua casa também há vários gatos, um chamado Thisby, e gatinhos, que parecem variar de número diàriamente. Todos os Beatles têm gatos, e seus nascimentos são fielmente relatados no Beatles Monthly.

Paul consegue dar seus passeios com Martha, e, surpreendentemente, os faz sem ser reconhecido. Os fãs nunca sabem aonde êle vai, pois sai muito apressado. Em passeio, geralmente levanta a gola do casaco e anda pelas partes mais isoladas, seguido por Martha. Encontra velhos apreciadores dos cães, que parecem mais interessados na grande Martha do que no próprio Paul.

THE FOOL ON THE HILL
The sun going down
The eyes in his head see the world
spinning
Day after Day alone on a hill
The man with the foolish grin is sitting
perfectly still. And nobody wants
to ~~listen~~ listen to him. They can see him just after

higher yellow (col.) Diamond
G. G. jewel.

Darker Violet. ●

Jasper blue

High E.

Alchemy. sense of feeling

"The Fool on the Hill"

**NEMS Enterprises present
LITTLE RICHARD AT THE TOWER**

Friday 12 October 1962

- | | | | |
|----------|--------------------------------|-----------|--------------------------------|
| 1 | The Mersey Beats | 6 | THE BEATLES |
| 2 | The Four Jays | 7 | LITTLE RICHARD |
| 3 | Billy Kramer with the Coasters | 8 | Pete Maclaine with the Dakotas |
| 4 | The Big Three | 9 | The Undertakers |
| 5 | Lee Curtis with the All Stars | 10 | Rory Storm and The Hurricanes |
| | | 11 | Gus Travis and the Midnighters |

& The groups will be introduced, and the entire stage presentation by **BOB WOOLER**

"The Cavern Club"

Êle costuma perguntar as horas às pessoas e estabelece aquela educada conversa sôbre cães. Nessas ocasiões, chega até a gritar para as pessoas que conhece vagamente. Isso é coisa que os outros Beatles não fariam, por não serem tão sociáveis quanto Paul. Um dia êle se achava em Primrose Hill, quando viu um ator que conhecia ligeiramente. Chamou-o, mas o ator continuou andando, como se dissesse não precisa gritar meu chapa. Era um ator da grã-finagem inglêsa. Quando reconheceu Paul, deu-lhe um alô. Paul fôra-lhe apresentado por intermédio de Jane. Êle estava representando a mesma peça com ela e convidou-os para jantar em sua casa.

Paul perguntou-lhe o que estava fazendo ali. O cara disse-lhe esquivamente que tinha a possibilidade de ir trabalhar em Nova York. — “Muito bem” —, respondeu Paul — “em que peça?”

— “Não posso” —, disse o ator ficando ainda mais reservado.

— “Desculpe. Mas tenho por hábito não revelar. Quando tenho alguma coisa em perspectiva, evito falar sôbre ela para não estragá-la, não é mesmo? Você não acha?”. Paul sorriu e concordou. — “Bom, então até —”, despediu-se o ator. E foi embora, balançando os braços, olhando para cima e respirando pesadamente naquele dia lindo. Dava a impressão de ainda estar lendo as marcações para o palco.

— “Estranho, não é?” —, falou Paul, ao voltar para o carro. — “Como os caras como êsse não conseguem descontraír-se. É impossível ser natural. No entanto, basta tomar alguns drinques, para se transformar num cara legal. No fim daquele jantar para o qual êle nos convidou, já parecia quase natural. Sinceramente, tenho pena de pessoas assim. Enfim, êste é o modo de vida que gostam de levar.

“Quando eu tinha dezesseis anos, e era um adolescente desajeitado e tímido, sonhava ardentemente ser um ator como aquêle, todo suave e controlado, sempre anelando as pompas. Hoje, reconheço que valeu a pena modificar-me e ser natural. Jane também conserva um pouco dêsse problema, causado pelo seu passado. Não o consegue evitar. Foi assim que êles foram educados.”

Jane e Paul formam um casal muito adorável e adorado. Todos são concordes com isso. Desde o início, Jim afirmou que nada o faria tão feliz quanto o casamento dêles.

Jane Asher descende de uma família londrina de profissão liberal. Seu pai é médico. Sua mãe, uma professôra de música e ensinou George Martin a tocar oboé. Jane começou a representar, nos filmes e no palco, quando criança. Conheceu a Paul em maio de 1963, num concêrto de música popular no Albert Hall. Nessa época, ela contava dezessete anos e se apresentava num programa de discos populares na televisão, chamado Juke Box Jury. A Radio Times pediu-lhe que fôsse àquele concêrto juntamente com um repórter e fizesse seus comentários, como adolescente, sôbre os conjuntos que se estavam apresentando. Ela disse que o único pelo qual valia a pena gritar eram os Beatles. Dentre êles, quem mais a agradou, devido sua aparência, foi George.

Contudo, Paul, descobridor de gente famosa, foi quem a reconheceu e gritou por ela, fazendo com que os outros corressem e a cercassem puxando assunto. "Todos nós lhe pedimos que se casasse conosco", continua Paul, "pois era o que pedíamos a tôdas as garôtas naquela época". Êles a convidaram para ir ao hotel dêles, o Royal Court, tomar alguma coisa. "Uma extravagância londrina, da qual costumávamos ouvir falar."

Depois de muitas piscadelas os outros deixaram Paul e Jane a sós no quarto dêle. Os dois passaram a noite conversando sôbre môlhos e seus pratos prediletos. "Logo percebi que ela era a garota para mim. Eu não tentei agarrá-la. Apenas disse-lhe: — "Parece que você é uma menina boazinha."

"Êles não podiam acreditar que eu fôsse virgem", conta Jane.

Ambos saíram juntos muitas vêzes nas semanas seguintes. Passeavam juntos pelo Soho. No comêço de 1963, ninguém ainda reconhecia Paul, apesar de muitos conhecerem Jane. Quando êle voltou de umas curtas férias em Roma, Jane e sua mãe foram esperá-lo no Aeroporto de Londres. Paul perdeu o avião para Liverpool e a mãe de Jane convidou-o para passar a noite em sua casa. Êle não queria ir, pois não gostava da idéia de se hospedar

com a família de uma garôta. É uma coisa que os rapazes de classe operária não costumam fazer. Afinal, acabou aceitando, só para passar a noite. Essa noite acabou se estendendo a três, depois por três semanas e depois por três anos. Sem que os fãs soubessem, Paul quando estava em Londres, hospedava-se na casa de Jane, até os fins de 1966, quando comprou sua própria casa em St. John's Wood.

Uma noite com êles não difere de outra passada na companhia de qualquer jovem casal. Jane fêz o jantar. Nessa época, como John e George, Paul era também vegetariano. O primeiro prato foi abacate ao vinagrete, seguido de uma panela de legumes, nozes e temperos.

Bebêram meia garrafa de vinho branco, que havia sido aberta para o preparo da refeição. Êles a esvaziaram.

Durante tôda a refeição os fãs de Paul ficaram tocando a campainha. Nessa ocasião êles estavam sem empregados. Cada vez que Jane atendia a campainha, ao responder através do telefone interno, mostrava-se muito educada. Ela se levantava a todo instante, sem se mostrar zangada, e perguntava se êles não se incomodavam de esperar, pois ainda estavam jantando. Paul, a esta altura, depois de dúzias de fãs terem tocado a campainha, não se teria incomodado. Êle já teria parado de atender, como o fizera quando Brian Epstein chegou ali e não conseguira entrar, tendo de procurar um telefone público, a fim de comunicar sua chegada. Jane, por fim, acabou fazendo Paul sair, mesmo antes de terminar o jantar. Êle deu um sorriso amarelo, mas saiu e foi assinar autógrafos para tôdas as garôtas que o esperavam.

Depois do jantar, foram ver algumas fotografias tiradas durante as férias que êles acabavam de passar na Escócia. Paul tem sua casa numa parte antiga de Argyllshire, onde êles normalmente passam pelo menos duas semanas por ano. Depois êles viram um pouco de televisão em côres e foram para a cama.

Talvez esta fôsse mais tranqüila do que uma tarde normal. Freqüentemente há alguns amigos aparecendo na casa de Paul. Geralmente, gostam de ir muito lá, e êle mesmo convida. Isso era freqüente, nos cinco meses de 1967 em que Jane estêve

representando nos Estados Unidos. Raramente acontece com os outros, por morarem tão longe.

Durante a gravação de um novo long playing as pessoas ficam indo e vindo o tempo todo. Paul agora dirige (mesmo antes da morte de Brian), a organização de muitos dos negócios do conjunto, e muitas coisas feitas em sua casa.

Peter Blake, o artista, veio a casa de Paul durante as discussões sobre a capa do Sargeant Pepper. John geralmente também estava lá, o mesmo acontecendo com Terry Doran. Uma vez, pouco depois de Peter Blake sair, o empregado de Paul, o que lá trabalhava naquela época, veio ao living, para anunciar que um pastor estava no portão da frente. Todos riram.

Alguém disse que aquilo deveria ser piada. Paul olhou para John. John não queria ver nenhum pastor. Paul disse a seu empregado que se livrasse dele. Terry falou que o cara talvez fosse um ator de televisão, disfarçado. Todos riram. Paul pediu a Terry que fosse lá e dissesse que ele não estava. Quando Terry já estava no meio do living Paul resolveu o contrário, "vamos deixá-lo entrar, não? Se ele parecer cem por cento, talvez seja até interessante." Terry voltou do portão da frente dizendo que ele parecia autêntico. Então os portões controlados eletricamente foram abertos, permitindo a entrada do pastor.

O pastor, de meia idade e bem escovado, entrou muito nervoso. Todos lhe sorriram polidamente. Paul convidou-o a sentar-se. Ele pediu desculpas por vir vê-los quando sabia que deveriam estar ocupados, terrivelmente ocupados, ele bem o sabia. O pastor já estava dando as desculpas para eles. Ficava muito surpreso em terem-lhe permitido a entrada. Sabia que tinha de ser breve, tendo de ir direto à questão. Paul perguntou-lhe o que desejava.

O pastor virou-se para Paul, tendo percebido que ele deveria ser o Senhor McCartney. Ele ficava olhando em torno, incapaz de reconhecer qualquer um deles. Mantendo suas mãos juntas, disse que sua paróquia realizaria uma quermesse e ele gostaria de contar com a presença de Paul, mesmo por alguns segundos. Naturalmente ele sabia o quanto eles estavam ocupados. Era

maravilhoso, tudo o que haviam feito. Eles deviam ser umas pessoas muito ocupadas, êle sabia disso.

— “Eu nunca faço essas coisas —”, respondeu Paul.

“Natural, naturalmente —”, continuou o pastor apressadamente, — “eu não poderia esperar receber êsse favor. Você está tão ocupado. Eu sabia. Tão ocupado...”

— “Não, não estamos —”, respondeu Paul. — “Não é nada disso. Acho apenas que isso não seria correto, pois eu não tenho fé, sabe?” Paul estava sorrindo. O pastor sorriu-lhe, por sua vez, sem ouvir nada, apenas balançando a cabeça para concordar com tudo que êle dizia.

— “Por que é que você não melhora seu produto? —”, perguntou Paul ainda sorrindo bondosamente — “em vez de estar arranjando truques como nós?”.

— “Oh, você tem tôda a razão, tôda a razão! Estamos tentando. Estamos tentando unir-nos. Na semana que vem, teremos um ofício de aproximação de seitas.”

— “Isso será ótimo —”, continuou Paul — “para começar. E se continuarmos assim, ficaremos aqui o resto da noite, não acha?”

— “Você tem tôda a razão —”, prosseguiu o pastor. — “E você está tão ocupado. Eu não poderia esperar que você comparecesse, você sempre está muito ocupado...”.

Paul não se preocupou em explicar-lhe tudo novamente, dando uma desculpa qualquer. O pastor começou a se levantar, sorrindo, e a mesma coisa fizeram as outras pessoas que estavam ali. Êle cumprimentou a todos, sorrindo e agradecendo-lhes por seu tempo. Olhou para todos, tentando identificar a cada um. Paul acompanhou-o até à porta. Ao deixar o aposento, êle ainda se virou e disse para todos: “Penso que vocês devem ser mundialmente famosos.” Então partiu.

Depois que foi embora, todos concordaram que êle era muito simpático. John, particularmente, ficou satisfeito com o fato de não ter sido reconhecido. Achava engraçado como as pessoas sempre se

aborrecem, quando não o reconhecem à primeira vista, pensando que êle ficasse chateado, não percebendo que acontecia justamente o oposto.

Deviam ser cinco horas. Mrs. Mills, a empregada de Paul nessa ocasião, serviu o lanche: ovos fritos, bacon e pudim prêto. Ela trouxe uma grande pilha de pão já cortado e com manteiga, e litros de chá. George e Ringo, e depois Neil e Mal chegaram, e cada um tomou uma xícara de chá. Então êles foram para o estúdio.

Fora os Beatles, ou pessoas de alguma forma relacionadas com o disco que estão gravando, Paul freqüentemente tem um de seus parentes de Liverpool hospedados em sua casa. Seu pai e a madrasta Angie com sua filha Ruth, além de seus tios e tias freqüentemente passam uma semana em sua casa. Dos Beatles, Paul é quem mais vai a Liverpool. John nem vai lá, especialmente depois que sua Tia Mimi se mudou para Bounemouth. George vai com freqüência a Warrington, a fim de visitar seus parentes. Ringo costuma fazer o mesmo. Paul passa lá seus fins-de-semana, ou sempre que tem vontade, se Jane está fora e não há nenhum trabalho para ser feito. Jane também vai muito a Liverpool com êle.

Michael McCartney, irmão de Paul, talvez seja seu visitante mais constante que vem de Liverpool. Principalmente depois que seus discos começaram a fazer sucesso em Londres.

O telefone nunca para de tocar. São dois telefones, com seus números fora do catálogo. Apesar de seus números constantemente serem trocados, os fãs sempre dão um jeito de descobri-lo. O próprio Paul atende o telefone, com uma voz engraçada. É fácil descobrir um fã por causa do silêncio amedrontado, e nesse caso, êle desliga sem dizer mais nada.

— “Oh, yeh, hi —”, fala no fone ainda conservando sua voz estranha, mas admitindo ser êle quem estava no aparelho. Era um disc jockey bem conhecido, convidando-o a aparecer para um passeio a cavalo, no domingo.

— “É, pode ser que eu vá, —”, respondeu Paul educadamente mas sem prometer nada. Êle fazia caretas no telefone, enquanto os

circunstâncias davam mostras de não gostar da idéia daquele passeio. — “Yeh, genial, yeh. Então tá. Te vejo. Tchau.”

O telefone tocou novamente. Desta vez era seu pai, perguntando-lhe sobre sua ida a Liverpool naquele fim-de-semana. — “A que horas você acha que chega, meu filho? —”, perguntou-lhe Jim, — “Para que eu possa ficar pronto.”

— “Pronto para quê? —”, pergunta Paul.

— “Oh, você sabe, aprontar as coisas.”

— “Não seja bôbo, velho. Não quero que você fique pronto para coisa alguma. Quando eu chegar, cheguei.”

Astrid, na Alemanha, a princípio sempre desconfiara do charme de Paul, apesar de as relações dele com Stu não terem sido sempre tão amistosas. “Eu chegava a ficar assustada com o fato de alguém ser tão simpático. Mas não passava de uma tolice. É bobagem tomar cuidado com as pessoas simpáticas.”

A grande simpatia de Paul parece vir de seu pai. Michael também é assim. Aos dezessete anos, enquanto muitos estão revoltados contra seus pais, Paul era o único que ouvia seu pai e suas pequenas homílias, e os outros o gozavam por fazer isso.

Aparentemente, todos acham que é muito fácil travar-se conhecimento com Paul. Sente-se que ele está consciente da impressão que está causando. Isso não acontece com os outros. John, por exemplo, não se importa com o que as pessoas possam pensar. Ringo é muito adulto para pensar nessas coisas e George não o é de forma alguma. É superior a isso.

O próprio Paul acabou acalmando-se, depois de procurar ser menos simpático ou menos animado. “Para mim, há mais trabalho deixar de esforçar-me. Mais falso ainda será deixar de tentar isso. Por esse motivo posso muito bem fazer um esforço.”

O fato de Paul ser um rapaz esforçado, sendo educado e trabalhador, foi essencial para o conjunto. E Brian Epstein realçou esse seu talento. Mesmo antes de tê-lo notado, era Paul quem fazia as

explicações e os comentários, escrevendo cartas e fazendo pequenos discursos.

Esse esforço de Paul lhes foi especialmente vital depois da morte de Brian Epstein. Hoje, é ele quem mais cuida dos interesses do conjunto. Por isso, é o líder, e não John, apesar de, com sinceridade, se fôr falar em liderança entre os Beatles, tal palavra não terá sentido. Paul é o homem de negócios. É o propulsor. Faz com que tudo funcione, arrastando os outros consigo. Mas, deve-se reconhecer que nenhuma grande decisão jamais é tomada sem que todos estejam de acôrdo.

Uma vez resolvida qualquer decisão, Paul logo entra em ação, começa a se movimentar e não tolera ineficiência. Surgiu um problema entre eles, por ocasião das provas da capa do Sargeant Pepper.

Ele não recebera uma prova, quando deveria tê-la recebido. Então, telefonou para a EMI, ligando para cada um dos departamentos, até descobrir o culpado de tudo. E falou francamente o que pensava deles. A prova da capa foi-lhe imediatamente levada de carro, e acompanhada de mil desculpas.

Em outra ocasião, durante uma discussão com a EMI, Paul telefonou para o próprio patrão, Sir Joseph Lockwood. Sir Joseph pediu-lhe que esperasse um pouco. Tomou seu Rolls Royce e foi, pessoalmente, a casa de Paul a fim de resolver o assunto. Ele diz que Paul, com a inteligência que tem, teria dado um bom advogado.

Paul é vivo, e na realidade quer que tudo ande direito. Guarda um pequeno ressentimento, que em determinada época todos tiveram, motivado pelo fato de terem sido deixados de lado e considerados estúpidos, por não passarem de simples tocadores de música popular. Odeia qualquer insinuação de que seja bronco. Uma vez, voltou furioso de uma reunião com o pessoal da Nems, onde estivera tentando convencer de como seria genial a idéia da fundação da Apple. Voltou furioso com a atitude de todos. "Eles pensam que nós somos tapados", ficava repetindo enquanto dava voltas e mais voltas em tórno de seu living.

Foi Paul quem idealizou e deu impulso à Apple. Entrou em funcionamento, antes da morte de Brian, mas, mesmo assim, foi Paul quem a criou. John e os demais concordam com tudo, estando presentes a todas as grandes reuniões. Paul a admira como uma enorme companhia, com lojas, boates, estúdios e com as melhores pessoas no ramo, como fotógrafos, técnicos, artistas, escritores e compositores.

“Queremos torná-la um ambiente acolhedor. Um abrigo sob o qual as pessoas possam fazer o que desejam. Há milhares e milhares de libras passando pela Nems e não são devidamente aproveitados. E tudo investiram para nós na Bingley Building Society ou em qualquer outro lugar.

“Na verdade, tudo não passa de um hobby, como a nossa música. Fizemos aquilo de pernas para o ar. Quando fizermos a Apple funcionar de fato, estaremos fazendo isso com os pés para cima. Então, teremos reuniões de negócios que sejam animadoras em vez de serem depressivas.”

O Magical Mystery Tour jamais teria sido realizado sem o concurso de Paul. Durante quinze semanas, ele se entregou de corpo e alma, dirigindo todos os estágios. Por isso, a princípio, o filme deu-lhe um desapontamento, depois de tantas críticas. “Nós reconhecíamos que estávamos apenas praticando. Sabíamos que não estávamos trabalhando com a devida perfeição, mas, depois de levar tanto tempo fazendo alguma coisa, e, mesmo ela não sendo suficientemente boa, a gente começa a ter esperança de que ela talvez seja melhor do que a gente possa imaginar.

“Hoje fico contente com sua pouca aceitação. Compreendo que seria um mal para nós, passar impune com aquilo que apresentamos. E que tudo nos sirva de estímulo ou desafio para a gente fazer alguma coisa devidamente.”

Após o lançamento do Magical Mystery Tour, Paul passou a pensar diretamente na motivação para um filme de longa metragem. Ele e Jane foram ver A Man For All Seasons, e sentiram-se inspirados a fazer alguma coisa de grandioso, num cenário luxuriante. Por que

êles pensavam em ficar brincando por ali? Então Paul imaginou fazer algo com realismo, tal como Liverpool, durante a depressão.

Paul e Jane passam mais tempo juntos do que qualquer outro casal Beatle. Vão para fora juntos, para lugares tais como sua cabana na Escócia, graças a Jane. Pretendem mudar-se para o campo definitivamente, para uma casa menor e mais tranqüila e longe de Londres. John e George também querem fazer o mesmo. — “Eu sempre quis subjugar Jane —”, afirma Paul. —

“Queria que ela abandonasse o trabalho completamente.” — “Eu me recuso. Fui educada para sempre estar fazendo alguma coisa. Eu gosto de representar. Não quero desistir disso.” — “Agora vejo que estava sendo tolo —”, continua Paul. — “Êsse negócio de te subjugar era uma brincadeira.”

Em épocas diferentes, quando um dêles queria casar, o outro não queria. Jane diz que o que acontecia aos Beatles era algo estranho. Paul sofria a influência dêles. Quando tudo parecia resolvido, mudava de idéia. Paul diz que a causa daquela mudança era a carreira dela, apesar de êle ter concordado, quando surgiu a oportunidade da grande tournée pela América, que ela devia prosseguir.

“Quando voltei, após cinco meses de ausência, Paul havia mudado muito. Êle estava tomando LSD e eu não havia participado daquilo. Eu tinha ciúmes de tôdas as experiências espirituais feitas em companhia de John. Umaz quinze pessoas freqüentavam nossa casa, durante o dia todo. A casa também sofreu grandes transformações e estava entulhada de coisas.”

Hoje sua vida é muito mais tranqüila e ordenada. Paul, diferentemente dos outros, é muito comunicativo. Êle resolve tudo com Jane. Ela sabe perfeitamente o que vai no pensamento dêle.

“Outro problema”, afirma Paul, “era que minha existência ficou por muito tempo girando em tórno da vida de solteiro. Não trato as mulheres como a maioria faz. Sempre tive muita coisa por fora, mesmo quando tinha uma namorada firme. Sempre fui muito independente e fora do comum.

“Reconhecia meu egoísmo. Provoquei algumas brigas. E uma ocasião Jane me deixou e foi representar em Bristol. Eu disse — “tá bem, vá, eu encontro outra”. Seria uma desgraça para mim se eu ficasse sem ela.”

Foi justamente quando êle compôs I’m Looking Through You. Jane foi a inspiração de suas mais belas músicas, tais como And I Love Her.

Quando ficaram noivos, no Natal de 1967, todos êsses problemas se tornaram coisas do passado. Durante muito tempo, o Maharishi era o único ponto de discórdia, apesar de ela se mostrar amistosa. Jane não gamou logo por êle como aconteceu a muitas, apesar de achá-lo atraente. É claro que ela teria preferido que ambos atingissem um estado de espírito por esforço dêles mesmos. Paul não chegara ao ponto em que se achavam George e John. E quando Paul foi à Índia em companhia de Jane, em 1968, sentia existir alguma coisa que o poderia ajudar, ou que poderia esclarecer suas dúvidas.

Essas eram sôbre a finalidade da vida, e não a respeito dos Beatles. Paul tem alguns pontos de vista bem definidos acêrca dos Beatles, de suas mudanças e do futuro.

“Passamos por milhões de transformações que não significaram nada para nós e nós não mudamos, porque eram apenas superficiais.

“É como acontece nos lugares chiques. Passa-se a gostar de abacate, espinafre e outras comidas fora do comum, de tal forma que se pede sempre um dêsses pratos. A gente aprende a beber e se habitua a isso, por algum tempo. Depois de ter agido como os outros, a gente pode voltar a ser o que era antes. Você nota que o garçom está ali para saber o que você deseja exatamente, e não o que todos esperam que você queira. Se você quer almoçar flocos de milho, pede-o, sem se sentir como um cômico em programa de televisão.

“Isso acontece amiúde. É a mesma coisa que a gente usar bigode. Eu tinha um para deixar as pessoas pasmadas, mais por diversão. Depois de ter-me divertido o bastante com êle resolvi raspá-lo.

Agora sou como era antes. A mesma coisa se deu com a comida. Voltei a comer aquilo de que eu antes gostava.

“Assim também acontece ao conhecermos pessoas famosas. A gente fica maravilhado, pelo menos na primeira vez em que as vê. Depois, descobre que elas são exatamente parecidas com o Harry Bloggs. Por muito tempo você via que aquêle cara era exatamente como o Harry Bloggs, mas demorou um pouco para chegar a esta conclusão.

“Sempre voltamos àquilo que éramos, porque nunca mudamos. Poderíamos ser A mais Um, quando Um é igual a ternos cinza. Então, seríamos um conjunto de ternos cinza. Depois seríamos A mais Dois, quando Dois é igual a camisa de flôres. Mas veríamos que não seríamos mais do que A. E a gente termina com A mais Morte. Desculpe-me falar tanta coisa inteligente. Eu fiquei empolgado com o assunto.

“Mas tôdas as mudanças físicas são superficiais. Parece que você entra num ciclo. E você conclui que sua ignorância vai muito além de sua sabedoria.

“Por mais que façamos, não deixamos de ser nós mesmos. Não deixamos de ser quatro partes de um todo. Somos indivíduos que juntos formamos “Os Caras” — que formam uma pessoa. Se um de nós sai da linha, ou o seguimos ou o puxamos de volta. Nós todos acrescentamos algo diferente ao todo.

“Ringo — é o grande sentimental. Êle adora a soul music. Nós não manjávamos nada daquilo, até que êle nos mostrou de que se tratava. Creio ser êsse o motivo por que a gente escreve aquela espécie de música para êle, num estilo sentimental, como A Little Help From My Friends.

“George — é o mais decidido quando quer. Nós também somos decididos. Isso faz com que nós quatro o sejamos por influência do George. Adaptamos alguma coisa dêle para o nosso uso. Assim, adotamos dos outros o que sentimos faltar-nos.

“John — é o agitado. Anda muito depressa. Vê o que está acontecendo, e... lá foi êle.

“Eu — sou o conservador. Sinto que sempre devo examinar tudo. Fui o último a experimentar maconha, LSD e roupas floridas. Sou mais calmo do que John. Sou o que tem menos possibilidade de ser bem sucedido.

“Quando é lançada no mercado uma nova caixa para guitarras, John e George saem correndo para comprá-la. John a compra porque ela é nova, e George porque acha que quer possuir uma. Eu, então, fico a cismar, verifico se tenho o dinheiro, e ainda espero um pouco.

“Dentre nós, eu me considero conservador. Se comparado a outras pessoas, penso que não o sou. E se comparado com minha família não passo de um excêntrico.

“Continuamos sendo os mesmos que éramos. Parece que sempre estamos mudando, simplesmente porque não nos conformamos em ficar parados. E como a gente não se conforma com a maneira que as coisas são, querendo fazer algo novo, faz com que a nossa música seja diferente.

“A última geração deu um duro danado, para chegar a um certo equilíbrio na vida, conseguindo certas roupas e um lugar num pombal. Tivemos a sorte de, aos vinte e cinco anos, têmos percebido que poderíamos escolher o pombal que imaginássemos. Hoje, eu poderia ficar sentado e me tornar um diretor de companhia até aos setenta. anos. Embora não lucrasse tanto quanto continuando a experimentar coisas novas. Você pode aprender muito na vida, se arar apenas o mesmo sulco o tempo todo, contudo, dêsse modo, permanecerá bitolado.

“Nós nunca nos conformamos com êsse modo de vida. Diziam-nos que a gente precisava se dedicar somente a uma coisa, porém nunca acreditamos nelas. Opinavam que deveríamos usar o casaco do colégio por toda vida. Se você tiver autoconfiança suficiente, jamais precisará usar um casaco de uniforme a vida toda, apesar de muitas pessoas acharem que você precisa.

“Não estamos aprendendo a ser arquitetos, ou pintores ou escritores. Estamos aprendendo a ser. Isso é tudo.”

33. GEORGE

George tem uma casa de um pavimento, muito comprida e pintada em cores brilhantes, em Esher. Ela fica localizada numa propriedade particular, do National Trust, muito semelhante à propriedade onde John e Ringo moram. Entra-se nela, através de um caminho que sai da estrada principal e vai dar no que parece o terreno de alguma mansão. No início não se consegue ver as casas. Elas ficam escondidas da estrada, todas muito separadas e de aparência exuberante. Elas têm nome e não são numeradas, de tal forma que é impossível descobrir qualquer uma delas. A de George é a mais difícil de se encontrar. O nome de sua casa, Kinfauns, não está na casa nem no jardim. O caminho para ela no começo parece ser o acesso para outra casa.

A casa tem duas alas que cercam um pátio retangular nos fundos. Neste pátio fica uma piscina com aquecimento. Todas as paredes externas da casa foram pintadas por George, ou pelo menos borrifadas, com tintas coloridas brilhantes e luminosas. Vista de seu jardim a casa parece uma miragem psicodélica. No lado de dentro, a área da cozinha está lindamente decorada com mobília e paredes de pinho e utensílios do tipo que se vê no Habitat.^{7} Ela parece ter saído de algum suplemento colorido sobre as cozinhas do ano. O living principal tem duas grandes janelas, completamente circulares. Elas começam ao rés do chão e vão até ao teto.

George não tem nenhum disco de ouro ou lembranças à vista. Sua casa poderia pertencer a um jovem arquiteto contemporâneo ou a um desenhista de modas que tenha passado algum tempo no Oriente. No centro do living estão algumas mesas muito baixas. Ao seu lado, no chão, ficam almofadas para se sentar à moda árabe. Não existem cadeiras à vista em parte alguma.

Ao lado da mesa, também fica um narguilé todo ornamentado. George estava sentado no chão, com as pernas cruzadas, colocando novas cordas em sua citara. Vestia uma comprida camisa branca,

indiana. Uma varinha de incenso queimava num vaso ornamental, enchendo o aposento com o seu doce aroma.

“Pessoalmente, eu não me divirto mais por ser um Beatle. Todo êsse negócio de ser Beatle é trivial e sem importância. Já estou cheio dêsse troço todo, nós, eu, e de tôdas as coisas que fazemos e não têm sentido. Estou procurando descobrir uma solução para as coisas mais importantes da vida.

“Pensar sôbre o fato de ser um Beatle é retroceder. Estou sèriamente interessado no futuro. E acho que levaria uns seis meses só para revelar-te sem exatidão as coisas em que acredito — tôdas as teorias hindus, as filosofias orientais, reencarnação, a meditação transcendental. Quando se começa a compreender essas coisas conclui-se que o resto não tem importância. Para o camarada comum que acredita em Deus, creio que isso pode parecer avançado demais.”

O telefone tocou. Ouviu-se o ruído de uma risadinha abafada. — “Loja de vinhos Esher —”, George respondeu ríspida e impacientemente. — “Não, desculpe”. E desligou.

Na cozinha, Pattie e sua irmã Jennie, que haviam acabado de chegar, estavam costurando. As duas usavam roupas da Apple Boutique. Estavam sentadas, meio sorridentes, muito tranqüilas e solenemente, trabalhando em suas costuras. Podia-se ouvir o barulho de George começando sua aula de citara no cômodo ao lado. De alguma forma o cenário era medieval.

De tôdas as espôsas, Pattie é quem tem menos ajuda em casa, apesar de que, quando tiver filhos, certamente terão mais empregados. Êles têm uma empregada chamada Margaret. Geralmente, ela faz a maioria de suas refeições com êles, como um membro da família.

Margaret faz quase tôda a limpeza e Pattie cozinha. Pattie ainda enxuga a louça e ajuda na arrumação. “A casa não é tão grande quanto pode parecer. Na verdade, ela está cheia de coisas. Acho que se tivesse mais empregados êles me atrapalhariam e chateariam mais do que ajudariam.”

Pattie faz as compras, num supermercado local. Comprara uma barra de chocolate que, segundo ela, estava com gosto de sabão. Devolveu-a, com um bilhete, reclamando. Não assinou seu próprio nome — finalmente ela aprendeu com George a evitar qualquer possibilidade de publicidade. Usou o nome de Margaret. Em compensação, esperava receber grátis algumas barras de chocolate.

De tôdas as espôsas ela talvez seja a que desfruta de mais igualdade com seu marido. Ela e George formam um casal muito moderno conforme as revistas revelam. E mais do que qualquer outra espôsa Beatle, ela participa dos interêsses de seu marido. Ela, igualmente, se iniciou na cultura indiana e partilhou com o marido de todos os graus de desenvolvimento.

Ela goza de relativa liberdade e independência, além de trabalhar como modêlo.

Todos os que privaram do convívio com os Beatles, durante êstes anos, acham que George foi quem mais mudou. Até os fãs que acompanharam a ascensão de George, por pouco tempo, estão de acôrdo com êste ponto. Houve um período em que êle era considerado o mais simpático dentre êles. Agora os fãs reclamam que George deixa seu cabelo crescer demais e anda despenteado.

Esta mudança é superficial. Contudo, as mudanças interiores são as mais importantes. George é o mais môço do conjunto. Durante muito tempo, foi tratado como garôto, em todos os sentidos. Em comparação com John e Paul, muitos que conheciam os três consideravam que George não passava de um menino. John e Paul eram precoces, física, sexual e mentalmente. Êles já escreviam músicas muito antes de George pensar nisso.

George chegou a ficar ligeiramente complexado por êsse motivo. Cyn lembra-se de êle a andar rodeando, quando ela queria ficar a sós com John. O mesmo acontecia com Astrid, quando ela desejava ficar a sós com Stu.

Quando George andou pela escola, não era estudioso e nunca deu mostras de ser inteligente, como ocorria com Paul. O fato de êle ter seguido um aprendizado, e Paul ter sido um brilhante sextanista, e

John, estudante de arte, fêz com que pensassem, injustamente, que êle não fôsse tão bom quanto os outros.

Júlia, mãe de John, ficou horrorizada quando êle levou outro amigo com cara de bebê para ir conhecê-la. Ela já achava que Paul era um garôto.

“Êle era um garotinho adorável”, diz Astrid, falando de seus dias em Hamburgo. “Era apenas o pequeno George. Nós nunca o julgávamos, da maneira como costumávamos pensar sôbre a inteligência de Stu, Paul e John. Êle não se desenvolvera tão ràpidamente quanto os outros.

“De modo algum êle era estúpido. E ninguém o considerava como tal. Costumava fazer piadas adoráveis às próprias custas, gozando a si mesmo por ser tão jovem. Num ano eu dei um presente de Natal a cada um. John abriu o seu e viu que era um livro do Marquês de Sade, editado pela Olympia Press. George pegou o seu e disse — “Então qual é o meu? Histórias em quadrinhos?”.

Nunca se separou de sua guitarra, embora às vêzes julgassem que êle não a possuía mais. Chegava a ter verdadeiro fanatismo em tocá-la. E realmente a tocava melhor do que Paul e John. No palco, mal sorria, tal a atitude concentrada como ficava. Durante muito tempo, êle não tentou fazer outra coisa senão desenhar. Achava que não tinha inteligência suficiente para mais nada.

Desde o fim de 1966, George está com tudo. Êle foi o primeiro colocado na beatlemania. Todos invejavam seus amôres, enquanto sobrava muito pouca coisa para êles. Chegou mesmo a tornar-se o líder sob vários aspectos. Não que êle procurasse sê-lo, tal como aconteceu com John na época dos Quarrymen. Os outros o procuravam, seguindo seus interêsses.

Atualmente, George é o Beatle que menos precisa dos outros. Êles confessam que sentiram falta uns dos outros, naquela ocasião em que se separaram, indo cada um para seu lado, quando terminaram as tournées. “Confesso que não senti nem um pouco falta dêles”, afirma George. “Todavia, foi genial quando regresssei da Índia, e contei-lhes tudo o que aconteceu lá.”

“George não sente falta de ninguém”, diz Pattie. “É muito independente e cada vez aumenta mais essa independência. Êle descobriu algo mais forte do que os Beatles, apesar de ainda desejar partilhar isso com êles. Êle se julga como a fonte, e quer que êles venham se juntar a ela.”

As paixões da sua vida, hoje em dia, são a religião e música indiana. Por isso, tudo que se relacione ao fato de êle ser um Beatle passa por êle sem atingi-lo. Contudo, houve época em que êle era o mais obcecado pelo dinheiro e pela idéia de se tornar milionário. Era êle quem examinava todos os contratos de Brian Epstein.

Êle não consegue evitar os caçadores de autógrafos e telefonemas. Quando isso acontece êle é o único que pode se tornar rude. Então, por instantes, êle esquece isso e fica irritado que caras totalmente estranhos venham atrapalhar sua vida. No trem para Bangor, êle ficou muito irritado porque seu chá estava sendo interrompido pelas mulheres que pediam seu autógrafo. Os outros, que estavam assinando resignadamente, tiveram de contê-lo e dizer-lhe para não se zangar, por mais agressivos que fôssem os fãs.

George tem absoluta ojerisa a qualquer tipo de publicidade. Qualquer publicidade nos jornais deixa-o furioso, até quando Pattie, acidentalmente, dá motivo.

Mesmo depois de mais de dois anos de casada, Pattie ainda não se habituou com a publicidade e o interêsse da imprensa. “Às vêzes, penso que tudo anda bem. Ninguém vai saber de nada, e, mesmo que saiba não dará importância. Aquela viagem a Los Angeles no ano passado, pensei que passaria despercebida. Qual não foi meu espanto, quando, ao desembarcarmos, havia câmaras de televisão e centenas de garôtas gritando.

The Cavern Club

offers congratulations and
best wishes to

The Beatles

on the release of their first recording
for Parlophone

Love me do/P.S. I love you

It is with pleasure that the Club
announces that **The Beatles** will
continue to be featured regularly

at **The Cavern**

10 Matthew Street
off North John Street
Liverpool 1

Telephone Central 1591

"The Cavern Club"

“Quando fomos a Taiti, em 1964, a beatlemania estava no auge e nós esperávamos aquilo. Então, tivemos o cuidado de partir secretamente. Primeiro, eu e Neil voamos para Amsterdam com nomes supostos, e depois seguimos para Taiti a fim de encontrar George. Mesmo assim, deram um jeito de nos descobrir.

“Hoje, as coisas melhoraram um pouco. Fora da Inglaterra parecem piores. Você pode tomar um avião, tranqüilamente, no Aeroporto de Londres, mas a imprensa inglesa avisa o pessoal do lugar para onde você se destina e lá aparece todo mundo.

“De noite a coisa não é tão ruim. Chegamos a sair de um restaurante e andar alguns quarteirões sem sermos perseguidos.

“Ainda não me habituei com os fãs que ficam em tórno de nossa casa. Eles entram pelo jardim e ficam correndo por tôda parte. Ousam até entrar em nossa casa. Outro dia entraram em nosso quarto e roubaram umas calças minhas e o pijama de George.”

Apesar de estar prevenida por êle, ocasionalmente, provoca publicidade. Um dia ela recebeu uma carta de um velho pedindo armações de óculos já usadas. Na carta êle dizia já ter recebido uma porção delas e que iria mandá-las para a África.

Pattie achou que essa era uma boa causa e foi a várias ópticas comprar todos os óculos velhos que conseguiu encontrar. Depois de ter tirado as lentes mandou as armações para o velho. “Logo depois saiu uma história no Daily Mirror sôbre o que eu tinha feito. O velho chegou até a me escrever agradecendo. Êle dizia que a publicidade havia ajudado muito a sua causa. George ficou furioso.”

Como as demais esposas, ela já enfrentou perigos físicos pelo simples fato de ser casada com um Beatle.

“O pior foi no Natal de 1965. Eles estavam fazendo seu Show de Natal no Hammersmith. Eu fui lá com Terry. Penteara meu cabelo para trás de forma que fiquei completamente diferente e ninguém me reconheceria. Não sei como alguém me reconheceu, mas algumas garôtas começaram a me dar sôcos. Tiraram seus sapatos e gritaram — “Vamos pegá-la.” Fui cercada e não conseguia sair dali. Elas me jogavam coisas e gritavam. Terry conseguiu arrastar-me

para uma saída lateral, com elas ainda me chutando, enquanto tentávamos abrir caminho. Algumas me seguiram até lá fora, e recomeçaram a me chutar. Disse-lhes que parassem com aquilo. — “Quem você pensa que é?” —, perguntaram. Então começamos a brigar. Dei um sôco na cara de uma delas e Terry imobilizou outra contra a parede. Tôdas elas gritavam e xingavam. Felizmente acabamos conseguindo livrarnos daquilo. Eram umas garôtas terríveis. Apesar de tão crianças, com seus treze ou quatorze anos. Ignoro o lugar de onde elas saíram.

“Hoje, a coisa já não é tão apavorante, mas ainda acontece. Não faz muito tempo Cyn foi atacada na rua. Algumas garôtas chutaram-lhe as pernas e lhe disseram que era melhor ela deixar o John em paz, ou então ajustaria contas com elas. Isso não é surpreendente? Depois de os dois estarem casados há tanto tempo?”

“Ainda fico com mêdo, quando avisto um bando de garôtas na rua. Não consigo encará-las. Atravesso depressa para o outro lado. Imagino que vão atacar-me.”

Ser mulher de um Beatle ou ser um Beatle, atrapalha nossas relações com nossos velhos e novos amigos. Sua irmã, Jennie — que trabalha na Apple Boutique — é muito chegada a ela, passando a maior parte do tempo em sua casa e fazendo-lhe companhia. Jennie também está muito interessada nas religiões e cultura indiana. Mas fora Jennie, Pattie tem poucas amigas íntimas.

“Muita gente costuma falar-lhe nessa base — “Para você fica bem, você pode dar-se a êsse luxo.” Os velhos amigos pensariam que você está acima destas besteiras.

“Isso ocorre também com as pessoas que me são apresentadas. Penso, — “tá aí uma pessoa simpática” —, e então dizem qualquer coisa que confirma o fato de me julgarem diferente. Outro dia, eu estava trabalhando para o Vogue, e uma mulher me disse — “Agora nem posso pensar em você como modelo, pois você é uma pessoa célebre”. Não sou uma atriz, uma estrêla ou outra coisa qualquer. Sou apenas o que sempre fui.

“As espôsas têm de fazer alguma coisa quando êles passam horas e horas no estúdio gravando. Temos idéias, mas a coisa mais urgente a fazer é deixar Esher e irmos para nossa propriedade de cem acres no interior. E depois foi a Grécia ou qualquer outro lugar. Sempre há uma dessas idéias malucas circulando por aí.

“Eu gostaria de fazer alguma coisa, por conta própria. Durante algum tempo tive aulas de piano. Mas isso iria demorar muito para chegar a algum resultado. Acredito que uma pessoa possa fazer o que bem entender, se tiver vontade e disposição de dedicar-lhe o tempo suficiente. Por isso, aprender piano, agora, já é muito tarde para mim.

“Procurei uma vidente e ela me revelou que minha avó havia tocado violino e que eu também deveria tocá-lo. Não sei como ela foi descobrir que minha avó fôra violinista. Então resolvi fazer uma tentativa. Durante algum tempo, tive umas aulas. Foi até pior. Para tocar violino é preciso começar a estudar cedo.

“Agora estou aprendendo a tocar dilruba, um instrumento indiano. Também estou tomando aulas de dança indiana com Ram Gopal. É genial. Eu e Jennie vamos lá todos os dias antes de êle ensaiar seus ballets.

“Não quero é ser a mulherzinha que fica esperando em casa. Quero fazer alguma coisa que valha a pena.”

Pattie está a par de todos aquêles negócios indianos. E George, como em tôdas as coisas às quais se dedica, é quase um fanático. Costumava praticar na guitarra até seus dedos começarem a sangrar. Às vêzes toca citara durante o dia todo. Quando não está fazendo isso, lê algum livro sôbre religião, um depois do outro.

Quanto a isso, não é excêntrico à medida que se aprofunda no assunto, torna-se cada vez mais humilde e simples. Êle não é um doutrinado, apesar de que, quando citado, corre o risco de parecer mais fanático do que na realidade o é.

Antes do aparecimento do Maharishi, quando George estava descobrindo o budismo e o ioguismo por si mesmo, Paul e John

ficaram tão fascinados quanto êle com o que estava descobrindo.

“Olha só êsse livro. Um indiano mandou-nos um exemplar a cada um de nós, quando estávamos nas Bahamas. Sua dedicatória está datada em 25 de fevereiro de 1965, dia de meu aniversário. Só o abri recentemente, depois de ter-me interessado pelas coisas indianas. É fantástico! Aquêle indiano era realmente alguma coisa. Pode-se ver pelo nome dêle, que, na verdade, é um título, o quanto êle é sábio.

“Agora sei que isso fazia parte de um plano. Estava tudo previsto de forma que eu o lesse agora. Parece que tudo segue um traçado, exatamente com o nosso destino. John, Paul e George se compenetraram disso, e Ringo um pouco mais tarde. Nós éramos parte daquela ação que levou à reação seguinte. Somos apenas pequenos dentes de uma engrenagem da qual todos fazem parte.

“A única coisa importante na vida é o Karma, isso significa mais ou menos ação. Tôda ação causa uma reação que lhe é igual e oposta. Tudo que é feito apresenta uma reação, como jogar esta almofada no chão, entende, provoca-lhe uma moossa.

“O seu Samsara é a recorrência de tôdas as suas vidas e mortes. Todos nós estivemos aqui antes. Não sei como foi, apesar de os amigos que você teve naquelas vidas provavelmente serem os seus amigos nessa. Você odeia tôdas as pessoas que odiou antes. Enquanto você odiar existirão pessoas para serem odiadas. O camarada vai sendo reencarnado até atingir a verdade absoluta. Mas céu e inferno são apenas um estado de espírito. Não importa o que sejam. É você quem os cria.

“Fomos feitos John, Paul, George e Ringo por causa de alguma coisa que fizemos em nossa última vida, estava tudo lá para nós, numa bandeja. Agora estamos colhendo o que plantamos da última vez, não importa o que seja.

“A razão pela qual estamos aqui é atingir a perfeição, para nos tornarmos como Cristo. Cada alma é potencialmente divina. O mundo atual é uma ilusão. Êle foi criado pela temporalidade e identificação com os objetos. Não importa o que venha acontecer. O

plano não pode ser afetado nem pelas guerras nem pelo lançamento de bombas de hidrogênio. Isso só poderá interessar às pessoas envolvidas com essas coisas, o que será terrível. A nós, em última análise, só importa o que acontece conosco.

“Eu costumava rir quando lia que Cliff Richard era católico. Ainda me encolho quando ouço isso. Agora, sei que a religião e Deus não são as únicas coisas que existem. Penso que algumas pessoas acham que eu seja um caso de loucura. Às vezes eu mesmo acho difícil não acreditar nisso, pois ainda vejo muitas coisas. Mas sei que quando a gente crê tudo é belo e verdadeiro. Não crendo tudo é confuso e vazio.

“A vida acabará resolvendo tudo, desde que a gente não atrapalhe. É isso que eu estou tentando fazer. Esqueci-me da maior parte das coisas que me aconteceram antes dos dezenove anos. Agora tenho muita coisa pela frente. Tenho muitas possibilidades. E começo a perceber que tudo que sei é que não sei nada.”

Ele começou a praticar a meditação transcendental exatamente neste ponto. Estava em busca de alguma coisa ou de alguém para unir tôdas as pontas. Desde que iniciou aquela prática, nunca a perdeu um dia sequer, diferentemente dos outros. Uma vez ou outra eles se esquecem dela ou estão muito ocupados.

A outra face da vida de George é sua música. John e Paul começaram a compor, praticamente, a partir do dia em que se encontraram. Mas George não compôs durante muito tempo, apesar de ter contribuído com um número instrumental para uma gravação que fizeram em Hamburgo. Suas canções sempre foram criadas separadamente das de John e Paul. Ele as faz completamente só. Nisso, como em outras coisas recentes, ele os tem influenciado — fazendo-os tomar conhecimento dos ritmos e instrumentos orientais.

A primeira música de George só apareceu quando da gravação do segundo LP do conjunto, *With The Beatles*, em novembro de 1963. Ela se chama *Don't Bother Me* e foi composta num hotel de

Bournemouth, durante uma das tournées do grupo. Êle tinha estado doente e repousava.

“Eu estava meio ruinzinho e queriam que eu me fortificasse, descansando por alguns dias. Então resolvi experimentar escrever uma canção, só para me divertir. Peguei minha guitarra e fiquei tocando até que a música veio. Depois eu me esqueci dela completamente, até o dia em que fomos gravar nosso LP seguinte. Era uma musiquinha bem ruinzinha. Esqueci-me dela completamente depois de tê-la gravado.”

E George também acabou esquecendo de escrever música durante os dois anos seguintes. “Eu estava envolvido em tantas outras coisas que não achava tempo para isso.”

George prefere não dar importância às suas músicas, considerando-as uma de suas facêtas sem valor. Êle não consegue lembrar-se de quantas já compôs e não tem certeza de quais as que foram editadas.

Depois do Don't Bother Me, as seguintes saíram no LP Help, lançado em agosto de 1965. As duas compostas para êsse disco, foram I Need You e You Like Me Too Much.

Fêz duas músicas para o LP Rubber Soul, lançado em dezembro de 1965 — Think For Yourself e If I Needed Someone. Quando êle estava tentando lembrar-se de para quais discos havia composto esqueceu-se de mencionar êsse. E estas duas estão bem acima do padrão normal das outras músicas.

Para o Revolver, que foi lançado em agosto de 1966, êle escreveu o seu maior número de músicas a figurar num só LP até agora. Compôs três — Taxman, I Want To Tell You e Love You Too. Essa última foi uma das primeiras em que empregou instrumentos indianos (nesse caso, o tabla), um uso que logo foi copiado por centenas de conjuntos de música popular na Inglaterra e nos Estados Unidos.

A partir de então, suas músicas tornaram-se mais indianas, refletindo seu crescente conhecimento da citara. Whithin You, Without You que tem uma boa letra e uma excelente música, talvez

seja sua melhor canção até agora. Foi lançada no Sargeant Pepper, em abril de 1967. Foi seguida, no Natal de 67, por Blue Jay Nay para o Magical Mystery Tour e por sua primeira música para um disco simples dos Beatles, The Inner Light, em março de 1968.

“Comecei a escrever mais músicas quando passei a ter mais tempo, especialmente quando paramos de fazer tournées. Tendo tantas coisas indianas na minha mente, é natural que minhas canções sofressem sua influência.” Ele tem grande dificuldade em encontrar o tipo certo de música indiana já treinado para a gravação nos estúdios de Londres. Para Within You, Without You e Blue Jay Nay, êle passou semanas procurando e ouvindo músicos que soubessem tocar instrumentos indianos. Na Inglaterra, não existem músicos profissionais e que toquem o tipo de instrumento que êle queria.

“Êles têm as mais diversas ocupações de dia e só tocam à noite. Por isso, alguns não eram bastante bons. Mesmo assim, tivemos de usá-los. Êles eram muito melhores do que qualquer músico ocidental, porque aquêle é o estilo natural dêles, embora isso dificultasse as coisas. Passávamos horas seguidas ensaiando.”

Os ensaios para gravação das músicas de George demoram mais ainda do que para as de Lennon-McCartney, assim como George colabora com êles nas próprias músicas, também ambos o auxiliam na sua. Entretanto, é George quem se encarrega de tudo. Grupos de cavaleiros indianos de estranha aparência, carregando instrumentos das mais exóticas formas, chegam ao estúdio, sentam de pernas cruzadas e tocam para George, de maneira que êle possa ouvir o que sabem fazer.

Um outro problema tem sido o de escrever a música para êstes senhores indianos tocarem. A maioria dêles não sabe lê-la, quando escrita na notação ocidental.

As primeiras músicas indianas de George, êsses indianos tinham de aprendê-las, observando-o tocá-las. Nem mesmo o Big George Martin sabe lê-las.

Agora, George já está muito versado na escrita dessa notação musical. Aprendeu a escrever suas músicas dessa maneira, a fim de

que os músicos possam lê-las e tocá-las.

“Em vez de traços e pontos na pauta, êsse gênero é feito simplesmente como os nossos solfejos tônicos. Em lugar de dó, ré, mi etc., suas notas são: Sa, Re, Ga, Ma, Pa, Dha, Ni, Sa. Freqüentemente êles não têm letra para suas músicas e se limitam a cantar essas notas. A gente indica se as notas são altas ou baixas ou sua duração, colocando pequenos sinais sob cada uma delas.

“As primeiras notas de *Within You, Without You*, para acompanhar as palavras *We were talking* são Ga Ma Pi Ni. Só é necessário escrever a primeira letra de cada nota, isso basta. Agora, posso chegar perto dos músicos indianos, entregar-lhes a música, tocá-la uma vez para que êles a aprendam como eu quero, e depois êles podem tocá-la sòzinhos.”

George passa, no mínimo, três horas por dia praticando na citara, sentado de pernas cruzadas com a ponta do instrumento apoiada na parte interna de seu pé esquerdo, como fazem os indianos. Êle possui cadernos cheios de música indiana, escrita pela notação apropriada. Essas são as lições que êle tem de praticar. Seu professor, Ravi Shankar, mandou-lhe alguns exercícios gravados em fita magnética. George fica ouvindo-os por muito tempo e quando não está tocando, e até durante as refeições. É fato que êle é muito dedicado e trabalhador. Contudo, diz que levará muitos anos para ser realmente bom em música da Índia. Tal é o seu interêsse, que está completamente absorvido por ela. Por isso, suas músicas como *Beatle* são compostas apressadamente. Chega a esquecer suas composições, até à aproximação da data da gravação de um nôvo LP e se resolve a compor alguma coisa.

Within You, Without You foi escrita numa noite, em casa de um amigo, após o jantar. Foi em casa de Klaus Voorman, seu amigo de Hamburgo, e que agora toca com Manfred Mann.

“Klaus tinha um harmônio em sua casa, e eu não havia tocado isso antes. Eu estava brincando com êle, tocando para me divertir, quando começou a sair o *Within You*. A música veio primeiro. Depois, fiz a primeira frase da letra. Era exatamente o que tínhamos

feito naquela noite: — We were talking. E foi nesse trecho que eu parei. Mais tarde, em casa, terminei-lhe a letra.

“As letras são sempre mais difíceis para mim. Não sou inclinado à poesia. Minhas rimas são pobres de fato. E eu não as levo a sério. São feitas na base da piada pessoal. É genial, quando mais alguém gosta delas. Eu, pessoalmente, não as considero com seriedade.”

Muitos críticos não compreendem por que há uma gargalhada repentina depois de *Within You, Without You*, no *Sargeant Pepper*. Chegaram a calcular que aquilo era coisa dos outros para gozar a música indiana de George. Na verdade, a idéia foi do próprio George.

“Bem, depois daquela monotonia indiana, nosso espírito pede algum descanso. É uma pausa depois de cinco minutos de música triste. A gente não precisa levar isso ao pé da letra você sabe. A gente imagina ouvir o barulho da platéia que está assistindo ao *Sargeant Pepper’s Show*, e o inclui na composição. É êsse o estilo do disco.”

O *Magical Mystery Tour*, o *Blue Jay Nay*, foi escrito durante sua estada na Califórnia, no início do verão de 1967. O título foi tirado do nome da rua em que êle e Pattie moraram em Los Angeles. Êles haviam acabado de chegar de Londres e estavam esperando seu amigo Derek Taylor (um ex-encarregado de imprensa dos Beatles) que vinha encontrar-se com êles.

“Derek ficara retido. Êle telefonara para avisar que chegaria tarde. Pelo telefone disse-lhe que a nossa casa ficava em *Blue Jay Nay*. Êle disse que estava bem, que conseguiria descobri-la, pois ainda poderia perguntar a um guarda.

“E vamos esperar. Estava muito fatigado da viagem de avião, mas não queria ir dormir, enquanto êle não chegasse. Estava caindo um nevoeiro e foi ficando cada vez mais tarde. Para me manter acordado, para passar o tempo, escrevi uma música sôbre essa espera, em *Blue Jay Nay*.

“Havia um pequeno órgão Hammond num dos cantos da casa. Princiiei a brincar nêle e a música saiu.”

Tôdas as palavras da canção estão diretamente relacionadas à história de sua espera por Derek Taylor There's a fog upon LA, and my friends have lost their way... Quando George voltou para a Inglaterra, em sua casa de Esher, aperfeiçoou a música. Mas deixou nela um som de órgão, muito profundo e retumbante, no acompanhamento.

Em janeiro de 1968, George concordou em escrever sua primeira música para filme, para o Wonderwall. Têm-lhe pedido que êle componha mais alguma coisa, mas êle tem-se recusado. Um dia êle começou a trabalhar em uma para Mariane Faithfull. Esta lhe havia pedido que fizesse uma canção para ela cantar, algo como o Within You, Without You. Êle não tinha idéia de como o negócio ficaria. Já estava com a música na cabeça, mas a letra estava ficando parecida com uma piada. Êle achava que ela ia-se tornando tão bôba, que teria de ser jogada fora.

“Já tinha o You can't love me with an artichoke hear (Você não pode me amar com um coração de alcachôfra), que não está nada mau.” Êle cantou e tocou a música no seu órgão Hammond. “Mas não tenho certeza quanto a continuação da piada — You can't listen with your cauliflower ear ou don't be an apricot fool. Não sei. Vou ver no que dá.

“Eu não tenho grandes recursos vocais por isso tenho de manter minhas canções simples. Com Marianne acontece o mesmo. Então, tudo vai muito bem.”

Sua voz não é muito forte, mas desfruta de uma considerável admiração por parte dos fãs, a julgar pelas cartas publicadas no Beates Monthly. Os fãs estão sempre perguntando por que Paul e John não o deixam cantar mais. “Não é verdade que êles não me deixam. Eu cantaria se quisesse. E isso não me interessa.”

Êle considera John e Paul os escritores e compositores e acha que não precisa preocupar-se com isso, já que êles são tão bons, a menos que êle tenha alguma coisa em sua cabeça.

“Não sei aonde quero chegar. A verdadeira música clássica indiana difere muito das populares que influíram na criação das que saíram

até agora. São apenas músicas populares comuns, com um ligeiro ritmo indiano.

“Não estou certo da minha opinião a respeito das que escrevi. Encaradas sob o ponto de vista de uma outra pessoa, como música popular, gosto delas. Mas analisadas sob o meu ponto de vista, do que na realidade eu quis fazer, não gosto de tudo o que fiz até agora. Parece que estou sempre apressado. Só depois é que percebo as coisas que deveria ter feito.”

Ele se surpreende e diverte com as pessoas que julgam a música dos Beatles tão seriamente. Ele diz que a letra de Within You, Without You é uma verdade, mas mesmo assim ainda é uma piada. “As pessoas não compreendem isso. Como a música de John I Am The Walrus quando a letra diz — I am he as you are he as you are me. É uma verdade, mas, mesmo assim, ainda é uma piada. As pessoas procuraram todos os significados possíveis. Isso é sério e não é.”

George acha que eles poderiam ir muito mais longe, e talvez irão, tanto com as músicas, como com as letras. Ele acha John genial com a idéia de tirar as calças de mulher em I Am The Walrus.

“Por que é que a gente também não pode botar as pessoas fornicando? Isso acontece em tôdas as partes do mundo, a tôda a hora. Então por que não podemos mencionar isso? É apenas uma palavra inventada pelas pessoas. Em si mesma ela não tem sentido algum. Fique repetindo — Fuck, fuck, fuck, fuck, fuck, fuck. Viu só? Não quer dizer nada, então por que a gente não pode usá-la numa música? Eventualmente a usaremos. Nós ainda nem começamos.”

Isso seguiria a teoria de Kenneth Tynan, segundo a qual, as músicas dos Beatles estão na descendência direta das canções medievais inglêsas. Tôdas elas eram cheias de bundas, excrementos e fornicação. Então, de uma certa forma, isso é verdade. Na realidade, George, John e Paul ainda nada fizeram em suas músicas.

Enquanto isso, voltemos ao rancho de George Harrison. De fato, ele realmente se assemelha àqueles construídos com madeira clara. O telefone tocou. Desta vez não era um fã. Era um empregado com

uma história longa e complicada. Contava que tinha emprestado duzentas e cinqüenta libras a Jayne Mansfield. Agora, ela morrerá sem lhe ter pago a dívida. Por isso, êle estava em vésperas de ser despejado, e perguntava se George poderia ajudá-lo. George disse que sim. Êle desligou o telefone e disse — “Bem, o que são duzentas e cinqüenta libras?”

George ainda é um Beatle. Êste é seu emprêgo. E como acontece com os empregos, todo mundo, de vez em quando, pensa nêles e no seu futuro. Atualmente, pensa que tem o dever de executá-lo bem. Crê que poderia ter alguma responsabilidade social, pelo fato de ser um ídolo popular, coisa em que nenhum dêles jamais pensou, um minuto sequer.

Êle continua ìntimamente ligado aos outros, apesar de todos os exercícios de citara e de seus pensamentos serem mais elevados. Continuam sendo seus maiores amigos. Como partilharam de seus interêsses religiosos, êle participa de tôdas as suas paixões, por mais mundanas que sejam, desde os longos lenços de pescoço às câmaras.

“Se um dêles experimenta alguma coisa, todos os outros logo têm de tomar conhecimento dela”, diz Pattie. “Êles têm manias, como todo mundo as tem nos tempos de escola. E isso os mantém felizes.

“São desperdiçados demais, quando pegam uma nova mania. Compram um bocado de coisas que jamais usarão. Por vêzes, isso acaba tornando-se útil. Gastaram em demasia com câmaras e equipamento para filmagem. Porém, isso lhes mostrou que poderiam fazer filmes, sem precisar saber muita coisa.

“Agora percebi que todos fazem parte de uma coisa só. Logo que casei não enxergava isso. Todos se pertencem uns aos outros. Nenhuma pessoa pertence a uma outra. Não adianta nada a gente ficar agarrada às pessoas, isso só serve para nos fazer infelizes. George é meu marido, todavia êle tem de ser livre para ir com êles se quiser. Para êle é importante ser livre.

“George é tão ligado aos outros, que jamais poderei entender. Ninguém, nem mesmo as espôsas, pode entrar nesse círculo ou

mesmo compreendê-lo.

“No início, isso costumava magoar-me. Lentamente, fui compreendendo que havia uma parte da qual eu nunca poderia participar. Cyn falou-me a êsse respeito. Ela disse que êles sempre seriam partes uns dos outros.”

Só há uma faceta da vida de Beatle que Pattie, de alguma forma, critica. Discordando dêles, ela acha que êles deveriam fazer alguma coisa com seu dinheiro, seja ajudando alguma causa justa, seja fazendo caridade. Desde o verão de 1968, George, John e Paul doaram os lucros de algumas músicas para organizações de caridade. O lucro de Across The Universe foi doado ao World Wildlife Fund.

“Concordo com êles, quando dizem que estas organizações só servem para dar lucro a seus funcionários. Mas deve haver algo que possamos fazer, que seja do jeito como Marlon Brando ajuda as crianças órfãs.

“Aconteceu que quando os Beatles começaram, foram assediados por tôda espécie de organizações de caridade, que queriam que êles trabalhassem para elas. Verdadeiras multidões de crianças aleijadas eram levadas para vê-los, em seus vestiários, como se êles fôssem milagrosos. De maneira que isso os enojou, de algum modo.

“Eu não me oporia em fazer alguma caridade, mas só penso que novamente entrava a publicidade para estragar tudo, confessa George. É assim que ela faz. Então, pensariam que estávamos fazendo aquilo com segundas intenções. De maneira idêntica, não conseguem acreditar que estejamos verdadeiramente interessados em ouvir o Maharishi. É difícil adivinhar o que querem de nós.”

Mas George diz que sabe o que vai fazer. Afirma que não tem preocupações quanto ao futuro.

Seu interêsse pelo espiritualismo há de durar para sempre. Então, ficará provado que os cínicos estão errados. A sua dedicação à cultura indiana não é fogo-de-palha.

“Atingir um estado de bem-aventurado é importantíssimo para mim, mas ainda tenho meu trabalho, sendo um Beatle.

“Tenho de continuar com aquêê emprêgo porque agora podemos fazer tudo que quisermos. Estamos numa situação de podermos experimentar as coisas, para mostrar o resultado. Podemos sair pulando, ou fazendo experiências, que outros não podem ou não querem fazer. Como por exemplo, com as drogas. Quem tem emprêgo normal não poderia dedicar o tempo que dedicamos àquilo tudo.

“Se Mick (Jagger) foi prêso por tomar drogas, é porque êle é a melhor pessoa a quem isso poderia ter acontecido. Teria sido muito melhor do que se tal acontecesse a alguém que não possuísse dinheiro, e que por isso, poderia ter-se arruinado. Ser rico e famoso facilita passar por essas coisas.

“Na verdade, apenas começamos a fazer filmes. O Magical Mystery Tour não foi nada. Ainda mostraremos o que se pode fazer. Qualquer um pode fazer filmes. A gente não precisa viver por aí se enrolando com financiadores, companhias, centenas de técnicos e roteiros elaborados até à última palavra.

“Talvez façamos um ou dois filmes por ano, sem que precisemos fazer parte do elenco. Alugaremos nossos estúdios e pessoal a qualquer um que os quiser. Poderemos, sobretudo, emprestar nosso dinheiro. Se jamais chegarmos a usar financiadores, faremos tudo para que êles não tenham a mínima influência.

“Daremos muitas voltas, fazendo filmes e experimentando coisas novas. Então, depois disso, tentaremos algo de nôvo. Não sei o quê. Quando começamos a gravar nossos discos, ainda não sabíamos que também íamos fazer filmes.

“Será o mesmo que apresentar um panorama, sempre tentando mostrar algo nôvo e aos poucos. Então, morreremos e entraremos numa nova vida onde experimentaremos de nôvo, buscando sempre aperfeiçoar. Isso é a vida. Isso é a morte.

“Mas no que diz respeito a essa vida, ainda não fizemos nada.”

34.RINGO

Ringo mora perto de John, na mesma propriedade particular em Weybridge, Surrey. Numa casa estilo falso Tudor. Ela foi construída em 1925, e se chama Sunny Heighs. Ela lhe saiu por trinta e sete mil libras, mais quarenta mil gastas na reforma. Não tem piscina como a de John ou a de George, mas tem um terreno muito maior, com muitas árvores e arbustos. Seus fundos dão para o St George's Hill Golf Course. Nem êle nem John são membros do clube, e nunca quiseram ser. Mas quando se mudaram para lá, um repórter perguntou no clube se os Beatles poderiam entrar para sócios. Disseram-lhe que não, porque havia uma longa lista de pessoas à espera de vaga no quadro. Ringo diz que, de qualquer jeito, êle não se teria tornado sócio. Êle não acha graça em andar.

O jardim de Ringo passou por um caro paisagismo. Nos fundos da casa, há um grande anfiteatro cavado no chão. Ela tem uma porção de pátios de cerâmica e laguinhos. Em cada lado dêsse anfiteatro estão dois pequenos bosques, ainda parte do jardim de Ringo. Sobre uma das árvores, fica uma grande casa de brinquedo.

Parte dessa reconstrução custou-lhe cêrca de dez mil libras, para grande surpresa dêle. Como todos os Beatles, êle nunca pedia orçamentos, o que naturalmente os deixava muito vulneráveis. Não, que tivessem necessidade de os passar para trás. Mas porque lhes forneciam suas mercadorias e serviços muito mais caros.

“Quando dou uma volta por aqui”, diz Ringo olhando seu grande jardim, “freqüentemente imagino o que um cara como eu está fazendo com tudo isso. Mas isso logo passa. Já me acostumei. A gente acaba se preparando para discutir com qualquer um que esteja querendo tomar muito do nosso dinheiro.”

No verão de 1967, mandou fazer uma grande ampliação da casa, que contém livings, quartos de hóspedes, uma sala de trabalho e um cômodo muito grande que é usado como cinema ou sala de bilhar. O trabalho foi executado por uma firma construtora da qual possuía metade das ações. Talvez seja o único investimento que êle tenha

feito por conta própria. Infelizmente, ela teve de fechar em meado de 1967, devido à restrição do crédito. "Construímos uma porção de casas excelentes, mas ninguém tinha o dinheiro para comprá-las. Quando a firma fechou, não perdi dinheiro, apenas fiquei com uma dúzia de apartamentos e casas novas que ficaram vazios por muito tempo."

No seu interior, o living principal talvez seja o mais bacana de todos, apesar de ser um pouco escuro no lado do jardim, pois há uma varanda que lhe tira um pouco a claridade. Está mobiliado com muito gosto. O soalho é todo coberto com um grosso tapêete Wilton, de côr marrom. Custou-lhe uma fortuna. Foi fabricado especialmente para êle, numa única peça. Motivo por que lhe ficou tão caro. Ainda hoje, fica arrepiado só em pensar na importância que pagou por êle. Por isso, nega-se a revelar o preço. Corresponde, aproximadamente, ao dôbro do preço que se costuma pagar pela compra de uma casa completa.

Num dos cômodos fica um bar. Todo êle é muito velho e fora de moda, apesar de ter pedaços e peças de um bar verdadeiro. Lá, colocou, como enfeite, um coldre com que Elvis Presley lhe presenteara.

Há vários discos de ouro e outros prêmios espalhados pela casa. Em seu cômodo principal, há algumas estantes esparsas. Elas contêm especialmente livros de bôlso, denotando que foram lidos. Há alguns novos, mas com aparência de usados, sôbre religiões indianas, e outros realmente novos e não manuseados, sôbre história e de Dickens. Dentre os Beatles, John é o único que tem estantes adequadas.

Ringo tem uns dois cômodos ocupados com seus próprios brinquedos. Todos são caros e especialmente material de cinema. Fêz alguns filmes excelentes e engenhosos, apesar de ser muito tímido em mostrá-los e de realmente achar que êles não sejam tão bons. Possui um filme colorido, de vinte minutos de duração, que consiste especialmente em close-ups dos olhos de Maureen, com um fundo musical. Nêle há uma seqüência filmada da janela de um carro tomando as luzes dos outros carros se aproximando. Outra

seqüência excelente foi a que êle fêz ao sentar num balanço do jardim e filmar a casa e o jardim enquanto balançava para cima e para baixo. Êle mesmo filmou tudo, montou e editou. Empregou um equipamento caro e seu resultado compensou, porque é muito interessante. Uma ou duas partes do Magical Mystery Tour foram filmadas por Ringo, usando suas próprias câmaras.

Êle também gosta de pintar. Sua mulher, Maureen, passa horas fazendo padrões e desenhos muito complicados. Ela fêz um baseado no símbolo do Sargeant Pepper, todo com centenas e centenas de pequenos discos de metal. Levou seis semanas para completá-lo, enquanto esperava para dar à luz a Jason.

Zak, o primeiro filho do casal, nasceu em setembro de 1965 e Jason nasceu em agosto de 1967. Ringo acha que por enquanto não terão outros filhos. Deseja dar um descanso a Maureen.

Têm uma babá para as crianças e uma empregada por hora, para fazer a limpeza. Como John e Cyn, Ringo e sua família utilizam só alguns cômodos da casa. Vista de fora, até parece desabitada. Maureen é quem cozinha para Ringo.

Quando Ringo não está trabalhando os dois ficam zanzando de um lado para o outro. Como John, êles deixam a eletrola e a televisão ligadas o tempo todo, mesmo quando não se encontram nos mesmos aposentos em que os aparelhos estão. Vêem um bocado de televisão. Possuem seis receptores. Da poltrona principal do living, Ringo pode mudar os canais à vontade, sem ter de se levantar, bastando torcer um botão instalado na poltrona.

Ringo sorri ou balança a cabeça, quando aparece uma música dos Beatles na televisão ou no rádio, se há alguém em sua companhia. John e Paul nem parecem notar quando isso acontece. George não assiste à televisão nem toca discos de música popular.

“Eu mesmo não toco nossos discos. Maureen, de vez em quando, os coloca na vitrola. Ela é fã dos Beatles e de Frank Sinatra. Nos velhos tempos comemorávamos como loucos cada vez que o rádio tocava um dos nossos discos.

“Não me incomodo quando as pessoas nos atacam. Somos tão populares que isso agora não importa, mas os críticos podem matar uma porção de discos que de outra forma as pessoas poderiam ter gostado.

ROBERT FITZPATRICK ASSOCIATES

9229 SUNSET BOULEVARD, LOS ANGELES, CALIF. 90069
CRESTVIEW 1-4561

ROBERT FITZPATRICK, President

BLUE JAYWAY.

upon L.A.

There's a fog ~~on~~ ~~Blue Jayway~~..
and my friends have lost their way..
well be over soon they said,
Now they've lost their way instead.
please don't be long
or else I'll be asleep

Well it only goes to show.....
and I told them where to go
ask a policeman on the street
there's so many there to meet.
please don't be long

Now its past my bed I know
and I'd really like to go
soon will see the break of day
Sitting here in Blue Jay way
please don't be long.

When I see you at the door
I know your worth waiting for
toward the moment when you speak -
I know I'd wait here all week

"Yesterday"

“Quando você está subindo, todo mundo fica do seu lado. Todavia, quando você chegou lá em cima, muitos, se puderem, procuram derrubá-lo. Se somente trinta pessoas vão ao aeroporto para vê-lo, afirmam que aquilo não era uma multidão e que você deve estar liquidado. Esperam que as coisas continuem do mesmo modo como na época em que estávamos fazendo nossas tournées. E pensam: ah! os Beatles! deve haver milhões de pessoas em torno deles.

Como os outros, ele se diverte com os que pretendem descobrir os significados ocultos de seus discos, especialmente nos Estados Unidos. “Isso com frequência acontece muito lá, onde existem centenas de caras fazendo o que dez fazem aqui. E ficam procurando alguma coisa diferente.”

Como todos eles, Ringo, para variar, está tentando levar uma vida particular. Ele acha que quando pararam com as tournées, deixaram de ser propriedade do público, e que, portanto, deveriam deixá-los em paz. “Mas em todas as partes as pessoas ficam nos encarando, como se estivéssemos num circo. Posso compreender isso quando sou Ringo, o Beatle. Mas quando sou Ritchie a pessoa, deveria ser deixado em paz.

“Acho que não se pode esperar isso. Eles ouviram demais. Eles querem ver a pessoa. É isso que é a fama. Eles não percebem que você parou de tocar. Ainda querem ficar olhando embasbacados.”

Uma noite, ele e John estavam voltando de Londres no Rolls Royce de John, quando passaram por um bar todo iluminado, com as pessoas sentadas em mangas de camisa a beber. Eles não puderam resistir. Era como uma cena de história da carochinha de que eles se tinham esquecido havia muito tempo.

“A idéia parecia genial. Vestíamos ternos e estávamos meio duros. Fôramos visitar Queenie (mãe de Brian Epstein). E não fazia muito que Brian tinha morrido. Quando chegamos em casa, resolvemos mudar a roupa e ir àquele bar tomar alguma coisa. Levei Maureen para fazer companhia a Cyn, enquanto eu e John saíamos. Foi exatamente como nos velhos tempos. Na volta trouxemos-lhes batata frita Babycham.

“O bar não havia mudado. Era tal como os bares que havíamos conhecido, como se tivesse saído da Coronation Street. O barman ficou muito contente quando nos reconheceu. Cada um de nós tomou uma garrafa de cerveja preta. Tivemos de assinar alguns autógrafos, mas isso não foi tão chato.”

Agora êle acha que, por ter feito isso uma vez, êles deveriam ir lá, de vez em quando, tomar alguma coisa rápida. Êle nunca experimentou dar um passeio sòzinho, porque naturalmente não gosta de andar. Nenhum dos Beatles faz qualquer espécie de exercício, exceto Paul, quando leva Martha para dar uma volta.

Jogar bilhar talvez seja o único exercício de Ringo. — “Há o jardim. O que há de errado nêle? Eu freqüentemente dou uma volta por êle.” Êle parece não precisar de exercícios para manter a forma e o mesmo pêso — entre cinqüenta e oito e sessenta e um quilos — durante os últimos seis anos. Considerando-se a vida pouco sadia que êle levou durante a época das tournées e seus anos de doença quando criança, isso é surpreendente. Mas todos, de certo modo, estão em forma, apesar da aparência pálida. Regularmente, passam por exames médicos, antes de cada nôvo filme ou de um contrato maior, e nunca descobriram nada de errado. Ao pararem de excursionar, John engordou, emagrecendo de nôvo, pouco depois.

Ringo, finalmente, passou no exame de motorista, depois de ter sido reprovado três vêzes e ter dirigido durante dois anos sem ter carteira. Atualmente, possui três carros, um Mini Cooper, um Landrover e um Facel Vega. “Não me pergunte como se soletra isso. Eu estava fora da escola, quando ensinaram a soletrar.”

Além de seus pais, tem ajudado outros parentes e amigos, emprestando-lhes dinheiro para comprarem suas casas próprias.

“Tenho um monte de quinquilharias. Eu me animo e compro uma coisa. Depois o entusiasmo passa, não dura uma semana. Estou sempre comprando equipamento de filmagem. Prefiro alguma coisa melhor ou extra, e por isso estou mudando de câmara o tempo todo. Não sei a quanto orça minha fortuna. Se acaso amanhã eu disser que quero receber todo meu dinheiro, não sei quanto teria nas mãos.”

Ele não carrega dinheiro consigo. "Diga-me uma coisa: como são aquelas notas de libra? E será que eles ainda fazem aquelas meias-coroas tão simpáticas? Maureen faz tôdas as compras, utilizando um carnet de compra."

Quando assina uma conta numa loja, ela é remetida para o escritório de seu contador, e êste a devolve, a fim de ela ser confirmada, antes de pagá-la. "As minhas despesas quase atingem a mil libras por mês. No mês passado, chegaram a mil e seiscentas libras, porque comprei um nôvo conjunto de lentes.

"Só me dei mal uma vez. Estávamos na casa de Brian e eu e Maureen resolvemos voltar mais cedo. Tínhamos ido no carro de alguém, de modo que Peter (Brown) emprestou-nos seu carro para voltarmos para casa.

"No meio do caminho, na estrada e distante de qualquer recurso, e, sobretudo numa noite de domingo, acabou a gasolina. Não havia nenhuma garagem por perto, e mesmo se houvesse não teríamos dinheiro para pagar a gasolina. Fiz sinal para um carro, e disse ao cara que tinha acabado a minha gasolina. Perguntei-lhe se êle podia emprestar-nos cinco shillings para comprar um galão e poder chegar em casa. Êle me perguntou se eu era o Ringo. Respondi-lhe afirmativamente. Êle então falou que não adiantaria nada emprestar-me o dinheiro, pois não havia nada aberto ali por perto. Contudo prontificou-se a nos dar uma carona. Foi genial. Depois descobrimos que êle era um jornalista, do Daily Telegraph.

"Bem, isso é o tipo de notícia sem importância que chega a todo instante aos jornais, mas que a gente não gosta de ver publicada. Trouxe-o aqui em casa, e dei-lhe um LP. Mostrou-se muito discreto, pois nunca escreveu uma linha sôbre o ocorrido."

Há alguns anos atrás, deram-lhes talões de cheques, para servir-lhes nas emergências. Todavia, nunca os usaram: "Jamais assinei um cheque sequer, em tôda a minha vida", declara Ringo. "Nem sei como se faz isso. Perdi o meu talão, na hora em que o recebi.

"Também, nada me recusam numa loja, mesmo quando peço para assinar a nota, e mesmo que eu nela nunca tenha entrado antes.

Jamais me pediram para identificar-me.”

Ele não sente nenhuma vontade ou necessidade de doar dinheiro para instituições de caridade, e não acha razão por que deva fazê-lo. “Brian, vez por outra, fazia doações em nosso nome. John fez um cartão de Natal para a Oxfam, não fez? Isso lhes deu um bom dinheiro.

“Na verdade, não sinto esse desejo. Muitas das pessoas que dirigem as instituições de caridade não são pessoas honestas. Que o Aberfam Fund fez, a não ser pelos advogados? Deram cinco mil libras a cada família que perdeu uma criança. Ridículo. Cinco mil libras não vale a perda de uma criança. Acho que há muita gente ganhando dinheiro às custas de caridade. Não, isso não é comigo.

“De qualquer forma, o governo tira mais de noventa por cento do nosso dinheiro. De cada libra ficamos com um shilling e pouco. O governo gasta isso ajudando as pessoas, não é mesmo? De certo modo, nós também estamos fazendo caridade.

“Não que os governos valham alguma coisa. Nada funciona com eles. Ônibus, trens etc. Nada disso funciona. Ontem, quando eu ia de carro para a cidade, passei por cinco ônibus da linha sete. Estavam em fila, e cada um transportava um passageiro só. Por que não podiam fazer a mesma coisa com um ônibus só?

“O governo cobra muitos impostos. Não há uma iniciativa. Só sabe cobrar impostos a vida toda. Quando não houver mais os ricos, ninguém mais terá dinheiro para dar ao governo.

“Em tudo que o governo se mete dá em lixo, não em ouro. As ferrovias, quando eram particulares, davam lucro, não davam? Nosso governo é como a Inglaterra Vitoriana. Fora de época.

“Todos os governos são iguais. Conservadores ou trabalhistas. Nenhum deles me oferece nada. A única coisa que fazem é se opor um ao outro. Um afirma uma coisa, o outro acha que tem a dizer outra diferente. E é só o que fazem. Por que eles não são capazes de se unir e trabalhar para o bem do país?”

Os Beatles dizem que Ringo é um sentimental, apesar de todos eles terem um pouco de Ringo. Esse sentimentalismo manifesta-se, de

maneira patente, na sua preferência pela Inglaterra. Ao que os outros dizem não dão a mínima importância. Quando surgiu a idéia de ir morar numa ilha grega ou em outros lugares, e foi assunto de debates entre eles, Ringo foi o único que não ficou muito entusiasmado. Ele teria preferido que todos fossem morar numa propriedade de cem acres em Devon. Ele não tem a mínima animação em ir morar muito tempo no exterior. Os outros dizem que para eles isso é fácil.

“Eu não poderia viver em outro lugar a não ser na Inglaterra. Foi aqui que nasci. Aqui está minha família. A Inglaterra não é melhor do que outro qualquer lugar, sei disso. Ademais, acho que estou bem instalado aqui.”

Passa férias no exterior e gosta de estar com os outros, geralmente John. Ele e Maureen, de forma alguma, iriam para a Califórnia, obedecendo a um desejo, como George e Pattie fizeram. Ele é como John, prefere ir aos lugares na companhia de seus amigos Beatles. “É bom a gente estar junto.”

Ainda não perdeu nenhuma de suas antiquadas idéias nortistas a respeito do casamento. Considera o ser homem o senhor da casa. “É assim que as coisas são. Meu avô (Starkey), em sua casa, sempre teve uma cadeira na qual só ele sentava. Acho que também sou assim. Ele e John têm um pouco de Andy Capp. Paul e George são muito mais da classe média em seus cenários domésticos.

Ringo anda um pouco alarmado em parecer mais o senhor do que na realidade é. “Outro dia, Maureen contou-me que a faxineira tem medo de mim. Eu não planejei nem esperava tal coisa. Creio que é porque Maureen fica correndo e dizendo que é preciso fazer isso ou aprontar aquilo antes de eu chegar.”

Quando eles saem, Ringo escolta Maureen na tradicional forma operária. Há alguns anos atrás, ambos foram jantar em Woburn Abbey, a casa do Duque de Bedford. Ringo era amigo do filho dele, Rudolph, um ardoroso fã da música popular. “Achei que seria divertido ver como os outros viviam, por isso fui até lá.”

Na mesa, êle foi colocado a milhas de distância de Maureen, segundo o costume das classes mais altas, para grande espanto seu.

“Ah, eu não concordei. Chamei-a para perto de mim. Êles estavam querendo que sentássemos um longe do outro. São uns caras muito engraçados.

“Não acho que as mulheres gostem de ser iguais. Elas gostam de ser protegidas e por sua vez gostam de cuidar dos homens. É assim que as coisas são.”

Deixaram Londres há algum tempo e raramente saem de noite. “A Swinging London estava muito bem antes de se tornar a Swinging London. Quando nós estávamos começando a nos tornar famosos era bacana sair por ali e as pessoas nos reconhecerem, conforme fazem tôdas as pessoas do show business. Mas isso era meio chato.”

Em sua casa êles não recebem ninguém de uma maneira formal. Ringo tem um ou dois amigos, como Roy Trafford, de seus primeiros dias em Liverpool. John é a principal pessoa a aparecer e sentar-se para tomar chá ou tratar de qualquer coisa que esteja acontecendo.

Maureen prefere a vida tranqüila, apesar de sua vida ser a de Ringo. Qualquer coisa que êle queira fazer ela também quer. Êles estão sempre muito felizes.

Ela é a única das espôsas dos Beatles que fica acordada esperando seu marido, não importa a hora ou em que condições êle vai chegar.

“Quando Ringo está gravando, costumo ficar acordada até às quatro e meia da madrugada. Provavelmente êle se levantou tarde na véspera, e não fêz uma refeição legal antes de sair. Então, preparo algum prato para êle comer, quando êle chegar a casa, não importa a hora. Concluo que, pelo menos, êle forrou o estômago com uma refeição. Enquanto trabalham êles ficam beliscando aqui e ali.

“Não importa se realmente êle comeu no trabalho, ou com os rapazes. Com facilidade, aproveito as batatas. Nada é desperdiçado. E normalmente lhe sirvo uma refeição. Êle pode comer depressa, se está cansado. Entretanto, gosta de comer alguma coisa quando chega a casa.

“Não me importo de ficar acordada à sua espera. Para matar o tempo, fico a mudar a mobília de lugar. E fico fazendo hora. Numa noite dessas, passei duas horas pensando se mudava um abajur de seu lugar. Ocupo-me com outras coisas, como cortinas ou roupas. Há dias, coloquei uns disquinhos de metal num velho quebra-luz.”

Maureen perde muito tempo respondendo cartas. Ela se interessa muito por tôdas as cartas dos fãs de Ringo. Talvez seja porque ela mesma tenha sido uma fã. Sabe o que isso representa às pessoas. Além de Mrs Harrison (mãe de George), ela é a única pessoa no círculo dos Beatles que se preocupa com a correspondência. Todavia, não pode fazer tanto quanto Mrs. Harrison, pois tem uma casa bem grande e duas crianças para cuidar.

Quando lhe enviam cartões de parabéns nos aniversários, ela costuma respondê-los com um pequeno bilhete de agradecimento, justificando que o Ringo está muito ocupado, razão pela qual êle deixa de escrever. Mesmo quando escreve a pessoas que só o conhecem como Ringo, ela o trata por Ritchie, e nunca pelo seu próprio nome. “Não sei por que, na verdade, Ringo me parece engraçado. O nome dêle é Ritchie.”

De vez em quando, ela obriga Ringo a assinar punhados de autógrafos. Mas não os envia a todos que lhes escrevem, pois isso tomar-lhe-ia muito tempo. Só os remete acompanhando suas cartinhas de resposta, quando as pessoas se mostram realmente simpáticas e educadas.

“Gosto muito de responder cartas. Já faço isso há cinco anos. Às vêzes, recebo respostas adoráveis dos pais dos fãs.

“Há ocasiões em que me atraso com elas. Quando tive Jason, não pude escrever, tendo enchido três sacolas de compras com cartas por responder.

“Não faço isso só porque as pessoas são educadas. Se eu estimasse alguém ao ponto de lhe escrever, também gostaria de receber resposta. Já peguei cartas de fãs afirmando que aquela é sua décima quinta carta. Isso os deixa um tanto amolados. Então, o jeito que acham é escrever para o escritório, e Ringo não consegue

atender nem responder a tôdas as cartas. Com isso, não quero dizer que eu deseje receber mais cartas do que eu já recebo.

Maureen faz muitas roupas, enquanto enche o tempo à espera de Ringo. "Eu gosto das coisas quase instantâneas. Sou tão apressada, que nunca uso moldes. Às vêzes, começo a fazer um vestido, mas começa a dar errado. Então, vou cortando e aparando de modo que acaba saindo um lenço".

Quando ela sente vontade de fazer alguma coisa, compra retalhos baratos a fim de não haver muito desperdício. É muito econômica com o que se relacione a dinheiro. Ela sempre busca conseguir os bônus, quando efetua alguma compra. Parece que não há motivo para agir assim, pois pode comprar tudo que desejar. Distrai-se colando os selos dos bônus nas páginas de um caderninho, e de vez em quando dá uma olhada nêle para ver quantos já possui.

Ringo acha que isso é piada, mas fica orgulhoso do jeito como ela cuida da casa e dêle. E muito se alegra com as coisas que ela faz, tais como o desenho de disquinhos de metal com o motivo do Sargeant Pepper.

Ambos ainda não começaram a pensar na educação de Zak e Jason, pois êles são muito crianças. Como John, Ringo tem vontade de colocá-los numa escola pública comum. "Mas Zak não é um cara comum, não é mesmo? Não o deixariam em paz. Êles estão muito melhores, mas, mesmo assim, ainda o chateiam. Se a única maneira de deixar-nos despreocupados fôr pagando, faremos isso. Se mais tarde êles quiserem ir para um colégio interno eu deixo. Contudo, prefiro tê-los em casa. Só lhes almejo que sejam independentes e se estimem mutuamente.

"Na verdade, falo essas coisas sem saber o que lhes poderá acontecer quando ficarem mais velhos. Porém, não quero que sofram as restrições que eu tive: a mamãe sempre me recomendando para não brincar perto da janela, para tomar o cuidado de não quebrar nada. A gente esquece tudo isso, quando chega a nossa vez de ser pai."

Não almeja para seus filhos o tipo de educação que teve, ou, pelo menos, falta de educação. Aquêles anos perdidos motivados pela doença causaram-lhe algum efeito. Por exemplo, não possui capacidade para soletrar, embora isso não o incomode. Seu conhecimento de geografia é muito superficial.

“Reconheço que não sei soletrar, e sinto dificuldade em ler qualquer coisa que você me entregue. A língua inglêsa é difícil para todo mundo soletrar. Não sou tão ruim em matemática. Mas, eu sou bom mesmo é usando as mãos. Agindo por minha conta, sou capaz de desincumbir-me da maioria dos pequenos trabalhos. Por vêzes, eu mesmo bolo as coisas. Porém, quando as coisas estão escritas... aí que a porca torce o rabo...”

Ringo entrou tarde para o conjunto. Foi muito depois de os outros já estarem acomodados em suas posições e personalidades. Considera que foi de uma sorte maravilhosa. Pois ingressou no conjunto no momento em que êles decolavam rumo ao sucesso. Seus companheiros jamais consideraram que isso fôsse obra da sorte. Pois estavam convencidos de que eram capazes de atingir a fama.

No palco, enquanto seus companheiros se agrupam em tôrno do microfone, Ringo permanece afastado, cercado de seus tambores. Costuma repetir que não é loquaz. Mas suas piadas e observações são tão inteligentes e maliciosas quanto as dêles. A diferença é que Ringo não mantém a conversa, como Paul ou George, quando estão animados, ou da maneira como John inventa suas anedotas malucas. Ringo se conserva calado até que se dirijam a êle.

Repousando, dá ares de abstraído e preocupado. Sua mecha de cabelo cinza parece que está mais escura do que antes. Além do lado esquerdo de sua testa, ela, agora, tomou conta da sobrancelha direita. Na opinião de alguns médicos, deve haver alguma razão psicológica para essa mudança prematura na côr de seu cabelo. Todavia, a maioria concorda que isso não tem importância.

Seu nariz não é tão grande quanto parece nas fotografias, ou nas caricaturas. Muitos consideram que é um sinal de que êle deve ter

sangue judeu. "Só percebi que tinha o nariz grande, depois que me tornei famoso. Nunca achei que me estivessem julgando um judeu. Certa vez, porém, um cara do Jewish Chronicle telefonou-me perguntando se isso era verdade. Tive de declarar-lhe que não.

"Agora estou começando a concluir que realmente sou o que sou, por causa da minha educação, sem ter pai e com minha mãe passando o tempo todo no trabalho. Isso me transformou num cara quieto e introvertido. Só agora imagino isso, porque naquela época eu me considerava muito feliz. Há dias vi um programa de televisão que mostrava os resultados que trazem a longa permanência no hospital a uma criança. Pode deixar a criança muito retraída para o resto da vida."

Ringo não é retraído. É muito franco e amistoso. Na verdade, é o mais amável de todos. E não é vaidoso de maneira alguma. Maureen acha que êle podia valorizar-se mais, se quisesse. "Na verdade, a idéia de fazer aquêle desenho, usando os disquinhos de metal, foi dêle, não lho contou? Sei que isso é bobagem, mas é assim mesmo que êle faz.

"Sempre estou achando que êle se subestima. Esquece as boas idéias que possui, e não se julga capaz de criar nada. Costuma afirmar que ter boas idéias é uma coisa que pode ficar para os outros executarem. Mas êle tem muitas coisas boas. É um bom pintor. Acho que os filmes lhe farão bem. Êle é genial. É um dançarino excelente."

Ringo tem uma personalidade muito mais forte do que parece. E pessoalmente muito mais bem apanhado, com bonitos olhos azuis. Não é verdade que êle seja o bufão do conjunto, nem tampouco sua mascote de estimação. Suas opiniões são tão acatadas quanto as dêles. Mas, em face do talento de Paul e de John, êle se mantém mais quieto do que realmente é. Seus companheiros se apóiam muito nêle. Ringo é uma parte vital dos quatro, contribuindo com os elementos de que êles precisam, daquele velho sentimentalismo, de um forte senso comum, e do toque humano comum. Possui boas idéias e opiniões a respeito dos Beatles e de si mesmo.

“Acho que o fato de nós quatro ficarmos juntos, mantendo aquela igualdade, transformou-nos num só. Somos diferentes na aparência, contudo estamos intimamente identificados.

“Quando se tem um único astro ou um líder e o grupo fazendo o papel de seu seguidor, ou se vai com a cara dêle ou não se vai. Com quatro, você pode associar-se a um, e seguir com o resto. Com Elvis Presley, por exemplo, você gosta ou não dêle, e está resolvido. Conosco já é diferente: você tem a possibilidade de escolher um de nós para sua preferência, porque somos quatro.

“Nunca houve qualquer estremecimento entre nós, seja pública ou particularmente, apesar de cada um de nós ter seus fãs pessoais.

“Se nós quatro ficássemos lado a lado, frente a um milhão de fãs e eles tivessem de fazer fila atrás de seu preferido, acredito que Paul ficaria com a maioria. John e George empatariam em segundo lugar. Ringo seria o último. Essa é a minha opinião. Posso concluir assim, avaliando o número de cartas, a gritaria e a multidão de fãs de cada um de per si.

“Quando se trata de John e Paul, seus fãs logo manifestam não gostar muito do outro. Comigo, já não acontece isso, porque tanto os fãs de um como os de outro vão bem. Todos eles gostam de mim, independentemente de gostarem de seus astros prediletos. Neste caso, se fizerem uma segunda votação, tenho possibilidade de ganhar.

“Tôdas as pequenas querem ser minha mãe. Sei disso. Parece que o pequeno e sentimental Ritchie faz-lhes aflorar um sentimento maternal. É fato que sempre aconteceu comigo, desde quando eu era criança. As velhas e as garôtas gostam de mim. Às vêzes, isso também ocorre com Paul.

“Reconheço que sou assim mesmo. Por que mudar? Vez por outra, sinto-me como se fôsse diferente. Quando me convidam para fazer filmes, gostaria de fazer o papel do pior bandido. Seria um bocado bacana! Só queria ver a reação dessa gente.

“Não sou um cara criador. Também o reconheço. Mas esperam que eu queira sê-lo. Chegam a escrever-me perguntando por que eu não

tento. Há uns dois anos, experimentei fazer umas duas musiquinhas, mas elas saíram umas drogas, sem que eu realmente o percebesse.

“Êsse negócio de não ter instinto inventivo pode desanimar uma pessoa. Você conhece quando as pessoas sabem que você não possui uma mente criadora. Mas num grupo de quatro, você não espera que todos o possuam, não é mesmo? Cinqüenta por cento é o bastante. Imagine só êsses milhares de conjuntos (e conjuntos bons de verdade) que não escrevem nenhuma de suas músicas.

“Realmente eu desejava ter alguma tendência criadora. E, ao perceber que não a tenho, vejo que não deixa de ser uma pequena limitação. Possuo um piano, e, na verdade, não sei tocá-lo. Frequentemente tenho intuições. Sinto que gostaria de escrever uma canção, mas procuro tentar e não sei nada. Não sei por quê. Sei compor em dó, pelo menos enquanto tenha doze compassos. Isso é uma piada musical. Nada significa.

“Há ocasiões em que me sinto um pouco por fora, sentado ali na bateria, tocando apenas o que me dizem para tocar. Constantemente, outros conjuntos ou bateristas vêm dizer-me que fui genial na execução de determinada música. Eu então fico imaginando que foram os outros que me disseram para tocar, entretanto, sou eu quem recebe as felicitações.

“Fazer filmes é um negócio muito bacana, mas, às vêzes, enche. Não passa de um adivinhação, esperando que no final dê certo e o resultado seja bom.

“Interesso-me muito nos filmes. E como nada crio no campo musical, talvez eu possa fazê-lo na parte de filmagem.

“Conheço umas pessoas que me declaram que eu estava muito bem no A Hard Day's Night, entretanto, eu não tinha a mínima idéia do que estava acontecendo. Elogiam aquela parte do garôto num canal. Acham-na particularmente boa. Eu, na realidade, nem sabia o que estava fazendo. Estava completamente apagado, naquele dia. Tinha passado acordado tôda a noite anterior, e eu estava morto de cansaço. Mal podia mexer-me. Dick (Lester) tinha de gritar tudo para mim. Aquêle trecho no qual eu saio chutando uma pedra foi idéia

minha. É verdade sim! O resto foi de Dick. Eu ainda estava com uma espécie de nevoeiro mental.

“Depois disso, ofereceram-me muitos papéis em outros filmes. Em todos êles, teria de fazer o papel principal, com uma porção de caras esperando que eu carregasse o espetáculo. Quase aceitei um sôbre Sherlock Holmes. Eu representaria o Dr. Watson, mas achei que o troço era grande demais. Ainda prefiro não carregar nada, nem por experiência. Seria muito chato se tudo viesse a acabar numa droga. Um papel menor me estaria muito bom. Se me saísse bem, então tentaria outra coisa maior.

“Aceitei trabalhar no Candy, porque o papel não era muito grande e havia outros astros — Marlon Brando e Richard Burton. Pensei que êles carregariam o filme e não eu. E sobretudo eu aprenderia com êles. Foi um trabalho que durou só dez dias, o papel do jardineiro espanhol, e sem muito diálogo.

“Confesso que não sei representar. Acho que não tenho jeito. Gosto de observar os atôres na televisão. Você poderá dizer que, como são atôres, suas caras mudam de expressão a tôda hora. Você deveria atentar para os seus olhos. Reconheço que não sei fazer aquilo. Eu simplesmente não faço nada. Não sei. Talvez isso seja representar...”

Costuma declarar que não se importaria se amanhã tudo desaparecesse. Crê que ainda tem sorte e, de alguma forma, conseguiria ganhar o seu pão, mesmo que para isso fôsse preciso voltar a ser montador.

“Talvez, hoje em dia, eu não seria montador. Interrompi meu aprendizado, antes de chegar ao fim, a fim de entrar para os conjuntos de música popular. Se Rory Storm, e depois os Beatles, não me tivessem aparecido eu ainda estaria por lá, andando com os bandos de Teddy Boys, e, hoje, não passaria de um simples operário.

“É natural que eu fique contente de não o ser. Seria bacana fazer parte da história, de qualquer história. Eu gostaria é de estar nos livros de história usados nas escolas e ser lido pelos garotos.”

CONCLUSÃO, POR ENQUANTO

Escrever a biografia de pessoas vivas é uma coisa difícil, pois os fatos ainda se estão desenrolando. É muito perigoso fixar acontecimentos e opiniões, porque êles mudam, a cada momento. É provável que os Beatles não acreditarão em mais nada do que nos contaram nos quatro últimos capítulos, no instante em que você os estiver lendo. Também é possível que êles já se tenham mudado para novas casas.

Pelo menos, com pessoas vivas a gente pode conseguir tudo em primeira mão, desde que elas estejam dispostas a gastar um pouco de seu tempo. Êles estavam nesse caso, apesar de a recordação dos dias da beatlemania tê-los chateado profundamente. Felizmente, essa é a fase mais conhecida de suas vidas. Mas, como êste livro tem como finalidade especial fazer um registro dos acontecimentos, tentei delinear aquêles anos da beatlemania.

Tanto quanto possível, procurei manter-me afastado do livro, apesar de estar certo de que meus preconceitos se salientaram em alguns lugares. Ademais, tentei fugir à tentação de analisar. Muitos milhões de palavras já foram empregadas pelos críticos do conjunto. Daqui a uns cinqüenta anos, alguém poderá fazer uma biografia crítica dos Beatles, se ainda forem lembrados.

Espero que o serão. Não teria escrito tanto se pensasse de maneira diferente. Mas seu futuro imediato ainda está muito nebuloso. Será que êles vão fazer mais filmes? A Apple será desenvolvida? Que acontecerá ao Maharishi? Será que êles vão chatear-se e mudar de ramo?

Talvez, quando êsse livro fôr publicado, algumas dessas perguntas já estejam respondidas. Êles já passaram por tantas etapas, que não há razão para se duvidar de que passarão por outras.

Confiam que serão bem sucedidos nos filmes ou em qualquer outra coisa que resolvam fazer, mas na história do show business ninguém ainda repetiu o seu fenômeno. Elvis Presley parou quase

imediatamente. Charlie Chaplin continuou dirigindo alguns filmes muito profissionais, todavia ninguém afirma que êles sejam fenomenais. Como a beatlemania, aquêlo homenzinho surpreendido pelas grandes novas corporações, acertou para sua época. Será que os Beatles acertarão novamente?

Resta observar se não se prejudicarão por viverem suas vidas tão isoladas. A arte é atingida pela falta de estímulo? Segundo alguns peritos, se Picasso tivesse conhecido novas pessoas e percorrido novos lugares, não teria estacionado, fazendo desenhos em cardápios.

Igualmente, deve-se observar se os Beatles podem continuar sós. Tinham Brian Epstein, quando estavam emergindo como personalidades, e George Martin como compositores.

Todos os observadores não conseguem enxergá-los de nôvo, na trilha do sucesso, sòzinhos e sem a ajuda de ninguém.

“Em sua música”, revela George Martin, “êles sentem instintivamente o que devem fazer. Sempre estiveram à frente dos outros. Mas em muitas outras coisas são levados a seguir uma psicologia juvenil.

“Sob muitos aspectos, agem como crianças. Por exemplo: adoram espetáculos de mágica. Se eu batesse palmas para John e fizesse aparecer um vaso de flôres, êle, imediatamente, se arrebataria fascinado.

“Preferem tudo que seja como café solúvel. Êles querem gravações instantâneas, filmes instantâneos, tudo instantâneo.

“Acima de tudo, do que êles precisam é ter um planejador. Isso lhes permitiria maiores esquisitices. Se experimentam fazer tudo por conta própria, as coisas podem sair erradas.”

Sua juventude ninguém pode negar. E é o que concorre para que ainda queiram agir por conta própria. É de se esperar que êles não desanimem.

Talvez amanhã poderiam fazer suas malas, viver com seus milhões e ficar contemplando seus umbigos. Até agora êles não se saíram mal

em nada. Eles nos deram muito. E, em troca, receberam a Ordem do Império Britânico.

APÊNDICE A



DISCOGRAFIA COMPLETA

TÔDAS AS COMPOSIÇÕES DE LENNON E MACCARTNEY, EXCETO QUANDO MENCIONADO O COMPOSITOR (ES) ALEMANHA, 1961:

Como o conjunto de acompanhamento para o cantor Tony Sheridan, êles gravaram dez números. Apenas um foi uma composição original: um número instrumental chamado Cry For A Shadow, composta por Lennon e Harrison. Numa outra, Ain't She Sweet, John era o cantor. Nas oito restantes, êles simplesmente faziam o acompanhamento: — My Bonnie, The Saints, Kansas City, Sweet Georgia Brown, If You Love Me Baby, What'd I Say, Why, e Nobody's Child.

DISCOS SIMPLES DOS BEATLES EDITADOS NA INGLATERRA PELA PARLOPHONE RECORDS

Título	Data	Colocação
<i>Love Me Do / PS I Love You</i>	nov. de 62	17
<i>Please, Please Me / Ask Me Why</i>	jan. de 63	1
<i>From Me To You / Thank You Girl</i>	abr. de 63	1
<i>She Loves You / I'll Get You</i>	agô. de 63	1
<i>I Want To Hold Your Hand / This Boy</i>	nov. de 63	1
<i>Can't Buy Me Love / You Can't Do That</i>	mar. de 64	1
<i>A Hard Day's Night / Things We Said Today</i>	jul. de 64	1
<i>I Feel Fine / She's A Woman</i>	nov. de 64	1
<i>Ticket To Ride / Yes It Is</i>	abr. de 65	1
<i>Help! / I'm Down</i>	jul. de 65	1
<i>Day Tripper / We Can Work It Out</i>	dez. de 65	1
<i>Paperback Writer / Rain</i>	jun. de 66	1
<i>Yellow Submarine / Eleanor Rigby</i>	agô. de 66	1
<i>Penny Lane / Strawberry Fields Forever</i>	fev. de 67	1
<i>All You Need Is Love / Baby, You're A Rich Man</i>	jul. de 67	1
<i>Hello, Goodbye / I Am The Walrus</i>	nov. de 67	1
<i>Lady Madonna / The Inner Light (Harrison)</i>	mar. de 68	

Colocação nas paradas de sucesso.

LPS EDITADOS PELA PARLOPHONE, INGLATERRA

Título e Data

PLEASE, PLEASE ME: abril de 1963

I Saw Her Standing There

Misery

Ask Me Why

Please, Please Me

Love Me Do

PS I Love You

Do You Want To Know A Secret

There's A Place

músicas não compostas pelos Beatles:

Anna

Chains

Boys

Baby It's You

A Taste Of Honey

Twist and Shout

Com os Beatles: novembro de 1963

It Won't Be Long

All I've Got To Do

All My Loving

Don't Bother Me (Harrison)

Little Child

Hold Me Tight

I Wanna Be Your Man

Not A Second Time

músicas não compostas pelos Beatles:

Till There Was You

Please Mister Postman

Roll Over Beethoven

You Really Got a Hold On Me

Devil In Her Heart

Money

A HARD DAY'S NIGHT: agosto de 1964

A Hard Day's Night

I Should Have Known Better

If I Fell

I'm Happy Just To Dance With You

And I Love Her

Tell Me Why

Can't Buy Me Love

Any Time At All

I'll Cry Instead

Things We Said Today

When I Get Home

You Can't Do That

I'll Be Bach

BEATLES FOR SALE:

No Reply

I'm A Loser

Baby's In Black

I'll Follow The Sun

Eight Days a Week

Every Little Thing

I Don't Want To Spoil The Party

What You're Doing

músicas não compostas pelos Beatles:

Rock And Roll Music

Honey Don't

Mr Moonlight

Kansas City

Words Of Love

Everybody's Trying To Be My Baby

HELP!: agosto de 1965

Help!

The Night Before

You've Got To Hide Your Love Away

I Need You (Harrison)

Another Girl

You're Going To Lose That Girl

Ticket To Ride

It's Only Love

You Like Me Too Much (Harrison)

Tell Me What You See

I've Just Seen A Face

Yesterday

músicas não compostas pelos Beatles:

Act Naturally

Dizzy Miss Lizzy

RUBBER SOUL: dezembro de 1965

Drive My Car

Norwegian Wood

You Won't See Me

Nowhere Man

Think For Yourself (Harrison)

The Word

Michele

What Goes On

Girl

I'm Looking Through You

In My Life

Wait

If I Needed Someone (Harrison)

Run For Your Life

REVOLVER: agosto de 1966

Taxman (Harrison)

Eleanor Rigby

I'm Only Sleeping

Love You To (Harrison)

Here, There And Everywhere

Yellow Submarine

She Said She Said

Good Day Sunshine

And Your Bird Can Sing

For No One

Dr Robert

I Want To Tell You (Harrison)

Got To Get You Into My Life

Tomorrow Never Knows

SERGEANT PEPPER'S LONELY HEARTS CLUB

BAND: abril de 1967

Sargeant Pepper's Lonely Hearts Club Band

With a Little Help From My Friends

Lucy In The Sky With Diamonds

Getting Better

Fixing A Hole

She's Leaving Home

Being For The Benefit Of Mr. Kite

Within You Without You (Harrison)

When I'm Sixty Four

Lovely Rita

Good Morning, Good Morning

A Day In The Life

YELLOW SUBMARINE: julho de 1968

All Together Now

Northern Song (Harrison)

It's All Too Much (Harrison)

Heh Bulldog

EXTENDED PLAYERS

MAGICAL MYSTERY TOUR: (dois EPs) dezembro de 1967

Magical Mystery Tour

Your Mother Should Know

I Am The Walrus

Fool On The Hill

Flying (Lennon, McCartney, Harrison e Starkey)

Blue Jay Way (Harrison)

NOTA: Houve outros doze extended players mas todos êles contêm músicas que fazem parte dos LPs ou discos comuns.

Também há um LP, A Collection of Beatle Oldies, contendo uma seleção de músicas já editadas em LPs. Nos Estados Unidos, às

vêzes, os LPs foram lançados com nomes e uma seleção de músicas diferentes.

O número total de músicas compostas por Lennon e McCartney e gravadas pelos Beatles até março de 1968 era de 121.

O número total das músicas compostas por George Harrison e gravadas pelos Beatles até março de 1968 era de 11.

AS MÚSICAS DE LENNON E MCCARTNEY GRAVADAS POR OUTROS ARTISTAS:

Até janeiro de 1968, havia mais de mil gravações diferentes das músicas de Lennon e McCartney, feitas por outros cantores, conjuntos, orquestras ou bandas. A mais popular até àquela data era Yesterday, que já havia sido gravada por noventa e um artistas diferentes, indo de Pat Boone, Johnny Mathis e Conie Francis a Kenneth Mc-Keller, The Big Ben Banjo Band e à Banda da Guarda Irlandesa.

As dez mais preferidas dos outros artistas:

Título Nº de gravações diferentes

Yesterday 91

Michele 65

A Hard Day's Night 50

Can't Buy Me Love 49

I Want To Hold Your Hand 42

All My Loving 38

And I Love Her 36

She Loves You 36

Help! 29

Please, Please Me 27

VENDAS

As vendas detalhadas de cada disco, em todo o mundo, são uma coisa difícil de se calcular. Os números vêm lentamente, especialmente os mais recentes. A EMI, a maior companhia de discos do mundo, também é a proprietária da Capitol, companhia que lança os discos dos Beatles no mercado norte-americano, mas eles, naturalmente, não desejam revelar muitos detalhes. Contudo, foram muito simpáticos em revelar as informações seguintes, atualizadas em janeiro de 1968:

INGLATERRA Discos simples:

Dois discos simples venderam mais de um milhão e meio de cópias :

She Loves You 1.527.000 cópias

I Want To Hold Your Hand 1.509.000 "

Outros que venderam mais de um milhão de cópias:

Can't Buy Me Love

I Feel Fine

We Can Work It Out

LPs:

Os dois LPs mais vendidos são:

With The Beatles 1.044.000 cópias

Sargeant Pepper 751.000 "

ESTADOS UNIDOS

Até agora, o disco simples mais vendido foi I Want To Hold Your Hand, com mais de três milhões de cópias. O LP mais vendido até agora foi Meet The Beatles, com 4.400.000 cópias vendidas.

NO MUNDO

Cada disco simples e LP dos Beatles já vendeu mais de um milhão de cópias.

I Want To Hold Your Hand já vendeu mais de cinco milhões de cópias.

TOTAL

Contando-se cada disco simples como um, cada EP como dois e cada LP como cinco discos, a venda mundial de discos dos Beatles chegava, em janeiro de 1968, a 225.000.000 de cópias!

APÊNDICE B



AS FINANÇAS

Seus negócios pessoais estão a cargo de uma firma de contadores, contratados para êsse fim. Suas atividades de negócios são controladas através da sua Apple Organisation. É virtualmente impossível, de uma hora para outra, saber exatamente qual é a fortuna de cada Beatle. Eles mesmos não o sabem. Seus contadores pagam a totalidade de suas contas, por mais extravagantes que sejam. Por sua vez, essa organização informa a cada um o montante de seus gastos mensais.

DE ONDE VEM O DINHEIRO DOS "BEATLES"

1. OS BEATLES COMO INTÉRPRETES — Os Beatles não se apresentam mais em público. Suas apresentações são através dos discos.

Um LP dos Beatles, custando pouco mais de trinta shillings nas lojas, e que venda um milhão de cópias, dará uma renda bruta de apenas um milhão e meio de libras. A EMI fica com £ 605.000 pela produção dos discos. As lojas tiram £ 400.000 de porcentagem. O govêrno retira £ 300.000 em impostos. Com isso, os Beatles, como intérpretes, recebem cêrca de £ 120.000 para cantar e tocar um LP. Isto é, 10% sôbre o preço da venda avulsa, depois de retirados os impostos. Como compositores, que é uma coisa diferente, John e Paul, e George em menor escala, dividem £ 100.000 entre si.

2. OS BEATLES COMO COMPOSITORES (quer dizer, especialmente John e Paul)

- a) Por seus discos — A EMI paga-lhes o royalty de compositores, $6\frac{1}{4}\%$ do preço de venda avulsa de cada disco, menos os impostos. Isso vem a dar 4% d num disco simples e $\frac{1}{8}$ d num LP. Êsse é o royalty-padrão que todos os compositores inglêses recebem. (No exterior, o sistema de pagamento de royalties varia de país para país. Na Europa êle é ligeiramente mais alto do que na Inglaterra, por volta de 8% do preço de cada disco. Nos Estados Unidos, êles são pagos por música — dois cents por música — em vez de sê-lo pelo preço do disco.) Quando outros intérpretes gravam uma música composta pelos Beatles, como milhares de intérpretes já o fizeram, êles, como compositores, recebem os mesmos royalties mencionados acima.
- b) Taxa para a execução em Rádio e Televisão — Tôda a vez que é tocada uma música composta por êles, os Beatles recebem um royalty. Essa forma de recebimento é muito complicada e a Performing Right Society se encarrega do contrôle, e recebe as taxas de royalties para depois entregá-las aos compositores. As taxas dependem do índice da audiêcia de cada estação de rádio. Na Inglaterra, a BBC paga cêrca de cinco libras por música tocada no rádio. Na televisão, as taxas são muito mais altas e também dependem dos índices de audiêcia. Na Inglaterra, um show transmitido em cadeia paga cêrca de cinqüenta libras por uma música de dois

minutos e meio de duração. Nos Estados Unidos, a taxa é de cerca de cento e oitenta dólares.

- c) Taxas gerais de execução — Fora o rádio e televisão os discos também são tocados em vitrolas caça-níques, salões de danças e cinemas. A Performing Right Society também se encarrega disso. Ainda há a chamada taxa de sincronização, cada vez que um disco é tocado num filme.
- d) Música impressa — Antes da venda em massa de discos, era daí que advinham os lucros de um compositor com suas músicas, mas hoje isso é muito menos importante. O compositor recebe dez por cento sobre o preço de sua música impressa, mais ou menos o que um autor recebe por livro vendido.

Também existe uma taxa para a reprodução da letra de uma música. Isso depende de quantas linhas são reproduzidas e quem as reproduz. Aos jornais cobra-se, nominalmente, cinco guinéus. Para a reprodução de uma letra é preciso ter uma cessão de direitos, e é bom que se saiba, pois senão a pessoa que faz a reprodução está sujeita a processo por infringir as leis sobre direitos autorais.

É impossível calcular êsses lucros anuais de um compositor, porque êles, freqüentemente, levam anos para receber seus royalties. Também é difícil saber o lucro dado por uma única música. A música dos Beatles de maior sucesso, até agora, foi Yesterday que rendeu, pelo menos, cinquenta mil libras para Paul e John como compositores.

Todos os royalties que Lennon e McCartney recebem como compositores são divididos meio a meio com seu editor de música. Ademais, os Beatles possuem uma boa parte da editôra de suas músicas, a Northern Songs, o que nos leva a...

3. OS BEATLES COMO DONOS DE SI MESMOS:

a) Nems Enterprises. Entre si, os Beatles possuem dez por cento da Nems Enterprises, companhia particular à qual estão associados. A Nems recebe de 20 a 25% de sua renda como intérpretes, mas,

como por sua vez eles possuem ações dela, parte disso lhes é devolvida.

b) Northern Songs — sua editôra de música — é a companhia que tem os três Beatles compositores sob contrato. Essa é a única companhia pública ligada a eles. Seu valor está sujeito às variações normais do mercado de títulos e ações.

Em fevereiro de 1963, quando ela foi criada como uma companhia particular, havia cem ações de uma libra cada. A Dick James Music tinha cinquenta delas, Paul e John tinham vinte cada um e a Nems ficava com as outras dez.

Hoje (1968), Paul possui 774.000 ações. No valor de dezesseis shillings cada uma, sua cotação atual, isso soma um montante de quase seiscentas mil libras. Seus dividendos mais montam a cerca de quarenta mil libras. John possui 644.000 ações — outras cem mil foram colocadas num fundo para seus filhos. Ringo e George têm, cada um, quarenta mil ações. Em 1967, a Northern Songs deu um lucro de oitocentas mil libras.

A Nems também tem uma parte da Northern Songs —trezentas e setenta e duas mil ações — que por sua vez dão um lucro extra aos Beatles.

4. OUTROS INTERÊSSES:

Existem muitas outras companhias associadas aos Beatles, algumas ligadas a modalidades já mencionados de seu trabalho. Por exemplo, seus royalties como compositores não lhes são pagos diretamente, mas sim a duas companhias chamadas Lenmac Enterprises e Maclen Music.

Filmes — Eles receberam uma participação muito boa em seus dois filmes feitos para a United Artists, dirigidos por Dick Lester. A Subafilms Ltd cuida de seus interesses. Até hoje, eles ainda recebem os lucros de sua parte em A Hard Day's Night e Help.

O filme que eles fizeram para a televisão, Magical Mystery Tour, custou quase cinquenta mil libras. A sua companhia Apple & Films Ltd terá participação nos lucros. No futuro, pretendem produzir filmes de longa metragem.

Endosso de produtos — Todos os produtos que de alguma forma levam o nome dos Beatles pagam uma taxa de endosso.

Apple — Quando esta obra foi feita, a Apple ainda era uma companhia em expansão. Futuramente, esta será a companhia principal a se encarregar dos negócios dos Beatles. Já existe a Apple Corps Ltd, a Apple Films Ltd, a Apple Publishing Company, a Apple Electronics e a Apple Records. Estas companhias cuidam de diversos empreendimentos, inclusive a Apple Boutique, em Baker Street, Londres, e uma cadeia de lojas a ser lançada no mundo todo. Eventualmente, a Apple possuirá estúdios para gravação e filmagens. Os Beatles imaginam que ela um dia se torne uma grande empresa, nos moldes norte-americanos, produzindo coisas de todo o tipo, assim como financiando outras pessoas e firmas. É inteiramente de propriedade dos Beatles, dirigida por pessoas escolhidas pessoalmente por eles, e apoiada em seus vastos recursos financeiros.

TOTAL: Quem quiser pode adivinhar. O valor de uma companhia só se torna público quando ela está sendo vendida. No presente, os Beatles não têm a mínima intenção de vendê-la.

Brian Epstein possuía, antes da dedução dos impostos depois de sua morte, £ 482.032. Ele, naturalmente, era muito organizado e tinha habilidade para administrar. Porém, apesar disso, não foi tão bem sucedido financeiramente quanto os Beatles. Não há dúvida de que eles possuem muito mais.

Anualmente, sua renda bruta proveniente de seu trabalho, vinda de todas as fontes e todas as companhias, deve chegar a cerca de um milhão de libras.

Nos anos subsequentes a 1963, a venda dos discos dos Beatles em todo o mundo deu uma renda bruta de setenta milhões de libras, sendo sua maior parte em moeda estrangeira.

{1} Conjunto, cujos únicos instrumentos são tambores de óleo, cortados em diversos tamanhos.

{2} Marca de um dos cigarros mais fumados na Inglaterra. N. do T.

{3} Krauts — repolhos. Pejorativo para designar alemães. N. do T.

{4} “Oh”!, atalhou a Rainha Mãe: “Isso fica perto de nós.”

{5} Bôlsa de pele, geralmente de couro de carneiro com pêlos, usada pelos escoceses na frente do saiote e pendurada a um cinto grosso. N. do T.

{6} Rã norte-americana de grandes dimensões — *Rana catesbeiana*. N. do T.

{7} Habitat — revista de decoração. N. do T.